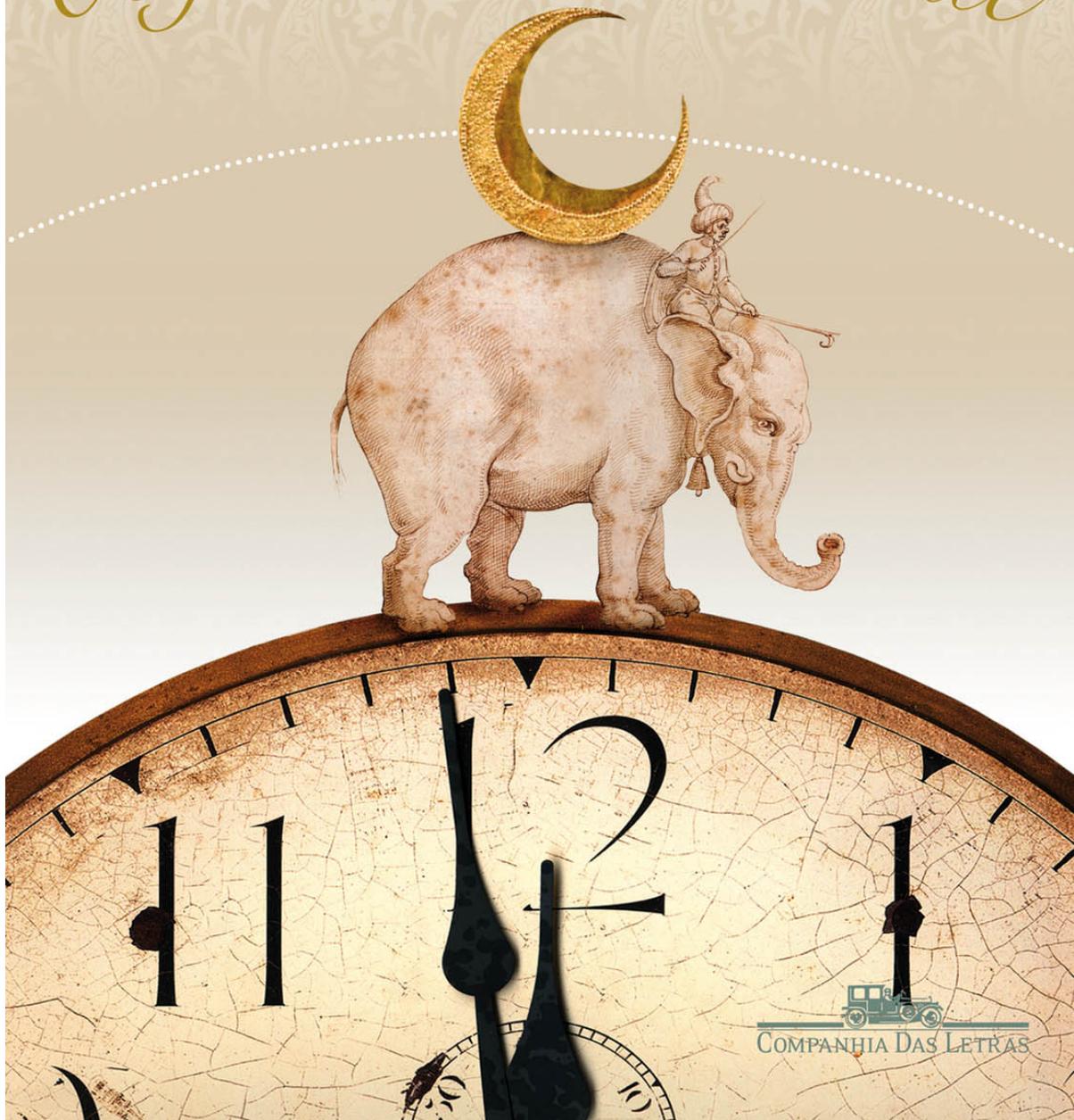


Salman Rushdie

*Os filhos da meia-noite*



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

SALMAN RUSHDIE

# Os filhos da meia-noite

*Tradução*  
Donaldson M. Garschagen



*Para Zafar Rushdie, que, contra todas as expectativas, nasceu de tarde*

# Sumário

Introdução

LIVRO UM

O lençol furado

Mercurocromo

O jogo da escarradeira

Debaixo dos tapetes

Um anúncio público

Monstros de muitas cabeças

Methwold

Tique-taque

LIVRO DOIS

O dedo apontado do pescador

Serpentes e escadas

Acidente num baú de roupa suja

A Rádio Pan-Índia

Amor em Bombaim

Meu décimo aniversário

No Café Pioneiro

Alfa e Ômega

O Kolyos Kid

O bastão do comandante Sabarmati

Revelações

Movimentos executados por pimenteiros

A drenagem e o deserto

Jamila Cantora

Como Salim alcançou a pureza

LIVRO TRÊS

O buda

Nos Sundarbans

Sam e o Tigre

A sombra da mesquita

Um casamento

Meia-noite

Abacadabra

Glossário

# Introdução

Em 1975, publiquei meu primeiro romance, *Grimus*, e resolvi usar o adiantamento de setecentas libras para viajar pela Índia do jeito mais barato possível até quando o dinheiro durasse, e nessa jornada de viagens de ônibus de quinze horas e hospedarias humildes nasceu *Os filhos da meia-noite*. Foi no ano em que a Índia se tornou uma potência nuclear, em que Margaret Thatcher foi eleita líder do Partido Conservador e o xeque Mujib, fundador de Bangladesh, foi assassinado; ano em que a gangue Baader-Meinhof estava sendo julgada em Stuttgart, em que Bill Clinton casou com Hillary Rodham, em que os últimos norte-americanos foram evacuados de Saigon e em que morreu o generalíssimo Franco. No Camboja, era o Ano Zero do sangrento Khmer Vermelho. E. L. Doctorow publicou *Ragtime* e Eugenio Montale ganhou o Prêmio Nobel. Pouco depois que voltei da Índia, a sra. Indira Gandhi foi condenada por fraude eleitoral, e uma semana depois de meu aniversário de vinte e oito anos ela declarou Estado de Emergência e assumiu poderes tirânicos. Foi o começo de um longo período de trevas que não terminaria até 1977. Entendi quase de imediato que a sra. G. passara, de alguma forma, a ser figura central de meu projeto literário ainda incipiente.

Havia tempos eu queria escrever um romance sobre a infância, originado por lembranças de minha própria infância em Bombaim. Então, depois de ter bebido profundamente na fonte da Índia, concebi um plano mais ambicioso. Lembrei-me de um personagem menor chamado Salim Sinai, nascido à meia-noite em ponto do dia da Independência indiana, que tinha aparecido na barca abandonada de um romance abortado com o título de *O antagonista*. Ao colocar Salim no centro do meu novo esquema, entendi que a hora de seu nascimento exigiria de mim um

imenso aumento nas dimensões de minha tela. Se ele e a Índia tinham de ser emparelhados, eu precisaria contar a história de ambos os gêmeos. Então Salim, sempre um batalhador por significados, me sugeriu que toda a história indiana moderna aconteceu como aconteceu só por causa dele; que a história, a vida de sua gêmea-nação, era, de alguma forma, *culpa toda dele*. Com essa proposta pouco modesta, veio à luz o tom característico do romance, comicamente afirmativo, inexoravelmente tagarela e, espero eu, com um patos sempre crescente nas trágicas pretensões de seu narrador. Cheguei a fazer gêmeos idênticos do menino e seu país. Quando o sádico professor de geografia Emil Zagallo, ao dar ao menino uma aula de “geografia humana”, compara o nariz de Salim com a península Deccan, a crueldade da piada dele é também, evidentemente, minha.

Havia muitos problemas pela frente, a maioria deles literários, alguns urgentemente práticos. Quando voltamos da Índia eu estava duro. Estava claro que o romance que eu tinha na cabeça ia ser longo e estranho, levaria algum tempo para ser escrito e, nesse intervalo, eu não teria dinheiro. O resultado foi que me vi forçado a voltar ao mundo da publicidade. Antes de sair de viagem, eu havia trabalhado quase um ano como copidesque no escritório londrino da agência Ogilvy & Mather, cujo fundador, David Ogilvy, nos dera a imortal instrução de que “a consumidora não é uma imbecil, ela é sua esposa”, e cujo diretor de criação (e meu patrão) era Dan Ellerington, um homem supostamente romeno com um domínio do inglês que era, digamos, excêntrico, de forma que, segundo uma divertida lenda interna, teve de ser uma vez impedido à força de apresentar à Junta Comercial do Leite uma sucessora da famosa campanha “*Drink a pinta milka day*” [“Beba meio litro de leite todo dia”] que teria como base um slogan incrível, definitivamente romeno: “*Milk goes down like a dose of salts*” [“O leite limpa como um purgante”]. Naquela época menos dura, a Ogilvy estava disposta a empregar uns malucos criativos em tempo parcial, e consegui convencê-los a me

recontratar como um desses tipos alegres. Trabalhava dois ou três dias por semana, basicamente repartindo o posto com outro temporário, o escritor Jonathan Gathorne-Hardy, autor de *The Rise and Fall of the British Nanny* [Ascensão e queda da babá inglesa]. Às sextas-feiras à noite eu voltava do escritório perto da ponte de Waterloo para minha casa em Kentish Town, tomava um banho quente demorado, terminava os comerciais da semana e vinha à tona — ou pelo menos dizia isso a mim mesmo — como romancista. A minha dedicação à literatura na juventude até hoje me faz sentir uma ponta de orgulho, foi ela que me deu a força mental para resistir à sedução dos inimigos do futuro. As sereias da publicidade cantavam docemente, mas pensei em Odisseus se amarrando ao mastro do navio, e de alguma forma me mantive no rumo.

Contudo, a publicidade me ensinou disciplina, forçando-me a aprender a conviver com qualquer tarefa que fosse necessária e, desde aqueles dias, passei a tratar minha escrita simplesmente como um trabalho a ser feito, me privando de todos (bem, quase todos) os luxos do temperamento artístico. E me lembro de ter ficado preocupado, na minha mesa da Ogilvy, por não saber como se chamaria meu novo romance. Para resolver o problema, roubei várias horas de trabalho importante em futuras campanhas de bolos de creme fresco (“*Naughty but nice*” [Perigoso, mas gostoso]), de barras de chocolate aerado (“*Irresistibubble*”) e para o jornal *Daily Mirror*\* (“Dê uma olhada no *Mirror* amanhã — você vai gostar do que vê”). Por fim, eu tinha dois títulos e não conseguia escolher entre eles: *Midnight’s Children* e *Children of Midnight*. Datilografei um depois do outro, muitas vezes, e de repente entendi que não havia dúvida de que *Children of Midnight* era um título banal e *Midnight’s Children* era bom. Saber o título significava também entender melhor o livro, e depois disso ficou mais fácil, um pouco mais fácil, escrever.

Já escrevi e falei muito sobre a minha dívida com as tradições narrativas da Índia e com esses grandes romancistas indianos Jane Austen e Charles Dickens — Austen pelos retratos de mulheres brilhantes engaioladas pela

convenção social de sua época, mulheres cujas equivalentes indianas eu conhecia bem; Dickens pela grande e apodrecida cidade bombainesa e pela habilidade de criar personagens maiores que a vida, e também pela imagética surrealista num pano de fundo observado com agudeza, quase hiper-realista, do qual os elementos cômicos e fantásticos parecem emergir organicamente, transformando-se em intensificações, e não em fugas do mundo real. Acho também que já falei o suficiente sobre meu interesse em criar um idioleto literário que permitisse que os ritmos e padrões de pensamento das línguas indianas se misturassem com as idiossincrasias do “*hinglish*” e “*bambaiyya*”, a poliglota gíria das ruas de Bombaim. O interesse do romance nos deslizos e nas distorções da memória também ficarão, acredito, bem evidentes para o leitor. Este pode ser, porém, um momento adequado para agradecer às pessoas reais, das quais brotaram meus personagens ficcionais: minha família, minha *ayah*, Miss Mary Menezes, e meus amigos de infância.

Meu pai ficou tão zangado com o personagem de “Ahmed Sinai”, que passou muitos meses sem falar comigo; depois, resolveu me “perdoar”, o que me incomodou tanto que eu passei muitos meses sem falar com ele. O que me preocupava mais era a reação de minha mãe ao livro, mas ela entendeu imediatamente que era “só uma história — Salim não é você, Amina não sou eu, são todos apenas personagens”, demonstrando assim que sua cabeça tranqüila lhe servia muito melhor do que a formação em literatura inglesa na Universidade de Cambridge servia para meu pai. Minha irmã, Samin, que era realmente chamada de “macaca de cobre” quando menina, também ficou contente com o uso que fiz do material bruto, mesmo que parte desse material fosse ela. Não posso ter certeza das reações de meus amigos de infância e colegas de escola Arif Tayabali, Darab e Fudli Talyarkhan, Keith Stevenson e Percy Karanjia, mas tenho de agradecer a eles por terem contribuído com parte de si mesmos (nem sempre a melhor parte) para os personagens de Sonny Ibrahim, Caolho e Brilhantina. Evie Burns nasceu de uma garota australiana, Beverly Burns, a

primeira que eu beijei — mas a verdadeira Beverly não era nenhuma rainha da bicicleta, e perdi contato com ela quando voltou para a Austrália. Masha Miovic, a campeã de nado de peito, deve algo à Alenka Miovic da vida real; acontece que alguns anos atrás recebi do pai de Alenka, da Sérvia, uma carta sobre *Os filhos da meia-noite*, em que ele menciona um tanto esmagadoramente que sua filha não tinha nenhuma lembrança de ter me conhecido durante seus anos de infância em Bombaim. Pois é. Cai a sombra entre a adorada e o adorador.

Quanto à Mary Menezes, minha segunda mãe, que na verdade nunca amou nenhum revoltoso funcionário de asilo nem trocou bebês recém-nascidos, que viveu até os cem anos, que nunca se casou e sempre me chamou de seu filho, ela era analfabeta, embora falasse sete ou oito línguas, e por isso não leu o livro, mas me disse, sim, uma tarde em Bombaim, em 1982, que estava muito orgulhosa do meu sucesso. Se fazia alguma objeção ao que eu levava seu personagem a fazer, isso ela não mencionou.

Terminei *Os filhos da meia-noite* em meados de 1979 e mandei para minha amiga e editora Liz Calder, na Jonathan Cape. Fiquei sabendo depois que o primeiro relatório de leitura havia sido breve e absolutamente negativo. “O autor devia se concentrar em contos até dominar a forma do romance.” Liz pediu uma segunda leitura e dessa vez tive mais sorte porque a leitora, Susannah Clapp, ficou entusiasmada; assim como, depois dela, uma eminente figura do mundo editorial, a editora Catherine Carver. Liz comprou o livro e logo depois também Bob Gottlieb, da Alfred Knopf. Pedi demissão do meu emprego de publicitário de meio período. (Tinha mudado da Ogilvy & Mather para outra agência, a Ayer Barker Hegemann.) “Ah”, disse o diretor de criação quando apresentei meu pedido de demissão, “está querendo um aumento?” Não, expliquei, só estava dando o aviso prévio exigido para poder sair e me transformar num escritor em tempo integral. “Sei”, ele disse. “Está querendo um *grande* aumento.” Mas na noite em que *Os filhos da meia-noite* recebeu o Booker

Prize, ele me mandou um telegrama de congratulações. “Um de nós dois conseguiu”, dizia.

A edição de Liz Calder me salvou de cometer pelo menos dois erros graves. O manuscrito apresentado originalmente continha um segundo personagem “ouvinte”, uma jornalista fora de cena para quem Salim mandava as páginas escritas da história de sua vida, que lia também em voz alta para a “poderosa fabricante de pickles”, Padma. Todos os leitores do livro na Cape concordaram que esse personagem era redundante, e fiquei extremamente contente de ter seguido seu conselho. Liz me ajudou também a desembaraçar o nó da linha do tempo. No manuscrito original, a história saltava da guerra indo-paquistanesa de 1965 para o final da guerra de Bangladesh, depois voltava para contar a história do papel de Salim naquele conflito, retomado a partir da rendição do exército paquistanês, e seguia em frente. Liz sentiu que havia um excesso de mudanças temporais, que rompia a concentração do leitor. Concordei em reestruturar a história cronologicamente e, mais uma vez, fico muito aliviado de ter feito isso. O papel de um grande editor muitas vezes se apaga diante de sua modéstia. Mas sem Liz Calder *Os filhos da meia-noite* seria bem menos do que aquilo que ela ajudou o livro a se tornar.

A publicação do romance atrasou por causa de uma série de greves industriais, mas finalmente o livro foi lançado em Londres no começo de abril de 1981, e em 16 de abril, minha primeira mulher, Clarissa Luard, e eu demos uma festa na pequena galeria de arte de nosso amigo Tony Stokes, em Langley Court, Covent Garden, para comemorar. Ainda guardo o convite entre as páginas do primeiro exemplar que recebi do romance e me lembro de ter sentido, acima de tudo, alívio. Quando terminei o livro desconfieei que podia, afinal, ter escrito algo bom, mas não tinha certeza se mais alguém concordaria com isso, então disse a mim mesmo que se o livro encontrasse desagrado generalizado, isso provavelmente iria significar que eu não tinha idéia do que era um bom livro e que devia parar de perder tempo tentando escrever. Portanto, muita

coisa dependia da recepção do romance, e felizmente as críticas foram boas; daí a grande animação em Covent Garden naquela noite de primavera.

No Ocidente, as pessoas tendem a ler *Os filhos da meia-noite* como uma fantasia, enquanto na Índia os leitores o consideraram bastante realista, quase um livro de história. (“Eu podia ter escrito seu livro”, me disse um leitor, quando fui dar palestras na Índia em 1982. “Conheço tudo aquilo.”) Mas o livro foi maravilhosamente bem apreciado em quase toda parte e transformou a vida de seu autor. Uma leitora que não gostou muito dele, porém, foi a sra. Indira Gandhi e, em 1984, três anos depois da publicação — nessa época, ela era primeira-ministra de novo —, abriu um processo contra ele, alegando ter sido difamada por uma única frase. Aparecia no penúltimo parágrafo do capítulo 28 — “Um casamento” —, parágrafo em que Salim faz um breve relato da vida da sra. Gandhi. É assim: “Já houve quem dissesse com freqüência que Sanjay, o filho mais novo da sra. Gandhi, acusou a mãe de ter sido responsável, com sua desatenção, pela morte do pai; e que isso deu a ele poder absoluto sobre ela, tornando-a incapaz de negar-lhe o que quer que fosse”. Nada sério, pode-se pensar, nada que levasse um político enrijecido a processar um romancista; e uma estranha escolha de *casus belli* num livro que acusa Indira de muitos crimes durante o estado de Emergência. Afinal de contas, era um assunto de que se falava muito na Índia naquela época, aparecera bastante na imprensa e apareceu, de fato, com destaque na imprensa indiana (“A frase que a sra. Gandhi teme” dizia uma manchete de primeira página) quando ela abriu o processo por difamação. A sra. Gandhi, porém, não processou mais ninguém.

Antes da publicação do livro, os advogados da Cape ficaram preocupados com as críticas à sra. Gandhi e me pediram para escrever a eles uma carta fundamentando as afirmações que eu fazia. Nessa carta, justifiquei o texto ao gosto deles, exceto quanto a uma frase que, como eu disse, era difícil de comprovar, uma vez que dizia respeito a três pessoas,

duas das quais já tinham morrido, e a terceira era a que nos processava. Mas argumentei que, como eu caracterizava claramente a informação como fofoca e como aquilo já havia sido publicado antes, não deveríamos ter problemas. Os advogados concordaram; e então, três anos depois, essa frase, o calcanhar de Aquiles do romance, foi exatamente a frase que a sra. Gandhi tentou atingir. A meu ver, não era uma coincidência.

O caso nunca chegou ao tribunal. A lei de difamação é altamente técnica, e repetir um rumor difamatório significa cometer a própria difamação, de forma que tecnicamente estávamos errados. A sra. Gandhi não pedia indenizações, apenas que a frase fosse removida das futuras edições do livro. A única defesa de que dispúnhamos era uma rota de alto risco: teríamos de argumentar que os atos dela durante o estado de Emergência haviam sido tão abomináveis que ela não podia ser considerada uma pessoa de bom caráter e, portanto, não podia ser difamada. Em outras palavras, teríamos de, efetivamente, levá-la a juízo por seus erros. Mas se, no final, um tribunal britânico se recusasse a aceitar que a primeira-ministra da Índia não era uma mulher de bom caráter, nós estaríamos, para falar curto e grosso, realmente ferrados. Não foi surpresa a Cape não ter seguido essa estratégia — e quando ficou claro que ela também estava disposta a aceitar que essa era a sua única reclamação contra o livro, concordei em encerrar o assunto. Afinal ela estava fazendo uma admissão incrível, levando-se em conta o conteúdo dos capítulos sobre o estado de Emergência em *Os filhos da meia-noite*. A disposição dela para admitir tal coisa me pareceu uma legitimação excepcional do retrato que o romance faz daqueles anos do estado de Emergência. Na Índia, a reação ao acordo não foi favorável à primeira-ministra. Foi um choque quando, poucas semanas depois, em 31 de outubro de 1984, ela foi assassinada por um de seus guarda-costas sikh. “Todos nós que amamos a Índia”, escrevi em um artigo de jornal, “estamos de luto hoje.” Apesar de nossos desentendimentos, eu estava sendo sincero.

Isso agora é uma história velha. Eu a menciono aqui em parte porque desde o começo me preocupou o risco de incorporar um material contemporâneo “quente” como esse ao romance — e com isso quero dizer risco *literário*, não legal. Um dia, eu sabia, a questão da sra. Gandhi e do estado de Emergência perderia a atualidade, não provocaria mais ninguém e, eu dizia a mim mesmo, nesse ponto meu romance estaria ou pior — porque teria perdido o poder de atualidade — ou melhor — porque ao se apagar a atualidade, sua construção literária ficaria em pé sozinha e, talvez, seria até mesmo mais bem apreciada. Claro que eu desejava a última hipótese, mas não havia como ter certeza. O fato de *Os filhos da meia-noite* ainda ser interessante vinte e cinco anos depois de seu lançamento é, portanto, tranquilizador.

Em 1981, Margaret Thatcher era primeira-ministra britânica, os reféns norte-americanos do Irã foram libertados, o presidente Reagan levou um tiro, houve tumultos raciais na Grã-Bretanha, o papa levou um tiro, a *Guernica* de Picasso voltou para a Espanha e o presidente Sadat do Egito morreu assassinado. Foi o ano de publicação de *Entre os fiéis*, de V. S. Naipaul; de *Uma bandeira para o amanhecer*, de Robert Stone e de *Coelho cresce*, de John Updike. Como todo romance, *Os filhos da meia-noite* é produto de seu momento na história, tocado e moldado por seu tempo por meios que o autor não consegue identificar inteiramente. Fico contente por ainda ser considerado um livro que vale a pena ler nesta época tão diferente. Se ele passar no teste de mais uma ou duas gerações, poderá perdurar. Não estarei mais aqui para ver isso. Mas fico feliz de vê-lo saltar o primeiro obstáculo.

*Salman Rushdie, 25 de dezembro de 2005, Londres*

\**Mirror* é espelho, em inglês. (N.T.)

LIVRO UM

# O lençol furado

Nasci na cidade de Bombaim... há muito tempo. Não, assim não vai funcionar, não há como fugir da data: nasci na Casa de Saúde do dr. Narlikar em 15 de agosto de 1947. A hora? A hora também é importante. Então, vamos lá: à noite. Não, é importante ser mais... Para dizer a verdade, quando o relógio batia meia-noite. Os ponteiros se juntaram, numa saudação respeitosa, no instante em que nasci. Ora, seja claro, seja claro: no momento exato em que a Índia chegou à independência, eu surgi no mundo. Houve arquejos. E, do lado de fora da janela, fogos de artifício e multidões. Segundos depois, papai quebrou o dedão do pé; no entanto, seu acidente não passou de uma ninharia em comparação com o que me acontecia naquele momento envolto em escuridão, uma vez que, graças às ocultas tiranias daqueles relógios em lisonjeira saudação, eu havia sido misteriosamente algemado à história, meu destino indissolúvelmente acorrentado ao de meu país. Durante as três décadas seguintes, não haveria escapatória. Adivinhos me tinham profetizado; jornais, comemorado minha chegada; políticos, ratificado minha autenticidade. Não me coube dizer uma única palavra a respeito. Eu, Salim Sinai, que mais tarde viria a ser chamado por vários nomes — Catarrento, Cara-suja, Careca, Farejador, Buda e até Pedaco-de-lua —, enredara-me profundamente no Destino — um envolvimento que, mesmo na melhor das épocas, é sempre perigoso. E num tempo em que eu nem sabia limpar meu próprio nariz.

Hoje, porém, o tempo (que já não tem serventia para mim) está se esgotando. Logo farei trinta e um anos. Talvez. Se meu corpo em pedaços e desgastado permitir. Mas não tenho nenhuma esperança de salvar minha

vida nem de dispor de mil e uma noites. Preciso trabalhar depressa, mais depressa do que Sherazade, se é que pretendo acabar contando alguma coisa que faça sentido — isso mesmo, sentido. Admito: acima de tudo, tenho medo do absurdo.

E são tantas as histórias para contar, tantas, até demais, um excesso de vidas, acontecimentos, milagres, lugares e boatos entrelaçados, uma mistura tão densa do improvável e do mundano! Tenho sido um engolidor de vidas; e para conhecer a mim, somente a mim, vocês terão de engolir todas elas também. Dentro de mim se entrechocam e se acotovelam multidões consumidas. E guiado apenas pela lembrança de um enorme lençol branco, que tinha no meio um buraco quase circular, com mais ou menos dezessete centímetros de diâmetro, agarrando-me ao sonho daquele pedaço de pano perfurado e mutilado, que é meu talismã, meu abre-te-sésamo, devo principiar o trabalho de refazer minha vida a partir do ponto em que ela realmente começou, cerca de trinta e dois anos antes de algo tão óbvio, tão *presente*, quanto meu nascimento, marcado por relógios, manchado por um crime.

(O lençol, aliás, também está manchado, com três gotas de sangue de um vermelho desbotado. Como nos conclama o Corão: *Recita, em nome do Senhor, teu Criador, que criou o Homem de coágulos de sangue.*)

Numa manhã em Caxemira, no começo da primavera de 1915, meu avô Aadam Aziz bateu com o nariz num montículo de terra endurecida pela neve enquanto tentava rezar. Três gotas de sangue saltaram de sua narina esquerda, endureceram instantaneamente no ar gelado e caíram, diante de seus olhos, transformadas em rubis, sobre o tapete de oração. Jogando o corpo para trás, até ficar com a cabeça novamente ereta, ele percebeu que as lágrimas que lhe haviam surgido nos olhos também tinham se solidificado; e naquele momento, enquanto desdenhosamente afastava diamantes dos cílios, ele decidiu que nunca mais voltaria a beijar a terra por nenhum deus ou homem. Essa resolução, entretanto, criou um buraco dentro dele, um vazio numa câmara vital interna, deixando-o vulnerável às

mulheres e à história. Sem perceber isso de início, apesar de ter acabado de completar sua formação médica, ele se levantou, enrolou o tapete de oração na forma de um grosso charuto e, segurando-o sob o braço direito, contemplou o vale com olhos claros e livres de diamantes.

O mundo se renovava outra vez. Depois de uma gestação de inverno no seu ovo de gelo, o vale havia aberto caminho a bicadas, úmido e amarelo. Debaixo da terra, o novo capim aguardou seu tempo; as montanhas começavam a voltar às colinas, para a estação quente. (No inverno, quando o vale se encolhia sob o gelo, as montanhas se aproximavam e mostravam os dentes como mandíbulas coléricas em torno da cidade à beira do lago.)

Naqueles tempos a antena de rádio ainda não tinha sido construída, e o templo de Sankara Acharya, uma pequenina bolha negra num monte cáqui, dominava as ruas e o lago de Srinagar. Naqueles tempos não havia nenhum acampamento militar à margem do lago, nem intermináveis serpentes de caminhões e jipes camuflados a obstruir as estreitas estradas das montanhas, nem soldados se escondendo atrás das cristas dos montes depois de Baramulla e Gulmarg. Naqueles tempos, viajantes não eram fuzilados como espiões se tirassem fotografias de pontes, e com exceção das casas flutuantes dos ingleses no lago, o vale praticamente não mudara desde o império mogol, apesar de sua perpétua renovação na primavera; no entanto, os olhos de meu avô — que tinham, como ele todo, vinte e cinco anos — viam as coisas de maneira diferente... e seu nariz começara a coçar.

Revelemos o segredo da visão alterada de meu avô: ele havia passado cinco anos, cinco primaveras, longe de casa. (Apesar de sua presença essencial, o montículo de terra, oculto sob uma ruga fortuita do tapete de oração, no fundo não fora mais que um catalisador.) Agora, ao regressar, ele enxergava com olhos viajados. Em vez da beleza do minúsculo vale circundado por dentes gigantesco, observou a estreiteza, a proximidade do horizonte; e se sentiu triste por estar em casa e sentir-se tão completamente aprisionado. Sentiu também — inexplicavelmente — como se o velho

lugar lamentasse a sua instruída e estetoscópica volta. Sob o gelo do inverno, o vale tinha sido de uma frieza neutra, mas agora não restava dúvida; os anos passados na Alemanha haviam-no devolvido a um ambiente hostil. Muitos anos depois, quando o buraco dentro dele já se entupira de ódio, e ele fora sacrificar a si mesmo no santuário do deus de pedra negra no templo da colina, tentaria recordar as primaveras de sua meninice no Paraíso, da maneira como ele era antes que as viagens, os montículos de terra e os tanques do Exército tivessem estragado tudo.

Na manhã em que o vale, enlulado num tapete de oração, o esmurrara no nariz, ele estivera tentando, absurdamente, fingir que nada mudara. Por isso havia se levantado no frio cortante das quatro e quinze da manhã, lavara-se segundo os preceitos, vestira-se e colocara na cabeça o gorro de astracã do pai. Feito isso, levava o tapete de oração enrolado como um charuto para o pequeno jardim à beira do lago, em frente da casa velha e escura, e o desenrolara sobre o montículo que estava à sua espera. A terra parecia ilusoriamente macia sob seus pés, deixando-o ao mesmo tempo inseguro e descuidado. — “Em nome de Deus, Clemente, Misericordioso...” — o exórdio, pronunciado com as mãos postas diante de si, como um livro, consolava uma parte dele e fazia outra parte, maior, sentir-se inquieta — “... Louvado seja Alá, Senhor da Criação...” —, mas agora Heidelberg lhe invadia a mente; aqui estava Ingrid, por pouco tempo a sua Ingrid, com uma expressão de zombaria por causa daquela sua papagueação voltada para Meca; aqui, os amigos Oskar e Ilse Lubin, os anarquistas, escarnecendo de sua oração com suas antiideologias — “... Clemente, Misericordioso, Soberano do Dia do Juízo!...” —, Heidelberg, onde, juntamente com a medicina e a política, ele aprendeu que a Índia — como o rádio — havia sido “descoberta” pelos europeus; até mesmo Oskar encheu-se de admiração por Vasco da Gama, e fora isso que por fim separara Adam Aziz de seus amigos, essa convicção que eles tinham de que ele era, de alguma maneira, uma invenção de seus antepassados europeus — “... Só a Ti adoramos e só de Ti imploramos ajuda...” —, de

modo que ali estava ele, apesar da presença dos amigos na sua cabeça, tentando voltar a se unir com um antigo eu que lhes ignorava a influência, mas sabia tudo que devia saber — por exemplo, a respeito de submissão, a respeito do que estava fazendo agora —, enquanto suas mãos, guiadas por velhas lembranças, adejavam para o alto, os polegares comprimidos nos ouvidos, os dedos bem abertos, enquanto ele se punha de joelhos — “... Guia-nos à senda reta, À senda dos que agraciaste...” Mas não adiantava, ele estava preso num meio-termo estranho, apanhado entre a fé e a incredulidade, e afinal de contas isso era apenas uma charada — “... Não à dos abominados nem à dos extraviados.” Meu avô baixou a testa em direção à terra. Curvou-se para a frente, e a terra, coberta pelo tapete de oração, curvou-se na direção dele. E então foi a vez do montículo. Ao mesmo tempo uma censura de Ilse-Oskar-Ingrid-Heidelberg, tanto quanto do vale e de Deus, a terra golpeou-o na ponta do nariz. Três gotas caíram. Surgiram rubis e diamantes. E meu avô, pondo-se de pé num salto, tomou um decisão. Ergueu-se. Charuto enrolado. Contemplou o lago. E foi atirado para sempre àquele lugar intermediário, tornando-se incapaz de adorar um Deus de cuja existência não conseguia descrever inteiramente. Alteração permanente: um buraco.

O jovem e recém-diplomado dr. Aadam Aziz estava de pé, olhando o lago primaveril, farejando as exalações da mudança; enquanto suas costas (que eram extremamente eretas) estavam voltadas para ainda outras mudanças. Durante sua ausência no exterior, o pai sofrera um ataque, e a mãe guardara segredo. A voz da mãe, sussurrando estoicamente: — ... *Porque seus estudos eram importantes demais, meu filho.* — Essa mãe, que havia passado a vida presa em casa, de purdah, de repente encontrara uma força enorme e tinha saído à rua, a fim de levar avante o pequeno negócio de pedras preciosas (turquesas, rubis, diamantes) que sustentara Aadam na escola de medicina, com ajuda de uma bolsa; por isso, ao voltar, ele encontrara a ordem aparentemente imutável de sua família virada de cabeça para baixo, com a mãe saindo para trabalhar enquanto o pai ficava

sentado, oculto atrás do véu que o derrame lançara sobre seu cérebro... Ele ficava sentado num quarto escurecido, numa cadeira de madeira, imitando o barulho de pássaros. Trinta espécies diferentes de pássaros o visitavam e pousavam no peitoril de sua janela fechada, conversando sobre isso e aquilo. Ele parecia bastante feliz.

(... E já a esta altura vejo as repetições começando. Porventura também minha avó não encontrou enormes... nem o derrame foi, também, a única... e a Macaca de Cobre tinha seus pássaros... já começa a maldição, e nem chegamos sequer aos narizes!)

O lago não estava mais congelado. O degelo tinha acontecido depressa, como de costume; muitos dos pequenos barcos, as shikaras, haviam sido apanhados cochilando, o que também era normal. Mas enquanto esses mandriões continuavam a dormir, em terra seca, roncando tranqüilamente ao lado de seus donos, o barco mais antigo madrugava, como em geral fazem as pessoas idosas, e por conseguinte foi a primeira embarcação a atravessar o lago descongelado. A shikara de Tai... também isso era habitual.

Vejam como o velho barqueiro, Tai, corre célere pela água brumosa, curvado, de pé na popa de sua embarcação! Como seu remo — um coração de madeira preso num pau amarelo — se movimenta aos arrancos entre as plantas aquáticas! Naquelas bandas ele é considerado muito estranho por remar de pé... entre outros motivos. Tai, vindo com um chamado urgente para o dr. Aziz, está prestes a fazer girar a roda da história... enquanto Aadam, baixando o olhar para a água, recorda o que Tai lhe ensinou muitos anos antes: “O gelo está sempre à espera, Aadam baba, logo abaixo da flor d’água”. Os olhos de Aadam são de um azul-claro, o assombroso azul da montanha, que costuma gotejar nas pupilas dos homens de Caxemira; eles não haviam se esquecido como se olha. Eles vêem — ali! como se fosse o esqueleto de um fantasma, logo abaixo da superfície do lago Dal! — o rendilhado delicado, o complexo entrecruzado de linhas sem cor, as veias frias e expectantes do futuro. Seus anos na

Alemanha, que embotaram tantas outras coisas, não o privaram do dom da visão. O dom de Tai. Ele ergue o olhar, avista o V do barco de Tai que se aproxima, acena. O braço de Tai se levanta... mas isso é uma ordem. “Espere!” Meu avô espera; e durante esse hiato, enquanto ele experimenta a última paz de sua vida, uma espécie turva e pressaga de paz, convém que eu enfim passe a descrevê-lo.

Deixando de lado a inveja natural do homem feio pelo notavelmente bem-apegoado, eu me lembro de que dr. Aziz era um homem alto. Encostado a uma parede da casa de sua família, ele media vinte e cinco tijolos (um tijolo para cada ano de existência), ou um metro e oitenta e oito. Além disso, era um homem robusto. A barba, densa e vermelha, incomodava sua mãe, que dizia que apenas os hadjis, homens que realizaram a peregrinação a Meca, tinham direito de usar barba vermelha. Seus cabelos, no entanto, eram bem mais escuros. De seus olhos cor do céu, já falei. Ingrid dissera: “Quando fizeram seu rosto, enlouqueceram com as cores”. Entretanto, o traço principal da anatomia de meu avô não era nem a cor nem a altura, nem a força do braço ou o aprumo das costas. Ali estava aquele apêndice, ondulando como uma louca banana-da-terra no meio de seu rosto... Adam Aziz, esperando Tai, contempla seu nariz na água agitada. Tal nariz teria, facilmente, dominado rostos menos impressionantes que o seu; mesmo no dele, é a primeira coisa que se vê, e a que mais deixa recordações. “Um ciranoso”, dizia Ilse, ao que Oskar acrescentava: “Uma proboscidíssima...”. E Ingrid proclamava: “Você poderia atravessar um rio nesse nariz”. (A ponte do nariz era extensa.)

O nariz de meu avô: narinas bem abertas, curvilíneas, como bailarinas. Entre elas projeta-se o arco triunfal do nariz, primeiro para cima e para fora, depois para baixo e para trás, lançando-se na direção do lábio superior com um volteio soberbo e, daí a pouco, puntirrubro. Um excelente nariz para bater num montículo de terra. Eu gostaria de deixar aqui registrada minha gratidão a esse formidável órgão — não fosse ele, quem acreditaria que eu realmente fosse filho de minha mãe, neto de meu avô? —, esse

apêndice colossal que também seria minha herança. O nariz do dr. Aziz — só comparável à tromba do deus Ganesh, o de cabeça de elefante — anunciava de modo incontroverso seu direito a ser um patriarca. Foi Tai quem também lhe ensinou isso. Quando o jovem Aadam mal passara da puberdade, o arruinado barqueiro disse: “Esse é um nariz para dar início a uma família, príncipezinho. Não haverá engano quanto ao fundador da linhagem. Os imperadores mogóis teriam dado a mão direita por um nariz assim. Dentro dele dinastias estão à espera — e nesse ponto Tai descambou para a grosseria —, como catarro.

Em Aadam Aziz, o nariz assumia um aspecto patriarcal. Em minha mãe, parecia nobre e um tantinho sofredor. Em minha tia Esmeralda, esnobe; em minha tia Alia, intelectual; em meu tio Hanif, era o órgão de um gênio frustrado; meu tio Mustafá tornou-o o cheirador de um fracassado; a Macaca de Cobre escapou dele inteiramente; em mim, entretanto... em mim, passou a ser outra coisa. Mas não devo revelar de uma vez todos os meus segredos.

(Tai se aproxima. Ele, que revelou o poder do nariz, e que agora leva a meu avô a mensagem que há de catapultá-lo a seu futuro, está empurrando a shikara pelo lago, de manhãzinha...)

Ninguém se lembrava de quando Tai fora jovem. Ele vinha conduzindo esse mesmo barco, em pé e na mesma posição recurvada, atravessando os lagos Dal e Nagin... desde sempre. Desde que todos se conheciam por gente. Morava em algum lugar das entranhas insalubres do velho bairro de casas de madeira, e sua mulher cultivava raízes de lótus e outras plantas curiosas em um dos muitos “jardins flutuantes” que na primavera e no verão boiavam na água. O próprio Tai admitia jovialmente que não fazia idéia de sua idade. Nem sua mulher. Segundo ela, Tai já tinha a pele curtida quando se casaram. Seu rosto era uma escultura de vento na água: ondulações feitas de couro. Possuía dois dentes de ouro na boca, e só. Na cidade, tinha poucos amigos. Poucos barqueiros ou comerciantes convidavam-no para um hookah quando ele passava defronte ao cais das

shikaras ou por um dos muitos armazéns e casas de chá decrepitos à beira dos lagos.

A opinião geral a respeito de Tai havia sido expressa muito tempo antes pelo pai de Aadam Aziz, o comerciante de pedras preciosas: “O cérebro dele desapareceu junto com os dentes”. (Agora, porém, era o velho Aziz sahib quem ficava sentado, perdido em gorjeios de pássaros, enquanto Tai, com simplicidade e grandeza, prosseguia.) Essa era uma impressão que o barqueiro fomentava com suas conversas fantásticas, grandiloqüentes e incessantes, quase sempre dirigidas apenas a si próprio. A água conduz bem o som, e no lago as pessoas riam de seus monólogos, mas com certa admiração, e até mesmo com medo. Admiração porque o velho amalucado conhecia os lagos e os montes melhor do que qualquer um de seus detratores; medo por causa de sua pretensão a uma antiguidade tão imensa que desafiava cálculos e que, além do mais, pendia com tal leveza em torno de seu pescoço de frango que não o impediu de arranjar uma mulher bastante desejável e de lhe ter feito quatro filhos... e mais alguns, segundo se dizia, em outras esposas que moravam à beira do lago. Os rapazes que ficavam no cais das shikaras estavam convictos de que ele possuía um monte de dinheiro escondido em algum lugar — um tesouro, quem sabe, de preciosíssimos dentes de ouro, chacoalhando como nozes num saco. Anos depois, quando o tio Puffs tentou me vender a filha, propondo extrair os dentes dela e substituí-los por ouro, lembrei-me do tesouro esquecido de Tai... e do quanto Aadam Aziz amara o barqueiro quando criança.

A despeito de todos os boatos de riqueza, Tai ganhava a vida como simples barqueiro, transportando pelos lagos, em troca de pagamento, feno, cabritos e hortaliças; e também passageiros. Quando fazia seu serviço de táxi, erguia um pavilhão no meio da shikara, uma coisa alegre, com cortinas e dossel com estamparias de flores e almofadas combinando; e perfumava o barco com incenso. A aproximação da shikara de Tai, com suas cortinas esvoaçantes, sempre fora para o dr. Aziz uma das imagens marcantes da chegada da primavera. Em breve viriam os sahibs ingleses, e

Tai os conduziria aos Jardins de Shalimar e à Fonte do Rei, sempre tagarela, mordaz e recurvado. Era a antítese viva da crença de Oskar-Ilse-Grig na inevitabilidade da mudança... um excêntrico e antiqüíssimo espírito do vale. Um Calibã das águas, um tanto amigo demais da aguardente barata de Caxemira.

Lembrança da parede azul de meu quarto, na qual, ao lado da carta do primeiro-ministro, durante muitos anos ficou pendurado o Menino Raleigh, fitando, extasiado, um velho pescador, que vestia o que parecia ser um dhoti vermelho, sentado em — o quê? — uma madeira levada pela correnteza? — e que apontava para o mar enquanto contava suas histórias fantásticas... e o Menino Aadam, que viria a ser meu avô, caiu de amores pelo barqueiro Tai precisamente por causa do palavreado interminável que levava os outros a considerá-lo um maluco. Era uma falsa mágica, palavras que fluíam dele como dinheiro da mão dos tolos, passando por seus dois dentes de ouro, temperadas com soluços e aguardente, alçando-se às mais remotas cordilheiras do Himalaia e depois descendo astutamente para algum pormenor do presente, ao nariz de Aadam, por exemplo, para esmiuçá-lo como se fizesse a vivisseção de um camundongo. Essa afeição fizera com que a mãe de Aadam o escaldasse com grande regularidade. (Água fervente. Literalmente. A mãe lhe dizia: “Vamos matar os piolhos desse barqueiro, nem que isto mate você”.) Mesmo assim, o velho soliloquista seguia tagarelando em seu barco, às margens do lago, e Aziz ficava sentado a seus pés até que vozes o chamassem de casa para que ele ouvisse um sermão a respeito da imundície de Tai e para que fosse advertido sobre as legiões pilhadoras de germes que sua mãe via saltando daquele velho corpo hospitaleiro para os largos pijamas brancos e engomados do filho. No entanto, Aadam sempre voltava à beira do lago, a fim de procurar entre as névoas o vulto recurvado e andrajoso do réprobo, conduzindo seu barco mágico pelas águas encantadas da manhã.

— Mas, Taiji, quantos anos você tem de verdade? — (Agora adulto, de barba ruiva, já inclinado para o futuro, o dr. Aziz recorda o dia em que fez

a pergunta que não podia ser feita.) Por um instante o silêncio, mais barulhento que uma catarata. Interrupção do monólogo. Barulho do remo na água. Ele seguia na shikara com Tai, acocorado entre cabritos, sobre um monte de palha, com plena consciência da vara e da banheira de água fervente que o esperavam em casa. Viera em busca de histórias... e com uma única pergunta fizera calar o contador de histórias.

— Não, Taiji, diga! Qual é a sua idade *realmente*? — E agora uma garrafa de aguardente, que surgia do nada; bebida barata que aparecia dentre as dobras do enorme e quente chugha. Depois um estremecimento, um arrote, um olhar. Brilho de ouro. E... finalmente... a voz.

— Minha idade? Você pergunta a minha idade, seu bestinha, seu narigudo... — Tai, prenunciando o pescador em minha parede, apontou para as montanhas. — A idade delas, nakku! — Aadam, o nakku, o narigudo, acompanhou o dedo que apontava. — Eu vi as montanhas nascerem. Vi imperadores morrerem. Escute. Escute, nakku... — Outra vez a garrafa de aguardente, seguida por uma voz etílica e por palavras mais inebriantes que o álcool. — Eu vi aquele Isa, aquele Cristo, quando ele veio a Caxemira. Pode sorrir, é a sua história que estou guardando na cabeça. Antigamente ela estava gravada em velhos livros perdidos. Antigamente eu sabia onde ficava um túmulo com pés perfurados, que sangravam uma vez por ano, talhados na lápide. Até minha memória está me deixando. Mas conheço as coisas, embora não saiba ler. — O analfabetismo era lançado às favas com um gesto; a literatura destroçava-se debaixo da energia de sua mão rápida. A mesma mão que corre de novo ao bolso do chugha, à garrafa de aguardente, aos lábios rachados pelo frio. Tai sempre teve lábios de mulher. — Nakku, escute, escute. Já vi muita coisa. Yara, devia ter visto aquele Isa quando ele veio, com a barba até o umbigo, careca como um ovo. Estava velho e acabado, mas tinha boas maneiras. “Você primeiro, Taiji”, dizia ele, ou “Sente-se, por favor”. Sempre uma palavra respeitosa, nunca me chamava de cabeça-de-vento, sempre se dirigia a mim como *aap*. Educado, não? E que apetite! Tinha tanta fome

que eu tapava os olhos, assustado. Santo ou demônio, juro que ele era capaz de comer um bezerro de uma vez só. E daí? Eu lhe dizia: come, enche a barriga, o que um homem vem fazer em Caxemira é gozar a vida, acabar com ela, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Sua obra estava terminada. Ele só veio para cá a fim de viver um pouco. — Magnetizado por esse ébrio retrato de um Cristo careca e glutão, Aziz ouvia, repetindo mais tarde cada uma das palavras, para consternação de seus pais, que comercializavam pedras e não tinham tempo para conversa fiada.

— Ah, não acredita? — Lambendo os lábios com um sorriso de mofa, sabendo que a verdadeira impressão do rapaz era a oposta. — Está perdendo a atenção? — mas ele sabia com que fúria Aziz se pendurava em suas palavras. — Talvez a palha esteja machucando sua bunda, não é? Ah, sinto muito, babaji, desculpe eu não ter providenciado almofadas de seda com brocados de ouro... almofadas como as que o imperador Jehangir usava! Sem dúvida, você pensa que o imperador Jehangir foi um simples jardineiro — Tai repreendia meu avô — porque ele construiu Shalimar! Bobo! O nome dele significava Soberano do Mundo. Por acaso isso é nome de jardineiro? Só Deus sabe o que estão ensinando a vocês, meninos, hoje em dia. Enquanto isso, eu... — e aqui ele arquejava um pouco — ... eu sabia o peso dele com exatidão! Pergunte-me quantos adivinhos, quantos videntes! Quando ele estava feliz, ficava mais pesado, e era em Caxemira que o peso dele chegava ao máximo. Eu costumava carregar sua liteira... Não, não, veja só, de novo você não está acreditando, esse pepinão na sua cara está se mexendo como o pepininho aí no seu pijama! Então, vamos, faça perguntas! Faça um interrogatório! Pergunte quantas vezes as tiras de couro se enrolavam em torno dos varais da liteira... A resposta é trinta e uma. Pergunte qual foi a última palavra do imperador ao morrer... e eu lhe digo que foi “Caxemira”. Ele tinha mau hálito e bom coração. O que pensa que eu sou? Algum cachorro vadio ignorante? Agora, saia deste barco, já, seu nariz faz com que ele fique muito pesado para

remar. Além disso, seu pai está à sua espera para lhe dar uma surra por tudo o que eu disse, e sua mãe para esaldar sua pele.

Na garrafa de aguardente do barqueiro Tai eu vejo a profecia de meu próprio pai possuído por espíritos... e haverá outro estrangeiro calvo... e a tagarelice de Tai profetiza um outro tipo de mentira, que foi o consolo da velhice de minha avó e que também lhe ensinou histórias... e os cachorros vadios não estão muito longe... Basta. Estou assustando a mim mesmo.

Apesar das surras e da água esaldante, vira e mexe Aadam Aziz ia navegar com Tai em sua shikara, entre cabritos, feno, flores, móveis e raízes de lótus, ainda que nunca com os sahíbs ingleses, e ouvia repetidamente as respostas miraculosas àquela pergunta aterradora: “Mas, Taiji, quantos anos você tem, *de verdade?*”.

Com Tai, Aadam aprendeu os segredos do lago — onde era possível nadar sem ficar preso nas plantas; as onze variedades de cobras-d’água; onde os sapos se acasalavam; como se cozinhava uma raiz de lótus; e onde as três mulheres inglesas haviam morrido afogadas poucos anos antes.

— Algumas mulheres de uma tribo feringhi vêm a estas águas para se afogar — dizia Tai. — Às vezes elas têm consciência disso, às vezes não, mas eu sei no momento em que sinto o cheiro delas. Elas se escondem debaixo d’água, só Deus sabe de que ou de quem... mas não conseguem se esconder de mim, baba! — O riso de Tai, que subia para contagiar Aadam — um riso imenso, altissonante, que parecia macabro quando saído daquele corpo velho e murcho, mas tão natural em meu gigantesco avô, que ninguém soube, tempos depois, que não era verdadeiramente dele (meu tio Hanif herdou esse riso; assim, até ele morrer, um pedaço de Tai viveu em Bombaim). Também de Tai, meu avô escutava histórias sobre narizes.

Tai deu um tapinha na narina esquerda de Aadam: — Sabe o que é isto, nakku? É o lugar onde o mundo de fora se encontra com o mundo que existe dentro da gente. Se eles não combinam, você sente aqui. Aí você, envergonhado, esfrega o nariz para fazer a coceira desaparecer. Um nariz

como esse, seu idiotinha, é um grande dom. Ouça o que lhe digo: confie nele. Quando ele lhe der um aviso, preste atenção, ou você estará liquidado. Siga seu nariz e você há de ir longe. — Tai limpou a garganta; seus olhos se voltaram para as montanhas do passado. Aziz recostou-se na palha. — Certa vez conheci um oficial... no exército daquele Iskandar, o Grande. Não importa o nome dele. Ele tinha um pepino igual a esse seu, pendurado entre os olhos. Quando o Exército acampou perto de Gandhara, ele se apaixonou por uma sirigaita do lugar. Imediatamente, o nariz dele começou a coçar como doido. Ele coçava, mas não adiantava nada. Ele inalou os vapores de uma infusão de folhas de eucalipto. Nada, nada, baba! A coceira o deixava louco. Mas o bestalhão bateu pé e, quando o exército voltou para casa, lá ficou com a sua bruxinha. Ele se transformou... em quê?... numa coisa estúpida, nem isso nem aquilo, uma pessoa perdida no meio-termo, com uma mulher enjoada e uma coceira no nariz, até que por fim enfiou a espada na barriga. O que você acha disso?

... O dr. Aziz, em 1915, o dr. Aziz a quem rubis e diamantes transformaram num homem sem pátria certa, lembra-se dessa história enquanto Tai se aproxima. Seu nariz ainda coça. Ele esfrega, dá de ombros, sacode a cabeça; e então ouve o grito de Tai.

— Ohé! Doutor sahib! A filha do fazendeiro Ghani está doente.

A mensagem, passada laconicamente, gritada sem cerimônia pela superfície do lago, embora barqueiro e pupilo não se encontrem há meia década, pronunciada por lábios femininos que não sorriem num cumprimento do tipo “Há quanto tempo não nos vemos”, dispara o tempo numa revoada de excitação, veloz, turbilhonante, borrada...

... — Imagine só, meu filho — está dizendo a mãe de Aadam, enquanto toma um refresco de lima, reclinando-se num takht, numa atitude de resignada exaustão —, como é a vida. Durante tantos anos até meus tornozelos foram um segredo, e agora tenho de ser examinada por estranhos que nem são da família.

... O fazendeiro Ghani está parado diante de um enorme quadro a óleo de Diana, a Caçadora, com uma moldura dourada e descascada. Usa grossos óculos escuros e seu célebre sorriso venenoso, e discute arte.

— Comprei esse quadro de um inglês meio arruinado, doutor sahib. Foram só quinhentas rupias... e nem me preocupei em regatear. O que são quinhentas rupias? Sabe, sou um admirador da arte.

... — Veja, meu filho — diz a mãe de Aadam, enquanto ele começa a examiná-la —, o que as mães não fazem pelos filhos. Veja como eu sofro. Você é médico... veja essas feridas, essas partes inchadas, acredite que minha cabeça dói dia e noite. Filho, encha meu copo de novo.

... Entretanto, o jovem médico, ao escutar o brado do barqueiro, foi tomado de uma emoção muito pouco hipócrita e gritou:

— Já estou indo! Só vou pegar minhas coisas!

A proa da shikara toca a margem do jardim. Aadam corre para dentro de casa, o tapete de oração enrolado como um charuto debaixo do braço, os olhos azuis luzindo na repentina escuridão do interior; colocou o charuto numa prateleira alta, em cima de exemplares empilhados de *Vorwarts* e de *Que fazer?*, de Lênin, e de outros panfletos, ecos empoeirados de sua já desbotada vida na Alemanha; está puxando, de debaixo da cama, uma maleta de couro de segunda mão, que a mãe chamava de sua “valise de doutor”, e no momento em que a impele, e a si próprio, para cima, ao sair do quarto, a palavra HEIDELBERG aparece, rapidamente, gravada a fogo no couro do fundo da maleta. Com efeito, a filha de um fazendeiro representa boas notícias para um médico com a carreira por fazer, mesmo se ela estiver doente. Não: *Porque* ela está doente.

... Enquanto isso, estou sentado como um pote de pickles vazio sob o frouxo cone de luz da minha luminária Anglepaise, visitado por essa visão de meu avô há sessenta e três anos, que exige ser registrada, enchendo minhas narinas com o fedor acre do embaraço da mãe dele, que a fez empolar-se toda, com a força vinagrenta da determinação de Aadam Aziz de obter tamanho sucesso na medicina, para que ela jamais tivesse de

retornar à loja de pedras preciosas, com o ranço cego de um casarão ensombrecido no qual se encontra o jovem médico, pouco à vontade, diante de um quadro que representa uma moça simples de olhos vivos e atrás dela, no horizonte, um veado transfixado, atravessado por um dardo disparado do arco que ela tem nas mãos. A maior parte do que importa em nossa vida acontece em nossa ausência: mas é como se eu tivesse descoberto, em algum lugar, o truque pelo qual preencho as lacunas de meu conhecimento, de modo que está tudo na minha cabeça, até o último detalhe, até a maneira como a névoa parecia atravessar o ar da manhãzinha... tudo, e não somente as poucas pistas com que a gente se depara quando, por exemplo, abre um velho baú de lata que deveria ter permanecido coberto de teias de aranhas e fechado.

... Aadam volta a encher o copo da mãe e continua a examiná-la, preocupado. — Ponha um pouco de creme nessas erupções e pústulas, amma. Para a dor de cabeça, existem comprimidos. Os furúnculos têm de ser abertos. Mas, quem sabe, se a senhora usar um purdah quando fica sentada na loja... para que olhos desrespeitosos não... esses sintomas geralmente começam no espírito...

... Barulho de remo na água. Um chape de cuspe no lago. Tai pigarreia e resmungo, aborrecido: — Um belo negócio! Uma criança nariguda, ainda nos cueiros, vai embora antes de ter aprendido qualquer coisa, e volta como um grande dr. sahib, com uma maleta cheia de máquinas estrangeiras, e ainda continua bobo feito uma coruja. Juro: uma coisa muito feia!

... O dr. Aziz muda de posição, inquieto, de um pé para o outro, sob a influência do sorriso do fazendeiro, em cuja presença não é possível permanecer tranqüilo; e está à espera de uma reação mínima a seu próprio aspecto extraordinário. Já se habituou a essas crispações involuntárias de surpresa ante seu tamanho, seu rosto de muitas cores, seu nariz... mas Ghani não dá nenhum sinal, e o jovem médico, por sua vez, resolve não deixar transparecer seu constrangimento. Pára de mudar de posição.

Encaram-se, cada qual reprimindo (ou assim parece) sua opinião sobre o outro, estabelecendo a base do futuro relacionamento entre eles. E agora Ghani muda, passando de amante das artes a sujeito durão:

— Esta é uma grande oportunidade para você, rapaz — diz. Os olhos de Aziz desviaram-se para Diana. Vêm-se enormes áreas danificadas em sua pele rósea.

... Sua mãe está gemendo, balançando a cabeça. — Não, você não sabe nada disso, meu filho. Tornou-se um médico importante, mas o negócio de pedras preciosas é diferente. Quem compraria uma turquesa de uma mulher escondida dentro de uma capa preta? É uma questão de estabelecer confiança. Vá, vá, não se preocupe com sua velha mãe.

... — Grande coisa! — Tai cospe no lago. — Maleta grande, um figurão. Bah! Por acaso já não temos maletas suficientes por aqui, para que o senhor me apareça com essa coisa feita de pele de porco, que deixa uma pessoa impura só de olhar para ela? Só Deus sabe o que tem aí dentro!

Sentado entre cortinas floridas e o cheiro de incenso, o dr. Aziz tem os pensamentos arrancados da paciente que o espera do outro lado do lago. O monólogo irritadiço de Tai irrompe em sua consciência, criando uma sensação de choque obtuso, um cheiro de pavilhão de feridos de guerra se sobrepõe ao do incenso... evidentemente o velho está furioso com alguma coisa, possuído de uma ira incompreensível que parece dirigida a seu acólito do passado ou, mais exata e estranhamente, à sua maleta. O dr. Aziz tenta falar de amenidades...

— Sua mulher está bem? Ainda falam sobre aquela sua sacola de dentes de ouro?... — tenta refazer uma velha amizade; no entanto, Tai agora está transtornado, uma torrente de invectivas derramando de dentro dele. A maleta trazida de Heidelberg estremece sob o jorro furioso.

— Maleta de porco fuçador do estrangeiro, cheia de truques de forasteiros. Maleta de figurão. Agora, se um homem quebrar o braço, essa maleta não vai deixar o consertador de ossos envolvê-lo com folhas. Agora um homem tem de deixar sua mulher se deitar ao lado dessa maleta e ver

sair as facas que irão cortá-la. Um belo negócio, o que esses estrangeiros enfiam na cabeça dos nossos rapazes. Mas eu juro: é uma coisa muito feia. Essa maleta devia queimar no Inferno com os testículos dos ímpios.

... Ghani, o fazendeiro, puxa e solta os suspensórios com os polegares: — Uma grande oportunidade, realmente. Na cidade estão dizendo grandes coisas a seu respeito. Uma boa formação médica. Uma família... boa... bem boa. E agora que nossa própria doutora está doente, chegou a sua oportunidade. Essa mulher anda sempre adoentada, está velha demais, eu imagino, e um tanto desatualizada com os últimos avanços, ou sei lá o que mais. Eu sempre digo: médico, cura-te a ti mesmo. E lhe digo uma coisa: sou uma pessoa inteiramente objetiva nas minhas relações de negócios. Sentimentos, amor, guardo essas coisas só para a minha família. Se uma pessoa não faz um trabalho de primeira categoria para mim, rua! Entende o que eu digo? Então, vamos lá: minha filha Nasim não está bem. Você vai tratar dela de maneira primorosa. Lembre-se que tenho amigos; e a doença atinge tanto os grandes quanto os humildes.

... — Você ainda conserva cobras-d'água na aguardente para lhe dar virilidade, Taiji? Ainda gosta de comer raízes de lótus sem nenhum tempero? — Perguntas hesitantes, atropeladas pela torrente de fúria de Tai. O dr. Aziz começa a diagnosticar. Para o barqueiro, a maleta representa o estrangeiro; é a coisa que vem de fora, o invasor, o progresso. E, com efeito, ela tomou conta do espírito do jovem doutor; com efeito, ela contém bisturis, curas para o cólera, a malária e a varíola; e, com efeito, acha-se colocada entre o médico e o barqueiro, transformou-os em antagonistas. O dr. Aziz põe-se a lutar contra a tristeza e contra a raiva de Tai, e essa raiva já começa a contagiá-lo, a se tornar dele próprio, uma raiva que só raramente irrompe, mas que, quando acontece, vem sem anúncio, num rugido que emana de seus sítios mais recônditos, arrasando tudo à vista; e que depois desaparece, deixando-o a imaginar por que estão todos tomados de tanta indignação... Estão se aproximando da casa de Ghani. Um criado espera a shikara, de pé e com as mãos entrelaçadas,

num pequeno atracadouro de madeira. Aziz concentra os pensamentos no trabalho que tem a fazer.

... — A médica de sua família concordou com minha visita, Ghani sahib? — Mais uma vez, uma pergunta hesitante é desconsiderada.

O fazendeiro responde: — Ah, ela vai concordar. Agora me acompanhe, por favor.

... O criado está esperando no atracadouro. Firma a shikara enquanto Aadam Aziz desce, com a maleta na mão. E agora, por fim, Tai fala diretamente com meu avô. Com desdém estampado no rosto, pergunta:

— Diga-me uma coisa, doutor sahib: o senhor por acaso tem nessa maleta feita de porcos mortos uma daquelas máquinas que os médicos estrangeiros usam para cheirar? — Aadam balança a cabeça, sem compreender. A voz de Tai recobre-se de novas camadas de repugnância: — O senhor sabe, uma coisa parecida com a tromba de um elefante. — Percebendo o que ele quer dizer, Aziz responde:

— Um estetoscópio? Claro. — Tai empurra a shikara para longe do atracadouro. Cospete. Começa a remar. — Eu sabia — diz. — Agora vai usar essa máquina, em vez de usar seu narigão.

Meu avô não se dá o trabalho de explicar que um estetoscópio está mais para um par de ouvidos do que para um nariz. Reprime sua própria irritação, a raiva ressentida de uma criança rejeitada; além disso, há uma paciente à espera. O tempo se acomoda e se concentra na importância do momento.

A casa era opulenta, porém mal iluminada. Ghani era viúvo, e os empregados evidentemente se aproveitavam disso. Havia teias de aranha nos cantos e camadas de poeira nos ressaltos. Seguiram por um longo corredor. Uma das portas estava entreaberta e por ela Aziz viu um cômodo em estado de violenta desordem. Esse vislumbre, ligado a uma cintilação de luz nos óculos escuros de Ghani, informou subitamente a Aziz que o dono da casa era cego. Isso agravou sua sensação de desconforto: um cego que se declarava apreciador da pintura européia? Além disso, ele estava

admirado de Ghani não haver tropeçado em coisa alguma... Detiveram-se diante de uma grossa porta de teca. Ghani disse:

— Espere aqui um momento — e entrou no aposento.

Anos depois, o dr. Aadam Aziz juraria que durante aquele momento de solidão, nos sombrios corredores desmazelados da mansão do fazendeiro, foi invadido por um desejo quase incontrolável de dar meia-volta e fugir o mais depressa que suas pernas o conseguissem levar. Perturbado pelo enigma do cego amante da arte, tendo as entranhas cheias de pequeninos insetos rastejantes, resultado do veneno insidioso dos resmungos de Tai, com as narinas coçando a ponto de convencê-lo de que havia contraído uma doença venérea, ele sentiu os pés começarem a se virar lentamente, como se metidos em botas de chumbo; sentiu o sangue latejando nas têmporas; e foi tomado por uma tão poderosa sensação de estar se colocando num ponto sem volta, que quase molhou a calça de lã alemã. Sem perceber, começou a corar violentamente; e nesse ponto sua mãe apareceu diante dele, sentada no chão ao lado de uma mesinha baixa, com uma erupção se alastrando pelo rosto como um enrubescimento, enquanto erguia uma turquesa em direção à luz. O rosto da mãe havia adquirido todo o desprezo do barqueiro Tai: “Vá, vá, fuja”, disse ela com a voz de Tai. “Não se preocupe com sua velha mãe.” O dr. Aziz deu consigo próprio a tartamudear: “Que filho inútil eu sou, amma. Não vê que existe em mim um buraco do tamanho de um melão?”. A mãe sorriu, triste. “Você sempre foi um menino sem coração”, suspirou, e depois se transformou numa lagartixa na parede do corredor, mostrando-lhe a língua. O dr. Aziz parou de sentir vertigem, ficou em dúvida se havia ou não falado em voz alta, imaginou o que quis dizer com aquela história de buraco, descobriu que seus pés já não tentavam fugir e percebeu que estava sendo observado. Uma mulher com bíceps de lutador o encarava, sinalizando para que a seguisse ao interior do aposento. O estado de seu sári mostrava tratar-se de uma serviçal; mas não era servil.

— O senhor está verde que nem peixe — disse. — Esses médicos jovens! Chegam a uma casa estranha, e o fígado deles vira geléia. Venha, doutor sahib, estão à sua espera.

Apertando a alça da maleta com um pouquinho mais de força que o necessário, ele a seguiu pela porta escura de teca.

... O quarto de dormir era tão mal iluminado quanto o restante da casa, embora aqui e ali houvesse feixes de uma luz empoeirada que entravam por uma clarabóia no alto da parede. Esses raios sufocantes iluminavam uma das cenas mais extraordinárias que o médico jamais contemplara: uma situação de tão notável estranheza que seus pés mais uma vez começaram a se crispar em direção à porta. Duas outras mulheres, também com porte de lutadoras profissionais, estavam rigidamente de pé, cada qual segurando uma ponta de um enorme lençol branco, os braços levantados bem alto sobre a cabeça, de maneira que o lençol pendia entre elas como uma cortina. Ghani saiu da escuridão que circundava o tecido iluminado pelo sol e permitiu ao perplexo Adam contemplar a estranha cena durante, talvez, meio minuto, tempo após o qual, e sem que uma palavra tivesse sido pronunciada, o doutor fez uma descoberta:

Bem no centro do lençol fora aberto um buraco, um círculo de mais ou menos quinze centímetros de diâmetro.

— Feche a porta — ordenou Ghani à primeira das lutadoras, e então, voltando-se para Aziz, adotou um tom confidencial: — Esta cidade está cheia de imprestáveis que em mais de uma ocasião tentaram subir ao quarto de minha filha. Ela precisa de — fez um gesto de cabeça na direção das três mulheres musculosas — protetoras.

Aziz ainda olhava para o lençol furado.

— Tudo bem, vamos lá — disse Ghani. — Agora pode examinar minha Nasim. Imediatamente.

Meu avô olhou em torno do quarto. — Mas onde está ela, Ghani sahib? — perguntou afinal. As lutadoras assumiram expressões altaneiras e,

pareceu a ele, retesaram a musculatura, apenas para o caso de ele tentar alguma brincadeira.

— Ah, entendo sua confusão — disse Ghani, alargando o sorriso venenoso. — Vocês, rapazes que estudaram na Europa, esquecem-se de certas coisas. Doutor sahib, minha filha é moça recatada, nem preciso dizer. Ela não exhibe o corpo debaixo do nariz de homens estranhos. O senhor compreenderá que não terá autorização para vê-la. Não, não, em hipótese alguma. Por isso, providenciei para que ela se colocasse atrás desse lençol. Ela está ali, como uma boa moça.

Um tom de angústia se insinuara na voz do dr. Aziz. — Ghani sahib, diga-me como posso examiná-la sem vê-la?

Ghani continuou a sorrir. — Você fará o favor de especificar qual parte de minha filha é preciso inspecionar. Então, eu darei a ela instruções para colocar a parte desejada junto do buraco que se vê ali. E assim o exame poderá ser realizado.

— Mas, diga-me, pelo menos, do que a senhorita se queixa? — perguntou meu avô, desesperançado. Ao que Ghani, os olhos virados para cima em suas órbitas, e o sorriso transformando-se num esgar de aflição, respondeu:

— Coitadinha! Ela está com uma terrível, horrenda, dor de estômago.

— Nesse caso — disse o dr. Aziz, com certa relutância —, peça-lhe, por favor, que me mostre o estômago.

# Mercurocromo

Padma — nossa gorducha Padma — está num mau humor espetacular. (Ela não sabe ler e detesta que outras pessoas saibam qualquer coisa que ela desconheça. Padma: forte, alegre, um consolo para meus últimos dias. Mas é, decididamente, uma desmancha-prazeres.) Por meio de adulações, ela tenta me tirar da mesa onde trabalho: — Coma, a comida vai estragar. — Permaneço obstinadamente curvado sobre os papéis. — Mas o que pode ser tão importante — pergunta Padma, a mão direita cortando o ar, para cima e para baixo, exasperada — que precise de tanta escrevinhação? — Respondo: agora que já expus os pormenores de meu nascimento, agora que o lençol furado se encontra entre o médico e a paciente, não há como voltar atrás. Padma ri, desdenhosa. O punho bate na testa. — Certo, então passe fome, quem é que se importa? — Outro riso, mais alto, concludente... Mas não me deixo abalar por sua atitude. Ganha a vida mexendo um caldeirão borbulhante o dia inteiro; alguma coisa quente e avinagrada deixou-a fumegante esta noite. Grossa de cintura, e um tanto peluda de braço, ela se debate, gesticula, sai. Pobre Padma. Sempre tem alguma coisa enfurecendo-a. Talvez até mesmo seu nome; e isso é muito compreensível, já que a mãe lhe contou, quando ela ainda era pequena, que recebera o nome da deusa do lótus, cuja denominação mais comum entre os aldeões é “A Que Possui Excremento”.

De novo em silêncio, volto às folhas de papel que cheiram um pouco a cúrcuma, pronto e disposto a tirar de sua miséria uma narrativa que ontem deixei suspensa no ar — tal como Sherazade costumava fazer noite após noite, pois, para sua própria sobrevivência, precisava deixar o príncipe

Shariar se mordendo de curiosidade! Começarei imediatamente: e revelarei que os pressentimentos de meu avô no corredor não eram infundados. Nos meses e anos que se seguiram, ele caiu naquilo que só posso descrever como o feitiço daquele enorme — e ainda imaculado — pedaço de pano.

— Outra vez? — perguntou a mãe de Aadam, revirando os olhos. — Eu lhe digo, meu filho, essa moça está doente porque tem uma vida mansa demais. Guloseimas e mimos demais, por causa da falta da mão firme de uma mãe. Mas vá, cuide da sua paciente invisível, a dorzinha de cabeça da sua mãe pode esperar.

Naqueles anos, entendam, Nasim Ghani, filha do fazendeiro, contraiu uma extraordinária quantidade de pequenas doenças, e toda vez um barqueiro era despachado para chamar o jovem e alto doutor sahib de nariz grande, que estava adquirindo tão boa reputação no vale. As visitas de Aadam Aziz ao aposento, com o feixe de luz do sol e as três lutadoras, tornaram-se acontecimentos semanais; e cada vez era-lhe permitido um vislumbre, através do lençol mutilado, de um círculo diferente, de dezessete centímetros, do corpo da donzela. À dor de estômago inicial seguiram-se uma ligeiríssima torção do tornozelo direito, uma unha encravada no dedão do pé esquerdo, um cortezinho no calcanhar esquerdo. (“O tétano mata, doutor sahib”, disse o latifundiário. “Minha Nasim não deve morrer por causa de um arranhão.”) Houve a história do enrijecimento do joelho direito, que o doutor foi obrigado a manipular através da abertura no lençol... e depois de certo tempo as doenças pularam para cima, evitando certas áreas não mencionáveis, e começaram a proliferar em torno da metade superior da moça. Ela sofria de uma coisa misteriosa que o pai chamava de podridão-de-dedos, e que fazia a pele se soltar das mãos; de uma fraqueza dos ossos do pulso, para a qual Aadam prescreveu comprimidos de cálcio; e de crises de prisão de ventre, para as quais ele deu laxativos, uma vez que estava fora de cogitação que lhe fosse permitido administrar um clister. Nasim tinha febres, assim como

temperaturas abaixo do normal. Nessas ocasiões, o termômetro era colocado sob a axila da moça, enquanto o doutor discorria sobre a relativa ineficiência do método. Na axila oposta ela certa vez desenvolveu um caso de tinea, e ele a cobriu com pó amarelo; depois desse tratamento — que lhe exigiu esfregar o pó suavemente, mas com firmeza, ainda que o corpo macio e secreto começasse a estremecer e a sacudir, e ele ouvisse um risinho reprimido do outro lado do lençol, pois Nasim Ghani sentia muitas cócegas —, a comichão desapareceu, mas Nasim logo achou uma nova série de queixas. No verão ela se tornava anêmica; no inverno, tinha bronquite. (“Os canais dela são muito delicados”, explicou Ghani. “São como flautinhas.”) Longe dali, a Grande Guerra evoluía de crise em crise, enquanto na casa coberta de teias de aranha o dr. Aziz engajava-se também numa guerra total contra as inesgotáveis afecções de sua paciente compartimentada. E em todos aqueles anos de guerra, Nasim nunca repetiu uma doença.

— Isso apenas demonstra — disse Ghani — que você é um bom médico. Quando você cura, o restabelecimento é total. Mas, coitada! — ele bateu na testa —, ela sente saudades da mãe, coitadinha, e seu corpo sofre. É uma filha muito amorosa.

Assim, aos poucos o dr. Aziz veio a formar uma imagem mental de Nasim, uma colagem desconjuntada das partes inspecionadas aos pedaços. Esse espectro de uma mulher seccionada começou a persegui-lo, e não apenas em sonhos. A imaginação do médico colava os fragmentos, e a moça o acompanhava por toda parte, passando a morar na sala de estar de sua mente, de modo que, acordado ou dormindo, sentia na ponta dos dedos a maciez de sua pele coceguenta, ou os minúsculos pulsos perfeitos, ou ainda a beleza dos tornozelos; sentia o perfume de lavanda e chambeli; escutava-lhe a voz e o riso de garotinha; no entanto, ela não tinha cabeça, pois o médico nunca lhe vira o rosto.

A mãe dele estava deitada na cama, de bruços. — Venha, venha e me aperte — disse —, meu filho médico, que tem dedos capazes de acalmar

os músculos da sua velha mãe. Aperte, aperte, meu filho com cara de ganso resfriado. — Aadam massageou-lhe os ombros. Ela gemeu, arfou, relaxou. — Mais para baixo — disse ela —, agora mais para cima. À direita. Está bem. Meu filho brilhante, que não consegue perceber o que aquele fazendeiro Ghani está fazendo. Meu filho é inteligente, mas não entende por que essa moça está sempre doente, com essas moléstias bobas. Escute, rapaz: uma vez na vida, use esse nariz na sua cara. Perceba que Ghani considera você um bom partido para ela. Educado no estrangeiro e tudo mais. Trabalhei em lojas e fui despida pelos olhares de estranhos para que você pudesse se casar com aquela Nasim! Claro que tenho razão; se não fosse assim, por que ele haveria de reparar na nossa família? — Aziz pressionou os músculos da mãe. — Por Deus, pare com isso, não é preciso me matar só porque estou dizendo a verdade!

Em 1918, Aadam Aziz passara a viver em função de suas constantes viagens até o outro lado do lago. Agora sua ansiedade era ainda mais intensa, pois se tornava claro que, depois de três anos, o fazendeiro e sua filha estavam dispostos a baixar certas barreiras. Agora, pela primeira vez, Ghani perguntava:

— Um caroço no seio direito! Isso é perigoso, doutor? Olhe. Olhe bem.

— E ali, emoldurado pelo buraco, estava um perfeito e lírico, lindíssimo...

— Preciso tocá-lo — disse Aziz, lutando contra sua voz.

Ghani bateu em suas costas. — Toque, toque! — gritou. — Suas mãos são salvadoras! Um toque curativo, não é, doutor? — E Aziz estendeu a mão...

— Desculpe-me perguntar, mas a moça está em seu período mensal?...

— Sorrisinhos secretos aparecem no rosto das lutadoras. E Ghani, sorrindo com afabilidade:

— Está. Não fique tão embaraçado, amigo. Agora você é o médico da família.

Aziz: — Então, não se preocupe. Os caroços hão de desaparecer quando o período terminar.

... — Um músculo distendido na parte de trás da coxa, doutor sahib. Como dói!

E ali, no lençol, debilitando os olhos de Aadam Aziz, surgiram nádegas de curvas soberbas, nádegas inacreditáveis... E Aziz: — Por acaso eu teria permissão de... — A seguir, uma palavra de Ghani; uma resposta obediente detrás do lençol; um cadarço é puxado; e as calças do pijama caem do traseiro celestial, que ondula maravilhosamente através do buraco. Aadam Aziz obriga-se a uma atitude científica... estende a mão... tateia. E jura a si mesmo, aturdido, que viu aquelas nádegas corarem, num enrubescimento tímido, mas complacente.

Naquela noite, Aadam refletiu sobre o enrubescimento. Será que a magia do lençol atuava em ambos os lados do buraco? Excitado, imaginou aquela Nasim sem cabeça formigando sob o exame de seus olhos, de seu termômetro, de seu estetoscópio e de seus dedos, e tentando formar uma imagem mental *dele*. Naturalmente, ela estava em desvantagem, pois nada vira além de suas mãos... Com uma angústia ilícita, Aadam começou a rezar para que Nasim Ghani tivesse uma enxaqueca ou ferisse seu queixo jamais visto, de modo que eles pudessem olhar um para o outro, face a face. Sabia quão pouco profissionais eram seus sentimentos, porém nada fez para reprimi-los. Não havia muita coisa que ele pudesse fazer. Seus sentimentos tinham adquirido vida própria. Em suma, meu avô havia se apaixonado, e passara a considerar o lençol furado como algo sagrado e mágico, pois através dele vira as coisas que haviam preenchido o buraco dentro de si, o vazio criado quando ele fora atingido no nariz por um montículo de terra e insultado pelo barqueiro Tai.

No dia em que a Grande Guerra acabou, Nasim sentiu a tão esperada dor de cabeça. Tais coincidências históricas têm pontilhado, e talvez maculado, a existência de minha família neste mundo.

Ele mal se atreveu a olhar o que o buraco do lençol emoldurava. Talvez ela fosse medonha. Talvez isso explicasse toda aquela história... Olhou. E viu um rosto suave que não era de maneira alguma feio, uma superfície

almofadada para seus olhos reluzentes, verdadeiras gemas preciosas, castanhos com partículas douradas: olhos de tigresa. A queda do dr. Aziz foi completa. E Nasim não se conteve:

— Mas, doutor, meu Deus, que *nariz!*

Ghani, furioso: — Minha filha, cuidado com...

Entretanto, paciente e médico já riam juntos, e Aziz dizia: — Realmente, realmente, é mesmo extraordinário. Dizem que aí dentro existem dinastias à espera ... — E mordeu a língua, pois estivera prestes a acrescentar: — ... Como catarro.

E Ghani, que por três longos anos se postara, cego, ao lado do lençol, sorrindo, sorrindo e sorrindo, começou mais uma vez a sorrir seu sorriso secreto, que se refletia nos lábios das lutadoras.

Entrementes, o barqueiro Tai havia tomado sua incompreensível decisão de não mais se lavar. Num vale encharcado de lagos de água doce, onde até mesmo a gente mais pobre se orgulhava de sua limpeza, Tai preferia feder. Já fazia três anos que não tomava banho nem se lavava depois de atender aos chamados da natureza. Usava as mesmas roupas, sem lavar, ano após ano; sua única concessão ao inverno consistia em vestir o chugha sobre o pijama putrescente. A cestinha de carvões quentes que ele trazia dentro do casaco, a fim de aquecê-lo no frio gelado, só servia para acentuar seus odores nauseabundos. Habitou-se a navegar lentamente diante da casa dos Aziz, lançando os hediondos cheiros de seu corpo do jardim até a casa. As flores morriam; e os pássaros fugiam da sacada diante da janela do velho Pai Aziz. Naturalmente, Tai perdeu fregueses; os ingleses, em particular, relutavam em ser transportados por uma cloaca humana. Corria pelo lago a história de que a mulher de Tai, perturbada pela repentina imundície do velho, implorou-lhe que explicasse o motivo daquilo. Ele respondera: “Vá perguntar ao nosso doutor que voltou do estrangeiro, pergunte àquele narigudo, àquele Aziz alemão”. Seria aquilo, pois, uma tentativa de ofender as hipersensíveis narinas do doutor (nas quais a coceira do perigo havia se dissipado um pouco por causa dos

ministérios anestésicos do amor)? Ou um gesto de imutabilidade em desafio à invasão da maleta de médico que viera de Heidelberg? Certa vez, sem rodeios, Aziz perguntara ao ancião o motivo de tudo aquilo; mas Tai apenas bufara em cima dele e se afastara, remando. O hálito quase derrubou Aziz; era cortante como um machado.

Em 1918, o pai do dr. Aziz, privado de seus pássaros, morreu enquanto dormia; e imediatamente sua mãe, que conseguira vender o negócio de pedras preciosas graças ao sucesso de Aziz como médico, e que agora encarava a morte do marido como uma libertação misericordiosa, para ela, de uma vida cheia de responsabilidades, recolheu-se ao próprio leito de morte e seguiu o caminho do marido antes de transcorrido o luto de quarenta dias. Quando os regimentos indianos regressaram ao fim da guerra, o dr. Aziz era órfão de pai e mãe, e um homem livre — só que seu coração havia desabado por um buraco de cerca de dezessete centímetros de diâmetro.

Um efeito desolador do comportamento de Tai: arruinou as boas relações do dr. Aziz com a população flutuante do lago. Ele, que em criança conversava com naturalidade com as peixeiras e as vendedoras de flores, percebeu que era olhado de viés. “Pergunte àquele narigudo, àquele Aziz alemão.” Tai o classificara como estrangeiro e, por conseguinte, como uma pessoa em quem não se podia confiar totalmente. Não gostavam do barqueiro, mas achavam sua transformação, evidentemente causada pelo doutor, ainda mais perturbadora. Aziz verificou que era desacreditado pelos pobres e que até o relegavam ao ostracismo; e isso o feria muito. Agora entendia a intenção de Tai: o homem tentava expulsá-lo do vale.

A história do lençol furado também vazou. Evidentemente, as lutadoras eram menos discretas do que pareciam. Aziz começou a notar que algumas pessoas apontavam para ele. Mulheres riam por trás da palma das mãos...

— Decidi conceder a vitória a Tai — disse ele. As três lutadoras, duas das quais mantinham erguido o lençol, enquanto a terceira se postava perto da porta, tentavam escutar, através do algodão que agora usavam nos

ouvidos, o que ele dizia. (“Fui eu que obriguei papai a fazer isso”, disse-lhe Nasim. “De agora em diante essas tagarelas não darão mais com a língua nos dentes.”) Os olhos de Nasim, emoldurados pelo buraco, tornaram-se ainda maiores.

... Exatamente como os dele próprio, dias antes, quando, caminhando pelas ruas da cidade, vira chegar o último ônibus antes do inverno, pintado com coloridas inscrições — na frente, SE DEUS QUISER, em verde sombreado de vermelho; atrás, um amarelo sombreado de azul proclamava GRAÇAS A DEUS!; e num marrom atrevido, ATÉ LOGO, ATÉ LOGO! —, e ele reconheceu, através da teia de novas rugas e marcas em seu rosto, Ilse Lubin descendo do veículo...

A essa altura, o fazendeiro Ghani deixava-o a sós, com as guardiãs de ouvidos tapados. — Para conversarem um pouco. A relação entre médico e paciente só pode se desenvolver num clima de total confiança. Hoje percebo isso, Aziz sahib... perdoe minhas intromissões anteriores.

A essa altura a língua de Nasim soltava-se cada vez mais. — Que conversa é essa? O que você é... um homem ou um rato? Ir embora por causa de um barqueiro fedorento!...

— Oskar morreu — disse-lhe Ilse, bebericando água de tília fresca, sentada no takht da mãe de Adam. — Como se fosse um comediante. Saiu para conversar com os soldados e lhes dizer que não servissem de joguetes. O idiota acreditava realmente que os soldados fossem abandonar as armas e ir embora. Ficamos olhando por uma janela, e eu rezava para que não passassem simplesmente por cima dele. O regimento já havia aprendido a marchar em ordem unida, você não o reconheceria. Quando ele chegou à esquina, do outro lado da área de desfile, tropeçou no cadarço do próprio sapato e caiu na rua. Um carro do Estado-Maior o atropelou e ele morreu. Ele nunca conseguiu manter os cadarços atados, aquele idiota... — Nesse ponto havia diamantes brotando nos cílios de Ilse... — Ele era o tipo de pessoa que compromete os anarquistas.

— Tudo bem — admitiu Nasim —, então você tem chances de conseguir um bom emprego. A universidade de Agra é famosa, não pense que não sei. Médico da universidade!... É, parece interessante. Diga que você vai por causa disso, e a coisa muda de figura. — Olhos baixos do outro lado do buraco. — Vou sentir sua falta, é claro...

— Estou apaixonado — disse Adam Aziz a Ilse Lubin. E mais tarde: — ... É isso, só a vi através de um buraco num lençol, uma parte de cada vez. E juro que as nádegas dela coram.

— Devem estar pondo alguma coisa no ar por aqui — disse Ilse.

— Nasim, consegui o emprego — disse Adam, agitado. — A carta chegou hoje. A partir de abril de 1919. Seu pai disse que pode conseguir comprador para minha casa e também para a loja de pedras.

— Maravilhoso — disse Nasim, fazendo biquinho. — Então, preciso arranjar outro médico. Ou então posso chamar de novo aquela megera que não sabia nada de nada.

— Como sou órfão — disse o dr. Aziz —, tive de vir eu mesmo, em lugar dos membros de minha família. Mesmo assim eu vim, Ghani sahib, pela primeira vez sem ser chamado. Esta visita não é profissional.

— Meu caro rapaz! — Ghani bateu nas costas de Adam. — É claro que você deve se casar com ela. E com um dote da melhor qualidade! Nada de poupar despesas! Será o casamento do ano, ah, que ninguém duvide disso!

— Não posso deixar você para trás quando eu for — disse Aziz a Nasim.

Ghani anunciou: — Vamos acabar com este espetáculo! Não há mais necessidade dessa bobagem de lençol! Podem abaixá-lo, mulheres, agora esses jovens estão noivos!

— Finalmente — disse Adam Aziz — vejo você por inteiro. Mas agora preciso ir. Minhas visitas... e uma velha amiga está hospedada comigo, preciso contar a ela, que vai ficar feliz por nós dois. Uma grande amiga da Alemanha.

— Não, Aadam baba — disse seu criado —, não vejo Ilse begum desde hoje de manhã. Ela pediu àquele velho Tai que a levasse para um passeio de shikara.

— O que posso dizer, senhor? — balbuciou Tai, humilde. — É realmente grande a minha honra por ser convocado à casa de tão grande personagem como o senhor. Na verdade, a senhora me pediu que a conduzisse aos Jardins Mogóis, antes que o lago congelasse. Uma senhora tranqüila, doutor sahib, não pronunciou uma única palavra o tempo todo. Por isso, eu estava pensando nas minhas próprias coisas sem importância, como pensam os velhos tolos, e de repente, quando olho, ela não está mais no assento. Juro, sahib, pela cabeça da minha mulher, não se pode ver por cima das costas do assento, como eu poderia saber? Acredite num pobre e velho barqueiro que foi seu amigo quando o senhor era jovem...

— Aadam baba — interrompeu o velho criado —, desculpe-me interromper, mas acabei de encontrar este papel sobre a mesa da senhora.

— Eu sei onde ela está. — O dr. Aziz encarou Tai. — O que não sei é como você sempre acaba se intrometendo na minha vida. Mas uma vez você me mostrou o lugar. Disse: certas mulheres estrangeiras vêm aqui para se afogar.

— Eu, sahib? — Tai consternado, fétido, inocente. — O sofrimento provoca delírios em sua cabeça! Como posso saber essas coisas?

E depois que o corpo, intumescido, preso em juncos, foi retirado por um grupo de barqueiros de rostos taciturnos, Tai visitou o cais das shikaras e disse aos homens que ali estavam e que fugiam de seu hálito de bezerro com disenteria: — Ele põe a culpa em mim, imaginem só! Traz essas européias desajuizadas para cá e diz que a culpa é minha quando elas pulam no lago!... Mas eu pergunto: como é que ele sabia exatamente onde procurar? Isso, perguntem isso a ele, perguntem àquele Aziz nakku!

Ilse havia deixado um bilhete. Dizia: “Foi sem querer”.

Não faço comentários. Esses acontecimentos, que despencaram de meus lábios, distorcidos pela pressa e pela emoção, devem ser julgados por

outras pessoas. Serei objetivo agora e direi que, durante o prolongado e penoso inverno de 1918-19, Tai ficou doente, contraiu uma violenta doença de pele, semelhante àquela praga europeia chamada escrófula; mas recusou-se a ver o dr. Aziz e foi tratado por um homeopata local. Em março, quando o lago degelou, um casamento se realizou sob um enorme toldo armado nos jardins da casa do fazendeiro Ghani. O contrato nupcial garantia a Aadam Aziz uma respeitável soma em dinheiro, que ajudaria a comprar uma casa em Agra, e o dote incluía, a pedido especial do dr. Aziz, um certo lençol mutilado. O jovem casal permaneceu sentado num estrado, coberto de guirlandas e frio, enquanto os convidados desfilavam diante dos dois, atirando-lhes rupias no colo. Naquela noite meu avô colocou o lençol furado debaixo da esposa e de si mesmo, e de manhã ele estava ornamentado com três gotas de sangue, que formavam um pequenino triângulo. De manhã o lençol foi exibido, e depois da cerimônia de consumação chegou uma limusine alugada pelo fazendeiro, a fim de conduzir meus avós a Amritsar, onde pegariam o Frontier Mail. As montanhas se acumularam ao redor e observaram meu avô deixar sua casa pela última vez. (Ele haveria de voltar um dia, para não mais sair.) Aziz julgou avistar em terra um velho barqueiro de pé, vendo-os passar — provavelmente um engano, pois Tai estava enfermo. O templo no topo do Sankara Acharya, que os muçulmanos haviam passado a chamar de Takht-e-Sulaiman, ou Cadeira de Salomão, não prestou nenhuma atenção a eles. Choupos desnudados pelo inverno e campos de açafreão recobertos de neve ondulavam em torno do casal enquanto o carro seguia para o sul, levando no porta-malas uma velha maleta de couro que continha, entre outras coisas, um estetoscópio e um lençol. O dr. Aziz sentia na boca do estômago uma sensação próxima da ausência de peso.

Ou de queda.

(... E agora apareço como fantasma. Tenho nove anos e toda a família — papai, mamãe, a Macaca de Cobre e eu — está hospedada na casa de meus avós em Agra, enquanto os netos, entre eles eu, encenam a habitual

peça de Ano-Novo. E nela deram-me o papel de fantasma. Por conseguinte — e sorratamente, de modo a preservar os segredos do drama que está para ser montado —, vasculho a casa à procura de um disfarce espectral. Meu avô está fora, visitando pacientes. Eu estou em seu quarto. E ali, em cima de um armário, há uma arca velha, coberta de poeira e teias de aranha, mas destrancada. E dentro dela está a resposta às minhas orações. Não somente um lençol, mas um lençol já com buraco! Ali está ele, no interior de uma maleta de couro, dentro da arca, bem ao lado de um velho estetoscópio e de um tubo embolorado de inalante Vick... O surgimento do lençol em nosso espetáculo foi nada menos que uma comoção. Bastou meu avô lançar um olhar sobre ele para se pôr de pé com um urro. Subiu correndo ao palco e me arrancou do meu disfarce fantasmagórico na frente de todo mundo. Os lábios de minha avó estavam tão comprimidos que pareciam ter desaparecido. Juntos, ele gritando comigo com a voz de um barqueiro esquecido, ela traduzindo sua fúria através dos lábios apagados, reduziram o fantasma aterrorador a uma ruína soluçante. Fugi correndo para o pequeno milharal, sem saber o que havia acontecido. Fiquei sentado ali — talvez no mesmo lugar em que Nadir Khan se sentara! — durante várias horas, jurando sem parar nunca mais abrir uma arca proibida, e me sentindo vagamente ressentido por ela não estar fechada a chave. Mas entendi, pela raiva deles, que por algum motivo o lençol era uma coisa muito importante, de fato.)

Fui interrompido por Padma, que me trouxe o jantar e depois o tirou de mim com uma chantagem: “Se vai passar o tempo todo estragando os olhos com essa escrevinhação, pelo menos poderia ler para mim”.

Estive, pois, como que cantando em troca do meu jantar... Mas talvez nossa Padma venha a ser útil, pois é impossível fazer com que ela deixe de ser crítica. Ficou zangada sobretudo com meus comentários acerca de seu nome: “O que é que você entende dessas coisas, menino da cidade?”, gritou, cortando o ar com a mão. “Na minha aldeia não é vergonha ter o

nome da Deusa do Excremento. Escreva logo que está enganado, completamente.”

De acordo com os desejos de minha lótus, sem delonga insiro uma breve ode ao Estrume.

Estrume, que fertiliza as plantações e as faz crescer! Estrume, amassado em bolos, quando ainda fresco e úmido, e que é vendido aos aldeões construtores, que o utilizam para prender e reforçar as paredes das casas feitas de barro! Estrume, que por se originar da extremidade posterior do gado em muito contribui para explicar sua divina e sagrada condição! Ah, sim, eu estava errado, admito que fui preconceituoso, sem dúvida porque seus lastimáveis odores tendem a me ofender o nariz sensível... Quão maravilhoso, quão inefavelmente lindo deve ser portar o nome da Fornecedora de Excremento!

... Em 6 de abril de 1919, a cidade santa de Amritsar cheirava (gloriosamente, Padma, celestialmente!) a esterco. E talvez o bafio (belíssimo!) não ofendesse o Nariz no rosto de meu avô — afinal de contas, todos os camponeses da Caxemira o empregavam, como descrito acima, à guisa de argamassa. Mesmo em Srinagar, não eram raros os ambulantes com caixotes de redondos bolos de excremento. Nesse caso, entretanto, a coisa estava seca, emudecida, útil. Contudo, o excremento de Amritsar era fresco e (pior) abundante. Tampouco ele era todo bovino. Brotava dos traseiros dos cavalos entre os varais das muitas tongas, ikkas e gharris da cidade; e mulas, homens e cães atendiam aos chamados da natureza, enturmando-se numa fraternidade de bosta. Mas também havia vacas: animais sagrados que vagueavam pelas ruas poeirentas, cada qual patrulhando seu próprio território, espalhando marcos em forma de excremento. E moscas! O Inimigo Público Número Um, zumbindo alegremente de um a outro monte exalante, celebrava e entrepolinizava essas oferendas gratuitas. Também a cidade formigava de gente, refletindo o movimento das moscas. O dr. Aziz contemplou essa cena da janela de seu hotel no momento em que um jainista passava com uma máscara,

limpando o passeio diante dele com uma vassoura de fibra, para evitar pisar numa formiga ou mesmo numa mosca. De um carrinho subia uma fumaça doce e olorosa. “Pakorás quentes, pakorás quentes!” Uma mulher branca comprava sedas numa loja do outro lado da rua, e homens de turbantes devoravam-na com os olhos. Nasim — agora Nasim Aziz — estava com uma forte dor de cabeça. Era a primeira vez que ela repetia uma doença, mas a vida fora do calmo vale tinha sido um choque para ela. Havia um jarro de água de tília, ao lado de sua cama, esvaziando-se rapidamente. Aziz achava-se de pé à janela, inalando a cidade. A flecha do Templo Dourado cintilava ao sol. Entretanto, seu nariz coçava: alguma coisa não estava bem.

Um close-up da mão direita de meu avô: unhas, nós e dedos um tanto maiores do que seria de esperar. Touceiras de pêlos vermelhos no dorso dos dedos. Polegar e indicador muito juntos, separados apenas pela espessura de um papel. Em resumo: meu avô segurava um folheto. Havia sido colocado em sua mão (cortamos para um plano geral — ninguém nascido em Bombaim pode deixar de dominar um vocabulário básico de cinema) no momento em que ele entrou no saguão do hotel. Pés rápidos de moleque pela porta giratória, folhetos caindo atrás dele enquanto o chaprassi o persegue. Giros loucos na porta, transformada em carrossel; até que também a mão do chaprassi pede um close-up, pois ele está apertando o polegar contra o indicador, separados apenas pela espessura de uma orelha de moleque. Expulsão do jovem propagador de literatura de sarjeta; mesmo assim, meu avô reteve a mensagem. Agora, olhando por sua janela, ele a vê repetida numa parede em frente: mais além, no minarete de uma mesquita; e nas letras garrafais de um jornal sob o braço de um jornaleiro. Folheto, jornal, mesquita e parede proclamam: *Hartal!* O que significa, literalmente, um dia de luto, de imobilidade, de silêncio. Mas essa é a Índia no apogeu do Mahatma, quando até o idioma obedece às instruções de Gandhiji e a palavra adquiriu, sob sua influência, novas ressonâncias. *Hartal* — 7 de abril, concordam mesquita, jornal, parede e folheto, pois

Gandhi decretou que toda a Índia deverá parar nesse dia. Para protestar, sem violência, contra a permanência dos ingleses.

— Não entendo esse hartal, se ninguém morreu — choraminga Nasim.  
— Por que os trens não funcionam? Por quanto tempo tudo vai ficar parado?

O dr. Aziz nota um rapaz de porte marcial na rua e pensa: os indianos lutaram ao lado dos ingleses; assim, muitos deles já viram o mundo e foram corrompidos pelo estrangeiro. Não hão de voltar com facilidade para o velho mundo. Os ingleses cometem um erro ao tentar fazer o relógio voltar para trás. — Foi um erro a aprovação da Lei Rowlatt — murmura.

— Que rowlatt? — lamenta-se Nasim. — Para mim, isso é uma bobagem.

— Contra a agitação política — explica Aziz, retornando a seus pensamentos. Tai dissera uma vez: “Os caxemirenses são diferentes. Covardes, por exemplo. Ponha uma arma na mão de um caxemirense, e ela terá de disparar sozinha... ele nunca se atreverá a puxar o gatilho. Nós não somos como os indianos, que estão sempre travando batalhas”. Aziz, com Tai na cabeça, não se sente indiano. Afinal de contas, Caxemira, a rigor, não é parte do Império, e sim um principado independente. Não tem certeza de que o hartal do folheto, da mesquita, da parede e do jornal seja uma luta sua, mesmo que agora ele se encontre em território ocupado. Afasta-se da janela.

... E vê Nasim chorando com a cabeça enfiada num travesseiro. Ela vem chorando desde que ele lhe pediu, na segunda noite, para se mexer um pouco.

— Mexer o quê? — perguntou ela. — Mexer como?

Aziz ficou sem graça e respondeu: — Só mexer, quer dizer, como uma mulher...

Ela soltou um grito de horror: — Meu Deus, com quem foi que me casei? Eu sei como vocês, homens que voltam da Europa, são. Conhecem mulheres terríveis por lá e depois tentam fazer com que nós, moças da

Índia, sejamos iguais a elas! Ouça, doutor sahib, marido ou não marido, eu não sou uma dessas... mulheres você sabe o quê.

Essa foi uma batalha que meu avô jamais venceu; e ela deu o tom do casamento, que logo se transformou no teatro de uma guerra freqüente e devastadora, cujas depredações rapidamente transformaram a jovem atrás do lençol e o desajeitado e jovem médico em seres diferentes e estranhos...

— O que é agora, mulher? — pergunta Aziz.

Nasim enterra o rosto no travesseiro. — O que pode ser? — responde ela com voz entrecortada. — Você! Você quer que eu ande nua na frente de homens estranhos. — (Ele lhe pedira que deixasse de usar o purdah.)

— Sua blusa a cobre do pescoço até o pulso e os joelhos. Seus pijamas a cobrem até embaixo, inclusive os tornozelos — diz ele. — O que sobra são os pés e o rosto. Mulher, seu rosto e seus pés são obscenos?

Mas ela choraminga: — Eles vão ver mais do que isso! Vão ver minha vergonha profunda!

E agora um acidente, que nos lança ao mundo do mercurocromo... Perdendo a paciência, Aziz tira da mala todos os véus de sua mulher, joga-os num cesto de lixo no qual está estampado um retrato do Guru Nanak e põe fogo neles. As chamas crescem, pegando-o de surpresa, lambendo as cortinas. Aadam corre para a porta e grita por socorro, enquanto as cortinas baratas começam a arder... e criados, hóspedes e lavadeiras entram no quarto e batem no tecido em fogo com panos de limpeza e roupas sujas de outras pessoas. Trazem baldes; o fogo se apaga; e Nasim se encolhe na cama enquanto cerca de trinta e cinco sikhs, hindus e intocáveis se apinham no aposento cheio de fumaça. Por fim, vão-se embora, e Nasim despeja duas frases antes de selar os lábios obstinadamente.

— Você é um louco. Quero mais água de tília.

Meu avô abre as janelas e volta-se para a esposa. — A fumaça vai demorar um pouco para sair. Vou dar um passeio. Quer vir comigo?

Lábios cerrados, olhos apertados; um único Não violento, com a cabeça; e meu avô sai para as ruas sozinho. Sua observação ao se despedir: —

Esqueça esse negócio de ser uma boa moça de Caxemira. Comece a pensar em ser uma mulher indiana moderna.

... Enquanto isso, na área de Acantonamento, no quartel-general do Exército britânico, um certo general-de-brigada, R. E. Dyer, passa cera nos bigodes.

É 7 de abril de 1919, e em Amritsar o grandioso plano do Mahatma está sendo distorcido. As lojas fecharam; a estação ferroviária está parada; mas multidões enfurecidas estão a depredá-las. Com sua maleta de couro, o dr. Aziz está nas ruas, ajudando no que pode. Corpos pisoteados foram deixados onde caíram. Ele está fazendo curativos nas feridas, cobrindo-as generosamente com mercurocromo, o que as faz parecer ainda mais sangrentas, mas ao menos as desinfeta. Por fim volta a seu quarto de hotel, com as roupas empapadas de manchas vermelhas, e Nasim entra em pânico.

— Deixe-me ajudar, deixe-me ajudar. Alá, com que homem eu me casei, um homem que entra em becos para brigar com terroristas! — Ela passa água por todo o corpo dele, com chumaços de algodão. — Eu não entendo, por que você não pode ser um médico respeitável como todos os outros e só tratar de doenças importantes? Ah, meu Deus, você está todo coberto de sangue! Sente-se, agora sente-se, pelo menos deixe-me limpá-lo!

— Não é sangue, mulher.

— Pensa que não sei enxergar com meus próprios olhos? Por que precisa me enganar, mesmo quando está machucado? Será que sua mulher não pode nem cuidar de você?

— Isso é mercurocromo, Nasim. Remédio vermelho.

Nasim — que se transformara num turbilhão de atividades, pegando roupas, abrindo torneiras — congela. — Você faz isso de propósito — diz —, para que eu pareça idiota. Não sou nada disso. Já li vários livros.

\* \* \*

É 13 de abril, e eles ainda estão em Amritsar. — Esse negócio não terminou — Adam Aziz disse a Nasim. — Não podemos ir embora; talvez

voltem a precisar de médicos.

— E por isso temos de ficar aqui, esperando até o fim do mundo?

Aziz esfregou o nariz. — Não, não será por tanto tempo, acho.

Naquela tarde, as ruas enchem-se subitamente de gente, todos se movendo na mesma direção, desafiando as novas regulamentações da Lei Marcial de Dyer. Aadam diz a Nasim: — Devem ter marcado um comício... e vai haver problemas com os militares. Eles proibiram reuniões.

— Por que você tem de ir? Por que não espera que o chamem?

... Um *compound* pode ser qualquer coisa, de um deserto a um parque. Em Amritsar, o maior deles chama-se Jallianwala Bagh. Não tem grama. Pedras, latas e vidros ocupam toda a área. Para entrar ali é preciso seguir por uma ruela estreitíssima entre dois prédios. Em 13 de abril, muitos milhares de indianos se acotovelam nessa passagem. “É um protesto pacífico”, diz alguém ao dr. Aziz. Carregado pelas multidões, ele chega até a entrada da ruela. Na mão direita, uma maleta de Heidelberg. (Não há necessidade de close-up.) Ele sente, eu sei, um medo enorme, pois seu nariz coça mais do que nunca; mas é um médico experiente, esquece do medo, entra no *compound*. Alguém está fazendo um discurso inflamado. No meio da multidão transitam vendedores, oferecendo channa e doces. O ar está cheio de poeira. Parece não haver goondas nem desordeiros por ali, até onde meu avô enxerga. Vários sikhs estenderam um pano no chão e estão comendo, sentados ao redor dele. Persiste no ar um cheiro de estreme. Aziz avança pela multidão, enquanto o general R. E. Dyer chega à entrada da ruela, seguido de cinquenta soldados de elite. Ele é o Executor da Lei Marcial em Amritsar — um homem importante, afinal de contas; as pontas enceradas de seu bigode estão empinadas de importância. Enquanto os cinquenta e um homens seguem pelo beco, um formigamento substitui a coceira no nariz de meu avô. Os cinquenta e um homens penetram no cercado e tomam posição, vinte e cinco à direita de Dyer e vinte e cinco à esquerda; e Aadam Aziz deixa de se concentrar no que ocorre à sua volta, enquanto o formigamento ganha uma intensidade

insuportável. No instante em que o general Dyer dá uma ordem, o espirro atinge meu avô no rosto com toda a força. “Aaaaaatchimmm!”, ele espirra e cai para a frente, perdendo o equilíbrio, seguindo seu nariz e com isso salvando a própria vida. Sua “valise de médico” abre; vidros, unguentos e seringas espalham-se na poeira. Ele engatinha furiosamente por entre os pés das pessoas, tentando salvar o equipamento antes que o esmaguem. Há um barulho como o de dentes batendo de frio e alguém cai em cima dele. Uma coisa vermelha mancha sua camisa. Agora há gritos e soluços, enquanto o estranho tiritar prossegue. Mais e mais pessoas parecem ter tropeçado e caído sobre meu avô. Ele fica com medo do que poderá acontecer à sua espinha. A fivela da maleta lhe machuca o peito, infligindo-lhe uma contusão tão séria e misteriosa que não desaparecerá senão depois de sua morte, anos depois, na colina do Sankara Acharya ou Takht-e-Sulaiman. Seu nariz é esmagado contra um vidro de pílulas vermelhas. O matraquear pára e é substituído por ruídos de pessoas e aves. Parece não haver absolutamente nenhum barulho de tráfego. Os cinqüenta homens do general Dyer recolhem suas metralhadoras e vão embora. Dispararam um total de mil seiscentos e cinqüenta tiros contra a multidão desarmada. Desses, mil quinhentos e dezesseis atingiram o alvo, matando ou ferindo pessoas.

— Boa pontaria — diz Dyer a seus homens. — Fizeram um belo trabalho.

Quando meu avô chegou em casa naquela noite, minha avó estava tentando arduamente ser uma mulher moderna, para agradar a ele, e por isso não mexeu um dedo ao vê-lo. — Pelo que vejo, você andou derramando mercurocromo outra vez, seu desajeitado — disse ela, apaziguadora.

— Isto é sangue — respondeu ele, e minha avó desmaiou. Quando ele a fez voltar a si, com a ajuda de um pouco de sal volátil, ela perguntou: — Está machucado?

— Não — ele disse.

— Mas *onde* você *esteve*, meu *Deus*?

— Em nenhum lugar deste mundo — respondeu ele, e começou a tremer nos braços de minha avó.

\* \* \*

Minha própria mão, admito, começou a vacilar. Não apenas por causa do tema sobre o qual ela escreve, mas porque notei um risco, como um fio de cabelo, aparecendo em meu pulso, debaixo da pele... Não importa. Todos nós devemos à morte uma vida. Por isso, permitam-me concluir com a informação, não corroborada, de que o barqueiro Tai, tendo se recuperado da infecção escrofulosa logo depois que meu avô deixou Caxemira, só veio a morrer em 1947, quando (ao que dizem) ficou furioso com a briga entre Índia e Paquistão pelo seu vale, e caminhou até Chhamb com a finalidade expressa de se colocar entre as forças antagônicas e lhes dizer o que pensava. A Caxemira para os caxemirenses — essa era sua posição. Naturalmente, fuzilaram-no. Oskar Lubin provavelmente aprovaria esse gesto retórico; R. E. Dyer teria elogiado a pontaria de seus assassinos.

Tenho de me recolher. Padma está esperando; e eu preciso de um pouco de calor.

# O jogo da escarradeira

Acreditem, por favor: estou caindo aos pedaços.

Não falo de forma metafórica; tampouco isto é o intróito de um apelo — melodramático, misterioso e canhestro — por piedade. O que quero dizer, com toda a simplicidade, é que comecei a rachar, de cima a baixo, como uma jarra velha — que meu pobre corpo, esquisito, pouco atraente, fustigado por um excesso de história, submetido a drenagens em cima e embaixo, mutilado por portas, esfacelado por escarradeiras, começou a se desfazer nas costuras. Em suma, estou literalmente me desintegrando, devagar por ora, ainda que haja sinais de aceleração. Peço-lhes que aceitem (como eu aceitei) que por fim terei de desmoronar em (aproximadamente) seiscentos e trinta milhões de partículas de poeira anônima e necessariamente esquecida. Eis por que decidi registrar no papel, antes que eu esqueça. (Somos uma nação de pessoas esquecidas.)

Há momentos de terror, mas que somem. Como uma fera marinha borbulhante, o pânico sobe em busca de ar, agita-se na superfície, mas termina por voltar às profundezas. É importante para mim manter a calma. Masco bétele e cuspo na direção de um vaso metálico barato, praticando o antigo jogo que consiste em acertar na escarradeira: o jogo de Nadir Khan, que aprendemos com os anciãos em Agra... Mas hoje em dia pode-se comprar “foguetes de bétele” nos quais, além da pasta de bétele, que avermelha as gengivas, tem-se o consolo da cocaína, dobrado numa folha. Mas isso seria fraude.

... Das minhas folhas de papel vem o odor inconfundível de chutney. Vou deixar de ser obscuro: eu, Salim Sinai, possuidor do mais delicado e

sensível órgão olfativo da história, dediquei meus últimos dias à preparação de condimentos em grande escala. Agora, porém, vocês exclamam, horrorizados: “Um cozinheiro? Apenas um khansama? Como é possível?”. E eu admito que esse domínio concomitante dos dons da culinária e da linguagem é, realmente, raro. No entanto, eu o possuo. Vocês estão aturdidos; mas, afinal, não sou, entendam, um bicho de cozinha qualquer de duzentas rupias por mês, mas meu próprio patrão, e trabalho sob as piscadelas verdes e açafão da minha deusa pessoal de neon. E meus chutneys e kasaundies estão, afinal de contas, relacionados às minhas escrevinhações noturnas — de dia, entre as cubas de pickles, e à noite, nestas laudas, devoto meu tempo ao grande trabalho de conservação. A memória, assim como as frutas, está sendo salva da corrupção dos relógios.

Mas aqui está Padma, junto a mim, me empurrando para o mundo da narrativa linear, para o universo do-que-aconteceu-depois: — Nesse ritmo — queixa-se Padma —, você vai levar duzentos anos antes de começar a falar do seu nascimento.

Ela está simulando indiferença, jogando um quadril faceiro mais ou menos em minha direção, mas não me engana. Sei agora que, apesar de todas as suas reclamações, ela está fisgada. Não resta dúvida: minha história a pegou pela garganta, e por isso de uma hora para outra ela parou de me mandar para casa, tomar mais banhos, trocar minhas roupas manchadas de vinagre, abandonar ao menos por um instante essa penumbrosa fábrica de conservas, onde os cheiros das especiarias espumam eternamente no ar... Agora minha deusa do excremento simplesmente arruma um catre no canto deste escritório e prepara minha comida sobre duas bocas de gás enegrecidas, só interrompendo minha literatura para censurar:

— Ou você anda logo ou vai morrer antes de nascer.

Reprimindo o natural orgulho do contador de histórias bem-sucedido, tento educá-la: — As coisas, e até as pessoas, tendem a se escoar umas pelas outras — explico —, como nos temperos, quando você cozinha. O suicídio de Ilse Lubin, por exemplo, vazou para dentro do velho Aadam e ali ficou,

numa poça, até ele ver Deus. Da mesma forma — anuncio, veemente — o passado penetrou em mim, aos poucos... de modo que não posso ignorá-lo...

Ela dá de ombros, o que provoca agradáveis movimentos ondulantes em seu peito, e me interrompe: — Para mim, isso é um jeito maluco de contar a história da sua vida — exclama —, pois você não consegue nem chegar ao ponto em que seu pai conheceu sua mãe.

... E decerto Padma está vazando para dentro de mim. À medida que a história se derrama de meu corpo fissurado, minha lótus goteja serenamente para o meu interior, com sua simplicidade pé no chão e sua paradoxal superstição, seu contraditório amor pelo fabuloso — de modo que é bastante apropriado que eu esteja para narrar a morte de Mian Abdullah. O Colibri condenado: uma lenda do nosso tempo.

... E Padma é uma mulher generosa, pois tem estado a meu lado nesses últimos dias, embora eu não possa fazer muito por ela. Isso mesmo — e eis outra coisa que deve ser dita antes que eu me empenhe na história de Nadir Khan: não sou viril. Apesar dos muitos e variados talentos e esforços de Padma, não sou capaz de vazar para dentro dela, nem mesmo quando ela põe o pé esquerdo sobre meu pé direito, passa a perna direita em torno de minha cintura, inclina a cabeça na direção da minha e faz barulhinhos arrulhantes; nem mesmo quando sussurra em meu ouvido: — Agora que a escrevinhação acabou, vamos ver se podemos fazer seu outro lápis funcionar! — Apesar de todas as coisas que ela tenta, não consigo atingir a escarradeira dela.

Basta de confissões. Curvando-me às inelutáveis pressões de Padma no sentido de saber logo o que aconteceu depois, e lembrando o tempo finito à minha disposição, salto do mercurocromo e aterrizo em 1942. (Também estou ansioso para unir meus pais.)

Ao que parece, no final do verão daquele ano, meu avô, o dr. Adam Aziz, contraiu um tipo altamente perigoso de otimismo. Pedalando por Agra, ele assobiava com estridência, de maneira infame, mas felicíssimo.

Não estava de modo algum solitário, uma vez que, apesar dos esforços extenuantes das autoridades para erradicá-la, essa doença virulenta se espalhou por toda a Índia naquele ano, e medidas drásticas ainda seriam tomadas antes que ela fosse controlada. Os velhos da loja de bétel no extremo da Cornwallis Road mascaravam bétel e desconfiavam de uma armadilha.

— Já vivi o dobro do que devia ter vivido — disse o mais velho, com a voz estalando como um rádio antigo, pois as décadas esfregavam-se umas nas outras em torno de suas cordas vocais — e nunca vi tanta gente feliz em tempos tão ruins. Isso é obra do demônio.

Com efeito, tratava-se de um vírus resistente; o clima, por si só, deveria desestimular o desenvolvimento daqueles germes, pois havia ficado claro que não choveria. A terra estava rachando. A poeira devorava a beira das estradas, e em certos dias imensas fissuras escancaravam-se no meio de cruzamentos revestidos de macadame. Na loja, os mascaradores de bétel haviam começado a falar em augúrios; acalmando-se com seu jogo de acertar na escarradeira, especulavam a respeito das inúmeras e inominadas coisas desconhecidas que agora poderiam emergir da terra fendida. Ao que parece, um sikh da loja de consertos de bicicletas tivera o turbante arrancado da cabeça no calor de uma tarde, quando seus cabelos, sem motivo algum, haviam ficado em pé de repente. E, mais prosaicamente, a escassez de água chegara a tal ponto que os leiteiros não conseguiam mais achar água limpa com que adulterar o leite... Longe dali, travava-se mais uma guerra mundial. Em Agra, o calor aumentava. Ainda assim, meu avô continuava a assobiar. Os velhos da loja de bétel achavam seu assobio de mau gosto, dadas as circunstâncias.

(E eu, tal como eles, expectoro e me coloco acima das fissuras.)

Encarapitado na bicicleta, com a maleta de couro presa ao porta-bagagem, meu avô assobiava. Apesar das irritações no nariz, seus lábios se contraíam. Apesar de um ferimento no peito, que se recusava a cicatrizar havia vinte e três anos, seu bom humor mantinha-se inabalável.

O ar passava por seus lábios e transmudava-se em som. Ele assobiava uma velha melodia alemã: “Tannenbaum”.

A epidemia de otimismo havia sido causada por um único ser humano, cujo nome, Mian Abdullah, só era usado por jornalistas. Para todos os demais ele era o Colibri, uma criatura impossível, se não existisse. “Mágico transformado em encantador”, escreviam os jornalistas, “Mian Abdullah saiu do famoso gueto dos mágicos em Délhi para se transformar na esperança das centenas de milhões de muçulmanos da Índia.” O Colibri era o fundador, presidente, unificador e espírito tutelar da Convocação do Islã Livre; e em 1942 grandes barracas e palanques estavam sendo erguidos na praça de Agra, onde se realizaria a segunda assembléia anual da Convocação. Meu avô, com cinquenta e dois anos e cabelos embranquecidos devido à idade e a outras tribulações, começara a assobiar ao passar pela praça. Agora dobrava esquinas na bicicleta, num ângulo bastante inclinado, avançando entre caminhos de vacas e crianças... Em outro momento e lugar, disse à sua amiga, a Rani de Cuch Nahin:

— Comecei como um caxemirense, pouco muçulmano. Depois sofri um ferimento no peito que me transformou num indiano. Ainda não sou inteiramente muçulmano, mas apóio Abdullah de coração. Ele está travando a minha luta.

Seus olhos ainda tinham o azul do céu de Caxemira... Chegou em casa, e embora os olhos conservassem uma cintilação de alegria, parou de assobiar; pois à sua espera, no quintal cheio de gansos de maus bofes, estavam os traços desaprovadores de minha avó, Nasim Aziz, uma pessoa que, erroneamente, ele havia amado em fragmentos e que se encontrava agora unificada e transmudada na impressionante figura que sempre haveria de ser, e que sempre fora, conhecida pelo título curioso de Reverenda Mãe.

Ela se tornara uma mulher grandalhona, prematuramente envelhecida, com duas enormes papilas proeminentes no rosto; e vivia no interior de uma fortaleza invisível que ela própria criara, uma cidadela encouraçada

de tradições e certezas. No começo daquele ano, Aadam Aziz tinha encomendado fotografias da família, em tamanho natural, que seriam penduradas na parede da sala de estar; as três moças e os dois rapazes haviam posado direito, mas quando chegara a sua vez, a Reverenda Mãe se rebelara. No fim, o fotógrafo tentara pegá-la desprevenida, porém ela agarrara a máquina e a despedaçara em seu crânio. Felizmente, ele sobreviveu; mas não existe absolutamente nenhuma fotografia de minha avó no mundo. Ela não se deixaria aprisionar pelo caixotinho preto. Já lhe bastava ter de viver uma vida de vergonha, com o rosto nu, sem véu — estava fora de cogitação deixar que o fato fosse registrado.

Talvez fosse a obrigação da nudez facial, aliada aos constantes pedidos de Aziz para que ela se mexesse debaixo dele, que a havia impelido às barricadas; e as normas domésticas que ela estabelecera constituíam um sistema de autodefesa tão inexpugnável que Aziz, depois de muitas tentativas infrutíferas, havia mais ou menos desistido de tentar tomar de assalto seus muitos revelins e bastiões, permitindo que ela, como uma enorme aranha enfatuada, governasse o domínio que escolhera. (Talvez não se tratasse, afinal, de um sistema de autodefesa, e sim de um meio de defesa contra si mesma.)

Entre as coisas das quais ela se recusava a tomar conhecimento contavam-se todos os assuntos de ordem política. Quando o dr. Aziz desejava conversar sobre essas coisas, visitava sua amiga Rani, e a Reverenda Mãe emburrava; mas não muito, pois sabia que essas visitas representavam uma vitória para ela.

Os núcleos geminados de seu reino eram a cozinha e a despensa. Nunca entrei na primeira, porém lembro de ter fitado, através das portas teladas da despensa, sempre trancadas, o enigmático mundo que existia ali dentro, um mundo composto de cestas de arame penduradas, cobertas de panos de linho para manter afastadas as moscas, de latas que eu sabia estar cheias de gur e outros doces, de caixas fechadas identificadas por etiquetas quadradas, de nozes, nabos e sacos de cereais, de ovos de gansa e vassouras

de madeira. A despensa e a cozinha eram os territórios inalienáveis de minha avó, e ela os defendia ferozmente. Na época em que estava esperando a última filha, minha tia Esmeralda, o marido ofereceu-se para aliviá-la da tarefa de supervisionar o cozinheiro. Vovó não respondeu; mas no dia seguinte, quando Aziz se aproximou da cozinha, ela saiu de lá de dentro com uma panela de metal na mão e barrou a porta. Como era gorda, e além disso estava grávida, não sobrava muito espaço para ele passar. Aadam Aziz franziu a testa.

— O que é isso, mulher?

Ao que minha avó respondeu: — Isso, como quechama, é uma panela bem pesada; e se eu pego você aqui uma vez que seja, como quechama, enfio sua cabeça dentro dela e faço, como quechama, uma korma com um pouco de dahi.

Não sei como foi que minha avó veio a adotar a expressão “como quechama” como bordão, mas com o decorrer dos anos ela passou a ocupar cada vez mais espaço em suas frases. Gosto de imaginar que fosse um pedido inconsciente de ajuda... Uma pergunta séria. A Reverenda Mãe dava-nos um sinal de que, apesar de toda a sua presença e volume, ela vagava solta no universo. Ela não sabia, entendam, como as coisas se chamavam.

... E à mesa de jantar, ela continuava a dominar imperiosamente. Nenhum alimento era colocado sobre a mesa, nela não se arrumavam travessas. Os pratos e as louças eram dispostos sobre uma mesinha baixa do lado direito de minha avó, ao alcance de sua mão, e Aziz e as crianças comiam o que ela lhes servisse. Indício da força desse costume era o fato de que, mesmo quando o marido se sentia acometido de prisão de ventre, ela jamais lhe permitia escolher a comida, não dando ouvidos a pedidos ou conselhos. Uma fortaleza não pode sair do lugar. Nem mesmo quando os movimentos de seus dependentes se tornam irregulares.

Durante o longo período de ocultação de Nadir Khan, durante as visitas que faziam à casa da Cornwallis Road o jovem Zulfikar, que se apaixonou

por Esmeralda, ou o próspero comerciante de oleados chamado Ahmed Sinai, que magoou minha tia Alia tão profundamente que por vinte e cinco anos ela guardou ressentimento, antes de despejá-lo de forma cruel sobre minha mãe, o controle férreo que a Reverenda Mãe exercia sobre sua casa jamais falhou. Mesmo antes que a chegada de Nadir precipitasse o grande silêncio, Adam Aziz tentara quebrar esse controle, e foi obrigado a declarar guerra contra a mulher. (Tudo isso ajuda a demonstrar quão extraordinária foi, na verdade, sua crise de otimismo.)

... Em 1932, dez anos antes, ele havia assumido o controle da educação dos filhos. A Reverenda Mãe sentiu-se contrafeita; mas isso era obrigação tradicional do pai, de modo que ela não fez objeção. Alia estava com onze anos; Mumtaz, a segunda filha, com quase nove. Os dois meninos, Hanif e Mustafá, tinham oito e seis anos, e a pequena Esmeralda ainda não completara cinco. A Reverenda Mãe passou a transmitir seus temores ao cozinheiro da família, Daoud.

— Ele está enchendo a cabeça das crianças não sei com que línguas estrangeiras, comoquechama, e com outras bobagens também, é claro. — Daoud continuou a mexer nas panelas, e a Reverenda Mãe exclamou: — Sabia que a pequenininha, comoquechama, diz que o nome dela é Esmeralda? Assim mesmo, em língua de estrangeiro, comoquechama? Esse homem vai estragar os meus filhos. Ponha aí menos cominho, comoquechama, você devia prestar mais atenção às panelas e se meter menos na vida dos outros.

Só fez uma estipulação de natureza educacional: instrução religiosa. Ao contrário de Aziz, dilacerado pela ambigüidade, ela sempre permanecera devota. — Você tem esse seu Colibri — disse-lhe —, mas eu, comoquechama, tenho a voz de Deus. Um barulho muito melhor, comoquechama, do que a falação desse homem.

Esse foi um de seus raros comentários políticos... e então chegou o dia em que Aziz dispensou o preceptor religioso. Polegar e indicador se comprimiram contra a orelha do mauvi. Nasim Aziz viu o marido

carregando o pobre coitado de barbicha em direção à porta do muro do jardim; perdeu o fôlego; e depois soltou um grito quando o pé do marido foi aplicado às partes mais carnudas do santo homem. Dardejando raios, a Reverenda Mãe atirou-se ao combate.

— Homem sem dignidade! — gritou para o marido. — Homem sem, comoquechama, *vergonha*!

As crianças olhavam, protegidas na segurança da varanda dos fundos. E Aziz: — Sabe o que aquele homem estava ensinando a seus filhos?

E a Reverenda Mãe jogando pergunta após pergunta: — O que você não há de fazer para trazer desgraça, comoquechama, sobre nossas cabeças?

Mas Aziz aparteou: — Pensa que era escrita Nastaliq, hein?

Ao que a mulher respondeu, enfurecida: — Você seria capaz de comer carne de porco? Comoquechama? Seria capaz de cuspir no Corão?

E, erguendo a voz, o contragolpe do médico: — Ou seriam alguns versos de “A Vaca”? Pensa que era isso?

Sem prestar atenção, a Reverenda Mãe chega a seu clímax: — Você seria capaz de casar suas filhas com alemães!? — E faz uma pausa, sem fôlego, permitindo a meu avô revelar:

— Ele estava ensinando as crianças a odiar, mulher. Ensina as crianças a odiar os hindus, os budistas, os jainistas, os sikhs e todos os outros vegetarianos. Quer ter filhos cheios de ódio, mulher?

— E você quer filhos sem Deus? — A Reverenda Mãe imagina as legiões do Arcanjo Gabriel descendo à noite para levar sua prole pagã para o inferno. Tem imagens bem claras de como é o inferno. É quente como Rajputana em junho e todo mundo ali é obrigado a aprender sete línguas estrangeiras... — Uma coisa eu juro, comoquechama — gritou minha avó. — Juro que da minha cozinha não sai um naco de comida para a sua boca! Não, nem mesmo um chapati, até você trazer de volta o mauvi sahib e beijar os, comoquechama, pés dele!

A guerra de fome que teve início naquele dia esteve bem perto de se transformar num duelo de vida ou morte. Cumprindo sua palavra, a Reverenda Mãe passou a não dar ao marido, à hora das refeições, nem mesmo um prato vazio. O dr. Aziz começou a se vingar recusando-se a comer na rua. Dia após dia os cinco filhos viam o pai desaparecer, enquanto a mãe, carrancuda, guardava a comida.

— O senhor será capaz de desaparecer completamente? — perguntou Esmeralda, solícita. — Mas não faça isso se não souber voltar de novo.

O rosto de Aziz adquiriu crateras: até seu nariz parecia estar afinando. Seu corpo se transformara num campo de batalha, e a cada dia um pedaço dele sumia. Disse a Alia, sua filha mais velha e a mais sabida: — Em qualquer guerra, o campo de batalha sofre devastação maior que qualquer um dos dois exércitos. Isso é natural. — Começou a utilizar jinriquixás quando visitava os doentes. Hamdard, o homem do jinriquixá, ficou preocupado com ele.

A Rani de Cuch Nahin mandou emissários para argumentar com a Reverenda Mãe. — Já não existem famintos o suficiente na Índia? — perguntaram os emissários a Nasim, e ela disparou seu olhar de basilisco, que já estava virando lenda. Com as mãos postas no regaço e um dupatta muçulmano enrolado na cabeça, ela fuzilou os visitantes com olhos sem pálpebra e intimidadores. Suas vozes petrificaram-se; seus corações gelaram; e sozinha na sala com homens estranhos, minha avó sentou-se, triunfante, cercada por olhos baixos.

— Já disseram tudo, comoquechama? — atacou ela. — Talvez, sim. Mas talvez não.

A verdade, entretanto, é que Nasim Aziz estava ansiosíssima. Embora a morte de Aziz, por fome, seria uma clara demonstração da superioridade de sua visão de mundo sobre a dele, ela não estava disposta a enviuar por mera questão de princípios; no entanto, não via meio de sair dessa situação sem voltar atrás e torcer o rosto. Ademais, tendo aprendido a mostrar o rosto, minha avó relutava muito em alterá-lo.

— Por que não fica doente? — Foi Alia, a menina sabida, quem achou a solução. A Reverenda Mãe fez uma retirada tática, anunciou uma dor, verdadeiramente insuportável, e recolheu-se ao leito. Em sua ausência, Alia ofereceu o ramo de oliveira ao pai, na forma de um prato de canja de galinha. Dois dias depois, a Reverenda Mãe levantou-se (depois de se recusar, pela primeira vez na vida, a ser examinada pelo marido), reassumiu seus poderes e, aquiescendo à decisão da filha com um gesto de ombros, passou a comida a Aziz como se nada tivesse acontecido.

Isso acontecera dez anos antes; no entanto, em 1942, a passagem do doutor assobiador ainda provoca nos velhos da loja de bétele recordações divertidas da época em que sua esposa quase o obrigara a realizar o truque do desaparecimento, muito embora ele não soubesse como haveria de voltar. Tarde da noite eles ainda se cutucam: “Lembra-se daquela vez em que...”, “Seco como um esqueleto no varal! Ele nem conseguia andar de bicicleta...” ou “Sabe, baba, aquela mulher era capaz de coisas terríveis. Ouvi dizer que ela até sonhava os mesmos sonhos das filhas, só para saber o que elas queriam fazer!” Mas quando a noite cai, cessam os cutucões, pois chegou a hora do concurso. Ritmicamente, em silêncio, suas bocas se movem; depois, de repente, há uma compressão de lábios, mas o que deles sai não é um som produzido pelo ar. Não é um assobio, e sim um longo jato vermelho de suco de bétele, que passa por lábios decrépitos e voa com precisão infalível na direção de uma velha escarradeira de latão. Seguem-se tapas nas coxas e exclamações vaidosas. “Sim, senhor! Sim, senhor” e “Pontaria perfeita!”... Em torno dos anciãos, a cidade se entrega a diversões vespertinas aleatórias. Crianças brincam com argolas e jogam kabaddi, desenham barbas em cartazes de Mian Abdullah. E então os velhos colocam a escarradeira na rua, cada vez mais distante do lugar onde se acham acorados, e disparam contra ela jatos cada vez mais longos. Ainda assim o líquido voa certo. “Ah, bom demais, yara!” Os moleques da rua brincam de se esquivar entre os fluxos vermelhos, superpondo essa correria à séria arte de cuspir na escarradeira... Mas ali vem uma viatura do Estado-

Maior espalhando os moleques à sua passagem... ali está o general Dodson, comandante militar da cidade, sufocando de calor... e ali está seu ajudante-de-ordens, o major Zulfikar, passando-lhe uma toalha. Dodson enxuga o rosto; os moleques debandam; o carro derruba a escarradeira. Um líquido vermelho-escuro com grumos, que lembra sangue, endurece na forma de uma mão vermelha na poeira da rua, apontando acusadoramente para o poder do Raj, que se afasta.

Lembrança de uma fotografia meio embolorada (talvez obra do mesmo fotógrafo medíocre cujas ampliações em tamanho natural quase lhe custaram a vida): Adam Aziz, iluminado pela febre de otimismo, apertada a mão de um homem de mais ou menos sessenta anos, um tipo impaciente e teso, com uma madeixa de cabelos brancos que lhe cai sobre a testa como uma leve cicatriz. É Mian Abdullah, o Colibri. (“Sabe, doutor sahib, eu me mantenho em forma. Quer dar um soco no meu estômago? Tente, tente. Estou no auge da forma.” ... Na fotografia, as dobras de uma larga camisa branca escondem o estômago, e o punho de meu avô não é apertado, mas tragado pela mão do ex-encantador.) Atrás deles, assistindo à cena com ar benigno, a Rani de Cuch Nahin, que estava ficando toda branca de furúnculos, uma doença que vazou para a história e irrompeu em enorme escala pouco depois da Independência...

— Eu sou a vítima — sussurra a Rani, através de lábios fotografados que nunca se movem —, a vítima impotente de minhas próprias preocupações culturais. Minha pele é a expressão externa do internacionalismo de meu espírito.

Sim, nessa fotografia trava-se um diálogo, pois, como exímios ventríloquos, os otimistas encontram seu líder. Ao lado da Rani — agora, muita atenção: a história e minha família estão para se encontrar! — acha-se uma figura extraordinária, balofa e barriguda, com olhos que lembram águas estagnadas, de cabelos compridos como os de um poeta. É Nadir Khan, o secretário pessoal do Colibri. Se seus pés não se encontrassem congelados pela fotografia, estariam se mexendo de um lado para o outro,

envergonhados. Ele balbucia através do sorriso bobo e rígido: — É verdade, já escrevi versos...

E eis que Mian Abdullah interrompe, abrindo a boca de onde despontam cintilações de dentes pontiagudos: — Mas que versos! Nem uma só rima página após página!...

E a Rani, gentil: — Ah, então é modernista?

E Nadir, acanhado: — Sou, sim.

Quantas tensões temos agora na cena parada, imóvel! Que zombaria mordaz, enquanto fala o Colibri: — Não perca tempo com isso. A arte deve ser edificante. Deve nos lembrar do nosso glorioso passado literário!

E o que é aquilo na testa de seu secretário, uma sombra ou uma ruga?

... voz de Nadir, brotando desenxabida da fotografia esmaecida: — Não acredito em grande arte, Mian sahib. Ora, a arte deve estar além de categorias. Minha poesia e... ah... o jogo da escarradeira situam-se no mesmo plano.

... Diante disso, a Rani, mulher amável, graceja: — Bem, talvez eu reserve um quarto... para que nele comam bétele e pratiquem o jogo da escarradeira. Tenho uma escarradeira de prata maravilhosa, marchetada de lápis-lazúli, e todos vocês devem vir treinar. As paredes logo vão ficar manchadas com nossas expectorações sem pontaria! Mas ao menos serão manchas honestas.

E agora as palavras da fotografia se esgotam; agora reparo, mentalmente, que durante todo o tempo o Colibri esteve olhando para a porta situada além do ombro de meu avô, bem no extremo da imagem. Para além da porta, a história chama. O Colibri está impaciente, quer ir embora... mas esteve conosco, e sua presença nos proporcionou dois fios que hão de me perseguir até o fim de meus dias: o fio que conduz ao gueto dos mágicos; e o fio que conta a história de Nadir, o poeta sem rimas e sem versos, e uma valiosa escarradeira de prata.

— Que bobagem — diz nossa Padma. — Como é que uma fotografia pode falar? Agora, pare. Você deve estar com a cabeça cansada.

Entretanto, quando lhe digo que Mian Abdullah tinha o estranho hábito de cantarolar sem pausas, um canto estranho, nem musical nem desafinado, mas como se fosse um zumbido mecânico, o som de um motor ou de um dínamo, ela aceita isso com facilidade e comenta judiciosamente:

— Bem, se ele era tão enérgico, isso não me surpreende em nada.

Ela é de novo toda ouvidos; por isso me animo e informo que o cantarolar de Mian Abdullah crescia e diminuía na razão direta do ritmo de seu desempenho. Era um zumbido capaz de cair o suficiente para provocar dor de dentes no ouvinte, e quando se erguia ao tom mais alto e febril, era capaz de provocar ereções em qualquer pessoa que estivesse por perto. (“*Arré baap*”, ri-se Padma. “Não é de admirar que os homens gostassem tanto dele!”) Nadir Khan, como seu secretário, era constantemente atacado pelos caprichos vibratórios do patrão, e seus ouvidos, seu maxilar e seu pênis se comportavam sempre segundo as prescrições do Colibri. Nesse caso, por que Nadir permanecia a seu lado, apesar das ereções que o deixavam constrangido na presença de outras pessoas, a despeito das dores nos molares e de um ritmo de trabalho que o ocupava vinte e duas horas por dia? Não era — acredito eu — porque visse como seu dever poético permanecer junto do centro dos acontecimentos e transmudá-los em literatura. Não era porque desejasse fama para si mesmo. Nada disso; mas Nadir tinha com meu avô uma coisa em comum, e isso bastava. Também ele sofria da doença do otimismo.

Como Aadam Aziz, como a Rani de Cuch Nahin, Nadir Khan detestava a Liga Muçulmana (“Aquele bando de bajuladores!”, bradava a Rani com sua voz fina, saltando as oitavas como uma esquiadora. “Latifundiários com privilégios a proteger! O que eles têm a ver com os muçulmanos? Adulam os ingleses e formam governos para eles, agora que o Congresso se recusa a fazer isso!” Aquele foi o ano da resolução “Deixem a Índia!”. “E além do mais”, dizia a Rani, categórica, “eles são doidos. Senão, por que iriam querer dividir a Índia?”).

Mian Abdullah, o Colibri, havia criado a Convocação do Islã Livre quase sozinho. Convidara os dirigentes das dezenas de grupos muçulmanos dissidentes para formar uma federação geral que servisse de alternativa ao dogmatismo e aos privilégios dos homens da Liga. Fora uma manobra de mestre, pois todos haviam atendido ao chamado. A primeira Convocação fora a de Lahore; a de Agra seria a segunda. As barracas estariam cheias de membros de movimentos agrários, sindicatos de trabalhadores urbanos e grupamentos regionais. Assistiria à confirmação daquilo que a primeira assembléia havia indicado: que a Liga, com sua exigência de divisão da Índia, falava apenas em nome próprio. “Eles nos deram as costas”, diziam os cartazes da Convocação, “e agora afirmam que nós os apoiamos!” Mian Abdullah opunha-se à partilha.

Acometida pela epidemia de otimismo, a protetora do Colibri, a Rani de Cuch Nahin, jamais mencionava as nuvens no horizonte. Jamais observava que Agra era um reduto da Liga Muçulmana, dizendo apenas: “Aadam, meu filho, se o Colibri quer realizar a Convocação aqui, não serei eu quem sugerirá que ele vá para Allahabad”. Sem queixas ou interferências, ela estava arcando com todas as despesas do evento; e, diga-se de passagem, não sem fazer inimigos na cidade. A Rani não vivia como os demais príncipes indianos. Em vez de gastar em caçadas, concedia bolsas de estudo. Em vez de viver metida em escândalos de hotéis, fazia política. E assim começaram os boatos. “Homem, todo mundo sabe que esses artistas dela têm de cumprir deveres extracurriculares. Entram em seu quarto no escuro, e ela nunca deixa que vejam seu rosto manchado; ela os atrai para a cama com aquela voz melodiosa de bruxa!” Aadam Aziz jamais havia acreditado em bruxas. Apreciava o brilhante círculo de amigos da Rani, pessoas que se expressavam tão bem em persa quanto em alemão. No entanto, Nasim Aziz, que acreditava nas histórias que corriam sobre a Rani, nunca acompanhava o marido à casa da princesa. “Se Deus queria que as pessoas falassem muitas línguas”, argumentava, “por que pôs apenas uma na nossa cabeça?”

E, assim, nenhum dos otimistas do Colibri estava preparado para o que aconteceu. Praticavam o jogo da escarradeira e não tomavam conhecimento das fendas na terra.

Às vezes as lendas constroem a realidade e se tornam mais úteis do que os fatos. De acordo com a lenda, pois — de acordo com o polido disse-me-disse dos velhos da loja de bétele —, a queda de Mian Abdullah foi causada pelo fato de ele haver comprado, na estação ferroviária de Agra, um leque de penas de pavão, apesar da advertência de Nadir Khan sobre azar. Além disso, naquela noite de luas crescentes, Abdullah estivera trabalhando com Nadir, de modo que, quando a lua nova surgiu, ambos a avistaram através de uma vidraça. “Essas coisas são importantes”, dizem os mascadores de bétele. “Já vivemos muito, e sabemos dessas coisas.” (Padma balança a cabeça, em anuência.)

Os escritórios da Convocação ficavam no andar térreo do histórico edifício administrativo, no campus da universidade. Abdullah e Nadir chegavam ao fim do trabalho daquela noite; o zumbido do Colibri estava bastante baixo, e Nadir já rilhava os dentes. Na parede do escritório, um cartaz expressava a atitude predileta de Abdullah contra a Partilha, uma citação do poeta Iqbal: “Onde encontraremos uma terra que seja estranha a Deus?”. E nesse momento os assassinos chegavam ao campus.

Fatos: Abdullah tinha um grande número de inimigos. A atitude dos ingleses com relação a ele sempre foi ambígua. O general Dodson não o quisera na cidade. Ouviu-se uma batida à porta, e Nadir foi atender. Seis luas novas entraram na sala, seis cimitarras brandidas por homens inteiramente vestidos de preto e de rostos cobertos. Dois homens seguraram Nadir, enquanto os demais foram para o Colibri.

— Nesse ponto — dizem os mascadores de bétele —, o zumbido do Colibri tornou-se mais agudo, cada vez mais agudo, yara, e os olhos dos assassinos arregalaram-se mais, enquanto seus braços armavam tendas sob os mantos. Então... por Alá... as cimitarras começaram a zunir e Abdullah pôs-se a cantar mais alto, zumbindo numa estridência que jamais alcançara

antes. Seu corpo era duro, e as longas lâminas recurvas tiveram dificuldade para matá-lo; uma delas quebrou-se numa costela, porém as outras logo se mancharam de sangue. Nesse instante, entretanto... escutem!... o zumbido de Abdullah saiu da faixa da audição humana e foi ouvido pelos cães da cidade. Deve haver em Agra cerca de oito mil quatrocentos e vinte cães vadios. Naquela noite, é certo que alguns estivessem comendo, outros morrendo; alguns fornicavam, e outros não ouviram o chamado. Digamos que tenham sido mais ou menos dois mil. Com isso, restava um total de seis mil, quatrocentos e vinte cães vadios, e todos estes viraram-se e correram para a universidade, muitos deles atravessando os trilhos da estrada de ferro, vindo do lado pobre da cidade. Sabe-se muito bem que isso é verdade. Todo mundo na cidade viu, menos os que dormiam. Corriam com grande alarido, como um exército, e depois a trilha percorrida ficou cheia de ossos, fezes e fiapos de pêlos... e durante todo o tempo Abdullah zumbia que zumbia, enquanto as cimitarras zuniam. E ouçam isto: de repente o olho de um dos assassinos estalou e caiu da órbita. Depois os pedaços de vidro foram encontrados moídos e enterrados no tapete!

Dizem eles: — Quando os cães chegaram, Abdullah estava quase morto, e as cimitarras, sem corte... Chegaram como selvagens, saltando pela janela já sem vidraça porque o zumbido de Abdullah a despedaçara... Bateram contra a porta até a madeira ceder... e então estavam em toda parte, baba!... Alguns sem pernas, a outros já faltavam tufo de pêlo, mas a maioria possuía ao menos alguns dentes, e alguns pontiagudos... Agora vejam isto: decerto os assassinos não receavam ser interrompidos, pois não haviam deixado sentinelas; de modo que os cães os pegaram de surpresa... Os dois homens que seguravam Nadir Khan, todo quebrado, caíram sob o peso das feras, com talvez sessenta e oito cachorros no pescoço... Depois os assassinos foram encontrados tão mutilados que ninguém soube dizer quem eram.

— Em dado momento — dizem eles — Nadir saltou pela janela e fugiu. Os cães e os assassinos estavam ocupados demais para segui-lo.

Cães? Assassinos?... Se não crêem em mim, verifiquem. Procurem saber a respeito de Mian Abdullah e suas Convocações. Descubram como foi que varremos a história dele para debaixo do tapete... e depois eu lhes contarei como foi que Nadir Khan, seu lugar-tenente, passou três anos sob os tapetes de minha família.

Na juventude ele havia dividido um quarto com um pintor cujos quadros se tornavam cada vez maiores à medida que ele tentava meter em sua arte a totalidade da vida. — Vejam só — disse ele antes de se suicidar —, eu queria ser um miniaturista e acabei atacado pela elefantíase! — Os acontecimentos exagerados da noite das lâminas recurvas lembravam a Nadir Khan seu colega de quarto, pois mais uma vez, perversamente, a vida tinha se recusado a manter seu tamanho natural. Havia se transformado em melodrama: e isso o perturbava.

Como Nadir Khan conseguiu atravessar a cidade correndo, à noite, sem ser observado? Atribuo isso ao fato de ele ser um mau poeta e, portanto, um sobrevivente nato. Enquanto ele corria, havia nele uma sensação de constrangimento; seu corpo parecia pedir desculpas por se comportar como se estivesse num medíocre livrinho de aventuras policiais, do tipo que os ambulantes vendem nas estações de trem ou oferecem de graça juntamente com vidros de remédios verdes, capazes de curar resfriado, febre tifóide, impotência, saudade e miséria... Na Cornwallis Road, a noite estava quente. Havia um braseiro apagado junto à fila de jinriquixás. A loja de bétele estava fechada, e os velhos dormiam no terraço, sonhando com o jogo do dia seguinte. Uma vaca insone, mascando distraidamente um maço de cigarros Red and White, passou por um homem que dormia na rua, enrodilhado, o que significava que ele acordaria de manhã, pois a vaca ignora o homem adormecido, a menos que ele esteja para morrer. Nesse caso, ela o investiga com o focinho, pensativa. Vacas sagradas comem qualquer coisa.

A grande casa de pedra de meu avô, comprada com o produto da venda das lojas de pedras preciosas e com o dote fornecido pelo cego Ghani, avultava na escuridão, dignamente afastada da rua. Havia nos fundos um jardim murado, e junto da porta do jardim ficava a puxada baixa, alugada a preço módico à família do velho Hamdard e seu filho Rashid, o rapaz do jinriquixá. Diante da puxada ficava o poço, com sua roda movimentada por uma vaca, e do qual saíam os canais de irrigação que chegavam ao pequeno milharal que bordeava a casa até o portão do muro da Cornwallis Road. Entre a casa e a plantação corria um caminho para pedestres e jinriquixás. Em Agra, os jinriquixás puxados a bicicleta haviam substituído recentemente aqueles nos quais um homem se colocava entre varais de madeira. Ainda havia fregueses para os tongas puxados a cavalos, mas eles diminuíaam depressa... Nadir Khan esgueirou-se pelo portão, ficou um momento acorocado, de costas para o muro, enrubescendo enquanto vertia sua água. Depois, aparentemente incomodado com a vulgaridade do ato, disparou na direção do milharal e mergulhou nele. Um tanto encoberto pelos caules estorricados de sol, deitou-se em posição fetal.

Rashid, o jovem condutor de jinriquixá, tinha dezessete anos e voltava do cinema. Naquela manhã vira dois homens empurrando um carrinho baixo, no qual haviam sido montados dois enormes cartazes pintados à mão, um de costas para o outro, anunciando o novo filme *Gai-Wallah*, estrelado por Dev, seu ator predileto. CINQUENTA SEMANAS COM LOTAÇÃO ESGOTADA EM DÉLHI! SSESSENTA E TRÊS SEMANAS DE SUCESSO EM BOMBAIM!, proclamavam os cartazes. SEGUNDO ANO DE ÊXITO ABSOLUTO! O filme era um faroeste oriental. O herói, Dev, nada magro, vagava sozinho pelos campos agrestes, muito parecidos com a planície indo-gangética. Gai-Wallah significa vaqueiro, e Dev fazia o papel de uma espécie de esquadrão da morte, formado por uma só pessoa, para proteger as vacas. SEM NENHUMA AJUDA! E COM UMA ESPINGARDA DE DOIS CANOS!, ele vigiava os muitos rebanhos de gado que eram conduzidos ao abatedouro, derrotava os criadores de gado e libertava os animais sagrados. (O filme fora realizado

para platéias hindus; em Délhi provocara distúrbios. Membros da Liga Muçulmana haviam passado com vacas diante do cinema, na direção de matadouros, e tinham sido atacados.) As músicas e as danças eram boas, e havia uma bela dançarina que decerto teria se apresentado melhor se não tivesse sido obrigada a fazer seu número com um gigantesco chapéu de caubói. Rashid sentou-se numa das primeiras filas e juntou-se aos que assoviavam e aplaudiam. Comeu duas samosas, gastando muito dinheiro. Sua mãe ficaria aflita, mas ele se divertira muito. Enquanto pedalava seu jinriquixá de volta para casa, imitou alguns dos malabarismos que vira no cinema, dobrando bastante o corpo para um lado, deixando a bicicleta correr solta por um declive, usando o jinriquixá do mesmo modo que Gai-Wallah usava o cavalo para se esconder dos inimigos. Por fim chegou em casa, virou o guidom e, para sua satisfação, o jinriquixá entrou suavemente pelo portão, seguindo pelo caminho que ladeava a plantação. Gai-Wallah havia utilizado essa manobra para cair sobre um bando de vaqueiros que bebiam e jogavam, sentados no meio da vegetação. Rashid pisou nos freios e investiu contra a plantação, caindo — PANE TOTAL! — sobre os vaqueiros desprevenidos, já com seus revólveres engatilhados e prontos para atirar. Ao se aproximar da fogueira que haviam acendido, soltou seu “grito de ódio” para assustá-los. AIAAAA-Á! Evidentemente, não chegou a gritar de verdade, já que estava bem próximo da casa do doutor sahib, mas abriu a boca enquanto corria, gritando em silêncio. PUM! PUM! Nadir Khan estava tendo dificuldade para conciliar o sono e nesse momento abriu os olhos. Viu então — IIIAIAA-Á! — um furioso vulto descarnado arremetendo contra ele como um trem expresso, gritando a plenos pulmões — mas talvez tivesse ficado surdo, porque não escutava nenhum *barulho!* —, e estava se pondo de pé, com um berro já começando a brotar de seus lábios rechonchudos, quando Rashid o avistou e também recuperou a voz. Gritando num unísono aterrorizado, ambos se viraram e saíram correndo. Depois se detiveram, pois cada um observara a fuga do outro, e se entreolharam

através das hastes de milho queimadas. Rashid reconheceu Nadir Khan, viu suas roupas rasgadas e ficou profundamente perturbado.

— Sou um amigo — disse Nadir tolamente. — Preciso ver o doutor Aziz.

— Mas o doutor está dormindo, não está no milharal. — “Componha-se”, disse Rashid consigo mesmo, “pare de dizer bobagens. Esse é o amigo de Mian Abdullah!...” Mas Nadir não parecia ter notado nada; seu rosto trabalhava com fúria, tentando arrancar da boca algumas palavras que tinham ficado presas entre os dentes como fiapos de frango...

— Minha vida — conseguiu dizer enfim — corre perigo.

E nesse momento, Rashid, ainda cheio do espírito de Gai-Wallah, foi em seu socorro. Conduziu Nadir a uma porta lateral da casa. Estava trancada. Mas Rashid puxou-a, e a fechadura se soltou na sua mão. — Indústria indiana — disse, como se isso explicasse tudo. E enquanto Nadir entrava, Rashid sussurrou: — Conte inteiramente comigo, sahib. Juro pelos cabelos grisalhos de minha mãe.

Do lado de fora, repôs a fechadura no lugar. Tinha acabado de salvar o braço-direito do Colibri!... Mas salvara-o de quê? De quem?... Bem, às vezes a vida real era melhor do que o cinema.

— É esse aí? — pergunta Padma, um tanto confusa. — É esse gorducho molenga com cara de covarde? É ele que vai ser seu pai?

# Debaixo dos tapetes

E foi esse o fim da epidemia de otimismo. De manhã, uma faxineira entrou nos escritórios da Convocação do Islã Livre e encontrou o Colibri — silenciado, jogado no chão, cercado por marcas de patas e pelos restos dilacerados de seus assassinos. Gritou; mais tarde, porém, depois que as autoridades chegaram e saíram, mandaram-na limpar a sala. Após ter varrido inumeráveis pêlos de cachorros, esmagado uma grande quantidade de pulgas e retirado do tapete o que restava de um olho de vidro despedaçado, protestou com o superintendente da universidade, alegando que se esse tipo de coisa fosse continuar a acontecer, ela merecia um pequeno aumento de salário. Essa faxineira talvez tenha sido a última vítima da onda de otimismo, e em seu caso a doença não durou muito tempo, pois o superintendente era um homem duro e a pôs no olho da rua.

Os assassinos jamais foram identificados, nem os mandantes do crime apontados. Meu avô foi chamado ao campus pelo major Zulfikar, ajudante-de-ordens do general Dodson, para assinar o atestado de óbito de seu amigo. O major Zulfikar prometeu visitar o dr. Aziz para acertar alguns pormenores; meu avô assoou o nariz e saiu. Na praça, tendas vinham abaixo como esperanças desfeitas; jamais a Convocação voltaria a se realizar. A Rani de Cuch Nahin recolheu-se ao leito. Depois de ter passado a vida inteira sem dar grande importância a suas enfermidades, deixou-se dominar por elas e permaneceu de cama durante anos, vendo seu corpo adquirir a cor dos lençóis. Enquanto isso, na velha casa da Cornwallis Road, os dias transcorriam cheios de mães em potencial e de possíveis pais. Vê, Padma? Agora você vai saber.

Com a ajuda de meu nariz (embora ele haja perdido os poderes que tão recentemente o capacitaram a fazer história, adquiriu outros dons, compensatórios), e tornando-o introspectivo, tenho estado a farejar a atmosfera reinante na casa de meu avô naqueles dias que se seguiram à morte da esperança murmurante da Índia; e através dos anos chega a mim uma curiosa mistura de odores, cheios de inquietação, o aroma de coisas escondidas mesclando-se aos odores de romance incipiente e ao mau cheiro acre da curiosidade e da força de minha avó... Enquanto a Liga Muçulmana rejubilava-se, secretamente, claro, com a queda de seu adversário, meu avô podia ser encontrado (meu nariz o localiza) sentado, todas as manhãs, naquilo que ele chamava de sua “caixa de trovoadas” e com lágrimas nos olhos. Não se trata, no entanto, de lágrimas de tristeza; Aadam Aziz simplesmente pagou o preço de “indianizar-se” e sofre de uma terrível prisão de ventre. Tristonhamente, ele olha o aparelho de clister, pendurado na parede do banheiro.

Por que invadi a privacidade de meu avô? Por quê, se poderia ter descrito a maneira como, após a morte de Mian Abdullah, Aadam mergulhou no trabalho, chamando a si a tarefa de assistir os doentes das favelas situadas ao longo dos trilhos da estrada de ferro, salvando-os dos charlatães que lhes injetavam água de pimenta e que acreditavam que a cegueira podia ser curada com aranhas fritas, ao mesmo tempo que continuava a se desincumbir de seus deveres de médico da universidade? Por que fazê-lo, se eu poderia ter-me detido no profundo amor que começara a crescer entre meu avô e sua segunda filha, Mumtaz, cuja pele escura se interpunha entre ela e a afeição da mãe, mas cujas dádivas de meiguice, solicitude e fragilidade faziam-na estimada pelo pai, em seus tormentos interiores que clamavam pela espécie de ternura incondicional de Mumtaz? Por quê, se eu poderia ter preferido descrever a agora constante comichão em seu nariz, por que opto por chafurdar em excremento? Porque era ali que estava Aadam Aziz na tarde em que havia assinado o atestado de óbito, quando repentinamente uma voz — macia,

covarde, encabulada, a voz de um poeta sem rimas — lhe falou das profundezas de uma grande e velha arca de roupa suja situada no canto do cômodo, causando-lhe um choque tão profundo que agiu como laxativo, com o que o aparelho de clister não precisou ser tirado do gancho. Rashid, o garoto do jinriquixá, havia introduzido Nadir Khan no cômodo da caixa de trovoadas pela entrada da faxineira, e este se refugiara na arca de roupa suja. Enquanto o estupefato esfíncter de meu avô relaxava, seus ouvidos escutaram um pedido de asilo abafado por lençóis, roupas íntimas sujas e camisas velhas, e ainda pelo embaraço de quem falava. E foi assim que Aadam Aziz decidiu esconder Nadir Khan.

Chega-me agora um cheiro de discórdia, pois a Reverenda Mãe Nasim está pensando em suas filhas: em Alia, de vinte e um anos; na morena Mumtaz, de dezenove; e na bela e volúvel Esmeralda, que embora ainda não tenha completado quinze anos tem nos olhos uma expressão mais velha que a de suas irmãs. Na cidade, entre os escarradores e os puxadores de jinriquixás, entre os empurradores de carrinhos de anúncio de filmes e entre os estudantes universitários, as três irmãs são conhecidas como as “Tin Batti”, as três luzes brilhantes... E como pode a Reverenda Mãe permitir a um homem estranho viver na mesma casa com a gravidade de Alia, a pele negra e luminosa de Mumtaz e os olhos de Esmeralda?...

— Você perdeu o juízo, homem. Essa morte perturbou sua cabeça.

Replica Aziz, determinado: — Ele vai ficar.

Nos porões... Como a necessidade de esconder sempre foi uma consideração arquitetônica vital na Índia, a casa de Aziz possui amplas câmaras subterrâneas, às quais só se tem acesso através de alçapões no assoalho, cobertos por tapetes e capachos... Nadir Khan escuta o ronco surdo da briga e teme por seu destino. Meu Deus (percebo, pelo faro, os pensamentos do poeta de mãos suadas), o mundo enlouqueceu... Somos homens neste país? Somos feras? Se eu tiver de sair, quando as facas me atingirão?... E por sua mente passam imagens de leques de penas de pavão e a lua nova vista através do vidro e transformada numa lâmina

apunhalante, manchada de sangue... No andar de cima, a Reverenda Mãe diz:

— A casa está cheia de mocinhas solteiras, comoquechama. É assim que você demonstra respeito por suas filhas?

Agora, o aroma de paciência perdida; a raiva colossal de Aadam Aziz se desencadeia, e em vez de argumentar que Nadir Khan estará no subsolo, varrido para debaixo do tapete, onde dificilmente será capaz de conspurcar donzelas; em vez de prestar o devido tributo ao senso de retidão do bardo sem verbos, um senso tão desenvolvido que ele não poderia sequer sonhar em adotar atitudes impróprias sem corar no sono; em vez de lançar mão desses argumentos racionais, meu avô rugiu: — Cale-se, mulher! O homem precisa do nosso abrigo. Ele vai ficar.

E então um perfume implacável, uma densa nuvem de determinação cai sobre minha avó, que responde: — Muito bem. Você me pede, comoquechama, silêncio. Sendo assim, nem uma só palavra, comoquechama, sairá de minha boca daqui por diante.

E Aziz, lamentando-se: — Ah, maldição, mulher, poupe-nos de seus juramentos malucos!

No entanto, os lábios da Reverenda Mãe estavam selados, e o silêncio caiu. O cheiro intolerável do silêncio, como o de um putrefato ovo de gansa, invade minhas narinas; dominando tudo o mais, ele esmaga a terra... Enquanto Nadir Khan se escondia em seu mundo subterrâneo e penumbroso, também sua hospedeira se ocultava por trás de uma ensurdecadora parede de silêncio. A princípio meu avô tateou a parede, em busca de fendas, porém nada encontrou. Por fim desistiu, e ficou à espera de frases que oferecessem vislumbres de seu ser, da mesma forma como no passado cobiçara os breves fragmentos de seu corpo que ele via através de um lençol furado. E o silêncio encheu a casa, de parede a parede, do chão ao teto, tanto que as moscas pareciam ter cessado de zumbir e os mosquitos abstinham-se de zunir antes de picarem; era um silêncio que calava o grasnido dos gansos no quintal. No começo as

crianças falaram em sussurros, e depois silenciaram; no milharal, Rashid, o garoto do jinriquixá, emitia seu silencioso “grito de ódio” e guardava seu próprio voto de silêncio, que ele jurara manter, pelos cabelos da mãe.

Foi a esse pântano de mudez que chegou, certa noite, um homem baixo, cuja cabeça era tão chata quanto o gorro que a cobria; cujas pernas eram tortas como juncos ao vento; cujo nariz quase lhe tocava o queixo virado para cima; e cuja voz, conseqüentemente, era fina e fraca — e tinha de ser, para abrir caminho através da fenda estreita entre seu aparelho respiratório e a mandíbula... Um homem cuja miopia o obrigava a levar a vida dando um passo de cada vez, o que lhe granjeou a reputação de perfeccionista e chato, tornando-o benquisto por seus superiores, pois possibilitava a eles se sentirem bem atendidos sem serem ameaçados; um homem cujo uniforme engomado e bem passado recendia a sabão em pó e retidão, e em torno do qual, a despeito de sua aparência de personagem saído de uma peça de marionetes, pairava o inconfundível perfume do sucesso: o major Zulfikar, homem de futuro, chegou de visita, tal como prometera, a fim de acertar alguns detalhes. O assassinato de Abdullah, bem como o suspeito desaparecimento de Nadir Khan, oprimiam-lhe o espírito, e como ele tinha conhecimento da infecção de Adam Aziz pelo micróbio do otimismo, tomou o silêncio que reinava na casa por um sentimento de luto, e não permaneceu muito tempo. (No porão, Nadir se encolhia entre as baratas.) Sentado silenciosamente na sala de visitas, com o chapéu e a bengala apoiados sobre o rádio Telefunken ao lado dele, e com as imagens em tamanho natural dos jovens Aziz encarando-o das paredes, o major Zulfikar se apaixonou. Embora míope, não era cego, e no olhar inacreditavelmente adulto da pequena Esmeralda, a mais reluzente das “três luzes brilhantes”, ele percebeu que ela lhe entendera o futuro e que, em nome desse futuro, perdoava sua aparência; e antes mesmo de sair, havia resolvido se casar com ela depois de um intervalo apropriado. (“Com ela?”, se adianta Padma. “Essa sirigaita é a sua mãe?” No entanto,

existem outras futuras mães, outros futuros pais deslizando em meio ao silêncio.)

Naqueles pantanosos dias sem palavras, a vida emocional da sisuda Alia, a mais velha, também se desenvolvia; e a Reverenda Mãe, trancada na despensa e na cozinha, lábios selados, não tinha como — devido a seu juramento — expressar a desconfiança que sentia do jovem comerciante de oleados que visitava sua filha. (Aadam Aziz sempre insistira em que a suas filhas fosse permitido conviver com amigos do sexo masculino.) Ahmed Sinai (“Ahaa!”, exclama Padma, triunfante, reconhecendo o nome) havia conhecido Alia na universidade e parecera suficientemente inteligente à moça livresca e intelectual, em cujo rosto o nariz de meu avô adquirira um ar de pesada sabedoria; Nasim Aziz, porém, suspeitava dele, pois o comerciante havia se divorciado aos vinte anos. (“Qualquer pessoa pode cometer um erro”, dissera-lhe Aadam, e isso quase havia dado início a uma briga, pois por um momento ela julgou que houvesse algo de excessivamente pessoal em seu tom de voz. Entretanto, Aadam acrescentara: “Vamos deixar esse divórcio dele cair no esquecimento por um ou dois anos e aí teremos nesta casa o primeiro casamento, com uma grande tenda no jardim, cantores, doces e tudo mais”. Apesar de tudo, essa era uma idéia que encantava Nasim.) Agora, vagueando pelos jardins murados de silêncio, Ahmed Sinai e Alia comunicavam-se sem voz. Entretanto, embora todos esperassem que ele fizesse o pedido, o silêncio parecia tê-lo dominado também, e a pergunta continuava sem ser feita. O rosto de Alia adquiriu por essa época uma rotundidade, uma papada de ar pessimista que ele nunca viria a perder inteiramente. (“Ora essa!”, censurame Padma, “Isso não é maneira de descrever sua respeitável mãe.”)

Mais uma coisa: Alia herdara da mãe a tendência a ganhar peso. Com o passar dos anos, se transformaria em um verdadeiro balão.

E Mumtaz, que saíra negra do ventre da mãe, negra como a meia-noite? Mumtaz nunca fora brilhante; nem bonita como Esmeralda; mas era bondosa, trabalhadeira e solitária. Passava mais tempo com o pai que com

qualquer uma das irmãs, dando-lhe forças contra o mau humor que naqueles dias se acentuava com a constante comichão no nariz; e tomava a si os deveres de cuidar das necessidades de Nadir Khan, descendo diariamente ao submundo que ele habitava, levando bandejas de comida e vassouras, e até mesmo esvaziando sua caixa de trovoadas pessoal, para que nem mesmo um limpador de latrinas lhe adivinhasse a presença. Quando ela descia, Nadir baixava os olhos; e nenhuma palavra, naquela casa muda, era trocada entre eles.

O que diziam os praticantes do jogo da escarradeira a respeito de Nasim Aziz? — “Ela espreitava os sonhos das filhas só para saber o que estavam pensando.” De fato, não há outra explicação, coisas mais estranhas ainda aconteceram neste nosso país, basta pegar qualquer jornal e ver as notas diárias que narravam milagres nessa ou naquela aldeia: a Reverenda Mãe começou a sonhar os sonhos das filhas. (Padma aceita isso sem pestanejar; mas aquilo que outras pessoas podem engolir com a mesma facilidade com que devoram um confeito Padma poderá prontamente rejeitar. Não há platéia que não tenha suas idiossincrasias.) Em frente, pois: adormecida em sua cama à noite, a Reverenda Mãe visitou os sonhos de Esmeralda e encontrou um outro sonho dentro deles — a fantasia particular do major Zulfikar de possuir uma espaçosa casa moderna, com um banheiro contíguo ao quarto de dormir. Esse era o zênite das ambições do major; e desse modo a Reverenda Mãe descobriu não só que a filha vinha se encontrando com seu Zulfy em segredo, em lugares onde era possível se falarem, como também que as ambições de Esmeralda eram maiores que as do homem dela. E (por que não?) nos sonhos de Aadam Aziz ela via o marido subindo tristonhamente uma montanha em Caxemira, tendo no estômago um buraco do tamanho de um punho; adivinhou que ele estava se desapaixonando dela e também lhe previu a morte; de modo que anos mais tarde, quando ouviu a notícia, disse apenas: — Ah, eu sabia disso, afinal.

... Agora não demorará muito, pensou a Reverenda Mãe, para que nossa Esmeralda fale a seu major sobre o hóspede escondido no porão; e então eu poderei voltar a falar. Certa noite, entretanto, ela penetrou nos sonhos de sua filha Mumtaz, a negra que ela nunca fora capaz de amar por causa da pele de peixeira do sul da Índia, e percebeu que os problemas não haveriam de parar por ali; porque Mumtaz Aziz — tal como seu admirador debaixo dos tapetes — também estava se apaixonando.

Não havia prova. A invasão dos sonhos — ou sabedoria de mãe, ou intuição feminina, dêem o nome que quiser — não é coisa aceita por um tribunal, e a Reverenda Mãe sabia que era muito sério acusar uma filha de cometer deslizes sob o teto do pai. Além do mais, algo de duro e inflexível invadira a Reverenda Mãe, e ela resolveu que nada faria, que conservaria intato seu silêncio, deixando a cargo de Adam Aziz descobrir por si só como suas idéias modernas estavam arruinando suas crianças. Que ele viesse a perceber isso sozinho, depois de passar a vida inteira lhe dizendo que guardasse para si suas opiniões decentes e antiquadas. “Uma mulher amarga”, comenta Padma. E eu concordo.

— E então? — pergunta Padma. — Era verdade?

Era, de certo modo. Era verdade.

— Havia beijos e carícias? No porão? Ninguém a acompanhava?

Considerem as circunstâncias — bastante atenuantes, hão de convir. Certas coisas que parecem permissíveis debaixo da terra, pareceriam absurdas ou mesmo erradas à luz clara do dia.

— O poeta gordo fez mal à pobre negrinha? Foi *isso*?

Além do mais, ele permaneceu ali por muito tempo — o suficiente para começar a conversar com baratas voadoras e a temer que mais dia menos dia alguém lhe pediria que saísse, para sonhar com cimitarras curvas e cães uivantes, para desejar ansiosamente que o Colibri estivesse vivo e lhe dissesse o que fazer, e ainda para descobrir que não se pode escrever poesia debaixo da terra. Depois surge essa moça com comida, e não se importa de limpar seus penicos, e ele baixa os olhos, mas avista um tornozelo que

parece arder de graciosidade, um tornozelo negro como o negrume das noites subterrâneas...

— Eu jamais imaginaria uma coisa dessa. — Padma parece admirada. — Aquele gorducho imprestável...

E por fim naquela casa em que todos, até o fugitivo que se esconde de seus inimigos sem rosto no porão, sentem a língua colar, seca, no céu da boca, onde até os filhos da casa têm de se refugiar no milharal com o garoto do jinriquixá para fazer piadas sobre prostitutas, comparar o tamanho de seus membros e comentar em sussurros os sonhos de serem diretores de cinema (esse é o sonho de Hanif, o que horroriza sua mãe, a invasora de sonhos; Nasim acredita que o cinema é uma extensão do negócio de bordéis), nessa casa onde a intromissão da história indiana tornou a vida grotesca, por fim, no lusco-fusco do mundo subterrâneo, ele não consegue evitar erguer os olhos, que sobem por sandálias delicadas e pijamas largos, passando por um kurta e indo além da dupatta, trajes de recato, até que os olhos dos dois se encontram, e então...

— E então? Vamos, baba, e então?

Timidamente, ela sorri para ele.

— E...?

E depois disso há sorrisos no mundo das trevas, e alguma coisa teve início.

— Ah, e daí? Quer dizer que foi só isso?

Só isso: até o dia em que Nadir Khan pediu para ver meu avô — suas frases mal eram audíveis no nevoeiro do silêncio — e pediu-lhe a mão da filha em casamento.

— Pobre moça — conclui Padma. — As moças caxemirenses costumam ser brancas como a neve da montanha, mas ela nasceu bem preta. Bem, provavelmente a pele a teria impedido de conseguir um bom partido. E esse Nadir não era nada bobo. Agora vão ter de permitir que ele fique, vão alimentá-lo, e ele terá um teto sobre a cabeça. Tudo que precisa fazer é se

esconder como uma minhoca gorda debaixo da terra. Realmente, talvez ele não fosse tão bobo assim.

\* \* \*

Meu avô tentou a todo custo convencer Nadir Khan de que ele já não corria perigo; os assassinos estavam mortos e Mian Abdullah é que fora o verdadeiro alvo. Entretanto, Nadir Khan ainda sonhava com as lâminas sibilantes e suplicou:

— Ainda não, doutor sahib. Por favor, um pouco mais de tempo.

Assim, numa certa noite do fim do verão de 1943 — novamente as chuvas não tinham vindo — meu avô, com sua voz parecendo longínqua e fantasmagórica naquela casa em que tão poucas palavras se pronunciavam, reuniu os filhos na sala de visitas, onde seus retratos estavam pendurados. Ao entrar, verificaram que a mãe se achava ausente, tendo preferido permanecer trancafiada no quarto em sua teia de silêncio; no entanto, estavam presentes um advogado e (apesar da relutância de Aziz, ele atendera aos desejos de Mumtaz) um mulá, ambos providenciados pela adoentada Rani de Cuch Nahin, ambos de “rigorosa discrição”. E ali estava a irmã deles, Mumtaz, vestida de noiva; ao lado dela, numa cadeira colocada diante do rádio, achava-se a figura obesa, meio calva e constrangida de Nadir Khan. Sucedia, pois, que o primeiro casamento da casa se fazia sem tendas, sem cantores nem doces, e somente com um mínimo de convidados; e depois de terminados os ritos e de Nadir Khan erguer o véu da noiva — o que provocou em Aziz um súbito choque, fazendo-o retornar por um momento à juventude, voltar a Caxemira, sentado numa plataforma com as pessoas atirando-lhe rupias ao co-lo —, meu avô fez com que todos jurassem solenemente não revelar a presença, no porão, do novo cunhado. Esmeralda, relutante, foi a última a prometer.

Depois, Aadam Aziz fez com que os filhos o ajudassem a descer toda sorte de coisas pelo alçapão do assoalho da sala de visitas: cortinas, almofadas, lâmpadas e uma cama enorme e confortável. Finalmente, Nadir e Mumtaz desceram os degraus para o subsolo; o alçapão foi fechado

e o tapete reposto no lugar. Nadir Khan, que amava a esposa com o máximo de ternura de que alguém era capaz, a conduziu para seu mundo subterrâneo.

Mumtaz Aziz passou a levar uma vida dupla. De dia, era uma moça solteira, que vivia castamente com os pais, cursava mediocrementemente a universidade, cultivava as qualidades da diligência, nobreza e paciência, que seriam suas marcas registradas por toda a vida, o que inclui a época em que foi importunada pelos baús de roupa suja falantes de seu passado e depois achatada como uma panqueca de arroz; à noite, porém, ao descer por um alçapão, ela penetrava numa alcova secreta e penumbrosa, que seu secreto marido se acostumara a chamar de Taj Mahal, pois Taj Bibi era o nome pelo qual fora conhecida uma Mumtaz anterior — Mumtaz Mahal, esposa do imperador Shah Jehan, cujo nome significava “rei do mundo”. Ao morrer a imperatriz, ele fez construir aquele mausoléu, hoje imortalizado em cartões-postais e caixas de chocolate, cujos corredores externos fedem a urina, cujas paredes estão cobertas de rabiscos e cujos ecos são demonstrados aos visitantes por guias turísticos, embora haja ali cartazes em três línguas pedindo silêncio. Tal como Shah Jehan e sua Mumtaz, Nadir e sua negra companheira deitavam-se lado a lado tendo por companhia um trabalho de marchetaria em lápis-lazúli, pois a enfermeira e moribunda Rani de Cuch Nahin lhes enviara, como presente de casamento, uma escarradeira de prata, de maravilhoso trabalho, marchetada de lápis-lazúli e incrustada de gemas. Em sua aconchegante reclusão penumbrosa, marido e mulher praticavam o jogo dos anciãos.

Mumtaz preparava a massa de bétele para Nadir, porém ela própria não apreciava o sabor. Cuspia jatos de nibu-pani. Os jatos de Nadir eram vermelhos; os dela, descorados. Foi o período mais feliz da vida de Mumtaz. E ela disse mais tarde, ao fim do longo silêncio:

— Teríamos tido filhos no final das contas; mas naquela época não seria correto.

Mumtaz Aziz gostou de crianças durante toda sua existência.

Enquanto isso, a Reverenda Mãe arrastava-se preguiçosamente ao longo dos meses, nas garras de um silêncio que se tornara tão absoluto que até os criados recebiam instruções por meio de sinais; certa feita, o cozinheiro Daoud, ao olhar para ela tentando compreender seus gestos de sonolento frenesi, não reparou numa panela de molho fervente, e ela caiu sobre seu pé, fritando-o como um ovo. Daoud abriu a boca para gritar, mas nenhum som saiu de sua garganta. Depois disso ele ficou convencido de que a velha megera tinha poderes de bruxa e, assustado demais, preferiu não largar o emprego. Continuou a trabalhar na casa até morrer, manquitolando no quintal e sendo atacado pelos gansos.

Aqueles anos não foram nada fáceis. A seca provocou o racionamento, e, com a proliferação de dias sem carne e sem arroz, era difícil alimentar uma boca extra e escondida. A Reverenda Mãe via-se obrigada a cavar fundo em sua despensa, o que lhe engrossava a raiva como o calor debaixo de um molho. Mumtaz notou, preocupada, que a mãe estava inchando, mês após mês. Dentro dela, as palavras não pronunciadas a faziam crescer como um balão de gás... Mumtaz tinha a impressão de que a pele da mãe esticava-se perigosamente.

E o dr. Aziz passava os dias fora de casa, longe do silêncio mortal, de modo que Mumtaz, que vivia suas noites debaixo da terra, via pouquíssimo o pai a quem tanto amava; e Esmeralda manteve sua promessa de nada dizer ao major a respeito do segredo de família. Por outro lado, porém, ela nada contava à família sobre sua ligação com ele, o que, no seu entender, era justo; e no milharal, Mustafá, Hanif e Rashid, o garoto do jinriquixá, infectavam-se com a indiferença da época; e assim a casa da Cornwallis Road foi levando a vida como era possível, até 9 de agosto de 1945, quando as coisas mudaram.

Uma história de família tem, naturalmente, suas próprias leis de dieta. Espera-se que cada pessoa só engula e digira as partes permitidas dessa história, suas porções halal — expurgadas de sua vermelhidão, de seu sangue. Lamentavelmente, isso torna a história menos succulenta; por

consequente, estou para me tornar o primeiro e único membro de minha família a violar as regras do halal. Impedindo que qualquer quantidade de sangue escape do corpo da narrativa, chego à parte indizível; e, intrepidamente, sigo em frente.

O que aconteceu em agosto de 1945? A Rani de Cuch Nahin morreu, mas não é nisso que estou interessado, ainda que, quando ela partiu deste mundo, houvesse se tornado tão branca que era difícil enxergá-la entre os lençóis; havendo cumprido sua função, legando à minha história uma escarradeira de prata, ela teve o bom gosto de ir embora depressa... Também em 1945 as monções não falharam. Na selva birmanesa, Orde Wingate e seus chindits, assim como o exército de Subhas Chandra Bose, que lutava ao lado dos japoneses, ficaram encharcados com a volta das chuvas. Em Jullundur, os manifestantes satyagraha, que se deitavam pacificamente sobre os trilhos da estrada de ferro, ficaram ensopados até os ossos. As fendas na terra, há tanto tempo estorricada, começaram a se fechar. Na casa da Cornwallis Road, toalhas tapavam as frestas das portas e janelas, e era preciso torcê-las e trocá-las continuamente. Mosquitos proliferavam nas poças d'água à beira de todas as ruas. O porão, o Taj Mahal de Mumtaz, ficou úmido, e ela acabou ficando doente. Durante alguns dias nada disse, mas quando seus olhos se avermelharam e ela começou a tremer de febre, Nadir, temendo uma pneumonia, pediu-lhe que procurasse o pai para se tratar. Mumtaz passou as semanas seguintes em sua cama de solteira, e Aadam Aziz ficava sentado ao lado da filha, pondo flanelas em sua testa, enquanto ela tremia. No dia 6 de agosto, a doença acabou. Na manhã do dia 9 Mumtaz sentiu-se bem o bastante para comer um pouco de alimento sólido.

Meu avô então foi buscar uma velha maleta de couro com a palavra HEIDELBERG gravada a fogo no couro do fundo, pois decidira que, como a filha estava muito depauperada, o melhor seria fazer-lhe uma avaliação física completa. No momento em que ele desafivelou a presilha, sua filha começou a chorar.

(E com isso chegamos ao principal. Pronto, Padma.)

Dez minutos depois o longo período de silêncio terminou para sempre, a partir do momento em que meu avô saiu aos berros do quarto da doente. Aos gritos, chamou a mulher, as filhas e os filhos. Tinha pulmões fortes, e o barulho chegou até Nadir Khan, a quem não foi difícil adivinhar qual o motivo de tanto rebuliço.

A família reuniu-se na sala de visita, em torno do rádio, debaixo das fotografias imemoriais. Aziz carregou Mumtaz para o aposento e colocou-a num sofá. O rosto de meu avô tinha uma aparência assustadora. Pode-se bem imaginar o que se passava no interior de seu nariz. Tudo porque ele tinha uma notícia espantosa para revelar: a notícia de que, depois de dois anos de casada, sua filha ainda era virgem.

Fazia três anos que a Reverenda Mãe falara pela última vez. — Filha, isso é verdade? — O silêncio que estivera pendurado nos cantos da casa, como uma teia de aranha rasgada, foi finalmente soprado para longe. Mas Mumtaz fez apenas um gesto de cabeça. Sim. Verdade.

A seguir, falou. Disse que amava o marido e que a outra coisa acabaria por acontecer. Ele era um homem bom e, quando fosse possível terem filhos, ele naturalmente acharia meios de fazer a coisa. Disse que era da opinião de que um casamento não devia depender daquilo, por isso não se dispusera a tocar no assunto, e que não era certo o pai contar aquilo a todo mundo, aos gritos, como fizera. Mumtaz teria prosseguido; mas agora, a Reverenda Mãe explodiu.

Três anos de palavras acumuladas vazavam de dentro dela (mas seu corpo, inflado pelas exigências de represá-las, não diminuiu de tamanho). Meu avô ficou de pé, imóvel, ao lado do Telefunken, enquanto a tempestade desabava sobre ele. De quem tinha sido a idéia? Quem é que resolvera, comoquechama, permitir que aquele covarde, que nem homem era, morasse na casa? Ficara ali, comoquechama, livre feito um passarinho, com comida e abrigo durante três anos, sem se preocupar com o racionamento, o que ele sabia sobre o preço do arroz? Quem era o fracote,

como quechama, isso mesmo, o fracote de cabelos brancos que autorizara aquele casamento ignóbil? Quem é que havia posto a filha na, como quechama, *cama* daquele salafrário? Quem é que tinha a cabeça cheia de um monte de bobagens incompreensíveis, como quechama, quem é que estava com os miolos tão amolecidos por idéias estrangeiras lunáticas que foi capaz de encaminhar a filha a um casamento tão pouco natural? Quem é que havia passado a vida, como quechama, ofendendo a Deus e meteu na cabeça que isso era uma opinião formada? Quem é que havia invocado o desastre sobre sua própria casa?... Ela falou contra meu avô durante uma hora e dezenove minutos, e quando acabou as nuvens haviam despejado toda sua água e a casa estava cheia de poças. E, antes que ela terminasse, sua filha mais nova, Esmeralda, fez uma coisa muito curiosa.

As mãos de Esmeralda se ergueram fechadas ao lado de seu rosto, mas com os indicadores estendidos. Os indicadores entraram nas orelhas e pareceram erguer Esmeralda da cadeira, e ela começou a correr, com os dedos obstruindo os ouvidos, a correr, sem a dupatta — A TODA! —, para a rua, pisando nas poças d'água, passando pelo renque de jinriquixás, pela loja de bétele de onde os velhos começavam a sair cautelosamente para o ar limpo e fresco do pós-chuva, e sua velocidade espantou os moleques que estavam em posição, esperando para começar a brincadeira de se esquivarem dos jatos de bétele, pois ninguém estava habituado a ver uma senhorita, muito menos uma das Tin Batti, correndo sozinha e como louca pelas ruas encharcadas com os dedos nos ouvidos e sem a dupatta nos ombros. Hoje em dia as cidades estão cheias de moças modernas e elegantes que não usam dupatta; mas naquele tempo os velhos estalavam a língua contristados, pois uma mulher sem dupatta era uma mulher sem honra. E por que Esmeralda Bibi teria resolvido deixar sua honra em casa? Os velhos estavam perplexos, mas Esmeralda sabia por quê. Percebia claramente, com nitidez, no ar limpo depois da chuva, que a fonte dos problemas de sua família era aquele gorduchinho covarde (isso mesmo,

Padma) que vivia no subsolo. Se ela pudesse se livrar dele, todos voltariam a ser felizes... Esmeralda correu sem parar até a área do Acantonamento, onde a chefia do Exército tinha sua base, onde estaria o major Zulfikar! Quebrando seu juramento, minha tia chegou ao gabinete dele.

Zulfikar é um nome famoso entre os muçulmanos. Era o nome da espada de duas pontas de Ali, o sobrinho do profeta Maomé. Uma arma como o mundo jamais vira.

Ah, sim. Naquele dia uma outra coisa estava acontecendo no mundo. Uma arma diferente de todas que o mundo já vira estava sendo jogada em cima de gente amarela no Japão. Em Agra, no entanto, Esmeralda estava utilizando uma arma secreta, só dela. Era uma arma cambaia, baixa, de cabeça chata; o nariz dessa arma quase lhe tocava o queixo; uma arma que sonhava com uma enorme casa moderna que tivesse um banheiro com água encanada bem ao lado da cama.

O major Zulfikar nunca teve absoluta certeza se devia ou não acreditar que Nadir Khan estivesse por trás do assassinato do Colibri; mas vivia ansioso por uma oportunidade de descobrir. Quando Esmeralda lhe falou do Taj subterrâneo de Agra, ele ficou tão agitado que se esqueceu de ficar zangado, e precipitou-se para a Cornwallis Road com um destacamento de quinze homens. Chegaram à sala de visitas encabeçados por Esmeralda. Minha tia: traição de rosto formoso, sem dupatta e de largos pijamas cor-de-rosa. Aziz ficou olhando, atarantado, os soldados enrolarem o tapete da sala de visitas e abrirem o enorme alçapão, enquanto minha avó procurava consolar Mumtaz. — As mulheres devem se casar com homens — disse. — E não com, comoquechama, ratos! Não há vergonha alguma em abandonar esse, comoquechama, verme. — No entanto, sua filha continuava a chorar.

Ausência de Nadir em seu mundo subterrâneo! Alertado pelo primeiro berro de Aziz, dominado pela vergonha que o empapava com mais facilidade que a monção, ele se escafecera. Havia um alçapão escancarado num dos banheiros — sim, exatamente o mesmo, por que não, no qual ele

havia dirigido a palavra ao dr. Aziz, através do santuário de um baú de roupa suja. Uma “caixa de trovoadas” de madeira — um “trono” — jazia de lado, o vaso esmaltado vazio rolando sobre o tapete de fibra de coco. O banheiro tinha uma porta externa que dava para o caminho do milharal; a porta estava aberta. Fora trancada pelo lado de fora, mas apenas por uma fechadura “*Indústria indiana*”, portanto tinha sido fácil forçá-la... E no retiro aconchegante e penumbroso do Taj Mahal viam-se uma escarradeira reluzente e um bilhete endereçado a Mumtaz e assinado pelo marido — três palavras, seis sílabas, três pontos de exclamação:

*Talaaq! Talaaq! Talaaq!*

Falta a outras línguas o som ribombante do urdu, mas de qualquer forma todos sabem o que isso significa. Eu te repudio. Eu te repudio. Eu te repudio.

Nadir Khan fizera a única coisa digna a fazer.

Ah, que cólera formidável a do major Zulfy quando descobriu que o pássaro batera asas! Tudo ficou vermelho diante dele. Ah, que ira comparável à fúria de meu avô, embora expressa em gestos tolos! A princípio, o major Zulfy pôs-se a andar de um lado para o outro, em inúteis ataques de mau humor; por fim, controlou-se; e depois disparou pelo banheiro, passou pelo trono, seguiu pelo milharal, atravessou o portão externo. Nem sinal de um poeta fugitivo, gordalhão, de cabelos compridos e modernista. À esquerda, nada. À direita, zero. O indignado Zulfy chegou a uma decisão e avançou pela fileira de jinriquixás. Alguns velhos praticavam o jogo da escarradeira, e a escarradeira tinha sido posta na rua. Moleques esquivavam-se dos fluxos de suco de bétele. O major Zulfy correu, desvairado, entre os anciãos e o alvo deles, mas sem a habilidade dos moleques de rua. Que momento infeliz: um jato baixo e forte de líquido escarlate atingiu-o em cheio na virilha. Uma mancha como que de uma mão humana na forquilha da calça de seu uniforme de campanha deteve seu avanço. O major Zulfy parou, tomado de raiva estrondosa. Decisão ainda mais infeliz: um segundo praticante do jogo, supondo que o

enlouquecido militar continuaria a correr, expelira um segundo jato. Uma outra mão superpôs-se à primeira, completando o dia do major Zulfy... Lenta, deliberadamente, ele caminhou até a escarradeira e deu-lhe um chute, virando-a de cabeça para baixo na poeira. Saltou em cima dela uma, duas, três vezes!, achatando-a e recusando-se a demonstrar que aquilo lhe machucara o pé. Depois, com alguma dignidade, voltou mancando para o automóvel estacionado diante da casa de meu avô. Os velhos recuperaram seu receptáculo depredado e começaram a desamassá-lo.

— Agora que vou me casar — disse Esmeralda a Mumtaz —, seria muita grosseria de sua parte nem mesmo tentar fazer uma cara alegre. E você devia me dar conselhos, e coisa e tal. — Na época, embora Mumtaz sorrisse para a irmã mais nova, julgara uma grande desfaçatez da parte de Esmeralda dizer tal coisa; e, talvez involuntariamente, aumentara a pressão do lápis com o qual estava aplicando traços de henna nas solas dos pés da irmã. — Ei! — gritou Esmeralda. — Não precisa ficar zangada! Só achei que devíamos tentar ser amigas.

As relações entre as irmãs tinham ficado um tanto estremecidas desde o desaparecimento de Nadir Khan; e Mumtaz não ficara nada satisfeita quando o major Zulfikar (que preferira não acusar meu avô de dar abrigo a um fugitivo, ajeitando as coisas com o general Dodson) pediu e recebeu permissão para se casar com Esmeralda. “É como se fosse uma chantagem”, pensou ela. “De todo modo, e a Alia? A filha mais velha não deveria ser a última a se casar, e veja que paciência ela tem tido com esse comerciante dela!” No entanto, nada disse, sorriu seu sorriso tolerante e dedicou-se, diligente, aos preparativos do casamento, concordando em tentar fazer uma cara alegre. Enquanto isso, Alia continuava à espera de Ahmed Sinai. (“Vai ficar esperando para sempre”, conjectura Padma; e corretamente.)

Janeiro de 1946. Tendas, doces, convidados, canções, noiva desfalecida, noivo em posição de sentido: um belo casamento... no qual o comerciante

de oleados, Ahmed Sinai, viu-se entretido numa conversa interminável com a recém-divorciada Mumtaz.

— Gosta de crianças?... Que coincidência, eu também...

— Coitada, não teve nenhuma? Bem, para dizer a verdade, minha mulher não podia...

— Não diga, como deve ter sido triste para você! E ela deve ter sofrido de um mau humor terrível!

— Ah, um humor do cão... desculpe-me. As emoções me fizeram perder a...

— Não tem importância, nem pense mais nisso. Ela jogava pratos, essas coisas?

— Se jogava? Um mês depois do casamento, já estávamos servindo a comida em jornais!

— Essa não, quantas mentiras você está dizendo!

— É, não adianta, você é muito esperta para mim. Mas, falando sério, ela atirava pratos, sim.

— Coitado, como você deve ter sofrido.

— Não, eu não. Você sofreu mais.

E Mumtaz pensando: “Engraçado, um sujeito tão simpático... Com Alia ele sempre pareceu tão enfasiado...”. E Ahmed Sinai pensando: “... Nunca prestei atenção nessa menina, mas puxa!”. E Mumtaz: “... Dá para ver que ele gosta de crianças. E só por isso eu poderia...”. E Ahmed Sinai: “... Bem, não há por que me preocupar com a pele...”. Notou-se que, na hora de cantar, Mumtaz achou ânimo para participar de todas as canções; Alia, porém, permaneceu em silêncio. Ela tinha sido muito mais ferida do que o pai, em Jallianwala Bagh; e não se via nela marca alguma.

— Afinal, irmã tristonha, você conseguiu se divertir!

Em junho daquele ano, Mumtaz se casou de novo. A irmã — que ficou sabendo da novidade pela mãe — não falou mais com ela até que, pouco antes de ambas morrerem, encontrou uma oportunidade de se vingar. Tanto Aadam Aziz como a Reverenda Mãe tentaram, sem sucesso,

convencer Alia de que essas coisas acontecem, de que era melhor aquilo ter ocorrido agora do que mais tarde, que Mumtaz havia sofrido muito e que precisava de um homem que a ajudasse a se recuperar... Além disso, Alia era inteligente, ficaria bem.

— Mas, mas... — disse Alia — ninguém nunca se casou com um livro.

— Mude de nome — disse Ahmed Sinai à mulher. — Chegou a hora de recomeçar a vida. Jogue fora Mumtaz e aquele Nadir Khan dela, jogue pela janela. Vou escolher um nome novo para você. Amina. Amina Sinai. Que tal?

— Como quiser, marido — respondeu minha mãe.

“De qualquer maneira”, escreveu Alia, a filha inteligente, em seu diário, “quem é que quer empacar nesse negócio de casamento? Eu não, nunca, jamais.”

\* \* \*

Mian Abdullah foi um falso começo para uma porção de pessoas otimistas; seu assistente (cujo nome não podia ser pronunciado na casa de meu pai) foi o passo em falso de minha mãe. Mas aqueles foram os anos da seca; muitas plantações semeadas na época acabaram dando em nada.

— O que aconteceu com o gorducho? — pergunta Padma, curiosa. — Não venha me dizer que não vai *contar!*

# Um anúncio público

Seguiu-se um janeiro ilusionista, uma época tão calma na superfície que era como se 1947 nem mesmo houvesse começado. (Embora, na verdade, é claro que...) Um janeiro no qual a Missão do Gabinete — o velho Pethick-Lawrence, o hábil Cripps, o militarista A. V. Alexander — viu fracassar seu plano para a transferência de poder. (Naturalmente, é claro, só levariam seis meses para que...) Um janeiro no qual o vice-rei, Wavell, compreendeu que estava liquidado, acabado para sempre. (O que, naturalmente, só fez acelerar as coisas, pois causou a ascensão do último dos vice-reis, o qual...) Um janeiro em que mr. Attlee parecia estar muito ocupado decidindo o futuro da Birmânia com mr. Aung Sam. (Enquanto, claro, na verdade estava dando instruções ao último vice-rei, antes de anunciar sua nomeação; o último futuro vice-rei estava visitando o rei e recebendo poderes plenipotenciários; de modo que logo, logo...) Um janeiro no qual a Assembléia Constituinte se manteve em recesso, decretado por ela própria, sem haver chegado a um acordo sobre uma constituição. (É claro, porém, que na verdade o conde Mountbatten, o último vice-rei, estaria conosco mais dia menos dia, com seu inexorável tiquetaque, com sua faca de soldado, capaz de cortar subcontinentes em três, e com sua mulher que comia pedaços de peito de frango escondida atrás da porta trancada de um lavatório.) E no meio daquela imobilidade especular, através da qual era impossível ver o movimento das grandes engrenagens, minha mãe, a recém-nomeada Amina Sinai, que também parecia estagnada e imutável, ainda que coisas importantíssimas estivessem acontecendo debaixo de sua pele, acordou certa manhã com a cabeça

doendo de insônia, com a língua grossa de um sono não dormido, e deu consigo dizendo em voz alta, de maneira inteiramente involuntária:

— O que o sol está fazendo aqui, Alá? Ele nasceu no lugar errado.

... Aqui devo fazer uma interrupção. Eu não pretendia isso hoje, pois Padma tem se irritado sempre que minha narrativa mostra sinais de inibição, sempre que, como um incompetente manipulador de marionetes, deixo ver as mãos que mexem os cordéis. Mas é imperioso que eu registre um protesto. Assim, intrometendo-me num capítulo ao qual, por um acaso feliz, dei o título de “Um anúncio público”, proclamo (nos termos mais veementes possíveis) o seguinte alerta médico geral: Um certo dr. N. Q. Baligga (desejo gritar do alto dos telhados! Pelos megafones dos minaretes!) é um charlatão. Devia ser trancafiado, surrado, defenestrado. Ou pior: submetido à sua própria charlatanice, cobrir-se de chagas leprosas em virtude do uso de uma pílula mal receitaada. O idiota — ressaltado com eloquência — não vê um palmo adiante do nariz!

Depois do desabafo, devo deixar minha mãe se preocupando ainda por um momento com o curioso comportamento do sol, a fim de explicar que nossa Padma, alarmada pelas alusões que fiz às minhas rachaduras, fez confidências secretas a esse Baligga — esse impostor! esse curandeiro! — e que em consequência disso o charlatão, a quem não homenagearei fazendo-lhe a descrição, veio nos visitar. Com toda a inocência, e por causa de Padma, permiti que me examinasse. Eu devia ter temido o pior; o pior foi o que ele fez. Acreditem, se puder: o palerma declarou-me íntegro! — Não vejo nenhuma rachadura — afirmou, pesaroso, diferindo de Nelson na batalha de Copenhague pelo fato de não possuir nenhum olho são, por ser sua cegueira decorrente não da opção de um gênio obstinado, e sim da maldição inevitável de sua parvoíce! Cegamente, ele impugnou meu estado de espírito, lançou dúvidas sobre minha confiabilidade como testemunha e sabe Deus o que mais: “Não vejo nenhuma rachadura”.

Por fim, foi Padma quem o pôs porta afora. — Não tem importância, doutor sahib — disse ela —, nós mesmos cuidaremos dele. — Percebi em

seu rosto uma espécie de admissão de sua própria e frouxa culpa... E Baligga sai, para nunca mais retornar a estas páginas. Mas, santo Deus! Terá a profissão médica — o sacerdócio de Adam Aziz — descido tão baixo? A essa latrina de Baliggas? Por fim, se isso for verdade, todo mundo há de passar sem médicos... e isso me recorda o motivo pelo qual Amina Sinai acordou certa manhã com o sol nos lábios.

— Ele nasceu no lugar errado! — gritou ela sem querer. E a seguir, em meio ao zunzum em sua cabeça, resultado de uma noite maldormida, entendeu a maneira como, naquele mês de ilusões, ela havia sido vítima de um engano, pois tudo que acontecera foi que ela havia acordado em Délhi, na casa de seu novo marido, uma casa que dava para leste, na direção do sol; portanto o sol estava no lugar certo; o que havia se modificado era a posição dela... Mas mesmo depois de haver entendido e registrado essa idéia elementar, juntamente com os muitos erros semelhantes que havia cometido desde que ali chegara (porque sua confusão com relação ao sol fora uma ocorrência regular, como se sua mente se recusasse a aceitar as alterações de sua vida, a nova posição “sobretterrânea” de sua cama), algum elemento da influência desordenada daquela época havia permanecido em sua cabeça, impedindo-a de se sentir inteiramente à vontade.

— No final das contas, todo mundo se vira sem pais — disse o dr. Aziz à filha ao se despedir dela.

E a Reverenda Mãe acrescentou: — Outro, comoquechama, órfão na família, mas não tem importância, Maomé também era órfão. E uma coisa você pode dizer a favor desse seu Ahmed Sinai, comoquechama: pelo menos ele é meio caxemirense.

A seguir, com suas próprias mãos, o dr. Aziz havia enfiado um baú verde de lata para dentro do compartimento do vagão ferroviário, onde Ahmed Sinai aguardava sua mulher. — O dote não é pequeno nem grande, segundo os padrões habituais — disse meu avô. — Não somos milionários,

você sabe disso. No entanto, demos a você o suficiente; e Amina lhe dará mais.

Dentro do baú verde de lata, samovares de prata, sáris de brocado, moedas de ouro dadas ao dr. Aziz por pacientes agradecidos, um museu no qual as peças em exibição representavam doenças curadas e vidas salvas. E então Aadam Aziz levantou a filha (com os próprios braços), entregando-a, tal como o dote, aos cuidados daquele homem que dera a ela um novo nome e, assim, a reinventara, tornando-se, em certo sentido, seu pai, bem como seu novo marido... Começou a andar (com os próprios pés) ao longo da plataforma no momento em que o trem se pôs em movimento. Como um corredor de revezamento que tivesse completado sua volta, ele se viu envolto por fumaça, vendedores de revistas em quadrinhos, uma confusão de leques de penas de pavão, comidas quentes e todo o letárgico pandemônio de carregadores acorados e animais de gesso em cima de carrinhos, enquanto o trem ganhava velocidade e rumava para a capital, acelerando na próxima volta da corrida. No compartimento do trem, a nova Amina Sinai se achava sentada (nova em folha) com os pés sobre o baú verde de lata, que tinha dois dedos a mais para que coubesse debaixo do banco. Apoiando as sandálias no museu fechado das realizações do pai, ela se arrojava à sua nova vida, deixando Aadam Aziz entregue à tarefa de se dedicar a uma tentativa de mesclar as melhores coisas da medicina ocidental e a hakimi, uma tentativa que aos poucos o desgastaria, convencendo-o de que jamais chegaria ao fim, na Índia, a hegemonia da superstição, da feitiçaria e de tudo quanto fosse mágico, uma vez que os hakims recusavam-se a cooperar; e à medida que ele envelhecia e o mundo se tornava menos real, começou a duvidar de suas próprias crenças, de modo que na época em que viu o Deus em quem nunca fora capaz de acreditar ou desacreditar, estava provavelmente esperando por isso.

No momento em que o trem deixou a estação, Ahmed Sinai deu um salto, trancou a porta do compartimento e baixou as cortinas, para espanto de Amina; de repente, porém, ouviram-se batidas do lado de fora, mãos

que mexiam nas maçanetas e vozes que gritavam: — Deixe-nos entrar, maharaj! Maharajin, peça a seu marido que abra a porta! — E sempre, em todos os trens desta história, havia essas vozes e esses punhos batendo e suplicando; no Frontier Mail para Bombaim e em todos os expressos, anos a fio; e era sempre assustador, até que por fim eu fui um dos que estavam do lado de fora, tentando salvar a vida e implorando: “Ei, maharaj! Deixe-me entrar, senhor!”.

— Gente que não quer pagar a passagem — disse Ahmed Sinai. Mas era mais do que isso. Era uma profecia. Logo haveria outras.

... E agora o sol estava no lugar errado. Ela, minha mãe, achava-se deitada na cama e se sentia pouco à vontade; mas também estava emocionada com aquilo que havia acontecido dentro dela e que era, por enquanto, seu segredo. A seu lado, Ahmed Sinai roncava sonoramente. Para ele não existia insônia; nunca, apesar dos problemas que o haviam feito trazer uma bolsa cinzenta cheia de dinheiro e escondê-la debaixo da cama quando julgou que Amina não estava olhando. Meu pai dormia profundamente, enrolado no invólucro acolhedor do maior presente que minha mãe lhe dera, e que mostrou valer bem mais do que o conteúdo do baú verde de lata: Amina Sinai dera a Ahmed a dádiva de sua inesgotável diligência.

Ninguém jamais trabalhou tanto como Amina. Escura de pele e de olhos reluzentes, minha mãe era, por natureza, a pessoa mais meticulosa do mundo. Com diligência, arrumava flores nos corredores e nos cômodos da velha casa de Délhi; os tapetes eram escolhidos com infinito cuidado. Era capaz de passar vinte e cinco minutos analisando a melhor maneira de colocar uma cadeira. Quando finalmente acabou de ajeitar a casa, acrescentando pequenos toques aqui, fazendo modificações mínimas ali, Ahmed Sinai viu sua habitação de órfão transformada em algo aconchegante e feliz. Amina levantava-se da cama antes dele, e sua diligência levava-a a espanar tudo, até as venezianas de junco (até que Ahmed concordou em pagar um hamal para fazer isso); mas o que Ahmed

nunca soube é que os talentos de sua mulher eram devotados com mais dedicação e determinação não aos aspectos externos da vida deles, e sim à questão do próprio Ahmed Sinai.

Por que se casara com ele? Para ter consolo — e filhos. A princípio, entretanto, a insônia que lhe revestia o cérebro atrapalhou seu primeiro objetivo; e os filhos nem sempre vêm logo. E assim Amina deu consigo sonhando com o rosto de um poeta insonhável e despertando com um nome impronunciável nos lábios. Vocês perguntarão: o que ela fez então? Eu respondo: rilhou os dentes a atirou-se à tarefa de se endireitar. Eis o que ela disse a si mesma: “Sua grande idiota ingrata, não vê quem é seu marido agora? Não sabe o que um marido merece?”. A fim de evitar controvérsias infrutíferas a respeito das respostas corretas a essas perguntas, digo logo que, na opinião de minha mãe, um marido merece lealdade inquestionável e amor sem reservas e total. Entretanto, havia uma dificuldade: com a mente entupida de Nadir Khan e insônia, Amina verificou que não estava em condições de naturalmente proporcionar essas coisas a Ahmed Sinai. E por isso, lançando mão de sua diligência, começou a treinar para amá-lo. Com esse fim, ela mentalmente o dividiu em cada uma das partes que o compunham, tanto as físicas como as comportamentais, compartimentalizando-o em tiques labiais, vícios de linguagem, preconceitos e coisas do gênero... Em suma, Amina caiu sob o encanto do lençol furado de seus pais, pois tomara a decisão de se apaixonar pelo marido pedacinho por pedacinho.

Todo dia ela escolhia um fragmento de Ahmed Sinai e concentrava nele todo o seu ser, até esse pedaço dele se tornar inteiramente familiar, até sentir a simpatia crescendo dentro dela transformar-se em afeição e, finalmente, em amor. Foi assim que passou a adorar a voz dele, alta demais, e o modo como aquela voz lhe feria os tímpanos e a fazia estremecer; e também a mania que ele tinha de se sentir bem-humorado só até se barbear — depois do que, todas as manhãs, ele se fazia severo, ríspido, impessoal e distante; e ainda seus olhos fundos como os de um

abutre, que escondiam aquilo que, ela estava certa, era sua bondade interior por trás de uma expressão desoladamente ambígua; a maneira como o lábio inferior de Ahmed se projetava além do superior; e sua baixa estatura, que o levou a proibi-la para sempre de usar salto alto... “Meu Deus”, dizia ela consigo mesma, “ao que parece existe um milhão de coisas diferentes para se amar num só homem!” No entanto, ela não esmorecia. “Quem, afinal de contas”, raciocinava, “algum dia conhecerá outro ser humano completamente?”, e continuava a aprender a amar e a admirar o apetite de Ahmed por comidas fritas, seu talento para declamar poesia persa, o sulco de cólera entre suas sobrancelhas... “Nesse ritmo”, pensava Amina, “sempre haverá alguma coisa nova para eu amar nele. E assim nosso casamento jamais se tornará tedioso.” Dessa maneira, com toda a diligência, minha mãe instalou-se na velha cidade. O baú de lata permanecia fechado em cima de um velho armário.

E sem que Ahmed soubesse ou suspeitasse, sua vida assim como ele próprio passaram a ser operados pela esposa, até que pouco a pouco ele começou a se assemelhar a um homem que jamais havia conhecido e a viver num lugar semelhante a um quarto subterrâneo, que nunca vira. Sob o efeito de uma magia trabalhosa, tão obscura que Amina provavelmente não tinha consciência de utilizá-la, Ahmed Sinai viu seus cabelos rarearem e os poucos fios que sobraram ficar fracos e oleosos, e descobriu que estava deixando os cabelos crescerem, até começarem a cobrir a ponta das orelhas. Além disso seu estômago pôs-se a inchar, até se tornar o ventre macio e rotundo no qual eu seria com tanta freqüência acalentado e que nenhum de nós, ao menos conscientemente, comparava à adiposidade de Nadir Khan. Zohra, uma prima distante de Ahmed Sinai, lhe disse, coquete:

— Você deve fazer uma dieta, primo, senão não vamos conseguir alcançar seu rosto para beijá-lo! — De nada adiantou o conselho... e pouco a pouco Amina construiu na Velha Délhi um mundo de almofadas macias e de cortinas sobre janelas que deixavam passar o mínimo de luz...

Revestiu as venezianas de junco com panos pretos; e todas essas transformações minúsculas ajudavam-na em sua tarefa hercúlea de aceitar, gradualmente, a idéia de que precisava amar um novo homem. (No entanto, ela permaneceu suscetível às proibidas imagens oníricas de... e sempre se sentiria atraída por homens de barrigas macias e de cabelos compridos e ralos.)

Da cidade antiga não se avistava a nova. Nesta, uma raça de rosados conquistadores havia construído palácios de pedra cor-de-rosa; na cidade velha, porém, as casas dos becos estreitos inclinavam-se, acotovelavam-se, comprimiam-se, bloqueavam a visão dos ornamentados edifícios do poder. Não que alguém alguma vez olhasse naquela direção. Nos muhallas, ou bairros muçulmanos que se aglomeravam em torno de Chandni Chowk, as pessoas contentavam-se em olhar para dentro dos pátios murados de suas vidas; em instalar cortinas de juncos em suas janelas e varandas. Nas ruelas estreitas, jovens ociosos davam-se as mãos, andavam de braços dados, beijavam-se quando se encontravam e formavam círculos, acotovelando-se muito juntos. Não havia áreas verdes, e as vacas ficavam ao longe, sabendo que ali não eram sagradas. As campainhas das bicicletas soavam continuamente. E sobre a cacofonia ouviam-se os gritos dos vendedores de frutas: *Venham toooodos, saborosas tâmaraaaas!*

E a tudo isso somou-se, naquela manhã de janeiro em que meu pai e minha mãe escondiam segredos um do outro, o matraquear nervoso dos passos de mr. Mustafá Kemal e de mr. S. P. Butt; e também as batidas insistentes de tambor de Lifafa Das.

Quando os passos ruidosos começaram a ser ouvidos nos becos do bairro, o espetáculo e o tambor de Lifafa Das ainda estavam distantes. Pés ruidosos desceram de um táxi e enveredaram, rápidos, pelas ruelas estreitas; enquanto isso, em sua casa de esquina, minha mãe estava na cozinha preparando khichri para o café-da-manhã e entreouvindo meu pai conversar com sua prima distante, Zohra. Pés batiam com força no chão,

passando por vendedores de frutas e pelos desocupados de mãos dadas; minha mãe entreouviu:

— ... Não consigo parar de vir ver vocês, os recém-casadinhos. Sabe, vocês são tão amorosos! — Enquanto os pés se aproximavam, meu pai realmente enrubesceu. Naqueles tempos, seus encantos ainda estavam no auge; o lábio inferior não se projetava tanto, a ruga entre as sobrancelhas ainda era leve... e Amina, mexendo o khichri, ouviu Zohra soltar um gritinho:

— Ora vejam, ficou corado! Mas como você é mesmo tão alvo, primo!... — E ele estava permitindo que ela escutasse a rádio Pan-Índia à mesa, o que Amina não podia fazer. Lata Mangeshkar cantava uma lamuriosa canção de amor, enquanto o palavreiro de Zohra (“Você é igualzinho a mim, não acha?”) continuava. — Bebês lindos e rosados nós vamos ter, um casal perfeito, não é, primo, casaizinhos cor-de-rosa? — E os pés faziam barulho e a panela era mexida, enquanto — Que tristeza ser preta, primo, já pensou, acordar todo dia e ver esse rosto olhando para você, ver no espelho a prova da sua inferioridade? É claro que eles sabem. Até os pretos sabem que o branco é mais bonito, também não acha? — Os pés estão muito próximos agora, e Amina entra na sala de jantar trazendo a panela nas mãos, fazendo todo esforço para se controlar e pensando: “Por que essa mulher tinha que vir hoje, quando tenho uma notícia para dar? E além disso vou ter de pedir dinheiro na frente dela”.

Ahmed Sinai gostava que Amina lhe pedisse dinheiro com delicadeza, que ele lhe fosse arrancado com carícias e palavras afetuosas, até o guardanapo começar a subir em seu regaço, acompanhando o movimento de alguma coisa em seu pijama; e Amina não se importava, com sua diligência aprendera a amar isso também, e quando ela precisava de dinheiro havia afagos e palavras doces: “Janum, minha vida, por favor...”. Ou: “... Só um pouquinho para eu poder fazer comida boa e pagar as contas...”. Ou: “Você é um homem tão generoso, dê o que quiser, sei que vai ser o suficiente...”. Técnicas de mendigos de rua, e ela teria de aplicá-

las na frente daquela mulher com olhos do tamanho de pratos, voz gargalhante e aquela tagarelice sobre gente escura. Pés já quase à porta e Amina na sala de jantar com o khichri pronto, tão perto da cabeça tonta de Zohra, no momento em que Zohra exclama: — Ah, *claro* que não estou me referindo a gente da família! — Apenas por precaução, pois não tinha certeza de ter sido ouvida ou não, e diz: — Ah, Ahmed, meu primo, é realmente muito feio de sua parte imaginar que eu estivesse me referindo à nossa linda Amina, que na verdade não é tão preta, é apenas como uma senhora branca que estivesse na sombra! — Enquanto Amina, com a panela nas mãos, olha para aquela bela cabeça e pensa: “Será que devo?” e “Será que tenho coragem?”. E acalma-se com um pensamento: “Hoje é um grande dia para mim. E pelo menos ela levantou o assunto de crianças. Assim, agora vai ser fácil para mim...”. Mas é tarde demais, no rádio as lamúrias de Lata encobriram o som da campainha, de modo que não escutaram o velho Musa, o criado, ir atender à porta. Lata cobriu o som de pés ansiosos matraqueando no andar de cima; de repente, porém, ali estão, os pés de mr. Mustafá Kemal e de mr. S. P. Butt detendo-se de súbito.

— Os biltres acabam de perpetrar um ato afrontoso! — mr. Kemal, que é o homem mais magro que Amina Sinai já viu, provoca, com seu vocabulário curiosamente complicado (derivado de seu amor pelas demandas, em consequência do que se deixou contagiar pela fraseologia de tribunal), uma espécie de reação em cadeia de um farsesco pânico, que o pequeno, esganiçado e vacilante S. P. Butt, que tem nos olhos alguma coisa de desvairado e que dança como um macaco, aumenta consideravelmente ao pronunciar três palavras:

— Sim, os piromaníacos!

A seguir, num estranho ato involuntário, Zohra aperta o rádio contra o peito, abafando Lata entre os seios e gritando: — Ah, Deus, ai, Deus, que piromaníacos? Onde? Nesta casa? Ai, meu Deus, já estou sentindo o calor! — Amina permanece congelada com o khichri nas mãos, olhando para os

dois homens de terno, enquanto o marido, segredos agora já mandados às favas, põe-se de pé para sair, barbeado mas ainda não vestido, e pergunta:

— O depósito?

Depósito, armazém, godão... chamem-no como quiserem. Entretanto, assim que Ahmed Sinai fez a pergunta, o silêncio caiu sobre a sala; só a voz de Lata Mangeshkar, é claro, ainda escapava dos peitos de Zohra; porque aqueles três homens partilhavam um grande prédio dessa natureza, localizado na área industrial, nas cercanias da cidade. “O depósito não, meu Deus”, rezou Amina em silêncio, pois o negócio de oleados estava indo bem. Através do major Zulfikar, agora ajudante-de-ordens no Quartel-General Militar em Délhi, Ahmed Sinai conseguira um contrato para fornecer capas de chuva e toalhas de mesa impermeáveis ao Exército, e grandes estoques do material de que suas vidas dependiam estavam armazenados naquele depósito.

— Mas quem seria capaz de uma coisa dessas? — choramingou Zohra, no mesmo tom de seus seios cantarolantes. — Por que tantos loucos à solta hoje em dia?

... E foi assim que, pela primeira vez, Amina escutou o nome que seu marido lhe havia escondido e que, naqueles tempos, despertava terror em muitos corações.

— Foi Ravana — disse S. P. Butt... Mas Ravana é o nome de um demônio de muitas cabeças; estariam, então, os demônios vagando pelo mundo?

— Que tolice é essa? — Amina, falando com o mesmo ódio do pai pela superstição, exigiu uma resposta; e mr. Kemal forneceu-a:

— Esse é o nome de uma pérfida agremiação, madame. Uma chusma de canalhas incendiários. Eis que vivemos dias angustiosos; dias angustiosos!

No depósito havia rolos sobre rolos de oleado; e as mercadorias comercializadas por mr. Kemal: arroz, chá, lentilhas; ele as acumula por todo o país, em vastas quantidades, como forma de proteção contra o

monstro voraz de muitas cabeças e de muitas bocas que é o povo, o qual poderia vir a forçar uma baixa tão grande de preços em épocas de abundância que os empresários religiosos passariam fome enquanto o monstro engordava...

— A economia é a administração da escassez — argumenta mr. Kemal —, de modo que meus depósitos não só mantêm os preços num nível digno como esteiam a própria estrutura da economia.

E acha-se também no depósito o estoque de mr. Butt, guardado em caixas que trazem as palavras MARCA AAG. Não tenho necessidade de dizer que *aag* significa “fogo”. S. P. Butt fabricava fósforos.

— Nossas informações — declara mr. Kemal — revelam tão-somente a ocorrência de um incêndio na área industrial. O godão específico não foi apontado.

— Mas por que seria o nosso? — indaga Ahmed Sinai. — Por quê, já que ainda temos tempo para pagar?

— Pagar? — interrompe Amina. — Pagar a quem? Pagar o quê? Marido, janum, vida minha, o que está acontecendo?

Mas: — Precisamos ir — diz S. P. Butt, e Ahmed Sinai está de partida, sem nem mesmo tirar o pijama de dormir, embarafustando-se porta afora com o magro e o vacilante, deixando para trás o khichri não consumido, mulheres de olhos arregalados, a abafada Lata e, pairando no ar, o nome de Ravana...

— Uma súcia de calhordas, madame; malfeitores inescrupulosos, uma chusma de pândegos!

E as derradeiras e trêmulas palavras de S. P. Butt: — Malditos incendiários hindus, begum sahíba. Mas o que nós, muçulmanos, podemos fazer?

O que se sabe a respeito do grupo Ravana? Que se apresentava como um movimento antimuçulmano fanático, e isso, naqueles tempos anteriores aos distúrbios da Partilha, tempos em que deixar impunemente cabeças de porcos nos pátios das mesquitas, às sextas-feiras, não era nada

incomum. Que mandava homens, na calada da noite, pintarem palavras de ordem nos muros tanto da cidade velha como da nova: “NADA DE PARTILHA OU GUERRILHA!”, “MUÇULMANOS: OS JUDEUS DA ÁSIA!”, e assim por diante. E que incendiava fábricas, lojas e armazéns de propriedade de muçulmanos. Entretanto, havia algo mais, que em geral se ignorava: por trás dessa fachada de ódio racial, o grupo Ravana representava um empreendimento comercial concebido de modo brilhante. Empresários muçulmanos recebiam telefonemas anônimos ou cartas escritas com letras recortadas de jornais, e a eles se oferecia a opção entre pagar uma quantia em dinheiro, uma única vez, ou ter seu mundo incendiado. Curiosamente, o grupo demonstrou possuir uma ética elevada. Não havia uma segunda exigência. E falavam sério: na ausência de bolsas cinzentas cheias de dinheiro, o fogo lambia vitrinas, fábricas ou depósitos. A maioria das pessoas pagava, preferindo isso à alternativa arriscada de confiar na polícia. Em 1947, a polícia não merecia a confiança dos muçulmanos. E conta-se (embora disso eu não possa ter certeza) que as cartas de chantagem continham uma lista de “clientes satisfeitos”, que haviam pago e permanecido com seus estabelecimentos abertos. O grupo Ravana — como todos os profissionais — dava referências.

Dois homens de terno e um de pijama correram pelas ruelas estreitas do bairro muçulmano até o táxi que os aguardava em Chandni Chowk. Atraíam olhares curiosos, não só por causa de sua variada indumentária como também porque se esforçavam para não correr.

— Não demonstrem pânico — aconselhou mr. Kemal. — Procurem parecer calmos. — Seus pés, no entanto, não cessavam de se descontrolar e correr. Aos trancos, em corridinhas seguidas por alguns passos mal disciplinados, deixaram o bairro; passaram, no caminho, por um rapaz com uma caixa preta de metal em cima de um carrinho e que segurava um pequeno tambor: Lifafa Das, a caminho do palco da importante declaração pública que dá título a este episódio. Lifafa Das martelava o tambor e chamava:

— Venham ver tudo, venham ver tudo, venham ver! Venham ver Délhi, venham ver a Índia, venham ver! Venham ver, venham ver!

Ahmed Sinai, entretanto, tinha outras coisas para ver.

As crianças do muhalla — o bairro muçulmano — tinham seus próprios nomes para a maioria dos habitantes do lugar. Um grupo de três vizinhos era conhecido como os “galos de briga”, pois compreendiam um sindi e um bengali cujas casas eram separadas por uma das poucas residências hindus do muhalla. O sindi e o bengali tinham pouquíssimo em comum — não falavam a mesma língua nem preparavam os mesmos alimentos; ambos, porém, eram muçulmanos e detestavam o hindu interposto entre eles. Das janelas de suas casas, despejavam lixo sobre a casa dele. De suas janelas, atiravam-lhe os piores xingamentos multilíngües. Jogavam pedaços de carne contra sua porta... Ele, por sua vez, pagava a moleques para quebrarem as vidraças dos vizinhos com pedras embrulhadas em recados: “Aguarde”, diziam essas mensagens. “Seu dia chegará.” As crianças do bairro não chamavam meu pai pelo nome. Conheciam-no como “o homem que não consegue seguir seu nariz”.

Ahmed Sinai tinha um senso de direção tão ruim que, se deixado por conta própria, poderia se perder nos becos tortuosos de sua própria vizinhança. Muitas vezes os árabes das ruas haviam dado com ele vagando sem saber para onde ir, e ganhavam uma moeda de quatro anás para conduzi-lo até em casa. Menciono esse fato porque acredito que a tendência de meu pai para perder a direção não somente o afligiu durante toda a vida como também foi um dos motivos de sua atração por Amina Sinai (porque, graças a Nadir Khan, ela demonstrou que também podia se perder); e, além disso, sua incapacidade de seguir o próprio nariz passou um pouco para mim, obscurecendo em certa medida a herança nasal que recebi de outras fontes e fazendo de mim, ano após ano, alguém incapaz de farejar o caminho certo... Mas sobre esse aspecto por enquanto basta isso, pois já dei aos três comerciantes tempo suficiente para chegarem à área industrial. Acrescentarei apenas que (creio que como consequência

direta de sua falta de senso de direção) meu pai era um homem sobre quem, mesmo em seus momentos de triunfo, pairava o mau cheiro do fracasso futuro, o odor da iminente escolha da estrada errada numa bifurcação, um aroma que não podia ser removido por seus freqüentes banhos. Mr. Kemal, que sentia esse cheiro, dizia em particular a S. P. Butt: “Rapaz, esses tipos de Caxemira! É notório que eles nunca se lavam”. — Essa calúnia liga meu pai ao barqueiro Tai... àquele Tai que, preso nas garras da fúria autodestrutiva, renunciou à limpeza.

Na área industrial, os vigias noturnos dormiam serenos em meio ao barulho dos carros de bombeiros. Por quê? Como? Porque haviam feito um trato com o grupo Ravana; quando informados da chegada do bando, punham-se a cochilar e levavam seus sacos de dormir para longe dos prédios da região. Dessa forma o grupo evitava violência, e os vigias aumentavam seus parcos salários. Tratava-se de uma combinação cordial e não destituída de sensatez.

Entre os dorminhocos, mr. Kemal, meu pai e S. P. Butt viram bicicletas incendiadas subirem ao céu em grossos rolos de fumaça. Butt, papai e Kemal postaram-se ao lado dos carros dos bombeiros, inundados de alívio, pois o edifício que estava queimando era o depósito de bicicletas da Arjuna. A marca Arjuna, tirada do nome de um herói da mitologia hindu, não conseguira disfarçar o fato de que a companhia pertencia a muçulmanos. Cheios de alívio, meu pai, Kemal e Butt respiravam o ar carregado de bicicletas calcinadas, tossindo e engasgando com os fumos das rodas incineradas, com os vapores fantasmagóricos de correntes, campainhas e guidons, com as carcaças transsubstanciadas das bicicletas Arjuna entrando e saindo de seus pulmões. Uma grosseira máscara de papelão havia sido pregada num poste de telégrafo, diante do armazém em chamas — uma máscara de muitos rostos —, uma máscara de um demônio de muitas faces, de lábios grossos e brilhantes narinas vermelhas. Os rostos do monstro multicéfalo, Ravana, o rei dos demônios, contemplavam irados os corpos dos vigias noturnos, que dormiam tão

profundamente que ninguém — nem os bombeiros, nem Kemal, nem Butt, nem meu pai — teve a coragem de perturbá-los, enquanto as cinzas de pedais e de câmaras de ar caíam dos céus sobre eles.

— Negócio muito mal administrado — disse mr. Kemal. Ele não estava sendo solidário. Estava criticando os proprietários da Companhia Arjuna.

Vejam: a nuvem do desastre (que também é um alívio) sobe e se junta como uma bola no céu descolorido da manhã. Vejam como ela se lança na direção oeste, rumo ao coração da cidade velha; como aponta, santo Deus, como um dedo, para o bairro muçulmano perto de Chandni Chowk!... Onde, neste exato momento, Lifafa Das está apregoando sua mercadoria na própria ruela da família Sinai.

— Venham ver tudo, ver o mundo inteiro, venham ver!

É quase hora do anúncio público. Não vou negar que estou agitado. Estive dando voltas pelo passado de minha própria história durante um tempo demasiado longo e, embora algum tempo ainda transcorrerá antes que eu possa chegar aonde quero, é bom dar uma olhada. Assim, com uma sensação de grande expectativa, acompanho o dedo indicador no céu e dirijo meu olhar ao bairro de meus pais, a bicicletas, a vendedores ambulantes que oferecem grão-de-bico torrado em canudos de papel, aos desocupados de mãos dadas e quadris juntos, a papeletas que esvoaçam no ar, a pequenos enxames de moscas em torno das bancas de doces... tudo posto em perspectiva graças a meu alto ponto de observação no céu. E há também crianças, enxames delas, atraídas à rua pelo mágico matraquear do tambor de Lifafa Das e por sua voz: — *Dunya dekho* — Vejam o mundo inteiro! Meninos sem calças, meninas sem blusas, e outras crianças, mais arrumadas, com seus brancos uniformes escolares, as calças curtas presas por cintos de elástico com fivelas em forma de S, meninos gordos de dedos rechonchudos; todos correm na direção da caixa preta sobre rodas, inclusive uma certa menina em quem uma única sobancelha grossa encobre ambos os olhos, a filha de oito anos do mesmo sindi descortês que nesse exato momento desfralda sobre o alto de sua casa a bandeira do ainda

fictício Paquistão, que nesse exato momento atira insultos contra o vizinho, enquanto a filha corre para a rua com sua moeda de *chavanni* na mão, com uma expressão de rainha-anã e uma intenção assassina à espreita logo atrás dos lábios. Qual é seu nome? Não sei; mas conheço aquelas sobancelhas.

Lifafa Das: que, por um infeliz acaso, encostou sua caixa preta numa parede na qual alguém havia garatujado uma *suástica* (naqueles tempos elas podiam ser vistas por toda parte; o partido extremista RSSS pintava-as em todas as paredes; não a *suástica* nazista, desenhada ao contrário, mas o antigo símbolo hindu de poder. *Svasti* significa “bom” em sânscrito)... Esse Lifafa Das, cuja chegada tenho trombeteado, era um jovem que permanecia invisível até sorrir, quando então se tornava belo, ou até bater no tambor, momento em que se fazia irresistível às crianças. Em toda a Índia, homens como ele gritavam “*Dilli dekho*”, ou “venham ver Délhi!”. Mas Délhi era ali, então Lifafa Das havia alterado seu brado: “Vejam o mundo inteiro, venham ver tudo!”. Depois de algum tempo, a fórmula hiperbólica começou a devastar sua mente; um número cada vez maior de imagens de cartões-postais entrava em seu espetáculo à medida que ele tentava, desesperadamente, cumprir o prometido: colocar tudo dentro de sua caixa. (Lembro-me, de repente, do amigo pintor de Nadir Khan: será isso uma doença indiana, essa ânsia de encapsular a realidade inteira? Pior: também eu estarei infectado?)

Dentro do “cineminha” de Lifafa Das havia fotografias do Taj Mahal, do templo Minakshi e do sagrado Ganges; entretanto, além dessas vistas famosas, o ambulante sentira-se compelido a incluir imagens mais contemporâneas — Stafford Cripps deixando a residência de Nehru; intocáveis sendo tocados; um grande número de profissionais formados dormindo sobre linhas de estrada de ferro; a foto publicitária de uma atriz européia levando sobre a cabeça uma montanha de frutas — Lifafa chamava-a de Carmen Varanda; e até uma fotografia de jornal, montada em um cartão, de um incêndio na área industrial. Lifafa Das não poupava

seus clientes dos aspectos mais desagradáveis da época... e muitas vezes, quando ele chegava àquelas ruelas, tanto adultos como crianças iam ver as novidades incluídas no interior de sua caixa sobre rodas, e entre seus clientes mais habituais estava a begum Amina Sinai.

Hoje, porém, há alguma coisa de histórico no ar; algo de frágil e ameaçador pesa no muhalla enquanto a nuvem de bicicletas cremadas flutua no céu, e agora o ambiente pesado parece abrandar, no momento em que a voz dessa menina da sobrançelha contínua ceceia com uma inocência que não possui: — Tsou eu, antes... É a minha vesss... Quero entsergar... Não estou *entsergando*!

Não está enxergando porque já há olhos nos orifícios da caixa, já há crianças absortas na progressão dos cartões-postais, e Lifafa Das diz (sem interromper seu trabalho, sem parar de girar o botão que faz os cartões-postais se moverem dentro da caixa): — Um minutinho, bibi. Todos vão ter a sua vez. Espere só um pouco. — Ao que a rainha-anã de uma única sobrançelha replica: — Não! Não! Agora a vess é minha! — Lifafa pára de sorrir, torna-se invisível, e dá de ombros. Uma fúria impetuosa aparece no semblante da rainha-anã. E agora um insulto se levanta; uma farpa mortífera estremece em seus lábios: — Votcê é mesmo tsem-vergonha! E vem a este muhalla! Eu tsei quem votcê é, e meu pai também! Todo mundo tsabe que votcê é um hindu!!

Lifafa Das se mantém em silêncio girando as manivelas de sua caixa. No entanto, já agora a valquíria de rabo-de-cavalo e sobrançelha contínua repete sem parar, apontando com dedos rechonchudos, enquanto os meninos de uniformes brancos e fivelas em forma de cobra juntam-se ao coro. — Hindu! Hindu! Hindu! — E as cortinas de vime se erguem e de sua janela o pai da menina participa do alarido, lançando insultos contra um novo alvo, e os bengalis também começam a gritar em bengali... — Estuprador de mãe! Violador de nossas filhas!... —, e lembram-se de que os jornais têm se referido a ataques contra crianças muçulmanas, de modo que de repente uma voz se levanta, uma voz feminina, talvez até a da tola

Zohra: — Estuprador! *Arré*, meu Deus, encontraram o tarado! Lá está *ele!*  
— E agora a insanidade da nuvem semelhante a um indicador e toda a desconjuntada irrealidade da época tomam conta do muhalla, e os gritos partem de todas as janelas, enquanto os meninos da escola começam a entoar “*Es-tu-pra-dor Es-tu-pra-dor!*”, sem nem saber o que dizem. As crianças se afastaram de Lifafa Das e ele também se afastou, arrastando a caixa montada sobre rodas, procurando fugir dali, mas agora está cercado por vozes cheias de sangue, os rapazes ociosos da rua se encaminham em sua direção, homens apeiam de bicicletas, um vaso voa no ar e se despedaça contra a parede ao lado dele. Lifafa Das se encosta numa porta no momento em que um homem com um tufo de cabelos oleosos lhe sorri de modo afável e diz:

— Muito bem, então é o senhor? O Senhor Hindu, aquele que corrompe nossas filhas? O Senhor Idólatra, o que dorme com a irmã?

E Lifafa Das: — Não, pelo amor de... — sorrindo como um idiota, e então a porta a suas costas se abre e ele tomba para trás, caindo num corredor escuro ao lado de minha mãe, Amina Sinai.

Ela havia passado a manhã sozinha com a risonha Zohra e com os ecos do nome Ravana, sem saber o que estava acontecendo lá na zona industrial, deixando que seu espírito se detivesse na maneira como o mundo inteiro parecia estar enlouquecendo; e quando a gritaria começou e Zohra juntou-se ao clamor, antes que pudesse ser impedida, algo endureceu dentro dela, uma espécie de compreensão de que ela era filha de seu pai, alguma lembrança fantasmagórica de Nadir Khan escondendo-se de cimitarras num milharal, alguma irritação em seus dutos nasais, e ela desceu a escada em socorro daquele homem, embora Zohra berrasse: — O que você está fazendo, irmã, pelo amor de Deus, não traga esse animal para cá, será que perdeu o juízo?... — Minha mãe abriu a porta e Lifafa Das caiu dentro de casa.

Imaginem-na naquela manhã, uma sombra escura entre uma turba e sua presa, com o ventre estourando com seu invisível e não revelado

segredo: — Muito bem, muito bem! — disse ela à multidão. — Que heróis! Mas que heróis, sem dúvida! Apenas cinqüenta de vocês contra essa criatura monstruosa! Alá, o senhor faz meus olhos brilharem de orgulho!

... E Zohra: — Volte para dentro, irmã!

E o sujeito de cabelos oleosos: — Por que defender esse patife, begum sahíba? Isso não é coisa que se faça.

E Amina: — Eu conheço esse homem. É um tipo decente. Vamos, vão embora, nenhum de vocês tem o que fazer? Num muhalla muçulmano, vocês seriam capazes de despedaçar um homem? Vamos, dêem o fora. — Mas então a multidão já não está surpresa e recomeça a avançar... e é agora. Agora.

— *Escutem* — gritou minha mãe. — *Escutem bem. Eu estou grávida. Sou uma mãe que vai ter um filho, e estou dando abrigo a esse homem. Agora, venham. Se querem matar, matem também uma mãe e mostrem ao mundo que espécie de homens vocês são!*

E foi assim que minha chegada — a chegada de Salim Sinai — foi anunciada à massa popular reunida antes mesmo que meu pai tivesse tomado conhecimento do fato. Ao que parece, desde o momento de minha concepção tenho sido propriedade pública.

Entretanto, embora minha mãe estivesse certa ao fazer sua declaração pública, ela também estava enganada. Isso porque o bebê que ela esperava acabou não sendo o seu filho.

Minha mãe veio morar em Délhi; trabalhou diligentemente na tarefa de amar o marido; foi impedida por Zohra, por khichri e por pés barulhentos de dar suas notícias ao marido. Fez um anúncio público. E deu certo. Minha anúncio salvou uma vida.

Depois que a multidão se dispersou, o velho Musa, o criado, saiu à rua e recuperou o cineminha de Lifafa Das, enquanto Amina servia ao rapaz de sorriso bonito copos e mais copos de água de tília. Ao que parece, a experiência por que ele passara o deixara não só desidratado como amargo, pois punha quatro colheradas de açúcar em cada copo, enquanto Zohra se

encolhia, tomada de terror, num sofá. Por fim, Lifafa Das (reidratado pela água de tília e adoçado pelo açúcar) disse: — begum sahiba, a senhora é uma grande dama. Se me permite, abençoção sua casa; e também seu filho que ainda não nasceu. Mas também... por favor, permita-me... quero fazer mais uma coisa pela senhora.

— Muito obrigada — disse minha mãe —, mas não precisa fazer absolutamente nada.

Entretanto (com a doçura do açúcar a lhe revestir a língua), ele prosseguiu: — begum sahiba, meu primo, Shri Ramram Seth, é um grande vidente. Quiromante, astrólogo, adivinho. Por favor, vá até ele, para que lhe seja revelado o futuro de seu filho.

Adivinhos me profetizaram... Em janeiro de 1947, minha mãe, Amina Sinai, ganhou de presente uma profecia em troca de ter salvado uma vida. E apesar do protesto de Zohra (“É loucura sair com esse sujeito, irmã Amina, não pense nisso nem por um segundo, hoje em dia é preciso ter cuidado”), apesar das lembranças do ceticismo de seu pai e da recordação do polegar e indicador dele fechando-se em torno da orelha de um mauvi, o oferecimento tocou minha mãe num lugar que respondeu “sim”. Presa no assombro ilógico de sua maternidade nova em folha, da qual havia acabado de se certificar, ela respondeu: — Está certo, Lifafa Das, encontre-se comigo daqui a alguns dias no portão do Forte Vermelho. E você então me levará a seu primo.

— Estarei à espera todos os dias. — Lifafa Das juntou as palmas das mãos e saiu.

Zohra estava tão estupefata que quando Ahmed Sinai chegou tudo que ela conseguiu fazer foi sacudir a cabeça e dizer: — Vocês, recém-casados! Tão malucos como as corujas. Preciso deixá-los sozinhos!

Também Musa, o velho criado, ficou de boca fechada. Manteve-se sempre no segundo plano de nossas vidas; sempre, exceto por duas vezes... uma quando nos deixou e outra quando voltou para destruir o mundo por acidente.

# Monstros de muitas cabeças

A menos, é claro, que o acaso não exista; então, Musa — a despeito de toda sua idade e de seu servilismo — era nada menos que uma bomba-relógio tiquetaqueando suavemente até a hora predeterminada; nesse caso, deveríamos ou nos levantar e aplaudir — otimistas —, pois se tudo está planejado de antemão então todos nós temos um significado e somos poupados do terror de saber que existimos aleatoriamente, sem um *porquê*; ou então, naturalmente, poderíamos, como pessimistas, desistir neste exato momento, compreendendo a inutilidade da ação deliberada, uma vez que coisa alguma que pensemos faz mesmo qualquer diferença; as coisas serão o que tiverem de ser. Onde, então, está o otimismo? No destino ou no caos? Estaria meu pai sendo otimista ou pessimista quando minha mãe lhe contou as novidades (depois de todo mundo na vizinhança as ter escutado) e ele respondeu:

— Não falei? Não falei que era apenas uma questão de tempo? — A gravidez de minha mãe, parece, estava determinada pelo destino; já meu nascimento, porém, muito deveu ao acaso.

— Era apenas uma questão de tempo — disse meu pai, todo ele aparentando prazer. Mas, segundo minha experiência, o tempo tem sido uma coisa instável, indigna de confiança. Podia até ser dividido: os relógios no Paquistão funcionavam meia hora adiantados em relação aos da Índia... mr. Kemal, que nada queria saber da Partilha, gostava de dizer:

— Aqui está a prova cabal da insensatez do plano! Esses membros da Liga planejam usurpar trinta minutos inteiros! Tempo sem Partilhas — exclamava mr. Kemal. — É por isso que devemos lutar!

E S. P. Butt acrescentava: — Se eles podem mudar o tempo assim, sem mais nem menos, o que resta de real? Eu pergunto! O que resta de verdadeiro?

Parece ser um dia para grandes perguntas. Passados todos esses anos instáveis, respondo a S. P. Butt, que acabou sendo degolado nos distúrbios da Partilha e perdeu interesse pelo tempo: “O real e o verdadeiro não são necessariamente a mesma coisa”. Para mim, desde que me entendi por gente, o *verdadeiro* era alguma coisa escondida no interior das histórias que Mary Pereira me contava: Mary, minha ama, ao mesmo tempo mais e menos do que uma mãe; Mary, que conhecia tudo a respeito de todos nós. O *verdadeiro* era alguma coisa escondida um pouco além do horizonte em cuja direção o dedo do pescador apontava no quadro em minha parede, enquanto o jovem Raleigh ouvia as histórias contadas por ele. Agora, escrevendo isto em minha poça de luz, comparo a verdade com essas coisas antigas: seria assim que Mary a teria explicado?, pergunto. É isso que o pescador teria dito?... E, de acordo com tais princípios, é inegavelmente verdadeiro que, num certo dia de janeiro de 1947, minha mãe ouviu tudo a meu respeito seis meses antes de eu vir ao mundo, enquanto meu pai se debatia contra um rei dos demônios.

Amina Sinai estivera à espera de um momento propício para aceitar a oferta de Lifafa Das; entretanto, durante dois dias, depois do incêndio da fábrica da Arjuna, Ahmed Sinai ficou em casa, sem visitar uma vez sequer seu escritório na praça Connaught, como se estivesse reunindo forças para um encontro desagradável. Durante dois dias o saco cinza de dinheiro permaneceu supostamente em segredo em seu lugar, debaixo da cama. Meu pai não demonstrava nenhum desejo de falar sobre os motivos da presença da sacola cinzenta. Por isso Amina disse consigo mesma: “Que assim seja. Que importância tem?”, porque também ela guardava seu segredo, que a esperava pacientemente junto aos portões do Forte Vermelho, no alto de Chandni Chowk. Amuada numa secreta petulância,

mamãe conservava Lifafa Das para si mesma. “Se ele não me conta o que está acontecendo, por que eu haveria de dizer a ele?”, argumentava.

Então, num frio entardecer de janeiro, Ahmed Sinai disse: “Tenho de sair esta noite” e, apesar dos pedidos dela — “Está fazendo frio... você vai ficar doente...” —, vestiu seu terno e um casaco, sob o qual a misteriosa sacola cinzenta formava uma ridícula e óbvia massa informe.

Por fim ela disse: — Agasalhe-se bem — e o despachou para onde quer que ele estivesse indo, perguntando: — Vai chegar tarde?

Ao que ele respondeu: — Vou, com toda certeza.

Cinco minutos depois que ele saiu, Amina Sinai partiu na direção do Forte Vermelho, rumo à sua aventura.

Uma jornada começou num forte; a outra devia ter terminado num forte, o que não aconteceu. Uma predizia o futuro; a outra definiu-lhe a localização geográfica. Durante uma jornada, macacos dançaram alegremente; na outra, um macaco também dançou, mas com resultados desastrosos. Em ambas as aventuras, abutres desempenharam um papel. E monstros de muitas cabeças se ocultavam ao fim de ambas as estradas.

Uma de cada vez, pois... E eis Amina Sinai junto das altas paredes do Forte Vermelho, onde mogóis governaram, de cujas alturas a nova nação será proclamada. Mesmo não sendo monarca ou arauto, minha mãe é saudada com muito calor (apesar do tempo que fazia). No momento em que a luz do dia se esvai, Lifafa Das exclama:

— Begum sahiba! Ah, que ótimo a senhora ter vindo! — Com um sári branco que destaca ainda mais sua pele escura, ela o chama para o táxi; ele estende a mão para a porta traseira; mas o motorista censura:

— O que você está pensando? Quem você acha que é? Ora vamos, sente-se no banco da frente e deixe a senhora à vontade atrás!

Assim, Amina Sinai divide o banco com um cineminha negro sobre rodas, enquanto Lifafa Das se desculpa: — Perdão, begum sahiba. Boas intenções não ofendem.

Aqui, porém, recusando-se a esperar sua vez, está outro táxi, detendo-se diante de outro forte e desembarcando sua carga de três homens de terno, cada qual carregando uma volumosa sacola cinzenta sob o paletó. Um dos homens é comprido como uma vida e estreito como uma mentira; ao segundo parece faltar a espinha; o terceiro possui um lábio inferior protuberante, sua barriga tende à rotundidade, seus cabelos, ralos e oleosos, cobrem a ponta de suas orelhas, e entre suas sobrancelhas vê-se a ruga reveladora que, à medida que ele envelhecer, há de se aprofundar e virar a cicatriz de um homem amargo e colérico. O chofer do táxi está agitado, apesar do frio. — Purana Qila! — grita ele. — Todos fora, por favor! Velho Forte, aqui estamos!... — Já houve muitas, muitas Délhis, e o Forte Velho, a ruína enegrecida, representa uma Délhi tão antiga que a seu lado nossa própria Cidade Velha não passa de um bebê recém-nascido. Foi a essa ruína de uma época inacreditavelmente remota que Kemal, Butt e Ahmed Sinai foram levados por um telefonema anônimo que ordenou:

— Esta noite. Forte Velho. Logo depois do pôr-do-sol. Mas nada de polícia... ou o depósito é que vai se dar mal! — Agarrando suas sacolas cinzentas, eles penetram nesse mundo antigo, em desintegração.

... Agarrada à sua bolsa, minha mãe está sentada ao lado de um cineminha, enquanto Lifafa Das viaja na frente com o motorista perplexo e irascível que conduz o táxi para as ruas na direção dos bairros pobres, do outro lado do Correio Geral; e no momento em que ela entra nessas ruas onde a miséria corrói o asfalto como seca, onde as pessoas levam sua vida invisível (pois partilham com Lifafa Das a maldição da invisibilidade, e nem todas têm sorrisos bonitos), algo novo começa a invadi-la. Sob a pressão dessas ruas, que a cada minuto se tornam mais estreitas, que de metro em metro se fazem mais apinhadas, ela perdeu seus “olhos urbanos”. Quando se tem olhos urbanos não se consegue enxergar as pessoas invisíveis nem os homens com elefantíase nos testículos; e os mendigos arrastando-se em carrinhos não se impõem a você, tampouco os gigantescos anéis de concreto das futuras redes de esgoto se parecem com

dormitórios. Minha mãe perdeu seus olhos urbanos, e a novidade do que ela estava vendo a fez enrubescer, uma novidade semelhante a uma chuva de granizo que lhe fustigasse as bochechas. Veja, meu Deus, essas crianças tão bonitas têm dentes pretos! Quem haveria de acreditar... Mocinhas com os bicos dos seios de fora! Que coisa terrível, com efeito! E, Allah-tobah, não o permita Deus!, mulheres varredoras com... não!... *que horror!*... espinhas encurvadas e feixes de ramos secos, e sem marcas de casta; párias, doce Alá!... E aleijados por toda parte, mutilados por pais afetuosos para garantir que a mendicância lhes proporcione ganhos a vida inteira... Sim, mendigos em carrinhos, homens crescidos com pernas de bebês dentro de caixotes com rodas, feitos de patins enjeitados e velhas caixas de mangas. Minha mãe brada:

— Lifafa Das, volte!

Mas ele está sorrindo seu belo sorriso e responde: — A partir daqui temos de ir a pé.

Ao ver que não há possibilidade de voltar, ela pede que o motorista espere, mas o homem, mal-humorado, diz: — Sim, é claro, para uma grande dama o que mais posso fazer senão esperar? Mas quando a senhora voltar vou ser obrigado a dirigir o carro de marcha a ré o tempo todo até a rua principal, pois não há espaço para dar a volta! ... Crianças puxam-lhe o pallu do sári, cabeças viram-se de todos os lados para minha mãe, e ela pensa: “É como estar cercada por um monstro terrível, por uma criatura de muitas e muitas cabeças”. Mas ela se corrige: “Não, claro que não se trata de um monstro, são pessoas pobres e infelizes...”. E daí? Algum tipo de poder, uma força que desconhece sua potência, que talvez até tenha degenerado em impotência por jamais ter sido utilizada... Não, não é uma gente decadente, apesar de tudo. “Estou assustada”, minha mãe dá consigo pensando, no momento exato em que uma mão toca-lhe o braço. Ao se virar, ela vê o rosto de — impossível! — um homem branco, que estende uma mão maltrapilha e diz com uma voz semelhante a uma estridente canção estrangeira: — Dê alguma coisa, begum sahíba... — repetindo o

estribilho sem parar, como um disco arranhado, enquanto ela contempla, embaraçada, um rosto branco com longas pestanas e um recurvo nariz aristocrático; embaraçada porque ele era branco e a mendicância não era coisa para brancos.

— ... Vim a pé desde Calcutá — ele dizia —, e coberto de cinzas, como vê, begum sahiba, por causa da minha vergonha de ter estado lá para a Mortandade... em agosto passado, a senhora se lembra, begum sahiba, milhares de pessoas apunhaladas em quatro dias de gritos... — Lifafa Das permanece imóvel, impotente, sem saber que atitude tomar diante de um homem branco, mesmo que seja um pedinte. — Ouviu falar do europeu, begum sahiba? — pergunta o mendigo. — ... Isso mesmo, entre os assassinos, begum sahiba, caminhando pela cidade de noite com sangue na camisa, um branco enlouquecido pela iminente destruição de sua gente. A senhora ouviu falar?... — A seguir, uma pausa naquela voz estranhamente cantante, e então: — Ele era meu marido. — Só agora minha mãe nota os seios murchos sob os trapos... — Dê alguma coisa em troca da minha vergonha. — Puxa o braço de minha mãe. Lifafa Das puxa o outro, susurrando “Hijra, travesti, vamos embora, begum sahiba”. E Amina, imóvel e puxada em direções opostas, deseja dizer: Espere, mulher branca, espere-me acabar o que vim fazer e eu a levarei para casa, eu lhe darei comida, eu lhe darei roupas, eu a mandarei de volta para o seu mundo; mas nesse exato momento a mulher dá de ombros e se afasta de mãos vazias pela rua cada vez mais estreita, diminuindo de tamanho até desaparecer — agora! — na feiúra distante do beco. E Lifafa Das, com uma expressão curiosa no rosto, diz:

— Estão liquidados! Em breve todos irão embora. E aí poderão se matar uns aos outros como quiserem. — Tocando a barriga de leve, minha mãe o segue por uma porta escura, enquanto seu rosto rebenta em chamas.

... Enquanto isso, no Forte Velho, Ahmed Sinai espera por Ravana. Meu pai ao crepúsculo: de pé no umbral escurecido do que foi no passado um aposento nas muralhas em ruínas do forte, com o lábio inferior projetando-

se carnudo, mãos às costas, a cabeça cheia de dinheiro, ele se preocupa. Ele nunca foi um homem feliz. Recendia levemente a fracasso futuro; maltratava os criados; talvez tivesse desejado, em vez de seguir o falecido pai no negócio de oleados, ter tido forças para cumprir sua ambição original, a reformulação do Corão em precisa ordem cronológica. (Certa vez ele me disse: “Quando Maomé profetizava, as pessoas escreviam o que ele dizia em folhas de palmeiras, que eram todas guardadas juntas numa caixa. Depois que ele morreu, Abubakr e os demais tentaram se lembrar da seqüência certa. Entretanto, não tinham memória muito boa”. Outro descaminho: em vez de reescrever um livro sagrado, meu pai estava escondido numa ruína, à espera de demônios. Não é à toa que não foi feliz, e eu não seria de muita ajuda. Quando nasci, quebrei o dedão de seu pé.) ... Meu infeliz pai, repito, pensa em dinheiro com irritação. E sua mulher, que lhe arranca rupias com adulações, assaltando seus bolsos à noite. E sua ex-mulher (que acabou morrendo num acidente, quando discutiu com o condutor de um carro puxado a camelo e foi mordida no pescoço pelo animal), que lhe escreve intermináveis cartas suplicantes, apesar do acordo de divórcio. E sua prima distante Zohra, que precisa do dinheiro dele para o dote, para que possa criar filhos que se casem com os dele e, assim, meter ainda mais a mão em seu dinheiro. E ainda há as promessas de dinheiro do major Zulfikar (nesse ponto, o major Zulfy e meu pai se davam muito bem). O major vinha escrevendo cartas nas quais dizia: “Você deve se decidir pelo Paquistão quando ele surgir, como fatalmente há de acontecer. Esse país decerto será uma mina de ouro para gente como nós. Permita-me, por favor, apresentá-lo ao próprio M. A. J...”, mas Ahmed Sinai desconfiava de Muhammad Ali Jinnah, e jamais aceitou a proposta de Zulfy; de modo que quando Jinnah se tornou presidente do Paquistão, houve outro descaminho em que pensar. E, por fim, havia as cartas de um velho amigo de meu pai, o ginecologista Narlikar, que morava em Bombaim. “Os ingleses estão indo embora aos magotes, Sinai bhai. As propriedades estão baratas como capim! Venda tudo; venha para

cá. Compre. Passe o resto da vida no luxo!” Versículos do Corão não tinham vez numa cabeça tão cheia de dinheiro... E entremontes aqui está ele, ao lado de S. P. Butt, que há de morrer num trem, a caminho do Paquistão, e de Mustafá Kemal, que será assassinado por facínoras em sua imponente casa da Flagstaff Road, e que terá as palavras “capitalista indecente” escritas no peito com seu próprio sangue... aqui está ele ao lado desses dois homens condenados, esperando à sombra secreta de uma ruína para ver o chantagista que vem pegar seu dinheiro. “Esquina sudoeste”, dissera o telefonema. “Torreão. Escada de pedra interna. Suba. No patamar mais alto. Deixe o dinheiro ali. Vá embora. Compreendido?” Desafiando as ordens, eles se escondem no aposento em ruínas; em algum local acima deles, no patamar mais elevado do torreão, três sacos cinzentos esperam na escuridão que se adensa.

... Na escuridão espessa de uma escada abafada, Amina Sinai está subindo na direção de uma profecia. Lifafa Das a consola; porque agora que ela voluntariamente se colocou à mercê dele — uma situação incômoda —, Lifafa Das percebeu uma alteração na begum, um arrependimento por sua decisão; e ele a tranqüiliza enquanto sobem. A escada escura está cheia de olhos, olhos que devassam, por trás de portas fechadas, o espetáculo da senhora escura que sobe, olhos que a lambiscam como espertas e ásperas línguas de gatos. E enquanto Lifafa Das fala, tranqüilizador, minha mãe sente sua vontade se esvaindo. “O que tiver de ser será.” Sua fortaleza de espírito e seu controle do mundo se desvanecem, absorvidos pelo esponjoso ar escuro da escada. Preguiçosos, seus pés seguem os de Lifafa Das, para os andares superiores do imenso cortiço sombrio, a dilapidada casa de cômodos em que Lifafa Das e seus primos têm um cantinho, bem lá em cima... Aqui, perto do topo, ela vê uma luz baça caindo sobre a cabeça de aleijados em fila. — Meu primo número dois — diz Lifafa Das — é consertador de ossos. — Ela sobe e passa por homens de braços quebrados, mulheres com os pés virados para trás em ângulos loucos, limpadores de janelas e pedreiros estilhaçados — uma

filha de médico ingressando num mundo mais antigo do que seringas e hospitais. Por fim, Lifafa Das anuncia: “Chegamos, begum”, e a faz atravessar um cômodo onde um consertador de ossos está aplicando ramos e folhas em membros dilacerados, enrolando cabeças rachadas com frondes de palmeiras, até que seus pacientes começam a se parecer com árvores artificiais de cujas lesões brotam vegetação... E chegam enfim a uma área plana, um terraço cimentado. Piscando na escuridão por causa do brilho de lanternas, Amina distingue formas insanas no terraço: macacos dançando; mangustos saltadores; cobras remexendo-se em cestas; e, sobre o parapeito, a silhueta de grandes aves, com corpos tão recurvos e cruéis quanto seus bicos: abutres.

— *Arré baap* — exclama ela —, para onde está me levando?

— Por favor, begum, não há por que se preocupar — diz Lifafa Das. — Esses aqui são meus primos. Meu primo número três e o número quatro. Este aqui é adestrador de macacos...

— Estou treinando, begum! — brada uma voz. — Veja só: o macaco vai para a guerra e morre por seu país!

— ... e ali o homem das cobras e mangustos.

— Veja o mangusto saltar, sahiba! Veja a dança das cobras!

— ... E as aves?...

— Nada, madame. Acontece que perto daqui fica uma Torre de Silêncio parsi, e quando não há defuntos lá, os abutres vêm para cá. Agora estão dormindo. De dia, tenho a impressão de que eles gostam de ver meus primos treinarem.

Um pequeno quarto no extremo oposto do terraço. A luz corre pela porta quando Amina entra... e encontra, lá dentro, um homem da mesma idade de seu marido, um homem obeso e com várias papadas, que usa calças brancas manchadas e uma camisa de xadrez vermelha; sem sapatos, masca sementes de anis e bebe de uma garrafa de Vimto, sentado de pernas cruzadas no cômodo de cujas paredes pendem retratos de Vishnu, em todos os seus avatares, e tabuletas que dizem ENSINA-SE A ESCREVER e

CUSPIR DURANTE AS VISITAS É UM MAU HÁBITO. Não há mobiliário, e Shri Ramram Seth está sentado, de pernas cruzadas, a quinze centímetros acima do chão.

Tenho de admitir: para vergonha sua, minha mãe soltou um grito...

... Enquanto isso, no Forte Velho, macacos saltam entre as muralhas. Abandonada pelas pessoas, a cidade em ruínas é hoje habitação de símios. Com caudas longas e faces negras, os macacos estão possuídos de um avassalador senso de missão. Mais alto, cada vez mais e mais alto, eles sobem, saltando, em direção aos pináculos da ruína, delimitando territórios, e depois dedicando-se à demolição, pedra por pedra, de toda a fortaleza. É verdade, Padma, você nunca esteve lá, nunca ficou assistindo, no crepúsculo, essas criaturas esforçadas, resolutas e peludas trabalhando com as pedras, puxando e balançando, balançando e puxando, soltando as pedras, uma de cada vez... Todos os dias os macacos fazem rolar pedras das paredes, pedras que ricocheteiam em ângulos e ameias e se estatelam nas valas lá embaixo. Um dia não haverá mais o Forte Velho; então, ele nada mais será do que um monte de escombros encimados por um bando de macacos que gritam triunfantes... E eis que um desses macacos corre velozmente pelas muralhas — eu o chamo de Hanuman, em homenagem ao macaco-deus que ajudou o príncipe Rama a derrotar o Ravana original, o Hanuman das carruagens voadoras... Veja-o agora chegar a esse torreão, seu território; ele pula, paira e corre, de um canto a outro de seu reino, esfregando o traseiro em pedras; e então faz uma pausa, fareja alguma coisa que não deveria estar ali... Hanuman corre para o nicho, no patamar mais elevado, no qual os três homens deixaram três coisas cinzentas, macias e exóticas. E enquanto macacos dançam num terraço atrás da agência dos correios, o macaco Hanuman dança de raiva. Apodera-se das coisas cinzentas. Sim, elas são bem moles, não exigirão que ele as balance demais, que as balance de lá para cá, de lá para cá... Veja, Hanuman agora está arrastando as pedras cinzentas e macias até a beira da muralha externa do Forte. Veja como ele as rasga: trá! tré! trá!... Veja com que habilidade

ele tira papéis do interior das coisas cinzentas e os joga lá embaixo como um chuvisco molhando as pedras caídas nas valas!... Papel que cai com uma graça lenta e preguiçosa, mergulhando como uma bela recordação na garganta da escuridão; e agora, pam! pum! e, outra vez, pam!, as três pedras macias e cinzentas voam sobre a muralha, despencando nas trevas... e por fim chegam até ali num macio baque desconsolado. Trabalho realizado, Hanuman se desinteressa, corre em direção a algum pináculo distante de seu reino, começa a sacudir uma pedra.

... Lá embaixo, meu pai viu uma figura grotesca sair das sombras. Sem nada suspeitar do desastre que acontecera lá em cima, ele observa o monstro da sombra de seu cômodo em ruínas: uma criatura trajando um pijama em farrapos, tendo na cabeça um adereço demoníaco, uma estrutura diabólica de *papier-mâché*, com rostos que riem de todos os lados... o representante do grupo Ravana. O coletor. Com o coração aos saltos, os três homens de negócios vêem esse espectro saído do pesadelo de um camponês desaparecer na escadaria que leva ao patamar; e depois de um momento, no silêncio da noite vazia, escutam as pragas perfeitamente humanas do demônio: — Malditos! Eunucos do inferno!... — Perplexos, vêem seu bizarro atormentador surgir, precipitar-se na escuridão, desaparecer. Suas imprecações — Sodomitas! Filhos de uns porcos! Comedores de excremento! — pairam na brisa. E sobem agora, com a confusão a aturdir o espírito dos três; Butt acha um pedaço rasgado de pano cinza; Mustafá Kemal abaixa-se sobre uma nota amarfanhada de rupia; e sim, por que não?, meu pai vislumbra a forma indistinta de um macaco pelo canto do olho... e eles adivinham.

E agora chegam os lamentos deles e as pragas estridentes de mr. Butt, ecos das maldições do diabo; e na mente de todos eles se trava uma batalha não pronunciada: dinheiro ou armazém, ou armazém ou dinheiro. Os homens de negócios ponderam, em mudo pânico, esse enigma crucial — mesmo que abandonem o dinheiro à pilhagem de cães e homens, como deter os piromaníacos? —, e por fim, sem que uma só palavra tenha sido

pronunciada, a lei inexorável do dinheiro em caixa os vence; descem correndo degraus de pedra, cruzam gramados, atravessam portões dilapidados e chegam — A TODA! — ao fosso, começando a meter punhados de rupias nos bolsos, arrebanhando, escavando, escarafunchando, ignorando poças de urina e frutas podres, confiando, contra todas as probabilidades, em que naquela noite... pelo amor de... que naquela noite pelo menos uma vez na vida, a quadrilha deixasse de cumprir sua prometida vingança. Mas naturalmente...

... Mas, naturalmente, o vidente Ramram não estava verdadeiramente flutuando no ar, quase um palmo acima do chão. O berro de minha mãe se desvaneceu: seus olhos entraram em foco; e ela notou a pequenina prateleira que se projetava da parede. “Truque barato”, disse com seu botões. “O que estou fazendo aqui, neste fim de mundo de abutres adormecidos e macacos dançarinos, esperando que um guru que levita com a ajuda de uma prateleira me diga sei lá que bobagem?”

O que Amina Sinai não sabia era que, pela segunda vez na história, eu estava para fazer sentir minha presença. (Não, nada daquele fraudulento girino no estômago dela. Refiro-me a mim mesmo, em meu papel histórico, a respeito de quem primeiros-ministros escreveram que “... sua vida será, em certo sentido, o espelho da nossa”. Forças colossais atuavam naquela noite, e todos os presentes podiam sentir seu poder, e eram acoçados pelo medo.)

Primos — número um, dois, três e quatro — aglomeram-se na entrada pela qual passou a senhora escura, atraídos como mariposas pela luz de seu grito... observam-na em silêncio enquanto ela avança, guiada por Lifafa Das, na direção do inverossímil adivinho: o consertador de ossos, o encantador de cobras e o homem dos macacos. Sussurros de estímulo (haveria também risotas por trás das mãos ásperas?): “Ah, que boa sorte ele lhe dirá, sahiba!”. E: “Vamos, primo, a senhora está à espera!”. ... Mas o que era esse Ramram? Um charlatão, um quiromante de fancaria, um fornecedor de agradáveis previsões a mulheres tolas... ou um artigo

genuíno, o detentor das chaves? E Lifafa Das, ele via em minha mãe uma mulher capaz de se satisfazer com uma fraude por duas rupias, ou via mais fundo, no coração subterrâneo da fraqueza dela? E quando veio a profecia, ficaram também estarecidos os primos? E a espuma na boca? O que dizer disso? E terá sido verdade que minha mãe, sob a influência perturbadora daquela noite de histeria, renunciou a seu habitual autocontrole, que ela sentiu estar escapando dela e entrando na esponja absorvente do ar sem luz daquelas escadas, e penetrou num estado de espírito em que acreditaria em qualquer coisa que acontecesse? Há também outra possibilidade, mais horrenda. No entanto, antes de dar voz à minha suspeita, devo descrever tão fielmente quanto possível, malgrado esse tênue véu de ambigüidades, o que de fato sucedeu. Devo descrever minha mãe, com a palma estendida, inclinada na direção do quiromante que avançava, com os olhos arregalados e fixos como os de um pampo...? E os primos (rindo?) dizendo: “Que bela sorte ele vai lhe revelar, sahiba!”. E: “Diga, primo, diga!”. Mas o véu desce de novo, de modo que não posso ter certeza... Teria ele começado como um saltimbanco barato, desfiando conjunções banais da linha da vida, da linha do coração e de filhos que seriam multimilionários, enquanto os primos aplaudiam (“Muito bem!”, “Uma sorte maravilhosa, yara!”)? E aí, porventura ele se transformou? Por acaso Ramram se enrijeceu, revirando os olhos para cima até ficarem brancos como claras de ovo? Teria ele, numa voz estranha como um espelho, perguntado: “Permita, madame, que eu toque o lugar?”, enquanto os primos se calavam como abutres adormecidos? E terá por acaso minha mãe, também com voz estranhíssima, respondido: “Sim, permito”, de modo que o vidente tornou-se o terceiro homem a tocá-la na vida, além dos membros de sua família?... E terá sido nesse instante que uma breve e intensa descarga elétrica passou entre os dedos rechonchudos e a pele materna? E o rosto de minha mãe, assustado como um coelho, vê o profeta de camisa xadrez começar a rodar; de repente, um estremecimento o sacode, e de novo ouve-se aquela voz

estranha enquanto as palavras saem de sua boca (tenho também de descrever aqueles lábios... porém mais tarde, porque agora...): “Um filho”.

Primos em silêncio... macacos presos por correias cessam seu alarido... serpentes enrodilhadas em cestas... e o adivinho a circular, vendo a história falar através de seus lábios. (Como terá sido?) O começo: “Um filho... e que filho!”. E então a revelação: “Um filho, sahiba, que jamais será mais velho do que a pátria dele... nem mais velho nem mais jovem”. E agora um medo real perpassa pelo encantador de serpentes, pelo homem dos mangustos, pelo consertador de ossos e pelo ambulante da carrocinha, pois jamais viram Ramram exprimir-se assim, enquanto ele continua no seu falar cantado, estridente: “Haverá duas cabeças, mas a senhora verá somente uma; haverá joelhos e um nariz, um nariz e joelhos”. Nariz e joelhos e joelhos e nariz... Escute com atenção, Padma; o sujeito não falou nada errado! “Os jornais o elogiam, duas mães o criam! Ciclistas o amam mas multidões o atropelam! Irmãos hão de chorar, a serpente rastejará... — Ramram girando cada vez mais depressa, enquanto os quatro primos murmuraram: “O que foi, baba?” e “Deo, Shiva, protegei-nos!”. E Ramram: “A roupa suja o esconderá... vozes o guiarão! Amigos o mutilam... o sangue o trairá!”. E Amina Sinai: “O que ele está querendo dizer? Não compreendo... Lifafa Das, o que deu nele?”. Ramram, contudo, continua, inexorável, rodopiando de olhos arregalados em torno dela, rígida como uma estátua: “Escarradeiras quebrarão sua cabeça... médicos o drenarão... selvas o prenderão... feiticeiros o livrarão! Soldados o julgarão... tiranos o fritarão...”. Amina pede explicações, e os primos entram num frenesi de impotente alarme, porque alguma coisa possuiu Ramram Seth e ninguém se atreve a tocá-lo em seu paroxismo: “Ele terá filhos sem ter filhos! Envelhecerá antes de ser velho! *E morrerá... antes de estar morto*”.

Terá sido assim? Foi nesse momento que Ramram Seth, aniquilado pela passagem através dele de uma força maior do que a sua, caiu de repente no chão, espumando pela boca? A vareta do homem do mangusto foi metida

entre seus dentes rangentes? Porventura terá Lifafa Das dito: “begum sahíba, a senhora deve sair, por favor. Nosso primo ficou doente”?

E por fim o encantador de serpentes — ou o treinador de macacos, ou o consertador de ossos, ou mesmo Lifafa Das, o do cineminha — teria dito: “Profecias demais, homem. Nosso Ramram fez profecias demais esta noite”.

Muitos anos depois, na época de sua prematura senilidade, quando toda sorte de espectros emergia de seu passado para dançar diante de seus olhos, minha mãe reviu o ambulante do cineminha a quem ela salvara ao anunciar meu advento e que retribuía conduzindo-a a um excesso de profecias, e falou-lhe serenamente, sem rancor: — Então, você está de volta — disse ela. — Bem, vou lhe dizer uma coisa: eu gostaria de ter compreendido o que seu primo quis dizer com sangue, joelhos, nariz. Quem sabe eu não poderia ter tido um filho diferente?

Tal como meu avô no começo, num corredor cheio de teias de aranha na casa de um cego, e novamente no fim da vida; tal como Mary Pereira, depois que perdeu seu Joseph, e tal como eu, minha mãe sabia ver fantasmas muito bem.

... Mas agora, uma vez que existem ainda mais perguntas e ambigüidades, vejo-me na obrigação de manifestar certas suspeitas. Também a suspeita é um monstro de muitas cabeças; nesse caso, por que não consigo evitar dirigi-la contra minha própria mãe? Qual, pergunto, seria uma descrição justa do estômago do vidente? E a memória — minha nova e onisciente memória, que abrange a maior parte da vida de minha mãe, meu pai, meu avô, minha avó e todos mais — responde: macio; fofo como um pudim de milho. Novamente, relutante, pergunto: como eram os lábios dele? E lá vem a resposta inevitável: cheios; muito carnudos; poéticos. Pela terceira vez interrogo essa minha memória: e os cabelos dele? A resposta: já ralos; escuros; escorridos; caídos sobre as orelhas. E agora minhas suspeitas descabidas fazem a pergunta suprema... Por acaso Amina, pura como quê, na verdade... devido à sua queda por homens

parecidos com Nadir Khan, poderia ela haver... em sua perturbação de espírito, e levada pela doença do vidente, não poderia ela... “Não!”, brada Padma, furiosa. “Como ousa pensar numa coisa dessa?” Sobre aquela boa mulher, sua própria mãe... Acha que ela seria capaz? Você não sabe de nada e ainda assim diz isso? E, naturalmente, ela tem razão, como sempre. Se ela soubesse, diria que eu estava apenas me vingando daquilo que, decerto, vi Amina fazendo anos depois, através das janelas encardidas do Café Pioneiro. E talvez tenha sido aí que nasceu minha noção irracional, para crescer de modo ilógico da frente para trás no tempo e chegar plenamente amadurecida a essa aventura anterior — sim, quase com certeza inocente. Sim, deve ser isso. No entanto, o monstro não descansa... “Ah”, diz ele, “mas e aquele acesso de cólera que ela teve? Aquele, no dia que Ahmed anunciou que estavam de mudança para Bombaim?” Agora o monstro a imita: “Você... sempre você é quem decide. E eu? E se eu não quiser? Eu mal acabei de colocar essa casa para funcionar, e já...!”. Então, Padma: seria isso zelo conjugal ou uma simulação?

Sim... uma dúvida persiste. O monstro pergunta: “Por quê, por um ou outro motivo, ela acabou não contando ao marido sobre a visita?”. Resposta da acusada (na ausência de minha mãe, expressa por nossa Padma): “Mas, meu Deus, pense em como ele teria ficado zangado! Mesmo que não estivesse tão preocupado com toda aquela história de incêndios! Homens estranhos; uma mulher sozinha. Ele teria enlouquecido de raiva! Simplesmente enlouquecido!”.

Suspeitas indignas... Preciso deixá-las de lado; devo poupar meus rigores para mais tarde, quando, na ausência da ambigüidade, sem o véu de névoa, ela me forneceu provas concretas, claras, irrefutáveis.

... No entanto, naturalmente, quando naquela noite meu pai voltou bem tarde para casa, o corpo cheirando a fossa, um cheiro que suplantava seu habitual fedor de futuro fracasso, seus olhos e faces estavam sulcados de lágrimas cinéreas. Havia enxofre em suas narinas e poeira cinzenta de

oleado chamuscado em sua cabeça... pois é claro que haviam incendiado o armazém.

“Mas e os vigias noturnos?” Dormindo, Padma, dormindo. Avisados com antecedência para que, por precaução, ingerissem suas beberagens soníferas... Aqueles valentes laias, patanes guerreiros que, nascidos nas cidades, jamais haviam contemplado o Khyber, desfizeram pacotinhos de papel, despejaram pós cor de ferrugem em suas borbulhantes chaleiras de chá. Levaram suas esteiras para bem longe do armazém de meu pai, a fim de escaparem das quedas de vigas e faíscas; e deitados em suas camas de corda bebericaram o chá e despencaram nas ruínas agridoces da droga. A princípio tornaram-se ruidosos, louvando aos gritos suas prostitutas favoritas de Pushtu; depois puseram-se a rir como loucos, ao sentirem os dedos macios e esvoaçantes da droga roçando suas costelas... Até que os risos deram lugar a sonhos e eles vagaram pelas fronteiras escarpadas da fantasia, montaram cavalos entorpecedores e por fim atingiram um esquecimento sem sonhos do qual nada no mundo os poderia arrancar até que a droga exercesse todo o seu efeito.

Ahmed, Butt e Kemal chegaram de táxi. O motorista, irritado com os três homens agarrados a maços de cédulas amassadas que cheiravam pior que o inferno devido às substâncias desagradáveis que haviam encontrado na fossa, não teria esperado se eles não houvessem se recusado a pagá-lo. — Deixem-me ir embora, grandes senhores — implorou. — Não passo de um homem insignificante, não me segurem aqui... — A essa altura, porém, eles já davam as costas para o homem, seguindo na direção do incêndio. O homenzinho os viu correr, agarrados a suas rupias manchadas por tomates e bosta de cães; boquiaberto, fitou o armazém em chamas, as nuvens no céu trevoso e, como todos que ali estavam, foi forçado a respirar um ar carregado de oleado, palitos de fósforo e grãos de arroz queimados. Com as mãos sobre os olhos e espiando por entre os dedos, o pequeno motorista de táxi, com seu bigode incompetente, viu mr. Kemal, magro como um lápis ensandecido, açoitar e chutar os corpos adormecidos dos vigias noturnos; e,

aterrorizado, quase ia abrindo mão do pagamento e dando partida no carro, quando meu pai gritou: — Cuidado! — Mas tendo permanecido ali apesar de tudo, viu o armazém desabar sob a força das flamejantes línguas vermelhas, viu projetar-se dele um inverossímil jorro de lava de arroz derretido, lentilhas, grãos-de-bico, casacos impermeáveis, caixas de fósforos e conservas, viu as flores vermelhas e quentes do incêndio arremessarem-se em direção ao céu no momento em que o conteúdo do depósito derramou-se pelo chão duro e amarelo como uma mão negra e tisonada do desespero. Sim, claro que o armazém se incendiou; desabou do céu em cinzas sobre a cabeça deles, mergulhou nas bocas escancaradas dos vigias machucados mas ainda adormecidos...

— Que Deus nos proteja — disse mr. Butt, mas Mustafá Kemal, mais pragmático, redargüiu:

— Graças a Deus, temos um bom seguro.

— Foi naquele momento — disse Ahmed Sinai mais tarde a sua mulher —, exatamente naquele momento, que tomei a decisão de deixar o negócio de oleados. Vender o escritório, desistir da freguesia, esquecer tudo que sei a respeito do negócio. Naquele momento, nem antes nem depois, resolvi também não pensar mais nessa conversa furada de Paquistão, daquele Zulfy de sua Esmeralda. Ao sentir o calor daquele fogo — revelou meu pai, desencadeando a fúria da esposa —, decidi mudar para Bombaim e entrar no negócio imobiliário. Hoje em dia os imóveis estão a preço de nada lá — disse-lhe, antes que ela começasse a protestar. — Narlikar sabe.

(Com o tempo, porém, ele viria a chamar Narlikar de traidor.)

Em nossa família, sempre nos pomos em movimento quando somos empurrados — a única exceção a essa regra foi o congelamento de 1948. O barqueiro Tai trouxe meu avô de Caxemira; o mercurocromo o expulsou de Amritsar; o malogro da vida de minha mãe sob os tapetes determinou, diretamente, que ela fosse embora de Agra; os monstros de muitas cabeças despacharam meu pai para Bombaim de modo que eu pudesse nascer ali.

Ao fim daquele mês de janeiro, em virtude de uma série de empurrões, a história chegara por fim ao ponto em que eu estava quase em condições de fazer minha entrada em cena. Alguns mistérios não podiam ser solucionados até que eu pisasse o palco — como o mistério da observação profundamente enigmática de Ahri Ramram: “Haverá um nariz e joelhos: joelhos e um nariz”.

O dinheiro do seguro chegou; janeiro terminou; e durante o tempo necessário para a família encerrar seus negócios em Délhi e transferir-se para a cidade na qual, como sabia o ginecologista Narlikar, os imóveis estavam a preço de nada, minha mãe concentrou-se em seu plano segmentado de aprender a amar o marido. Veio a sentir profunda afeição por suas orelhas em forma de pontos de interrogação; pela extraordinária profundidade de seu umbigo, no qual o dedo dela podia penetrar sem esforço até a primeira junta; passou a sentir amor pelo bamboleio de seus joelhos; entretanto, por mais que tentasse (e como estou lhe concedendo o benefício de minhas dúvidas, não sugerirei aqui quaisquer motivos para isso), havia uma parte de Ahmed Sinai que ela jamais conseguiu amar, embora fosse a única que ele possuía em pleno funcionamento e que decerto faltara a Nadir Khan: naquelas noites em que ele se arrojava para cima dela — quando o bebê em seu útero não era maior que uma rã —, Amina não sentia prazer naquilo.

... — Não, mais devagar, janum, minha vida, demore mais um pouco, por favor — ela diz; e Ahmed, para espichar o tempo, tenta se lembrar do incêndio, da última coisa que aconteceu naquela noite flamejante, quando, no exato momento em que se virava para ir embora, escutou um grito hediondo no céu e, ao erguer os olhos, teve tempo de perceber que um abutre — à noite! —, um abutre vindo das Torres do Silêncio, voava no alto e que havia deixado cair uma mão de parse meio bicada, uma mão direita, a mesma mão que — agora! — bate-lhe com força no rosto ao cair; enquanto Amina, debaixo dele na cama, repreende-se: “Por que não sente prazer, mulher estúpida? A partir de agora você deve realmente *tentar*”.

No dia 4 de junho, meus desencontrados pais partiram para Bombaim pelo Frontier Mail. (Houve batidas, vozes suplicantes, punhos bradando: “Maharaj! Abra, só por um instante! *Ohé*, pelo leite de sua bondade, grande senhor, faça-nos esse favor!”). E havia também, escondido sob o dote, num baú verde de lata, uma proibida escarradeira de prata, de delicado lavor, marchetada de lápis-lazúli.) Nesse mesmo dia, o conde Mountbatten da Birmânia concedeu uma entrevista coletiva na qual anunciou a Partilha da Índia, e pendurou o calendário de sua contagem regressiva na parede: setenta dias para a transferência de poder... sessenta e nove... sessenta e oito... tiquetaque, tiquetaque.

# Methwold

Os pescadores foram os primeiros a chegar aqui. Antes do tiquetaque de Mountbatten, antes de monstros e proclamações públicas; quando casamentos subterrâneos eram inimagináveis e as escarradeiras ainda eram desconhecidas; antes de existir o mercurocromo; muito tempo antes de lutadoras que erguiam lençóis perfurados; num passado remoto, antes de Dalhousie e Elphinstone, antes que a Companhia da Índia Oriental construísse seu Forte, antes do primeiro William Methwold; na alvorada dos tempos, quando Bombaim era uma ilha afilada em forma de haltere no centro, que afinava no centro até se transformar num estreito fio reluzente além do qual se podia avistar o melhor e maior porto natural da Ásia, quando também Mazagaon e Worli, Matunga e Mahin, Salsette e Colaba eram ilhas — em suma, antes das obras de aterro, antes que tetrápodes e estacas encravadas convertessem as Sete Ilhas numa longa península semelhante a uma mão estendida e cobiçosa que se lança para oeste, adentrando o mar da Arábia; nesse mundo primevo, anterior aos campanários, os pescadores — chamados colis — navegavam em dhows árabes, estendendo velas vermelhas contra o sol poente. Apanhavam pamos e caranguejos, e fizeram de nós amantes de peixes. (Ou a maioria de nós. Padma sucumbiu aos feitiços ictiológicos deles; mas em nossa casa estávamos infectados pelo exotismo do sangue caxemirense, pela glacial discricção do céu caxemirense, e permanecemos todos carnívoros.)

Havia também cocos e arroz. E, acima de tudo, a benigna influência da deusa Mumbadevi, cujo nome — Mumbadevi, Mumbabai, Mumbai — bem poderia ter se tornado o da cidade. No entanto, os portugueses

batizaram o lugar com o nome de Bom Bahia por causa de seu porto, e não em homenagem à deusa do povo dos pampos. Os portugueses foram os primeiros invasores, utilizando o porto para fundear seus navios mercantes e suas naus de guerra; entretanto, num belo dia de 1633, um oficial da Companhia da Índia Oriental chamado Methwold teve uma visão. Essa visão — o sonho de uma Bombaim britânica, fortificada, que defenderia o lado ocidental da Índia contra todos os que lá chegassem — teve tamanha força, que foi capaz de pôr em marcha o tempo. A História seguiu em frente; Methwold morreu, e em 1660 Carlos II da Inglaterra contraiu núpcias com Catarina, da casa portuguesa de Bragança — a mesma Catarina que, durante toda a sua vida, ocuparia uma posição secundária diante de Nell, a vendedora de laranjas. No entanto, um consolo ela teria — foi seu dote de casamento que pôs Bombaim em mãos inglesas, talvez num baú verde de lata, tornando a visão de Methwold um pouco mais próxima da realidade. Depois disso, não tardou para que chegasse o 21 de setembro de 1668, quando a Companhia por fim se apoderou da ilha. Em seguida puseram mãos à obra, com o Forte, o aterro, e num piscar de olhos havia aqui uma nova cidade, Bombaim, da qual a velha cantiga dizia:

*Prima in Indis,*

*Portal da Índia,*

*Estrela do Oriente*

*Para o Ocidente voltada.*

Nossa Bombaim, Padma! Ela era muito diferente então, não existiam boates, fábricas de conservas, hotéis Oberoi-Sheraton nem estúdios de cinema; mas a cidade que crescia a olhos vistos ganhou uma catedral e uma estátua eqüestre do rei-guerreiro mahratta Sivaji, que (acreditávamos) à noite adquiria vida e galopava aterradoramente pelas ruas da cidade — bem pela Marine Drive! Sobre as areias de Chowpatty! Passando pelas mansões de Malabar Hill, dobrando a Kemp's Corner, vertiginosamente ao longo da costa até Scandal Point! E sim, por que não?, seguindo sempre adiante, descendo minha própria Warden Road, continuando pelas segregadas piscinas do Breach Candy, subindo a ladeira até o descomunal

templo Mahalaxmi e o antigo Willingdon Club... Durante toda a minha infância, sempre que tempos ruins sobrevinham a Bombaim, algum notívago insone declarava ter visto a estátua se mover; os desastres, na cidade da minha juventude, dançavam ao som da música misteriosa dos cascos cinzentos e pétreos de um cavalo.

E onde estão agora os primeiros habitantes? Os cocos foram os que se saíram melhor. Os cocos ainda são decapitados diariamente na praia de Chowpatty; enquanto isso, na praia de Juhu, sob o olhar lânguido das estrelas de cinema no hotel Sun'n'Sand, meninos ainda trepam nos coqueiros e fazem descer os frutos barbados. Os cocos têm até seu próprio festival, o Dia do Coco, celebrado dias antes de meu sincrônico nascimento. Podemos nos tranqüilizar com relação aos cocos. Já o arroz não teve tanta sorte; hoje os arrozais estão sepultados sob concreto; casas de cômodos recobrem as áreas onde outrora o arroz se espojava em frente ao mar. Na cidade, porém, ainda somos grandes consumidores de arroz. Arroz de Patna, de Basmati e de Caxemira são transportados diariamente para a metrópole. Assim, o arroz original, primevo, deixou sua marca em todos nós, e dele não se pode dizer que tenha morrido em vão. Quanto a Mumbadevi... hoje em dia ela não é mais tão popular, pois foi substituída na afeição das pessoas por Ganesh, o deus com cabeça de elefante. O calendário dos festivais revela seu declínio: Ganesh — “Ganpati baba” — tem seu dia de Ganesh Chaturthi, quando imensas procissões se dirigem a Chowpatty carregando efígies de gesso desse deus, depois atiradas ao mar. O Dia de Ganesh é uma cerimônia da chuva, ela torna a monção possível; além disso, o deus também era homenageado em tempos anteriores à minha chegada, no final da contagem regressiva... Mas e o dia de Mumbadevi? Não consta no calendário. E onde estão as preces do povo dos pampos, as consagrações dos apanhadores de caranguejos? De todos os primeiros habitantes, os pescadores colis foram os que tiveram a pior sina. Espremidos agora na minúscula aldeia situada no polegar da península em forma de mão, é verdade: deram seu nome a um bairro — Colaba.

Entretanto, siga até a extremidade do elevado de Colaba — passando por lojas de roupas baratas, restaurantes iranianos e apartamentos de segunda categoria de professores, jornalistas e pequenos funcionários — e você os encontrará presos entre a base naval e o mar. E às vezes mulheres colis, as mãos fedendo a tripa de pampo e carne de caranguejo, acotovelam-se com arrogância para o começo da fila de um ônibus de Colaba, com seus sáris escarlates (ou púrpuras) presos impudicamente entre as pernas e um pungente brilho de velhas derrotas e privações em seus olhos protuberantes e de alguma maneira salientes, como de peixe. Um forte, e depois uma cidade, tomou-lhes a terra; operadores de bate-estacas roubaram deles (mais tarde os tetrápodes fariam o mesmo) pedaços de seu mar. Mas há ainda os dhows árabes todo anoitecer, estendendo as velas contra o pôr do sol. Em agosto de 1947, uma vez concluída sua dominação sobre redes de pesca, cocos, arroz e Mumbadevi, os britânicos estavam prontos para eles mesmos irem embora; nenhuma dominação é perpétua.

E no dia 19 de junho, duas semanas depois de terem chegado pelo Frontier Mail, meus pais fizeram um curioso negócio com um desses ingleses que estavam de partida. Seu nome era William Methwold.

A estrada para a Propriedade Methwold (penetramos agora no coração da minha meninice; um pequeno nó me sobe à garganta) vira na Warden Road, entre uma parada de ônibus e uma pequena fileira de casas comerciais. A Loja de Brinquedos Chimalker's; O Paraíso do Leitor; a joalheria Chimanbhoy Fatbhoy; e, acima de tudo, os Confeiteiros Bombelli's, com seus bolos Marquis e seu Chocolate em Metros! Nomes que merecem ser evocados; mas agora não há tempo para isso. Passando o mensageiro de papelão da Lavanderia Band Box, que dá boas-vindas aos clientes, a rua nos conduz à casa da família. Naquele tempo o arranha-céu cor-de-rosa das mulheres Narlikar (eco medonho da antena de rádio de Srinagar!) nem sequer fora cogitado; a rua subia por uma colina baixa, menor que um prédio de dois andares, e fazia uma curva que descortinava o mar, dando para o Clube de Natação Breach Candy, onde pessoas

rosadas podiam nadar numa piscina com o formato da Índia Britânica sem medo de roçarem em pele morena; e mais adiante, dispostos com nobreza em torno de um pequeno largo, ficavam os palácios de William Methwold, nos quais estavam afixados os cartazes que — graças a mim — reapareceriam anos depois, cartazes com somente duas palavras; apenas duas, mas que atraíram meus inadvertidos pais ao excêntrico jogo de Methwold: À VENDA.

A Propriedade Methwold: quatro casas idênticas, construídas num estilo que convinha a seus residentes originais (casas de conquistadores!, mansões romanas; lares de deuses de três andares erigidos sobre um Olimpo de dois andares, um mirrado Kailash!) — mansões amplas, sólidas, com telhados vermelhos de empenas e torrinhos em cada canto, torretas de esquina brancas como marfim com chapéus pontudos de ladrilhos vermelhos (torres perfeitas para o encarceramento de princesas!) —, casas avarandadas, com aposentos de criados aos quais se tinha acesso por meio de escadas de ferro em espiral, escondidas nos fundos — casas a que seu proprietário, William Methwold, dera nomes de majestosos palácios europeus: Vila Versalhes, Vila Buckingham, Vila Escorial e Sans Souci. Buganvílias cresciam entre elas; peixes dourados nadavam em tanques azul-claros; cactos cresciam em jardins rochosos; pequeninos pés de não-me-toques comprimiam-se sob tamarineiros; e, nos relvados, borboletas, rosas e cadeiras de vime. Naquele dia de meados de junho, mr. Methwold vendeu seus palácios vazios por uma bagatela — mas havia condições. Agora, pois, sem mais delongas, eu apresento por inteiro, inclusive com seus cabelos partidos no meio da cabeça, um titã de um metro e oitenta, esse Methwold, que trazia nas faces o róseo das flores e da eterna juventude. Cobria-lhe a cabeça uma densa e negra cabeleira besuntada de brilhantina e com uma risca no centro. Haveremos de voltar a falar dessa risca, cuja precisão de vareta de fuzil tornava Methwold irresistível às mulheres, que se sentiam incapazes de resistir ao desejo de desfazê-la... Os cabelos de Methwold, partidos ao meio, tiveram muito a ver com meus

primórdios. Tratava-se de uma daquelas riscas ao longo da qual avançavam a história e a sexualidade. Como equilibristas na corda-bamba. (A despeito de tudo, entretanto, nem mesmo eu, que jamais o vi, que jamais pus os olhos em seus dentes lânguidos e reluzentes, ou em seus cabelos devastadoramente bem penteados, sou incapaz de sentir algum rancor por ele.)

E seu nariz? Como era? Proeminente? Sim, deve ter sido, o legado de uma aristocrática avó francesa — de Bergerac! — cujo sangue cor da água-marinha corria em suas veias obscurecendo seu encanto cortesão com algo mais cruel, com algum doce e assassino laivo de absinto.

A Propriedade Methwold foi vendida sob duas condições. Primeiro, a de que as casas fossem adquiridas com absolutamente tudo que havia nelas e que todo o conteúdo fosse conservado pelos novos proprietários; segundo, que a transferência formal não se efetivasse antes da meia-noite de 15 de agosto.

\* \* \*

— Tudo? — perguntou Amina Sinai. — Não posso jogar fora nem uma colher? Por Alá, aquele abajur... Não posso me livrar nem de um *pente*?

— Tudo junto — respondeu Methwold. — São essas as minhas condições. Um capricho, senhor Sinai... O senhor por certo há de permitir esse joguinho a um colono de partida? Não nos resta, aos britânicos, muito o que fazer além de praticar nossos jogos.

— Escute, Amina, escute — disse Ahmed mais tarde. — Quer ficar nesse quarto de hotel para sempre? O preço é fantástico, simplesmente isso. E o que ele pode fazer depois que passar a escritura? Aí você poderá jogar no lixo qualquer abajur que quiser. São menos de dois meses...

— O senhor vai tomar coquetel no jardim? — diz agora Methwold. — Às seis da tarde, diariamente. Em vinte anos essa rotina jamais foi alterada.

— Mas, meu Deus, a pintura... e os armários estão cheios de roupas velhas, janum... vamos ter de viver com as roupas em malas, não há lugar onde guardar um terno.

— Péssimo negócio, senhor Sinai. — Methwold beberica seu uísque entre cactos e rosas. — Nunca vi nada igual. Centenas de anos de governo decente, e então, de repente, puf! O senhor há de admitir que não fomos tão ruins: construímos suas estradas. Escolas, trens para estradas de ferro, o sistema parlamentar, tudo muito conveniente. O Taj Mahal estava caindo aos pedaços até um inglês se dar o trabalho de ir vê-lo. E agora, de repente, independência. Setenta dias para sair. Sou firmemente contrário a isso, mas o que se há de fazer?

— ... e veja as manchas no tapete, janum. Durante dois meses vamos ter de viver como esses ingleses? Já deu uma olhada nos banheiros? Não há água perto do vaso. Nunca acreditei nisso, mas é verdade, meu Deus! Eles limpam o traseiro só com papel!...

— Diga-me uma coisa, senhor Methwold. — A voz de Ahmed Sinai modificou-se, na presença do inglês tornou-se uma medonha imitação do sotaque de Oxford. — Por que insistir na demora? Afinal de contas, o melhor negócio é o rápido. Vamos resolver logo a situação.

— ... e retratos de inglesas velhas por todo canto, baba! Não há lugar onde pendurar o retrato de meu próprio pai na parede!...

— Ao que parece, senhor Sinai — o sr. Methwold está enchendo de novo os copos, enquanto o sol mergulha na direção do mar da Arábia, atrás da piscina de Breach Candy —, por trás desta rígida fachada britânica oculta-se um espírito com um desejo bastante indiano pela alegoria.

— E bebendo demais, janum... Isso não é nada bom.

— Não entendo muito bem, senhor Methwold, ah... a que o senhor se refere, exatamente, com...

— ... Ah, o senhor entende: de certa maneira, também eu estou transferindo o poder. Sinto uma espécie de comichão que me faz querer fazer a mesma coisa que o Raj. Como eu disse: um jogo. Fará a minha vontade, Sinai? Afinal de contas, como o senhor mesmo admitiu, o preço não é mau.

— Ele está de miolo mole, janum? O que você acha: é seguro fazer negócio se ele estiver doido?

— Escute uma coisa, mulher — diz agora Ahmed Sinai —, isso já foi longe demais. O senhor Methwold é excelente pessoa; um homem de boa educação; um cavalheiro honrado; não permitirei que o nome dele... E, além do mais, os outros compradores não estão se incomodando tanto, tenho certeza... Seja como for, eu lhe dei minha palavra, e acabou-se.

— Pegue um biscoito — diz o sr. Methwold, estendendo um prato. — Tome, senhor S., por favor. Realmente, uma coisa curiosa. Nunca vi nada igual. Meus velhos empregados, antigos servidores indianos, todos... de repente, puf! Uma coisa feia. Perderam seus estômagos pela Índia. Da noite para o dia. Um sujeito simples como eu fica perplexo. É como se tivessem lavado as mãos... não quiseram levar uma migalha com eles. “Vamos embora”, disseram. Começar vida nova em casa. Sempre receberam em dia, todos eles, mas ainda assim... puf! Deixaram-me na mão. Foi então que tive a idéia.

— ... Sim, resolva você, resolva — está dizendo Amina, veemente. — Fico sentada aqui como uma massa de carne com um bebê, afinal o que eu tenho a ver com isso? Sou obrigada a morar na casa de um estranho com essa criança crescendo em mim, mas e daí?... Ah, as coisas que você me obriga a fazer...

— Não chore — diz agora Ahmed, caminhando pelo quarto do hotel. — É uma boa casa. Você sabe que vai gostar da casa. E dois meses... menos de dois... O quê, ele está se mexendo? Quero sentir... Onde? Aqui?

— Aqui — responde Amina, limpando o nariz. — Um chutão bem forte.

— Minha idéia — explica o sr. Methwold, contemplando o sol poente — é encenar minha própria transferência de bens. Deixar tudo para trás, compreende? Escolher pessoas adequadas... como o senhor, senhor Sinai!... Entregar tudo absolutamente intato: em pleno funcionamento e em perfeito estado. Olhe a sua volta: está tudo em ótimas condições, não

concorda? Supimpa, como costumávamos dizer. Ou, como os senhores dizem em hindustâni: *Sabkuch ticktock hai*. Está tudo perfeito.

— Gente boa está comprando as casas. — Ahmed oferece seu lenço a Amina. — Bons vizinhos novos... aquele senhor Homi Catrack da Vila Versalhes, um parse, mas dono de cavalos de corrida. Produz filmes, essas coisas. E os Ibrahim na Sans Souci; Nussie Ibrahim também vai ter um bebê, vocês podem ser amigas... E o velho Ibrahim, dono de imensas fazendas de sisal na África. Boa família.

— ... E depois vou poder fazer o que quiser com a casa...?

— Claro, depois, naturalmente, ele vai embora...

— ... Está tudo otimamente combinado — diz William Methwold. — Sabia que um ancestral meu foi quem teve a idéia de construir toda esta cidade? Uma espécie de Raffles de Bombaim. Como seu descendente, nessa importante conjuntura sinto a..., não sei, a necessidade de desempenhar meu papel. Sim, de maneira primorosa... Quando é que o senhor se muda? Basta dizer que alugo um quarto no Taj Hotel. Amanhã? Excelente. *Sabkuch ticktock hai*.

Estas foram as pessoas entre as quais passei a infância: o sr. Homi Catrack, magnata do cinema e proprietário de cavalos de corrida, com sua filha retardada, Toxy, que tinha de ser trancafiada com a ama Bi-Appah, a mulher mais assustadora que já conheci; também os Ibrahim de Sans Souci, o velho Ibrahim Ibrahim, com seu cavanhaque e seu sisal, além dos filhos Ismail e Ishaq, e de sua pequenina, infeliz e atarantada esposa Nussie, que sempre chamamos de Nussie Pata, por causa do andar desengonçado, em cujo ventre meu amigo Sonny crescia, mesmo agora, aproximando-se cada vez mais de sua desventura com um par de fórceps obstétricos... A Vila Escorial estava dividida em apartamentos. No andar térreo moravam os Dubash; ele, um físico que viria a se tornar um luminar do centro de pesquisas nucleares de Trombay; ela, uma nulidade sob cujo nada jazia oculto um verdadeiro fanatismo religioso — mas deixarei as coisas nesse pé, mencionando apenas que eram os pais de Ciro (que só

seria concebido dali a alguns meses), meu primeiro mentor, que representava os papéis de meninas nas peças da escola e era chamado de Ciro, o Grande. Acima deles residia o dr. Narlikar, amigo de meu pai, que também comprara um apartamento ali... Ele tinha a pele tão escura quanto a de minha mãe e a capacidade de enrubescer radiosamente toda vez que se emocionava ou ficava excitado; odiava crianças, embora nos tivesse trazido ao mundo; e, ao morrer, viria a derramar sobre a cidade aquela tribo de mulheres capazes de fazer qualquer coisa e em cujo caminho nenhum obstáculo era capaz de permanecer. E por fim, no andar superior, moravam o comandante Sabarmati e Lila — o Sabarmati, um dos mais experientes aviadores da Marinha, e sua mulher com seus gostos dispendiosos; ele custara a acreditar que tivera a sorte de adquirir uma casa própria a preço tão baixo. Tinham dois filhos, um de dezoito meses e outro de quatro meses, e que depois de crescidos seriam lerdos e fanfarrões, ganhando os apelidos de Caolho e Brilhantina; e não sabiam (como poderiam saber?) que eu destruiria suas vidas... Escolhidas por William Methwold, essas pessoas, que comporiam o centro de meu mundo, mudaram-se para a Propriedade e toleravam os curiosos caprichos do inglês — pois o preço, afinal de contas, era conveniente.

... Faltam trinta dias para a transferência de poder, e Lila Sabarmati está ao telefone.

— Como você agüenta isso, Nussie? Em todos os quartos aqui há periquitos falantes e nos armários a toda hora descubro vestidos comidos por traças e sutiãs usados!

E Nussie está dizendo a Amina: — Peixinhos dourados! Por Alá, não suporto esses bichos, mas o próprio Methwold sahib vem dar comida a eles... e há vidros de Bovril pela metade que ele diz que não posso jogar fora... É uma loucura, Amina, minha irmã, por que estamos vivendo assim?

E o velho Ibrahim recusa-se a ligar o ventilador do teto de seu quarto de dormir, resmungando: — Essa máquina vai cair... vai decepar minha

cabeça de noite... Quanto tempo uma coisa tão pesada pode durar num teto?

E Homi Catrack, que tem alguma coisa de asceta e é obrigado a se deitar num colchão grande e macio, está sofrendo de dores de cabeça e insônia, e a suas olheiras escuras de introversão superpõem-se olheiras negras de insônia, e seu criado lhe diz: — Não é de admirar que todos os sahibs estrangeiros tenham ido embora, sahib; devem estar morrendo de vontade de dormir um pouco

Apesar de tudo, todos suportam a situação; há problemas, mas também vantagens. Escutem Lila Sabarmati (“Aquela!... Bonita demais para ser boa coisa”, como dizia mamãe): — Uma pianola, Amina, minha irmã! E funciona! Passo o dia inteiro sentada, tocando só Deus sabe o quê! *Mãos brancas que amei junto a Shalimar...* Tão engraçado, é demais, basta a gente pisar nos pedais!

E Ahmed Sinai encontra um pequeno bar na Vila Buckingham (que era a casa do próprio Methwold antes de ser a nossa); ele está descobrindo as delícias do bom uísque escocês e grita: — E daí? Mister Methwold é um pouco excêntrico, só isso... não podemos fazer a vontade dele? Já que temos uma civilização tão antiga, por acaso não podemos ser tão civilizados como ele? — E vira o copo de uma só vez.

Vantagens e desvantagens: — Todos esses cachorros para tratar, Nussie, minha irmã — queixa-se Lila Sabarmati. — Odeio cachorros, odeio! E minha gatinha, simplesmente apavorada!

E o dr. Narlikar, brilhando de irritação: — Em cima da minha cama! Retratos de crianças, Sinai, irmão! Acredite no que eu digo: Gorduchas! Rosadas! Três! Isso é justo?

Mas agora faltam vinte dias, as coisas estão se ajeitando, as arestas pontudas das coisas vão perdendo a forma, de modo que todos deixam de notar o que está acontecendo: a Propriedade, a Propriedade Methwold, os está modificando. Todos os dias, às seis da tarde, eles estão em seus jardins, celebrando a hora do coquetel, e quando William Methwold chega de

visita, deslizam sem esforço para suas imitações do sotaque arrastado de Oxford; e estão aprendendo sobre ventiladores de teto, fogões a gás e a dieta correta para periquitos australianos, e Methwold, supervisionando essa transformação, resmunga entre os dentes. Ouçam com cuidado: o que está ele dizendo? Ah, sim: — *Sabkuch ticktock hai* — murmura William Methwold. Está tudo bem.

\* \* \*

Quando a edição de Bombaim do *Times of India*, em busca de um tema atraente e de interesse humano para as comemorações da Independência, anunciou que concederia um prêmio a qualquer mãe de Bombaim que desse à luz uma criança no preciso instante do nascimento da nova nação, Amina Sinai, que tinha acabado de acordar de um misterioso sonho com um papel pega-moscas, grudou no jornal. O jornal foi enfiado debaixo do nariz de Ahmed Sinai; e o dedo de Amina, golpeando, triunfante, a página, realçava a plena certeza de sua voz.

— Viu, janum? — anunciou Amina. — Eu é que vou ganhar.

E diante dos olhos do casal ergueu-se a visão de manchetes garrafais: “Uma Pose Encantadora do Bebê Sinai — O Filho Dessa Hora Gloriosa!” — a visão de fotografias enormes e de alta qualidade de um bebê na primeira página. Ahmed, porém, começou a conjecturar: — Mas pense na possibilidade de isso não acontecer, begum... Até ela comprimir os lábios numa máscara de obstinação e reiterar: — Não tem mas nem meio mas; vou ganhar. Tenho certeza. Não me pergunte por quê.

E embora Ahmed repetisse a profecia da esposa a William Methwold como uma piada de coquetel, Amina permaneceu inabalável, mesmo quando Methwold riu. — Intuição feminina... uma coisa esplêndida, senhora S.! Mas, sinceramente, a senhora não pode esperar que nós... — Mesmo sob a pressão do olhar agastado de sua vizinha Nussie Pata, que também estava grávida, Amina permaneceu firme, pois a previsão de Ramram lhe penetrara fundo no coração.

Para dizer a verdade, à medida que a gravidez de Amina avançava, ela sentia as palavras do vidente pesarem cada vez mais sobre seus ombros, sua cabeça e seu ventre inflado, de modo que, ao se enredar numa teia de apreensões quanto à possibilidade de dar à luz uma criança de duas cabeças, de algum modo ela escapou à magia sutil da Propriedade Methwold, mantendo-se imunizada contra a hora do coquetel, os periquitos verdes, as pianolas e os sotaques ingleses... A princípio, então, havia algum questionamento na sua certeza de que ganharia o prêmio do *Times*, pois ela se convenceu de que, se essa parte dos prognósticos do vidente se cumprisse, o restante teria a mesma precisão, qualquer que fosse seu significado. Por isso, não foi sem um tom de puro orgulho e presságio que minha mãe disse: — Deixe de lado a intuição, senhor Methwold. Trata-se de um fato que não pode ser contestado.

Para si mesma, acrescentou: “E há outra coisa: vou ter um filho homem. Mas ele vai precisar de muitos cuidados depois”.

A mim parece que, no fundo da alma de minha mãe, talvez mais profundamente do que ela imaginasse, os conceitos sobrenaturais de Nasim Aziz haviam começado a influenciar seus pensamentos e sua conduta. Aqueles mesmos conceitos e fantasias que haviam convencido a Reverenda Mãe de que os aeroplanos eram invenções do demônio, de que as máquinas fotográficas podiam roubar a alma de uma pessoa, de que os fantasmas eram uma parte da realidade tão óbvia quanto o Paraíso e de que era simplesmente pecado colocar certas orelhas santificadas entre o polegar e o indicador, esses conceitos agora sussurravam na cabeça ensombrecida da filha. “Por mais que estejamos sentados no meio de todo este lixo inglês”, começava a pensar minha mãe, “isto aqui ainda é a Índia, e pessoas como Ramram Seth sabem muito bem o que dizem.” Dessa maneira, o ceticismo de seu pai amado era substituído pela credulidade de minha avó; e, ao mesmo tempo, a centelha aventureira que Amina herdara do dr. Aziz era sufocada por outro fardo, igualmente pesado.

Quando as chuvas chegaram no final de junho, o feto se achava plenamente formado em seu ventre. Joelhos e nariz já se faziam presentes; e as tantas cabeças que cresceriam já se encontravam em posição. Aquilo que fora (no princípio) apenas do tamanho de um ponto final ampliara-se para uma vírgula, uma palavra, uma frase, um parágrafo, um capítulo; agora passava por desenvolvimentos mais complexos, tornando-se, por assim dizer, um livro — talvez uma enciclopédia — ou mesmo todo um idioma —, o que significa dizer que a protuberância no meio do corpo de minha mãe tornou-se tão grande, atingiu tamanho peso, que enquanto a Warden Road, ao pé da nossa colina de dois andares, inundava-se com a água suja e amarela das chuvas, ônibus encalhados começavam a enferrujar, crianças nadavam na rua aquosa e jornais se empapavam sob a superfície, Amina se viu num quarto circular da torre do primeiro andar quase impossibilitada de se mover por causa do peso de seu balão de chumbo.

Chuva interminável. Água infiltrando-se por baixo de janelas nas quais tulipas de vidro fosco dançavam em vidraças chumbadas. Toalhas enfiadas nos caixilhos, encharcadas de água até ficarem pesadas, saturadas, inúteis. O mar: cinzento, grosso, estendendo-se até encontrar as nuvens de chuva num horizonte achatado. Chuva tamborilando nos ouvidos de minha mãe, contribuindo para a confusão criada pelo vidente, pela credulidade materna, e pela perturbadora presença de objetos de desconhecidos, levando-a a imaginar toda sorte de coisas estranhas. Presa sob o filho que crescia, Amina imaginava-se uma assassina condenada dos tempos mogóis, quando a morte por esmagamento sob uma rocha fora punição comum... E nos anos que viriam, sempre que ela se recordasse daquele tempo que havia marcado o fim do tempo antes de se tornar mãe, aquele tempo em que o tiquetaque dos calendários de contagem regressiva impelia a todos, de roldão, rumo ao 15 de agosto, ela diria: — Não sei de nada disso. Para mim, foi como se o tempo tivesse parado. O bebê em meu estômago deteve os relógios. Tenho certeza disso. Não riam: lembrem-se do relógio

do campanário no fim do morro? Pois eu lhes digo: depois daquela monção, nunca mais aquele relógio voltou a funcionar.

... E Musa, o velho criado de meu pai, que acompanhara o casal a Bombaim, saiu para contar aos outros empregados, nas cozinhas dos palácios de tijolos vermelhos, nos dormitórios dos criados nos fundos de Versalhes, de Escorial e de Sans Souci: — Vai ser um bebê sensacional, de dez rupias; sim, senhor! Um pampo dos grandes, esperem só para ver! — Os criados ficaram felizes; porque um nascimento é coisa boa, e nada melhor do que um bebê grande e bem-feito...

... E Amina, cuja barriga havia detido os relógios, sentada imóvel num quarto de uma torre, disse ao marido: — Ponha sua mão aqui e sinta... aqui, sentiu?... Que meninão forte! Nosso pedacinho da lua.

Só depois que as chuvas cessaram, quando Amina ficou tão pesada que dois criados tinham de formar uma cadeirinha com as mãos para levantá-la, foi que Wee Willie Winkie voltou para cantar no largo entre as quatro casas; e foi só então que Amina compreendeu que não tinha uma, porém duas sérias rivais (duas que ela conhecia) para ganhar o prêmio do *Times of India*, e que, com ou sem profecia, o final daquela corrida haveria de ser bem disputado.

— Wee Willie Winkie, esse nome ganhei; para ganhar a vida, sempre cantei!

Ex-ilusionistas, mágicos ambulantes, cantores... já antes de eu nascer a fôrma estava pronta. Artistas orquestrariam a minha vida.

— Espero que estejam bem ins-ta-la-dos!... Aqui, estou muito bem ins-ta-la-do! Ah, ah, vamos, senhoras e senhorres, vamos dar boas risadas!

Alto, moreno, bonito, um palhaço com um acordeom, ele se colocara no largo. Nos jardins da Vila Buckingham, o dedão do pé de meu pai passeava (com seus nove colegas) ao lado e debaixo da risca central de William Methwold... calçado em sandália, bulboso, um dedão ainda inconsciente da maldição a caminho. E Wee Willie Winkie (cujo nome verdadeiro nunca soubemos) contava piadas e cantava. De uma varanda do

primeiro andar, Amina olhava e escutava; e sentia a picada do invejoso olhar competitivo de Nussie Pata, da varanda vizinha.

... Enquanto isso, eu, à minha mesa, sinto a alfinetada de impaciência de Padma. (Às vezes, desejo contar com uma platéia mais perspicaz, alguém que compreendesse a necessidade de ritmo, de andamento, da sutil introdução de acordes suaves que mais tarde hão de crescer, avolumar-se, dominar a melodia; que entendesse, por exemplo, que, embora o peso de um bebê e a monção tenham silenciado o relógio na torre da Propriedade, as batidas firmes do tiquetaque retroativo de Mountbatten prosseguiam, serenas mas inexoráveis, e que mais cedo ou mais tarde ele nos haveria de encher os ouvidos com sua música metronômica, percussiva.) Diz Padma:

— Não quero saber desse Winkie agora; estou esperando há dias e noites, e ainda assim você não nasce!

Recomendo, no entanto, paciência; tudo no seu devido lugar, digo à minha lótus-de-esterco, porque também Winkie tem seu propósito e seu lugar, aqui está ele implicando com as senhoras grávidas em suas varandas, fazendo uma pausa nas canções para dizer: — Ouviram falar do prêmio, minhas senhoras? Eu também. Minha Vanita terá a sua hora logo, logo, logo. Talvez seja ela, e não as senhoras, que terá o retrato no jornal!... — E Amina franze o cenho, e Methwold sorri (será um sorriso forçado? Por quê?) debaixo da sua risca central, e o lábio de meu pai se projeta judiciosamente enquanto seu dedão passeia e ele diz:

— Esse sujeitinho é bem atrevido; está indo longe demais.

Mas agora, com uma expressão muito parecida com embaraço — e até culpa! —, Methwold censura Ahmed Sinai: — Bobagem, meu amigo. É a tradição dos bufões, você sabe. Eles têm licença para provocar e implicar. Uma importante válvula de segurança social.

E meu pai dá de ombros: — Hum!

Mas é um camarada sabido, esse Winkie, pois agora está derramando óleo sobre as águas, dizendo: — Um nascimento é coisa boa; dois

nascimentos, melhor ainda! Senhoras, meus respeitos. — E há uma mudança de tom no momento em que ele introduz uma nota de dramaticidade, um pensamento esmagador, crucial: — Senhoras e senhores, como podem se sentir à vontade aqui, no meio do longo passado de mister Methwold sahib? Eu lhes digo: deve ser estranho; irreal; mas agora este é um novo lugar, senhoras e senhores, e nenhum novo lugar se torna real antes de haver assistido a um nascimento. O primeiro nascimento fará todos se sentirem à vontade. — Após o quê, uma canção: “Daisy, Daisy...”. O sr. Methwold se junta ao canto, mas algo de sombrio lhe tolda a expressão...

... E eis o fato: sim, é culpa, porque nosso Winkie pode ser sabido e engraçado, porém não é sabido o bastante, e agora chegou o momento de revelar o primeiro segredo da risca central dos cabelos de William Methwold, pois ela se desfez, toldando-lhe o rosto: certo dia, muito antes do tiquetaque e das vendas com tudo dentro, o sr. Methwold convidou Winkie e sua Vanita para cantarem para ele em sua casa, uma audição particular, naquele aposento que agora é a principal sala de visitas de meus pais; e depois de algum tempo ele disse:

— Escute, Wee Willie, faça-me um favor: preciso mandar aviar essa receita, estou com dores de cabeça terríveis, leve a receita à Kemp’s Corner e peça que o farmacêutico lhe dê as cápsulas. Todos os criados estão de cama, gripados.

Como era um homem pobre, Winkie disse: — Sim, sahib, imediatamente, sahib — e saiu; e então Vanita ficou a sós com a risca central, sentindo-a exercer uma irresistível atração sobre seus dedos, e enquanto Methwold permanecia sentado, imóvel numa cadeira de junco, usando um terno leve, cor de creme, com uma rosa na lapela, ela deu consigo aproximando-se dele, dedos estendidos, vendo os dedos tocarem os cabelos; encontrou a risca central; e começou a desarrumá-la.

Agora, nove meses depois, Wee Willie Winkie fez um gracejo sobre o parto iminente de sua mulher e uma sombra surgiu na frente do inglês.

— E daí? — pergunta Padma. — O que me interessa esse Winkie e a mulher dele, de quem você nem me contou nada?

Certas pessoas nunca estão satisfeitas; mas Padma estará, em breve.

E agora ela está prestes a se sentir ainda mais frustrada, porque, numa longa espiral ascendente, afasto-me dos acontecimentos que se desenrolam na Propriedade Methwold — para longe de peixes dourados, cães, concursos de bebês e riscas de cabelos, para longe de dedões e de telhados de ladrilhos — e atravesso voando a cidade fresca e limpa depois dos estragos das chuvas; deixo Ahmed e Amina entregues às canções de Wee Willie Winkie e bato asas na direção do bairro do Forte Velho, passando pela Fonte Flora e chegando a um prédio amplo e cheio de uma luz baça e do perfume de incensários balançantes... porque aqui, na catedral de São Tomé, miss Mary Pereira está se instruindo a respeito da cor de Deus.

— Azul — disse o jovem padre com fervor. — Todos os indícios disponíveis, filha, levam a crer que Jesus Cristo tinha uma tonalidade lindíssima, cristalina, de azul-celeste, bem claro.

A mulherzinha atrás da janela de treliça de madeira do confessionário calou-se por um instante. Um silêncio ansioso, cogitante. E depois: — Mas como, padre? As pessoas não são *azuis*. Simplesmente não há ninguém azul em todo o mundo.

Aturdimento da mulherzinha, perplexidade do padre... pois não era assim que devia ser a reação dela. O bispo dissera: — Problemas com convertidos recentes... Quando fazem perguntas a respeito de cor, são quase sempre eles... É importante construir pontes, meu filho. Lembre-se — tinha falado o bispo —, Deus é amor; e o deus indiano do amor, Krishna, é sempre representado com a pele azul. Responda-lhes “azul”; será uma espécie de ponte entre as duas fés; faça isso com naturalidade; além do mais, o azul é uma espécie de cor neutra, evita os costumeiros problemas com cor, mantém você longe do preto e branco; sim, de modo geral tenho certeza de que esse é o melhor caminho.

Até os bispos podem errar, pensa o jovem sacerdote, mas nesse momento ele está em apuros, pois é visível que a mulherzinha está ficando nervosa e começou a desfiar uma severa reprimenda através da treliça:

— Que tipo de resposta é essa, padre, *azul*? Como acreditar numa coisa dessas? O senhor devia escrever ao Santo Padre em Roma, decerto ele daria um jeito no senhor. Mas a gente não precisa ser o papa para saber que os homens não são azuis, nunca, em lugar nenhum!

O jovem padre fecha os olhos, respira fundo, contra-ataca: — Já houve peles azuis — vacila. — Os pictos; os nômades árabes azuis; com o auxílio de alguma instrução, minha filha, você vai ver...

Agora, porém, um bufar violento ecoa no confessionário: — O quê, padre? Está comparando Nosso Senhor com *selvagens*? Ah, Deus, preciso tapar os ouvidos de tanta vergonha!

E vem mais, muito mais, enquanto o jovem padre, cuja gastrite o faz sofrer horrores, tem de repente a inspiração de que alguma coisa mais importante se esconde por trás dessa preocupação com a cor azul, e faz a pergunta; diante da qual a arenga dá lugar a lágrimas, e o jovem clérigo diz, em pânico: — Ora, vamos, decerto o Divino Resplendor de Nosso Senhor não é uma questão de simples pigmentação.

E ouve-se uma voz através da cascata de água salgada: — É, padre, afinal o senhor não é tão ruim. Foi isso mesmo que eu disse a ele, nem mais nem menos, mas ele disse muitas palavras rudes e não quis ouvir...

Pronto, *ele* entrou na história, e agora tudo vem à tona, e miss Mary Pereira, pequena, virginal, conturbada, faz uma confissão que nos dá uma pista crucial sobre suas motivações quando, na noite de meu nascimento, ela fez a última e mais importante contribuição para toda a história da Índia no século XX, desde o tempo da narigada de meu avô no chão até a época de minha vida adulta.

A confissão de Mary: como toda Maria, ela tinha o seu José. Joseph D'Costa, atendente numa clínica da Pedder Road chamada Casa de Saúde Narlikar (“Ah!” Enfim, Padma vê uma ligação), onde ela trabalhava como

parteira. As coisas haviam transcorrido muito bem no começo; ele a tinha levado para tomar chá, lassi ou faluda, e lhe dissera palavras doces. Os olhos dele eram como britadeiras, duros e cheios de trrr-trrr-trrr, mas ele falava baixo e bem. Pequena, roliça e virginal, Mary deleitara-se com suas atenções; agora, entretanto, tudo havia mudado.

— De repente, sem mais nem menos, ele passa o tempo todo farejando o ar. Fica até engraçado, com aquele nariz para cima, “Está resfriado, o que foi, Joe?”, eu pergunto. Mas ele diz que não; não, ele diz: está sentindo o cheiro do vento que vem do norte. Aí eu digo: “Joe, em Bombaim o vento vem do mar, do oeste, Joe”. — Com voz frágil, Mary descreve o ataque de cólera de Joseph D’Costa, que lhe disse: “Você não sabe de nada, Mary, o ar agora vem do norte, e está cheio de morte. Essa independência é só para os ricos; os pobres estão sendo obrigados a se matar uns aos outros como moscas. No Punjab, em Bengala. Brigas e mais brigas, pobres contra pobres. Está no vento.

E Mary: — Você está dizendo loucuras, Joe. Por que se preocupa com essas coisas ruins? Podemos ficar quietos em nosso canto, não é?

— Deixe para lá, você não sabe de nada.

— Mas, Joseph, mesmo que essa história de mortes seja verdadeira, só são hindus ou muçulmanos. Por que meter os bons cristãos nas brigas? Esses daí vêm se matando durante a vida inteira.

— Você e o seu Cristo! Não consegue meter na cabeça que essa religião é dos brancos? Deixe os deuses brancos para os brancos. Agora mesmo, a nossa gente está morrendo. Temos de lutar também. Temos de mostrar às pessoas quem é que deve combater, em vez de ficarem brigando umas com as outras, entende?

E Mary: — Foi por isso que perguntei sobre a cor, padre... E eu disse a Joseph, repeti várias vezes, lutar é ruim, esqueça essas idéias malucas; mas aí ele deixou de falar comigo e começou a andar com tipos perigosos, e estão começando a falar dele, padre, dizem que ele está atirando tijolos em automóveis, e também garrafas com fogo, ele está endoidecendo, padre,

dizem que ele ajuda a queimar ônibus e a explodir trens, e nem sei mais o quê. Não sei o que fazer, padre, e aí contei tudo à minha irmã. É a minha irmã Alice, uma moça excelente, padre. Eu disse: “Esse Joe, ele mora perto de um matadouro, é capaz de ter sido o cheiro que entrou no nariz dele, fazendo o Joe ficar de miolo mole”. Por isso Alice foi procurá-lo. “Vou interceder por você”, disse ela. Mas aí, ah, meu Deus, o que está acontecendo com este mundo!... Vou lhe dizer a verdade, padre... Ah, baba... — E uma inundação afoga suas palavras, seus segredos vazam salgados dos olhos, pois Alice voltou para dizer que na opinião dela a culpada de tudo era Mary, por atazanar Joseph até ele não a suportar mais, em vez de apoiá-lo na causa patriótica de despertar a consciência do povo. Alice era mais nova que Mary, e mais bonita também; e depois disso houve mais disse-me-disse, histórias ligando Alice a Joseph, e Mary ficou fora de si.

— Aquela lá — disse Mary —, o que é que ela sabe dessa história de política? Só para meter as garras no meu Joseph ela vai papaguear qualquer besteira que ele disser, como um estúpido passarinho mainá. Eu juro, padre...

— Cuidado, minha filha. Você está perto da blasfêmia...

— Não, padre, juro por Deus, não sei o que estou disposta a fazer para ter esse homem de volta. Isso mesmo, apesar de... não importa o que ele... ai-oh-ai-uhhh!

Águas salgadas lavam o chão do confessionário... E agora, estará o jovem sacerdote diante de um novo dilema? Estará ele, apesar das agonias de um estômago debilitado, comparando numa balança invisível o peso da santidade do confessionário com o peso do perigo que um homem como Joseph D’Costa representa para a sociedade civilizada? Irá ele, realmente, pedir a Mary o endereço de Joseph e depois denunciar... Em suma, haveria ou não esse jovem padre, guiado por bispos e atormentado pelo aparelho gástrico, de se comportar como Montgomery Clift ou diferente dele, em *A tortura do silêncio*? (Ao assisti-lo no cinema New Empire, há alguns anos,

não consegui chegar a uma conclusão.) Mas não; mais uma vez, devo conter minhas suspeitas infundadas. O que aconteceu a Joseph provavelmente teria acontecido de qualquer maneira. E provavelmente a única relevância do jovem padre na minha história está no fato de ele ter sido o primeiro estranho a ouvir falar do virulento ódio de Joseph D'Costa aos ricos, bem como da desesperada aflição de Mary Pereira.

Amanhã vou tomar banho e fazer a barba; vou vestir um kurta novinho, lustroso e engomado, e pijamas que combinem. Vou usar pantufas reluzentes, reviradas nas pontas, meus cabelos estarão bem escovados (embora não repartidos no meio), meus dentes brilhando... Em poucas palavras, vou estar alinhado. (“Graças a Deus”, diz Padma fazendo beicinho.)

Amanhã, enfim, ponho um ponto final nas histórias que eu (por não ter estado presente no nascimento delas) tenho de arrancar dos recessos rodopiantes de minha mente; isso porque a música metronômica do calendário de contagem regressiva de Mountbatten não pode mais ser ignorada. Na Propriedade Methwold, o velho Musa ainda está batendo como uma bomba-relógio; mas ninguém o escuta, pois um outro som cresce agora, ensurdecedor, insistente; o som de segundos que passam, o som de uma meia-noite que se aproxima, inevitável.

# Tique-taque

Padma pode escutá-lo: nada como uma contagem regressiva para construir um suspense. Fiquei vendo minha flor-de-esterco trabalhar hoje, mexendo em caldeirões como um furacão, como se isso fosse capaz de fazer o tempo andar mais rápido. (E talvez seja mesmo; o tempo, pela minha experiência, tem sido tão variável e inconstante quanto o fornecimento de energia elétrica de Bombaim. Se não acreditam em mim, liguem para o serviço de hora certa — atrelado à eletricidade, ele em geral está algumas horas atrasado. A menos que nós é que estejamos errados... Nenhum povo cuja palavra para “ontem” é a mesma que para “amanhã” pode ter uma noção muito precisa do tempo.)

Hoje, porém, Padma ouviu o relógio de Mountbatten... Fabricado na Inglaterra, ele bate com inabalável precisão. E agora a fábrica está vazia; os vapores persistem, mas os caldeirões estão quietos; e cumpro minha palavra. Vestido com todo o esmero, saúdo Padma no momento em que ela corre em direção à minha mesa, acomoda-se no chão a meu lado e ordena: — Comece. — Dou um sorrisinho de satisfação; sinto os filhos da meia-noite fazendo fila em minha cabeça, empurrando-se e acotovelando-se como as vendedoras de peixes colis; digo-lhes que esperem, não vai demorar; limpo a garganta, dou uma sacudida na caneta; e começo.

Trinta e dois anos antes da transferência de poder, meu avô deu com o nariz em terras caxemirenses. Houve rubis e diamantes. Houve o gelo do futuro, esperando sob a superfície da água. Houve um juramento: jamais se curvar diante de um deus ou homem. O juramento criou um buraco, que seria temporariamente preenchido por uma mulher atrás de um lençol

furado. Um barqueiro, que um dia profetizara dinastias ocultas no nariz de meu avô, transportou-o, encolerizado, para o outro lado de um lago. Houve latifundiários cegos e lutadoras. E houve um lençol num quarto sombrio. Naquele dia, minha herança começou a se formar — o azul do céu de Caxemira que gotejou nos olhos de meu avô; os prolongados sofrimentos de minha bisavó, que se transformariam na resignação de minha própria mãe e na recente rigidez de Nasim Aziz; o dom que tinha meu bisavô de conversar com as aves e que desaguaria através de serpenteantes linhagens sangüíneas nas veias de minha irmã, a Macaca de Cobre; o conflito entre o ceticismo de meu avô paterno e a credulidade de minha avó materna; e, especialmente, toda a essência fantasmagórica daquele lençol furado, que condenou minha mãe a aprender a amar um homem aos pedaços e que decretou que eu visse minha própria vida — seus significados, suas estruturas — também em fragmentos; assim, quando cheguei a compreendê-la, já era tarde demais.

Anos que passam tiquetaqueando — e minha herança se avoluma, pois agora tenho os míticos dentes de ouro do barqueiro Tai, bem como sua garrafa de aguardente, que profetizava os djinns alcoólicos de meu pai; tenho Ilse Lubin para suicídio e cobras em conserva para virilidade; tenho Tai para imutabilidade em oposição e Aadam para progresso; e tenho, também, os odores do barqueiro imundo que levaram meus avós para o Sul e tornaram Bombaim uma possibilidade.

... E agora, impelido por Padma e pelo relógio, sigo adiante, adquirindo o Mahatma Gandhi e seu hartal, ingerindo polegar e indicador, engolindo o momento em que Aadam Aziz não sabia se era caxemirense ou indiano; agora estou bebendo mercurocromo e manchas com forma de mãos, que se repetirão em suco de bétele cuspidado, e estou tragando Dyer, com bigode e tudo; meu avô é salvo por seu nariz, e em seu peito surge um ferimento que nunca cicatriza, de modo que ele e eu encontramos no incessante latejar dessa contusão a resposta para a pergunta: indiano ou caxemirense? Manchados pelo ferimento da fivela de uma maleta de Heidelberg,

juntamos nosso destino ao da Índia; no entanto, o exotismo dos olhos azuis permanece. Tai morre, porém sua magia ainda paira sobre nós e nos transforma em homens desagregados.

... Precipitando-me, faço uma pausa para captar o jogo da escarradeira. Cinco anos antes do nascimento de uma nação, minha herança cresce, passando a incluir uma doença do otimismo que de novo grassaria em minha própria época; fendas na terra que renascerão e renasceram em minha pele; colibris ex-ilusionistas que deram início à longa linhagem de artistas de rua, uma linhagem que correu paralela à minha vida; as manchas de pele congênitas de minha avó, sua aversão por fotografias, o comoquechama e as guerras de fome e de silêncio; a sabedoria de minha tia Alia que se transformou em celibato, amargura e por fim rebentou em vingança mortal; o amor entre Esmeralda e Zulfikar que me possibilitaria lançar uma revolução; facas crescentes; luas fatais ecoando no nome amoroso que minha mãe escolheu para mim, seu inocente chand-ka-tukra, seu querido pedaço-da-... Crescendo ainda mais hoje, flutuando no líquido amniótico do passado, alimento-me de um zumbido que se elevou mais e mais, até que cães vieram resolver a situação, nutro-me de uma fuga para um milharal e do salvamento por Rashid, o rapaz do jinriquixá com seus trejeitos de Gai-Wallah enquanto corria — A TODA! — gritando em silêncio, revelando os segredos de fechaduras fabricadas na Índia e levando Nadir Khan a um banheiro onde havia um baú de roupa suja; sim, torno-me mais pesado a cada segundo, engordando à custa de baús de roupa suja, do amor subterrâneo de Mumtaz e do bardo de versos brancos, ganhando peso à medida que engulo o sonho de Zulfikar de um banheiro ao lado da cama, um Taj Mahal subterrâneo e uma escarradeira de prata marchetada de lápis-lazúli; um casamento se desfaz e me nutre; uma tia corre, traiçoeira, pelas ruas de Agra, sem honra, e também isso me nutre; e agora os falsos começos terminaram, Amina deixou de ser Mumtaz, e Ahmed Sinai tornou-se, em certo sentido, seu pai, tanto quanto seu marido... Minha herança inclui esse dom, o dom de inventar para mim

mesmo novos pais sempre que necessário. O poder de dar à luz pais e mães: aquilo que Ahmed desejou e nunca teve.

Através de meu cordão umbilical, assimilo gente que não paga passagens e os perigos de adquirir leques de penas de pavão. Infiltra-se em mim a diligência de Amina, e também coisas mais agourentas — passos estrepitosos, a necessidade que tinha minha mãe de implorar dinheiro até o guardanapo no colo de meu pai começar a estremecer e a formar uma pequena tenda; e também as cinzas das bicicletas Arjuna, um cineminha no qual Lifafa Das tentava incluir tudo que existia no mundo, e patifes perpetrando atos afrontosos; monstros multicéfalos crescem dentro de mim — Ravanas mascarados, meninas de oito anos com língua presa e sobranceira contínua, turbas gritando Estuprador. Anúncios públicos vão me nutrindo à medida que cresço em direção à minha época, e agora só restam sete meses.

Quantas coisas, pessoas e idéias trazemos conosco a este mundo, quantas possibilidades e também restrições de possibilidade!... Porque tudo isso foram os pais da criança nascida naquela meia-noite, e para cada filho da meia-noite houve tantas outras coisas mais.. Entre os pais da meia-noite: o fracasso do plano da Missão do Gabinete; a determinação de M. A. Jinnah, que, agonizante, desejava ver ainda em vida o Paquistão formado e estava disposto a qualquer coisa para garantir isso — aquele mesmo Jinnah com quem meu pai, como de costume desperdiçando uma oportunidade, recusou a se encontrar; Mountbatten com sua extraordinária pressa e sua esposa devoradora de peitos de frango. E muito, muito mais: o Forte Vermelho e o Forte Velho, macacos e abutres deixando mãos cair, e travestis brancos, consertadores de ossos, treinadores de mangustos e Shri Ramram Seth, que fazia profecias em excesso. E o sonho de meu pai de reformular o Corão também tem seu lugar; e também o incêndio do armazém, que fez dele um vendedor de imóveis, e não de oleados; e ainda o pedaço de Ahmed que Amina não conseguia amar. Para se compreender uma única vida, é preciso engolir o mundo inteiro. Eu avisei vocês.

E pescadores, e Catarina de Bragança, e Mumbadevi, cocos, arroz; e a estátua de Sivaji e a Propriedade Methwold; uma piscina em forma da Índia Britânica e uma colina de dois andares; uma risca central e um nariz de Bergerac; uma torre de relógio inoperante e um pequeno largo; a volúpia de um inglês por uma alegoria indiana e a sedução da mulher de um acordeonista. Papagaios verdes, ventiladores de teto e o *Times of India* são parte da bagagem que eu trouxe ao mundo... É de admirar, pois, que eu tenha sido uma criança pesada? Para dentro de mim escorreu o Jesus azul; o desespero de Mary, o delírio revolucionário de Joseph e a leviandade de Alice Pereira... Todas essas coisas também me construíram.

Se pareço um tanto extravagante, lembrem-se da louca profusão da minha herança... Talvez, se desejamos permanecer como um indivíduo no meio de multidões fervilhantes, temos de nos fazer de grotescos.

— Até que enfim — diz Padma, satisfeita — você aprendeu a contar as coisas com rapidez.

Treze de agosto de 1947: descontentamento nos céus. Júpiter, Saturno e Vênus estão zangados; além disso, os três astros discordantes encaminham-se para a casa mais desfavorável de todas. Os astrólogos de Benares definem a conjunção, amedrontados: “Karamstan! Entram em Karamstan!”.

Enquanto os astrólogos protestam furiosos junto aos dirigentes do Partido do Congresso, minha mãe se deita para a sesta da tarde. Enquanto o conde Mountbatten deplora a inexistência de ocultistas treinados em seu Estado-Maior, as sombras de um ventilador de teto giram vagarosas e acariciantes sobre Amina, fazendo-a adormecer. Enquanto M. A. Jinnah, feliz por saber que seu Paquistão nascerá dentro de apenas onze horas, um dia antes que a Índia independente, para a qual ainda faltam trinta e cinco horas, escarnece dos protestos dos comerciantes de horóscopos, sacudindo a cabeça divertido, também a cabeça de Amina se mexe de um lado para o outro.

No entanto, ela dorme. E em todos esses dias de sua gravidez de chumbo, um enigmático sonho com papel pega-moscas vem

atormentando suas horas de sono. E é nesse sonho que ela vagueia agora, tal como antes, numa esfera de cristal cheia de tiras suspensas do pegajoso material marrom, que aderem a suas roupas e as rasgam enquanto ela avança aos tropeções pela impenetrável floresta de papel; ela se debate, rasga os papéis, mas eles se colam nela, até ela ficar nua, com o bebê dando chutes em seu ventre; longos tentáculos de papel pega-moscas esvoaçam em sua direção para agarrá-la pelo ventre ondulante, o papel gruda em seus cabelos, nariz, dentes, seios, coxas, e quando ela abre a boca para gritar, uma adesiva mordaca marrom cai sobre seus lábios entreabertos...

— Amina begum! — diz Musa. — Acorde! Sonho mau, begum sahiba!

Incidentes daquelas últimas horas — os últimos resíduos de minha herança. Quando faltavam ainda trinta e cinco horas, minha mãe sonhou que estava colada num papel marrom como uma mosca. E na hora do coquetel (restam trinta horas) Willian Methwold visitou meu pai no Jardim da Vila Buckingham. Uma risca central passeou ao lado e acima de um dedão, e mr. Methwold evocou reminiscências. Histórias do primeiro Methwold, que sonhara com a existência da cidade, encheram o ar vespertino naquele penúltimo crepúsculo. E meu pai, macaqueando o sotaque de Oxford, ansioso por impressionar o inglês que partia, respondeu:

— Na verdade, amigo, também nossa família é bastante eminente.

Methwold escuta: cabeça inclinada, rosa vermelha na lapela creme, chapéu de abas largas escondendo os cabelos repartidos, uma velada insinuação de divertimento nos olhos... Ahmed Sinai, lubrificado pelo uísque, impelido pela sensação de importância, anima-se com o tema:

— Para dizer a verdade, sangue mogol.

Ao que Methwold responde: — Não diga! Verdade? Está brincando comigo!

E Ahmed, já sem possibilidade de volta, é obrigado a ir adiante: — Escorregadelas conjugais, naturalmente. Mas mogol, não resta dúvida.

E foi assim que, trinta horas antes de meu nascimento, meu pai demonstrou que, também ele, ansiava por ancestrais fictícios... Foi assim que inventou um pedigree de família que, anos depois, quando o uísque já lhe embotara o gume da memória e garrafas de gênios vieram a confundilo, apagaria todos os vestígios de realidade... E foi assim que, para impor sua argumentação, ele introduziu em nossa vida a idéia da maldição de família.

— Ah, sim — disse meu pai, enquanto Methwold erguia uma cabeça nada sorridente. — Muitas famílias antigas estavam sob essas maldições. Em nossa linhagem, ela é passada de primogênito para primogênito... e por escrito apenas, pois o simples fato de pronunciá-la significa desencadear seu poder.

E Methwold: — Fantástico! Conhece as palavras?

Meu pai assente com a cabeça, projetando o lábio, imobilizando o dedão enquanto bate de leve na testa, enfático: — Tudo aqui; tudo de cor. Não foi usada desde que um antepassado teve uma altercação com o imperador Babar e lançou a maldição sobre o filho dele, Humayun... Uma história terrível... Qualquer criança a conhece.

E chegaria um tempo em que meu pai, nas garras de sua completa alienação da realidade, se trancaria num quarto azul para tentar recordar uma maldição que ele inventara certa tarde nos jardins de sua casa enquanto batia de leve na testa ao lado do descendente de William Methwold.

Sob o peso agora dos sonhos de papel pega-mosca e ancestrais imaginários, ainda me encontro a um dia de meu nascimento. Mas agora o tiquetaquear implacável se reafirma: vinte e nove horas, vinte e oito, vinte e sete...

Que outros sonhos foram sonhados nessa última noite? Terá sido então — sim, por que não? — que o dr. Narlikar, ignorando o drama que estava por se desenrolar em sua Casa de Saúde, sonhou pela primeira vez com tetrápodes? Terá sido nessa última noite — quando o Paquistão nascia ao

norte e a oeste de Bombaim — que meu tio Hanif, que viera (como a irmã) para Bombaim e que se apaixonara por uma atriz, a divina Pia (“Seu rosto é sua fortuna!”, dissera certa vez a *Illustrated Weekly*), pela primeira vez imaginou o artifício cinematográfico que em breve lhe daria o primeiro de três estrondosos sucessos no cinema? Parece provável; mitos, pesadelos e fantasias estavam no ar. Uma coisa ao menos é certa: nessa última noite, meu avô Adam Aziz, sozinho agora no velho casarão da Cornwallis Road — tendo por companhia apenas uma esposa cuja força de vontade parecia aumentar à medida que Aziz era triturado pela idade, e uma filha, Alia, cuja amargurada virgindade perduraria até uma bomba dividi-la ao meio mais de dezoito anos depois —, viu-se subitamente aprisionado por grandes arcos metálicos de nostalgia, permanecendo insone enquanto eles lhe comprimiam o peito; até que por fim, às cinco da manhã de 14 de agosto — quando restavam dezenove horas —, uma força invisível o empurrou e o arrastou para fora da cama em direção a um velho baú de lata. Ao abri-lo, encontrou: velhos exemplares de revistas alemãs; *O que fazer?*, de Lênin; um tapete de oração dobrado; e, por fim, aquele objeto que um impulso irresistível o fizera querer ver outra vez — branco, dobrado e brilhando palidamente na madrugada. E meu avô retirou do baú de lata de seu passado um lençol manchado e furado, descobrindo que o buraco crescera, que havia outros buracos, menores, no tecido; e tomado por uma violenta fúria nostálgica, sacudiu a mulher até acordá-la e a espantou ao gritar, enquanto brandia a história dela sob seu nariz:

— Comido pelas traças! Veja, begum: comido pelas traças! Você se esqueceu de colocar naftalina!

Agora, entretanto, a contagem regressiva não será interrompida... Dezoito horas, dezessete, dezesseis... e já é possível, na Casa de Saúde do dr. Narlikar, ouvir os gritos de uma mulher em trabalho de parto. Wee Willie Winkie está aqui; e sua mulher, Vanita; já faz oito horas que ela sofre num prolongado e improdutivo trabalho de parto. Sentiu as primeiras dores no exato momento em que, a centenas de quilômetros de distância,

M. A. Jinnah anunciava o nascimento, à meia-noite, de uma nação muçulmana... mas ela ainda se contorce numa cama do “pavilhão beneficente” (reservado para os filhos dos pobres) da Casa de Saúde Narlikar. Seus olhos quase saltam das órbitas, seu corpo reluz de suor, porém o bebê não dá sinais de sair, nem seu pai está presente; são oito da manhã, mas existe ainda a possibilidade de que, dadas as circunstâncias, o bebê possa estar esperando a meia-noite.

Boatos na cidade: “A estátua galopou na noite passada!”... “E os astros estão desfavoráveis!” Mas apesar desses sinais de mau agouro a cidade se encontrava em equilíbrio, com um novo mito cintilando no canto dos olhos. Agosto em Bombaim: um mês de festas, o mês do aniversário de Krishna e do Dia do Coco; e nesse ano — faltam catorze horas, treze, doze — havia um festival extra no calendário, um novo mito a celebrar, porque uma nação que jamais existira estava prestes a conquistar a liberdade, arremessando-nos a um mundo que, embora tivesse cinco mil anos de história, embora houvesse inventado o jogo de xadrez e comerciado com o Egito do Médio Império, era, não obstante, de todo imaginária; lançando-nos a uma terra mítica, a um país que nunca existiria a não ser mediante os esforços de uma fenomenal vontade coletiva — exceto num sonho que todos havíamos concordado em sonhar; era uma fantasia generalizada, compartilhada em graus variados por bengalis e punjabis, por gente de Madras e Jat, e que periodicamente exigiria a santificação e a renovação que só podem ser proporcionadas por rituais de sangue. A Índia, o novo mito — uma ficção coletiva na qual tudo era possível, uma fábula que só tinha como rivais duas outras poderosas fantasias: o dinheiro e Deus.

Fui, no meu tempo, a prova viva da natureza fabulosa desse sonho coletivo; por ora, entretanto, prefiro me afastar desses conceitos generalizados e macrocósmicos e me concentrar num ritual mais privado; não descreverei o derramamento de sangue em curso nas fronteiras do dividido Punjab (onde as nações desmembradas estão se lavando no sangue uma da outra e um certo major Zulfikar cara de polichinelo está

adquirindo propriedades de refugiados a preços absurdamente baixos, lançando os alicerces de uma fortuna que rivalizará com a do Nizam de Hyderabad); desviarei os olhos da violência que grassa em Bengala e da longa caminhada pacificadora do Mahatma Gandhi. Egoísmo? Estreiteza de espírito? Bem, talvez; mas desculpáveis, na minha opinião. Afinal de contas, não é todo dia que se nasce.

Faltam doze horas. Tendo despertado de seu pesadelo com o papel pega-moscas, Amina Sinai não voltará a dormir até que... Ramram Seth está preenchendo toda a sua cabeça, ela se acha à deriva num mar turbulento em que vagalhões de excitação alternam-se com profundos, escuros, atordoantes e aquosos refluxos de medo. No entanto, uma outra coisa atua também. Vejam suas mãos, sem nenhuma instrução consciente, apertarem o ventre dela com força; vejam seus lábios murmurando sem que ela saiba: “Venha logo, molengão, senão vai chegar atrasado para os jornais!”.

Faltam oito horas... Às quatro da tarde William Methwold sobe a colina de dois andares em seu Rover 1946 preto. Estaciona no largo entre as quatro vilas nobres. Hoje, porém, não está visitando os peixinhos dourados nem o jardim de cactos; não cumprimenta Lila Sabarmati com seu costumeiro “Como vai a pianola? Supimpa?”, nem saúda o velho Ibrahim sentado à sombra de uma varanda de primeiro andar, balançando-se na cadeira de balanço e pensando em sisal; sem lançar um olhar na direção dos Catrack ou dos Sinai, toma posição bem no centro do largo. Com a rosa na lapela, o chapéu creme preso rigidamente ao peito, a risca central dos cabelos reluzindo ao sol da tarde, William Methwold olha fixo para a frente, para além do campanário e da Warden Road, para além da piscina em forma de mapa do Breach Candy, para o outro lado do mar dourado das quatro horas, e bate continência; enquanto isso, acima do horizonte, o sol inicia seu longo mergulho em direção às ondas.

Faltam seis horas. Hora do coquetel. Os sucessores de William Methwold estão em seus jardins — só Amina está sentada em seu quarto

de torre, evitando os olhares levemente competitivos da vizinha Nussie, que estará também, quem sabe, pressionando seu Sonny a descer e a sair logo do meio de suas pernas; curiosos, olham para o inglês, que continua de pé, imóvel e teso como a vareta de fuzil com a qual anteriormente comparamos sua risca central. Por fim, a atenção deles é desviada por outra pessoa que chega. Um homem comprido e nodoso que usa três voltas de contas em torno do pescoço e um cinto de ossos de galinha em torno da cintura; sua pele escura está manchada de cinzas, seus cabelos são longos e soltos... Coberto apenas pelas cinzas e pelas contas, o sadhu caminha a passos largos entre as mansões de tijolos vermelhos. Musa, o velho criado, sai em sua direção para afugentá-lo; mas se detém, sem saber como dar ordens a um homem santo. Esgueirando-se por entre os véus da indecisão de Musa, o sadhu penetra no jardim da Vila Buckingham; passa direto por meu atônito pai e senta-se, de pernas cruzadas, sob a gotejante torneira do jardim.

— O que quer aqui, sadhuji? — pergunta Musa, incapaz de evitar a deferência.

Ao que o sadhu, plácido como um lago, responde: — Vim para esperar a chegada do Homem. Do Mubarak... o Abençoado. Acontecerá muito em breve.

Acreditem se quiser: fui profetizado duas vezes! E naquele dia, em que tudo estava tão extraordinariamente bem calculado, a noção de tempo de minha mãe não lhe faltou; mal a última palavra do sadhu deixou seus lábios, de um quarto de torre de um primeiro andar com tulipas de vidro dançando nas janelas veio um grito lancinante, um coquetel contendo proporções iguais de pânico, excitação e triunfo...

— Arré Ahmed! — gritou Amina Sinai. — Janum, o bebê! Está chegando... bem na hora certa!

Ondas de eletricidade atravessam a Propriedade Methwold... e aí vem Homi Catrack, apressado, olhos fundos, emaciado, brusco, oferecendo: — Meu Studebaker está à sua disposição, Sinai sahib. Pegue-o, vá logo!... —

E quando ainda restam cinco horas e meia, os Sinai, marido e mulher, descem a colina de dois andares no carro emprestado: lá está o dedão de meu pai apertando o acelerador; lá estão as mãos de minha mãe apertando seu ventre rotundo; e já eles sumiram de vista, dobrando a curva, passando pela Lavanderia Band Box e pelo Paraíso do Leitor, pela joalheria Fatbhoy e pelos brinquedos Chimalker, pelos Chocolates em Metro e pelos portões do Breach Candy, seguindo em direção à Casa de Saúde do dr. Narlikar, onde numa ala da beneficência a Vanita de Wee Willie ainda se debate e faz força, espinha encurvada, olhos saltados, e onde uma parteira chamada Mary Pereira também espera a sua hora... Assim, nem o Ahmed de lábios protuberantes, barriga grande e ancestrais fictícios nem a Amina de pele escura e perseguida por profecias estavam presentes quando o sol finalmente se pôs sobre a Propriedade Methwold e quando, no exato momento de seu desaparecimento — faltam cinco horas e dois minutos —, William Methwold levantou um longo braço branco sobre a cabeça. A mão branca pairou sobre brilhantizados cabelos negros; longos e afilados dedos brancos crispavam-se em direção à risca central, e o segundo e último segredo foi revelado, porque os dedos se recurvaram e agarraram os cabelos; afastando-os da cabeça, não soltaram sua presa; e um segundo após o desaparecimento do sol, mr. Methwold mostrou-se no crepúsculo de sua Propriedade com uma peruca na mão.

— Um careca! — exclama Padma. — Aquele cabelo lambido dele... Eu sabia; era bom demais para ser verdade!

Careca, careca; liso como um ovo! Revelada a fraude que iludira a mulher de um acordeonista. Como no caso de Sansão, o poder de William Methwold residira em seus cabelos; mas agora, com a calva a rebrilhar no ocaso, ele arremessa a cobertura capilar através da janela do carro; entrega, com o que parece ser indiferença, as escrituras assinadas de seus palácios; dá partida no carro e vai embora. Nenhum dos moradores da Propriedade Methwold jamais voltou a vê-lo; mas eu, que nunca o vi, acho impossível esquecê-lo.

De repente tudo é açafrão e verde. Amina Sinai, num quarto com paredes cor de açafrão e madeiramento verde. Num quarto próximo, a Vanita de Wee Willie Winkie, pele esverdeada, os brancos dos olhos injetados de açafrão, o bebê começando a descer por passagens interiores sem dúvida igualmente multicores. Minutos cor de açafrão e segundos verdes tiquetaqueiam nos relógios das paredes. Do lado de fora da Casa de Saúde Narlikar há fogos de artifício e multidões também seguindo as cores da noite — foguetes cor de açafrão, chuva verde cintilante; os homens com camisas em tons de açafrão, as mulheres com sáris cor de limão. Sobre um tapete açafrão e verde, o dr. Narlikar conversa com Ahmed Sinai: — Cuidarei da sua begum pessoalmente — diz num tom suave das cores da noite. — Não há por que se preocupar. Fique esperando aqui; há muito espaço para andar de um lado para o outro. — O dr. Narlikar, que tem aversão a bebês, é, contudo, um exímio ginecologista. Em suas horas de folga ele discursa escreve panfleteia e incita a nação sobre o tema contracepção. — O Controle da Natalidade — diz — é a Prioridade Pública Número Um. Há de chegar um dia em que conseguirei meter isso na cabeça dura das pessoas, e aí então não terei mais o que fazer em minha profissão.

Ahmed Sinai sorri, tenso, nervoso. — Ao menos por esta noite — diz meu pai — esqueça suas preleções... Faça meu filho nascer.

Faltam vinte minutos para a meia-noite. A Casa de Saúde do dr. Narlikar está funcionando com uma equipe mínima; muitos funcionários estão ausentes, preferiram ir comemorar o nascimento iminente da nação, e nessa noite não auxiliarão no nascimento de crianças. Com camisas cor de açafrão e saias verdes apinham-se nas ruas iluminadas, debaixo das infinitas sacadas da cidade, na qual pequenas lamparinas de cerâmica foram enchidas com óleos misteriosos; pavios pairam nas lamparinas enfileiradas em todas as sacadas e terraços, e também esses pavios obedecem a nosso esquema cromático de duas cores: metade das lamparinas arde numa tonalidade açafrão, as outras queimam em verde.

Abrindo caminho através do monstro multicéfalo da multidão, um carro de polícia avança com dificuldade, o amarelo e azul dos uniformes de seus ocupantes transformados em açafrão e verde pela luz insólita das lamparinas. (Estamos agora no elevado de Colaba, só por um instante, para mostrar que, faltando vinte e sete minutos para a meia-noite, os policiais estão à procura de um temível criminoso. Seu nome: Joseph D'Costa. O atendente está desaparecido, não é visto há vários dias em seu emprego na Casa de Saúde, em seu quarto perto do matadouro e na vida de uma perturbada e virginal Mary.)

Vinte minutos se passam com aaahs de Amina Sinai saindo cada vez mais fortes e mais rápidos a cada minuto e com os fracos e debilitados aaahs de Vanita no quarto ao lado. Nas ruas o monstro já começou a comemorar; um novo mito corre por suas veias, substituindo seu sangue por corpúsculos de açafrão e verde. Em Délhi um homem vigoroso e sério senta-se na Assembléia e se prepara para fazer um discurso. Na Propriedade Methwold, peixinhos dourados estão quase imóveis nos tanques, enquanto os moradores vão de casa em casa levando confeitos de pistache, abraçando-se e beijando-se — comem pistache verde e também bolas de ladu, cor de açafrão. Duas crianças descem por passagens secretas, enquanto em Agra um médico idoso está sentado com sua mulher, que traz duas manchas no rosto, que parecem marcas de nascença, e entre gansos adormecidos e lembranças carcomidas por traças, eles estão fechados em silêncio e não encontram nada para dizer. E em todas as cidades, em todas as vilas e em todas as aldeias, as pequenas lamparinas ardem em janelas, pórticos e varandas, enquanto trens se incendiam no Punjab, transformados, pelas labaredas verdes da pintura descascada e pelo açafrão esbraseado do combustível queimado, nas maiores lamparinas do mundo.

E a cidade de Lahore também está queimando.

O homem sério e vigoroso está se pondo de pé. Ungido com a água santa trazida do rio Tanjore, ele se levanta; com a testa untada de cinza

santificada, limpa a garganta. Sem nenhum discurso escrito nas mãos, sem ter memorizado palavras preparadas, Jawaharlal Nehru começa: “... Há muitos anos marcamos um encontro com o destino; e agora é chegada a hora de resgatarmos nosso penhor... não de todo ou plenamente, mas em um grau muito substancial...”.

Faltam dois minutos para a meia-noite. Na Casa de Saúde do dr. Narlikar, o moreno e fulgente médico, acompanhado de uma parteira chamada Flory, mulher magra e simpática sem nenhuma importância, encoraja Amina Sinai: “Força! Mais força!... Já estou vendo a cabeça!...”, enquanto no quarto ao lado um certo dr. Bose, com miss Mary Pereira a seu lado, preside os estágios finais do parto de Vanita, que já dura vinte e quatro horas... “Isso, agora. Só mais uma forcinha, vamos. Mais um pouco e tudo está acabado!...” Mulheres choram e gritam de dor, enquanto em outra sala homens estão calados. Wee Willie Winkie — incapaz de cantar — está acocorado num canto, balançando-se para a frente e para trás, para a frente e para trás... e Ahmed Sinai procura uma cadeira. Mas nesta sala não há cadeiras; é uma sala feita para as pessoas andarem de um lado para outro; Ahmed Sinai então abre uma porta, encontra uma cadeira junto de uma mesa de recepção abandonada, ergue-a, leva-a de volta para a sala de andar, onde Wee Willie Winkie se balança, se balança, com olhos vazios como os de um cego... Ela viverá? Não viverá?... E agora, por fim, é meia-noite.

O monstro das ruas começou a rugir, enquanto em Délhi um homem vigoroso está dizendo: “... Ao soar a meia-noite, enquanto o mundo dorme, a Índia desperta para a vida e a liberdade...”. E ao rugido do monstro juntam-se outros dois gritos, choros, urros, os berros de crianças vindo ao mundo, seus protestos inúteis misturando-se ao fragor da independência que pende verde-açafrão no céu noturno. “Chega um momento, desses que ocorre raramente na história, em que saltamos do velho para o novo, em que uma era termina e em que a alma de uma nação por muito tempo reprimida encontra expressão...” Numa sala de tapete verde-açafrão,

Ahmed Sinai ainda está agarrado a uma cadeira quando o dr. Narlikar entra para informar: — Ao soar a meia-noite, irmão Sinai, sua begum sahiba deu à luz uma criança grande e sadia: um filho! — Agora meu pai começou a pensar em mim (sem saber...); a imagem de meu rosto enchendo seus pensamentos, ele se esqueceu da cadeira; possuído pelo amor a mim (ainda que...), invadido por ele da cabeça aos pés, deixou a cadeira cair.

Sim, foi por minha culpa (apesar de tudo)... foi o poder de meu rosto, meu e de ninguém mais, que fez as mãos de Ahmed Sinai soltarem a cadeira; com isso a cadeira caiu, ganhando uma aceleração de 9,75 metros por segundo, e no instante em que Jawaharlal Nehru dizia à Assembléia “Hoje encerramos um período infeliz”, no momento em que megafones trojavam novas de liberdade, foi por minha causa que meu pai também gritou, pois a queda da cadeira esmagou-lhe o dedão.

E agora chegamos ao fato: o barulho fez todos virem correndo; meu pai e seu ferimento roubaram um breve momento da notoriedade das duas sofredoras mães, os dois partos, sincrônicos nascimentos da meia-noite — porque Vanita havia parido enfim um bebê de tamanho extraordinário.

— Você não ia acreditar — disse o dr. Bose —, ele não parava de sair, era uma criança sem fim forçando caminho para fora, é um menino de dez rupias.

E Narlikar, enquanto se lavava: — O meu também.

Mas isso foi um pouco depois... Neste momento, Narlikar e Bose cuidavam do dedão de Ahmed Sinai; as parteiras tinham sido instruídas a lavar e a enfaixar os dois recém-nascidos; e agora miss Mary Pereira deu sua contribuição.

— Vá, vá — disse ela à pobre Flory —, vá ver se pode ajudar. — Eu cuido disso aqui sozinha.

E quando se viu sozinha — com dois bebês nas mãos, duas vidas em seu poder —, fez aquilo por Joseph, cometeu seu gesto revolucionário particular, pensando: “É claro que ele vai me amar por isso”, enquanto

trocava as etiquetas dos nomes nos dois enormes recém-nascidos, dando ao bebê pobre uma vida de privilégios e condenando a criança rica a acordeons e pobreza... “Ame-me, Joseph”, era o que estava na cabeça de Mary Pereira, e então o ato foi perpetrado. No tornozelo de um menino de quatro quilos e meio, de olhos azuis como o céu de Caxemira — e também azuis como os olhos de Methwold — e um nariz espetacular como o de um avô caxemirense — que era também o nariz de uma avó vinda da França —, ela colocou este nome: *Sinai*.

Fui enfaixado de açafão, no momento em que, graças ao crime de Mary Pereira, tornei-me o filho eleito da meia-noite, cujos pais não eram seus pais, cujo filho não seria seu próprio filho... Mary tirou a criança saída do ventre de minha mãe, que não viria a ser o filho dela, outro pampo de quatro quilos e meio, mas de olhos que já se tornavam castanhos e de joelhos bambos como os de Ahmed Sinai, enfaixou-o de verde e levou-o a Wee Willie Winkie — que fitava a enfermeira sem enxergá-la, que mal viu seu novo filho, que nunca tomou conhecimento de riscas centrais em cabelos... Entregou-o a Wee Willie Winkie, que acabava de ser informado que Vanita não conseguira sobreviver ao parto. Três minutos depois da meia-noite, enquanto os médicos cuidavam de um dedão quebrado, Vanita sofrera uma hemorragia e morrera.

Assim, fui levado à minha mãe; e nem por um instante ela duvidou de minha autenticidade. Ahmed Sinai, com o dedão metido numa tala, sentou-se na cama da esposa enquanto ela lhe dizia: — Veja só, janum, o coitadinho. Saiu com o nariz do avô. — Ahmed olhou, perplexo, enquanto Amina se certificava de que a criança tinha apenas uma cabeça; e então ela relaxou inteiramente, entendendo que mesmo os videntes dispunham de poderes limitados.

— Janum — disse minha mãe, emocionada —, você precisa chamar os jornais. Ligue para o *Times of India*. Eu não lhe disse? Eu ganhei.

“Este não é momento de críticas mesquinhas ou destrutivas”, dizia Jawaharlal Nehru à Assembléia. “Tampouco um momento de rancor.

Temos de construir a nobre mansão da Índia livre, onde todos os seus filhos possam residir.” Uma bandeira se desfralda: é açafraão, branca e verde.

— Um anglo? — exclama Padma, cheia de horror. — O que está me dizendo? Você é um anglo-indiano? Seu nome não é o seu nome legítimo?

— Eu sou Salim Sinai — respondi. — Catarrento, Cara-suja, Farejador, Careca, Pedaco-de-lua. O que você quer dizer com isso... que meu nome não é meu nome?

— O tempo todo — choraminga Padma, zangada — você me enganou. Sua mãe, era assim que você dizia; seu pai, seu avô, suas tias. Que espécie de coisa é você, que nem se importa em dizer a verdade sobre quem eram seus pais? Não liga que sua mãe tenha morrido ao lhe dar a vida? Que seu pai talvez ainda esteja vivo em algum lugar, sem vintém, pobre? Que espécie de monstro é você?

Não. Não sou nenhum monstro. Nem mesmo fui o culpado do embuste. Furneci pistas... Mas há uma coisa mais importante do que isso. Trata-se do seguinte: quando por fim descobrimos o crime de Mary Pereira, todos nos demos conta de que aquilo *não fazia a menor diferença!* Eu ainda era o filho deles; eles continuaram a ser meus pais. Numa espécie de falha coletiva de imaginação, percebemos que simplesmente não éramos capazes de escapar de nosso passado... Se você tivesse perguntado a meu pai (até a ele, apesar de tudo que aconteceu!) quem era seu filho, nada no mundo o teria persuadido a apontar na direção do garoto sujo e de joelhos ralados do acordeonista. Mesmo que ao crescer, ele, esse Shiva, tivesse se transformado numa espécie de herói.

Então: houve joelhos e um nariz, um nariz e joelhos. Na verdade, em toda a nova Índia, o sonho que todos partilhávamos, estavam nascendo crianças que só parcialmente descendiam de seus pais — os filhos da meia-noite eram também os filhos *daquela época*: concebidos, entendam, pela história. Isso pode acontecer. Principalmente num país que é ele mesmo uma espécie de sonho.

— Chega — diz Padma, mal-humorada. — Não quero ouvir mais nada. — Como esperava um tipo de criança de duas cabeças, está irritada por lhe ter sido oferecido outro. No entanto, queira ela ouvir ou não, tenho coisas a registrar.

Três dias depois de meu nascimento, Mary Pereira se achava consumida pelo remorso. Em sua fuga dos carros de polícia que o procuravam, Joseph D’Costa havia evidentemente abandonado tanto Mary quanto sua irmã Alice; e a mulherzinha roliça — impossibilitada, em seu medo, de confessar o crime — compreendeu que fora uma tola. “Sua mula idiota!”, xingou a si própria. Mas manteve o segredo. Resolveu, porém, fazer uma espécie de reparação. Demitiu-se do emprego na Casa de Saúde e procurou Amina Sinai, dizendo: — Senhora, vi seu filho apenas uma vez e me apaixonei por ele. Está precisando de uma ama?

E Amina, com os olhos brilhando de felicidade por ser mãe, respondeu: — Estou.

E a partir daquele momento Mary Pereira (“Você bem que poderia chamar *essa* mulher também de mãe”, interpõe Padma, demonstrando que ainda está interessada. “Foi ela quem o criou, você sabe disso.”) dedicou a vida a me criar, ligando assim o resto de seus dias à lembrança do crime que havia cometido.

Em 20 de agosto, foi a vez de Nussie Ibrahim seguir os passos de minha mãe e ir para a casa de saúde da Pedder Road, e foi a vez de o pequeno Sonny seguir meus passos e vir ao mundo. Entretanto, ele relutou em sair; tiveram de usar fórceps para tirá-lo. No calor do momento, o dr. Bose apertou um pouco demais e Sonny chegou com pequenas depressões ao lado das têmporas — cavidades rasas que o tornariam tão irresistível quanto a peruca de William Methwold havia tornado irresistível o inglês. As meninas (Evie, a Macaca de Cobre e outras) afagavam seus pequenos vales... e isso causaria problemas entre nós dois.

Mas guardei o pedaço mais interessante para o final. Por isso, deixe-me revelar agora que, no dia seguinte ao de meu nascimento, minha mãe e eu

fomos visitados, num quarto açafão e verde, por duas pessoas do *Times of India* (edição de Bombaim). Eu estava deitado num berço verde, enrolado em faixas cor de açafão, e olhei para eles. Havia um repórter, que passou o tempo todo entrevistando minha mãe, e um fotógrafo alto e aquilino, que devotou sua atenção a mim. No dia seguinte, apareceram palavras e fotografias no jornal...

Há bem pouco tempo, visitei um jardim de cactos onde uma vez, há muitos anos, enterrei uma pequena esfera de lata, muito escalavrada e remendada com fita adesiva; e de suas entranhas extraí as coisas que havia deixado ali por todos aqueles anos. Segurando-as na mão esquerda agora, enquanto escrevo, ainda posso ver — apesar do amarelado e do bolor — que uma dessas coisas é uma carta, uma carta pessoal dirigida a mim e assinada pelo primeiro-ministro da Índia; mas a outra coisa é um recorte de jornal.

Ele tem um título: O FILHO DA MEIA-NOITE.

E um texto: “Uma pose encantadora do pequeno Salim Sinai, nascido na noite passada, no exato momento da independência de nossa Nação — o filho feliz daquela hora gloriosa!”.

E também uma fotografia: uma foto grande e de boa qualidade na primeira página, na qual ainda é possível distinguir uma criança com marcas de nascença manchando seu rosto e um nariz reluzente e úmido. (A fotografia tem crédito: *Foto de Kalidas Gupta.*)

Apesar do título, do texto e da fotografia, devo acusar nossos visitantes do crime de banalização; simples jornalistas, cuja visão não ia além do jornal do dia seguinte, eles não se deram conta da importância do acontecimento que cobriam. Para eles, aquilo não passou de um episódio de interesse humano.

Como sei disso? Porque no fim da entrevista o fotógrafo presenteou minha mãe com um cheque de cem rupias.

Cem rupias! Será possível imaginar quantia mais ridícula, mais mesquinha? Uma importância que levaria uma pessoa, se estivesse

disposta, a se sentir insultada. Mas me limitarei a agradecer a eles por comemorarem minha chegada, perdoando-lhes a falta de um verdadeiro senso histórico.

— Não seja vaidoso — Padma resmunga. — Cem rupias não são tão pouco assim. Afinal, todo mundo nasce, não é uma coisa assim do outro mundo.

LIVRO DOIS

# O dedo apontado do pescador

É possível sentir ciúmes de palavras escritas? Ressentir-se de rabiscos noturnos como se eles fossem carne e sangue de uma rival sexual? Não consigo imaginar outro motivo para o estranho comportamento de Padma; e essa explicação tem ao menos o mérito de ser tão fantástica quanto a raiva em que ela mergulhou quando esta noite cometi o erro de escrever (e ler em voz alta) uma palavra que não deveria ter sido pronunciada. Desde o episódio da visita do médico charlatão, venho farejando uma estranha insatisfação em Padma que exsuda seu enigmático rastro através de suas glândulas apócrinas (ou exócrinas). Deprimida, talvez, pela inutilidade de seus esforços da meia-noite para ressuscitar meu “outro lápis”, o inoperante pepino oculto em minhas calças, ela vem se tornando rabugenta. (E é preciso comentar também sua reação mal-humorada, na noite passada, contra a revelação que fiz dos segredos de meu nascimento, bem como sua irritação diante de meu desdém pelas cem rupias.) Culpo a mim mesmo: imerso em meu empreendimento autobiográfico, deixei de levar em consideração os sentimentos dela, e esta noite comecei com a mais infeliz das anotações em falso.

“Condenado por um lençol furado a uma vida de fragmentos”, escrevi, e li em voz alta, “mesmo assim eu me saí melhor que meu avô; enquanto Aadam Aziz continuou vítima do lençol, eu me tornei senhor dele... e agora é Padma quem está sob seu sortilégio. Sentado em minhas sombras enfeitiçadas, concedo-me diariamente vislumbres de mim mesmo, enquanto ela, que me fita de cócoras, se acha cativada, impotente como

um mangusto imobilizado pelos olhos estáticos e autoritários de uma cobra naja, paralisada, sim!... pelo amor.”

Foi essa palavra: amor. Escrita e lida, fez com que a voz de Padma subisse a um tom inusitadamente estridente; fez precipitar de seus lábios uma violência que me teria ferido se eu ainda fosse vulnerável a palavras.

— Amor por  *você* ? — esganiçou com desdém nossa Padma. — Para quê, meu Deus? Para que  *você*  serve, príncipezinho? — E então veio sua tentativa de  *coup de grâce* : — Como  *amante* ? — Braço esticado, os cabelos fulgindo à luz da lâmpada, ela agitou um indicador carregado de desprezo na direção das minhas partes confessamente inoperantes; um dedo longo e grosso, rígido de ciúme, que infelizmente só serviu para me recordar outro dedo, há muito perdido... De modo que ela, percebendo que a flecha errara o alvo, bradou: — Louco desgraçado! Aquele médico tinha razão! — e saiu, transtornada, do quarto. Ouvi passos descendo ruidosamente as escadas de metal em direção à fábrica; pés que corriam entre tinas de conservas imersas em trevas; e uma porta, que primeiro se abriu e depois bateu com força.

Assim abandonado, voltei, sem opção, a meu trabalho.

O dedo apontado do pescador: o inesquecível ponto focal do quadro que pendia numa parede azul-celeste na Vila Buckingham, bem em cima do berço azul-celeste no qual, como o Pequeno Salim, o filho da meia-noite, passei meus primeiros dias. O jovem Raleigh — e quem mais seria? — estava sentado, emoldurado em teca, aos pés de um velho e nodoso marinheiro que consertava redes — teria ele um bigode de morsa? — e cujo braço direito, totalmente estendido, apontava na direção de um horizonte aquoso, enquanto seus líquidos relatos ondulavam em redor dos ouvidos fascinados de Raleigh — e de quem mais seria? Porque decerto havia outro rapazinho no quadro, sentado de pernas cruzadas, com uma túnica de botões e colarinho de babados... E agora me ocorre uma recordação: a de uma festa de aniversário em que uma mãe orgulhosa e uma igualmente orgulhosa ama puseram numa criança de nariz

descomunal um colarinho daqueles e uma túnica daquelas. Um alfaiate sentou-se no quarto azul-celeste, sob o dedo estendido, e copiou a indumentária dos milordes ingleses... “Que *graxiinha!*”, exclamou Lila Sabarmati, para minha eterna mortificação. “É como se ele tivesse saído do *quadro!*”

Num quadro que pendia de uma parede do quarto, eu me sentava ao lado de Walter Raleigh e acompanhava o dedo apontado de um pescador; meus olhos fitavam o horizonte, além do qual estava — o quê? — meu futuro, talvez; minha sina, de que tive consciência desde o começo como uma tremeluzente presença cinzenta naquele quarto azul-celeste, a princípio indistinta, mas impossível de ignorar, pois o dedo apontava ainda para além daquele horizonte tremeluzente, apontava para além da moldura de teca, para o outro lado de uma pequena área de parede azul-celeste, conduzindo meus olhos a outra moldura, da qual pendia meu destino inescapável, para sempre fixado por trás do vidro: havia ali a fotografia de uma criança em tamanho grande, com suas legendas proféticas, e ao lado uma carta em papel velino de alta qualidade, com o selo do Estado em relevo — os leões de Sarnath sobrepunham-se ao dharma-chakra na missiva do primeiro-ministro, que chegara através de Vishwanath, o funcionário dos correios, uma semana depois de minha fotografia haver saído na primeira página do *Times of India*.

Jornais saudaram-me; políticos ratificaram minha distinção. Jawaharlal Nehru escreveu: “Querido Salim, Meus tardios cumprimentos pelo feliz acaso da hora de seu nascimento! Você é o mais novo portador daquela antiga face da Índia que é também eternamente jovem. Acompanharemos sua vida com a mais detida atenção; ela será, em certo sentido, um espelho da nossa”.

E Mary Pereira, apavorada: — O governo, madame? Vai ficar de olho no menino? Mas por quê, madame? O que há de errado com ele?

E Amina, sem entender o tom de pânico na voz da ama: — É apenas maneira de dizer, Mary. Não significa isso ao pé da letra.

Mary, no entanto, não se tranqüiliza; e toda vez que entra no quarto do bebê seus olhos adejam, assustados, na direção da carta emoldurada; seus olhos correm em torno de si, tentando ver se o governo a está vigiando. Olhos apreensivos: o que eles sabem? Teria alguém visto?... Quanto a mim, à medida que crescia, tampouco aceitava a explicação dada por minha mãe, explicação, porém, que me embalava numa falsa sensação de segurança; assim, embora alguma coisa das suspeitas de Mary se houvesse infiltrado em mim, não deixei de me surpreender quando...

Talvez o dedo do pescador não apontasse para a carta emoldurada; se o acompanhássemos um pouco mais, o dedo nos conduziria o olhar para fora da janela, nossa vista desceria a colina de dois andares, atravessaria a Warden Road, iria além das piscinas do Breach Candy e chegaria até um outro mar que não o da pintura; um mar no qual as velas dos dhows dos pescadores colis luziam, escarlates, sob o sol poente... Um dedo acusador, que nos obrigava a olhar os desprivilegiados da cidade.

Ou talvez — e esta idéia me dá tremores, apesar do calor — fosse um dedo de advertência cujo objetivo era chamar a atenção para *ele mesmo*; sim, ele poderia ter sido, por que não, uma profecia de outro dedo, um dedo em nada diferente de si próprio, cujo aparecimento em minha história desencadearia a lógica terrível do Alfa e do Ômega... Meu Deus, que idéia! Quanto do meu futuro pendia sobre meu berço, apenas à espera de que eu o entendesse? Quantas advertências terei recebido... quantas ignorei?... Mas não. Não serei um “louco sei lá de onde”, para usar a eloqüente expressão de Padma. Não sucumbirei a digressões delirantes; não enquanto tiver forças para resistir aos delírios.

Quando Amina Sinai e o Pequeno Salim voltaram para casa num Studebaker emprestado, Ahmed Sinai trouxe consigo um envelope de papel manilha. No interior do envelope havia um vidro vazio de kasaundy de lima, lavado, fervido, esterilizado... e agora com um novo conteúdo. Um vidro bem lacrado, com um diafragma de borracha esticado sobre a tampa de lata e mantido no lugar por um elástico. O que estava selado sob

borracha, preservado em vidro, oculto por papel manilha? Isto: retornando para casa com papai, mamãe e o bebê, um cordão umbilical flutuava numa certa quantidade de salmoura. (Mas seria o meu ou o do Outro? Essa é uma pergunta que não posso responder.) Enquanto a recém-contratada ama, Mary Pereira, fazia o percurso até a Propriedade Methwold de ônibus, um cordão umbilical viajava em grande estilo no porta-luvas do Studebaker de um magnata da indústria cinematográfica. Enquanto o Bebê Salim crescia em direção à vida adulta, o tecido umbilical permanecia suspenso, e inalterado, na salmoura engarrafada, no fundo de um armário de teca. E quando, anos depois, nossa família começou seu exílio na Terra dos Puros, quando eu lutava pela pureza, os cordões umbilicais tiveram seus breves dias de glória.

Nada foi jogado fora; bebê e cordão umbilical foram conservados; ambos chegaram à Propriedade Methwold; ambos aguardaram seu tempo.

Não fui um bebê bonito. Fotografias revelam que minha cara grande de lua cheia era larga demais; perfeitamente redonda demais. Faltava alguma coisa na região do queixo. Uma pele clara recobria meus traços... porém, sinais de nascença a desfiguravam: manchas escuras espalhavam-se a partir da metade ocidental da testa e uma nódoa escura tingia minha orelha oriental. As têmporas? Proeminentes demais, bulbosos domos bizantinos. (Sonny Ibrahim e eu nascemos para ser amigos — quando batíamos cabeça contra cabeça, as depressões de Sonny causadas pelo fórceps permitiam que minhas têmporas bulbosas se aninhassem nelas, tão bem ajustadas como encaixes produzidos por marceneiros.) Amina Sinai, imensuravelmente aliviada com minha cabeça única, fitava-a com redobrada afeição maternal, vendo-a através de um véu embelezador, sem levar em consideração a excentricidade glacial de meus olhos azul-celeste, as têmporas que lembravam chifres atrofiados e até o exuberante pepino do nariz.

O nariz do Bebê Salim: era monstruoso; e escorria.

Traços intrigantes de minha vida: embora grande e destituído de beleza, ao que parece eu não me dava por satisfeito. Desde meus primeiros dias, empenhei-me num heróico programa de auto-expansão. (Como se soubesse que para carregar os fardos de minha vida futura eu devesse ser bem grande.) Em meados de setembro, eu havia esgotado todo o leite dos peitos nada pequenos de minha mãe. Uma ama-de-leite foi contratada, porém ela bateu em retirada, seca como um deserto, depois de apenas quinze dias, acusando o Pequeno Salim de tentar arrancar-lhe os bicos dos seios com suas gengivas desdentadas. Passei para a mamadeira e sorvia vastas quantidades de leite; também os bicos das mamadeiras sofreram, justificando as queixas da ama-de-leite. Os diários do bebê foram meticulosamente mantidos; revelam que eu crescia de maneira visível, aumentando de tamanho dia após dia; infelizmente, porém, não foram tiradas medidas nasais, portanto não posso dizer se meu aparelho respirador crescia na exata proporção do restante de mim ou se mais depressa. Devo dizer que eu tinha um metabolismo saudável. Os detritos eram expelidos copiosamente pelos orifícios apropriados; e de meu nariz escoava uma reluzente cascata de ranho. Exércitos de lenços, regimentos de babadouros acabavam no grande baú de roupa suja no banheiro de minha mãe. Despejando detritos por várias aberturas, eu mantinha os olhos bem secos.

— Que bebê bonzinho, madame — dizia Mary Pereira. — Nunca derrama uma lágrima.

O bom bebê Salim era uma criança sossegada. Eu ria com freqüência, mas sem emitir som. (Como meu próprio filho, comecei fazendo anotações, ouvindo antes de me aventurar a balbucios e, depois, a palavras.) Por algum tempo, Amina e Mary temeram que o menino fosse mudo; mas já quando estavam prestes a contar isso ao pai (de quem haviam escondido seus temores — nenhum pai deseja um filho deficiente), ele se pôs a falar, tornando-se, pelo menos nesse aspecto, inteiramente normal. — É como se ele tivesse resolvido — sussurrou Amina a Mary — dar descanso a nossas almas.

Havia um outro problema sério. Amina e Mary levaram alguns dias para percebê-lo. Às voltas com o complexo e difícil processo de se tornarem uma única mãe de duas cabeças, a visão toldada por um nevoeiro de fraldas fedorentas, elas deixaram de notar a imobilidade de minhas pálpebras. Lembrando que, durante a gravidez, o peso de seu filho imobilizara o tempo, tornando-o plácido como uma lagoa de águas verdes estagnadas, Amina começou a imaginar se o contrário não estaria ocorrendo agora — se o bebê por acaso não exerceria algum poder mágico sobre o tempo a seu redor e não o estivesse acelerando, de modo que mãe e ama nunca tinham tempo para fazer tudo que precisava ser feito, e assim que o bebê pudesse crescer a uma velocidade aparentemente fantástica; perdida em tais devaneios cronológicos, ela não notou meu problema. Só quando afastou essa idéia da cabeça e disse a si mesma que eu era apenas um menino robusto e com muito apetite, uma criança que crescia mais depressa que o normal, foi que os véus do amor materno puderam se abrir o suficiente para que ela e Mary gritassem, em uníssono: — Veja, baap-re-baap! Veja, madame! Olhe, Mary! Esse bebê nunca pisca!

Os olhos eram azuis demais: azuis de Caxemira, azuis mutantes, azuis com o peso de lágrimas não derramadas, azuis demais para piscarem. Quando me alimentavam, meus olhos não se mexiam; quando a virginal Mary me colocava sobre os ombros, reclamando “Ah, meu Deus, que peso!”, eu arrotava sem fechar os olhos. Quando Ahmed Sinai manquitolava com o dedo entalado até meu berço, eu respondia aos lábios protuberantes com um olhar fixo e inabalável...

— Talvez estejamos enganadas, madame — sugeriu Mary. — Talvez o pequeno sahib esteja nos imitando... piscando quando nós piscamos.

E Amina: — Vamos piscar uma de cada vez e observar.

Abrindo e fechando as pálpebras alternadamente, elas observaram minha glacial azulidade; mas não havia o mais leve tremor. Por fim Amina resolveu enfrentar a situação com as próprias mãos, se aproximou do berço e baixou minhas pálpebras à força. Elas se fecharam, e minha respiração se

alterou instantaneamente, passando ao ritmo sereno do sono. Depois disso, durante vários meses, mãe e ama se revezaram para abrir e fechar minhas pálpebras. — Ele vai aprender, madame — Mary confortava Amina. — É uma criança boa e obediente e sem dúvida vai acabar entendendo o que tem de fazer. — Aprendi, e foi essa a primeira lição de minha vida: ninguém pode enfrentar o mundo de olhos abertos o tempo todo.

Agora, olhando para trás com olhos de bebê, vejo tudo com perfeição — é impressionante o quanto se pode recordar quando se tenta. O que vejo: a cidade, aquecendo-se ao sol como um lagarto no calor do verão. Nossa Bombaim: tem forma de mão, mas é na verdade uma boca, sempre aberta, sempre faminta, engolindo alimentos e aptidões que chegam de todas as partes da Índia. Uma encantadora sanguessuga, que nada produz além de filmes, blusas-safári e peixes... Depois da Partilha, vejo o carteiro Vishwanath pedalando sua bicicleta em direção a nossa colina, com o envelope de velino no bagageiro, correndo em sua velha Arjuna e passando por um ônibus caindo aos pedaços... Abandonado, embora ainda não seja a estação das monções, porque o motorista resolveu subitamente partir para o Paquistão, desligou o motor e foi embora, deixando um ônibus lotado de passageiros encalhados no meio do caminho, pendurados nas janelas, agarrados ao bagageiro, espremendo-se na porta... Ouço-lhes as imprecações, filho de uma cadela, chacal; no entanto, ainda permanecerão agarrados por duas horas aos lugares que conquistaram a duras penas antes de largarem o ônibus a seu destino. E mais, e mais: aqui está o primeiro nadador indiano a atravessar o canal da Mancha, mr. Pushpa Roy, chegando aos portões das piscinas do clube Breach Candy. Touca cor de açafão na cabeça, calção verde envolto por uma toalha com as cores da bandeira, esse Pushpa declarou guerra à política de segregação racial nas piscinas. Segura um pedaço de sabão de sândalo de Misore; endireita o corpo; atravessa o portão... e, ato contínuo, patans contratados o agarram, indianos salvando europeus de um motim indiano, como de costume, e lá vai ele, debatendo-se, arrastado à força na direção da Warden Road e

atirado à poeira. O vencedor do canal mergulha na rua, escapando por um triz de camelos, táxis e bicicletas (Vishwanath dá uma guinada para desviar do pedaço de sabão)... mas ele não está intimidado; põe-se de pé; sacode a poeira do corpo; e promete voltar no dia seguinte. Durante meus anos de infância, meus dias foram pontuados pela visão do nadador Pushpa, de touca cor de açafão e toalha com as cores da bandeira, mergulhando a contragosto na rua. Por fim sua indômita campanha foi vitoriosa, pois hoje o clube permite a certos indianos — à nata da sociedade — submergirem em suas águas em forma de mapa. Pushpa, no entanto, não pertence à nata da sociedade: hoje velho e esquecido, olha de longe as piscinas... E agora mais pessoas saídas daquelas multidões me inundam — como Bano Devi, famosa lutadora da época, que só lutava contra homens e que ameaçava se casar com aquele que a derrotasse, juramento que a fez jamais perder um combate; e (mais perto de casa agora) o sadhu debaixo da torneira de nosso jardim, cujo nome era Purushottam e que nós (Sonny, Caolho, Brilhantina, Ciro e eu) sempre chamávamos de Guru Puru... Julgando-me Mubarak, o Abençoado, ele dedicou a vida a me ter sob sua vista e preencheu seus dias ensinando quiromancia a meu pai e lançando sortilégios contra os calos de minha mãe; depois, há a rivalidade entre o velho criado Musa e a nova ama Mary, que crescerá até explodir. Em suma, em fins de 1947 a vida em Bombaim continuava tão fervilhante, diversificada e multifacetadamente disforme como antes, a não ser pelo fato da minha chegada; eu já começava a ocupar meu lugar no centro do universo; e, quando terminasse, eu daria sentido a tudo aquilo. Não acreditam? Escutem. Junto de meu berço, Mary Pereira canta uma cantiga:

*Tudo que você quiser ser, será.*

*Poderá ser tudo o que quiser.*

Na época da minha circuncisão, feita por um barbeiro com fenda palatina, da Barbearia Real, que ficava na Gowalia Tank Road (eu tinha pouco mais de dois meses), eu já era muito requisitado na Propriedade

Methwold. (Um adendo sobre o tema da circuncisão: juro que me lembro do barbeirosorridente, que me segurava pelo prepúcio enquanto meu membro se agitava frenético como uma cobra escorregadia; e da lâmina que descia, e da dor; mas me contam que, na ocasião, eu nem pisquei.)

Sim, eu era um sujeitinho bastante popular: minhas duas mães, Amina e Mary, disputavam o prazer de me ter consigo. Em todos os aspectos práticos, eram as mais íntimas aliadas. Depois da circuncisão, as duas me banharam juntas e riram juntas ao ver meu órgão mutilado contorcer-se furiosamente na água.

— É melhor vigiarmos esse menino, madame — Mary disse, desdenhosa. — Essa coisa dele tem vida própria!

E Amina: — Ah, Mary, você é mesmo terrível...

Mas depois, entre soluços saídos de um riso que se rendia: — Veja só, madame, o trocinho dele, coitado!

Porque a coisa se agitava outra vez, debatia-se como um frango de pescoço aberto... Juntas, elas cuidavam de mim primorosamente; contudo, no que dizia respeito às emoções, eram rivais de morte. Certa vez em que passeavam comigo de carrinho nos Jardins Suspensos do morro Malabar, Amina entreouviu Mary dizer às outras amas: “Olhem só meu filho, como é grande!”, e senti um medo esquisito. Depois disso, o Pequeno Salim tornou-se o campo de batalha de seus amores; esforçavam-se por se superar nas demonstrações de carinho; enquanto ele, agora piscando os olhos, gorgolejando alto, nutria-se das emoções das duas, usando-as para acelerar seu crescimento, absorvendo e expandindo infinitos abraços, beijos e cheiradas, lançando-se ao momento em que haveria de adquirir a característica essencial dos seres humanos: todo dia, e apenas nos raros momentos em que era deixado a sós com o dedo apontado do pescador, eu tentava ficar de pé no berço.

(E enquanto eu fazia esforços infrutíferos para me pôr de pé, também Amina estava enredada num esforço inútil — procurava expulsar da mente o sonho de seu marido que não podia ser nomeado, que substituíra o

sonho do papel pega-moscas na noite do dia seguinte ao de meu nascimento; um sonho de um realismo tão avassalador que lhe fazia companhia nas horas em que ela passava acordada. Nele, Nadir Khan se aproximava da cama dela e a engravidava; tão danosa era a obstinação daquele sonho, que ele deixava Amina confusa quanto à paternidade do filho e proporcionava a mim, ao filho da meia-noite, um quarto pai, a ser colocado ao lado de Winkie, Methwold e Ahmed Sinai. Atormentada, mas impotente nas garras do sonho, minha mãe Amina começou a formar naquela época o nevoeiro de culpa que, anos depois, lhe envolveria a cabeça como uma negra e soturna coroa mortuária.)

Nunca escutei Wee Willie no melhor de seu talento. Depois de perder a visão, ela foi voltando aos poucos; no entanto, algo de duro e amargo se infiltrara em sua voz. Disse-nos que era asma, e continuou indo à Propriedade Methwold uma vez por semana para interpretar canções que eram, tal como ele próprio, relíquias da era Methwold. Cantava “Boa noite, senhoras”; e, atualizando-se, acrescentou a seu repertório “As nuvens logo passarão” e, um pouco depois, “Quanto custa aquele totó da vitrina?”. Pondo um bebê de tamanho considerável e de joelhos ameaçadoramente bambos sobre um tapetinho a seu lado, ele entoava canções carregadas de nostalgia, e ninguém tinha coragem de mandá-lo embora. Winkie e o dedo do pescador eram dois dos poucos sobreviventes dos tempos de William Methwold, uma vez que, depois do desaparecimento do inglês, seus sucessores tinham dado fim aos objetos abandonados em seus palácios. Lila Sabarmati conservou a pianola; Ahmed Sinai manteve o armário de uísque; o velho Ibrahim fez as pazes com os ventiladores de teto; mas os peixinhos dourados morreram, alguns de fome, outros por serem tão superalimentados que explodiram em nuvenzinhas de escamas e comida não digerida; os cães corriam à solta, e por fim deixaram de aparecer na Propriedade; e as roupas desbotadas nos velhos armários foram distribuídas entre as faxineiras e outros criados da Propriedade, de modo que durante anos os herdeiros de William Methwold foram servidos por homens e

mulheres de camisas e vestidos de algodão estampado cada vez mais andrajosos de seus antigos padrões. Winkie e o quadro em meu quarto, entretanto, sobreviveram; cantor e pescador transformaram-se em instituições de nossa vida, tal como a hora do coquetel, que já se tornara um hábito por demais arraigado para ser rompido. “Cada pequena lágrima sua, cada sofrimento seu”, cantava Winkie, “apenas trazem você para mais perto de mim...” E sua voz piorava dia a dia, até lembrar uma cítara cuja caixa de ressonância, decorada como uma abóbora laqueada, tivesse sido comida por ratos.

— É asma — insistia ele, obstinado. Antes de morrer, perdeu a voz completamente; os médicos mudaram o diagnóstico de Winkie para câncer da laringe; mas também estavam enganados, pois Winkie não morreu de doença alguma, e sim da amargura de perder uma mulher de cuja infidelidade jamais suspeitara. Seu filho, chamado Shiva por causa do deus da procriação e da destruição, sentava-se a seus pés naqueles tempos, arcando em silêncio com o fardo de ser a causa (ou assim ele pensava) do lento declínio do pai; e aos poucos, à medida que os anos passavam, vimos seus olhos se encherem de uma raiva que não podia ser colocada em palavras; vimos seus punhos se cerrarem em torno de pedras e as atirar, a princípio sem eficácia porém com mais perigo à medida que ele crescia. Quando o filho mais velho de Lila Sabarmati fez oito anos, encarregou-se de implicar com o jovem Shiva por causa de sua sisudez, de suas calças sem goma, de seus joelhos bambos; diante disso, o menino a quem o crime de Mary condenara à pobreza e a acordeons atirou uma pedra certa, de aresta afiada como navalha, e cegou o olho direito de seu atormentador. Depois do acidente de Caolho, Wee Willie Winkie passou a ir à Propriedade Methwold sozinho, deixando o filho adentrar labirintos escuros dos quais só uma guerra haveria de salvá-lo.

O motivo pelo qual a Propriedade Methwold continuou a tolerar Wee Willie Winkie, apesar da decadência de sua voz e da violência de seu filho:

certa vez ele dera aos habitantes do lugar uma pista importante sobre suas vidas: — “O primeiro nascimento”, ele tinha dito, “tornará vocês reais.”

Como conseqüência direta da pista de Winkie, em meus primeiros dias fui muito requisitado. Amina e Mary competiam entre si para cuidar de mim; mas em todas as outras casas da Propriedade havia pessoas que queriam me conhecer; e por fim Amina, deixando que seu orgulho por minha popularidade suplantasse a relutância em permitir que eu saísse de suas vistas, concordou em me emprestar às várias famílias da colina, desde que fosse seguida uma espécie de itinerário. Empurrado por Mary Pereira num carrinho azul-celeste, iniciei um desfile triunfal em torno dos palácios de tijolos vermelhos, agraciando cada um deles com minha presença e fazendo-os parecer reais a seus proprietários. E assim, olhando em retrospecto, através dos olhos do Pequeno Salim, posso revelar a maioria dos segredos de meus vizinhos, pois os adultos levavam a vida em minha presença sem medo de ser observados, sem saber que, anos depois, alguém haveria de olhar para trás com olhos de bebê e resolver contar todos os podres deles.

Assim, aqui está o velho Ibrahim, morrendo de preocupação porque, lá na África, os governos estão nacionalizando suas plantações de sisal; aqui está seu primogênito, Ishaq, aflito por causa de seu negócio de hotelaria, que está caminhando para a insolvência, de modo que ele se vê obrigado a emprestar dinheiro de criminosos; aqui estão os olhos de Ishaq cobiçando a mulher do irmão, muito embora para mim seja um mistério que Nussie Pata possa ter despertado o interesse sexual de alguém; e aqui está o marido de Nussie, o advogado Ismail, que aprendeu uma lição importante com o nascimento do filho a fórceps: “Nada sai direito na vida”, diz ele à sua mulher pata, “a menos que seja arrancado à força”. Aplicando essa filosofia à sua carreira jurídica, ele embarca numa carreira de suborno de juízes e compra de jurados; todas as crianças têm o poder de modificar os pais, e Sonny transformou o seu num salafário muito bem-sucedido. E, dirigindo-se para a Vila Versalhes, eis a sra. Dubash com seu oratório ao

deus Ganesh enfiado num canto de um apartamento de um desmazelo tão sobrenatural que em nossa casa a palavra “dubash” adquiriu o significado de “bagunça”... “Ah, Salim, você transformou seu quarto numa dubash outra vez, seu preto!”, gritava Mary. E agora a causa da bagunça debruçada sobre o toldo de meu carrinho para me fazer bilu-bilu: Adi Dubash, o físico, o gênio dos átomos e da desordem. Sua mulher, que já carrega na barriga Ciro, o Grande, mantém-se distante, formando o filho, com algo de fanático luzindo no canto interno dos olhos, dando tempo ao tempo; o filho não sairia antes que o sr. Dubash, que passava o dia trabalhando com as mais perigosas substâncias do mundo, morresse engasgado com uma laranja da qual sua mulher se esquecera de retirar os caroços. Nunca fui convidado ao apartamento do dr. Narlikar, o ginecologista que detestava crianças; mas nas casas de Lila Sabarmati e Homi Catrack me tornei um voyeur, minúsculo partícipe das mil e uma infidelidades de Lila e, por fim, testemunha dos primórdios da ligação entre a mulher do oficial da Marinha e o magnata do cinema e proprietário de cavalos de corrida; o que, no devido tempo, me seria de muita valia quando planejei um certo ato de vingança.

Até mesmo um bebê enfrenta o problema de como definir a si mesmo; e cabe-me dizer que minha precoce popularidade tinha seus aspectos problemáticos, uma vez que eu era bombardeado com uma multiplicidade de opiniões sobre o assunto; eu era o Abençoado para um guru debaixo da torneira, um voyeur para Lila Sabarmati; aos olhos de Nussie Pata eu era um rival de seu próprio Sonny, e um rival mais bem-sucedido (ainda que, justiça lhe seja feita, ela jamais demonstrasse seu ressentimento e me pedisse emprestado como todos faziam); para minha mãe bicéfala eu era toda espécie de coisas pueris — eles me chamavam de chuchuzinho, belezura e pedacinho de lua.

Mas o que, afinal de contas, pode um bebê fazer senão engolir tudo e esperar compreender depois? Com paciência e olhos secos, sorvi a carta de Nehru e a profecia de Winkie; mas a impressão mais indelével ocorreu no

dia em que a filha abobada de Homi Catrack voltou seus pensamentos para o outro lado do nosso pátio, dirigindo-os à minha cabeça de bebê.

Toxy Catrack, de cabeça descomunal e boca babosa; Toxy, que se punha nua em pêlo numa janela do andar superior, masturbando-se com movimentos de completo e total desprezo por si mesma; que cuspiam com força e freqüência por entre as grades e às vezes nos acertava a cabeça... Tinha vinte e um anos e era uma retardada tagarela, produto de anos de endogamia; mas na minha cabeça ela era bonita, pois não havia perdido os dons com que nascem todo os bebês e que a vida se encarrega de erodir. Não recorro de coisa alguma que Toxy tenha dito quando me mandou seus pensamentos em forma de sussurro; provavelmente nada mais que gorgolejos e perdigotos; mas Toxy deu um empurrãozinho na porta da minha mente, de modo que quando aconteceu um acidente num baú de roupa suja, foi provavelmente ela quem o tornou possível.

Por ora basta isso sobre os primeiros dias do Pequeno Salim — minha presença já exerce uma influência na história; o Pequeno Salim já provoca mudanças nas pessoas a seu redor; e, no caso de meu pai, estou convencido de que fui eu quem o lançou aos excessos que levaram, talvez de maneira inevitável, à época aterrorizante do congelamento.

Ahmed Sinai nunca perdoou o filho por ele lhe ter quebrado o dedão do pé. Mesmo depois de removida a tala, seu andar ficou um pouco claudicante. Papai debruçava-se sobre meu berço e dizia: “Muito bem, filho. Você começou como pretende continuar. Já começou estragando a vida do seu pobre pai!”. Na minha opinião, só em parte isso era brincadeira. Porque, com meu nascimento, tudo mudou para Ahmed Sinai. Sua posição na casa foi prejudicada com a minha chegada. De repente, a diligência de Amina se canalizara para objetivos diferentes; ela nunca mais se dispôs a extrair dinheiro dele com adulações, e o guardanapo no colo de meu pai, na mesa do café-da-manhã, sentia tristes pontadas de nostalgia pelos velhos tempos. Agora era “Seu filho precisa

disso assim-assado” ou “Janum, tem de me dar dinheiro para tal coisa”. Maus modos, pensava Ahmed Sinai. Meu pai se tinha em alto conceito.

E foi portanto por minha culpa que Ahmed Sinai mergulhou, nos dias que se seguiram ao meu nascimento, à dupla fantasia que viria a ser sua ruína, os mundos irrealis dos gênios e da terra sob o mar.

Uma lembrança de meu pai numa noite fresca, sentado em minha cama (eu tinha sete anos) e me contando, com voz levemente pastosa, a história do pescador que encontrou o gênio numa garrafa que o mar lançara à praia... — Nunca acredite nas promessas de um gênio, meu filho! Se você o deixa sair da garrafa, ele o devora!

E eu, timidamente, porque farejava perigo no hálito de meu pai: — Mas, abba, será que um gênio pode mesmo viver dentro de uma garrafa?

Diante disso, papai, numa mercurial mudança de humor, soltou uma gargalhada e saiu do quarto, voltando com uma garrafa verde-escura com rótulo branco. — Escute — perguntou com voz de trovão —, quer ver o gênio aqui?

— Não! — retruquei, assustado.

— Quero! — gritou minha irmã, a Macaca de Cobre, da cama ao lado...

E encolhidos, num emocionado estado de terror, ficamos vendo-o desatarrachar a tampa e, teatralmente, cobrir o gargalo com a palma da mão; em seguida, na mão esquerda, um isqueiro se materializou. — Que pereçam todos os gênios malignos! — bradou meu pai. E, tirando a mão, encostou a chama na abertura da garrafa. Extasiados, a Macaca e eu vimos uma sinistra chama azul, verde e amarela descer num lento círculo pelo interior da garrafa, até que, chegando ao fundo, brilhou mais forte por um instante e depois se apagou. No dia seguinte, provoquei um temporal de gargalhadas quando contei a Sonny, Caolho e Brilhantina: — Papai luta com gênios. E vence. É verdade! — E era verdade. Ahmed Sinai, privado de adulações e atenção, começou, logo depois que eu nasci, uma luta com gênios de garrafa que duraria sua vida toda. Mas num ponto me enganei: ele não venceu.

Armários de bebidas lhe haviam aguçado o apetite; mas foi minha chegada que o impeliu na direção deles... Naquela época, a lei seca fora declarada no Estado de Bombaim. O único meio de conseguir bebida era obtendo um atestado de alcoólatra; com isso, uma nova especialidade de médicos surgiu, a dos gênios da garrafa, e um deles, o dr. Sharabi, foi apresentado a papai por nosso vizinho Homi Catrack. Depois disso, todo dia primeiro do mês, papai e mr. Catrack, além de muitos dos mais respeitáveis homens da cidade, faziam fila diante da porta de vidro fosco do consultório do dr. Sharabi, entravam e depois saíam com seus talõezinhos cor-de-rosa de alcoólatras. No entanto, como a cota permitida era muito pequena para as necessidades de meu pai, ele começou a mandar para lá também seus criados; e os jardineiros, carregadores, motoristas (possuíamos agora um automóvel, um Rover 1946 com estribos, idêntico ao de William Methwold), e até o velho Musa e Mary Pereira, traziam para papai uma quantidade cada vez maior de talões cor-de-rosa, que ele levava às Lojas Vijay, defronte à barbearia da circuncisão na Gowalia Tank Road, e trocava pelos sacos de papel marrom de alcoólatra, dentro dos quais vinham retinintes garrafas verdes, cheias de gênios. E também de uísque: Ahmed Sinai se embotava bebendo as garrafas verdes de rótulos vermelhos dos criados. Dispondo de muito pouco que pudessem barganhar, os pobres vendiam suas identidades por pedacinhos de papel cor-de-rosa; papai os transformava em líquido e os punha goela abaixo.

Todos os dias às seis da tarde, Ahmed Sinai penetrava no mundo dos gênios; e todas as manhãs, de olhos vermelhos e com a cabeça latejando de fadiga pela batalha da noite inteira, vinha sem se barbear para a mesa do café; e com o passar dos anos a alegria dos momentos de antes de se barbear foi substituída pela irritável exaustão de sua guerra com os espíritos engarrafados.

Depois do café, ele ia para o andar de baixo. Separara dois cômodos no térreo para usar como escritório, pois seu senso de direção continuava péssimo, e não lhe agradava a idéia de se perder em Bombaim a caminho

do trabalho; até ele conseguia achar o caminho num lance de escadas. Semi-embotado, meu pai realizava seus negócios imobiliários; e sua crescente irritação pela preocupação de mamãe com o filho encontrou uma nova válvula de escape atrás da porta de seu escritório — Ahmed Sinai começou a flertar com as secretárias. Após certas noites em que sua briga com as garrafas degenerava em linguagem ríspida (“Que mulher fui arranjar! Eu devia ter comprado um filho e contratado uma enfermeira... que diferença faria?” Lágrimas, e Amina: “Ah, Janum... não me torture!”). O que, por sua vez, provocava: “Torturar uma ova! Por acaso pedir atenção à mulher é tortura? Deus me livre de mulheres idiotas!”.), papai descia a escada claudicando, para lançar olhares melosos às moças de Colaba. E depois de algum tempo, Amina começou a observar que as secretárias nunca duravam muito no emprego, saíam subitamente, precipitando-se porta afora sem aviso prévio; não sei dizer se ela preferia se fazer de cega ou se encarava aquilo como um castigo, mas não tomou nenhuma atitude, continuando a dedicar todo seu tempo a mim. Sua única demonstração de que havia percebido o que acontecia foi dar às moças um nome coletivo.

— Essas Anglos — disse a Mary, revelando um quê de esnobismo — e seus nomes ridículos, Fernanda, Alonso, e coisas assim, e ainda por cima sobrenomes, meu Deus! Sulaca, Colaco, sei lá mais o quê. Por que eu deveria me importar com elas? Tipinhos ordinários. Chamo todas de as moças Coca-Cola dele... é com isso que elas se parecem.

Enquanto Ahmed beliscava traseiros, Amina sofria em silêncio; mas talvez ele tivesse gostado de vê-la se importar um pouco.

Mary Pereira retrucou: — Não são nomes tão ridículos, madame. Desculpe, mas são bons nomes cristãos.

E Amina lembrou-se da prima de Ahmed, Zohra, zombando de sua pele escura; e atrapalhando-se em seu pedido de desculpas, incorreu no mesmo erro de Zohra: — Ah, *you* não, Mary, como pôde imaginar que eu estivesse ridicularizando *you*?

No berço, com minha testa proeminente e meu nariz de pepino, eu escutava; e tudo que acontecia era por minha causa... Num dia de janeiro de 1948, às cinco da tarde, papai recebeu a visita do dr. Narlikar. Houve os abraços costumeiros e tapinhas nas costas.

— Que tal um xadrezinho? — perguntou papai, um tanto ritualisticamente, pois aquelas visitas já se transformavam em hábito. Jogavam xadrez à velha maneira indiana, o jogo de shatranj, e, liberto das circunvoluções de sua vida pelas simplicidades do tabuleiro de xadrez, Ahmed devaneava durante uma hora sobre a reformulação do Corão; e logo davam as seis, a hora do coquetel, o momento dos gênios...

Mas nessa noite Narlikar disse: — Não.

E Ahmed: — Não? Como *não*? Venha, sente-se, jogue, converse...

Narlikar interrompeu: — Esta noite, irmão Sinai, preciso mostrar-lhe uma coisa.

Estão agora num Rover 1946, Narlikar mexe na alavanca de câmbio e parte, veloz; seguem para o norte, pela Warden Road, passando pelo templo Mahalaxmi, à esquerda, e pelo campo de golfe do Clube Willingdon, à direita, deixando para trás o hipódromo e continuando por Hornby Vellard, ao lado do quebra-mar; agora se vê o estádio Vallabhbai Patel, com suas gigantescas silhuetas de lutadores feitas de papelão: Bano Devi, a Mulher Invencível, e Dara Singh, o mais poderoso de todos... Junto ao mar passam vendedores de channa e donos de cães.

— Pare — ordena Narlikar, e eles descem. Voltam-se para contemplar o mar; a brisa marítima refresca seus rostos; e lá adiante, no fim de um caminho estreito de cimento, no meio das ondas, está a ilha onde fica o túmulo do místico Haji Ali. Peregrinos passeiam entre Vellard e o túmulo.

Narlikar aponta: — O que você está vendo?

Ahmed responde, confuso: — Nada. O túmulo. Gente. Do que se trata, meu velho?

Narlikar: — Não, nada disso. *Ali!*

E agora Ahmed vê o dedo de Narlikar apontado para o caminho de cimento...

— O passeio? — pergunta. — O que quer dizer? Daqui a alguns minutos a maré vai subir e cobri-lo. Todo mundo sabe...

Narlikar, a pele luzindo como um farol, torna-se filosófico. — Exatamente, irmão Ahmed. Exatamente isso. A terra e o mar; o mar e a terra; a luta eterna, não é mesmo? — Ahmed, perplexo, permanece calado. — Antes eram sete ilhas — recorda-lhe Narlikar. — Worli, Mahim, Salsette, Matunga, Colaba, Mazagaon, Bombaim. Os ingleses juntaram todas. O mar, irmão Ahmed, virou terra. A terra subiu e não submergiu sob as águas! — Ahmed está ansioso por seu uísque; o lábio começa a se projetar enquanto os peregrinos abandonam, correndo, o caminho que se estreita.

— E daí? — ele exige saber.

E Narlikar, ofuscante de brilho: — E daí, Ahmed bhai, é *isto!*

A coisa sai de seu bolso: um pequeno modelo de gesso, de cinco centímetros de altura: o tetrápode! Como um logotipo tridimensional da Mercedes-Benz, três pernas que se apóiam na palma da mão e uma quarta se lançando, fálica, para o ar do anoitecer, aquilo transfixa meu pai.

— Que é isso? — pergunta.

E Narlikar, então, diz: — Isto é a coisinha que nos tornará mais ricos do que Hyderabad, bhai! A engenhoca que vai tornar você, você e eu, os donos *daquilo!* — Aponta para onde o mar se precipita sobre o deserto caminho de cimento... — A terra que fica embaixo do mar, meu amigo! Temos de fabricar estas coisas aos milhares... às dezenas de milhares! Precisamos oferecer contratos de aterros. Uma fortuna nos espera. Não perca essa oportunidade, irmão, ela acontece uma vez na vida!

Por que meu pai concordou em sonhar o sonho empresarial de um ginecologista? Por que, pouco a pouco, a visão de tetrápodes de concreto em tamanho natural, marchando sobre quebra-mares, conquistadores quadrúpedes triunfando sobre o mar, capturou sua imaginação tanto

quanto fizera com a do refulgente doutor? Por que, nos anos seguintes, Ahmed dedicou-se à fantasia de todo ilhéu — a ilusão de conquistar as ondas? Talvez porque temesse perder mais uma oportunidade; talvez pelo companheirismo nascido nos jogos de shatranj; ou quem sabe tenha sido a plausibilidade de Narlikar:

— Com seu capital e meus contatos, Ahmed bhai, que problema poderá haver? Todo figurão desta cidade tem um filho trazido ao mundo por mim. Não haverá portas fechadas. Você fabrica; eu consigo o contrato! Cinquenta por cento para cada um; o que é justo é justo.

Para mim, no entanto, há uma explicação mais simples. Meu pai, privado de atenção conjugal, suplantado pelo filho, embotado pelo uísque e pelos gênios, procurava recuperar sua posição no mundo; e o sonho dos tetrápodes lhe proporcionou essa oportunidade. De corpo e alma, ele se atirou àquela grande insensatez. Escreveram cartas; bateram em portas; dinheiro sujo mudou de mãos. Tudo isso serviu para tornar o nome de Ahmed Sinai conhecido nos corredores da Sachivalaya; nas ante-salas da Secretaria de Estado corria que um muçulmano estava despejando rupias como se fosse água. E Ahmed Sinai, bebendo até apagar, não se dava conta do perigo que corria.

Nossa vida, nesse período, foi moldada pela correspondência postal. O primeiro-ministro escreveu-me quando eu tinha apenas sete dias — antes mesmo que eu pudesse limpar o nariz, já estava recebendo cartas de admiradores, leitores do *Times of India*; e numa manhã de janeiro também Ahmed Sinai recebeu uma carta que jamais haveria de esquecer.

A olhos vermelhos na mesa do café seguiram-se o queixo barbeado de todo dia de trabalho, passos escada abaixo, risinhos assustados de uma moça Coca-Cola. O ruído de uma cadeira puxada para perto de uma mesa revestida de oleado verde. O barulho metálico de uma faca de papel erguida colidindo momentaneamente com o telefone. O breve roçar de metal rasgando um envelope; e, um minuto depois, Ahmed subia correndo as escadas, gritando por minha mãe, berrando:

— Amina! Venha cá, mulher! Os desgraçados congelaram os meus colhões!

Nos dias que se seguiram à carta formal em que Ahmed era informado do congelamento de seus bens, o mundo todo estava falando ao mesmo tempo... — Por favor, janum, modere a linguagem! — dizia Amina... E será fruto de minha imaginação, ou um bebê está corando num berço azul-celeste?

E Narlikar, chegando banhado em suor: — A culpa é toda minha. Agimos ostensivamente demais. Os tempos estão ruins, Sinai bhai. Congele os bens de um muçulmano, dizem, e você o fará sair correndo para o Paquistão, deixando aqui toda a sua riqueza. Prenda a cauda de um lagarto e ele a arrancará fora! Esse chamado estado secular já começa com umas idéias muito espertas!

— Tudo — diz Ahmed Sinai. — Conta bancária, títulos de poupança, as rendas das propriedades de Kurla... tudo bloqueado, congelado. Por ordem superior, diz a carta. Por ordem superior, mulher, não me deixarão dispor de quatro anás... nem de um chavanni para olhar as figuras do cineminha!

— São essas fotografias no jornal — conclui Amina. — Se não fossem elas, como é que esses detetivezinhos pretensiosos saberiam a quem perseguir? Meu Deus, janum, foi culpa minha...

— Nem dez *paisa* para um pedaço de channa — acrescenta Ahmed Sinai. — Nem um aná para dar de esmola a um mendigo. Congelado... como num refrigerador!

— Foi culpa minha — está dizendo Ismail Ibrahim. — Eu devia tê-lo avisado, Sinai bhai. Já ouvi falar desses congelamentos... Só os muçulmanos ricos são escolhidos, é claro. Você precisa lutar...

— ... Com unhas e dentes — insiste Homi Catrack. — Como um leão! Como Aurangzeb... é seu antepassado, não é? Como a Rani de Jhansi! Vamos ver então em que espécie de país acabamos metidos!

— Existem tribunais de justiça neste Estado — acrescenta Ismail Ibrahim. Nussie Pata sorri um sorriso bovino enquanto amamenta Sonny; seus dedos se movem, afagando distraidamente a criança, para cima e para os lados, para baixo e para os lados, num ritmo firme, inabalável... — Você tem de aceitar meus serviços de advocacia — diz Ismail a Ahmed. — Absolutamente grátis, meu bom amigo. Não, não quero nem ouvir falar disso. Como é possível? Somos vizinhos.

— Quebrado! — diz Ahmed. — Congelado, como água.

— Agora chega — interrompe-o Amina. Com sua dedicação atingindo ápices inéditos, ela o conduz ao quarto de dormir... — Janum, você precisa se deitar um pouco.

E Ahmed: — O que é isso, mulher? Numa hora dessas... falido, quebrado, triturado como gelo... e você pensando em...

Mas ela fechou a porta; chinelos foram atirados longe; braços se estendem na direção dele; daí a instantes, as mãos dela se esticam para baixo, para baixo, para baixo. E depois: — Ah, meu Deus, janum, pensei que você estivesse só falando coisa feia, mas não. É verdade! Tão frios, Alá, tão friiiiiis, como cubinhos redondos de gelo!

Essas coisas acontecem. Depois que o Estado congelou os bens de meu pai, mamãe começou a senti-los cada vez mais frios. No primeiro dia foi concebida a Macaca de Cobre... e bem a tempo, pois depois disso, embora Amina se deitasse todas as noites com o marido para aquecê-lo, embora se enroscasse toda nele ao senti-lo estremecer enquanto os dedos gelados da raiva e da impotência começavam a subir a partir de sua pélvis, ela não suportou mais estender a mão e tocar, pois os cubinhos de gelo dele tinham se tornado excessivamente frios.

Eles — nós — devíamos ter adivinhado que alguma coisa de ruim estava para acontecer. Naquele mês de janeiro, a praia de Chowpatty, e também as de Juhu e de Trombay, ficaram coalhadas de agourentos cadáveres de pampos que, sem uma sombra de explicação, flutuavam de barriga para cima como dedos escamosos voltados para a praia.

# Serpentes e escadas

E outros presságios: cometas foram vistos explodindo sobre a Back Bay; noticiou-se que flores estavam derramando sangue; e em fevereiro as cobras fugiram do Instituto Schaapsteker. Correu o boato de que um louco encantador de serpentes de Bengala, um tubriwallah, viajava pelo país atraindo os répteis para fora do cativeiro, retirando-os dos serpentários (como o de Schaapsteker, onde se estudavam as funções medicinais do veneno de ofídios e criavam-se antídotos) através do fascínio exercido por sua flauta mágica, em represália à partilha de sua amada Bengala Dourada. Passado algum tempo, os boatos acrescentavam que o tubriwallah tinha dois metros e dez de altura e a pele azul-clara. Ele era o Krishna vindo punir o povo; ele era o Jesus azulado dos missionários.

Ao que parece, depois da troca no meu nascimento, enquanto eu crescia a uma velocidade estonteante, tudo que poderia não dar certo começou a acontecer. No inverno ofídico do início de 1948 e nas estações quentes e chuvosas seguintes, os acontecimentos se acumularam de tal modo que quando a Macaca de Cobre nasceu, em setembro, estávamos todos exaustos, prontos para alguns anos de descanso.

As serpentes fujonas sumiram pelos esgotos da cidade; kraits rajadas eram vistas em ônibus. Líderes religiosos definiram a fuga das serpentes como um aviso — o deus Naga fora liberado para vir à Terra, advertiam, como castigo pelo fato de a nação haver renunciado oficialmente a suas divindades. (“Somos um Estado secular”, anunciou Nehru, e todos — Morarji, Patel e Menon — concordaram; mas Ahmed Sinai ainda tremia sob o efeito do congelamento.) E certo dia em que Mary se pusera a

perguntar “Como vamos viver agora, madame?”, Homi Catrack nos apresentou ao próprio dr. Schaapsteker. Ele tinha oitenta e um anos; sua língua não parava de entrar e sair por entre seus lábios ressequidos como papel; e ele estava disposto a pagar, em dinheiro, o aluguel de um apartamento de último andar voltado para o mar da Arábia. Naqueles dias, Ahmed Sinai havia se recolhido ao leito; o frio gélido do congelamento impregnava seus lençóis; ele tragava enormes quantidades de uísque, para fins medicinais, mas a bebida não conseguia aquecê-lo. Assim, foi Amina quem concordou em alugar o andar superior da Vila Birmingham ao velho médico das cobras. E no fim de fevereiro a serpente venenosa entrou em nossa vida.

O dr. Schaapsteker era um homem que suscitava histórias mirabolantes. Os serventes mais supersticiosos de seu instituto juravam que ele tinha o dom de sonhar todas as noites que era mordido por cobras e que isso o tornava imune às picadas. Outros sussurravam que ele próprio era meio cobra, filho de uma união antinatural entre uma mulher e uma serpente. Sua obsessão pelo veneno da krait rajada — *Bungarus fasciatus* — estava se tornando lendária. Não se conhece antídoto para o veneno da *Bungarus*, mas Schaapsteker dedicara a vida a encontrá-lo. Depois de comprar cavalos alquebrados dos estábulos dos Catrack (entre outros), injetava neles pequenas doses de veneno; no entanto, os animais, pouco cooperativos, não criavam anticorpos, espumavam pela boca, morriam em pé e tinham de ser transformados em cola. Dizia-se que o dr. Schaapsteker, o “Sharpsticker sahib”, como eles costumavam dizer, adquirira agora o poder de matar cavalos simplesmente se aproximando deles com uma seringa hipodérmica nas mãos... Mas Amina não dava ouvidos a essas histórias fantasiosas. — Ele é um cavalheiro idoso — disse a Mary Pereira. — Por que deveríamos dar ouvidos a quem o maldiz? Ele paga o aluguel e não se mete na nossa vida. — Amina sentia-se grata ao médico das cobras europeu, principalmente naqueles tempos de congelamento, em que Ahmed parecia não ter energia para lutar.

“Pai e mãe amados”, escreveu Amina, “por tudo que há de mais sagrado, juro que não sei por que essas coisas estão acontecendo conosco. Ahmed é um bom homem, mas esse negócio foi um duro golpe para ele. Se vocês têm um conselho a dar à sua filha, ela necessita dele desesperadamente.” Três dias depois de receberem essa carta, Aadam Aziz e a Reverenda Mãe chegaram à Estação Central de Bombaim pelo Frontier Mail. Enquanto os levava para casa em nosso Rover 1946, Amina olhou pela janela lateral e viu o Hipódromo Mahalaxmi; e ali nasceu o primeiro germe de uma idéia temerária.

— Essa decoração moderna pode ser muito conveniente para vocês jovens, comoquechama — disse a Reverenda Mãe. — Mas o que eu quero é me sentar num bom e velho takht. Essas poltronas são tão macias, comoquechama, que tenho a impressão de estar caindo.

— Ele está doente? — perguntou Aadam Aziz. — Devo examiná-lo e receitar remédios?

— Isso não é hora de se esconder na cama — proclamou a Reverenda Mãe. — Agora ele tem de ser homem, comoquechama, e agir como um homem adulto.

— Como vocês estão bem, meus queridos pais! — exclamou Amina ao mesmo tempo que pensava que seu pai estava se tornando um velho que parecia encolher cada vez mais com o passar dos anos; enquanto a Reverenda Mãe crescia tanto para todos os lados que as poltronas, embora macias, gemiam sob seu peso... E às vezes, por causa de um jogo de luzes, Amina tinha a impressão de ver, no meio do corpo do pai, uma sombra escura como um buraco.

— O que resta nesta Índia? — perguntou a Reverenda Mãe, cortando o ar com a mão. — Vão embora, deixem tudo, partam para o Paquistão. Vejam como Zulfikar está indo bem... Ele ajudará vocês no começo. Seja homem, meu filho... Levante-se e comece de novo!

— Ele não quer falar agora — disse Amina. — Precisa descansar.

— Descansar? — rugiu Aadam Aziz. — O homem parece uma geléia!

— Até Alia, comoquechama — disse a Reverenda Mãe —, foi sozinha para o Paquistão. Até ela está levando uma vida decente, dando aulas numa ótima escola. Dizem que logo será a diretora.

— Psiu, mamãe, ele quer dormir... Vamos para o quarto ao lado...

— Há um tempo para dormir, comoquechama, e um tempo para acordar! Escute: Mustafá está ganhando muitas centenas de rupias por mês, comoquechama, no Serviço Público. E seu marido? É bom demais para trabalhar?

— Mamãe, ele está desnorteado. A temperatura dele anda tão baixa...

— Que comida está dando a ele? De hoje em diante, comoquechama, eu vou tomar conta da sua cozinha. Os jovens de hoje! Parecem bebês, comoquechama!

— Como a senhora quiser, mamãe.

— Uma coisa eu digo a vocês, foram, comoquechama, aquelas fotografias no jornal. Eu escrevi, não escrevi?... Nada de bom poderia vir daquilo. Os retratos tiram pedaços da gente. Meu Deus, quando vi sua fotografia, comoquechama, você estava tão transparente que eu podia ver as letras escritas do outro lado, bem através de seu rosto!

— Mas é que...

— Não me venha com suas histórias, comoquechama. Dou graças a Deus por você ter se recuperado daquele retrato!

Depois daquele dia, Amina livrou-se das obrigações domésticas. A Reverenda Mãe sentava-se à cabeceira da mesa de jantar, distribuindo comida (Amina levava pratos a Ahmed, que continuava na cama, gemendo e choramingando de vez em quando: “Acabado, mulher! Quebrado... como um pedaço de gelo!”). Enquanto isso, na cozinha, Mary Pereira se esmerava em preparar, para as visitas, algumas das melhores e mais delicadas conservas de manga do mundo, chutneys de lima e picles de pepinos. E agora, devolvida à condição de filha em sua própria casa, Amina começou a sentir que as emoções contidas na comida das outras pessoas escorriam para dentro dela — pois a Reverenda Mãe distribuía

quinhões de curries e de almôndegas da intransigência, pratos imbuídos da personalidade de sua criadora; Amina comia salans de peixe da obstinação e birianis da intransigência. E ainda que os pickles de Mary tivessem um efeito parcialmente neutralizador — como ela destilara neles a culpa de seu coração e o medo de ser descoberta, por melhor que fosse seu sabor eles tinham o poder de submeter quem os comia a dúvidas inomináveis e a sonhos de dedos acusadores —, o cardápio proporcionado pela Reverenda Mãe enchia Amina de uma espécie de cólera; e até produzia em seu derrotado marido ligeiros sinais de melhora. De modo que chegou enfim o dia em que Amina, que estivera me vendo brincar, incompetentemente, com cavalinhos de sândalo na banheira, inalando os doces odores de sândalo desprendidos pela água do banho, de repente redescobriu em si a veia aventureira que herdara de seu debilitado pai, veia que fizera Adam Aziz descer de seu vale nas montanhas e o tinha trazido para cá. Amina virou-se para Mary Pereira e disse: — Estou farta. Se ninguém nesta casa vai pôr as coisas no lugar, eu mesma me encarrego disso.

Cavalinhos de brinquedo galopavam por trás dos olhos de Amina no momento em que ela deixou Mary me secando e entrou, resoluta, em seu quarto. Imagens fugazes do Hipódromo Mahalaxmi trotaram em sua cabeça, enquanto ela tirava do armário sáris e corpetes. A febre de um plano temerário lhe enrubesceu as faces no momento em que abriu a tampa de um velho baú de lata... Enchendo a bolsa com moedas e rupias de pacientes agradecidos e convidados de casamento, minha mãe foi às corridas.

Com a Macaca de Cobre crescendo em suas entranhas, minha mãe conheceu os paddocks do hipódromo que tinha o nome da deusa da riqueza; arrostando náuseas matinais e varizes, postou-se na fila dos guichês, pondo dinheiro em acumuladas de três cavalos e azarões. Ignorando absolutamente tudo que se relacionava a cavalos, apostou em potrancas que todos sabiam não ser capazes de ganhar páreos longos; jogava seu dinheiro em jóqueis por ter gostado do modo como sorriam.

Agarrada a uma bolsa cheia do dote que permanecera intocado no baú desde que sua mãe o arrumara, ela arriscava a sorte em pangarés que pareciam destinados ao Instituto Schaapsteker... e ganhava, ganhava, ganhava.

— Boas notícias — está dizendo Ismail Ibrahim. — Sempre achei que você devia lutar contra os desgraçados. Vou começar a tomar providências imediatamente... Mas isso vai custar dinheiro, Amina. Você tem dinheiro?

— O dinheiro vai estar à disposição.

— Não é para mim — explica Ismail. — Meus serviços, como já disse, são gratuitos, absolutamente gratuitos. Mas, sabe como é, você precisa saber como as coisas funcionam, sempre é preciso dar presentes a certas pessoas, para facilitar o caminho...

— Tome — diz Amina, estendendo-lhe um envelope. — Chega por enquanto?

— Meu Deus! — Ismail Ibrahim deixa cair o envelope, surpreso, enquanto notas de rupias de alto valor se espalham pelo chão de sua sala. — Onde consegui pôr as mãos em tanto...

E Amina: — É melhor não perguntar... E de minha parte não perguntarei como vai gastá-lo.

O dinheiro recebido de Schaapsteker pagava nossas despesas de alimentação, mas as corridas de cavalo acabaram ganhando a guerra. A sorte de mamãe no hipódromo durou tanto tempo, e era um filão tão rico, que se não tivesse acontecido teria sido inacreditável... Mês após mês, ela apostava seu dinheiro no penteado arrumadinho de um jóquei ou na bela cor de uma montaria; e jamais saía de lá sem um grande envelope atulhado de notas.

— As coisas estão indo bem — disse-lhe Ismail Ibrahim. — Mas Amina, minha irmã, só Deus sabe o que você está fazendo para arranjar dinheiro. É decente? É legal?

E Amina: — Não esquite a cabeça. O que não tem remédio remediado está. Estou fazendo o que deve ser feito.

Nem uma só vez, em toda aquela época, mamãe sentiu prazer por suas portentosas vitórias, pois seu corpo vergava sob o peso de outra coisa além de um bebê — as comidas da Reverenda Mãe, temperadíssimas de curry e carregadas de antigos preconceitos, a tinham convencido de que o jogo era a pior coisa do mundo depois do álcool; e assim, embora não fosse uma criminosa, ela se sentia consumida pelo pecado.

Calos lhe atormentavam os pés, ainda que o sadhu Purushottam, que permaneceu sentado debaixo da torneira de nosso jardim até a água gotejante criar uma área calva em sua farta e embaralhada cabeleira, fosse exímio em eliminá-los com simpatias e encantamentos. No entanto, durante todo o inverno ofídico e durante a estação quente, minha mãe lutou a luta do marido.

Vocês perguntarão: como isso é possível? Como uma dona de casa, por mais diligente e determinada que fosse, podia ganhar fortunas nas patas dos cavalos dia após dia, mês após mês? Pensarão: Ahá! é aquele Homi Catrack: ele é proprietário de cavalos, e todo mundo sabe que na maioria das vezes as corridas de cavalos são fraudadas; evidentemente Amina estava pedindo palpites ao vizinho! Uma idéia plausível; acontece apenas que o próprio senhor Catrack perdia tanto quanto ganhava; viu minha mãe no hipódromo e ficou pasmo com seu sucesso. (“Por favor, Catrack sahib”, pediu-lhe Amina, “que isso seja um segredo entre nós. O jogo é uma coisa horrível. Eu ficaria muito envergonhada se minha mãe descobrisse.” E Catrack, assentindo estupefato, disse: “Como quiser”.) Portanto, não era o parse quem estava por trás daquilo. Mas eu talvez possa sugerir outra explicação. Aqui está ela, num berço azul-celeste, num quarto azul-celeste, junto com o dedo apontado de um pescador na parede: sempre que sua mãe sai carregando uma bolsa cheia de segredos, aqui está o Pequeno Salim, que adquiriu uma fisionomia da mais intensa concentração, cujos olhos foram arrebatados por uma única idéia fixa e de tal poder que os escureceu, dando-lhes uma tonalidade azul-marinho, e cujo nariz se mexe de modo estranho, enquanto ele parece assistir a algum acontecimento

longínquo e guiá-lo de longe da mesma forma que a Lua controla as marés.

— Irá a julgamento muito em breve — disse Ismail Ibrahim. — Creio que você pode ficar confiante... Meu Deus, Amina, por acaso você descobriu as minas do rei Salomão?

Assim que cresci o suficiente para brincar com jogos de tabuleiro, me apaixonei por Serpentes e Escadas. Ah, que perfeito equilíbrio entre recompensas e penalidades! Ah, que escolhas aparentemente fortuitas feitas através de dados! Foi trepando em escadas e resvalando em serpentes que passei alguns dos dias mais felizes de minha vida. Quando, na minha hora da verdade, papai desafiou-me a dominar o jogo de shatranj, enfureci-o ao preferir convidá-lo a arriscar a sorte entre as escadas e as picadas das serpentes.

Todo jogo tem sua moral; e o jogo Serpentes e Escadas captura, como nenhuma outra atividade pode almejar fazer, a verdade eterna de que para toda escada que se sobe há uma serpente esperando por você na esquina; e para cada serpente haverá a compensação de uma escada. No entanto, é mais do que isso; não se trata de buscar algo inalcançável, pois no jogo está implícita a dualidade imutável das coisas, a dicotomia do subir contra o descer, do bem contra o mal; a sólida racionalidade das escadas compensa as sinuosidades ocultas da serpente; na oposição entre escada e cobra, vislumbramos, metaforicamente, todos os opostos concebíveis, Alfa contra Ômega, pai contra mãe; aqui está a guerra de Mary e Musa, e as polaridades de joelhos e nariz... Descobri, porém, bem cedo na vida, que faltava ao jogo uma dimensão crucial, a da ambigüidade — porque, como os fatos hão de demonstrar, também se pode deslizar para baixo de uma escada e ascender ao triunfo pelo veneno de uma serpente... Contudo, simplificando as coisas por ora, registro que tão logo minha mãe descobriu a escada para o triunfo — sua sorte nos páreos — lhe foi lembrado que os esgotos do país ainda fervilhavam de serpentes.

Hanif, o irmão de Amina, não fora para o Paquistão. Concretizando o sonho de infância que ele sussurrara a Rachid, o rapaz do jinriquixá, num milharal de Agra, chegou a Bombaim e procurou emprego nos grandes estúdios de cinema. Dono de uma precoce autoconfiança, lograra não só se tornar o homem mais jovem a quem fora entregue a direção de um filme na história do cinema indiano, como também se envolvera e se casara com uma das mais fulgurantes estrelas daquele céu de celulóide, a divina Pia, que tinha no rosto a sua fortuna e no corpo sáris feitos com tecidos cujos criadores claramente haviam querido provar que era possível incorporar num só padrão todas as cores conhecidas pelo homem. A Reverenda Mãe não aprovava a divina Pia, mas, de todos da minha família, Hanif era a única pessoa livre de sua influência repressora. Homem brincalhão e corpulento, com o riso tonitruante do barqueiro Tai e a fúria explosiva e inocente de seu pai Aadam Aziz, ele levou Pia para morar com simplicidade num pequeno e nada cinematográfico apartamento da Marine Drive, dizendo-lhe: “Haverá tempo de sobra para vivermos como reis depois que eu tiver feito meu nome”. Pia aquiesceu. Estrelou o primeiro filme dele, financiado em parte por Homi Catrack, em parte pelo D. W. Rama Studios (Pvt.) Ltd. Chamava-se *Os amantes de Caxemira*, e uma noite, durante seu tempo de corridas de cavalo, Amina Sinai foi à *première*. Os pais não a acompanharam por causa do ódio da Reverenda Mãe pelo cinema, ódio contra o qual Aadam Aziz já não tinha forças para lutar — do mesmo modo que ele, que lutara ao lado de Mian Abdullah contra o Paquistão, já não discutia com a Reverenda Mãe quando ela elogiava aquele país, conservando uma resistência suficiente apenas para fincar pé e recusar-se a emigrar; mas Ahmed Sinai, revigorado pela culinária da sogra, embora ressentido contra sua presença contínua, levantou-se e acompanhou a mulher. Ocuparam seus lugares, ao lado de Hanif, de Pia e do ator principal do filme, um dos mais famosos galãs da Índia, I. S. Nayyar. E, embora não soubessem, uma serpente esperava nos bastidores... Por enquanto, porém, deixemos que Hanif Aziz tenha seu

momento de glória, pois *Os amantes de Caxemira* continha uma idéia que haveria de proporcionar a meu tio um espetacular, ainda que breve, período de triunfo. Naquela época não se permitia que os galãs e suas parceiras se tocassem na tela, por receio de que seus beijos corrompessem a juventude do país... Mas trinta e três minutos depois de *Os amantes* ter começado, a platéia da *première* se pôs a emitir débeis sussurros escandalizados, pois Pia e Nayyar tinham começado a beijar — não um ao outro — mas *coisas*.

Pia beijou uma maçã, sensualmente, com toda a abundante generosidade de seus lábios pintados; a seguir passou-a a Nayyar, que plantou, na face oposta da fruta, uma boca viril, ardente. Essa foi a origem do que veio a ser conhecido como beijo indireto... E em nosso cinema da época não existia conceito mais sofisticado do que esse. Quanto anseio e erotismo ele encerrava! A platéia (que hoje aplaude e grita quando vê um casal jovem correndo para trás de uma moita, que logo, aliás, começa a se agitar ridiculamente — até que ponto desceu nossa capacidade de sugestão!) olhava para a tela, magnetizada, enquanto o amor de Pia e Nayyar, tendo como fundo o lago Dal e o céu gelidamente azul de Caxemira, expressava-se em beijos aplicados a xícaras de um rosado chá caxemirense; junto às fontes de Shalimar, premiam os lábios em uma espada... Mas agora, no auge do triunfo de Hanif Aziz, a serpente recusava-se a esperar mais. Sob sua influência, as luzes do cinema se acenderam. Tendo ao fundo as imagens de Pia e Nayyar, maiores que em tamanho natural, beijando mangas enquanto dublavam melodias executadas em playback, apareceu o vulto de um homem tímido, inadequadamente barbudo, subindo ao palco abaixo da tela, de microfone na mão. A Serpente pode assumir as mais inesperadas formas; e agora, disfarçada como um acanhado gerente de cinema, ela soltou seu veneno. Pia e Nayyar desbotaram e morreram; e a voz amplificada do barbudo disse:

— Senhoras e senhores, peço desculpas por interromper a projeção. Mas trago notícias terríveis. — Sua voz embargou — um soluço da

Serpente, para emprestar força a seus dentes! —, e ele prosseguiu: — Hoje à tarde, na Birla House, em Délhi, nosso amado Mahatma foi assassinado. Um louco atingiu-o no estômago, senhoras e senhores... Nosso Bapu se foi!

A platéia já começara a gritar antes mesmo que ele terminasse; o veneno de suas palavras havia se infiltrado nas veias de todos os presentes... E lá estavam homens crescidos rolando entre as cadeiras, segurando a barriga, não de tanto rir, mas gritando *Hai Ram! Hai Ram!*... E mulheres arrancando os cabelos: os mais belos penteados da cidade desmoronavam sobre as orelhas das senhoras envenenadas; lá estavam estrelas de cinema gritando como peixeiras e um cheiro terrível no ar. E Hanif murmurou: — Dê o fora daqui, minha irmã. Se foi um muçulmano que fez isso, vão armar um escarcéu.

Para cada escada há uma serpente... e nas quarenta e oito horas depois do abortado final de *Os amantes de Caxemira*, nossa família se manteve entre as paredes da Vila Buckingham. (“Encostem móveis nas portas, comoquechama!”, ordenou a Reverenda Mãe. “Se houver criados hindus, deixe que vão para casa!”); e Amina não se atreveu a ir às corridas.

Mas para cada serpente há uma escada... e por fim o rádio nos deu um nome. Nathuram Godse. — Graças a Deus — suspirou Amina —, não é um nome muçulmano!

E Adam, sobre quem a notícia da morte de Gandhi lançara uma nova carga de velhice: — Não há motivo algum para sentirmos gratidão por esse Godse!

Amina, entretanto, estava com a cabeça leve, aliviada, precipitando-se vertiginosamente pela longa escada do alívio... — Afinal, por que não? Por se chamar Godse, ele salvou nossa vida!

Depois de se levantar de seu suposto leito de enfermo, Ahmed Sinai continuou a se comportar como um inválido. Com uma voz que lembrava vidro enfumaçado, disse a Amina: — Com que então você mandou Ismail instaurar uma ação. Muito bem. Mas nós vamos perdê-la. Nesses tribunais, é preciso comprar os juízes...

E Amina, correndo a Ismail: — Nunca, em hipótese alguma, Ahmed deve ficar sabendo do dinheiro. Um homem precisa manter seu orgulho.

E mais tarde: — Não, janum, não vou a parte alguma. Não, o bebê não está me cansando em nada. Descanse que eu preciso ir fazer compras... Talvez visite Hanif... Nós, mulheres, sabe como é, temos de ocupar nossos dias!

E voltava para casa com envelopes transbordantes de cédulas de rupias...

— Tome, Ismail. Agora que ele está de pé, temos de agir com cuidado e rapidez! — E sentava-se ao lado da mãe à noite: — É claro que a senhora tem razão, Ahmed logo vai enriquecer, espere só para ver!

Demoras intermináveis nos tribunais; envelopes se esvaziando; e o bebê crescendo, aproximando Amina do momento em que não poderá mais se sentar atrás do volante do Rover 1946; e será que sua sorte vai se manter? E Musa e Mary brigando como dois tigres velhos...

Como começam as brigas?

Que resquícios de culpa, medo e vergonha, conservados pelo tempo nos intestinos de Mary, levavam-na (de modo voluntário? involuntário?) a provocar, de uma dúzia de maneiras diferentes, o velho servidor — com um nariz empinado para indicar a posição superior dela; com o manuseio agressivo das contas do rosário bem debaixo do nariz do devoto muçulmano; com a aceitação do título *mausi*, mãezinha, que os outros criados da Propriedade lhe conferiam, o que Musa considerava uma ameaça à sua posição privilegiada; com uma excessiva familiaridade com a begum sahíba, feita de cochichos e risinhos pelos cantos, mas altos o suficiente para que o formal, austero e correto Musa ouvisse e se sentisse de certo modo passado para trás?

Que minúsculo grão de areia, no mar de velhice que agora banhava o velho criado, incrustou-se entre seus lábios a ponto de crescer e se transformar numa pérola escura de ódio? Em que estranhos torpores recaía Musa tornando-lhe lerdos seus pés e mãos, de modo que vasos se quebravam, cinzeiros espalhavam cinzas e uma velada insinuação de

demissão iminente — vinda dos lábios conscientes ou inconscientes de Mary? — se transformou num medo obsessivo, que terminou se refletindo na pessoa que lhe dera origem?

E (para não omitirmos os fatores sociais) qual seria o efeito desumano da condição de criado, e de um quarto de criado atrás de uma cozinha com fogão negro no qual Musa era obrigado a dormir com o jardineiro, um rapaz para toda a obra, e um hamal — enquanto Mary dormia com todo o conforto num tapete de juncos ao lado de um recém-nascido?

E seria Mary inocente ou não? Por acaso sua impossibilidade de ir à igreja — porque nas igrejas havia confessionários, e nos confessionários não se podia guardar segredos — não lhe estava azedando as entranhas e tornando-a um tanto ríspida, um tanto ferina?

Ou deveremos lançar os olhos além da psicologia e buscar nossa resposta em afirmações como a de que uma serpente estava à espera de Mary ou de que Musa estava predestinado a aprender sobre a ambigüidade das escadas? Ou, indo mais adiante, para além das serpentes e das escadas, deveríamos ver a Mão do Destino nessa disputa e dizer que, para que Musa retornasse como um fantasma explosivo, para que ele assumisse o papel da Bomba de Bombaim, era necessário maquinar uma partida?... Ou, descendo de tais paragens sublimes para o nível do ridículo, seria aceitável que Ahmed Sinai — a quem o uísque exasperava, a quem os gênios da garrafa induziam a excessos de rudeza — enfurecera tanto o velho criado que seu crime, com o qual ele se igualou a Mary, foi cometido por causa do orgulho ferido de um idoso serviçal maltratado e nada teve a ver, enfim, com Mary?

Encerrando as perguntas, restrinjo-me aos fatos: Musa e Mary estavam eternamente prontos a esgrimir um com outro. Ah, sim: Ahmed insultou-o, e as tentativas apaziguadoras de Amina talvez não tenham tido êxito; e também as sombras atordoantes da idade o haviam persuadido de que seria demitido, sem aviso prévio, a qualquer momento; e foi assim que Amina veio a descobrir, numa manhã de agosto, que a casa havia sido roubada.

A polícia chegou. Amina informou o que faltava: uma escarradeira de prata incrustada de lápis-lazúli; moedas de ouro; samovares marchetados e baixelas de prata; o conteúdo de um baú verde de lata. Os criados foram alinhados contra a parede e submetidos às ameaças do inspetor Johnny Vakeel.

Vamos, dêem logo o serviço — batendo com uma varinha de madeira na perna —, ou vão ver o que podemos fazer com vocês. Querem passar um dia e uma noite de pé numa perna só? Querem que joguem em vocês primeiro água fervente e depois gelada? Temos muitos métodos na Força Policial...

E agora uma cacofonia de sons vem dos criados, Eu não, senhor, inspetor sahib, sou um rapaz honesto; pelo amor de Deus, reviste minhas coisas, sahib! E Amina: — Assim é demais, o senhor foi longe demais. A minha Mary eu sei que é inocente. Não permito que ela seja interrogada. — Contida a irritação do oficial de polícia. Instaura-se uma revista de pertences pessoais (“Por via das dúvidas, madame. Esses sujeitos não são lá muito inteligentes... e talvez a senhora tenha descoberto o furto antes que o ladrão tivesse escondido os produtos do crime!”).

A revista dá resultado. Na esteira do velho criado Musa: uma escarradeira de prata. Embrulhados em sua modesta trouxa de roupas: moedas de ouro, um samovar de prata. Oculto sob sua miserável cama: um aparelho de chá desaparecido. E agora Musa atira-se aos pés de Ahmed Sinai; implora: — Perdão, sahib! Eu estava louco. Pensei que o senhor fosse me jogar na rua!

Mas Ahmed Sinai não ouve; o congelamento domina-o por inteiro. — Sinto-me tão fraco... — diz, e sai da sala.

Amina, consternada, pergunta: — Mas, Musa, por que você rogou aquela praga terrível?

... Porque no intervalo entre o interrogatório dos criados no corredor e as descobertas na área dos empregados, Musa dissera a seu patrão: — Não fui

eu, sahib. Se eu roubei o senhor, que eu me torne um leproso! Que minha velha pele se cubra de chagas!

Com expressão de horror, Amina aguarda a resposta de Musa. O rosto encarquilhado do criado se contorce numa máscara de cólera: — Begum sahíba, eu só tirei suas preciosas propriedades, mas a senhora e seu sahib, e também o pai dele, tiraram de mim toda a minha vida; e na minha velhice me humilharam com amas cristãs.

Reina o silêncio na Vila Buckingham. Amina recusou-se a fazer uma queixa formal, porém Musa está indo embora. Com a esteira nas costas, desce uma escada de ferro em espiral, descobrindo que as escadas tanto descem como sobem; ele desce a pé pela colina, lançando uma maldição sobre a casa.

E Mary Pereira está prestes a descobrir (terá sido efeito da maldição?) que, mesmo quando se ganha uma batalha, mesmo quando as escadas trabalham a seu favor, não se pode evitar uma serpente.

— Não posso lhe dar mais dinheiro algum, Ismail — diz Amina. — O que já dei não basta?

E Ismail: — Espero que sim, mas nunca se sabe... Há alguma possibilidade de...?

Mas Amina: — O problema é que estou tão grande e pesada que não posso mais entrar no carro. O dinheiro vai ter que dar.

... O tempo mais uma vez desacelera para Amina; de novo seu olhar vai além do vidro fosco, no qual tulipas vermelhas de hastes verdes dançam em uníssono; pela segunda vez, seu olhar se demora numa torre de relógio que não funciona desde as chuvas de 1947; de novo está chovendo. A temporada de corridas chegou ao fim.

Uma torre de relógio azul-clarinha: robusta, descascada, inoperante. Erguida sobre concreto alcatroado na extremidade do largo — o teto plano do andar de cima dos edifícios da Warden Road fazendo fronteira com nossa colina de dois andares; se alguém transpunha o muro da Vila Buckingham, sentia o piche sob os pés. E, debaixo do alcatrão negro, o

Jardim-de-Infância Breach Candy, do qual todas as tardes do ano letivo vinha a música tilintante do piano de miss Harrison tocando as melodias imutáveis da infância; e abaixo dali, as lojas: o Paraíso do Leitor, a Joalheria Fatbhoy, a Casa de Brinquedos Chimalker's e a Bombelli's, com suas vitrinas cheias de chocolate em metro. A porta da torre do relógio deveria estar fechada, mas se tratava de uma fechadura barata, do tipo que Nadir Khan teria reconhecido: indústria indiana. E em três noites sucessivas, um pouco antes de meu primeiro aniversário, Mary Pereira, de pé junto à minha janela, à noite, notou um vulto esquivo deslizar sobre o teto, com as mãos cheias de objetos informes, uma sombra que lhe provocou um temor inidentificável. Depois da terceira noite, ela contou à minha mãe; a polícia foi chamada; e o inspetor Vakeel retornou à Propriedade Methwold acompanhado de um pelotão especial de policiais ("Só atiradores de elite, begum sahiba. Deixe por nossa conta!") que, disfarçados de varredores, com armas escondidas sob os andrajos, ficaram vigiando a torre enquanto limpavam a sujeira do largo.

Caiu a noite. Por trás de cortinas e venezianas, os habitantes da Propriedade Methwold olhavam, medrosos, na direção do campanário. Os varredores, absurdamente, cumpriam seu dever no escuro. Johnny Vakeel tomou posição em nossa varanda, mantendo o fuzil fora de vista. E à meia-noite uma sombra emergiu da parede lateral da Escola Breach Candy, encaminhando-se para a torre, com um saco pendurado no ombro... — Ele vai entrar — dissera Vakeel a Amina. — Precisamos ter certeza de pegar o sujeito certo. — Avançando pelo telhado plano de piche, o sujeito chegou à torre; entrou.

— Inspetor sahib, o que está esperando?

— Psiiu, begum, esse é um assunto da polícia. Por favor, volte para a sala. Vamos pegá-lo quando ele sair. Ouça o que eu digo. Vai ser preso — disse Vakeel com satisfação — como um rato numa ratoeira.

— Mas quem é ele?

— Quem pode saber? — Vakeel deu de ombros. — Algum malfeitor decerto. Hoje em dia há maus elementos em toda parte.

... E então o silêncio da noite se rompe como seda ao se ouvir um único e estridente berro; alguém atira o corpo contra a porta do campanário pelo lado de dentro, arrombando-a; ouve-se um estrondo; e alguma coisa voa, indo cair no macadame. O inspetor Vakeel põe-se em ação num salto, brandindo o fuzil e atirando com a arma junto ao quadril, à John Wayne; varredores tiram armas de precisão de suas vassouras e disparam... Gritos de mulheres agitadas, gritos de criados... Silêncio.

O que jaz, negro e marrom, rajado e viperino, sobre o macadame? O que, vertendo sangue escuro, faz o dr. Schaapsteker gritar de seu magnífico posto de observação, no último andar: — Seus idiotas! Veados! Imbecis de uma figa!... — O que, mexendo a língua como um chicote, está morrendo enquanto Vakeel corre na direção do terraço?

E no interior do campanário? Que peso, ao cair, causou estrondo tão sonoro? De quem era a mão que arrombou a porta? No calcanhar de quem se vêem dois orifícios rubros, sanguinolentos, cheios de um veneno para o qual não há antídoto conhecido, um veneno que já matou estábulos inteiros de cavalos alquebrados? O corpo de quem é retirado do interior da torre por homens à paisana, num cortejo fúnebre sem ataúde em que falsos varredores fazem as vezes de carregadores? Por que, quando o luar incide sobre aquele rosto morto, Mary Pereira cai como um saco de batatas no chão, os olhos revirando nas órbitas, num súbito e teatral desfalecimento?

E revestindo as paredes internas do campanário: o que são esses estranhos mecanismos, presos a relógios baratos? Por que há tantas garrafas com trapos metidos nos gargalos?

— Foi sorte a senhora ter chamado meus rapazes, begum sahíba — está dizendo o inspetor Vakeel. — Esse aí era Joseph D'Costa — da nossa lista dos mais procurados. Faz mais ou menos um ano que estamos atrás dele. Um dos facínoras mais temidos! A senhora devia ter visto as paredes daquela torre! Prateleiras e mais prateleiras cheias de bombas de fabricação

caseira, de alto a baixo. Explosivos suficientes para mandar esta colina para o mar!

Melodrama em cima de melodrama; a vida adquirindo as tonalidades de um filme de Bombaim; serpentes seguindo-se a escadas, escadas sucedendo-se a serpentes; em meio a tantos incidentes reunidos, o Pequeno Salim adoeceu. Como que incapaz de assimilar tantos inconvenientes, fechou os olhos e ficou vermelho e quente. Enquanto Amina esperava os resultados da ação judicial de Ismail contra as autoridades do Estado; enquanto a Macaca de Cobre crescia no ventre dela; enquanto Mary entrava num estado de choque do qual só se recobriria inteiramente quando o fantasma de Joseph voltasse para assombrá-la; enquanto um cordão umbilical flutuava num vidro de conserva e os chutneys de Mary enchiam nossos sonhos de dedos apontados; enquanto a Reverenda Mãe administrava as cozinhas, meu avô examinou-me e disse: — Infelizmente, não há dúvida; o coitadinho está com febre tifóide.

— Deus do céu! — bradou a Reverenda Mãe — que demônio negro, como que chama, veio morar nesta casa?

Foi assim que fiquei sabendo da história da doença que quase acabou comigo antes mesmo que eu começasse: dia e noite, no final de agosto de 1948, minha mãe e meu avô cuidaram de mim; Mary se arrastou à força de sua culpa para aplicar compressas frias em minha testa; a Reverenda Mãe cantava cantigas de ninar e enfiava colheradas de comida em minha boca; e até meu pai, esquecendo por instantes suas próprias enfermidades, pôs-se a agitar inutilmente diante da porta. Mas chegou a noite em que o dr. Aziz, parecendo tão alquebrado como um cavalo velho, disse: — Não há mais nada que eu possa fazer. De manhã ele estará morto. — E em meio às lamúrias das mulheres e às primeiras dores de parto de minha mãe, precipitadas pelo sofrimento, e enquanto Mary Pereira arrancava os cabelos, ouviu-se uma batida na porta; um criado anunciou o dr.

Schaapsteker, que entregou a vovô uma garrafinha e disse: — Vou ser franco: é matar ou curar. Duas gotas, exatamente; depois, espere e veja.

Sentado cabisbaixo sobre os escombros de seu saber hipocrático, meu avô perguntou: — O que é isso? — E o dr. Schaapsteker, quase oitenta e dois anos, com a língua se mexendo nos cantos da boca: — Veneno diluído de naja. Deu certo em outros casos.

As serpentes podem levar ao triunfo tanto quanto as escadas às vezes conduzem para baixo: meu avô, sabendo que de qualquer modo eu morreria, administrou-me o veneno de cobra. A família ficou assistindo ao veneno espalhar-se pelo corpo da criança... e seis horas depois minha temperatura já tinha voltado ao normal. Depois disso, minha taxa de crescimento perdeu suas características extraordinárias; mas alguma coisa fora deixada em troca do que se perdera: a vida — e uma precoce consciência da ambigüidade das serpentes.

Enquanto minha temperatura caía, minha irmã estava nascendo na Casa de Saúde Narlikar. Era 1º de setembro; e o parto foi tão corriqueiro, tão fácil, que passou quase despercebido na Propriedade Methwold; no mesmo dia Ismail Ibrahim visitou meus pais na casa de saúde e anunciou que haviam ganhado a ação... Enquanto Ismail comemorava, eu me agarrava às grades do berço; enquanto ele gritava “Chega de congelamentos! Seus bens voltaram a ser seus! Por ordem do Supremo Tribunal!”, eu investia, afogueado, contra a gravidade; e enquanto Ismail anunciava, solene: “Sinai bhai, o império da lei conquistou uma vitória que ficará nos anais”, e evitava os olhos exultantes e vitoriosos de minha mãe, eu, o Pequeno Salim, com exatamente um ano, duas semanas e um dia, me pus de pé no berço.

Os acontecimentos daquele dia tiveram um duplo efeito: cresci com pernas irremediavelmente tortas, pois ficara de pé cedo demais; e a Macaca de Cobre (assim chamada por causa de seus densos cabelos vermelhos-dourados, que só escureceram quando ela fez nove anos) aprendeu que se

quisesse receber alguma atenção na vida, teria de fazer uma barulheira danada.

# Acidente num baú de roupa suja

Já faz dois dias que Padma saiu de minha vida como um vendaval. Há dois dias, seu lugar junto ao tacho de kasaundy de manga acha-se ocupado por outra mulher — também ela de cintura grossa e antebraço peludo (que a meus olhos, porém, não a substituem!...) —, enquanto minha própria lótus-de-esterco sumiu não sei para onde. Um equilíbrio foi perturbado; sinto rachaduras se expandindo por toda a extensão de meu corpo; porque de repente estou só, sem meu indispensável ouvido, mas isso não é tudo. Estou tomado por uma repentina crise de raiva; por que deveria ser tratado de modo tão disparatado por minha única discípula? Outros homens antes de mim já narraram histórias; e não foram abandonados de maneira tão impulsiva. Quando Valmiki, o autor do *Ramayana*, ditou sua obra-prima a Ganesh, o da cabeça de elefante, deixou-o falando sozinho no meio do relato? Claro que não. (Observem que, apesar de minha criação muçulmana, sou também um homem de Bombaim, o suficiente para estar enfronhado nas histórias hindus, e na verdade gosto muito de imaginar Ganesh, de tromba e orelhas de abano, recebendo solenemente um ditado!)

Como abrir mão de Padma? Como renunciar à sua ignorância e superstição, contrapesos necessários à minha onisciência apinhada de milagres? Como passar sem sua paradoxal simplicidade de espírito, que mantém (mantinha!) meus pés no chão? Transformei-me, ao que me parece, no vértice de um triângulo isósceles, sustentado equanimemente por deidades gêmeas, o deus delirante da memória e a deusa-lótus do

presente... Mas devo agora resignar-me à estreita unidimensionalidade de uma linha reta?

Talvez eu esteja me escondendo por trás de todos esses questionamentos. Sim, talvez seja isso mesmo. Devo falar claramente, sem o disfarce de um ponto de interrogação: nossa Padma se foi e eu estou com saudade dela. É só isso.

Mas ainda resta trabalho por fazer. Por exemplo:

No verão de 1956, quando a maioria das coisas do mundo ainda era maior do que eu, minha irmã, a Macaca de Cobre, adquiriu o curioso hábito de atear fogo em sapatos. Enquanto Nasser afundava navios em Suez, diminuindo a velocidade do mundo ao obrigá-lo a contornar o cabo da Boa Esperança, também minha irmã tentava retardar nosso progresso. Obrigada a lutar para atrair atenção, possuída pela necessidade de se colocar no centro dos acontecimentos, até dos desagradáveis (afinal, embora fosse minha irmã nenhum primeiro-ministro lhe escrevia cartas, nenhum sadhu a vigiava de seu posto debaixo da torneira do jardim; não profetizada, não fotografada, desde o início sua vida foi um combate), ela levou sua guerra ao mundo dos calçados, esperando, talvez, que queimando nossos sapatos nos fizesse ficar parados tempo suficiente para lhe notarmos a existência... Nem procurava esconder seus crimes. Quando ao entrar em seu quarto meu pai encontrou um par de sapatos pretos de Oxford incendiados, a Macaca de Cobre estava de pé ao lado deles com um fósforo na mão. As narinas de meu pai foram invadidas pelo até então desconhecido odor de couro em combustão misturado com graxa Flor de Cerejeira e um pouco de óleo Três-em-Um... — Veja, abba! — disse a Macaca, cativante. — Veja só que bonito! Bem da cor dos meus cabelos!

Apesar de todas as precauções, as esfuziantes flores rubras da obsessão de minha irmã desabrocharam por toda a Propriedade naquele verão, vicejando nas sandálias de Nussie Pata e nos calçados de Homi Catrack, o magnata do cinema; labaredas cor de cabelo lamberam os sapatos de camurça de mr. Dubash e os saltos-agulha de Lila Sabarmati. Malgrado a

ocultação de fósforos e a vigilância dos criados, a Macaca de Cobre conseguia o que desejava, sem temer castigos ou ameaças. Durante um ano — às vezes com mais, às vezes com menos frequência — a Propriedade Methwold foi assaltada pela fumaça de sapatos calcinados. Por fim, os cabelos de minha irmã escureceram, ganhando uma anônima coloração castanha, e ela, ao que parece, desinteressou-se dos fósforos.

Amina Sinai, que abominava a idéia de bater nos filhos, incapaz por temperamento de erguer a voz, esteve a ponto de perder o juízo; e dia após dia a Macaca era condenada ao silêncio. Era esse o método disciplinar de minha mãe: impossibilitada de nos surrar, ela nos mandava selar os lábios. Algum eco, sem dúvida, do grande silêncio com que sua própria mãe atormentara Aadam Aziz persistia em seus ouvidos — pois também o silêncio faz eco, um eco mais profundo e mais duradouro do que as reverberações de qualquer som —, e com um enfático “*Psii!*” ela cobria a boca com um dedo e sentenciava nossas línguas à imobilidade. Era uma punição que nunca deixava de intimidar, levando-me à submissão; a Macaca de Cobre, entretanto, era feita de material menos flexível. Silenciosamente, atrás de lábios tão cerrados quanto os de sua avó, ela tramava a incineração do couro — da mesma forma que muito tempo atrás outro macaco em outra cidade executara o ato que tornou inevitável o incêndio de um armazém de oleados...

Ela era tão bonita (ainda que um pouco magricela) quanto eu era feio; mas foi, desde o princípio, turbulenta como um furacão e ruidosa como uma multidão. Contem as janelas e os vasos quebrados sem-querer-querendo; avaliem, se puderem, as refeições que davam um jeito de fugir dos traiçoeiros pratos de minha irmãzinha para ir manchar valiosos tapetes persas! O silêncio era, de fato, o pior castigo que lhe podia ser dado; mas ela o suportava com alegria, colocando-se inocentemente entre as ruínas de cadeiras quebradas e enfeites despedaçados.

— Que menina, essa Macaca! — dizia Mary Pereira. — Devia ter nascido com quatro patas!

Mas Amina, cuja mente recusava-se obstinadamente a eliminar a lembrança de que só por um triz escapara de dar à luz um filho de duas cabeças, gritava: — Mary! O que você está dizendo? Nem mesmo pense numa bobagem dessas! — Apesar dos protestos de minha mãe, a Macaca de Cobre era na verdade tão animal quanto humana; e, como todos os criados e todas as crianças da Propriedade Methwold sabiam, ela tinha o dom de falar com as aves e com os gatos. Com os cachorros também; mas depois que, aos seis anos, foi mordida por um suposto cão vadio raivoso e teve de ser arrastada todas as tardes, chutando e gritando, ao Hospital Breach Candy, durante três semanas, para tomar uma injeção na barriga, parece que ela ou esqueceu a língua dos cães ou então se recusou a manter qualquer relação com eles. Com as aves, ela aprendeu a cantar; com os gatos, uma forma perigosa de independência. O que mais enfurecia a Macaca de Cobre era alguém dirigir-lhe palavras amorosas; carente de afeto, privada dele por minha sombra esmagadora, a Macaca tendia a se virar contra quem lhe desse o que ela desejava, como se estivesse a defender-se da possibilidade de ser ludibriada.

... Foi assim quando Sonny Ibrahim reuniu coragem para lhe abrir o coração. — Ei, irmã de Salim, escute... Você é bacana. Você sabe, eu, hum... gosto muito de você... —

E imediatamente ela correu para onde o pai e a mãe dele estavam bebendo lassi, nos jardins da Sans Souci, para dizer: — Titia Nussie, não sei o que está havendo com o seu Sonny. Agora mesmo eu vi Ciro e ele atrás de uma moita, esfregando os pintinhos numas coisas!

A Macaca de Cobre tinha péssimos modos à mesa, pisava nos canteiros de flores e ganhou o rótulo de criança-problema; mas eu e ela éramos muito próximos, apesar das cartas emolduradas recebidas de Délhi e do sadhu debaixo da torneira. Desde o começo, resolvi tê-la como aliada e não como concorrente; e, em consequência disso, ela jamais me culpou por minha superioridade em casa, e dizia: “Que culpa você tem? É culpa sua

se eles pensam que você é tão importante?”. (Mas quando, anos depois, eu cometi o mesmo erro de Sonny, ela me tratou do mesmo modo.)

E foi a Macaca quem, ao atender um certo telefonema dado por engano, desencadeou a sucessão de fatos que conduziram a meu acidente num baú branco de roupa suja, feito de ripas.

Com quase nove anos, de uma coisa eu já sabia: todo mundo estava à minha espera. A meia-noite e as fotografias de bebê no jornal, os profetas e os primeiros-ministros tinham criado em torno de mim uma fulgente e inescapável névoa de expectativa... Por isso papai me puxava para cima de sua enorme barriga, na hora fresca do coquetel, para dizer: — Grandes coisas! Meu filho, o que não estará reservado a você, hein? Grandes feitos, uma grande vida!

Enquanto eu, me debatendo entre um lábio projetado e um enorme dedão do pé, molhando sua camisa com meu eterno nariz escorrendo, ficava vermelho e gemia: — Me solte, abba! Todo mundo está olhando!

E ele, me deixando morto de vergonha, rugia: — Deixe que olhem! É bom que o mundo inteiro veja o quanto eu amo meu filho!

E minha avó, ao nos visitar num certo inverno, também me aconselhou: — Você só tem que aprender a puxar as meias, comoquechama, e vai ser melhor do que qualquer outra pessoa no mundo todo!

À deriva nesse nevoeiro de previsões, eu já sentira dentro de mim os primeiros movimentos daquele animal informe que ainda hoje nestas noites sem Padma ruma e arranha em meu estômago: amaldiçoado por uma legião de esperanças e apelidos (eu já ganhara os de Farejador e Catarrento), passei a temer que todos estivessem equivocados — que minha tão trombeteada existência pudesse acabar se tornando completamente inútil, vazia e sem um fiapo de propósito. E foi para fugir desse animal feroz que me habituei a me esconder, desde muito pequeno, no grande baú branco de roupa suja de minha mãe; isso porque, embora a criatura estivesse dentro de mim, a reconfortante presença de lençóis

usados e aconchegantes parecia ter o dom de acalmá-la e fazê-la adormecer.

Fora do baú de roupa suja, cercado por pessoas que pareciam ter objetivos devastadoramente claros, eu me enterrava em contos de fadas. Hatim Tai e Batman, o Super-Homem e Simbad ajudavam-me a seguir adiante nos meus quase nove anos. Quando eu ia às compras com Mary Pereira — estarecido com sua capacidade de dizer a idade de um frango só de olhar o pescoço dele e com a resoluta determinação com que olhava nos olhos os pampos mortos —, eu me tornava Aladim atravessando uma caverna fabulosa; observando criados espanarem vasos com uma dedicação tão grandiosa quanto obscura, eu imaginava os quarenta ladrões de Ali Babá escondidos nas urnas espanadas; no jardim, vendo o sadhu Purushottam ser minado pela água, eu me transformava no gênio da lâmpada, evitando assim, ou quase, o pensamento terrível de que somente eu em todo o Universo não tinha nenhuma idéia do que deveria ser ou de como deveria me portar. O objetivo: ele rastejava às minhas costas quando, da minha janela, eu olhava moças européias brincando na piscina em forma de mapa à beira-mar. “Onde se consegue um objetivo?”, gritei em voz alta. A Macaca de Cobre, que dividia o quarto azul-celeste comigo, deu um salto assustado que quase a fez desmaiar. Eu tinha quase nove anos; ela, quase sete. Era muito novinha para se deixar perturbar pelo sentido da vida.

Mas nos baús de roupa suja não há criados nem ônibus escolares. Em meu quase nono ano de vida, eu havia começado a freqüentar o Ginásio Masculino Catedral e John Connon, na Outram Road, no bairro do velho forte. Banhado e escovado, todas as manhãs eu me punha ao pé da nossa colina de dois andares, de camisa branca, cinto elástico de listras azuis e fivela em forma de cobra, mochila no ombro e com meu colossal nariz de pepino escorrendo como de hábito; Caolho, Brilhantina, Sonny Ibrahim e o precoce Ciro, o Grande, também esperavam. E no ônibus, entre assentos sacolejantes e nostálgicas vidraças trincadas, quantas certezas! Quantas

convicções de quase nove anos sobre o futuro! Uma fanfarrice de Sonny: — Eu vou ser toureiro. Espanha! Chiquitas! Ei, toro, toro!

Estendendo diante de si a mochila como se fosse a muleta de Manolete, Sonny encenava seu futuro enquanto o ônibus sacolejava pela Kemp's Corner, passava pela Thomas Kemp and Co. (Farmacêuticos), por baixo do cartaz com o rajá da Air Índia (“Até logo, jacaré! Estou indo para Londres pela Air Índia!”) e pelo tapume no qual durante toda a minha infância o Kolynos Kid, um duende de dentes coruscantes com um chapéu verde, élfico e clorofílico, proclamava as virtudes do Creme Dental Kolynos: “Ah, que refrescante sensação de bem-estar!”. O garoto em seu tapume, as crianças no ônibus: unidimensionais, nivelados pela certeza, sabiam a que estavam destinados. Eis Keith “Papeira” Colaco, uma tireoidiana criança abalonada, com pêlos já lhe crescendo sobre o lábio: — Eu vou dirigir os cinemas do meu pai. Se vocês quiserem ver um filme, seus filhos-da-mãe, vão ter que pedir os lugares para mim!

E Perce Peixeiro Gordo, cuja obesidade não se deve a outra coisa senão a comida em excesso e que, com Keith Papeira, ocupa a posição privilegiada de valentão da classe: — Ah, isso não é nada! Eu vou ter diamantes, esmeraldas e pedras-da-lua! Pérolas do tamanho de testículos!

O pai de Perce Gordo é proprietário da outra joalheria da cidade; o arquiinimigo de Keith é o filho de mr. Fatbhoy, que, por ser pequeno e intelectual, sai-se mal na guerra das crianças com testículos de pérolas... E Caolho, anunciando seu futuro como jogador de críquete, com perfeito descaso à sua órbita vazia; e Brilhantina, cujos cabelos são tão lisos e bempenteadinhos quanto os do irmão são crespos e desarrumados, diz: — Que sujeitos mais egoístas! Eu vou para a Marinha, igual a meu pai. Vou defender meu país! — Ato contínuo, recebe uma chuvarada de régua, compassos, pingos de tinta...

No ônibus escolar, que seguia aos solavancos pela Chowpatty Beach, que dobrava à esquerda na Marine Drive, ao lado do apartamento de Hanif, meu tio predileto, e seguia além da Estação Victoria rumo à Flora

Fountain, passando pela estação de Churchgate e pelo Mercado Crawford, eu ficava em paz. Eu era o cortês Clark Kent protegendo minha identidade secreta. Mas que diabo era aquilo? — Ei, Catarrento! — gritou Keith Papeira. — Ei, o que vocês acham que o nosso Farejador vai ser quando crescer?

E a resposta gritada por Perce Peixeiro Gordo: — Pinóquio! — E os demais, juntando-se à gritaria, cantam num tumulto: “Nada, nada me segura!”, enquanto Ciro, o Grande, continua sentado, quieto como um gênio, planejando o futuro da principal instituição de pesquisa nuclear do país.

Em casa, a Macaca de Cobre punha fogo em sapatos e meu pai emergia das profundezas de sua queda para cair, mais uma vez, no devaneio dos tetrápodes... — Onde conseguir um objetivo? — eu perguntava de minha janela. O dedo do pescador apontava, enganosamente, para o mar.

Expulso de baús de roupa suja: gritos de “Pinóquio! Nariz de pepino! Cara de catarro!”. Metido em meu esconderijo, eu estava protegido da lembrança de miss Kapadia, a professora do Jardim-de-Infância Breach Candy que em meu primeiro dia de aula, ao se virar do quadro-negro para me saudar, vira meu nariz e deixara cair o apagador, alarmada; o apagador lhe esmagara o dedão do pé, num eco estridente porém em tom menor do famoso acidente de meu pai; enterrado em lenços sujos e pijamas amarrotados, eu podia esquecer, por algum tempo, minha feiúra.

A febre tifóide me atacou; o veneno da krait me curou; e a superaquecida taxa de crescimento de meus primeiros anos de vida esfriou. Quando eu estava perto dos nove, Sonny Ibraim era três centímetros e meio mais alto do que eu. No entanto, um pedaço do Pequeno Salim parecia imune a doenças e a extratos de cobras. Entre meus olhos, esse pedaço crescia como um cogumelo para a frente e para baixo, como se todas as minhas forças expansionistas, afugentadas do resto de meu corpo, houvessem decidido se concentrar naquela isolada e incomparável saliência... Entre meus olhos e sobre meus lábios, o nariz vicejava como

uma abóbora-pêra de exposição. (No entanto, fui poupado de dentes do siso; é sempre preciso estar atento às compensações.)

O que há num nariz? A resposta habitual: “Ora, um aparelho respiratório; órgãos olfativos; pêlos”. No meu caso, porém, a resposta era ainda mais simples, embora, sou forçado a admitir, um tanto repugnante: o que havia no meu nariz era catarro. *Data venia*, devo, infelizmente, insistir nos pormenores: o congestionamento nasal obrigava-me a respirar pela boca, o que me dava o ar de um ofegante peixinho dourado; entupimentos eternos condenaram-me a uma infância sem perfumes, a dias que desconhecera os odores de almíscar, de chambeli, de kasaundy de manga e de sorvete caseiro; e também os de roupa suja. Aquilo que no mundo exterior às cestas de roupa suja pode ser uma deficiência torna-se uma vantagem quando se está dentro delas. Mas só durante a estada ali.

Obcecado por um objetivo, eu me preocupava com meu nariz. Vestido com as roupas amargas que regularmente tia Alia mandava, eu ia à escola, jogava críquete francês, brigava, mergulhava em contos de fadas... e me preocupava. (Naqueles tempos, minha tia Alia dera para nos mandar um fluxo interminável de roupas infantis, em cujas costuras ela pregara seu fel de solteirona; a Macaca de Cobre e eu éramos vestidos com seus presentes, usando no começo os cueiros da amargura, depois os macacõezinhos do ressentimento; cresci com calções brancos engomados com a goma do ciúme, enquanto a Macaca usava os bonitos vestidinhos floridos da irredutível inveja de Alia... Sem perceber que nosso guarda-roupa estava nos grudando nas teias da vingança dela, levávamos avante nossas bem-vestidas vidas.) Meu nariz, elefantino como a tromba de Ganesh, ele deveria, eu pensava, ter sido um soberbo órgão respirador; em vez disso, vivia perpetuamente entupido, inútil como um churrasquinho de pau.

Basta. Eu me sentava dentro do baú de roupa suja e me esquecia de meu nariz; esquecia a escalada do Everest em 1953 — quando o desmazelado Caolho brincou: “Ei, gente! Acham que esse Tenzing seria capaz de escalar a cara do Farejador?” — e das brigas de meus pais por

causa de meu nariz, pelo qual Ahmed Sinai nunca se cansava de culpar o pai de Amina: — Na minha família nunca houve um nariz desses! Temos narizes excelentes; narizes altivos, narizes da realeza, mulher! — Naquela época Ahmed Sinai já começara a crer na estirpe fictícia que havia inventado para impressionar William Methwold; embebido de gênios da garrafa, ele via sangue mogol correndo em suas veias... Eu me esquecia também da noite em que, tendo eu oito anos e meio, meu pai, exalando gênios pelo hálito, entrou em meu quarto, arrancou os lençóis da cama e perguntou: — O que está pretendendo? Porco! De onde você veio, porco? — Olhei-o com sono; inocente; perplexo. Papai continuou a gritar. — Muito ruim! Imundo! Deus castiga meninos assim! Já fez seu nariz grande como um choupo. Ele vai retardar seu crescimento. Vai fazer seu pinto encolher!

E mamãe, entrando de camisola no sobressaltado quarto: — Janum, pelo amor de Deus. O menino só estava dormindo.

O gênio rugiu através dos lábios de meu pai, dominando-o por completo: — Olhe só para o nariz dele! E desde quando dormir fez alguém ficar com um nariz assim?

Num baú de roupa suja não há espelhos; nele não entram brincadeiras cruéis nem dedos apontados. A raiva dos pais é amortecida por lençóis sujos e por sutiãs usados. Um baú de roupa suja é um buraco no mundo, um lugar que a civilização pôs fora de si mesma, além de seus limites; isso o torna o melhor dos esconderijos. Dentro do baú eu era como Nadir Khan em seu submundo, protegido de todas as pressões, oculto das exigências de pais e da história...

... Papai, puxando-me para cima de sua polpuda barriga, falando com uma voz embargada pela emoção fácil: — Muito bem, muito bem, pronto, pronto, você é um bom menino; pode ser qualquer coisa que quiser; basta desejar de verdade! Agora durma...

E Mary Pereira fazendo eco a ele com sua cantilena: “Tudo que você quiser ser, será; poderá ser tudo o que quiser!”. Já me ocorrera que nossa

família acreditava implicitamente em boas causas empresariais; esperavam um belo retorno do investimento que tinham feito em mim. As crianças recebem abrigo, alimento, uns trocados, férias e amor. Tudo isso aparentemente de graça, e a maioria dos tolinhos pensa que seja uma espécie de compensação por terem nascido. “Ninguém me segura!”, cantavam. Mas eu, o Pinóquio, via os cordões que me seguravam. Os pais são movidos pelo lucro — nada mais, nada menos. Em troca da atenção deles, esperavam de mim o imenso dividendo da grandeza. Não me compreendam mal. Eu não me importava. Naquela época eu era uma criança cumpridora de seus deveres. Ansiava por lhes dar o que desejavam, o que adivinhos e cartas emolduradas lhes haviam prometido; porém, simplesmente não sabia como. De onde vinha aquela grandeza? Como conseguir um pouco dela? *Quando?*... Quando eu tinha sete anos, Adam Aziz e a Reverenda Mãe vieram nos visitar. Em meu sétimo aniversário, obedientemente, permiti que me vestissem como os meninos do quadro do pescador; acalorado e constrangido na indumentária exótica, eu sorria, sorria. — Vejam só o meu pedacinho de lua! — exclamou Amina, cortando um bolo coberto de bichinhos de glacê. — *Que gracinha!* Nunca derrama uma lágrima! — Montando trincheiras contra a enchente de lágrimas que me assomava aos olhos, as lágrimas do incômodo causado pelo calor e pela ausência de um centímetro sequer de chocolates em metro na minha pilha de presentes, levei uma fatia de bolo à Reverenda Mãe, adoentada na cama. Eu ganhara um estetoscópio de médico; ele estava em torno do meu pescoço. Ela me deu permissão para examiná-la; prescrevi mais exercícios.

— A senhora deve caminhar pelo quarto, ir até o armário e voltar, uma vez por dia. Pode se apoiar em mim; eu sou o médico. — O milorde inglês de estetoscópio ajudou a avó com papilas de bruxa a atravessar o quarto; claudicante, juntas estalando, ela obedeceu. Depois de três meses desse tratamento, ela se recuperou inteiramente. Os vizinhos vieram comemorar,

trazendo rasgullas, gulab-jamans e outros doces. Sentada como uma rainha num takht posto na sala, a Reverenda Mãe anunciou:

— Estão vendo meu neto? Ele me curou, comoquechama. Um talento! Um talento, comoquechama, é um dom de Deus. — Então era isso? Eu deveria parar de me preocupar? Seria o talento uma coisa inteiramente desligada de desejar, de aprender como, de saber ou simplesmente de ser capaz de? Alguma coisa que, na hora certa, cairia sobre meus ombros como um imaculado e delicadamente trabalhado xale de lã? A grandiosidade é um manto que cai: que nunca precisava ser mandado aos lavadeiros. Não se impregna de talento uma pedra... Aquela pista, a frase acidental de minha avó, era minha única esperança; e, como acabei constatando, minha avó não estava muito longe da verdade. (O acidente já se aproximava de mim; e os filhos da meia-noite estão esperando.)

Anos depois, no Paquistão, exatamente na noite em que o teto haveria de cair sobre sua cabeça, achatando-a mais do que uma panqueca de arroz, Amina Sinai viu o velho baú de roupa suja numa visão. Quando ele pipocou em suas pálpebras, saudou-o como a um primo não exatamente bem-vindo. “Com que então, você de novo”, disse-lhe. “Bem, e por que não? Hoje em dia as coisas não param de voltar para mim. Parece que não se pode deixar mais nada para trás.” Ela envelhecera precocemente, como todas as mulheres de nossa família; o baú lembrava-lhe o ano em que a velhice começara a se fazer sentir. A grande onda de calor de 1956 — que, segundo Mary Pereira me disse, era causada por pequenos e invisíveis insetos abrasantes — zumbiu em seus ouvidos mais uma vez. “Meus calos começaram a me matar nessa época”, disse ela em voz alta, e o homem da Defesa Civil, que fora em casa para fazer cumprir as normas do blecaute, sorriu tristonhamente consigo e pensou: “Os velhos se amortalam no passado durante uma guerra; assim estão prontos para morrer se for necessário”. Ele engatinhou pelas montanhas de toalhas felpudas defeituosas que enchiam a maior parte da casa e deixou Amina discutindo sua roupa suja em particular... Nussie Ibrahim, a Nussie Pata, sempre

admirava Amina: — Que *pose* você tem, querida! Que *tom*! Juro que fico maravilhada. Você desliza como se fosse um trólebus invisível!

Entretanto, no verão dos insetos abrasantes, minha elegante mãe finalmente perdeu a batalha contra os calos, pois o sadhu Purushottam de repente perdeu seus poderes mágicos. A água havia provocado uma erosão em seus cabelos e aberto ali uma área calva; o gotejamento contínuo dos anos o desgastara. Estaria ele desapontado com sua abençoada criança, o Mubarak? Seria por culpa minha que seus mantras tinham perdido o poder? Com expressão de profunda aflição, ele disse a mamãe: — Não se importe; apenas espere. Vou dar um jeito nos seus pés, com certeza. — No entanto, os calos de Amina pioraram; ela procurou médicos, que os congelaram com dióxido de carbono ao zero absoluto; mas isso só serviu para trazê-los de volta com redobrado vigor, de modo que ela passou a mancar, acabando para sempre com seus dias de deslizamento; e ela reconheceu a inconfundível saudação da velhice. (Empolgado pela fantasia, eu a transformei num ser fantástico: — Amma, talvez a senhora seja mesmo uma sereia, e tenha assumido a forma humana por amor a um homem, de modo que cada passo é como pisar em navalhas! — Mamãe sorriu, mas não riu.)

Mil novecentos e cinquenta e seis. Ahmed Sinai e o dr. Narlikar jogavam xadrez e discutiam — papai era um feroz adversário de Nasser, enquanto o médico o admirava abertamente.

— Esse homem é ruim para os negócios — dizia Ahmed.

— Mas tem estilo — respondia Narlikar, fulgindo passionadamente. — Ninguém lhe diz o que deve ou não deve fazer.

Na mesma época, Jawaharlal Nehru estava consultando astrólogos com relação ao Plano Quinqüenal do país, a fim de evitar outro Karamstan; e, enquanto o mundo combinava agressividade e ocultismo, eu me conservava escondido num baú de roupa suja que na verdade já ia ficando pequeno para mim; e Amina Sinai consumia-se em culpas.

Ela tentava afastar da mente sua aventura no hipódromo; mas não conseguia escapar do senso de pecado que as comidas da mãe haviam lhe incutido; por isso não era difícil pensar nos calos como um castigo... não só pela aventura de anos antes no Mahalaxmi como por não ter salvo o marido dos talões cor-de-rosa do alcoolismo; e pelos modos selvagens, pouco femininos, da Macaca de Cobre; e pelas dimensões do nariz do filho. Lembrando-me dela agora, parece-me que um nevoeiro de culpa começara a se formar em torno de sua cabeça — sua pele escura exsudava uma nuvem negra que pairava diante de seus olhos. (Padma acreditaria nisso; Padma saberia o que quero dizer!) E, à medida que a culpa crescia, o nevoeiro se espessava — sim, por que não?... Havia dias em que mal se via sua cabeça sobre o pescoço! Amina havia se tornado uma dessas pessoas raras que jogam as cargas do mundo sobre as próprias costas; ela começou a exsudar o magnetismo dos voluntariamente culpados; e daí em diante todos que entravam em contato com ela sentiam uma ânsia incontrolável de confessar suas próprias culpas. Quando sucumbiam aos poderes de minha mãe, ela lhes sorria com expressão doce, triste e brumosa, e as pessoas iam embora aliviadas, deixando suas culpas nos ombros dela; e o nevoeiro da culpa se adensava. Amina ouvia histórias de criados espancados e de autoridades subornadas; quando meu tio Hanif e sua mulher, a divina Pia, vinham nos visitar, contavam suas brigas com todas as minúcias; Lila Sabarmati confienciava suas infidelidades aos ouvidos benevolentes, solidários e sofredores de minha mãe; e Mary Pereira precisava lutar constantemente contra a tentação quase irresistível de confessar seu crime.

Confrontada com as culpas do mundo, mamãe sorria um sorriso enevoado e fechava os olhos com força; e, quando o teto caiu em sua cabeça, embora sua visão já estivesse gravemente prejudicada, ela ainda conseguia ver o baú de roupa suja.

O que estava, de fato, no fundo da culpa de minha mãe? Quero dizer, verdadeiramente por baixo dos calos, dos gênios das garrafas e das

confissões? Era um mal indizível, uma aflição que não podia sequer ser nomeada e que já não se restringia a sonhos com um marido subterrâneo... Minha mãe havia caído (tal como em breve aconteceria com meu pai) sob o fascínio do telefone.

Nas tardes daquele verão, tardes tão abrasadoras como toalhas quentes, o telefone tocava. Quando Ahmed Sinai estava adormecido em seu quarto, com suas chaves debaixo do travesseiro e cordões umbilicais no armário, a estridência do telefone sobrepunha-se ao zumbido dos insetos de verão; e mamãe, manquitolando em seus calos, ia até a sala atender. E, agora, que expressão é essa manchando seu rosto com a cor de sangue seco?... Sem saber que está sendo observada, por que esses lábios se debatem como peixes, por que essas caretas estranguladas? E por que, depois de ouvir em silêncio durante cinco minutos inteiros, minha mãe responde, com voz de vidro quebrado: “Desculpe. Não é este número”. Por que diamantes faíscam em suas pálpebras?... A Macaca de Cobre me sussurrou: — Da próxima vez que o telefone tocar, vamos descobrir.

Cinco dias depois. Mais uma vez, é de tarde. Mas hoje Amina está fora, visitando Nussie Pata, quando o telefone exige atenção. — Depressa! Depressa ou ele vai acordar! — Ágil como seu nome, a Macaca levanta o fone antes mesmo que Ahmed Sinai mude o ritmo de seu ronco... — Alô? Aqui é sete-zero-cinco-seis-um. Alô? — Ficamos à escuta, ansiosos. Por um momento, porém, nada ouvimos. E quando já estamos para desistir, vem a voz:

— Ah, sim... alô...

E a Macaca, quase gritando. — Alô! Quem é, por favor? — Silêncio novamente. A voz, que não foi capaz de se calar, pensa no que responder. E então:

— ... Alô!... É da Companhia Transportadora Shanti Prasad?

E a Macaca, rápida como um raio: — Sim, em que podemos ajudá-lo?

A voz, embaraçada, quase se desculpando: — Eu gostaria de alugar um caminhão.

Ah, a frágil desculpa da voz telefônica! Ah, a evidente insensatez de fantasmas! A voz ao telefone não era a voz de um locatário de caminhões; era macia, um pouco sensual, era a voz de um poeta... Mas depois disso o telefone continuou a tocar regularmente; às vezes mamãe o atendia, ouvia em silêncio, fazendo com a boca movimentos de peixe, e por fim, muito tempo depois, dizia: “Desculpe, não é este número”. Em outras ocasiões, eu e a Macaca nos amontoávamos ao redor do telefone, dois ouvidos grudados no aparelho, enquanto a Macaca anotava pedidos de caminhões. Eu cismava: — Ei, Macaca, o que você acha? Será que o sujeito não estranha o fato de os caminhões nunca chegarem?

E ela, de olhos arregalados, com voz trêmula: — Você não imagina, mas... talvez eles *cheguem!*

Mas eu não imaginava como; e uma minúscula semente de suspeita foi plantada em mim, um minúsculo vislumbre da idéia de que nossa mãe poderia ter um segredo... Nossa amma! Ela, que sempre dizia: “Guardem segredos e eles azedarão dentro de vocês; não contem as coisas e ficarão com dor de estômago!”. Uma centelha diminuta que minha experiência no baú de roupa suja haveria de transformar num incêndio de floresta. (Porque dessa vez, entendam, ela me deu provas.)

E agora, por fim, é chegada a hora da roupa suja. Mary Pereira adorava me dizer: — Se quer ser um grande homem, baba, tem de ser muito limpo. Troque de roupa — aconselhava — e sempre tome banho. Vá, baba, ou eu o mando para a lavanderia, e lá eles vão esfregá-lo na pedra. — Além disso, ameaçava-me com insetos: — Muito bem, então fique imundo. Mas só as moscas vão gostar de você. Vão pousar em você quando estiver dormindo; vão pôr ovos debaixo da sua pele! — Em parte, a escolha de meu esconderijo foi um gesto de rebeldia. Desafiando lavadeiros e moscas, eu me escondia no lugar imundo; extraía resistência e consolo de lençóis e toalhas; meu nariz escorria livremente nas roupas condenadas à pedra do lavadeiro; e toda vez que eu emergia da minha baleia de madeira para o mundo, a triste e madura sabedoria da roupa suja me acompanhava,

ensinando-me sua filosofia de calma e dignidade-a-despeito-de-tudo e a terrível inevitabilidade do sabão.

Numa tarde de junho, segui pé ante pé pelos corredores da casa adormecida na direção de meu refúgio; serpentei por minha mãe que dormia até o silêncio ladrilhado de seu banheiro; levantei a tampa do meu alvo; e mergulhei em seu macio ambiente de tecidos (predominantemente brancos), cujas únicas lembranças eram as de minhas visitas anteriores. Suspirando baixinho, abaixei a tampa e deixei que calças e coletes massageassem para longe as dores de se estar vivo, de não se ter objetivo e de se estar quase com nove anos.

Eletricidade no ar. Calor zumbindo como abelhas. Um manto paira em algum lugar no céu, à espera de cair sobre meus ombros... Em algum lugar, um dedo se aproxima de um disco de telefone; um disco gira, gira outra vez, pulsos elétricos disparam pelo cabo, sete-zero-cinco-seis-um. O telefone toca. A abafada estridência de uma campainha penetra no baú de roupa suja, no qual jaz, desconfortavelmente oculto, um menino de quase nove anos... Eu, Salim, enrijeço com o medo da descoberta, pois agora mais barulhos entraram no baú: estalos de molas de cama; o som macio de chinelos pelo corredor; o telefone silenciado em meio ao toque; e... Ou será imaginação? Estava a voz dela baixa demais para eu ouvir?... As palavras, pronunciadas, como de costume, muito tempo depois: — Desculpe, não é este número.

Agora, passos claudicantes retornam ao quarto; e os piores temores do menino escondido se concretizam. Maçanetas de portas, girando, gritam-lhe advertências; passos cortantes como navalhas ferem-no profundamente enquanto caminham pelos frios ladrilhos brancos. Ele se imobiliza, congelado, duro como um pau; seu nariz escorre em silêncio sobre roupas sujas. Um cadarço de pijama — arauto serpenteante do desastre! — insere-se em sua narina esquerda. Fungar seria morrer; ele se recusa a pensar no cadarço.

... Preso nas garras do terror, ele dá com seu olho pregado numa fresta do baú... e vê uma mulher chorando num banheiro. Chuva caindo de uma densa nuvem negra. E agora mais sons, mais movimentos: a voz de sua mãe começou a falar, duas sílabas, repetidamente; e as mãos dela começaram a se mexer. Ouvidos abafados por roupas de baixo esforçam-se por captar os sons. Um: *Dir? Bir? Dil?*... e o outro: *Ha? Ra?* Não... Na. Ha e Ra são banidos; Dil e Bir desaparecem para sempre; e o menino escuta, em seus ouvidos, um nome que não foi pronunciado desde que Mumtaz Aziz tornou-se Amina Sinai: Nadir. Na. Dir. Na.

E as mãos delas se mexem. Perdidas em suas recordações de outros dias, do que aconteceu depois do jogo da escarradeira no porão de Agra, elas flutuam prazerosamente nas faces de minha mãe; sustentam-lhe os seios mais firme do que sutiãs; e agora acariciam-lhe o diafragma nu, escapam para baixo... Sim, era isso que costumávamos fazer, meu amor, isso bastava, bastava para mim, ainda que meu pai nos obrigasse, e você fugiu, e agora o telefone, Nadirnadirnadirnadirnadirnadir... Mãos que seguraram o telefone agora seguram carne, enquanto em outro lugar, o que faz a outra mão? Depois de pôr o telefone no gancho, para onde vai a outra mão?... Não importa; porque aqui, em sua intimidade devassada, Amina Sinai repete um nome antigo, vezes sem conta, até que por fim ela explode: — *Arré, Nadir Khan*, de onde você surgiu agora?

Segredos. Um nome de homem. Movimentos de mão jamais vislumbrados. Uma mente infantil cheia de pensamentos sem forma, atormentada por idéias que se recusam a se estabelecer em palavras; e numa narina esquerda, um cadarço de pijama serpenteia, sempre para cima, para cima, recusando-se a ser ignorado...

E agora... Ah, mãe desavergonhada! Reveladora de duplicidade, de emoções que não têm lugar na vida familiar; e mais: Ah, desveladora impudica de Manga Negra! Enxugando os olhos, Amina Sinai é convocada a uma necessidade mais trivial; e, enquanto o olho direito de seu filho espia pelas frestas entre as ripas da tampa do baú de roupa suja, minha mãe

abre o sári! Enquanto eu, silenciosamente no baú: “Não faça isso, não faça isso, não!”... Mas não consigo fechar o olho. A pupila que não pisca capta a imagem invertida do sári caindo no chão, uma imagem que, como de costume, o cérebro trata de endireitar; através de olhos azul-glaciais, vejo uma combinação seguir-se ao sári; e então — ah, horror! — minha mãe, emoldurada por roupas sujas e por ripas, curva-se para pegar suas roupas! E ali está — cauterizando-me a retina — a visão das nádegas de minha mãe, negras como a noite, arredondadas e curvas, lembrando, mais do que qualquer outra coisa, uma gigantesca e negra manga Alfonso! Dentro do baú, nervoso pela visão, luto comigo mesmo... O autocontrole torna-se a um tempo imperativo e impossível... Sob a influência tonitruante da Manga Negra, meus nervos sucumbem; o cadarço de pijama conquista sua vitória; e, enquanto Amina Sinai senta-se num vaso sanitário, eu... o quê? Não foi um espirro; foi menos que um espirro. Tampouco uma contração; foi mais que isso. É hora de falar francamente: dilacerado pela voz bissilábica e pelas mãos adejantes, devastado pela Manga Negra, o nariz de Salim Sinai, reagindo à comprovação da duplicidade materna, estremecendo à presença do traseiro materno, cedeu ao cadarço do pijama e foi possuído por uma cataclísmica — transformadora do mundo — e irreversível *fungadela*. O cadarço sobe dolorosamente mais um centímetro dentro da narina. No entanto, outras coisas estão subindo também, puxadas por aquela febril inalação, líquidos nasais vão sendo sugados implacavelmente para cima, para cima, o muco fluindo em sentido ascendente, contra a gravidade, contra a natureza. Os seios nasais são submetidos a uma pressão insuportável... até que no interior daquela cabeça de quase nove anos alguma coisa explode. Através de uma represa fendida, o ranho se precipita por novos e escuros canais. O muco sobe mais alto do que jamais pretendeu subir. Líquidos, excreções, alcançando talvez as fronteiras do cérebro... Há um choque. Uma coisa elétrica qualquer foi umedecida.

Dor.

E então um barulho, ensurdecedor, multilíngüe, aterrorizante, *dentro de sua cabeça!* Dentro de um baú de roupa suja, branco, de madeira, dentro do auditório escurecido de meu cérebro, meu nariz começou a cantar.

Mas nesse momento não há tempo para escutar, pois uma voz está realmente muito próxima. Amina Sinai abriu a porta inferior do baú; venho abaixo com roupa enrolada na cabeça como um capuz amniótico. O cadarço de pijama sai do meu nariz; e agora clarões relampejantes atravessam as nuvens escuras em torno de minha mãe — e perdeu-se para sempre um refúgio.

— Eu não olhei! — gritei entre meias e lençóis. — Não vi nada, ammi, juro!!

E anos depois, numa cadeira de junco entre toalhas rejeitadas e um rádio que anunciava exageradas vitórias militares, Amina lembraria de ter carregado o filho mentiroso, com o polegar e o indicador em torno de sua orelha, para Mary Pereira, que como de hábito dormia numa esteira de junco num quarto azul-celeste. Dissera: — Este asno, este imprestável, vai ficar sem falar um dia inteiro. — E pouco antes que o teto caísse sobre ela, Amina disse em voz alta: — Foi culpa minha. Eu o criei muito mal. — No momento em que a explosão da bomba rasgou o ar, ela acrescentou, com suavidade mas firmeza, dirigindo suas últimas palavras na Terra ao fantasma de um baú de roupa suja: — Agora vá embora, já cansei de olhar para você.

No alto do monte Sinai, o profeta Musa, ou Moisés, ouviu mandamentos desencarnados; no monte Hira, o profeta Maomé (também conhecido como Mafoma ou Mafamede, ou ainda como Penúltimo) falou ao Arcanjo. (Gabriel, ou Jibreel, como quiserem.) E no palco do Ginásio Masculino Catedral e John Connon, dirigido “sob os auspícios” da Sociedade Educacional Anglo-Escocesa, meu amigo Ciro, o Grande, representando como sempre um papel feminino, ouviu as vozes de santa Joana pronunciando as frases de Bernard Shaw. Mas Ciro é quem destoa:

ao contrário de Joana, que ouviu vozes num campo, mas como Musa ou Moisés, como Maomé, o Penúltimo, ouvi minhas vozes numa colina.

Maomé (em cujo nome paire a paz, deixe-me acrescentar; não quero ofender quem quer que seja) ouviu uma voz que dizia “Recita!” e julgou estar enlouquecendo; eu ouvi, a princípio, uma cabeça cheia de línguas tagarelas como um rádio mal sintonizado; e com os lábios selados por ordens maternas, não tive como pedir consolo. Maomé, aos quarenta anos, buscou e encontrou solidariedade na mulher e nos amigos. “Verdadeiramente”, disseram-lhe, “és o Mensageiro de Deus.” Eu, sofrendo minha punição aos quase nove, não podia nem procurar a ajuda da Macaca de Cobre nem buscar palavras serenadoras em Mary Pereira. Emudecido durante uma tarde, uma noite e uma manhã, esforcei-me, sozinho, para entender o que tinha acontecido comigo; até que, por fim, vi o xale do talento descendo sobre mim como uma borboleta ornamentada, o manto da grandeza se ajeitando sobre meus ombros.

No calor daquela noite silenciosa (eu estava silenciado; fora de mim, o mar farfalhava com um som distante de papel; corvos crocitavam nas agonias de seus pesadelos emplumados; os sons intermitentes de táxis tardios subiam da Warden Road; a Macaca de Cobre, antes de adormecer com o rosto congelado numa máscara de curiosidade, implorou: — Vamos, Salim. Ninguém está ouvindo. O que você fez? Diga, diga, diga! — Enquanto isso, dentro de mim, as vozes ricochetearam nas paredes de meu crânio) fui agarrado pelos dedos quentes da excitação — os agitados insetos da excitação dançaram em meu estômago — porque finalmente, de alguma maneira que eu então não compreendia plenamente, a porta de minha cabeça, na qual certa vez Toxy Catrack dera um pequeno empurrão, fora arrombada; e através dela pude entrever... ainda turva, indefinida, enigmática... a razão para eu ter nascido.

Gabriel ou Jibreel disse a Maomé: “Recita!”. E então começou A Recitação, conhecida em árabe como Al-Quran: “Recita: Em Nome do Senhor teu Criador, que criou o Homem de coágulos de sangue...”. Isso foi

no monte Hira, fora de Meca Xarif; numa colina de dois andares defronte ao Club Breach Candy, vozes também me mandaram recitar: “Amanhã!”, pensei com excitação. “Amanhã!”

Ao romper do dia, eu descobrira que as vozes podiam ser controladas — eu era um rádio receptor e podia diminuir ou aumentar o volume; podia seleccionar vozes individuais; podia até, com um esforço da vontade, desligar meu recém-descoberto ouvido interior. Fiquei espantado com a rapidez com que perdi o medo; de manhã, eu já pensava: “Cara, isso é melhor do que a Rádio Pan-Índia. É melhor até do que a Rádio Ceilão!”.

Uma demonstração da lealdade entre irmãos: assim que as vinte e quatro horas se completaram, a Macaca de Cobre correu para o quarto de minha mãe. (Acho que era um domingo; não havia aula. Ou talvez não — aquele foi o verão das passeatas das línguas, e as escolas fechavam com freqüência por causa do perigo de violência nos itinerários dos ônibus.)

— Já deu a hora! — exclamou, sacudindo minha mãe para acordá-la. — Amma, acorde, está na hora. Ele já pode falar?

— Está bem — respondeu mamãe, indo a um quarto azul-celeste para me abraçar. — Está perdoado. Mas não se esconda mais lá...

— Amma — eu disse, ansioso —, minha ammi, por favor, escute. Preciso lhe dizer uma coisa. Uma coisa importante. Mas, por favor, primeiro acorde abba.

E depois de um período de “O quê?”, “Por quê?” e “Claro que não”, mamãe viu alguma coisa de extraordinário pousada em meus olhos e foi acordar Ahmed Sinai ansiosamente com um “Janum, venha, por favor. Não sei o que o Salim tem”.

A família e a ama reuniram-se na sala. Entre vasos de vidro lavrado e grossas almofadas, de pé num tapete persa debaixo das sombras rodopiantes de ventiladores de teto, sorri para seus olhares ansiosos e preparei minha revelação. Era o começo do reembolso do investimento que tinham feito em mim; meu primeiro dividendo... o primeiro de muitos, eu tinha

certeza... Minha mãe escura, o pai de lábio protuberante, uma irmã Macaca e a ama criminosa esperavam, numa ávida perplexidade.

Falar logo. Direto, sem rodeios. — Vocês deveriam ser os primeiros a saber — disse, tentando dar a meu discurso as cadências da idade adulta. E então eu lhes contei. — Ouvi vozes ontem. Vozes falam comigo dentro da minha cabeça. Acho.. ammi, abbu, acho de verdade... que os Arcanjos começaram a falar comigo.

Pronto, pensei. Pronto! Eu falei! Agora haverá tapinhas nas costas, doces, declarações públicas, talvez mais fotografias. Agora, seus peitos se inflarão, orgulhosos. Ah, cega inocência infantil! Em retribuição à minha honestidade — à minha sincera ânsia de agradar — fui atacado por todos os lados. Até a Macaca: — Meu *Deus*, Salim, toda essa encenação, tudo isso, só para uma de suas piadas bobas?

E pior do que a Macaca foi Mary Pereira: — Jesus Cristo! Salve-nos, Senhor! Santo Padre que está em Roma, quanta blasfêmia ouvi hoje!

E pior do que Mary Pereira foi minha mãe, Amina Sinai: com a Manga Negra agora escondida, com seus próprios nomes inpronunciáveis ainda quentes na boca, ela bradou: — Deus nos proteja! Essa criança ainda vai fazer o teto cair sobre a nossa cabeça! — (Isso também foi culpa minha?) E Amina continuou: — Negro! Idiota! Salim, seus miolos cozinham? O que foi que aconteceu com o meu filhinho? Está se transformando num louco? Num *torturador*?

E pior do que os berros de Amina foi o silêncio de meu pai; pior do que o medo de mamãe foi a cólera selvagem espalhada na testa dele; e o pior de tudo foi o punho de meu pai, que se estendeu de repente, com dedos grossos, juntas pesadas, forte como a pata de um touro, para desferir um murro do lado de minha cabeça, de modo que a partir daquele dia nunca mais ouvi direito com o ouvido esquerdo; caí de lado, atravessei a sobressaltada sala, cruzei o escandalizado ar e despedacei um tampo de mesa verde de vidro opaco; depois de sentir confiança em mim pela primeira vez na vida, fui arremessado a um mundo verde de vidro

nebuloso cheio de pontas cortantes, um mundo no qual eu não podia mais contar às pessoas que me eram mais caras as coisas que me aconteciam dentro da cabeça; lascas verdes laceraram minhas mãos quando penetrei naquele universo turbilhonante ao qual eu estava condenado, até que fosse tarde demais, a ser perseguido pelas constantes dúvidas quanto à minha *finalidade*.

Num banheiro de ladrilhos brancos ao lado de um baú de roupa suja, mamãe me fez um curativo com mercurocromo; a gaze velou meus cortes, enquanto da porta a voz de meu pai ordenava: — Mulher, não deixe ninguém dar comida a ele hoje. Está me ouvindo? Deixe que ele se divirta com sua brincadeira de barriga vazia!

Naquela noite Amina Sinai sonharia com Ramram Seth pairando dezessete centímetros acima do chão, com as órbitas dos olhos cheias de clara de ovo, e dizendo: “A roupa suja o esconderá... vozes o guiarão”. Mas quando, depois de vários dias em que o sonho lhe pesou sobre os ombros aonde quer que ela fosse, Amina juntou coragem para perguntar a seu desacreditado filho um pouco mais a respeito de sua absurda afirmativa, ele respondeu com uma voz tão contida quanto as lágrimas não derramadas de sua infância: — Eu só estava brincando, amma. Uma brincadeira boba, como a senhora disse.

Ela morreu, nove anos depois, sem descobrir a verdade.

# A Rádio Pan-Índia

A realidade é uma questão de perspectiva. Quanto mais nos afastamos do passado, mais concreto e plausível ele parece — mas, à medida que nos aproximamos do presente, inevitavelmente ele parece mais e mais inacreditável. Imagine-se num grande cinema, sentado de início na última fila, e depois indo para a frente aos poucos, fila a fila, até seu nariz ficar quase colado na tela. Gradualmente, o rosto dos atores vão se dissolvendo em grãos móveis; detalhes minúsculos assumem proporções gigantescas; a ilusão se dissolve... ou melhor, torna-se claro que a própria ilusão é a realidade. Passamos de 1915 para 1956, de modo que estamos bem mais perto da tela... Deixando de lado minha metáfora, reitero, sem um pinga de vergonha, esta minha inacreditável prerrogativa: após um curioso acidente num baú de roupa suja, eu me transformei numa espécie de rádio.

... Hoje, entretanto, sinto-me confuso. Padma não voltou... Devo avisar a polícia? Será ela uma Pessoa Desaparecida?... e, na ausência dela, minhas certezas se desmoronam. Até meu nariz começou a me pregar peças... De dia, enquanto caminho entre as tinas de conservas, cuidadas por nosso exército de mulheres fortes, de braços peludos e donas de uma formidável competência, descubro-me incapaz de distinguir o cheiro de limão do de lima. A força de trabalho ri por trás das mãos: o pobre sahib foi ludibriado por... o quê?... não será decerto pelo *amor*?... Padma, e as rachaduras se espalhando por todo o meu corpo, irradiando-se como teia de aranha a partir do umbigo; e o calor... um pouco de confusão é, com certeza, admissível nessas circunstâncias. Ao reler meu trabalho, percebi um erro

na cronologia. Nessas páginas, o assassinato do Mahatma Gandhi ocorre na data errada. No entanto, não posso dizer, agora, qual terá sido a verdadeira seqüência de acontecimentos; na minha Índia, Gandhi continuará a morrer na data errada.

Por acaso um erro invalida toda a trama? Estarei tão perdido em minha desesperada necessidade de objetivo que me disponho a distorcer tudo — reescrever toda a história de minha época simplesmente para me colocar no papel central? Hoje, em minha confusão, não posso julgar. Terei de deixar isso a cargo de outras pessoas. Para mim, não há volta; preciso terminar o que comecei, mesmo que, inevitavelmente, o que eu acabar não venha a ser o que comecei...

*Yé Akashvani hai.* Esta é a Rádio Pan-Índia.

Depois de sair para as ruas abrasadoras a fim de fazer uma refeição rápida num café iraniano próximo, voltei para sentar-me sob meu cone de luz, tendo por companhia apenas um radinho de pilha barato. Uma noite quente; o ar borbulhante invadido pelos persistentes perfumes das silenciosas tinas de pickles; vozes no escuro. Os vapores de conservas, pesadamente opressivos no calor, estimulam os sucos da memória, acentuando as semelhanças e as diferenças entre hoje e aquele tempo... Estava quente então; está quente agora (um calor fora de época). Naquele tempo, como agora, alguém estava acordado no escuro, ouvindo línguas desencarnadas. Então, como agora, o ouvido esquerdo surdo. E o medo vicejando no calor... Não eram as vozes (então ou agora) que infundiam medo. Ele, o então jovem Salim, tinha medo de uma idéia — a idéia de que a cólera dos pais pudesse levá-los a retirarem seu amor; que mesmo que comessem a acreditar nele, vissem seu dom como uma espécie de deformidade vergonhosa... do mesmo modo que eu agora, sem Padma, envio essas palavras à escuridão temendo que não acreditem em mim. Ele e eu, eu e ele... Não tenho mais o dom que ele possuía; ele nunca teve o meu. Há horas em que ele parece um estranho, quase... Ele não tinha rachaduras. Nenhuma teia de aranha espalhava-se por ele no calor.

Padma acreditaria em mim; mas não há mais Padma alguma. Antes, como agora, há fome. Mas de uma espécie diferente; agora não é a fome de quem tem o jantar negado, mas a de quem perdeu a cozinheira.

E outra diferença, mais óbvia: naquele tempo, as vozes não chegavam através das válvulas hesitantes de um rádio de pilha (o qual, em nosso pedaço de mundo, sempre simbolizará a impotência; desde o famoso suborno com radinhos gratuitos em troca de esterilização, essa máquina estridente representa o que os homens podiam fazer antes que tesouras cortassem e que nós fossem dados). Naquela época, o menino de quase nove anos em sua cama à meia-noite não necessitava de máquinas.

Diferentes e semelhantes, estamos reunidos pelo calor. Uma tremeluzente onda de calor, então e agora, funde o tempo dele no meu... Minha confusão, atravessando as ondas de calor, é também a dele.

O que cresce melhor no calor: cana-de-açúcar; coqueiros; certas variedades de painço, como a bajra, a ragi e a jowar; linhaça e (havendo água) chá e arroz. Nosso país de temperatura tão elevada é o segundo produtor mundial de algodão — pelo menos era, quando aprendi geografia sob os olhos desvairados de mr. Emil Zagallo e o olhar de aço de um emoldurado conquistador espanhol. No entanto, o verão tropical também gera frutos estranhos: as flores exóticas da imaginação ganham viço, para encher as abafadas noites perspirantes com odores tão pesados como o do almíscar, que trazem aos homens sonhos pressagos de insatisfação... Antes como agora, a intranqüilidade estava no ar. Manifestantes em passeata exigiam a divisão do Estado de Bombaim em fronteiras lingüísticas — o sonho de Maharashtra estava à testa de alguns desfiles, a miragem de Gujarat impelia outros adiante. O calor, corroendo as divisões mentais entre fantasia e realidade, fazia qualquer coisa parecer possível; o semidesperto caos das sextas vespertinas enevoava os cérebros dos homens e o ar estava carregado da viscosidade dos desejos atçados.

O que cresce melhor no calor: fantasia; insensatez; lascívia.

Em 1956, portanto, as línguas marchavam agressivamente pelas ruas de dia; à noite, provocavam tumultos em minha cabeça. *Acompanharemos sua vida com a mais detida atenção; ela será, em certo sentido, um espelho da nossa.*

É o momento de falar sobre as vozes.

Mas se ao menos nossa Padma estivesse aqui...

Eu estava enganado com relação aos Arcanjos, é claro. A mão de meu pai — golpeando-me o ouvido, numa imitação (consciente? involuntária?) de outra mão sem corpo que certa vez o esbofeteara no rosto — teve ao menos um efeito salutar: obrigou-me a reconsiderar, e por fim a abandonar, minha atitude original de imitação do Profeta. Na cama, naquela mesma noite da minha desgraça, refugiei-me bem fundo em mim, apesar de a Macaca de Cobre encher nosso quarto azul com suas amolações: — Mas *por que* você fez aquilo, Salim? Você, que sempre sabe tantas coisas... —, até que ela mergulhou num sono desgostoso, com a boca ainda trabalhando silenciosamente, e eu fiquei sozinho com os ecos da violência de meu pai zumbindo em meu ouvido esquerdo, o qual murmurava: “Nem Miguel, nem Anael, nem Gabriel; esqueça Cassiel, Sachiel e Samel! Os Arcanjos já não falam mais com mortais; a Recitação foi completada na Arábia há muito tempo; o último profeta só virá para anunciar o Fim”. Naquela noite, compreendendo que a quantidade de vozes em minha cabeça havia ultrapassado em muito o número dos anjos, decidi, não sem alívio, que afinal de contas eu não fora escolhido para presidir ao fim do mundo. Minhas vozes, longe de serem sagradas, mostraram-se tão profanas e abundantes quanto a poeira.

Então, era telepatia; o tipo de coisa que sempre se lê nas revistas sensacionalistas. Mas peço paciência — esperem. Esperem apenas. Era telepatia; mas também algo mais. Não desistam de mim tão rápido.

Telepatia, então: os monólogos interiores de todos os assim chamados milhões fervilhantes, tanto de massas como de classes, lutavam por espaço dentro de minha cabeça. No começo, quando eu me contentava em ser

platéia — antes que começasse a *agir* —, havia um problema de idioma. As vozes tagarelavam em todos os dialetos, desde os do malayalam até os do naga, desde a pureza do urdu de Lucknow até os anasalamentos meridionais do tâmil. Eu só entendia uma fração das coisas ditas dentro das paredes de meu crânio. Só mais tarde, quando comecei a investigar, foi que aprendi que, abaixo da superfície das transmissões — o material que eu captara originalmente —, a linguagem se desvanecia, sendo substituída por formas mentais universalmente inteligíveis que transcendiam em muito as palavras. Mas isso foi depois que ouvi, sob o frenesi poliglota em minha cabeça, aqueles outros sinais preciosos, inteiramente diferentes de tudo o mais, na maioria tênues e distantes, como tambores longínquos cujo insistente pulsar por fim irrompia sobre a cacofonia de mercado de peixe que eram as minhas vozes — aqueles chamados secretos, noturnos, como um apelo, como... os rádios-faróis inconscientes dos filhos da meia-noite, que nada mais sinalizavam senão sua existência, transmitindo simplesmente “Eu”. Desde longe no norte, “Eu”. E a sul, a leste e a oeste: “Eu”. “Eu.” “E eu.”

Mas não devo me atropelar. No começo, antes que me desse conta de alguma coisa além de telepatia, eu me satisfazia com ouvir; e em breve tornei-me capaz de “sintonizar” meu ouvido interior com as vozes que entendia; tampouco demorou para que eu distinguisse, no vozerio, as vozes de minha própria família; e a de Mary Pereira; e as de amigos, colegas de escola, professores. Na rua, aprendi a identificar o fluxo mental de transeuntes desconhecidos — as leis do efeito Doppler continuavam a atuar nesses domínios paranormais, e as vozes cresciam e diminuía à medida que os estranhos se aproximavam e se afastavam.

Tudo isso eu guardava para mim mesmo. Recordando diariamente (pelo zumbido em meu desafortunado ouvido esquerdo) a ira de meu pai, e ansioso por conservar o ouvido direito em bom estado, selei os lábios. Para um menino de nove anos, esconder o que sabe apresenta dificuldades

quase intransponíveis; felizmente, porém, meus entes queridos estavam tão ansiosos por esquecer minhas explosões quanto eu por ocultar a verdade.

— Ah, Salim! As coisas que você disse ontem! Que vergonha, menino. Seria melhor você lavar a boca com sabão! — Na manhã depois de minha desgraça, Mary Pereira, tremendo como uma de suas geléias, sugeriu o método perfeito para a minha reabilitação. Curvando a cabeça contritamente, fui, sem uma palavra, para o banheiro, e ali, diante do olhar atônito da ama e da Macaca, esfreguei os dentes, a língua, o céu da boca e as gengivas com uma escova de dentes coberta com a espuma cáustica e malcheirosa do Sabão de Alcatrão. A notícia de minha penitência teatral correu rapidamente pela casa, levada por Mary e pela Macaca. E mamãe me abraçou (“Isso, meu bom menino. Não vamos falar mais sobre esse assunto.”), e Ahmed Sinai assentiu de má vontade na mesa do café: — Pelo menos, o garoto tem a coragem de admitir que foi longe demais.

E, à medida que saravam meus cortes causados pelos vidros, era como se minha anúncio também fosse se apagando; e por ocasião de meu nono aniversário ninguém, além de mim, se lembrava do dia em que eu tomara o nome dos Arcanjos em vão. O gosto de detergente permaneceu em minha língua várias semanas, recordando-me a necessidade de manter segredo.

Até a Macaca de Cobre ficou satisfeita com minha demonstração de arrependimento — a seus olhos, eu retornara à normalidade, e era mais uma vez o filhinho virtuoso da família. Para mostrar sua disposição de restaurar a antiga ordem das coisas, ateou fogo aos chinelos favoritos de mamãe e recuperou seu lugar de direito como a pessoa malvista da casa. Entre os estranhos, além disso — demonstrando um conservadorismo de que jamais se teria suspeitado em uma garota tão pouco feminina —, ela cerrava fileiras com meus pais e fazia segredo de minha única aberração para os amigos dela e os meus.

Num país em que qualquer peculiaridade física ou mental numa criança constitui fonte de enorme vergonha para a família, meus pais, que

havam se acostumado a sinais faciais de nascença, nariz de pepino e pernas arqueadas, simplesmente se recusavam a ver em mim novas coisas embaraçosas; de minha parte, nem uma vez sequer referi-me aos zumbidos em meu ouvido, aos ocasionais sinos retumbantes da surdez, à dor intermitente. Eu havia aprendido que segredos nem sempre são coisas ruins.

Mas imaginem a confusão dentro de minha cabeça! Nela, atrás do rosto medonho, acima do gosto de sabão na língua, bem próximo ao tímpano perfurado, ocultava-se uma mente não muito arrumada, tão cheia de bricabraques quanto os bolsos de meninos de nove anos... Imaginem-se, de alguma forma, dentro de mim, olhando através de meus olhos, escutando o ruído, as vozes, e agora a obrigação de não deixar ninguém saber. A parte mais difícil consistia em demonstrar surpresa, como nas ocasiões em que mamãe dizia Ei, Salim, sabia que vamos fazer um piquenique na Colônia Aarey? e eu tinha de responder Puxa, que bom!, embora já soubesse disso havia muito tempo, pois escutara a silenciosa voz interior dela, E em meu aniversário ver todos os presentes nas mentes dos convidados antes mesmo que fossem desembulhados, E ver a caça ao tesouro estragada porque ali na cabeça de meu pai estava o lugar onde ele havia escondido cada prêmio, E coisas muito mais difíceis, como ir ver meu pai em seu escritório no andar térreo (aqui estamos) e no momento em que chego lá minha cabeça se enche de não sei quantas porcarias porque ele está pensando em sua secretária, Alice ou Fernanda, sua mais recente garota Coca-Cola, ele a despe lentamente na cabeça, e aquilo também está na minha cabeça, ela está sentada inteiramente nua numa cadeira de junco e agora está se levantando com marcas entrecruzadas em todo o traseiro, é o que meu pai está pensando, MEU PAI, agora ele está olhando para mim de um jeito engraçado, O que é que há, meu filho, não se sente bem? Estou bem, abba, preciso ir embora agora, TENHO DE SAIR DAQUI, dever de casa para fazer, abba, e sair, ir embora antes que ele veja o sinal em meu rosto (meu pai sempre dizia que quando eu mentia uma luz vermelha piscava

em minha testa)... Vejam como é difícil, meu tio Hanif vem para me levar à luta e antes mesmo de chegarmos ao ginásio Vallabhbhai Patel, em Hornby Vellard, sinto-me triste. Estamos caminhando com a multidão ao longo de gigantescas imagens de papelão de Dara Singh e Tagra baba e os demais, e essa tristeza, a tristeza de meu tio predileto se derrama em mim, ela vive como um lagarto, apenas um pouco abaixo da cerca viva de sua jovialidade, oculta por seu riso retumbante que foi no passado o riso do barqueiro Tai, estamos instalados em excelentes lugares enquanto os refletores dançam nas costas dos lutadores entrelaçados e sou apanhado pelas garras invencíveis do desgosto de meu tio, o desgosto de sua descendente carreira cinematográfica, fracasso após fracasso, é provável que ele nunca mais venha a dirigir um filme, Mas não devo deixar a tristeza vazar de meus olhos, Ele está forçando a passagem em meus pensamentos, Ei phaelwan, ei meu pequeno lutador, por que está com essa cara triste, sua cara está mais comprida do que um filme ruim, quer channa? pakoras? o quê?, E eu balançando a cabeça, Não, nada, Hanif mamu, de modo que ele relaxa, dá as costas, começa a gritar Ohé, vamos Dara, é isso aí, dê duro nele, Dara *yara!*, E de volta à casa, minha mãe acorada no corredor com a cuba de sorvete, dizendo com sua voz exterior, real, Quer me ajudar a fazer sorvete, meu filho?, é seu sabor favorito, pistache, e estou virando a manivela, mas a voz interior dela está se chocando violentamente contra o interior da minha cabeça, posso ver como ela tenta encher todos os cantos e desvãos de seus pensamentos com coisas cotidianas, o preço do pampo, a lista de tarefas domésticas, Preciso chamar o eletricista para consertar o ventilador da sala de jantar, como ela está se concentrando desesperadamente em pedaços do marido para amá-los, mas a palavra impronunciável não pára de abrir espaço, as duas sílabas que ela deixou escapar no banheiro aquele dia, Na Dir Na Dir Na, é cada vez mais difícil para ela desligar o telefone quando soa o número errado, MINHA MÃE, eu lhe digo que quando um menino entra nos pensamentos dos adultos eles podem realmente confundi-lo por completo, E até à noite

não há descanso, quando bate a meia-noite acordo com os sonhos de Mary Pereira dentro da cabeça, Noite após noite Sempre na minha própria hora fantasmagórica, que também tem significado para ela, Os sonhos de Mary são atormentados pela imagem de um homem que morreu faz muitos anos, Joseph D'Costa, o sonho me diz seu nome, ele está revestido de uma culpa que não consigo entender, a mesma culpa que se insinua em nós toda vez que comemos os chutneys que ela prepara, há um mistério aqui, mas como o segredo não está na frente de sua mente não consigo deslindá-lo, e enquanto isso Joseph está lá, toda noite, às vezes na forma humana, mas nem sempre, às vezes ele é um lobo, ou um caracol, certa vez um cabo de vassoura, mas nós (ela-sonho, eu-olhar) sabemos que é ele, funesto implacável acusador, amaldiçoando-a na linguagem das encarnações dele, uivando para ela quando é Joseph-lobo, cobrindo-a com os mucos de Joseph-caracol, surrando-a com o cabo de sua encarnação de vassoura... e de manhã quando ela me diz que vá tomar banho para ir à escola eu preciso morder a língua para calar as perguntas, tenho nove anos e estou perdido na confusão das vidas de outras pessoas que vão se fundindo e se tornando indistintas no calor.

Para encerrar esse relato dos primeiros tempos de minha vida transformada, tenho de acrescentar uma dolorosa confissão: ocorreu-me que eu poderia melhorar o conceito de meus pais sobre mim se utilizasse minha nova faculdade para me ajudar em meus deveres escolares — em suma, comecei a trapacear nas aulas. Quer dizer, eu sintonizava minha mente nas vozes interiores dos professores e também nas de meus colegas mais capacitados e extraía informações de suas cabeças. Descobri que pouquíssimos mestres eram capazes de dar uma prova sem antes ensaiar as respostas ideais na mente — e além disso eu sabia que, naquelas raras ocasiões em que o professor estava preocupado com outras coisas, com sua vida amorosa ou com suas dificuldades financeiras, as soluções sempre podiam ser encontradas na mente precoce e prodigiosa do gênio de nossa classe, *Ciro, o Grande*. Minhas notas começaram a melhorar

espetacularmente — mas não de maneira exagerada, pois eu tomava cuidado para tornar minhas versões diferentes das dos originais roubados; até mesmo quando plagiei, telepaticamente, toda uma composição de Ciro, acrescentei vários toques pessoais medíocres. Meu intuito era evitar suspeitas; não consegui, mas furtei-me à descoberta. Sob os olhos furiosos e interrogativos de Emil Zagallo, eu me mantinha seraficamente inocente; diante da perplexidade divertida de mr. Tandon, o professor de inglês, que balançava a cabeça, eu cometia minhas deslealdades em silêncio... certo de que não dariam crédito à verdade mesmo que, por tolice ou distração, eu desse com a língua nos dentes.

Vou resumir: um ponto crucial da história de nossa nação-criança, numa época em que planos quinquenais eram elaborados, em que as eleições se aproximavam e manifestantes das línguas marchavam sobre Bombaim, um menino de nove anos chamado Salim Sinai adquiriu um dom miraculoso. Malgrado os muitos usos vitais que seu pobre e subdesenvolvido país poderia dar a suas aptidões, ele preferiu esconder seus talentos, esbanjando-os no voyeurismo incoseqüente e em tramóias insignificantes. Tal conduta — que, confesso, nada tinha a ver com o comportamento de um herói — era resultado direto de uma confusão em sua cabeça, que invariavelmente misturava moralidade — o desejo de agir de modo correto — com popularidade — o desejo um tanto mais dúbio de aprovação. Temendo que os pais o relegassem ao ostracismo, ele reprimiu as notícias de sua metamorfose; buscando elogios desses mesmos pais, abusou dos seus dons na escola. Essa imperfeição de caráter pode ser parcialmente desculpada por seus tenros anos; mas só parcialmente. Um raciocínio confuso viria a infernizar grande parte de sua carreira.

Quando quero, sei ser bastante severo nos julgamentos que faço de mim mesmo.

O que havia no teto plano do Jardim-de-Infância Breach Candy? — um teto que, vocês se recordam, podia ser alcançado do jardim da Vila Buckingham, simplesmente transpondo-se um muro. O que, não mais

capaz de cumprir a função a que fora destinado, nos vigiava naquele ano em que até o inverno se esqueceu de esfriar... o que observava Sonny Ibrahim, Caolho, Brilhantina e eu mesmo, enquanto jogávamos kabaddi, críquete francês e pedrinhas, com a participação ocasional de Ciro, o Grande, e de outros amigos, visitantes, como Perce Peixeiro Gordo e Keith Papeira Colaco? O que estava presente nas freqüentes ocasiões em que Bi-Appah, a ama de Toxy Catrack, gritava do último andar da casa de Homi: “Moleques! Vagabundos imprestáveis! Parem com esse barulho!”, de modo que todos fugíamos correndo, voltando (depois que ela sumia de vista) para fazer caretas mudas na direção da janela em que ela se postara? Em suma, o que era aquilo, alto, azul e flocoso, que vigiava nossas vidas, que parecia, durante algum tempo, estar marcando passo, esperando não só o tempo próximo em que vestiríamos calças compridas mas também, quem sabe, a chegada de Evie Burns? Talvez queiram pistas: o que era aquilo que havia, antes, ocultado bombas? Onde Joseph D’Costa morrera da picada de uma cobra?...

Quando, depois de alguns meses de tormento interior, finalmente procurei fugir às vozes dos adultos, encontrei refúgio numa velha torre de relógio, que ninguém se dava o trabalho de trancar; e foi ali, na solidão do tempo ferruginoso, que dei, paradoxalmente, meus primeiros passos hesitantes na direção daquele envolvimento com episódios sérios e figuras públicas do qual nunca mais viria a me livrar... Nunca mais, até a Viúva...

Banido dos baús de roupa suja, comecei, sempre que possível, a rastejar sem ser visto para o interior da torre das horas inválidas. Quando o largo se esvaziava dos olhos vigilantes pelo calor ou pelo acaso; quando Ahmed e Amina iam ao Clube Willingdon para saraus de canastra; quando a Macaca de Cobre estava fora, orbitando em torno de suas recém-adquiridas heroínas, as equipes de natação e salto da Escola Feminina Walsingham... Ou seja, quando as circunstâncias permitiam, eu penetrava em meu esconderijo secreto, estendia-me sobre a esteira de palha que furtara dos criados, fechava os olhos e deixava meu recém-despertado ouvido interior

(que, como todos os ouvidos, ligava-se a meu nariz) vaguear livremente pela cidade — e até mesmo além de seus limites, norte, sul, leste e oeste —, captando toda espécie de coisas. Para fugir às intoleráveis pressões de escutar os pensamentos de pessoas que eu conhecia, praticava minha arte em estranhos. Assim, minha entrada nos negócios públicos da Índia ocorreu por motivos inteiramente ignóbeis — perturbado por um excesso de intimidade, eu utilizava o mundo fora de nossa colina para obter um ligeiro alívio.

Eis o mundo tal como descoberto ali de uma torre de relógio dilapidada: a princípio eu não passava de um turista, uma criança que olhava através dos milagrosos buraquinhos de uma máquina “Dilli-dekho” particular. Tambores batucaram em meu ouvido esquerdo (lesionado) quando tive meu primeiro vislumbre do Taj Mahal através dos olhos de uma inglesa gorda que sofria de cólicas intestinais; depois disso, para equilibrar sul e norte, saltei para o templo Meenakshi de Madurai e aconcheguei-me entre as percepções lanosas e místicas de um sacerdote que entoava uma litania. Passei pela praça Connaught, em Nova Délhi, disfarçado de condutor de um jinriquixá motorizado, queixando-me azedamente a meus fregueses do preço da gasolina; em Calcutá, dormi em um cano de esgoto. Mais tarde, já inteiramente infectado por esse vírus deambulatório, alojei-me de um pulo no cabo Comorin e tornei-me uma peixeira cujo sári era tão justo quanto seus princípios morais eram frouxos... De pé em areias vermelhas banhadas por três mares, namorei vagabundos de praia dravidianos numa língua que eu não compreendia; depois subi ao Himalaia, para a tenda neandertalense e musgosa de um aborígene goojar, debaixo do esplendor de um arco-íris perfeitamente circular e da moraina da galeira Kolahoi. Na fortaleza dourada de Jaisalmer, provei a vida interior de uma mulher que confeccionava vestidos com minúsculos pedacinhos de espelhos, e em Khajuraho fui um aldeão adolescente profundamente embaraçado com as eróticas esculturas tântricas dos templos campestres de Chandela, mas incapaz de desviar os olhos... Nas simplicidades exóticas das viagens, eu

conseguia encontrar uma pitada de paz. No final, entretanto, o turismo deixou de ser satisfatório; a curiosidade começou a me espicaçar. “Vamos descobrir”, disse a mim mesmo, “o que está acontecendo por aqui.”

Com o espírito eclético de meus nove anos a me acicatar, saltei para dentro da cabeça de estrelas do cinema e de jogadores de críquete... Fiquei sabendo da verdade que estava por trás do mexerico da revista *Filmfare* sobre o dançarino Vyjayantimala e joguei ao lado de Polly Umrigar no estádio Brabourne; fui a dubladora de músicas Lata Mangeshkar e o palhaço Bubu no circo atrás das Civil Lines... E inevitavelmente, através do processo aleatório de saltar de mente em mente, descobri a política.

Num momento eu era um latifundiário de Uttar Pradesh, a pança abundando sobre o cadarço do pijama enquanto ordenava aos servos que lançassem ao fogo o excedente de cereais, e em outro momento eu morria de fome em Orissa, onde havia, como de hábito, escassez de alimentos: eu tinha dois meses de idade e o leite de minha mãe secara. Ocupei, por breve tempo, a mente de um militante do Partido do Congresso, que subornava um mestre-escola de aldeia para que ele apoiasse o partido de Gandhi e Nehru na campanha eleitoral que se aproximava; foram também meus os pensamentos de um camponês de Kerala que resolvera votar nos comunistas. Minha ousadia cresceu: certa tarde, decidi invadir a cabeça do ministro-chefe de nosso Estado, e foi assim que descobri, mais de vinte anos antes que isto se tornasse uma piada nacional, que Morarji Desai “bebia sua própria água” todos os dias... Estive dentro dele, provando o gosto e o calor do líquido enquanto ele sorvia um espumante copo de urina. E por fim meu ápice: tornei-me Jawarhalal Nehru, primeiro-ministro e autor de cartas emolduradas; sentei-me ao lado do grande homem entre um grupo de astrólogos semidesdentados e de barbas ralas, e ajustei o Plano Quinquenal para conciliá-lo harmoniosamente com a música das esferas... A alta sociedade inebria. “Olhem para mim”, eu exultava em silêncio. “Posso ir a qualquer lugar que eu deseje!” Naquela torre antes atulhada de alto a baixo com os engenhos explosivos do ódio de

Joseph D’Costa, essa frase (acompanhada pelos apropriados efeitos sonoros tiquetaqueantes) caiu em cheio, e plenamente formada, em meus pensamentos: “Eu sou a bomba de Bombaim... venham me ver explodir!”.

Isso porque desabara sobre mim a sensação de que de alguma forma eu estava criando um mundo; de que os pensamentos para dentro dos quais eu saltava eram *meus*, de que os corpos que eu ocupava agiam sob meu comando; de que, ao se derramarem para dentro de mim as atualidades, as artes, os esportes, toda a rica variedade de uma estação de rádio de primeira classe, de alguma forma eu *estava fazendo com que acontecessem...* Vale dizer, eu fizera minha a ilusão dos artistas e considerava as inúmeras realidades do país como a informe matéria-prima de meu dom. — Posso descobrir qualquer coisa que quiser! — rejubilei-me. — Não existe nada que eu não possa saber!

Hoje, olhando com uma visão retrospectiva para aqueles anos perdidos e gastos, posso dizer que o espírito de autoglorificação que se apoderou de mim foi um ato reflexo, nascido do instinto de autopreservação. Se eu não houvesse acreditado estar no controle das multidões transbordantes, a massa de suas identidades me teria aniquilado... Mas ali, na minha torre de relógio, invadido pela insolência do meu divertimento, tornei-me Sin, o ancestral Deus-Lua (não, não era indiano: nós o importamos da Hadhramaut da Antiguidade), capaz de agir à distância e de alterar as marés do mundo.

Mas a morte, quando visitou a Propriedade Methwold, ainda logrou pegar-me de surpresa.

\* \* \*

Muito embora o congelamento de seus bens tivesse terminado havia muitos anos, a zona abaixo da cintura de Ahmed Sinai continuou tão fria como gelo. Desde o dia em que ele bradara “Os desgraçados congelaram os meus colhões!” e que Amina os tomara em suas mãos para aquecê-los e os dedos se colaram a eles por causa do frio, o sexo de Ahmed permanecera dormente, um lanoso elefante num iceberg, tal como o que encontraram

na Rússia em 1956. Minha mãe Amina, que se casara para ter filhos, sentia as vidas incriadas apodrecendo em seu ventre e culpava-se por não o atrair mais, por causa de seus calos e do resto. Discutiu sua infelicidade com Mary Pereira, mas a aia lhe disse apenas que não era possível encontrar felicidade junto dos “homens”; elas faziam pickles enquanto conversavam, e Amina lançou suas insatisfações num chutney de lima que nunca deixava de lhe marejar os olhos.

Embora as horas de trabalho de Ahmed Sinai fossem cheias de fantasias sobre secretárias tomando ditados como vieram ao mundo, visões de suas Fernandas ou Poppys andando pela sala de maiô e com marcas de assento de junco nas nádegas, seu aparelho se recusava a reagir; e um dia, depois que a verdadeira Fernanda ou Poppy foi para casa e ele estava jogando xadrez com o dr. Narlikar, e que sua língua e também seu jogo já estavam um tanto frouxos por causa dos gênios das garrafas, ele confidenciou, desajeitado: — Narlikar, parece que perdi o interesse por... você sabe o quê.

Um fulgor de prazer irradiou do luminoso ginecologista; o fanático controlador da natalidade que morava dentro do moreno e refulgente médico saltou de seus olhos e pronunciou o seguinte discurso:

— Magnífico! — bradou o dr. Narlikar. — Irmão Sinai, *como é bom viver assim!* Você... e, posso acrescentar, também eu... sim, eu e você, Sinai bhai, somos pessoas de raro valor espiritual! Para nós, nada das ofegantes humilhações da carne... Não será melhor, pergunto-lhe, renunciar à procriação... evitar acrescentar mais uma miserável vida humana às vastas multidões que reduzem à miséria o nosso país... e, em vez disso, canalizar nossas energias para a tarefa de dar a elas mais *terras em que viver?* Eu lhe digo, amigo: você, eu e nossos tetrápodes haveremos de arrancar solo do próprio oceano!

Para consagrar esse discurso, Ahmed Sinai serviu bebidas; meu pai e o dr. Narlikar brindaram ao quadrúpede sonho de concreto.

— Terra, sim; amor, não! — bradou o dr. Narlikar, um pouco titubeante; papai voltou a encher-lhe o copo.

Nos últimos dias de 1956, o sonho de empurrar o mar para longe com a ajuda de milhares e milhares de enormes tetrápodes de concreto — o mesmo sonho que fora a causa do congelamento, e que agora era, para meu pai, uma espécie de sucedâneo da atividade sexual que as conseqüências do congelamento lhe haviam negado — parecia verdadeiramente próximo da realização. Dessa vez, porém, Ahmed Sinai investiu seu dinheiro com cuidado; dessa vez manteve-se em segundo plano, e seu nome não apareceu em nenhum documento; dessa vez aprendera a lição do congelamento e estava decidido a chamar o mínimo possível de atenção sobre si; de modo que quando o dr. Narlikar o atraçou, morrendo sem deixar nenhum registro do envolvimento de meu pai no projeto dos tetrápodes, Ahmed Sinai (que tendia, como vimos, a reagir mal diante do desastre) foi abocanhado por um longo e serpenteante declínio do qual não escaparia até que, já no finzinho da vida, finalmente se apaixonou por sua mulher.

Esta foi a história que chegou à Propriedade Methwold: o dr. Narlikar estivera visitando amigos na Marine Drive; terminada a visita, resolveu caminhar pela praia Chowpatty e comprar um pouco de bhel-puri e de leite de coco. Enquanto seguia a passo rápido pela calçada junto do quebra-mar, deu com a rabeira de uma passeata étnica, que se movia devagar, gritando palavras de ordem pacificamente. O dr. Narlikar aproximou-se do lugar onde, com a permissão da Empresa Municipal, fizera com que um tetrápode simbólico fosse colocado sobre o quebra-mar, como uma espécie de ícone do caminho para o futuro; e ali ele notou uma coisa que o fez perder a razão. Um grupo de mendigas se reunira em torno do tetrápode e estava realizando o ritual do puja. Havia acendido lampiões na base do objeto; uma delas pintara o símbolo OM em sua extremidade soerguida; entoavam orações, enquanto lavavam o tetrápode misticamente. O milagre tecnológico transformara-se em lingam de Shiva.

O dr. Narlikar, adversário da fertilidade, enfureceu-se com o que via; pareceu-lhe que todas as sombrias e antigas forças priápicas da vetusta e procriadora Índia haviam se desencadeado sobre a beleza do estéril concreto do século xx... Desabalando a correr, pôs-se a gritar vitupérios contra as mulheres, enquanto a cólera o fazia refulgir ferozmente; ao chegar aonde elas estavam, começou a chutar seus lampiõezinhos; disseram que até tentou empurrar as mulheres. Então ele foi visto pelos olhos dos manifestantes étnicos.

Os ouvidos dos manifestantes ouviram a rudeza de sua língua; os pés dos que marchavam fizeram uma pausa, suas vozes ergueram-se em protesto. Punhos foram agitados; pragas foram lançadas. Diante disso, o bom doutor, a quem a fúria tornara incauto, voltou-se contra a multidão e denegriu-lhe a causa, a raça e as irmãs. O silêncio que se seguiu exerceu seus poderes. O silêncio guiou os militantes na direção do reluzente ginecologista, que se interpunha entre o tetrápode e as mulheres lamuriosas. Em silêncio, as mãos dos manifestantes se estenderam para Narlikar, e numa profunda quietude ele se agarrou ao concreto de quatro pés, enquanto procuravam puxá-lo para si. Numa absoluta ausência de sons, o medo deu ao dr. Narlikar a força dos crustáceos; seus braços prenderam-se ao tetrápode e nada foi capaz de soltá-los. Os manifestantes lançaram-se então ao tetrápode... Em silêncio, começaram a balançá-lo; mudamente, a força coletiva suplantou-lhe o peso. Num entardecer possuído por uma demoníaca mansidão, o tetrápode se inclinou, preparando-se para se tornar o primeiro de sua espécie a entrar nas águas e dar início à grandiosa obra de aterro. Com a boca aberta num calado A, o dr. Suresh Narlikar agarrou-se a ele como um fosforescente molusco... e homem e tetrápode de concreto caíram sem um som sequer. O espadanar das águas quebrou o encanto.

Disseram que, quando o dr. Narlikar caiu e foi esmagado pelo peso de sua amada obsessão, ninguém teve dificuldade em localizar o corpo, pois ele emitia luz através das águas como uma fogueira.

— Você sabe o que está acontecendo?

— Ei, cara, o que foi?

As crianças, entre elas eu, apertavam-se junto à cerca viva da Vila Escorial, onde ficava o apartamento de solteiro do dr. Narlikar; e um hamal de Lila Sabarmati, assumindo uma expressão de grave solenidade, informou-nos: — Trouxeram para casa seus restos mortais, envoltos em seda.

Não me permitiram ver o corpo do dr. Narlikar, deitado em sua cama dura de solteiro e rodeado de flores de açafão; de qualquer maneira, porém, vim a tomar conhecimento de tudo, pois as notícias se espalharam muito além dos limites de seu dormitório. Fiquei sabendo sobretudo pelos criados da Propriedade, que achavam perfeitamente natural falar a respeito da morte, mas que raramente tinham muito o que dizer sobre a vida, uma vez que nela tudo era óbvio. Pelo próprio criado do dr. Narlikar, vim a saber que o corpo, por ter absorvido grande quantidade de água, adquirira os atributos dela: tornara-se uma coisa fluida e apresentava um aspecto feliz, triste ou indiferente, conforme a luz incidia nele. O jardineiro de Homi Catrack interpôs:

— É perigoso olhar demais para um morto. Quem faz isso sai com um pouco dele dentro de si, e logo vêm os efeitos.

Perguntamos: efeitos? que efeitos? quais efeitos? como? E Purushottam, o sadhu, que deixara seu lugar debaixo da torneira do jardim da Vila Buckingham pela primeira vez em muitos anos, disse: — Um cadáver faz os vivos verem a si mesmos com excessiva clareza; depois de terem estado na presença de um cadáver, eles se tornam exagerados. — Na verdade, essa extraordinária assertiva foi corroborada pelos fatos, uma vez que, depois, a enfermeira de Toxy Catrack, Bi-Appah, que ajudara a preparar o corpo, tornou-se mais estridente, mais briguenta e mais aterrorizante do que nunca; e, aparentemente, todos os que viram o corpo do dr. Narlikar na câmara-ardente foram afetados. Nussie Ibrahim ficou mais boba e mais pata; Lila Sabarmati, que morava um andar acima do falecido e ajudara a

arrumar seu quarto, posteriormente cedeu a uma promiscuidade que sempre estivera contida dentro dela, e partiu num caminho ao final do qual houve projéteis e no qual seu marido, o comandante Sabarmati, conduziria o tráfego de Colaba com um bastão esquisitíssimo...

Nossa família, porém, manteve-se longe do cadáver. Papai recusou-se a ir prestar suas homenagens e nunca mais se referiu ao finado amigo pelo nome, chamado-o simplesmente de “aquele traidor”.

Dois dias depois de os jornais terem publicado a notícia, o dr. Narlikar subitamente adquiriu uma colossal parentela feminina. Misógino e solteirão a vida inteira, foi engolfado, na morte, por um mar de mulheres gigantescas, turbulentas e onicompetentes, que brotavam de todos os cantos da cidade, de empregos como ordenhadeiras dos Laticínios Amul e das bilheterias de cinemas, de lanchonetes de ruelas e de casamentos infelizes; num ano de marchas, as mulheres Narlikar formaram sua procissão particular, um enorme fluxo de feminilidade descomunal que subia nossa colina de dois andares e enchia de tal modo o apartamento do dr. Narlikar que da rua lá embaixo podiam-se ver seus cotovelos saindo pelas janelas e seus traseiros transbordando da varanda. Durante toda a semana, ninguém conseguiu dormir, pois as lamentações das mulheres Narlikar enchiam o ar; no entanto, debaixo de seus gritos, as mulheres estavam demonstrando ser tão competentes quanto pareciam. Assumiram a administração da Casa de Saúde; investigaram todas as transações comerciais de Narlikar; e alijaram meu pai do negócio dos tetrápodes com toda a tranqüilidade. Depois de todos aqueles anos, não sobrou nada para meu pai senão um buraco no bolso, enquanto as mulheres levaram o corpo de Narlikar a Benares, a fim de cremá-lo e os criados da Propriedade me segredaram ter ouvido contar que as cinzas do doutor tinham sido espargidas nas águas do Santo Ganga, em Manikarnika-ghat, ao crepúsculo; e elas não tinham afundado, mas flutuaram à tona como cintilantes vaga-lumes e foram transportadas para o mar, onde aquela estranha luminosidade deve ter assustado os capitães de navios.

Quanto a Ahmed Sinai, juro que foi depois da morte de Narlikar e da chegada das mulheres que ele começou, literalmente, a esmaecer... Aos poucos, sua pele foi empalidecendo, seus cabelos perdendo a cor, até que dali a alguns meses tinha se tornado inteiramente branco, com exceção do escuro dos olhos. (Mary Pereira disse a Amina: “Esse homem está com o sangue frio; por isso a pele dele virou gelo, gelo branco que nem um refrigerador”.) A bem da verdade, cabe-me dizer que embora ele fingisse estar preocupado com sua transformação num homem branco e procurasse médicos e tudo mais, em segredo ele bem que ficava satisfeito quando não conseguiam explicar o problema ou prescrever um tratamento de cura, pois havia muito que invejava os europeus por sua pigmentação, ou falta dela. Certo dia, quando novamente se tornou possível dizer piadas (deixara-se passar um intervalo respeitoso depois da morte do dr. Narlikar), ele disse a Lila Sabarmati na hora do coquetel: — As melhores pessoas são brancas debaixo da pele; eu apenas desisti da simulação. — Os vizinhos, todos mais escuros do que ele, riram, corteses, e sentiram-se curiosamente envergonhados.

Provas circunstanciais levam a crer que foi o choque da morte de Narlikar o responsável por me dar um pai branco como a neve, ao lado de uma mãe de ébano; entretanto (embora eu não saiba o quanto vocês estão dispostos a engolir) arriscarei uma explicação alternativa, uma teoria elaborada na abstrata privacidade da minha torre de relógio... porque em minhas freqüentes viagens psíquicas descobri uma coisa um tanto quanto estranha: durante os primeiros nove anos depois da Independência, um distúrbio de pigmentação semelhante (cujas primeira vítima conhecida pode ter sido a Rani de Cuch Nahin) afligiu grande número de integrantes da comunidade empresarial do país. Em toda a Índia, eu topava com bons empresários indianos cujas fortunas se multiplicavam graças ao primeiro Plano Quinquenal, o qual se concentrara no desenvolvimento do comércio... empresários que se tinham tornado ou que se estavam tornando brancos, branquíssimos! Parece que os esforços hercúleos (até

heróicos) envidados na tarefa de tomarem o poder aos ingleses e de se tornarem donos de seus próprios destinos haviam exaurido a cor de suas faces... Nesse caso, talvez meu pai tenha sido uma vítima tardia de um fenômeno que, de modo geral, passou despercebido. Os empresários da Índia estavam virando brancos.

Isso é o suficiente para ruminar por um dia. No entanto, Evelyn Lilith Burns está chegando; o Café Pioneiro aproxima-se dolorosamente; além disso (e o mais vital), outros filhos da meia-noite, inclusive meu alter ego Shiva, o dos joelhos mortais, estão fazendo extrema pressão. Em breve as fissuras estarão suficientemente largas para que eles escapem...

A propósito: mais ou menos por volta de fins de 1956, com toda a probabilidade, o cantor e corno Wee Willie Winkie também encontrou a morte.

# Amor em Bombaim

Durante o Ramzan, o mês de jejuns, íamos ao cinema o máximo possível. Depois de sermos despertados aos solavancos às cinco da manhã pelas mãos diligentes de mamãe; depois de desjejuns de melão e suco de lima açucarado, antes que o dia rompesse e sobretudo nas manhãs de domingo, a Macaca de Cobre e eu nos revezávamos (ou às vezes gritávamos em unísono) para lembrar a Amina: — A sessão das dez e meia! Hoje é dia do Clube dos Fãs da Metro, amma, por favooor! — Depois era o percurso no Rover até o cinema, onde não tomávamos Coca-Cola nem comíamos batatas fritas, nem sorvete Kquality nem samosas em papel engordurado; mas ao menos havia ar-condicionado, distintivos do Clube pregados em nossas roupas, competições e anúncios de aniversário feitos por um animador com um bigode; insignificante e, finalmente, o filme, depois dos *trailers* com suas chamadas, “Próxima Atração”, “Em Breve” e o desenho animado (“Daqui a Pouco, o Grandioso Filme. Mas Antes...!”): *Quentin Durward*, talvez, ou *Scaramouche*. — Frenesi de paixões! — dizíamos uns aos outros, bancando críticos de cinema; ou ainda — Uma mulher fatal, turbulenta e indecente! —, embora desconhecêssemos tudo sobre frenesis e indecências. Nossa família não era dada a rezas (exceto em Eid-ul-Fitr, quando meu pai me levava à mesquita da Sexta-Feira, para comemorar o dia santificado, amarrando um lenço ao redor de minha cabeça e pressionando minha testa no chão), mas sempre estávamos dispostos a jejuar porque gostávamos de cinema.

Evie Burns e eu concordávamos: o maior artista de cinema do mundo era Robert Taylor. Eu também gostava de Jay Silverheels no papel de

Tonto, mas na minha opinião Clayton Moore era gordo demais para ser o Zorro.

Evelyn Lilith Burns chegou no Ano-Novo de 1957 para morar com o pai viúvo num apartamento de um dos dois atarracados e feios blocos de concreto que tinham surgido, quase sem que notássemos, nas partes mais baixas da nossa colina, e que eram estranhamente segregados: os americanos e outros estrangeiros viviam (como Evie) no Ville Nur; bem-sucedidos arrivistas indianos acabavam no Laxmi Vilas. Das alturas da Propriedade Methwold, olhávamos com desdém para todos eles, tanto brancos como morenos; mas ninguém jamais desdenhou Evie Burns — salvo uma vez. Só uma vez ela ficou por baixo.

Antes que eu vestisse minhas primeiras calças compridas, apaixonei-me por Evie; mas naquele ano o amor foi uma coisa curiosa, uma reação em cadeia. Para poupar tempo, vou colocar todos nós numa mesma fileira de poltronas do cinema Metro; Robert Taylor está refletido em nossos olhos enquanto assistimos ao filme em um cinematográfico transe — e, em uma simbólica seqüência: lado a lado, Salim Sinai, Evie Burns, Sonny Ibrahim e a Macaca de Cobre; Salim Sinai está apaixonado por Evie Burns, que está apaixonada por Sonny Ibrahim, que está apaixonado pela Macaca de Cobre, que está sentada na última poltrona, junto do corredor e morta de fome... Amei Evie durante uns seis meses de minha vida; dois anos depois ela estava de volta aos Estados Unidos, esfaqueando uma velha e sendo mandada para o reformatório.

Nesse ponto, se faz necessária uma breve expressão de gratidão: se Evie não tivesse vindo morar perto de nós, talvez minha história nunca tivesse sido mais que turismo numa torre de relógio e trapaças em sala de aula... E nesse caso não teria havido nenhum clímax num albergue de viúvas, nenhuma prova clara do que eu significava, nenhuma coda numa fábrica fumegante presidida pela figura dançante, piscante e verde e açafão da deusa de neon Mumbadevi. Mas o fato é que Evie Burns (seria ela serpente ou escada? A resposta é óbvia: era as *duas* coisas) *veio*, trazendo

consigo a bicicleta prateada que me possibilitou não só descobrir os filhos da meia-noite como também garantir a partilha do Estado de Bombaim.

Para começar do começo: seus cabelos eram feitos de palha de espantalho, sua pele era pontilhada de sardas e seus dentes moravam numa jaula de metal. Aqueles dentes eram, aparentemente, a única coisa do mundo contra a qual ela ficava impotente — eles cresciam como doidos, em perversos e desvairados encavalamentos, e a mordiam horrendamente quando ela tomava sorvete. (Permito-me uma única generalização: os americanos dominaram o universo, mas não possuem controle algum sobre suas bocas; a Índia, por outro lado, não possui poder, mas seus filhos costumam ter dentes excelentes.)

Supliciada por dores de dentes, minha Evie elevava-se maravilhosamente sobre o sofrimento. Recusando-se a ser governada por ossos e gengivas, comia bolos e tomava Coca-Cola onde quer que os encontrasse; e nunca se queixava. Uma menina de valor, essa Evie Burns: o triunfo sobre o padecimento confirmava sua soberania sobre todos nós. Já se observou que todos os americanos necessitam de uma fronteira; a dela era a dor, e Evie estava resolvida a empurrá-la para longe.

Certa vez, dei-lhe, timidamente, um colar de flores comprado com meu próprio dinheiro de uma florista em Scandal Point (rainha-da-noite para minha lily-of-the-eve). — Não gosto de flores — disse Evelyn Lilith, e atirou a indesejada guirlanda ao ar, perfurando-a, antes que ela caísse, com um chumbinho de sua infalível pistola Daisy de ar comprimido. Ao destruir flores com uma pistola, ela mostrou que não admitia ser algemada nem mesmo por um colar: ela era nosso caprichoso e trampolinante Lírio-do-Monte. E também Eva. A minha menina-dos-olhos.

Como ela chegou? Sonny Ibrahim, Caolho e Brilhantina Sabarmati, Ciro Dubash, a Macaca e eu jogávamos críquete francês no largo entre os quatro palácios de Methwold. Uma nova brincadeira de Ano-Novo: Toxy batia palmas em sua janela gradeada; até Bi-Appah estava de bom humor e, pelo menos uma vez na vida, não nos insultava. O críquete — até o

críquete francês, e até mesmo quando praticado por crianças — é um jogo tranqüilo: a paz unguida com óleo de linhaça. O beijo entre o couro e o bastão; aplausos esparsos; o grito ocasional: “Manda, manda, logo!”... Mas Evie, em sua bicicleta, não percebia nada disso.

— Ei, você! Você aí! Ei, o que há? É surdo, é?

Eu estava com o bastão (elegante como Ranji, forte como Vinoo Mankad), quando ela investiu ladeira acima com sua bicicleta, cabelos ao vento, as sardas em fogo, a boca de metal dardejando mensagens semafóricas ao sol, um espantalho montado numa bala de prata... — Ei, você aí com o nariz escorrendo! Pare de olhar para essa bola idiota, seu cretino! Vou mostrar uma coisa melhor de se ver!

Impossível imaginar Evie Burns sem evocar também uma bicicleta; e não uma bicicleta qualquer, mas um dos últimos grandes modelos da velha guarda, uma Arjuna novinha em folha, com guidom recurvado e enrolado com fita isolante, cinco marchas e um selim feito de pele de chitah. E um quadro prateado (da cor, não preciso lhes dizer, do cavalo do Zorro)... O porcalhão do Caolho e o bem-arrumado Brilhantina, Ciro, o Gênio, e a Macaca, Sonny Ibrahim e eu — os melhores amigos, os verdadeiros filhos da Propriedade, seus herdeiros por direito de nascimento... Sonny com a lerda inocência adquirida desde que o fórceps amassara seu cérebro, e eu com meu perigoso conhecimento secreto — sim, todos nós, futuros toureiros, comandantes da Marinha etc., congelamo-nos em posturas boquiabertas quando Evie Burns começou a correr em sua bicicleta, cada vez mais depressa, em torno do largo. — Olhem para mim agora. Vejam o que eu faço, seus bobos!

Subindo e descendo do selim de chitah, Evie se exibia. Com um pé no selim, uma perna esticada para trás, rodopiou em torno de nós; ganhou velocidade e então plantou uma bananeira no selim! Sabia encarapitar-se na roda dianteira, virada de costas, e pedalar ao contrário... A gravidade era sua escrava, a velocidade seu elemento, e compreendemos que uma potestade viera morar entre nós, uma feiticeira sobre rodas, e as flores das

sebes lhe atiraram pétalas, a poeira do largo ergueu-se em nuvens de ovação, pois também o largo achara sua dona: ele era a tela sob o pincel das rodas regirantes de Evie.

A seguir notamos que nossa heroína trazia uma pistola de ar comprimido no quadril direito... — E tem mais, seus bobocas! — gritou ela, sacando a arma. Seus chumbinhos davam às pedras o dom do vôo; arremessávamos anás para o ar e ela os abatia. — Alvos! Mais alvos! — E Caolho renunciou a seu amado baralho de rummy sem um murmúrio, para que ela pudesse decepar a tiro a cabeça dos reis. Annie Oakley com aparelho nos dentes... Ninguém ousava contestar a perícia de Evie no tiro, exceto uma vez, e essa ocasião foi o fim de seu reinado, durante a grande invasão dos gatos; e houve circunstâncias atenuantes.

Afogueada, suando, Evie Burns desmontou da bicicleta e anunciou: — Daqui em diante, sou eu quem manda aqui, sou a nova chefe agora. Certo, indianos? Alguma reclamação?

Nenhuma reclamação. Naquele instante percebi que eu estava apaixonado.

Na praia de Juhu com Evie: ela vencida as corridas de camelos, era capaz de beber mais água-de-coco do que qualquer um de nós, abria os olhos debaixo da água picante e salgada do mar da Arábia.

Será que seis meses faziam tanta diferença? (Evie era meio ano mais velha do que eu.) Será que davam direito a conversar com os adultos em pé de igualdade? Evie foi vista tagarelando com o velho Ibrahim Ibrahim; afirmou que Lila Sabarmati a estava ensinando a usar maquilagem; visitou Homi Catrack para conversar sobre armas. (Por uma trágica ironia, Homi Catrack, contra quem um dia uma arma seria apontada, era um verdadeiro aficionado de armas... Em Evie ele encontrou uma alma irmã, uma criança sem mãe que, ao contrário de sua própria Toxy, era afiada como uma faca e luminosa como uma garrafa. Aliás, Evie Burns não desperdiçava nenhuma simpatia com a pobre Toxy Catrack. “Tem o miolo mole”, sentenciava descuidadamente conosco. “Deviam matar uma coisa

dessas como a um rato.” Mas, Evie, os ratos não são fracos! Só no seu rosto havia mais coisas de roedor do que no corpo todo de Toxy, a quem você tanto desprezava.)

Assim era Evelyn Lilith; e poucas semanas depois de sua chegada eu já dera início à reação em cadeia de cujos efeitos jamais me recuperaria inteiramente.

Tudo começou com Sonny Ibrahim, o Sonny vizinho, o Sonny das marcas de fórceps, que se achava sentado pacientemente nos bastidores de minha história, esperando sua deixa. Naquela época, Sonny era um camarada bastante machucado: outras coisas, além de fórceps, haviam lhe deixado marcas. Amar a Macaca de Cobre (mesmo considerando o sentido que o amor tem aos nove anos de idade) não era fácil.

Como eu já disse, minha irmã, o segundo e inesperado rebento da família, começara a reagir com violência a qualquer demonstração de afeto. Embora se acreditasse que ela falasse a linguagem das aves e dos gatos, as palavras ternas dos enamorados despertavam nela uma fúria quase animal; Sonny, no entanto, era demasiado ingênuo para pressentir o perigo. Durante meses, ele a vinha azucrinando com frases como “Irmã de Salim, você é uma garota bacana!” ou “Escute, quer ser minha namorada? A gente podia ir ao cinema, com sua aia, quem sabe...”. E durante um igual número de meses, ela viera fazendo com que ele sofresse por seu amor — delatando-o à mãe dele; empurrando-o em poças d’água sem querer-querendo; uma vez até agredindo-o fisicamente, deixando-o com longas marcas de unhas no rosto e com uma expressão de cachorro triste nos olhos. Mas ele não aprendia. E por isso, enfim, ela planejava sua terribilíssima vingança.

A Macaca freqüentava a Escola Feminina Walsingham, na Nepean Sea Road; uma escola cheia de européias altas e soberbamente musculosas que nadavam como peixes e mergulhavam como submarinos. Nas horas de folga delas, podíamos vê-las da janela de nosso quarto divertindo-se na piscina em forma de mapa do Breach Candy Club, no qual, claro, éramos

barrados... E quando descobri que a Macaca dera um jeito de se enturmar com essas nadadoras que não se misturavam com ninguém, como uma espécie de mascote, fiquei realmente magoado com ela, talvez pela primeira vez... Mas não havia como discutir com a Macaca; ela fazia o que queria. Carnudas garotas brancas de quinze anos deixavam a Macaca se sentar com elas no ônibus da escola. Três dessas moças esperavam o ônibus com ela todas as manhãs, no mesmo lugar em que Sonny, Caolho, Brilhantina, Ciro, o Grande, e eu esperávamos o ônibus da Escola Catedral.

Certa manhã, por algum motivo que já esqueci, Sonny e eu éramos os únicos meninos no ponto. Talvez houvesse algum vírus no ar, ou algo assim, mantendo os alunos em casa. A Macaca esperou até Mary Pereira ir embora, deixando-nos aos cuidados das robustas nadadoras; foi então que, de repente, a percepção do que ela estava planejando entrou como um clarão em minha cabeça, quando, sem nenhum motivo especial, sintonizei-me nos pensamentos dela; cheguei a gritar “Ei!”, porém tarde demais. A Macaca berrou: “Fique fora disso!”, e num instante ela e as musculosas nadadoras saltaram sobre Sonny Ibrahim, enquanto pessoas que dormiam na rua, mendigos e ciclistas olhavam divertidos, pois elas estavam arrancando toda a roupa dele...

— Qual é, cara, vai ficar aí parado, só olhando? — Sonny gritava pedindo ajuda, mas eu estava imobilizado; como podia assumir uma posição entre minha irmã e meu melhor amigo? E ele: — Vou contar ao meu pai o que você fez! — agora em lágrimas, enquanto a Macaca ameaçava:

— Isso vai ensinar você a não ficar falando bobagens... E isso... — Os sapatos fora; a camisa não existia mais; a túnica fora arrancada por uma mergulhadora de plataforma. — ... isso é para você aprender a não ficar escrevendo cartinhas de amor idiotas. — Nada de meias agora, só uma abundância de lágrimas. — Tome! — gritou a Macaca.

O ônibus de Walsingham chegou, e as agressoras e minha irmã subiram e saíram em velocidade. — Adeusinho, galã de meia-tigela! — gritaram, deixando Sonny no meio da rua, na calçada diante da Chimalker's e do Paraíso do Leitor, nu como no dia em que nasceu; as concavidades feitas pelo fórceps reluziam como poças d'água, pois a vaselina dos cabelos escorrera para dentro delas. E também seus olhos estavam molhados.

— Por que ela fez isso, cara? Eu só disse a ela que gostava...

— Sei lá — respondi, sem saber para onde olhar. — Ela faz essas coisas, só isso. — Sem nem adivinhar que um belo dia ela haveria de me fazer coisa ainda pior.

Mas isso foi nove anos depois... Entrementes, em começos de 1957, as campanhas eleitorais tinham começado. O Jan Sangh estava fazendo campanha em favor de asilo para as vacas sagradas idosas; em Kerala, E. M. Nambudiripad prometia que o comunismo daria comida e empregos a todo mundo; em Madras, o partido Anna-D-M.K., de C. N. Annadurai, atiçava as chamas do regionalismo; o Congresso revidava com reformas como a Lei de Sucessão Hindu, que deu às mulheres hindus iguais direitos de herança... Para resumir, todos estavam ocupados em defender suas próprias causas; eu, entretanto, via-me de língua presa diante de Evie Burns, e procurei Sonny Ibrahim para pedir que intercedesse por mim.

Na Índia, sempre fomos vulneráveis aos europeus... Fazia apenas algumas semanas que Evie estava conosco, e eu já estava sendo arrastado para um grotesco arremedo da literatura européia. (Tínhamos representado *Cirano*, numa versão simplificada, na escola; além disso, eu lera a revista em quadrinhos dos *Clássicos Ilustrados*.) Talvez seja justo dizer que na Índia a Europa se repete como farsa... Evie era americana. Mesma coisa.

— Mas, cara, isso não fica bem. Por que você mesmo não fala?

— Escute, Sonny — implorei —, você é meu amigo, não é?

— Sou, mas você nem me ajudou...

— Era minha irmã, Sonny. Como é que eu podia...?

— Não podia, é? Então, você mesmo faça suas trapalhadas...

— Sonny, cara, pense bem. Pense só. Essas meninas precisam ser tratadas com cuidado. Veja só como a Macaca é esquentada! Você mesmo já tem experiência, já passou por uma boa. Vai saber fazer as coisas com jeito dessa vez. Como é que eu posso, cara? Vai ver ela nem gosta de mim. Quer que eu também fique pelado por aí? Vai dizer que seria bem feito?

E o inocente, solidário Sonny:

— Bem, não...

— Então está certo. Você vai. Faça uns elogios a mim. Diga que meu nariz não tem importância. O que vale é o caráter. Pode fazer isso?

— ... Beeemm... eu... O.k., está certo, mas você conversa com sua irmãzinha também?

— Vou conversar, Sonny. Mas o que posso prometer? Você sabe como ela é. Mas pode ter certeza de que vou conversar.

Podem-se preparar estratégias com o máximo de cuidado possível, mas as mulheres as desfazem com um peteleco. Para cada campanha eleitoral vitoriosa, existem pelo menos duas que fracassam... Da varanda da Vila Buckingham, através das frestas das venezianas, vigiei Sonny, que trabalhava junto a meu eleitorado... e escutei a voz do eleitorado, a fala anasalada de Evie Burns, cujo desdém fendia o ar: — *Quem? Aquele?* Por que não vai dizer a ele que primeiro aprenda a assoar o nariz? *Aquele catarrento? Não sabe nem andar de bicicleta!*

O que era verdade.

E o pior estava por vir. Pois agora (embora uma veneziana dividisse a cena em fendas estreitas) eu não vi a expressão no rosto de Evie suavizar-se e mudar?... A mão de Evie (dividida longitudinalmente pela veneziana) não se estendeu na direção de meu cabo eleitoral?... E não estavam aqueles dedos de Evie (que tinham as unhas roídas até o sabugo) tocando as depressões nas têmporas de Sonny, molhando-se de vaselina escorrida?... E teria ou não Evie dito: — *Agora você, por exemplo. É engraçadinho.* — Tristemente, afirmo: eu vi; a mão se estendeu; os dedos tocaram; ela disse.

Salim Sinai ama Evie Burns; Evie ama Sonny Ibrahim; Sonny Ibrahim está caído pela Macaca de Cobre; mas o que diz a Macaca?

— Por Alá, não me provoque vômitos — disse minha irmã quando tentei (posso dizer que com nobreza, em vista da forma como ele me traíra) defender a causa de Sonny. O eleitorado rejeitara a nós dois.

\* \* \*

Eu não estava desistindo, ainda. As seduções tentadoras de Evie Burns — que nunca ligou para mim, sou forçado a admitir — levaram-me inexoravelmente à minha queda. (Mas nada tenho contra ela; pois minha queda levou a uma ascensão.)

Privativamente, em meu campanário, eu dei um tempo das perambulações trans-subcontinentais para pensar na corte à minha sardenta Evie. “Esqueça os intermediários”, aconselhava a mim mesmo. “Você terá de fazer isso pessoalmente.” Por fim, armei um plano: eu teria de compartilhar de seus interesses, fazer minhas as suas paixões... Armas nunca me atraíram. Resolvi aprender a andar de bicicleta.

Evie, naquele tempo, cedera aos muitos pedidos das crianças do alto da colina para que lhes ensinasse as artes ciclísticas; por isso, não me foi difícil entrar na fila para receber lições. Nós nos reuníamos no largo; Evie, suprema mestra-de-cerimônias, colocava-se no meio de cinco ciclistas desajeitados, que se concentravam furiosamente..., enquanto eu me postava ao lado dela, sem bicicleta. Até a chegada de Evie eu não demonstrara nenhum interesse por rodas, de modo que nunca as ganhara... E humildemente eu sofria os açoites da língua de Evie.

— Onde é que você tem a cabeça, narigudo? Quer a minha emprestada?

— Não — menti, já arrependido, e ela afrouxou. — O.k., O.k. — Evie deu de ombros. — Suba no selim e vamos ver se você serve para alguma coisa.

Revelo de imediato que, ao subir na prateada Arjuna, eu estava tomado do mais puro júbilo; que, enquanto Evie caminhava em torno do largo,

segurando a bicicleta pelos guidons (exclamando “Já se equilibrou? Não? Ninguém aqui aprende nada!”), enquanto eu e Evie perambulávamos, eu me sentia... qual é a palavra?... feliz.

Rodar, rodar, rodar... Finalmente, para agradá-la, gaguejei: — Está bem... Acho que eu... Me solte. — E instantaneamente fiquei entregue a mim mesmo, ela me dera um empurrão de despedida e a criatura de prata voou, reluzente e incontrolável, atravessando o largo... Eu a ouvi gritar: “O freio! Use a porcaria do freio, seu burro!”. Minhas mãos, porém, não conseguiam se mexer, eu ficara duro como uma tábua, e ali CUIDADO bem na minha frente estava a bicicleta azul de Sonny Ibrahim, rota de colisão, SAIA DO CAMINHO, SEU MALUCO, Sonny no selim, tentando desviar-se, mas o azul ainda voava contra a prata, Sonny guinou para a direita, mas eu fui pelo mesmo caminho, OLHA A MINHA BICICLETA, e roda de prata bateu em roda azul, quadro beijou quadro, eu estava voando para a frente e por cima de guidons na direção de Sonny, que descrevia uma idêntica parábola em minha direção, POW, bicicletas caem debaixo de nós, atracadas num abraço íntimo POW, suspensos no ar Sonny e eu nos encontramos, a cabeça de Sonny saudou a minha... Mais de nove anos antes eu tinha nascido com têmporas salientes, e o fórceps havia causado concavidades nas de Sonny; tudo tem seu motivo de ser, aparentemente, pois agora minhas têmporas salientes encaixavam-se nas depressões de Sonny. Um ajuste perfeito. Com as cabeças coladas, começamos nossa descida à terra, livrando-nos das bicicletas, felizmente, TCHI-BUM, e por um instante o mundo desapareceu.

As sardas de Evie entraram em ignição.

— Seu cretino, seu monte de catarro, você esfrangalhou minha... — Mas eu nada ouvia, pois o acidente do largo completara o que a calamidade do baú de roupa suja tinha iniciado, e lá estavam as vozes em minha cabeça, agora na parte da frente, não mais um abafado ruído de fundo que eu nunca notara, mas todas elas, enviando seus sinais de aqui estou, vindas de norte, sul, leste, oeste... As outras crianças nascidas naquela meia-noite bradando “eu”, “eu”, “eu” e “eu”.

— Ei! Ei, catarrento! Está bem?... Ei, onde está a mãe dele?

Interrupções, nada senão interrupções! As diferentes partes de minha complicada vida recusam-se, com uma obstinação inteiramente descabida, a permanecer quietas em seus diferentes compartimentos. Vozes derramam-se de seu campanário e invadem o largo, supostamente o domínio de Evie... E agora, no momento exato em que eu deveria estar descrevendo os fabulosos filhos do tique-taque, sou arrebatado pelo Frontier Mail — raptado para o mundo degenerado de meus avós, de modo que Adam Aziz atrapalha o desenrolar natural de minha narrativa. Ora, bem. *O que não tem remédio remediado está.*

Naquele mês de janeiro, durante a convalescença da violenta concussão que sofri em meu acidente ciclístico, meus pais nos levaram a Agra, para uma reunião de família que acabou sendo pior do que o notório (e admissivelmente fictício) Buraco Negro de Calcutá. Durante duas semanas fomos obrigados a ouvir Esmeralda e Zulfikar (que era agora general-de-divisão e fazia questão de ser chamado de general) mencionar nomes, como que casualmente, e também fazer alusões veladas à fabulosa riqueza que possuíam, que agora já se tornara a sétima fortuna particular do Paquistão; o filho deles, Zafar, tentou (mas uma vez só!) puxar as maria-chiquinhas ruivas (já começavam a desbotar) da Macaca. E fomos obrigados a assistir, em silencioso horror, a meu tio funcionário público Mustafá e sua esposa meio-iraniana Sônia surrarem e espancarem sua ninhada de molecotes sem nome nem sexo, reduzindo-os à total anonimidade. O aroma acre da solteirice de Alia enchia o ar e estragava nossa comida; papai se retirava cedo para começar sua secreta guerra noturna contra os gênios; e pior, pior, pior.

Certa noite, ao bater a meia-noite, acordei com o sonho de meu avô dentro de minha cabeça, de modo que não pude deixar de vê-lo como ele próprio se via — um velho em desagregação, em cujo centro, quando a luz batia direito, era possível discernir uma sombra gigantesca. À medida que as convicções que haviam dado força à sua juventude se esfumavam sob os

efeitos combinados da velhice, da Reverenda Mãe e da ausência de amigos com idéias afins, um antigo buraco reaparecia no meio de seu corpo, transformando-o em apenas mais um velho encarquilhado e vazio, sobre quem o Deus (e outras superstições) contra o qual ele lutara por tanto tempo começava a reafirmar seu domínio... Enquanto isso, a Reverenda Mãe passou toda aquela quinzena inventando pequenas maneiras de insultar a desprezada esposa-artista de meu tio Hanif. E foi nessa época também que me deram o papel de fantasma numa peça infantil, e achei, numa velha maleta de couro em cima do armário de meu avô, um lençol que fora comido por traças mas cujo maior buraco era obra humana; por essa descoberta, fui recompensado (lembra-se?) com rugidos de fúria avoenga.

No entanto, houve uma coisa boa. Fui tratado como amigo por Rashid, o homem do jinriquixá (aquele mesmo sujeito que, na mocidade, gritara silenciosamente num milharal e ajudara Nadir Khan a entrar no banheiro de Aadam Aziz); tomando-me sob sua proteção — e sem contar a meus pais, que o teriam proibido, tão pouco tempo depois de meu acidente —, ele me ensinou a andar de bicicleta. Quando fomos embora, guardei esse segredo junto com os outros, mas não pretendia que ele permanecesse oculto por muito tempo.

... E no trem, voltando para casa, houve vozes do lado da cabine: “Ohé, marajá! Abra, grande senhor!”. Vozes de passageiros clandestinos que colidiam com as que eu queria escutar, as novas vozes dentro de minha cabeça, e depois eis-nos de novo na Estação Central de Bombaim, o percurso para casa, passando pelo hipódromo e pelo templo, e agora Evelyn Lilith Burns exige que eu termine primeiro a parte dela antes de me concentrar em coisas superiores.

— Em casa de novo! — grita a Macaca. — Viva... De volta a Bom! De volta a Bom! — (Ela estava em desgraça. Em Agra, incinerara as botas do general.)

Consta dos anais que a Comissão de Reorganização dos Estados submetera seu relatório a Nehru havia muito tempo, em outubro de 1955; um ano depois, suas recomendações tinham sido executadas. A Índia fora novamente dividida, agora em catorze estados e seis “territórios” administrados pelo governo federal. No entanto, as fronteiras desses estados não eram constituídas de rios ou montanhas, ou por quaisquer outros acidentes naturais; eram, em vez disso, muralhas de palavras. As línguas nos separavam: Kerala era para os que falavam malayalam, o único idioma do mundo com um nome palindrômico; em Karnataka, devia-se falar o canará; e o amputado estado de Madras, hoje conhecido como Tamil Nadu, concentrava os aficionados do tâmil. Devido a algum descuido, porém, nada foi feito com o estado de Bombaim: e, na cidade de Mumbadevi, as passeatas das línguas fizeram-se mais compridas e mais ruidosas, finalmente metamorfoseando-se em partidos políticos, o Samyukta Maharashtra Samiti (Partido Unido de Maharashtra), que abraçava a causa da língua maráti e exigia a criação do estado de Maharashtra no Deccan, e o Maha Gujarat Parishad (Grande Partido de Gujarat), que marchava sob o estandarte da língua gujaráti e sonhava com um estado ao norte da cidade de Bombaim, que se estenderia até a península de Kathiawar e o golfo de Kutch... Estou requeitando toda essa história fria, essas velhas lutas mortas entre a estéril angularidade do maráti, nascido no árido calor do Deccan, e a maciez pantanosa de gujaráti, oriundo de Kathiawar, a fim de explicar por que, no dia de fevereiro de 1957 que se seguiu à nossa volta de Agra, a Propriedade Methwold foi separada da cidade por uma torrente de gente cantarolante que inundou a Warden Road mais completamente do que as águas de uma monção, um desfile tão comprido que levou dois dias para passar. Chegou-se a dizer que a estátua de Sivaji adquirira vida para sair, petreamente, à sua frente. Os manifestantes portavam bandeiras negras; muitos deles eram lojistas; muitos eram operários têxteis em greve de Mazagaon e Matunga. Em nossa colina, porém, nada sabíamos sobre seus empregos; para nós,

crianças, o interminável formigueiro lingüístico na Warden Road parecia ter o mesmo fascínio magnético de uma lâmpada para uma mariposa. Era uma demonstração tão imensa, tão ardorosa em suas paixões que fez todas as passeatas anteriores desaparecerem da lembrança, como se jamais tivessem ocorrido — e todos nós tínhamos sido proibidos de descer a colina, até mesmo para a mais rápida das olhadinhas. E quem, dentre nós, tinha mais ousadia? Quem nos instou a descer pelo menos até a metade da ladeira, até onde o caminho fazia uma volta para se defrontar com a Warden Road num íngreme e longo U? Quem disse: “Não há por que ter medo. Nós só vamos descer um pouquinho, para dar uma olhada”? Com olhos arregalados, indianos desobedientes seguiram sua sardenta chefe americana. (— Eles mataram o dr. Narlikar, eles... os manifestantes — advertiu-nos Brillhantina com voz trêmula. Evie cuspiu nos sapatos dele.)

Mas eu, Salim Sinai, tinha outros interesses.

— Evie — perguntei, com estudada casualidade —, quer me ver andar de bicicleta?

Não houve resposta. Evie estava absorta no espetáculo... E o que era aquilo? Não era a impressão digital dela na depressão esquerda da cabeça de Sonny, marcada com vaselina para que o mundo inteiro visse? Pela segunda vez, e com um pouco mais de ênfase, eu disse:

— Já sei, Evie. Vou mostrar na bicicleta da Macaca. Quer ver?

E Evie, cruel:

— Estou vendo a passeata. Aqui está bom. Quem é que está interessado em ver *você*?

E eu, um tanto untuoso agora:

— Mas eu *aprendi*, Evie, *você tem* de...

Urros que vêm da Warden Road, lá embaixo, afogam minhas palavras. Ela está de costas para mim; e também as costas de Sonny, as costas de Caolho e de Brillhantina, a retaguarda de Ciro, o Grande... Minha irmã, que também notou a impressão digital, me incentiva:

— Vá, vá em frente, mostre a ela. Quem ela pensa que é? — Subo na bicicleta dela.

— Estou andando, Evie, veja! — Pedalo em círculos, em torno do grupinho de crianças. “Viu? Está *vendo*?”

Um momento de exultação, e então Evie solta sua impaciência, seu pouco-me-importo:

— Quer fazer o favor de sair da frente, pelo amor de Deus? Eu quero ver *aquilo*!

Um dedo, de unhas roídas e tudo, investe na direção da passeata lingüística; sou trocado pelo desfile do Samyukta Maharashtra Samiti! E apesar da Macaca que, leal: “Ah, não é justo! Ele está até andando *bem*!”, e, apesar da alegria do feito em si, alguma coisa se estraga dentro de mim; estou pedalando em torno de Evie, depressa, sempre mais depressa, gritando, fungando sem controle:

— Afinal, o que é que há com você? O que é que eu tenho de fazer para...

E aí sou dominado por uma outra coisa, porque percebo que não preciso perguntar a ela, posso simplesmente penetrar naquela cabeça sardenta e metálica e descobrir, uma vez na vida posso realmente vir a saber o que está acontecendo... E vou em frente, ainda pedalando, mas a parte frontal da mente dela está cheia de manifestantes marátis, há músicas populares americanas metidas nos cantos de seus pensamentos, mas nada em que eu esteja interessado; e agora, só agora, pela primeira vez na vida, impulsionado pelas lágrimas do amor não correspondido, começo a sondar... Vejo-me a empurrar, a mergulhar, a forçar caminho por trás de suas defesas... penetrando no lugar secreto em que existe uma imagem da mãe dela, com uma capinha cor-de-rosa e segurando um peixinho pelo rabo, estou cavoucando cada vez mais fundo, onde está?, o que a faz palpar?, quando ela faz uma espécie de movimento brusco e se vira para mim, fitando-me, enquanto não paro de rodar e rodar e rodar e rodar e rodar...

— Saia! — berra Evie Burns. Mãos sobem à cabeça. Eu pedalo, de olhos molhados, mergulhando dentro-dentro: chegando aonde está Evie de pé na porta de um quarto de dormir com paredes de tábuas superpostas, segurando uma coisa pontiaguda e reluzente da qual pinga alguma coisa vermelha, na porta de um, meu Deus, e sobre a cama há uma mulher, que, numa cor-de-rosa, meu Deus, e Evie com a, e coisa vermelha manchando a cor-de-rosa, e um homem entrando, meu Deus, e não, não, não, não, não, não...

— SAIA SAIA SAIA! — Crianças espantadas vêem Evie gritar. Esquecidos da marcha lingüística, mas de repente são lembrados de novo, pois Evie segurou o bagageiro da bicicleta da Macaca O QUE ESTÁ FAZENDO, EVIE e a empurra SAIA LOGO SEU IDIOTA SAIA VÁ PARA O INFERNO!... Ela me empurrou com toda sua força e estou perdendo o controle, precipitando-me ladeira abaixo, contornando o fim da curva em U, sempre para baixo, MEU DEUS, A PASSEATA, passando pela lavanderia Band Box, pela Nur Ville e por Laxmi Vilas, AAAAAHH, e caio na boca da passeata, cabeças, pés, corpos, as ondas da manifestação se dividem quando chego, ruidoso assassínio azul colidindo com a história em cima da bicicleta descontrolada de uma garotinha.

Mãos agarram os guidons quando diminuo a velocidade na turba passional. Sorrisos cheios de bons dentes me cercam. Não são sorrisos amistosos. — Vejam só, um pequeno sahib da colina dos ricos veio se juntar a nós! — Em maráti, que eu quase não compreendo; é a matéria em que sou pior na escola, e os sorrisos perguntam: — Quer fazer parte do SMS, príncipezinho? — E eu, quase entendendo o que está sendo dito, mas forçado a dizer a verdade, devido ao aturdimento, balanço a cabeça, Não. Os sorrisos: — Aha, o pequeno nawab não gosta de nossa língua! De que é que ele gosta? — E outro sorriso: — Quem sabe não é de gujaráti? Fala gujaráti, grão-senhor? — No entanto, meu gujaráti era tão ruim quanto meu maráti; eu só sabia uma coisa na palustre língua de Kathiawar; e os sorrisos insistiam, os dedos incitavam: — Fale, senhorzinho! Fale um

pouco de gujaráti! — Por isso eu lhes falei o que sabia, uma rima que tinha aprendido com Keith Papeira na escola, e que ele recitava quando implicava com meninos gujarátis, uma rima destinada a ridicularizar os sons e os ritmos da língua:

*Su ché? Saru ché!*

*Danda lé ké maru ché!*

*Como vais? — Bem, obrigado! — Com um pau te sovo bem sovado!* Uma bobagem; um nada; algumas palavras vazias... Mas, depois que as recitei, os sorrisos começaram a se transformar em risos; e vozes perto de mim, depois mais afastadas, cada vez mais afastadas, começaram a repetir minha rima, COMO VAIS? BEM, OBRIGADO!, e eles perderam o interesse em mim. — *Vá embora com sua bicicleta, garotão — zombaram. COM UM PAU TE SOVO BEM SOVADO,* e comecei a subir correndo a ladeira, enquanto meus versinhos ganhavam corpo, subindo até a frente e descendo até a rabeira da passeata de dois dias, tornando-se, conforme ela passava, um canto de guerra.

Naquela tarde, a vanguarda da passeata do Samyukta Maharashtra Samiti confrontou-se, em Kemp's Corner, com a vanguarda de uma manifestação do Maha Gujarat Parishad; vozes do SMS entoaram o “Su ché? Saru ché!”, e gargantas do MGP abriram-se em fúria; diante dos cartazes do rajá da Air-India e do Kolynos Kid, os dois partidos engalfinharam-se com tremendo ardor, e, ao som de meus versinhos, teve início o primeiro dos grandes tumultos lingüísticos, com quinze mortos e mais de cem feridos

Assim, tornei-me diretamente responsável por desencadear a violência que terminou com a divisão do estado de Bombaim, em resultado da qual a cidade tornou-se capital de Maharashtra... de modo que pelo menos eu estava do lado vencedor.

O que havia na cabeça de Evie? Crime ou sonho? Nunca descobri; no entanto, eu havia aprendido uma outra coisa: quando se penetra fundo na cabeça de uma pessoa, *ela sente sua presença lá.*

Evelyn Lilith Burns não quis saber muito de mim depois daquele dia; estranhamente, porém, fiquei curado dela. (Foram sempre as mulheres que mudaram minha vida: Mary Pereira, Evie Burns, Jamila Singer e a bruxa Parvati são as responsáveis pelo que sou; e também a Viúva, que estou guardando para o fim; e, depois do fim, Padma, minha deusa de excremento. Realmente, as mulheres sempre me governaram, mas talvez nunca tenham sido centrais... É possível que o lugar que deveriam ter ocupado, o buraco no meio de meu corpo, que herdei de meu avô Aadam Aziz, tenha sido preenchido há muito tempo por minhas vozes. Ou talvez — cumpre levar em conta todas as possibilidades — elas sempre tenham me causado um pouco de medo.)

# Meu décimo aniversário

— Ah, mister, o que dizer? Foi tudo minha culpa!

Padma voltou. E agora, que me recobrei do veneno e estou de volta à minha mesa, está agitada demais para calar-se. Vezes sem conta, minha recambiada lótus se pune, bate nos peitos grandes, lamenta-se com sua voz mais aguda. (Em meu estado de fragilidade, isso é muito cansativo; mas não a culpo por coisa alguma.)

— Pode acreditar em mim, mister, é que me importo demais com a sua saúde! Nós, mulheres, somos umas criaturas assim mesmo, nunca estamos em sossego quando nossos homens ficam doentes... Fico tão contente quando o vejo bem, nem imagina!

A história de Padma (transcrita em suas próprias palavras e relida para ela, confirmada por olhos revirados, lamúrias estridentes, golpes nos peitos):

— Foi tudo culpa de meu orgulho besta e de minha vaidade, Salim baba, foram esses motivos que me fizeram fugir daqui, apesar de que o emprego é bom, e o senhor precisa tanto de cuidados! Mas nem um pouquinho de tempo tinha passado e eu já estava morta de vontade de voltar. Foi aí que pensei, como é que posso voltar para esse homem que não se deita comigo e só faz ficar escrevinhando coisas bobas? (Me desculpe, Salim baba, mas tenho de falar a verdade. E para nós, mulheres, o amor é a coisa mais importante da vida.) Por isso fui procurar um santo homem, que me ensinou o que eu tinha de fazer. Aí peguei um ônibus para o interior, com meu último dinheirinho, para catar ervas que fariam sua virilidade acordar do sono... Imagine, mister, eu fiz mágica com estas

palavras: “Erva, foste arrancada por Touros!”. Depois moí as ervas com água e leite e disse: “Oh, erva potente e sensual! Planta que Varuna fez Gandharva colher para si! Empresta teu poder a meu mister Salim. Dá-lhe um calor como o do Fogo de Indra. Tal como o macho do antílope, oh, erva, possuis toda a força que existe, tens a força de Indra e a energia sensual das feras”.

— Com essa beberagem, voltei e o encontrei sozinho como sempre e com o nariz enfiado nesses papéis. Mas o ciúme, eu juro, deixei para trás. Deus que me perdoe, mas botei escondido o preparado em sua comida!... E aí, que os céus me perdoem, mas sou uma mulher simples, se os homens santos me mandam fazer uma coisa, como posso discutir?... Mas agora pelo menos o senhor está melhor, graças a Deus, e, quem sabe, não vai ficar zangado.

Sob o efeito da poção da Padma, delirei durante uma semana. Minha lótus de excremento jura (através de muitos dentes brilhantes) que fiquei duro como um pau, com espuma ao redor da boca. Também tive febre. Em meu delírio, balbuciava coisas desconexas sobre cobras; mas sei que Padma não é nenhuma serpente e que nunca me quis mal.

— Esse negócio de amor — lamenta-se Padma — faz uma mulher ficar doida.

Repito: não culpo Padma. Nos sopés dos Ghats Ocidentais, ela procurou as ervas da virilidade, *Mucuna pruritus*, e a raiz de *Feronia elephantum*. Quem sabe o que terá encontrado? Quem poderá dizer o que, macerado com leite e misturado a meu alimento, lançou minhas entranhas naquele estado de “espumação”, a partir do qual, como sabem todos os estudantes de cosmologia hindu, Indra criou a matéria, mexendo a sopa primeva em sua grande batedeira? Não importa. Foi uma tentativa nobre; mas estou além de qualquer possibilidade de regeneração — a Viúva foi responsável por isso. Nem mesmo a verdadeira *Mucuna* poderia pôr termo à minha incapacidade; a *Feronia* jamais teria engendrado em mim a “energia sensual das feras”.

Mesmo assim, acho-me de novo em minha escrivadinha; e mais uma vez Padma senta-se a meus pés, incitando-me a prosseguir com a narrativa. Estou equilibrado de novo — a base de meu triângulo isósceles está firme. Pairo no ápice, acima do presente e do passado, e sinto a fluência voltar à minha pena.

Nesse caso, funcionou mesmo uma espécie de magia; e a excursão de Padma em busca de poções amorosas ligou-me por um momento àquele mundo de conhecimentos antigos e credices de feiticeiros, que hoje em dia quase todos nós tanto desprezamos; mas estou satisfeito com sua erupção em meus últimos dias (apesar de eólicas estomacais e da baba na boca), pois contemplar esse mundo significa recuperar um pouco do perdido senso de proporção.

Pensem no seguinte: a História, em minha versão, entrou numa nova fase em 15 de agosto de 1947..., mas em outra versão aquela data inescapável não passa de um instante fugaz na Era das Trevas, Kali-yuga, na qual a vaca da moralidade foi reduzida a postar-se de pé, cambaleante, sobre uma perna só! Kali-yuga — o lance da derrota em nosso jogo de dados nacional; o pior de tudo; a era em que a propriedade dá valor a um homem, em que riqueza identifica-se com virtude, em que a paixão transforma-se no único vínculo entre homens e mulheres, em que a falsidade engendra sucesso (será de admirar, numa época dessas, que também eu tenha confundido o bem e o mal?)... Kali-yuga começou na sexta-feira, 18 de fevereiro de 3102 a.C.; e durará só mais 432 mil anos! Já me sentindo um tanto apequenado, devo ainda assim acrescentar que a Era das Trevas não passa da quarta fase do atual ciclo de Maha-yuga, que é, no total, dez vezes mais longo; e, quando se considera serem necessários mil Maha-yugas para perfazer um único Dia de Brahma, verão o que quero dizer com relação à proporção.

Sinto que um pouco de humildade nesse ponto (quando estou trêmulo ante a iminência de apresentar os Filhos) não deixa de vir a calhar.

Padma muda de posição, embaraçada.

— De que está falando? — pergunta, corando um pouco. — Isso é conversa de brâmane. O que tem a ver comigo?

... Nascido e criado na tradição muçulmana, sinto-me de repente esmagado pelo peso de uma sabedoria mais antiga; enquanto aqui, a meu lado, está minha Padma, cujo regresso desejei com tanto anelo... Minha Padma! A Deusa do Lótus; A que possui o Excremento; a Melíflua, a Feita de Ouro; cujos filhos são a Umidade e a Lama...

— Vai ver que a febre ainda continua — admoesta ela, com uma risadinha. — Como feita de ouro, mister? E, como sabe, não tenho fil...

... Padma, que, juntamente com os gênios yaksa, que representam o tesouro sagrado da terra, e os rios sagrados, Ganga, Yamina, Sarasvati, e as três deusas, é uma das Guardiãs da Vida, seduzindo e consolando os mortais enquanto passam pela teia onírica de Maya. Padma, o cálice de Lótus, que nasceu do umbigo de Vishnu, e do qual nasceu o próprio Brahma; Padma, a Fonte, a mãe do Tempo!...

— Ei! — Agora ela tem uma expressão preocupada. — Deixe-me ver sua testa!

... E onde, nesse desígnio das coisas, me situo? Serei eu (seduzido e consolado por sua volta) um simples mortal... ou algo mais? Assim... isso, por que não?... de tromba descomunal, com esse nariz de Ganesh, como sou... talvez o Elefante. Que, como Sin, a Lua, controla as águas, propiciando a dádiva das chuvas... Cujas mãe foi Ira, rainha-consorte de Kashyap, o Velho Homem-Tartaruga, senhor e progenitor de todas as criaturas na face da terra... O Elefante que é também o Arco-íris, e o raio, e cujo valor simbólico, cumpre acrescentar, é extremamente problemático e incerto.

Muito bem, pois: ilusório como o arco-íris, imprevisível como o raio, gárrulo como Ganesh, parece que ocupo meu próprio lugar na sabedoria antiga, afinal.

— Meu Deus! — Padma saiu correndo para buscar uma toalha molhada em água fria. — Sua testa está em brasa! É melhor deitar-se um

pouco agora. Foi cedo demais para começar a escrevinhação! O que está falando é a doença, e não sua boca.

Mas já perdi uma semana. Com ou sem febre, tenho de continuar; porque, tendo esgotado (por ora) essa veia de fabulação antiga, estou chegando à essência fantástica de minha própria história, e tenho de escrever, de maneira clara e sem alusões herméticas, sobre os filhos da meia-noite.

Entendam o que estou dizendo: durante a primeira hora de 15 de agosto de 1947 — entre meia-noite e uma da manhã — nada menos que mil e uma crianças nasceram dentro das fronteiras daquele incipiente Estado soberano, a Índia. Tal fato nada tem de inusitado em si (ainda que as conotações do número sejam estranhamente literárias): naquela época, os nascimentos em nossa parte do mundo excediam os óbitos em aproximadamente seiscentos e oitenta e sete por hora. O que tornou o acontecimento digno de nota (digno de nota!, eis um termo moderado!) foi a natureza dessas crianças, cada uma das quais estava dotada, devido a alguma aberração da natureza, talvez em virtude de alguma força sobrenatural do momento, ou simplesmente por pura coincidência (muito embora uma sincronia em tamanha escala aturdisse até C. G. Jung), de características, talentos ou faculdades que só podem ser descritos como miraculosos. Se me permitirem um instante de fantasia neste relato, que em tudo mais será, prometo, o mais sóbrio que eu puder fazer, foi como se a História, alcançando um ponto de suprema significação e promessas, tivesse resolvido semear, naquele momento, os germes de um futuro que diferisse, verdadeiramente, de tudo quanto o mundo já vira até então.

Se um milagre semelhante aconteceu do outro lado da fronteira, no recém-desmembrado Paquistão, disso não tenho qualquer conhecimento; minhas percepções, enquanto duraram, estavam limitadas pelo mar da Arábia, pela baía de Bengala, pelo Himalaia, mas também pelas fronteiras artificiais que dilaceravam o Punjab e Bengala.

Inevitavelmente, muitas dessas crianças não lograram sobreviver. A desnutrição, a doença e os percalços da vida cotidiana haviam dado cabo de nada menos que quatrocentas e vinte delas na época em que me dei conta de sua existência; no entanto, é possível conjecturar que também essas mortes tiveram seu propósito, uma vez que 420 tem sido, desde tempos imemoriais, o número associado ao embuste, à fraude e ao ilusionismo. Será possível, então, que as crianças desaparecidas tenham sido eliminadas porque se mostraram inadequadas, porque não eram os verdadeiros filhos daquela hora? Bem, em primeiro lugar isso representa outra incursão no mundo da fantasia; em segundo lugar, a hipótese fundamenta-se numa visão da vida que é ao mesmo tempo excessivamente teológica e barbaramente cruel. É também uma pergunta irrespondível; por conseguinte, determo-nos em seu exame é inútil.

Em 1957, as quinhentas e oitenta e uma crianças sobreviventes aproximavam-se de seu décimo aniversário, ignorando inteiramente, na maior parte, a existência umas das outras... ainda que decerto tenha havido exceções. Na cidade de Baud, às margens do rio Mahanadi, em Orissa, havia duas irmãs gêmeas que já eram uma lenda em sua região, uma vez que, a despeito de sua impressionante simplicidade, ambas possuíam a capacidade de fazer com que todo homem que as visse se apaixonasse irremediavelmente (e com freqüência de maneira suicida) por elas, de modo que seus atarantados pais se viam incessantemente importunados por uma torrente de homens que se propunham a casar com uma daquelas crianças espantosas (ou mesmo com ambas); eram velhos que tinham perdido a sabedoria de suas barbas e moços que faziam melhor engraçando-se pelas atrizes mambembeiras que visitavam Baud uma vez por mês; e havia uma outra procissão, mais perturbadora, de famílias enlutadas que amaldiçoavam as gêmeas por terem enfeitado os filhos, levando-os a cometerem atos de violência contra si próprios, suplícios e flagelações fatais, e até mesmo (houve um certo caso) auto-imolação. Exceção feita a esses casos raros, porém, os filhos da meia-noite tinham

crescido desconhecendo totalmente a existência de seus irmãos verdadeiros, seus companheiros, os eleitos, em toda a extensão do desproporcionado losango da Índia.

E foi então que, em conseqüência de um choque sofrido num acidente de bicicleta, eu, Salim Sinai, tomei consciência de todos eles.

A qualquer pessoa que, por temperamento, seja demasiado inflexível para aceitar esses fatos, digo o seguinte: Foi assim que as coisas aconteceram; não há como fugir da verdade. Terei de arcar com o peso da descrença de quem duvidar. Contudo, nenhuma pessoa alfabetizada dessa nossa Índia pode estar inteiramente imune ao tipo de informação que estou para revelar; nenhum leitor de nossa imprensa nacional pode ter deixado de deparar com uma série — comprovadamente inferior — de crianças mágicas e degenerados sortidos. Na semana passada mesmo houve aquele caso do menino bengali que anunciou ser a reencarnação de Rabindranath Tagore e se pôs a improvisar poemas de extraordinária qualidade, para estupefação de seus pais; e eu mesmo me lembro de crianças de duas cabeças (às vezes, uma humana e outra animal) e com outras aberrações como chifres de boi.

Convém que eu diga desde já que nem todos os dons das crianças eram desejáveis ou mesmo desejados por elas próprias; e que, em certos casos, as crianças tinham sobrevivido, mas privadas de suas qualidades de meia-noite. Como exemplo disso (e para fazer *pendant* ao caso das gêmeas de Baud), lembro de uma mendiguinha de Délhi chamada Sundari, que nasceu numa rua atrás da Agência Central dos Correios, não longe do terraço onde Amina Sinai escutara as profecias de Ramram Seth, e cuja beleza era tão intensa que poucos momentos depois de seu nascimento cegou a mãe e as vizinhas que a tinham ajudado no parto; seu pai, que irrompeu quarto adentro ao ouvir os gritos das mulheres, fora avisado por elas em tempo; mas o simples fato de ter visto a filha de relance prejudicou de tal modo sua visão que depois disso ele nunca mais foi capaz de distinguir entre indianos e turistas estrangeiros, o que afetou adversamente,

e em alto grau, sua eficiência como mendigo. Durante algum tempo depois disso, Sundari foi obrigada a ter sempre um trapo tapando-lhe o rosto, até que um dia uma velha e impiedosa tia-avó tomou-a nos braços ossudos e cortou-lhe o rosto nove vezes com uma faca de cozinha. Na época em que tomei consciência dela, Sundari estava muito bem de vida, pois ninguém que a olhasse podia deixar de apiedar-se de uma menina que evidentemente fora no passado bonita demais para ser contemplada e que agora se mostrava tão cruelmente desfigurada; ela ganhava mais esmolas do que qualquer outro membro da família.

Como nenhuma das crianças suspeitasse de que a hora de seu nascimento tivesse alguma relação com o que eram, levei algum tempo para descobrir isso. A princípio, depois do acidente com a bicicleta (e particularmente depois que os manifestantes étnicos me purgaram de Evie Burns), satisfiz-me em descobrir, um a um, os segredos dos seres fabulosos que haviam, inopinadamente, entrado em meu campo de visão mental, colecionando-os com frenesi, da maneira como alguns meninos colecionam insetos, e, outros, rabiscam trens de ferro; desinteressando-me por livros de autógrafos e todas as demais manifestações do instinto coletor, eu mergulhava, sempre que possível, na realidade separada e em tudo mais atraente dos quinhentos e oitenta e um. (Duzentos e sessenta e seis éramos meninos, superados em número por nossas companheiras meninas — eram trezentas e quinze, inclusive Parvati. A bruxa Parvati.)

Os filhos da meia-noite!... Em Kerala, um garoto tinha o dom de caminhar para dentro de espelhos e sair de qualquer superfície refletora... de lagos e (com maior dificuldade) das polidas carrocerias metálicas de automóveis... Uma menina de Goa possuía a faculdade de multiplicar peixes... E crianças dotadas de poderes de transformação: um lobisomem dos montes Nilgiri e, no grande divisor de águas dos Vindhya, um menino capaz de aumentar ou diminuir de tamanho à vontade, e que causara (por pura maldade) pânico desvairado e boatos sobre o retorno de Gigantes... Em Caxemira, uma criança de olhos azuis cujo sexo original eu nunca

soube com exatidão, uma vez que, imergindo na água, ele (ou ela) podia alterá-lo como lhe aprouvesse. Alguns de nós chamávamos essa criança de Narada, outros de Markandaya, dependendo do antigo conto de fadas sobre mudança de sexos que tivéssemos ouvido... Perto de Jalna, no coração do estorricado Daccan, encontrei um jovem hidromante, e em Budge-Budge, nas cercanias de Calcutá, uma menina de língua ferina cujas palavras possuíam a capacidade de infligir contusões físicas, de modo que depois que alguns adultos se viram a sangrar copiosamente em consequência de alguma farpa que seus lábios haviam atirado casualmente, tinham resolvido prendê-la numa gaiola de bambu e fazê-la descer o Ganges até as selvas de Sundarbans (que são a legítima morada de monstros e avantesmas); mas ninguém se atrevia a aproximar-se dela, e a menina deslocava-se pela cidade envolta num vácuo de medo; ninguém tinha coragem de negar-lhe comida. Havia um menino capaz de comer metal, e uma menina cujos dedos eram tão verdes que ela podia cultivar imensas berinjelas no deserto de Thar; e outras, outras, outras... Aturdido pela quantidade delas, e também pela exótica multiplicidade de seus dons, eu prestava pouca atenção, naqueles primeiros tempos, às suas personalidades comuns; mas inevitavelmente nossos problemas, quando apareciam, eram os problemas cotidianos, humanos, que brotam do temperamento e do meio ambiente; em nossas brigas, éramos apenas um bando de crianças.

Fato extraordinário: quanto mais próxima à meia-noite era nossa hora de nascimento, maiores eram nossos dons. As crianças nascidas nos últimos segundos daquela hora eram (para ser franco) pouco mais que aberrações circenses: meninas barbadas, um garoto com guelras (plenamente funcionais) de truta de água doce, irmãos siameses com dois corpos que pendiam de uma única cabeça e um só pescoço — a cabeça falava em duas vozes, uma masculina e outra feminina, todas as línguas e dialetos usados no subcontinente; mas, apesar de todos os seus atributos prodigiosos, esses eram os infelizes, os equívocos vivos daquela hora numinosa. Por volta da meia hora surgiam as faculdades mais interessantes

e úteis: na floresta de Gir morava uma menina feiticeira que tinha o poder de curar impondo as mãos, e em Shillong havia o filho de um rico plantador de chá a quem fora concedida a bênção (ou, quem sabe, a maldição) de ser incapaz de esquecer tudo quanto visse ou escutasse. Mas as crianças nascidas no primeiro minuto daquela hora!... Para elas o momento reservara os maiores talentos com que os homens já sonharam. Se você, Padma, possuísse um registro de nascimento no qual os horários estivessem anotados até o segundo exato, também você conheceria o descendente de uma famosa família de Lucknow (nascido vinte e um segundos depois da meia-noite) que dominara por completo, com a idade de dez anos, as perdidas artes da alquimia, mediante as quais restaurou a fortuna de sua antiga porém arruinada família; e também a filha de um lavadeiro de Madras (dezessete segundos depois da meia-noite) que podia voar mais alto do que qualquer ave com o simples ato de fechar os olhos; e saberia a que filho de um ourives de Benarsi (doze segundos depois) fora dado o dom de viajar no tempo e assim profetizar o futuro, bem como esclarecer o passado... um dom em que, crianças como éramos, confiávamos implicitamente quando relatava coisas idas e esquecidas, mas de que zombávamos quando nos advertia sobre nosso próprio fim... Felizmente, tais registros não existem; e de minha parte não revelarei — ou melhor, ao parecer revelar, falsificarei — seus nomes e até suas cidades. Isto porque, embora tais revelações viessem a constituir prova absoluta do que afirmo, os filhos da meia-noite merecem agora, depois de tudo, ser deixados em paz; talvez para esquecerem; mas espero (sem esperança) que seja para se lembrarem...

Parvati, a bruxa, nasceu na Velha Délhi, numa favela organizada em torno das escadarias da mesquita da Sexta-Feira. Não era uma favela ordinária, ainda que os barracos feitos de caixotes velhos, folhas de zinco e restos de sacaria de juta, armados ao deus-dará em torno da velha mesquita, não parecessem em nada diferentes dos de qualquer outra favela... Mas ali era o gueto dos mágicos, isso mesmo, exatamente o lugar que no passado

gerara um Colibri que fora furado por facas e que cães vadios não tinham conseguido salvar... A favela dos magos, à qual acorriam sem cessar os maiores faquires, videntes e ilusionistas do país, a fim de buscar fortuna na capital. Encontravam barracos de lata, perseguições da polícia e ratos... O pai de Parvati fora no passado o maior feiticeiro de Oudh; ela crescera entre ventríloquos que sabiam fazer pedras contarem piadas, contorcionistas capazes de engolir suas próprias pernas, comedores de fogo que exalavam chamas pelo ânus e palhaços trágicos que possuíam a capacidade de extrair lágrimas de vidro dos cantos dos olhos; submetera-se placidamente ao espanto de multidões embasbacadas, enquanto o pai lhe enfiava longos espetos no pescoço; e durante todo o tempo guardara seu próprio segredo, maior que o de qualquer um dos disparates ilusionistas que a cercavam; porque à bruxa Parvati, nascida apenas sete segundos depois da meia-noite de 15 de agosto, tinham sido atribuídos os poderes do verdadeiro conhecedor, do iluminado, os dons genuínos do bruxedo e da feitiçaria, a arte que dispensava todo artifício.

Assim, entre os filhos da meia-noite havia criancinhas com poderes de transformação, de vôo, de profecia e de sortilégio... Mas dois de nós tínhamos nascido exatamente à meia-noite. Salim e Shiva, Shiva e Salim, nariz e joelhos e joelhos e nariz... A Shiva a hora dera os dons da guerra (de Rama, capaz de retesar o arco irretesável; de Arjuna e Bhima; a bravura antiga de Kurus e Pandavas manifestava-se nele, irresistível)... e, a mim, o talento supremo: a capacidade de contemplar os corações e as mentes dos homens.

Mas estamos em Kali-Yuga; os filhos da hora da escuridão nasceram, receio, no meio da era das trevas; e assim, embora achássemos fácil ser brilhantes, nunca sabíamos direito o que significava ser bom.

Pronto. Já disse. Assim eu era... nós éramos.

A julgar pela expressão de Padma, eu diria que sua mãe tinha morrido... Seu rosto, com a boca que se abre e se fecha, é a cara de um pampo

encalhado na praia. — Ah, baba! — diz ela por fim. — Ah, baba! Está doente... O que disse?

Não, isso seria fácil demais. Recuso-me a me refugiar na doença. Não cometam o erro de desprezar como simples delírio o que acabei de revelar; ou mesmo como as fantasias imensamente exageradas de uma criança solitária e feia. Já afirmei antes que não estou falando metaforicamente; o que acabei de escrever (e de ler para a atônita Padma) é nada mais nada menos do que a verdade literal, do tipo juro-pela-alma-de-minha-mãe.

A realidade pode ter um conteúdo metafórico; isso não a torna menos real. Mil e uma crianças nasceram; houve mil e uma possibilidades que nunca antes tinham existido num mesmo lugar e numa mesma época; e houve mil e um becos sem saída. Os filhos da meia-noite podem ser interpretados como muitas coisas, de acordo com o ponto de vista de cada um: podem ser vistos como a última manifestação de tudo quanto é antiquado e retrógrado em nossa nação impregnada de mitos, crianças cuja derrota era inteiramente desejável no contexto de uma economia modernizante, do século xx; ou como a verdadeira esperança da liberdade, agora para sempre extinta; mas o que não devem tornar-se é a criação bizarra de uma mente desconexa, doentia. Não; não há doença alguma, nem em mim nem neles.

— Está certo, baba, está certo — tenta apaziguar-me Padma. — Por que melindrar-se tanto? Descanse agora, descanse um pouco, é só o que estou pedindo.

Foram mesmo alucinantes aqueles dias antes de meu décimo aniversário; no entanto, as alucinações não estavam em minha cabeça. Meu pai, Ahmed Sinai, compelido pela pérfida morte do dr. Narlikar e pelo efeito cada vez mais potente dos djinns-tônica, refugiara-se num mundo fantasioso de desnorteante irreabilidade; e o aspecto mais insidioso de seu lento declínio foi que, por muito e muito tempo, as pessoas viram em sua queda exatamente o oposto... Nussie Pata, a mãe de Sonny Ibrahim, diz a Amina, certa tarde, em nosso jardim: — Que época

maravilhosa vocês todos estão vivendo, irmã Amina, agora que seu Ahmed está no auge! Um homem tão bom! E como está prosperando, para o bem da família! — Fala alto, para que ele escute; e embora ele finja estar instruindo o jardineiro sobre o que fazer com as buganvílias doentes, embora assuma uma expressão de humilde modéstia, sua atitude é de todo inconvincente, pois seu corpo opado começou, sem que ele saiba, a enfaturar-se, empertigar-se. Até Purushottam, o tristonho sadhu debaixo da torneira do jardim, parece embaraçado.

Meu pai definhante... Durante quase dez anos ele sempre demonstrara bom humor à mesa do café, antes de barbear o queixo; mas à medida que seus pêlos faciais embranqueciam, juntamente com o desbotamento de sua pele, esse momento fixo de felicidade deixou de ser uma certeza; e chegou o dia em que ele, pela primeira vez, perdeu as estribeiras à mesa do café. Foi no dia em que o governo aumentou os impostos e simultaneamente baixou o nível de isenção tributária; papai jogou ao chão o *Times of India* com um gesto violento e olhou em torno com os olhos vermelhos que eu sabia que ele só tinha em seus acessos de cólera.

— É como ir ao banheiro! — explodiu cripticamente; ovos, torradas e chá tremeram à rajada de sua ira. — A gente levanta a camisa e baixa as calças! Mulher, esse governo está indo ao banheiro em cima de todos nós!

E mamãe, enrubescendo apesar da pretidão:

— Janum, as crianças, por favor!

Mas ele já se afastara de maus modos, deixando-me com uma clara compreensão do que as pessoas queriam dizer quando falavam que o país estava indo pelo buraco.

Nas semanas seguintes, o queixo matinal de meu pai continuou a desbotar, e perdeu-se algo mais que a paz da mesa do café: ele começou a esquecer o tipo de homem que fora antigamente, antes da traição de Nalikar. Os rituais de nossa vida doméstica começaram a desandar. Papai começou a não aparecer à mesa do café, de modo que Amina não podia extrair-lhe dinheiro com afagos; no entanto, como compensação, tornou-se

descuidado com seu dinheiro, e as roupas que ele tirava viviam cheias de notas e moedas de rupias, e assaltando-lhe os bolsos ela conseguia o dinheiro de que necessitava. No entanto, uma indicação mais deprimente de seu afastamento da vida familiar foi ele deixar de nos contar histórias à hora de dormir; e, quando o fazia, não gostávamos delas, pois tinham se tornado sem graça e inconvincentes. Seus temas continuavam os mesmos — príncipes, duendes, cavalos voadores e aventuras em terras mágicas —, mas em sua voz desatenta ouvíamos os estalos e os gemidos de uma imaginação que se enferrujava e degenerava.

Papai sucumbira à abstração. Parece que a morte de Narlikar e o fim de seu sonho dos tetrápodes tinham mostrado a Ahmed Sinai a natureza precária das relações humanas; ele decidira livrar-se de todos esses laços. Deu para levantar-se antes de romper o dia e trancar-se com sua Fernanda ou Flory em seu escritório no térreo, diante de cujas janelas as duas árvores que ele plantara para comemorar meu nascimento e o da Macaca já tinham crescido o suficiente para encobrir a maior parte da luz do sol, quando ela chegava. Como quase nunca ousássemos incomodá-lo, papai entrou em profunda solidão, uma situação tão insólita em nosso país superpovoado que beirava a anormalidade; começou a recusar a comida que vinha de nossa cozinha e a viver de porcarias baratas que a moça lhe levava todos os dias numa marmita, parathas mornas, legumes empapados, samosas e garrafas de bebidas gaseificadas. Um perfume esquisito saía por baixo da porta de seu escritório; Amina o tomou pelo cheiro de ar viciado e comida de segunda categoria; mas, em minha opinião, um velho perfume retornara sob uma forma mais intensa, o velho cheiro do fracasso, que pairava em torno dele desde os primeiros tempos.

Ahmed liquidou as muitas casas de cômodos, os chawls que comprara barato ao chegar a Bombaim, e nos quais se baseara a fortuna de nossa família. Despojando-se de todas as ligações comerciais com seres humanos — até mesmo com seus anônimos inquilinos em Kurla e Worli, em Matunga, Mazagaon e Mahim —, ele converteu seus bens em dinheiro e

entrou no ar rarefeito e abstrato da especulação financeira. Trancado no escritório, naquele tempo seu único contato com o mundo (além de suas infelizes Fernandas) era o telefone. Passava o dia imerso em conferência com esse instrumento, que punha seu dinheiro nessas ou naquelas ações, nesses ou naqueles títulos, investia em letras do Tesouro ou em papéis do mercado de ações, vendendo ou comprando de acordo com as ordens dele... e invariavelmente obtendo a melhor cotação do dia. Pegando uma maré de sorte só comparável ao sucesso de minha mãe nos cavalos tantos anos antes, papai e seu telefone tomaram a bolsa de valores de assalto, façanha ainda mais extraordinária em vista dos hábitos alcoólicos de Ahmed Sinai, que só pioravam. Empapado de gênios, mesmo assim ele navegava na crista das abstratas ondulações do mercado financeiro, reagindo às suas imprevisíveis e emocionais mudanças como um amante responde ao mais ligeiro capricho de sua bem-amada... Era capaz de pressentir quando uma ação ia subir, quando chegaria o auge; e sempre saía antes da queda. Era assim que se disfarçava seu mergulho na solidão abstrata de seus dias telefônicos, era assim que seus golpes financeiros obscureciam seu contínuo divórcio da realidade; mas, sob a capa de uma crescente abastança, seu estado piorava incessantemente.

Por fim, a última de suas secretárias de saias de calicó demitiu-se, incapaz de suportar a vida numa atmosfera tão tênue e abstrata que tornava difícil respirar; e então papai mandou buscar Mary Pereira e pôs-se a adulá-la:

— Mary, nós somos amigos, não somos, eu e você?

A pobre mulher replicou:

— Sim, sahib, eu sei. O senhor tomará conta de mim em minha velhice — e prometeu achar para ele uma substituta.

No dia seguinte, trouxe-lhe a irmã, Alice Pereira, que havia trabalhado para toda espécie de chefes e tinha uma paciência quase infinita com os homens. Alice e Mary já havia muito tinham feito as pazes, esquecendo a briga por causa de Joe D’Costa; a mulher mais jovem muitas vezes ia ficar

conosco no andar de cima ao fim do dia, trazendo seu lampejo e sua brejeirice ao ar um tanto opressivo de nosso lar. Eu tinha por ela grande afeição, e foi por seu intermédio que vim a saber dos maiores excessos de meu pai, cujas vítimas eram uma maritaca e uma vira-lata.

Em julho, Ahmed Sinai entrara num estado de embriaguez quase permanente; certo dia, contou Alice, resolvera sair de carro repentinamente, fazendo com que ela temesse por sua vida, e voltou não se sabe como com uma gaiola coberta por um pano. Disse tratar-se de sua nova aquisição, um bulbul ou rouxinol indiano. — Só Deus sabe por quanto tempo — confidenciou Alice — ele me fala a respeito de bulbuls; são histórias da carochinha sobre o canto deles e não sei mais o quê. Diz que um califa ficou fascinado pelo canto do bulbul, cujos trinados tornavam mais longa a beleza da noite; só Deus sabe o que o coitado estava falando, citando coisas em persa ou árabe, e eu não conseguia entender patavina. Mas quando ele tirou o pano, o que havia dentro da gaiola era uma maritaca falante, algum velhaco do Chor Bazaar deve ter pintado as penas! Agora, como é que eu podia dizer isso ao coitado, que estava tão feliz com sua ave, sentado ali e pedindo “Cante, bulbulzinho! Cante!”... E foi tão engraçado, pouco antes que a maritaca morresse, por causa da tinta, o bicho só fazia repetir aquelas palavras, exatamente como tinham sido pronunciadas, não daquele jeito esganiçado das aves, sabem como é, mas igualzinho à voz dele: “*Cante! Bulbulzinho, cante!*”.

Mas coisas piores estavam por vir. Alguns dias depois eu estava sentado com Alice na escada de ferro em caracol da área dos empregados quando ela me disse:

— Baba, não sei o que foi que deu em seu pai agora. Passa os dias sentado, soltando pragas para cima da cadela!

A cadela vira-lata, que chamávamos de Sherri, subira a colina no começo do ano e simplesmente nos adotara, sem saber que na Propriedade Methwold os animais não levavam boa vida; e em suas libações, Ahmed Sinai transformou-a em cobaia de experiências com a maldição da família.

Tratava-se da mesma maldição fictícia que ele maquinara para impressionar William Methwold; mas agora, nas câmaras deliçuescentes de sua mente, os gênios, os djinns, persuadiram-no de que aquilo não era ficção, de que ele apenas esquecera as palavras; e por isso passava longas horas em seu escritório insanamente solitário, experimentando fórmulas... — As maldições que ele lança sobre a pobre criatura! — lamentou Alice. — Não sei como ela não cai mortinha ali mesmo!

No entanto, tudo que Sherri fazia era ficar sentada num canto, fitando-o com ar estúpido, recusando-se a ficar roxa ou rebentar em pústulas, até que uma noite ele saiu do escritório quase correndo e mandou que Amina levasse todos nós a Hornby Vellard. Sherri também foi. Passeamos a pé, com expressões de confusão, para cima e para baixo do Vellard, e depois ele disse:

— Entrem no carro, todos.

Só que não quis deixar Sherri entrar... No momento em que o Rover acelerou, com papai ao volante, ela começou a correr atrás de nós, enquanto a Macaca gritava papaipapapapai, Amina suplicava Janum, por favor, e eu continuava sentado em horror mudo. Percorremos quilômetros, quase chegando ao aeroporto Santa Cruz, antes que ele se desse por satisfeito com sua vingança contra a cadela por recusar-se a sucumbir às suas feitiçarias... Ela rompeu uma artéria de tanto correr e morreu vomitando sangue pela boca e pelo ânus diante do olhar de uma vaca faminta.

A Macaca de Cobre (que nem gostava de cães) chorou durante uma semana; mamãe ficou preocupada, com medo de desidratação, e a fez beber galões de água, que lhe despejava garganta abaixo “como se ela fosse um gramado”, disse Mary; mas eu gostei da cachorrinha nova que papai comprou para mim em meu décimo aniversário, talvez movido por alguma centelha de culpa: chamava-se Baronesa Simki von der Heiden, em seu pedigree abundavam alsacianos campeões, ainda que com o tempo mamãe descobrisse que isso era tão falso quanto o bulbul de mentira, tão

imaginário quanto a esquecida maldição de meu pai e os ancestrais mogóis; e passados seis meses ela morreu de uma doença venérea. Depois disso não tivemos mais animais de estimação.

Não foi meu pai a única pessoa a se aproximar de meu décimo aniversário com a cabeça perdida nas nuvens de seus sonhos privados: Pois aqui temos Mary Pereira entregue à sua paixão por preparar chutneys, kasaundies e pickles de toda espécie; e apesar da presença jovial da irmã Alice, há alguma coisa de aflição em seu rosto.

— Olá, Mary! — Padma (que parece ter uma queda toda especial por minha criminosa ama) saúda seu retorno ao palco. — Mas o que está comendo essa mulher por dentro?

É o seguinte, Padma: atormentada por seus pesadelos, nos quais Joseph D’Costa a atacava, Mary tinha cada vez mais dificuldade para dormir. Sabendo o que os sonhos lhe reservaram, ela se forçava a permanecer acordada; manchas escuras apareceram sob seus olhos, recobertos por uma fina película vítrea; e pouco a pouco a nebulosidade de suas percepções fundiu a vigília e o sonho numa terceira coisa, muito parecida com ambas... Uma situação muito perigosa, Padma. Não só a pessoa começa a trabalhar mal, como as coisas dão para escapar de seus sonhos... Joseph D’Costa conseguira, na verdade, transpor a indistinta fronteira, e agora se apresentava na Vila Buckingham, não como um pesadelo, e sim como legítimo fantasma. Visível (nessa época) somente a Mary Pereira, começou a persegui-la por todos os cômodos de nossa casa, que, para horror e vergonha daquela mulher, ele tratava como se fosse sua. Ela o via na sala de visitas, entre jarros de vidro lavrado, estatuetas de Dresden e as sombras giratórias dos ventiladores de teto, repousando em poltronas macias, com as compridas pernas maltrapilhas jogadas sobre banquetas; seus olhos estavam cheios de clara de ovo e havia buracos em seus pés, no lugar onde a cobra o picara. Certa vez ela o viu na cama de Amina begum, de tarde, tranqüilo como que, ao lado de minha mãe adormecida, e ela gritou: “Ei, você aí! Saia logo dessa cama! O que está pensando, que é algum rajá?”.

Mas tudo que conseguiu foi despertar mamãe, que acordou atônita. O fantasma de Joseph rondava Mary em silêncio; e o pior foi que ela começou a se acostumar com ele, descobriu esquecidas sensações de afeto cutucando-lhe as entranhas, e embora dissesse a si própria que aquilo era maluquice, começou a encher-se de uma espécie de nostálgico amor pelo espírito do falecido atendente de hospital.

Todavia, esse amor não era correspondido; os olhos nevados de Joseph continuavam sem expressão; seus lábios mantinham um sorriso acusador e sardônico; e por fim ela percebeu que essa nova manifestação não era diferente da de seu velho Joseph de sonhos (ainda que o novo nunca a agredisse), e que para ter a esperança de um dia livrar-se dele teria de fazer o impensável e confessar seu crime ao mundo. Mas não confessou, provavelmente por minha culpa — Mary me amava como a seu próprio filho inconcebido e inconcebível, e uma confissão sua me teria magoado profundamente, de modo que por amor a mim ela suportou o espectro de sua consciência e se deixou perseguir por aparições na cozinha (papai despedira o cozinheiro numa noite encharcada de gênios), cozinhando nossa comida e tornando-se, por casualidade, a corporificação do primeiro verso de meu livro de latim, *Ora Marítima*: “À beira do mar, a aia prepara a refeição”. *Ora maritima, ancilla cenam parat*. Olhai dentro dos olhos das aias cozinheiras e vereis mais do que os livros didáticos jamais souberam.

Em meu décimo aniversário, muitos frangos chegaram à nossa casa para serem assados.

Em meu décimo aniversário estava evidente que o tempo absurdo — tempestades, enchentes e granizo caindo de um céu sem nuvens — que se seguira à intolerável onda de calor de 1956 afundara o segundo Plano Quinquenal. O governo fora obrigado, apesar da proximidade das eleições, a anunciar ao mundo que não poderia mais aceitar empréstimos para desenvolvimento, a menos que os emprestadores estivessem dispostos a esperar o pagamento indefinidamente. (Mas não me convém exagerar a situação: embora a produção de aço alcançasse apenas 3,4 milhões de

toneladas no final do Plano, em 1961, e embora, durante aqueles cinco anos, o número dos sem-terra e dos desempregados na verdade aumentasse, de modo a tornar-se maior do que em qualquer época do Raj britânico, houve também ganhos substanciais. A produção de minério de ferro quase duplicou; a capacidade elétrica instalada dobrou; a produção de carvão saltou de 38 milhões para 54 milhões de toneladas. Cinco bilhões de jardas de tecidos de algodão foram produzidos a cada ano, como também grandes quantidades de bicicletas, máquinas-ferramentas, motores a diesel, bombas mecânicas e ventiladores de teto. Mas não posso terminar sem ferir uma nota melancólica: o analfabetismo manteve-se incólume; a população continuou a crescer vertiginosamente.)

Em meu décimo aniversário, fomos visitados por meu tio Hanif, que se tornou extremamente malvisto na Propriedade MethWold, ao anunciar alegremente: — As eleições vêm aí! Vocês vão ver só os comunistas!

Em meu décimo aniversário, quando meu tio Hanif cometeu sua gafe, mamãe (que dera para desaparecer em misteriosas “idas às compras”) corou teatral e inexplicavelmente.

Em meu décimo aniversário, ganhei uma cadelinha alsaciana com pedigree falso e que em breve morreria de sífilis.

Em meu décimo aniversário, todo mundo na Propriedade Methwold fez o possível e o impossível para demonstrar alegria, porém debaixo desse tênue verniz todos estavam invadidos pelo mesmo pensamento: “Dez anos, meu Deus! Para onde foram? O que foi que fizemos?”.

Em meu décimo aniversário, o velho Ibrahim anunciou que apoiava o Maha Gujarat Parishad; no que dizia respeito ao controle da cidade de Bombaim, desfraldou a bandeira do lado perdedor.

Em meu décimo aniversário, minhas suspeitas atiçadas por um enrubescimento, espionei os pensamentos de minha mãe; e o que vi ali me fez começar a segui-la, tornou-me um detetive particular tão ousado como o legendário Dom Minto de Bombaim; e levou-me a importantes descobertas no Café Pioneiro e em suas vizinhanças.

Em meu décimo aniversário, fizeram para mim uma festa a que compareceram os membros de minha família, que haviam esquecido o que era alegria, colegas da Escola Catedral mandados por seus pais, e várias nadadoras ligeiramente entediadas do Breach Candy Club, que permitiam à Macaca de Cobre andar com elas e beliscar-lhes as potentes musculaturas; quanto a adultos, estavam lá Mary e Alice Pereira, os Ibrahim, Homi Catrack, o tio Hanif com Pia Titia e Lila Sabarmati, em quem os olhos de todos os estudantes (e também de Homi Catrack) mantiveram-se grudados, para considerável irritação de Pia. Mas o único membro da turma da colina a aparecer foi o leal Sonny Ibrahim, que desafiara um embargo imposto às festividades pela aborrecida Evie Burns. Sonny passou-me um recado:

— Evie mandou dizer que você não faz mais parte da turma.

Em meu décimo aniversário, Evie, Caolho, Brilhantina e até Ciro, o Grande, invadiram meu esconderijo particular; ocuparam o campanário e com isso privaram-me de meu abrigo.

Em meu décimo aniversário, Sonny pareceu chateado, e a Macaca de Cobre separou-se das nadadoras e ficou extremamente irritada com Evie Burns. — Vou dar uma lição a ela — disse-me. — Não se preocupe, irmãozão. Aquela bestinha vai ver uma coisa.

Em meu décimo aniversário, abandonado por um grupo de crianças, fiquei sabendo que quinhentas e oitenta e uma outras também estavam comemorando o delas; e foi por isso que compreendi o segredo de minha hora de nascimento; e tendo sido expulso de uma turma, resolvi formar a minha, uma turma que se espalhava por todos os quadrantes do país e cuja sede ficava atrás de meus olhos.

Em meu décimo aniversário, roubei as iniciais do Clube dos Fãs da Metro — que eram também as iniciais do clube inglês de críquete que visitava o país — e dei-as à nova Conferência dos Filhos da Meia-Noite, a CFM, minha e de mais ninguém.

E assim eram as coisas quando fiz dez anos: nada senão problemas fora de minha cabeça; nada senão milagres dentro dela.

# No Café Pioneiro

Nenhuma cor exceto verde e preto as paredes são verdes o céu é preto (não há telhado) as estrelas são verdes a Viúva é verde mas seu cabelo é preto pretíssimo. A Viúva senta-se numa cadeira alta a cadeira é verde o assento é preto o cabelo da Viúva é partido ao meio é verde na esquerda e na direita é preto. Alta como o céu a cadeira é verde o assento é preto o braço da Viúva é longo como a morte sua pele é verde as unhas são longas pontudas e pretas. Entre as paredes os filhos verdes as paredes são verdes o braço da Viúva desce serpenteando a serpente é verde os filhos gritam as unhas são negras arranham o braço da Viúva está caçando vejam os filhos correrem e gritarem a mão da Viúva se crispa em torno delas verde e preta. Agora um a um os filhos mmff se aquietam sufocados a mão da Viúva está erguendo um a um os filhos verdes o sangue deles preto derramado por unhas cortantes esguicha negro em paredes (verdes) enquanto um a um a mão enroscada ergue filhos alto até o céu, o céu é preto não há estrelas a Viúva ri sua língua é verde mas seus dentes são pretos. E filhos despedaçados em dois nas mãos da viúva que rola-enrolando metades de filhos as enrolam em bolinhas as bolas são verdes a noite é preta. E bolinhas voam para a noite entre as paredes os filhos berram um a um a mão da Viúva. E num canto a Macaca e eu (as paredes são verdes as sombras pretas) encolhidos revolvidos largura altura paredes verdes esmaecendo em preto não há telhado e a mão da Viúva vem unporem os filhos gritam e mmff e bolinhas e mão e gritam e mmff e manchas esguichantes de preto. Agora só ela e eu não há mais gritos a mão da Viúva caçacaçando a pele é verde as unhas são pretas para o canto caçacaçando

enquanto nos encolhemos mais no canto nossa pele é verde nosso medo é preto e agora a Mão vem buscabuscando e ela minha irmã me empurra fora fora do canto enquanto ela fica escolhendo olhando a mão as unhas crispadas grita e mmff e esguicho de preto e para cima no alto como céu e rindo Viúva rasgando estou enrolando em bolinhas as bolas são verdes e saio para a noite a noite preta...

A febre amainou hoje. Durante dois dias (fico sabendo) Padma esteve acordada a noite inteira, comprimindo flanelas frias e molhadas em minha testa, segurando-me durante minhas convulsões e meus sonhos com as mãos da Viúva; durante dois dias ela esteve a se culpar por sua poção de ervas desconhecidas.

Mas dessa vez — tranqüilizo-a — a febre não teve nada a ver com aquilo.

Reconheço essa febre; ela surgiu de dentro de mim e de nenhum outro lugar: como um mau cheiro, ressumbrou por minhas lascas. Tive uma febre exatamente igual em meu décimo aniversário e passei dois dias na cama; agora que minhas recordações voltam e escapam de mim, essa velha febre também retornou.

— Não se preocupe — digo —, eu peguei esses germes há quase vinte e um anos.

Não estamos sós. É manhã na fábrica de conservas; trouxeram meu filho para me ver. Uma mulher (não importa quem seja) está de pé ao lado de Padma, junto de minha cama, segurando-o nos braços. — Baba, graças a Deus está melhor, não sabe o que esteve falando em sua doença. — Uma mulher fala com ansiedade, tentando impor-se em minha história antes da hora; mas não vai dar certo... Uma mulher, que fundou essa fábrica de pickles e a casa auxiliar de engarrafamento, que esteve cuidando de meu impenetrável filho, da mesma forma que o passado... Espere! Com suas manhas ela quase me arrancou o segredo, mas felizmente ainda estou no juízo perfeito, com ou sem febre! Alguém terá de recuar e manter-se na

anonimidade até chegar sua vez; e isso só acontecerá no final de tudo. Desvio os olhos dela a fim de olhar para Padma.

— Não pense — aviso-lhe — que por causa de minha febre as coisas que eu lhe contei não eram absolutamente verdadeiras. Tudo aconteceu exatamente como descrevi.

— Ah, Deus, suas histórias! — grita ela. — O dia inteiro, a noite inteira... Acabou adoecendo com isso! Pare um pouco, será que isso vai fazer mal? — Conservei um ar de obstinação; e agora ela pergunta, com uma repentina mudança de tom: — Então me diga, mister: está precisando de alguma coisa?

— Chutney verde — peço. — Verde brilhante... verde como gafanhotos. — E uma mulher que não pode ser nomeada se lembra e diz a Padma (falando no tom velado que só se usa junto a leitos de enfermos e em funerais):

— Eu sei o que ele quer dizer.

... Por que, nesse instante crucial, quando toda espécie de coisas esperavam para ser narradas... quando o Café Pioneiro estava tão próximo, e também a rivalidade de joelhos e nariz... tive de introduzir um simples condimento na conversa? (Por que perco tempo, nesse relato, com uma simples conserva, quando eu poderia estar descrevendo as eleições de 1957..., quando toda a Índia está esperando, há vinte e um anos, para votar?) Porque farejei o ar; e percebi, por trás das expressões solícitas de meus visitantes, um claro cheiro de perigo. Eu pretendia defender-me; mas precisei da ajuda de chutney...

Até agora não lhes mostrei a fábrica à luz do dia. Eis o que permaneceu sem descrição: através de janelas de vidros verdes, meu quarto dá para uma passarela de ferro e, embaixo, para o andar de cozimento, onde tinas de cobre borbulham e fervem, onde mulheres de braços robustos ficam sobre degraus de madeira, mexendo com colherões de cabos compridos os vapores acres de conservas; olhando para o outro lado, por uma janela esverdeada que dá para o mundo, trilhos ferroviários brilham baçamente

ao sol matinal, interrompidos a intervalos regulares pelas complicadas sinaleiras do sistema de eletrificação. À luz do dia, nossa deusa de neon, açafão e verde, não dança sobre as portas da fábrica; nós a desligamos para poupar energia. Mas os trens elétricos estão usando energia: trens locais, amarelos e pardos, passam com estrépito na direção da Estação Churchgate, vindos de Dadar e Borivli, de Kurla e de Bassein Road. Moscas humanas pendem dos trens em densos aglomerados de calças brancas; não nego que, dentro das paredes da fábrica, também se vêem algumas moscas. Mas, em compensação, há também lagartixas, que pendem do teto de cabeça para baixo, imóveis, com queixadas que lembram a península Kathiawar... Também os sons estão à espera de serem ouvidos: borbulhar de tinas, cantorias em voz alta, imprecações grosseiras, humor obsceno de mulheres de braços penugentos; as admoestações, de lábios finos e narizes espigados, de superintendentes; o retinir incessante de vidros de conservas na casa de engarramento ao lado; o rumor de trens e o zumbido (infreqüente, mas inevitável) de moscas... enquanto chutney verde-gafanhoto está sendo retirado de sua tina, para ser trazido num prato bem esfregado, com listras açafão e verdes em torno da borda, juntamente com outro prato cheio de salgadinhos da loja iraniana; enquanto o que agora foi mostrado funciona como de costume, e enquanto o que agora é escutado enche o ar (isso sem falar no que pode ser cheirado), eu, sozinho na cama em meu escritório, percebo com um sobressalto de alarme que estão sugerindo passeios... Quando você estiver mais forte — diz a pessoa que não pode ser nomeada —, um dia em Elephanta, por que não, um bom passeio numa lancha a motor, e todas aquelas grutas com entalhaduras tão lindas. Ou a praia de Juhu, para nadar, tomar água de coco e fazer corridas de camelos. Ou até mesmo a Colônia Aarey!...

E Padma:

— Isso mesmo, ar puro, e o pequenininho vai gostar de ficar com o pai.

E alguém, dando tapinhas na cabeça de meu filho:

— É claro que vamos nós todos. Um bom piquenique; um dia ao ar livre. Baba, isso vai lhe fazer bem...

Ao chegar o chutney, trazido por uma criada, apresso-me a pôr ponto final nessas sugestões.

— Não — recuso. — Tenho de trabalhar. — E vejo uma troca de olhares entre Padma e alguém; e percebo que estava certo ao nutrir suspeitas. Porque no passado já fui iludido com propostas de piqueniques! Uma vez, falsos sorrisos e sugestões de Colônia Aarey me enganaram, fazendo com que eu saísse de casa e entrasse num carro; e aí, antes que eu desse pela coisa, havia mãos me agarrando, havia corredores de hospital, e médicos e enfermeiros me segurando, enquanto uma máscara em meu nariz despejava anestésico dentro de mim e uma voz dizia: “Comece a contar, até dez...” — Sei o que estão planejando.

— Escutem — digo —, não preciso de médicos.

E Padma:

— Médicos? Quem é que está falando de... — Mas não engana ninguém, e com um sorrisinho eu digo:

— Aqui, todo mundo: peguem um pouco de chutney. Preciso dizer coisas importantes a vocês.

E enquanto o chutney — o mesmo chutney que, em 1957, minha ama Mary Pereira fazia com tanta perfeição, o chutney verde-gafanhoto que está para sempre associado àqueles tempos — as conduzia ao mundo de meu passado, enquanto o chutney as amolecia e as tornava receptivas, eu falei, com gentileza e persuasão, e mediante uma mistura de condimento e oratória mantive-me fora das mãos dos perniciosos homens da ciência médica.

Disse: — Meu filho vai compreender. Estou contando essa história para ele, se é para alguém, de modo que mais tarde, quando eu tiver perdido minha luta com as rachaduras, ele saiba. Moralidade, critério, caráter... tudo começa com a memória... e estou guardando uma cópia a carbono.

Chutney verde em pakoras de chilli, desaparecendo pela boca de uma pessoa; verde-gafanhoto em chapatis mornos, sumindo atrás dos lábios de Padma. Percebo que começam a fraquejar, e insisto.

— Eu lhes disse a verdade — repito. — A verdade da memória, que é de um tipo especial. Ela seleciona, elimina, altera, exagera, simplifica, glorifica, e também denigre; mas no fim cria sua própria realidade, sua versão heterogênea mas em geral coerente dos acontecimentos. E nenhum ser humano sadio jamais confia na versão de outra pessoa mais do que na sua própria.

Sim, eu disse “sadio”. Eu sabia o que elas estavam pensando: “Muitas crianças inventam amigos imaginários. Mas mil e um! Que loucura!”. Os filhos da meia-noite abalaram até a fé de Padma em minha narrativa; mas eu a convenci, e agora não se fala mais em passeios.

Como as persuadi? Falando de meu filho, que precisava conhecer a história; lançando luz sobre os mecanismos da memória; e mediante outros artifícios, alguns ingenuamente honestos, outros sagazes como raposas.

— Até Maomé — disse — no começo julgou-se maluco. Pensam que essa idéia nunca passou por minha cabeça? Mas o Profeta tinha sua Khadija, seu Abu-Bakr, para o certificarem da legitimidade do Chamado. Ninguém o traiu, entregando-o nas mãos de médicos de hospícios. — A essa altura, o chutney verde as enchia de pensamentos sobre o passado; vi culpa, e também vergonha, aparecerem em seus semblantes. — O que é a verdade? — perguntei retoricamente. — O que é a sanidade? Terá Jesus ressuscitado do túmulo? Não crêem os hindus, Padma, que o mundo é uma espécie de sonho? Que Brahma sonhou, está sonhando o universo? Que só entrevemos as coisas através do sonho, que é o Maya? Maya — assumi um tom eloqüente, professoral — pode ser definido como tudo que é ilusório; como truques, artifícios e fraudes. Aparições, fantasmas, miragens, videntes, a forma aparente das coisas: tudo isso são partes de Maya. Se afirmo que aconteceram certas coisas que você, perdida no sonho de Brahma, acha difícil acreditar, qual de nós tem razão? Pegue um

pouco mais de chutney — acrescentei com solicitude, servindo-me a mim mesmo de uma porção generosa. — Está delicioso.

Padma começou a chorar.

— Nunca disse que não acreditava — lamuriou-se. — É claro que todo homem tem de contar sua história a seu próprio modo; mas...

— Mas — interrompi, concludente — você também quer... não é?... Saber o que aconteceu? Saber das mãos que dançavam sem se tocarem? E sobre os joelhos? E mais tarde a respeito do curioso bastão do comandante Sabarmati? E, naturalmente, sobre a Viúva? E as crianças... O que foi feito delas?

Padma assentiu. Basta então de médicos e asilos. Fui deixado a sós para escrever. (Não de todo a sós, pois Padma está a meus pés.) Chutney e oratória, teologia e curiosidade: foram essas coisas que me salvaram. E mais uma coisa: chamem-na como quiserem — educação, berço. Mary Pereira teria dito que foi minha criação. Com minha demonstração de cultura e com a pureza de minha linguagem, envergonhei-as e as fiz se sentirem indignas de julgar-me; não foi um ato dos mais nobres, mas quando há uma ambulância esperando na esquina, tudo vale. (Havia mesmo; senti pelo cheiro.) Ainda assim... foi um aviso valioso. É perigoso tentar impor nosso ponto de vista a outras pessoas.

Padma, se você se sentir um tanto em dúvida quanto à minha veracidade, bem... um pouco de dúvida não faz mal. Homens carregados de certezas cometem atos terríveis. Mulheres também.

Entrementes, tenho dez anos e estou a imaginar como me esconder no porta-malas do carro de mamãe.

Isso foi no mês em que o sadhu Purushottam (a quem eu nunca falara sobre minha vida interior) finalmente cansou-se de sua existência estacionária e contraiu os soluços suicidas que o acometeram durante um ano inteiro, levantando-lhe o corpo, com freqüência, a uma altura de quase um palmo, de modo que sua cabeça encalvecida pela água batia alarmentemente na torneira do jardim, e por fim o mataram, de maneira

que certa tarde, à hora do coquetel, ele tombou de lado, com as pernas ainda na posição de lótus, deixando os calos de mamãe sem qualquer esperança de salvação; no mês em que muitas vezes eu ficava no jardim da Vila Buckingham, ao anoitecer, vendo os sputniks cruzarem o céu e me sentindo simultaneamente tão elevado e isolado quanto a pequenina Laika, a primeira e ainda hoje a única cadela a ser lançada em órbita (a baronesa Simki von der Heiden, que em breve contrairia sífilis, sentava-se a meu lado, acompanhando o brilhante risco luminoso do Sputnik II com seus olhos alsacianos — foi uma época de grande interesse canino pela corrida espacial); no mês em que Evie Burns e sua turma ocuparam meu campanário, e em que os baús de roupa suja, além de proibidos, tinham ficado pequenos, de modo que a bem do segredo e da sanidade eu era obrigado a restringir minhas visitas aos filhos da meia-noite à nossa hora privada e silenciosa: eu comungava com eles toda meia-noite, e apenas à meia-noite, durante aquela hora que é reservada a milagres, que de certa forma está apartada do tempo; e em que — para deixar de rodeios — resolvi comprovar, ver com meus próprios olhos, aquela coisa terrível que eu entrevi na parte frontal dos pensamentos de minha mãe. Desde que, escondido num baú de roupa suja, eu escutara duas sílabas escandalosas, vinha suspeitando de que mamãe tivesse segredos; minhas incursões em seus processos mentais os confirmaram; assim, foi com um brilho de decisão nos olhos, e com férrea determinação, que visitei Sonny Ibrahim certa tarde, depois da aula, com a intenção de obter seu auxílio. Achei Sonny em seu quarto, cercado por cartazes de touradas espanholas, treinando preguiçosamente jogadas de críquete. Ao me ver, exclamou com tristeza:

— Ei, cara, sinto muito esse negócio de Evie, cara, ela não escuta ninguém, cara, afinal de contas, que diabos você fez a ela? — Mas eu ergui o braço com dignidade, exigindo e obtendo silêncio.

— Agora não é hora disso, cara — respondi. — O negócio é o seguinte: preciso saber como se abre fechaduras sem chaves.

Uma verdade com relação a Sonny Ibrahim: apesar de seus sonhos com touradas, seu talento se situava no campo da mecânica. Já fazia algum tempo que assumira a tarefa de consertar todas as bicicletas da Propriedade Methwold, em troca de revistas em quadrinhos e um suprimento gratuito de refrigerantes. Até Evelyn Lilith Burns entregava sua amada Arjuna a seus cuidados. Todas as máquinas, ao que parecia, eram cativadas pelo prazer inocente com que ele lhes acariciava as partes móveis; nenhum engenho era capaz de resistir às suas mãos. Em outras palavras: Sonny Ibrahim se tornara (por puro espírito de curiosidade) exímio em abrir fechaduras.

Diante da oportunidade de demonstrar-me sua lealdade, seus olhos brilharam.

— Deixe-me ver a fechadura, cara! Vamos ver a coisa!

Quando tivemos certeza de que não éramos observados, esgueiramos pelo caminho entre a Vila Buckingham e a Sans Souci de Sonny. Colocamo-nos atrás do velho Rover de minha família; e eu aponte o porta-malas.

— É essa aí — disse. — Preciso aprender a abrir por fora, e também por dentro.

Sonny arregalou os olhos.

— Ei, o que está pretendendo, cara? Está querendo fugir de casa escondido?

Levando um dedo aos lábios, assumi uma expressão de mistério.

— Não posso explicar, Sonny — disse, solene. — É uma operação de sigilo máximo.

— Puxa, cara — disse Sonny, e em trinta segundos me ensinou a abrir o porta-malas com a ajuda de uma tirinha de plástico cor-de-rosa. — Fique com isso, cara — disse Sonny Ibrahim. — Você precisa mais dela do que eu.

Era uma vez uma mãe que, para tornar-se mãe, concordou em mudar de nome; que se impôs a tarefa de apaixonar-se pelo marido pedaço por

pedaço, mas que nunca conseguiu amar uma parte, logo aquela parte, curiosamente, que lhe possibilitava a maternidade; cujos pés eram atormentados por calos e cujos ombros arqueavam-se sob o peso das culpas acumuladas do mundo; cujo marido tinha um órgão desamado que não se recuperou dos efeitos de um congelamento; e que, tal como o marido, por fim sucumbiu aos mistérios dos telefones, passando longos minutos a escutar as palavras de pessoas que ligavam para o número errado... Pouco depois de meu décimo aniversário (depois que me recuperei da febre que há pouco voltou a me afligir, após um intervalo de quase vinte e um anos), Amina Sinai retomou seu recente hábito de sair de repente, e sempre logo depois de um telefonema por engano, para compras urgentes. Agora, porém, escondido no porta-malas do Rover, viajava com ela um clandestino, oculto e protegido por almofadas roubadas, e que segurava na mão uma tirinha de plástico cor-de-rosa.

Ah, o sofrimento a que uma pessoa se submete em nome da retidão! Os ferimentos e os solavancos! Respirar o ar confinado de um porta-malas através de dentes que batem uns nos outros! E o constante medo de ser descoberto... “E se ela for mesmo às compras? Abrirão de repente o porta-malas? Atirarão aqui dentro frangos vivos, de pés amarrados e asas cortadas, aves bicadoras invadirão meu esconderijo? Será que ela me verá, meu Deus, vou ter de ficar calado uma semana!” Com os joelhos encostados no queixo (protegido deles por uma velha almofada desbotada), lancei-me ao desconhecido no veículo da materna perfídia. Mamãe era motorista cautelosa; dirigia devagar, fazia as curvas com cuidado. Mas depois apareci todo cheio de manchas pretas e azuis, e Mary Pereira brigou comigo por me meter em lutas. — Arré Deus que coisa é espantoso que não tenham feito você em pedacinhos meu Deus o que você vai ser quando crescer seu menino preto ruim seu haddi-phaelwan seu boxeador de pele e osso!

Para desviar a mente da escuridão sacolejante, entrei, com extremo cuidado, naquela parte da mente de minha mãe que estava encarregada das operações de direção, e em resultado disso pude acompanhar nosso

percurso. (E também de discernir, na mente de mamãe, habitualmente organizada, um grau alarmante de desordem. Já naquele tempo eu estava começando a classificar as pessoas por seu grau de ordem interna e a descobrir que eu preferia o tipo mais desorganizado, cujos pensamentos constantemente derramavam-se uns nos outros, de modo que imagens antecipatórias de alimento interferiam na atividade séria de ganhar a vida e fantasias sexuais superpunham-se a conjeturas políticas, mostravam relação mais próxima com meu próprio cérebro bagunçado, no qual todas as coisas colidiam entre si e o pontinho branco da consciência saltava de uma coisa para outra como uma pulga louca... Amina Sinai, cujos meticulosos instintos de ordem lhe haviam proporcionado um cérebro de precisão quase anormal, era uma curiosa recruta nas fileiras da confusão.)

Seguimos para o norte, passando pelo Hospital Candy Breach e pelo Templo Mahalaxmi, continuando por Hornby Velard, passando pelo Estádio Vallabhbai Patel e pelo túmulo insular de Haji Ali, ao norte do que tinha sido (antes que o sonho do primeiro William Methwold se transformasse em realidade) a ilha de Bombaim. Estávamos seguindo na direção da massa anônima de cortiços, aldeias de pescadores, fábricas de tecidos e estúdios de cinema em que se convertia a cidade nessas zonas do norte (não ficam longe daqui! Não ficam distantes do lugar em que estou, à vista dos trens suburbanos!)..., uma área que, naquele tempo, me era completamente desconhecida. Logo fiquei desorientado e fui obrigado a admitir que estava perdido. Por fim, entrando por uma despreziosa rua lateral cheia de gente que dormia em manilhas, oficinas de consertos de bicicletas e homens e meninos maltrapilhos, paramos. Bandos de crianças rodearam mamãe quando ela desceu do carro; ela, que nunca fora capaz de espantar uma mosca, distribuiu moedinhas, o que fez engrossar enormemente a chusma. Por fim, conseguiu afastar-se das crianças e começou a descer a rua. Um menino pedia:

— Quer dar um polimento no carro, begum? O melhor polimento que existe, begum? Tomo conta do carro até a senhora voltar, begum. Sou um

vigia ótimo, pode perguntar a quem quiser!

Com uma ponta de pânico, apurei os ouvidos para escutar o que ela diria. Como poderia sair daquele porta-malas sob os olhos de um moleque-guardião? Para começar, eu ficaria embaraçado; além disso, minha saída criaria sensação na rua... Mamãe respondeu:

— Não.

Já estava sumindo na rua; por fim, o pretenso polidor e vigia desistiu; houve um instante em que todos os olhos se viraram para assistir à passagem de um segundo carro, pois sempre era possível que também ele parasse para lançar à rua uma senhora que distribuía moedas como se fossem coquinhos; e naquele momento (eu estivera olhando através de vários pares de olhos para escolher a melhor oportunidade) realizei o truque com o plástico cor-de-rosa e num abrir e fechar de olhos estava na rua, ao lado de um porta-malas fechado. Apertando os lábios com decisão, e sem levar em conta as mãos estendidas, parti na direção que mamãe tinha tomado, um minidetetive com nariz de sabujo e um sonoro tambor martelando no lugar onde devia estar meu coração... E cheguei, alguns minutos depois, ao Café Pioneiro.

Vidros sujos nas janelas, copos sujos nas mesas... O Café Pioneiro nada era em comparação com os Gaylords e os Kwalitys das zonas mais requintadas da cidade; uma verdadeira espelunca, com cartazes pintados que anunciavam EXCELENTE LASSI, DELICIOSO FALOODA e BHEL-PURI À MODA DE BOMBAIM, música de trilhas sonoras de filmes saindo de um rádio barato ao lado do caixa, um comprido e estreito salão esverdeado iluminado por trêmulas lâmpadas de neon, um mundo intimidativo em que homens de dentes quebrados sentavam-se a mesas cobertas de oleado, com baralhos amassados e olhos sem expressão. Todavia, a despeito de sua sombria decrepitude, o Café Pioneiro era um repositório de muitos sonhos. Toda manhã, bem cedo, enchia-se com os mais bem apessoados vagabundos da cidade, todos os terroristas profissionais, os motoristas de táxi, os pequenos contrabandistas e os viciados em corridas de cavalos que,

no passado remoto, tinham chegado à cidade sonhando com o estrelato no cinema, com casas grotescamente vulgares e com lucros no mercado negro; porque toda manhã, às seis horas, os grandes estúdios mandavam funcionários subalternos ao Café Pioneiro a fim de arrebanharem extras para as filmagens do dia. Toda manhã, durante meia hora, quando o D. W. Rama Studios, o Filmstan Talkies e R. K. Films faziam sua seleção, o Pioneiro era o foco de todas as ambições e esperanças da cidade; depois os batedores dos estúdios iam embora, acompanhados pelos felizardos do dia, e o Café se esvaziava, voltando a seus habitual torpor, iluminado por neon. Por volta da hora do almoço, entrava no Café um outro conjunto de sonhos, a fim de passar a tarde debruçados sobre cartas, copos do Excelente Lassi e grosseiros biris — homens diferentes com diferentes esperanças: eu não sabia então, mas de tarde o Pioneiro era uma notória célula do Partido Comunista.

Era de tarde; vi mamãe entrar no Café Pioneiro; não me atrevendo a segui-la, fiquei na rua, comprimindo o nariz contra um canto da vidraça encardida, coberta de teias de aranha; deixando de lado os olhares curiosos que me lançavam — porque minhas calças brancas, embora manchadas pela viagem no porta-malas, ainda estavam engomadas; meus cabelos, embora despenteados pelo porta-malas, tinham bastante óleo; meus sapatos, conquanto gastos, ainda eram as alpargatas de uma criança próspera —, acompanhei-a com os olhos enquanto ela passava, hesitante, mancando um pouco por causa dos calos, por mesas cambaias e homens de olhos duros; vi mamãe sentar-se a uma mesa na penumbra, no extremo da estreita caverna; e então vi o homem que se levantou para cumprimentá-la.

A pele de seu rosto pendia em dobras que revelavam que no passado ele fora obeso; seus dentes estavam manchados de bétele. Usava um kurta branco e limpo, com desenhos ao estilo de Lucknow em torno das casas dos botões. Tinha cabelos compridos, poeticamente compridos, que lhe caíam, ralos, sobre as orelhas; no entanto, o alto de sua cabeça era calvo e

brilhante. Sílabas proibidas ecoaram em meus ouvidos: Na. Dir. Nadir. Percebi que desejava desesperadamente nunca ter decidido ir ali.

Era uma vez um marido subterrâneo que fugiu, deixando afetuosas mensagens de divórcio; um poeta cujos versos sequer rimavam, cuja vida fora salva por cães vadios. Depois de uma década perdida, ele surgiu sabe Deus de onde, com pelancas que recordavam sua anterior rotundidade; e, tal como sua esposa de outrora, tinha um novo nome... Nadir Khan era agora Qasim Khan, candidato oficial do oficial Partido Comunista da Índia. Lal Qasim. Qasim, o Vermelho. Não há nada que não tenha significado; não é sem motivo que os rubores são vermelhos. Meu tio Hanif disse: — Prestem atenção nos comunistas! — , e mamãe ficou escarlate; em suas faces uniram-se a política e as emoções... Através da suja, quadrada e vítrea tela de cinema que era a janela do Café Pioneiro, fiquei vendo Amina e o ex-Nadir representarem sua cena de amor; representavam com a inépcia dos verdadeiros amadores.

Sobre a mesa coberta de oleado, um maço de cigarros: State Express 555. Também os números têm significado: 420 é o número dado às fraudes; 1001, o número da noite, da magia, das realidades alternativas — um número caro aos poetas, e detestado por políticos; para os quais todas as versões alternativas do mundo constituem ameaças; e 555, que durante anos julguei ser o mais sinistro dos números, era a cifra do Diabo, do Maligno, do próprio Shaitan! (Foi Ciro, o Grande, quem me disse isso, e não me passou pela cabeça que ele pudesse estar enganado. Mas estava: o verdadeiro número demoníaco não é 555, mas 666; em minha mente, no entanto, uma aura funesta até hoje paira em torno dos três cincos.) ... Contudo, estou divagando. Bastará dizer que a marca predileta de Nadir-Qasim era a supradita State Express; que o algarismo cinco repetia-se três vezes no maço; e que seus fabricantes eram W. D. & H. O. Wills. Impossibilitado de fitar o rosto de minha mãe, concentrei-me no maço de cigarros, cortando do plano médio de amantes para esse close-up extremo de nicotina.

Agora, porém, entram mãos no fotograma — primeiro as mãos de Nadir-Qasim, cuja poética maciez achava-se um tanto destruída naquele tempo; mãos que adejavam como chamas de vela, que avançavam, rastejantes, pelo oleado, para depois recuar num arranco; perto dela, mãos de mulher, negras como azeviche, aproximando-se como elegantes aranhas; mãos que se erguiam, afastando-se do tampo de oleado, mãos que se punham sobre três cincos, começando a mais estranha das danças, subindo, caindo, uma rodeando a outra, indo e vindo entre si, mãos ansiosas por se tocarem, mãos que se estendiam, retesavam-se, estremeciam, exigiam existência própria — mas que sempre, no último instante, retrocediam, rejeitavam-se, pois o que estou vendo aqui em minha imunda e vítrea tela de cinema é, afinal de contas, um filme indiano, no qual é vedado o contato físico, para que não corrompa a flor da juventude nacional; e há pés sob a mesa e rostos sobre ela, pés que avançam para pés, rostos que descaem suavemente rumo a rostos, mas que pulam para trás, de repente, num cruel corte da censura... Dois estranhos, cada qual portando um pseudônimo que não é o nome com que nasceram, representam seus papéis semi-indesejados. Saí do cinema antes do fim, para esgueirar-me de novo no porta-malas do Rover, nem polido nem vigiado, desejando não ter ido assistir àquele filme, incapaz de resistir querer vê-lo de novo.

O que vi antes de sair: as mãos de minha mãe levantando um copo meio vazio de Excelente Lassi; os lábios de minha mãe comprimindo-se suavemente, nostalgicamente, contra o copo sarapintado; as mãos de minha mãe passando o copo a seu Nadir-Qasim; que também aplicou, ao lado oposto do copo, sua própria boca, sua boca poética. Assim foi que a vida imitou a má arte, e a irmã de meu tio Hanif levou o erotismo do beijo indireto à verde mediocridade de neon do Café Pioneiro.

Para resumir: no auge do verão de 1957, no apogeu de uma campanha eleitoral, Amina Sinai enrubesceu inexplicavelmente diante de uma menção casual ao Partido Comunista da Índia. Seu filho — em cujos pensamentos turbulentos ainda havia espaço para mais uma obsessão, uma

vez que um cérebro de dez anos pode comportar qualquer número de fixações — seguiu-a ao norte da cidade e espionou uma dolorosa cena de amor impotente. (Agora que Ahmed Sinai estava congelado, Nadir-Qasim não tinha nem mesmo uma desvantagem sexual; dividida entre um marido que se trancava num escritório para amaldiçoar vira-latas e um ex-marido que no passado praticara, carinhosamente, o jogo da escarradeira, Amina Sinai achava-se reduzida a beijos em copos e bailados de mãos.)

Perguntas: depois daquela vez, utilizei de novo os serviços de um plástico cor-de-rosa? Voltei ao café de extras e de marxistas? Confrontei minha mãe com a natureza hedionda de sua transgressão... pois que mãe tem o direito de... à vista de seu único filho, como ela podia como ela podia como ela podia? Respostas: não; não; não.

O que realmente fiz: quando ela saía “às compras”, eu me instalava em seus pensamentos. Não mais ansioso por ver com meus próprios olhos, eu viajava na cabeça de minha mãe ao norte da cidade; assim incógnito, sentava-me no Café Pioneiro e escutava conversas sobre as perspectivas eleitorais de Qasim, o Vermelho; desencarnado e inteiramente presente, eu seguia minha mãe quando ela acompanhava Qasim pelos cortiços do bairro (seriam eles os mesmos chawls que papai vendera recentemente, abandonando os inquilinos à sua sorte?), quando ela o ajudava a providenciar o conserto de torneiras e amolava senhorios para que realizassem reparos e desinfecções. Amina Sinai caminhava entre os pobres em benefício do Partido Comunista — fato que nunca deixava de espantá-la. Talvez o fizesse por causa da crescente pauperização de sua própria vida; mas aos dez anos eu não estava disposto a ser solidário; e a meu modo, comecei a alimentar sonhos de vingança.

Diz-se que Harum al-Rashid, o legendário califa, tinha prazer em caminhar incógnito entre a gente de Bagdá; eu, Salim Sinai, também andei secretamente pelos desvãos de minha cidade, mas não posso dizer que tenha me divertido muito.

Descrições prosaicas do extraordinário e do bizarro, e o inverso, ou seja, versões grandiosas e estilizadas do cotidiano: tais técnicas, que são também atitudes mentais, eu as captei — ou talvez absorvi — do mais formidável dos filhos da meia-noite, meu rival, meu irmão trocado, o suposto filho de Wee Willie Winkie: o Shiva-dos-joelhos. No caso dele, essas técnicas eram empregadas sem a menor idéia consciente, e tinham como efeito criar uma imagem do mundo de notável uniformidade, na qual se podia mencionar casualmente, de passagem, por assim dizer, os horrendos assassinios de prostitutas que começaram a encher a imprensa marrom naquele tempo (enquanto os corpos enchiam as sarjetas), ao mesmo tempo em que se detinha, passionadamente, nas complexas minúcias de uma determinada mão de cartas. Para Shiva, a morte e a derrota no rummy eram uma coisa só; daí sua aterrorizadora e displicente violência, que no fim... Mas vamos começar do começo.

Ainda que eu admita que isso seja culpa minha, sou obrigado a dizer que se pensarem em mim simplesmente como um rádio estarão apreendendo apenas metade da verdade. Com freqüência, o pensamento é tão pictórico ou puramente emblemático quanto verbal; e de qualquer modo, a fim de comunicar com, e compreender, meus colegas da Conferência dos Filhos da Meia-Noite foi-me necessário ultrapassar rapidamente o estágio verbal. Ao chegar às suas mentes infinitamente diversificadas, eu era obrigado a descer abaixo da película superficial de pensamentos imediatos em línguas incompreensíveis, com o efeito óbvio (e previamente demonstrado) de que eles se tornavam conscientes de minha presença. Lembrando-me do efeito espetacular que essa tomada de consciência exercera em Evie Burns, eu procurava minorar o choque de minha entrada. Em todos os casos, convencionei que minha primeira transmissão seria uma imagem de meu rosto, sorrindo de uma maneira que eu supunha ser apaziguante, amistosa, tranqüila e liderante, e de minha mão estendida cordialmente. Havia, entretanto, graves problemas.

Custou-me algum tempo perceber que a imagem que eu fazia de mim era profundamente distorcida pela vergonha que eu mesmo tinha de minha aparência; por isso, a imagem que eu enviava pelas ondas mentais da nação, sorrindo como um gato de Cheshire, era o mais medonho dos retratos: mostrava um nariz prodigiosamente ampliado, uma completa inexistência de queixo e manchas gigantescas em cada têmpora. Não era de admirar que muitas vezes eu fosse saudado por gritos de alarme mental. Com freqüência eu também me assustava com as auto-imagens de meus companheiros de dez anos. Quando descobrimos o que estava ocorrendo, incentivei os membros da Conferência, um a um, a se olharem num espelho ou numa poça d'água; e aí conseguimos saber como éramos na realidade. Os únicos problemas foram que nosso membro de Kerala (lembra-se dele, o que podia atravessar espelhos?) acabou saindo, por acidente, do espelho de um restaurante na parte mais elegante de Nova Délhi, obrigando-se a uma retirada apressada); o nosso membro de Caxemira, o de olhos azuis, caiu num lago e mudou acidentalmente de sexo, entrando como uma menina e saindo como um belo garoto.

Quando me apresentei a Shiva, vi em sua mente a imagem aterradora de um menino baixo, com cara de rato, dentes desgastados e dois dos maiores joelhos que o mundo já viu.

Confrontado com uma imagem tão grotesca, permiti que o sorriso em minha própria imagem cordial se fechasse um pouco; minha mão estendida começou a vacilar e a crisar-se. E Shiva, sentindo minha presença, reagiu de início com enorme cólera; grandes ondas ferventes de ira queimaram-lhe o interior do crânio. Mas depois ele disse: “Ei... escute... eu conheço você! É o menino rico da Propriedade Methwold, não é?”. E eu, igualmente estupefato: “O filho de Wilkie... o que cegou Caolho!”. Sua auto-imagem inflou-se de orgulho. “Isso, yaar, eu mesmo. Ninguém se mete comigo, cara!” O reconhecimento reduziu-me a trivialidades: “Ora essa! E como vai seu pai? Ele não tem aparecido...”. E Shiva, com algo muito parecido a alívio: “Ele, cara? Meu pai morreu”.

Uma pausa breve; depois perplexidade... não há mais raiva..., e Shiva: “Escute, yaar, isso está muito bom... Como está fazendo?”. Comecei minha explicação de sempre, mas depois de alguns instantes ele me interrompeu. “Ora essa! Escute, meu pai disse que eu também nasci exatamente à meia-noite... E com isso, compreende, nós dois somos chefes dessa sua turma! A meia-noite é a melhor hora, certo? Por isso... esses outros meninos têm de fazer o que a gente mandar!” Diante de meus olhos elevou-se a imagem de uma segunda, e mais poderosa, Evelyn Lilith Burns... Afastando essa idéia desagradável, expliquei: “Não é bem essa a idéia que eu faço da Conferência; o que eu tinha em mente era uma coisa mais parecida com uma, você sabe, uma espécie de federação de iguais, em que todos os pontos de vista tenham livre direito de expressão...”. Algo como um violento riso de desdém reverberou nas paredes de minha cabeça. “Isso, cara, é uma grande besteira. O que é que vamos fazer com uma turma assim? As turmas têm de ter chefes. Eu, por exemplo... — (o assomo de orgulho de novo) — ... já faz dois anos que estou chefiando uma turma aqui em Matunga. Desde os oito anos. Meninos mais velhos do que eu. O que é que acha disso?” E eu, sem querer: “Como é a sua turma... Tem regras, essas coisas?”. Risadas em meus ouvidos... “Tem sim, menino rico: só uma regra. Ou todo mundo faz o que eu mando ou eu faço eles cagarem à força, apertando com meus joelhos!” Desesperado, continuei a tentar convencer Shiva do meu ponto de vista: “O fato é o seguinte, devemos estar aqui com uma *finalidade*, não acha? Quero dizer, é preciso haver um *motivo*, concorda? Por isso, pensei que devíamos tentar descobrir qual é, e depois, você sabe, mais ou menos dedicar nossas vidas a...”

“Menino rico”, berrou Shiva, “você não sabe porcaria nenhuma! Que *finalidade*, cara? O que é que nesse mundo de merda tem algum *motivo*, yara? Por que motivo você é rico e eu sou pobre? Por que motivo pessoas passam fome, cara? Só Deus sabe quantos idiotas moram neste país, cara, e você vem me falar de motivos! Cara, ouça uma coisa... você tem de meter

a mão no que conseguir, fazer o que puder, e depois morrer. O motivo é esse, menino rico. O resto é tudo *bafo* de bosta!”

E agora, em minha cama à meia-noite, começo a tremer... “Mas a história...”, eu digo, “... e o primeiro-ministro me escreveu uma carta... e você nem ao menos acredita em... Quem sabe o que a gente poderia...” Ele, meu alter ego, Shiva, aparteou: “Ouça, garotinho... você tem tanta besteira na cabeça que estou vendo que vou ter mesmo de assumir o controle dessa turma. Pode dizer isso àqueles outros malucos!”.

Nariz e joelhos, joelhos e nariz... A rivalidade que teve início naquela noite jamais terminaria, até que duas facas golpeassem... Se a determinação de Mian Abdullah, que facas tinham matado anos antes, havia se derramado em mim, imbuindo-me da idéia de federalismo e tornando-me vulnerável a facas, é coisa que não sei dizer; mas naquele ponto achei um pouco de coragem e disse a Shiva: “Você não pode mandar na Conferência; sem mim, não poderão nem mesmo ouvir você!”.

E ele, confirmando sua declaração de guerra: “Menino rico, eles vão querer saber de mim. Experimente só me atrapalhar!”.

“Vou tentar”, respondi.

Shiva, o deus da destruição, que é também a mais poderosa das deidades; Shiva, o supremo dançarino; que monta um touro; a quem força alguma pode resistir... O menino Shiva, contou-nos ele, tivera de lutar pela sobrevivência desde seus primeiros dias. E quando o pai, mais ou menos um ano antes, perdeu completamente a voz com que cantava, Shiva tivera de defender-se do zelo paternal de Wee Willie Winkie. “Ele me botou uma venda, cara! Tapou meus olhos com um pano velho e me levou para o telhado do chawl, cara! Sabe o que estava na mão dele? Uma merda de martelo, cara! Um martelo! O desgraçado ia arrebentar minhas pernas, cara... Isso acontece, você sabe, menino rico, fazem isso com os garotos, para que sempre possam ganhar dinheiro como mendigos... Você ganha mais se estiver todo quebrado, cara! Por isso, ele me empurrou até eu ficar deitado no telhado, cara. E aí...” E aí é um martelo que desfere um golpe

contra joelhos maiores e mais protuberantes que os de qualquer policial, um alvo fácil, mas aí os joelhos entraram em ação, mais rápido que o raio os joelhos se separaram... Sentiram o deslocamento do martelo e se afastaram bastante um do outro; e aí o martelo mergulha entre joelhos, ainda presos na mão do pai; e aí os joelhos se juntam como punhos. O martelo atinge o concreto, inofensivo. O pulso de Wee Willie Winkie está preso entre os joelhos do filho vendado. Suspiros ofegantes escapam dos lábios do angustiado pai. E os joelhos continuam a apertar, com mais força, mais força, até haver um estalo. “Quebrei a bosta do pulso dele, cara! Dei uma lição nele... Muito bom, não é? Juro!”

Tanto Shiva como eu tínhamos nossos ascendentes em Capricórnio; a constelação me deixou em paz, mas deu a Shiva o seu dom. Capricórnio, como dirá qualquer astrólogo, é o corpo celeste que tem poder sobre os joelhos.

No dia da eleição, em 1957, o Congresso Pan-Indiano sofreu um terrível choque. Embora tivesse ganho a eleição, doze milhões de votos tornaram os comunistas o maior partido de oposição; e em Bombaim, apesar dos esforços de Patil, um grande número de eleitores deixou de marcar a cruzinha junto ao símbolo do Congresso — uma vaca sagrada e seu bezerrinho —, preferindo os pictogramas menos emotivos do Samyukta Maharashtra Samiti e do Maha Gujarat Parishad. Quando o perigo comunista era discutido em nossa colina, mamãe continuava a corar; e resignamo-nos à divisão do estado de Bombaim.

Um membro da Conferência dos Filhos da Meia-Noite desempenhou um pequeno papel nas eleições. Shiva, o suposto filho de Winkie, foi recrutado pelo... (bem, talvez convenha eu não nomear o partido; mas na verdade só um tinha muito dinheiro para gastar) e no dia das eleições ele e sua turma, que davam a si mesmos o nome de Caubóis, foram vistos diante de uma seção eleitoral no norte da cidade, alguns segurando grandes bastões, outros com pedras nas mãos, outros ainda a esgaravatar os dentes com facas, todos encorajando o eleitorado a votar com sabedoria e

cuidado... E terminada a votação, o que foi aquilo? Havia lacres violados nas urnas? Porventura ocorreu fraude? De qualquer modo, contados os votos, descobriu-se que Qasim, o Vermelho, perdera a cadeira parlamentar por diferença mínima; e os financiadores de meu rival ficaram satisfeitos.

... Mas agora Padma pergunta, com brandura: — Em que data foi isso? — E eu respondo, sem pensar: — Sei que foi na primavera. — E ocorre-me então que cometi outro erro: a eleição de 1957 realizou-se antes, e não depois, de meu décimo aniversário; porém por mais que eu vasculhe a mente, minha memória se recusa, obstinadamente, a alterar a seqüência de acontecimentos. Isso causa preocupação. Não sei o que saiu errado.

Tentando em vão consolar-me, Padma diz: — Por que essa cara? Todo mundo comete errinhos! Cometemos errinhos, mas será que não se transformarão logo em erros?

# Alfa e Ômega

Houve tumultos em Bombaim nos meses que se seguiram às eleições; há tumultos em meus pensamentos enquanto recordo esse tempo. Meu erro deixou-me profundamente transtornado; por isso, para recuperar o equilíbrio, vou-me colocar firmemente no terreno conhecido da Propriedade Methwold. Pondo de um lado a história da Conferência dos Filhos da Meia-Noite e de outro a dor do Café Pioneiro, vou-lhes contar a queda de Evie Burns.

Dei a esse episódio um título ura tanto esquisito. As palavras “Alfa e ômega” me fitam do alto da lauda, exigindo serem explicadas — trata-se de um título curioso para o que será o meio de minha história, um título que cheira a começos e fins, quando na verdade seria mais conveniente que o título tivesse relação com pontos médios. Entretanto, não tenho qualquer intenção de modificá-lo, ainda que haja vários títulos alternativos, como, por exemplo, “Da Macaca ao Rhesus”, “Dedo redux” ou... num estilo mais metafórico... “O ganso”, uma referência óbvia à ave mítica, o hamsa ou parahamsa, símbolo da capacidade de habitar dois mundos, o físico e o espiritual, o mundo da terra e da água e o mundo do ar, do vôo. Mas escrevi “Alfa e ômega”, e é assim que vai ficar. Porque aqui há começos, e toda espécie de fins; logo verão o que quero dizer.

Padma estala a língua, exasperada.

— Começou a dizer esquisitices de novo — critica ela. — Vai falar de Evie ou não?

... Depois da eleição geral, o governo central continuou a contemporizar com relação ao futuro de Bombaim. Primeiro o estado seria desmembrado;

depois não seria mais; mais tarde, a partilha se impôs de novo. Quanto à cidade em si, ora deveria ser a capital de Maharashtra, ora de Maharashtra e de Gujarat ao mesmo tempo, ora viria a constituir por si só um estado independente... Enquanto o governo dava tratos à bola para resolver o que faria, os habitantes da cidade resolveram incentivá-lo a agir com rapidez. Amiudaram-se os distúrbios (e ainda se podia ouvir o velho canto de guerra dos maratas — *Como vais? Bem, obrigado! Com um pau te sovo bem sovado!* — elevando-se acima da gritaria); e, para piorar as coisas, o clima decidiu juntar-se à confusão. Houve uma grave seca; as estradas gretavam-se; nas aldeias, os camponeses estavam sendo obrigados a vender suas vacas; e no dia de Natal (cujo significado não podia deixar de ser entendido por um menino que estudava numa escola missionária e era cuidado por uma ama católica) houve uma série de violentas explosões no reservatório de Walkeshwar e as grandes tubulações de água doce, que eram as verdadeiras artérias da cidade, começaram a arremessar ao ar verdadeiras colunas de água, como gigantescas baleias de aço. Os jornais estavam cheios de notícias sobre sabotadores; especulações referentes às identidades e às filiações políticas dos criminosos competiam por espaço com reportagens sobre a onda de assassinatos de meretrizes. (E fiquei particularmente interessado ao saber que o assassino deixava nas vítimas uma curiosa “assinatura”. Os cadáveres das damas da noite apareciam sempre estrangulados; havia marcas em seus pescoços, marcas grandes demais para serem deixadas por polegares, porém bastante semelhantes às que seriam deixadas por um par de joelhos gigantescos e de força sobrenatural.)

Mas já começo a divagar. O que, pergunta Padma com um movimento das sobrancelhas, tudo isso tem a ver com Evelyn Lilith Burns? Instantaneamente, pondo-me em posição de sentido, por assim dizer, dou a resposta: nos dias que se seguiram à destruição do sistema de abastecimento de água da cidade, os gatos vadios de Bombaim começaram a juntar-se naquelas áreas da cidade onde ainda havia uma relativa

abundância de água; ou seja, nas zonas mais ricas, onde toda casa tinha sua caixa-d'água, elevada ou subterrânea. E em conseqüência disso a colina da Propriedade Methwold foi invadida por um exército de felinos sedentos. Eram gatos pululando no largo, gatos subindo pelos galhos das buganvílias e saltando para salas de visitas, gatos que derrubavam vasos de flores para beber a água com gosto de plantas, gatos que acampavam em banheiros para sugar a água das privadas, gatos que se faziam de donos das cozinhas dos palácios de William Methwold. Os criados da Propriedade foram derrotados em suas tentativas de repelir a grande invasão dos gatos; as senhoras da Propriedade viram-se reduzidas a impotentes exclamações de horror. Por toda parte havia excrementos de gatos, secos e duros; os jardins ficaram arruinados pela simples quantidade de felinos; e de noite era impossível dormir, pois o exército ganhava voz e cantava sua sede para a Lua. (A baronesa Simki von der Heiden recusava-se a combater os gatos; já mostrava sinais da doença que em breve levaria à sua exterminação.)

Nussie Ibrahim telefonou para minha mãe, a fim de anunciar: — Amina, irmã, isso é o fim do mundo.

Estava enganada. Pois, no terceiro dia depois da grande invasão dos gatos, Evelyn Lilith Burns foi a cada uma das casas da Propriedade, segurando despreocupadamente sua pistola de ar comprimido, e ofereceu-se, em troca de dinheiro, para pôr fim ao flagelo dos gatos.

Durante todo aquele dia, ecoaram na Propriedade Methwold os tiros da pistola de Evie e os uivos agônicos dos gatos, enquanto Evie lhes dizimava o exército, um a um, e enriquecia. Entretanto, como demonstra freqüentemente a história, o momento do triunfo supremo de um herói contém também os germes de sua derrocada final; e assim aconteceu, pois o extermínio dos gatos por Evie foi, no que dizia respeito à Macaca de Cobre, sem a menor sombra de dúvida, a última gota.

— Irmão — disse-me a Macaca, carrancuda —, eu lhe disse que ia pegar essa garota. Pois vai ser agora.

Perguntas irrespondíveis: será verdade que minha irmã havia aprendido a língua dos gatos, assim como a das aves? Terá sido seu amor pela vida felina que a desnorteou?... À época da grande invasão dos gatos, os cabelos da Macaca tinham se desbotado, tornando-se castanhos; ela esquecera o hábito de queimar sapatos; mas, por algum motivo qualquer, persistia nela uma impetuosidade que nenhum de nós jamais possuiu. Ela desceu para o largo e gritou a plenos pulmões:

— Evie! Evie Burns! Venha cá, nesse momento, esteja onde estiver!

Cercada por gatos em fuga, a Macaca esperou Evelyn Burns. Sentei-me na varanda do primeiro andar para ver; de suas varandas, Sonny, Caolho, Brilhantina e Ciro também esperavam. Vimos Evie Burns aparecer, vindo das cozinhas da Vila Versalhes; soprava a fumaça que saía do cano de sua arma.

— Indianos, agradeçam aos céus por eu estar por aqui — declarou Evie — ou esses gatos iam comer vocês!

Vimos Evie silenciar quando olhou para a expressão da Macaca; e aí, como um relâmpago, a Macaca saltou sobre Evie e começou uma batalha que, aparentemente, durou horas (mas é bem possível que tenham sido apenas alguns minutos). Envoltas pela poeira do largo rolavam, chutavam e mordiam; pequenos tufo de cabelos voavam pela nuvem de pó, havia cotovelos e joelhos; pés em sujas meias brancas e pedaços de vestidos saindo da nuvem; adultos chegaram correndo, criados não conseguiram separá-las, e por fim o jardineiro de Homi Catrack virou contra elas sua mangueira para apartá-las... A Macaca de Cobre levantou-se, um pouco torta, e sacudiu a bainha encharcada de seu vestido, sem dar atenção aos gritos de censura que vinham dos lábios de Amina Sinai e Mary Pereira; porque no chão, na poeira molhada do largo, via-se Evie Burns, com o aparelho dentário quebrado, os cabelos cobertos de terra e cuspe... E destruídos para sempre estavam sua altivez e seu domínio sobre nós.

Algumas semanas depois, o pai a mandou de volta aos Estados Unidos. — Para ter uma educação decente, longe desses selvagens — ouviram-no

comentar. Só voltei a ter notícias dela uma vez, seis meses depois, quando, não entendi por que, ela me escreveu uma carta na qual informava que havia esfaqueado uma velha que objetara ao fato de ela atacar um gato. “Mandei ferro nela”, escrevia Evie. “Diga à sua irmã que ela só teve sorte.” Presto homenagem a essa desconhecida anciã; ela pagou a conta da Macaca.

Mais interessante do que a última mensagem de Evie é um pensamento que me ocorre agora, enquanto olho para trás, pelo túnel do tempo. Tendo diante de meus olhos a imagem da Macaca e de Evie rolando na poeira, acredito discernir a força que as impeliu à sua luta de morte, uma motivação muito mais profunda do que a mera perseguição a gatos: elas estavam lutando por mim. Ostensivamente, Evie e minha irmã (que em muitos sentidos não eram tão diferentes entre si) chutavam-se e arranhavam-se por causa do destino de alguns gatos sedentos; mas é possível que os chutes de Evie visassem a mim, talvez fossem a manifestação de sua raiva por eu lhe haver invadido a cabeça; e nesse caso é possível que a força da Macaca fosse a força da lealdade fraterna, e que seu ato de guerra tenha sido na realidade um ato de amor.

Portanto, derramou-se sangue no largo. Outro título rejeitado para essas páginas (é possível que já tenham adivinhado) foi “Mais denso do que água”. Naqueles dias de falta de água, uma coisa mais densa do que água escorreu pelo rosto de Evie Burns; a lealdade do sangue impeliu a Macaca de Cobre; e nas ruas da cidade, manifestantes tiravam sangue uns dos outros. Havia homicídios sanguinolentos, e talvez não seja apropriado encerrar esse catálogo sanguinário com uma nova menção ao sangue que afogueava as faces de minha mãe. Doze milhões de votos tingiram-se de vermelho naquele ano, e vermelho é a cor do sangue. Mais sangue correrá em breve: os tipos sangüíneos, A e O, alfa e ômega — e também uma terceira possibilidade — devem ser mantidos em mente. Também outros fatores: zigose, anticorpos Kell e aquele misteriosíssimo atributo sangüíneo, conhecido como Rh, de Rhesus, que é um tipo de macaco.

Tudo tem forma, se a procuramos. Não há como fugir à configuração das coisas.

Antes, porém, que o sangue apareça, ganharei asas (como o ganso parahamsa, que é capaz de voar de um elemento para outro) e voltarei, brevemente, aos assuntos de meu mundo interior; porque, embora a queda de Evie Burns tenha posto fim ao ostracismo que me fora imposto pelas crianças da colina, eu ainda achava difícil perdoar; e por algum tempo, mantendo-me solitário e distante, mergulhei nos acontecimentos que tinham lugar dentro de minha cabeça, no princípio da história da associação dos filhos da meia-noite.

Para ser honesto: eu não gostava de Shiva. Detestava a rudeza de sua linguagem, a rusticidade de suas idéias; e estava começando a suspeitar que era ele o responsável por uma série de crimes terríveis..., ainda que me fosse impossível achar alguma prova disso em seus pensamentos, uma vez que ele, dentre todos os filhos da meia-noite, era o único capaz de vedar a mim qualquer parte de seus pensamentos que resolvesse guardar para si mesmo. E isso só servia para aumentar minha crescente aversão contra aquele sujeito com cara de rato, e as suspeitas que eu tinha dele. Contudo, injusto eu não era; e teria sido desleal mantê-lo longe dos outros membros da Conferência.

Devo explicar que, à proporção que aumentava minha destreza mental, verifiquei ser possível não só captar as transmissões das crianças ou enviar minhas próprias mensagens, mas também (já que pareço estar preso a essa metáfora, a do rádio) atuar como uma espécie de rede nacional, de modo que, abrindo minha mente transformada a todas as crianças, eu podia convertê-la numa espécie de fórum na qual elas conseguiam conversar entre si, através de mim. Assim, nos primeiros dias de 1958, as quinhentas e oitenta e uma crianças se reuniram, entre meia-noite e uma da manhã, no lok sabha, ou parlamento, de meu cérebro.

Éramos tão diversificados, bulhentos e indisciplinados como seria qualquer grupo de quinhentas e oitenta e uma crianças de dez anos; e,

além de nossa natural exuberância, havia a emoção de descobrirmos uns aos outros. Depois de uma hora de berros, algaravias, discussões e risos, a pleno volume, eu caía, exausto, num sono profundo demais para pesadelos, e ainda acordava com dor de cabeça; mas não me importava. Acordado, eu era obrigado a confrontar-me com as múltiplas misérias da perfídia materna e da decadência paterna, dos caprichos das amigadas e das tiranias várias da escola; dormindo, eu me punha no centro do mais excitante mundo que qualquer criança jamais descobrira. Apesar de Shiva, era mais agradável adormecer.

A convicção de Shiva de que ele era (ou ele-e-eu éramos) o chefe natural de nosso grupo, em virtude de haver ele (e também eu) nascido ao soar da meia-noite, tinha, eu era obrigado a admitir, um forte argumento em seu favor. Parecia-me então — e ainda me parece — que o milagre da meia-noite fora, com efeito, de natureza extraordinariamente hierárquica, que as aptidões das crianças declinavam de maneira notável na razão direta do afastamento de seus partos em relação à meia-noite; mesmo isso, porém, era um ponto contestado com ardor... “O que quer dizer com o poder dizer isso”, entoavam em coro o menino da floresta de Gir cujo rosto era inteiramente vazio e sem traços fisionômicos (salvo olhos, narinas, espaço bucal) e era capaz de assumir qualquer semblante que quisesse; Harilal, o que corria com a velocidade do vento; e sabe Deus quantos outros... “Quem pode afirmar que fazer uma coisa seja melhor do que fazer outra?” Ou então: “Você pode voar? Eu vôo!”. Ou então: “E o que dizer de mim, você é capaz de transformar um peixe em cinquenta?”. Ou então: “Hoje eu fui visitar o amanhã. Você consegue fazer isso? Nesse caso...”. Diante dessa tempestade de protestos, até Shiva mudou sua atitude; mas acharia uma nova, muito mais perigosa para os Filhos e para mim.

Isto porque eu descobrira que não era imune à sedução do mando. Quem encontrara os Filhos da Meia-Noite, afinal? Quem tinha formado a Conferência? Quem lhes proporcionava um local de encontro? Não era eu

o decano, não merecia o respeito e a deferência garantidos pela ancianidade? E quem oferecia a sede não deveria governar o clube?... Dizia Shiva: “Esqueça tudo isso, cara. Essa história de clube é para vocês, meninos ricos!”. Entretanto — por algum tempo —, ele foi voto vencido. A bruxa Parvati, a filha do ilusionista de Délhi, tomou meu partido (da mesma forma como, anos depois, salvaria minha vida) e anunciou: “Não. Escutem, todo mundo. Sem Salim nada somos, não podemos nem conversar, ele tem razão. Que seja o chefe!”. E eu: “Não, *chefe* não, pensem em mim como um... um irmão maior, talvez. Somos mais ou menos como uma família. Eu sou apenas o mais velho”. A isso, Shiva respondeu, desdenhoso, mas impossibilitado de argumentar: “Certo, irmão grande. Nesse caso, diga uma coisa: o que vamos fazer?”.

Nesse ponto, apresentei à Conferência as idéias que me vinham afligindo todo o tempo: as idéias de finalidade, de sentido. — Devemos pensar — disse — e tentar descobrir para que estamos aqui.

Registro, fielmente, as concepções de uma amostra típica dos membros da Conferência (com exceção dos fenômenos circenses e os que, como Sundari, a mendiguinha das cicatrizes de facadas, tinham perdido seus poderes e inclinavam-se a ficar em silêncio em nossos debates, como parentes pobres num festim). Entre as filosofias e as metas sugeridas estavam: coletivismo (“Todos nós devíamos nos juntar e morar em algum lugar, não? O que podemos precisar dos outros?”) e individualismo (“Você diz nós; mas juntos não temos importância; o que importa é que cada um de nós possui um dom, a ser usado para seu próprio bem.”), dever filial (“Podemos ajudar nossos pais e mães, é para isso que estamos aqui.”) e revolução infantil (“Agora ao menos podemos mostrar a todas as crianças que é possível nos libertarmos dos pais!”), capitalismo (“Imaginem os negócios que poderíamos fazer! Por Alá, como seríamos ricos!”) e altruísmo (“Nosso país precisa de pessoas dotadas; devemos perguntar ao governo como quer que usemos nossa aptidões.”), ciência (“Temos de permitir que nos estudem.”) e religião (“Apresentemo-nos ao mundo, para

que todos glorifiquem a Deus.”), coragem (“Devíamos invadir o Paquistão!”) e covardia (“Céus, devemos guardar segredo, pensem no que fariam a nós, nos matariam a pedradas como bruxos e sei lá o quê!”); houve declarações em prol dos direitos da mulher e moções em favor da melhoria da sorte dos intocáveis; crianças sem terra sonhavam com glebas, e montanheses, com jipes; e houve também fantasias de poder. “Eles não podem nos deter, cara! Podemos enfeitiçar, voar, ler pensamentos, transformá-los em sapos, fabricar ouro e peixes, e eles vão se apaixonar por nós, podemos desaparecer através de espelhos e mudar de sexo... Como eles poderão lutar?”

Não negarei que fiquei desapontado. Não deveria; as crianças nada tinham de inusitado além de seus dons; suas cabeças estavam cheias das coisas de costume: pais, mães, dinheiro, comida, terra, possessões, fama, poder, Deus. Em nenhum dos pensamentos da Conferência eu lograva encontrar algo tão novo como nós mesmos..., mas ocorre que também eu estava na pista errada; não enxergava com mais clareza que qualquer um dos outros; e mesmo quando Soumitra, o que viajava no tempo, disse: “Escutem o que digo... Tudo isso é inútil... Vão acabar conosco antes de começarmos!”, não lhe demos atenção. Com o otimismo da juventude, que é uma forma mais virulenta da mesma moléstia que uma vez acometeu meu avô Aadam Aziz, recusamo-nos a olhar o lado sombrio, e nenhum de nós aventou a possibilidade de que a finalidade dos Filhos da Meia-Noite fosse a aniquilação; de que não teríamos sentido algum até sermos destruídos.

Para resguardar-lhes a privacidade, estou me recusando a identificar as vozes; e também por outras razões. Para começar, minha narrativa não poderia comportar quinhentas e oitenta e uma personalidades em sua integralidade; em segundo lugar, os Filhos, malgrado seus dons prodigiosamente distintos e variados, continuavam a ser, para mim, uma espécie de monstro multicéfalo, que falava a miríade de línguas de Babel; eram a quintessência da multiplicidade, e não vejo por que os dividir

agora. (Havia, porém, exceções. Em particular, havia Shiva; e havia a bruxa Parvati.)

... Destino, papel histórico, nume: tais conceitos eram grandes demais para mentes de dez anos. Até mesmo, talvez, para a minha; apesar das sempre presentes admoestações do dedo apontado do pescador e da carta do primeiro-ministro, eu era constantemente afastado dos meus talentos de farejador pelas minúsculas ocorrências do cotidiano, por sentir fome ou sono, por macaqueações com a Macaca, por ir ao cinema ver *A Mulher Cobra* ou *Vera Cruz*, por meu crescente anelo por calças compridas e pelo inexplicável calor nas virilhas engendrado pela aproximação do Congraçamento Escolar, no qual nós, os meninos do Ginásio Masculino Catedral e John Connon, tínhamos permissão para demonstrar o passo quadrado e dançar o Jarabe Tapatio com as meninas de nossa instituição irmã — como Masha Miovic, a campeã de nado de peito (“Oba!”, exclamou Keith Papeira Colaco), Elizabeth Purkiss e Janey Jackson... Moças européias, meu Deus, com suas saias largas e sua mania de beijos!... Em suma, minha atenção era continuamente desviada pela dolorosa e absorvente tortura de estar crescendo.

Até mesmo um ganso simbólico tem de descer, por fim, à terra; por conseguinte, não me basta agora (como não bastava então) restringir minha história a seus aspectos miraculosos; devo retornar (como costumava fazer) ao dia-a-dia; tenho de permitir que o sangue seja derramado.

A primeira mutilação de Salim Sinai, a que rapidamente seguiu-se a segunda, ocorreu numa quarta-feira do começo de 1958 — a quarta-feira do tão esperado Congraçamento Escolar —, sob os auspícios da Sociedade Educacional Anglo-Escocesa. Ou seja, aconteceu na escola.

O agressor de Salim: bem-apessoado, frenético, com um eriçado bigode de bárbaro. Apresento a figura saltitante e arrancadora de cabelos de mr. Emil Zagallo, que nos ensinava geografia e ginástica e que, naquela manhã, involuntariamente desencadeou a grande crise de minha vida. Zagallo afirmava ser peruano, e era dado a chamar-nos de indianos das

selvas, amantes de colares de contas; pendurava uma gravura de um soldado severo e suado, com um pontudo capacete de lata e calças de metal, sobre o quadro-negro e tinha um jeito de apontar-lhe um dedo em momentos de tensão e gritar: — Están vendo ele, selvagens? Este hombre é a civilização! Vocês tienen de respeitar ele: ele tiene uma *espada!* — E brandia a bengala no ar emparedado. Nós o chamávamos de Patal-Zagal, Zagallo Doido, porque apesar de tudo quanto ele falava sobre lhamas, conquistadores e o oceano Pacífico, sabíamos, com a certeza absoluta dos boatos, que nascera num cortiço de Mazagaon e que sua mãe goense fora abandonada por um agente de navegação que tinha sido transferido; assim, ele não só era um “anglo”, como, provavelmente, também bastardo. Sabendo disso, entendíamos por que Zagallo simulava um sotaque latino-americano, por que estava sempre colérico, por que esmurrava as paredes de pedra da sala de aula; mas o entendimento não impedia que sentíssemos medo. E naquela manhã de quarta-feira percebemos a iminência de desastre, pois a Optativa da Catedral fora cancelada.

Os dois períodos da manhã de quarta-feira eram ocupados pela aula de geografia de Zagallo; mas só os idiotas ou os meninos com pais intolerantes a assistiam, porque era também o período em que podíamos sair na direção da Catedral de S. Tomé, numa longa fila de meninos de todas as denominações religiosas imagináveis, que fugiam da escola para o seio do obsequioso e opcional Deus dos cristãos. Aquilo enfurecia Zagallo, porém ele nada podia fazer; naquele dia, no entanto, havia uma cintilação perversa em seus olhos, pois o Grasnador (ou seja, mr. Crusoe, o diretor) anunciara na assembléia da manhã que a Catedral estava cancelada. Com uma voz roufenha, que saía de sua cara de sapo anestesiado, ele nos condenou à aula dupla de geografia e a Patal-Zagal, surpreendendo-nos a todos, pois não nos passara pela cabeça que também a Deus era permitido o exercício da opção. Taciturnos, entramos no covil de Zagallo; um dos pobres coitados cujos pais nunca lhes permitiam ir à Catedral sussurrou

maldosamente em meu ouvido: — Espere só para ver. Ele hoje vai ajustar as contas com vocês.

Padma, ele ajustou mesmo.

Sentados na sala, carrancudos: Keith Papeira Colaco, Perce Peixeiro Gordo, Jimmy Kapadia, o menino que tinha uma bolsa de estudos e cujo pai era chofer de táxi, Brillhantina Sabarmati, Sonny Ibrahim, Ciro, o Grande, e eu. Havia outros ainda, mas agora não há tempo, porque, com os olhos apertados de prazer, Zagallo Doido nos chama à ordem.

— *Reografia* humana — anuncia ele. — Kapadia, que es *esto*?

— Não sei não senhor. — Mãos se levantam no ar; cinco são de pobres coitados banidos da igreja; a sexta, inevitavelmente, de Ciro, o Grande. Mas hoje Zagallo quer sangue; os piedosos hão de sofrer. — Asno de las selvas! — Zagallo esbofeteia Kapadia e a seguir põe-se a torcer uma orelha, indiferente. — Assista a las aulas de vez em quando e descubra!

— Aiaiai, professor, desculpe, professor... — Seis mãos estão acenando, mas a orelha de Jimmy corre perigo de ser arrancada. O heroísmo toma conta de mim...

— Por favor, professor, pare, ele sofre do coração! — O que é verdade; mas a verdade é coisa perigosa, pois agora Zagallo investe contra mim:

— Muy bién, quer discutir, no es? — E com isso sou carregado pelos cabelos para a frente da sala. Diante dos olhos aliviados de meus colegas — *graças a Deus, é ele e não nós* —, contorço-me em agonia, preso pelos cabelos.

— Entonces, responde a la pregunta. Sabe lo que es reografia humana?

A dor me enche a cabeça, obliterando toda lembrança de trapaça telepática.

— Aiai, professor, não professor, ui!

... E agora é possível notar que uma brincadeira ocorre a Zagallo, uma piada que lhe distorce o rosto num simulacro de sorriso; pode-se notar sua mão avançando, veloz, com polegar e indicador estendidos; notar que o polegar e o indicador fecham-se em torno da ponta de meu nariz e o

puxam para baixo... Aonde vai o nariz, a cabeça tem de ir também, e por fim o nariz está virado para baixo e meus olhos são obrigados a fitar, úmidos, as sandálias e as unhas sujas dos pés de Zagallo, que dá largas a seu humor.

— Miren, meninos... o que tenemos aqui? Miren, por favor, la cara horrible dessa criatura primitiva. O que recuerda?

As respostas ansiosas:

— O diabo, professor, o diabo.

E:

— Professor, um primo meu!

Ainda:

— Não, professor, é uma planta, não lembro qual. — Por fim Zagallo brada sobre um tumulto:

— Silêncio! Hijos de babuínos! Este objecto... — um puxão em meu nariz — *esto es reografia humana!*

— Como professor onde professor o quê professor?

Zagallo está rindo.

— Non vêem? — gargalhada. — En la cara deste macaco feio non vêem todo el mapa de Índia?

— Isso mesmo professor não professor explique professor!

— Acá... a península del Deccan pendurada! — Novamente, uimeunariz.

— Professor, se isso é o mapa da Índia, o que são as manchas, professor?

— Keith Papeira Colaco torna-se mais ousado. Risotas, casquinadas de meus companheiros. E Zagallo, sem se atrapalhar com a pergunta:

— Las manchas — grita — son Paquistán! Esta marca na orelha de la derecha es los Ghats Orientales; e esta horrible face izquierda, los Occidentales! Lembrem-se, meninos burros: Paquistán es una mancha en la face da Índia!

— Ha, ha — ri a classe. — Grande piada, professor!

Agora, porém, meu nariz não suporta mais; manifestando sua vingança espontânea contra o polegar e o indicador que o oprimem, lança mão de sua própria arma... e um glóbulo de reluzente ranho emerge da narina esquerda e cai na palma de mr. Zagallo. Perce Peixoto Gordo grita:

— Veja isso, professor! Essa coisa que caiu do nariz dele! Será que é o *Ceilão*?

Com a palma lambuzada de ranho, Zagallo perde toda a sua jocosidade.

— Animal! — xinga-me. — Lo que fez?

A mão de Zagallo larga meu nariz; volta ao cabelo. O detrito nasal é limpado em meus cabelos bem repartidos. E agora, mais uma vez, ele agarra meus cabelos; mais uma vez, a mão está puxando... Mas agora para cima, minha cabeça ficou ereta com um arranco, fico nas pontas dos pés, e Zagallo:

— O que es? Habla o que es!

— Um animal, professor!

A mão puxa para cima com mais força. — Outra vez. — Agora já na ponta das unhas dos pés, grito:

— Aiai, professor, um animal um animal, por favor, professor, aiai!

Mais força, mais alto... — Outra vez! — Mas de repente termina o suplício; meus pés estão de novo bem plantados no chão; e a turma caiu num silêncio mortal.

— Professor — diz Sonny Ibrahim —, o senhor arrancou os cabelos dele.

Agora, a cacofonia.

— Veja, professor, sangue.

E:

— Ele está sangrando, professor.

Outro:

— Professor, posso levá-lo à enfermaria?

Petrificado como uma estátua, mr. Zagallo tinha um tufo de meus cabelos na mão. Enquanto isso — demasiado chocada para sentir dor —,

toquei a área em minha cabeça onde mr. Zagallo havia criado uma tonsura monacal, um círculo onde nunca mais voltaria a crescer cabelo, e percebi que a maldição de meu nascimento, que me ligava a meu país, encontrara mais uma concretização inesperada.

Dois dias depois, Crusoe Grasnador anunciou que, lamentavelmente, mr. Emil Zagallo estava deixando o corpo docente, por motivos particulares; mas eu sabia que motivos eram esses. Meus cabelos, arrancados pelas raízes, tinham ficado presos em suas mãos, como manchas de sangue indeléveis, e ninguém quer um professor com cabelos nas palmas das mãos. — O primeiro sinal de loucura — como Keith Papeira gostava de dizer. — E o segundo sinal está à procura deles.

O legado de Zagallo: uma tonsura monacal; e, pior do que isso, toda uma série de novas graçolas que meus colegas me dirigiram enquanto esperávamos os ônibus escolares que nos levariam para casa, a fim de que nos preparássemos para a festa: — O Catarrento ficou ca-re-ca! — Ou: — O Farejador tem um mapa na cara! — Quando Ciro chegou à fila do ônibus, tentei virar a turba contra ele, inventando um corinho que o ridicularizava, mas ninguém aceitou a proposta.

Com isso, chegamos aos acontecimentos do Congraçamento Escolar, nos quais meninos tornaram-se instrumentos do destino, dedos transmudaram-se em fontes, e Masha Miovic, a lendária nadadora de peito, caiu dura, desmaiada... Cheguei à festa com o curativo da enfermaria ainda na cabeça. Estava atrasado, pois não fora fácil convencer mamãe a deixar-me ir. Assim, quando entrei no Salão Social, sob bandeirolas, balões e os olhares profissionalmente desconfiados de ossudas acompanhantes das escolas, todas as garotas melhores já estavam rodopiando em quadrados e transformadas em mexicanas com pares absurdamente enfatuados. E claro que os monitores tinham o direito de escolher as damas. Fiquei a olhá-los com ardente inveja — Guzder e Joshi e Stevenson e Rushdie e Tayabalia e Jussawalla e Wagle e King; tentei atrapalhá-los com esbarrões, enquanto pedia desculpas, mas, quando viam meu curativo, meu nariz de pepino e

as manchas em meu rosto, riam e viravam as costas... Com o ódio brotando no peito, comi batatas fritas, bebi Bubble-Up e Vimto, e disse a mim mesmo: “Esses palermas! Se soubessem o que eu sou, sairiam da minha frente bem depressinha!”. Mas o medo de revelar minha verdadeira natureza era mais forte que meu desejo, um tanto abstrato, pelas rodopiantes moças européias.

— Ei, você não é Salim? Ei, cara, o que aconteceu com você?

Fui arrancado a meu amargo e solitário devaneio (até Sonny dançava com seu par; mas, afinal, ele tinha suas depressões de fórceps, e não usava cuecas; sua popularidade se devia a bons motivos) por uma voz atrás de meu ombro esquerdo, uma voz grave e morna, cheia de promessas... mas também de ameaças. A voz de uma moça. Virei-me quase com um pulo e dei comigo diante de uma visão de cabelos dourados e de peito proeminente e famoso... Meu Deus, aquela moça tinha catorze anos, por que estaria falando comigo?...

— Eu me chamo Masha Miovic — disse a visão. — Conheço sua irmã.

Claro! As heroínas da Macaca, as nadadoras da Escola Walsingham... Aquela era a campeã de nado de peito das Escolas!... — Eu sei... — gaguejei. — Eu sei seu nome.

— E eu sei o seu — disse ela, endireitando minha gravata. — Estamos quites. — Por cima do ombro dela, vi Keith Papeira e Perce Peixeiro nos olhando com babantes paroxismos de inveja. Empinei as costas e enchi o peito. Masha Miovic perguntou de novo sobre o curativo.

— Não foi nada — respondi, com uma esperança de voz grave. — Um acidente esportivo. — E então, esforçando-me febrilmente para manter a voz firme:

— Quer... dançar um pouco?

— Tudo bem — disse Masha Miovic. — Mas não venha com agarramentos.

Salim sai para a pista com Masha Miovic, jurando nem pensar em agarramentos. Salim e Masha dançam o Jarabe Tapatio; Masha e Salim

fazem o passo quadrado ao lado dos melhores dançarinos! Permito a meu rosto assumir uma expressão de superioridade. Viram, não é preciso ser monitor para arranjar uma garota!... A dança terminou; e, ainda flutuando em minha onda de exultação, perguntei:

— Quer dar um passeio... você sabe... na quadra?

Masha Miovic sorri para si.

— Bem, quero, só um pouquinho, mas fique com as mãos quietas, certo?

Nada de mãos, jura Salim. Salim e Masha, tomando ar... Cara, isso é ótimo. Isso é que é viver. Adeus, Evie; olá, nado de peito... Keith Papeira Colaco e Perce Peixeiro Gordo saem das sombras da quadra. Estão rindo: — Ha, ha, ha! — Masha Miovic fica com cara de quem não está entendendo quando bloqueiam nossa passagem. — Hu, hu — ri Perce Peixeiro. — Masha, que grande namorado você arranjou. — Eu: — Cale a boca, cara. — Keith Papeira insiste: — Sabe como foi que ele ficou com esse ferimento de guerra, Marshy? — E Perce Peixeiro: — Ha-ha, hu-ha. — Masha responde: — Não sejam *mal-educados*. Ele se machucou num acidente esportivo! — Perce Gordo e Keith Papeira quase rolam de rir. E o Peixeiro conta tudo: — Zagallo arrancou os cabelos dele na aula! — Ha-ha. — Keith: — O Catarrento ficou ca-re-ca! — Os dois, juntos: — O Farejador tem cara de mapa! — Há perplexidade no rosto de Masha Miovic. E uma outra coisa, um incipiente espírito de malícia sexual...

— Salim, eles estão dizendo coisas horríveis de você!

— É, eu sei — digo. — Mas não dou importância. — Tento afastá-la dali. No entanto, Masha insiste:

— Você não vai deixar isso assim, não é?

Há gotas de excitação em seu lábio superior; está passando a língua no canto da boca; os olhos de Masha Miovic dizem: *O que é você? Um homem ou um rato?*... e, sob o encantamento da campeã de nado de peito, uma outra coisa infiltra-se em minha cabeça: a imagem de dois joelhos irresistíveis; num instante invisto contra Colaco e Peixeiro; enquanto estão

distraídos com risinhos, meu joelho atinge o estômago de Papeira; antes mesmo que ele caia, uma genuflexão semelhante fez dobrar Peixeiro Gordo. Viro-me para minha senhora; ela aplaude, baixinho.

— Grande, cara. Muito bom.

Mas agora meu momento já passou. Perce Gordo está se endireitando e Keith Papeira já vem em minha direção... Abandonando toda pretensão de virilidade, eu me viro e corro. Os dois valentões me perseguem e atrás deles vem Masha Miovic, gritando:

— Por que está correndo, herói? — Mas agora não há tempo para ela, não posso deixar que me peguem, entro na primeira sala de aula e tento fechar a porta, mas o pé de Peixeiro Gordo está na frente, agora eles dois entraram, e eu arremeto contra a porta, agarro-a com a mão direita, tentando abri-la à força, *saia se você puder*, estão trancando a porta, mas estou empurrando com toda a força de meu medo, já a abri um pouco, minha mão se fecha em torno dela, e agora Perce Gordo atira todo o seu peso contra a porta e ela se fecha, depressa demais para eu tirar a mão do caminho, e a porta se fechou. Um baque. Do lado de fora, Masha Miovic chega e olha para o chão; vê a falangeta do meu dedo médio jogada ali, como um pedaço de goma de mascar bem mastigada. Foi nesse ponto que ela desmaiou.

Nenhuma dor. Tudo muito longe. Perce Gordo e Keith Papeira fugindo correndo, para pedirem socorro ou se esconderem. Olho minha mão por pura curiosidade. Meu dedo virou uma fonte: líquido vermelho jorra ao ritmo de minha pulsação cardíaca. Nunca soube que um dedo contivesse tanto sangue. Bonito. Mas aqui está a enfermeira, não se preocupe, enfermeira. Foi só um arranhão. *Já estão telefonando para seus pais; mr. Crusoe foi pegar as chaves do carro.* A enfermeira coloca um grande chumaço de gaze no toco. Enchendo como algodão-doce vermelho. E agora, Crusoe. Entre no carro, Salim, sua mãe vai direto para o hospital. Sim, senhor. E o pedaço, alguém pegou o *pedaço*? Sim, diretor, está aqui. Obrigado, enfermeira. É provável que não adiante, mas nunca se sabe.

Segure isso enquanto eu dirijo, Salim... E segurando a ponta amputada de meu dedo com a mão esquerda, não mutilada, sou levado ao Hospital Breach Candy pelas ruas ressoantes da noite.

No hospital: paredes brancas, macas, todo mundo falando ao mesmo tempo. Palavras em torno de mim como fontes. — Ah, Deus nos proteja, meu pedacinho-de-lua, o que foi que fizeram com você? — Retruca o velho Crusoe: — Eh, eh, senhora Sinai. Acidentes acontecem. Com meninos... — Mas minha mãe, furiosa: — Que espécie de escola...? Mister Caruso? Estou aqui com o dedo de meu filho em pedaços e o senhor vem... Nada disso. Não, senhor. — E Crusoe: — Na verdade, o nome... é como o de Robinson, a senhora sabe... eh, eh. — O médico se aproxima e está fazendo uma pergunta cuja resposta há de mudar o mundo.

— Senhora Sinai, qual é o seu grupo sanguíneo, por favor? O garoto perdeu sangue. Pode ser necessária uma transfusão.

E Amina:

— Eu sou A, mas meu marido é O.

Agora ela está chorando, descontrolando-se, e o médico insiste:

— Ah, nesse caso, o de seu filho, a senhora conhece o... — Mas ela, a filha do médico, tem de admitir que não é capaz de responder à pergunta: alfa ou ômega?

— Bem, nesse caso, faremos um teste rápido. Mas e o fator Rh? Mamãe responde, entre lágrimas:

— Tanto meu marido como eu, Rh positivo.

O médico:

— Ah bem, ao menos isso.

Mas quando estou na mesa de operação (— Sente-se aqui, meu filho. Vou lhe dar uma anestesia local, não, madame, ele está em choque, anestesia geral seria impossível, ajude-o, enfermeira, é só um minutinho e logo acaba...), enquanto o cirurgião está costurando o toco e realizando o milagre de transplantar a raiz da unha, de repente há uma agitação no fundo, a um milhão de quilômetros dali, e:

— Pode vir aqui um instantinho, senhora Sinai?

Não escuto direito... As palavras atravessam uma distância infinita... Senhora Sinai, tem certeza? O e A? A e O? E Rh negativo, os dois? Heterozigótico ou homozigótico? Não, deve haver algum engano, como é que ele pode... Sinto muito, certeza absoluta... positivo... nem A nem... Desculpe, madame, mas ele é seu... não foi adotado ou... A enfermeira do hospital se interpõe entre mim e a conversa longínqua, mas não adianta, porque mamãe está gritando:

— Mas é claro que o senhor tem de acreditar em mim, doutor. Meu Deus, *é claro que ele é nosso filho!*

Nem A nem O. E o fator Rh: impossivelmente negativo. A zigose não proporciona pistas. E, presentes no sangue, raros anticorpos Kell. E minha mãe chorando, chorando...

— Não compreendo. Sou filha de médico, e não compreendo.

Terão o alfa e o ômega me desmascarado? Estará o Rh apontando seu dedo irresponsável? E será Mary Pereira obrigada a... Acordo num quarto fresco, branco, com persianas, e tendo como companhia a Rádio Pan-Índia. Tony Brent canta *Velas vermelhas ao crepúsculo*.

Ahmed Sinai, com o rosto destroçado pelo uísque e, agora, por algo pior, está de pé ao lado das persianas. Amina fala em murmúrios. Mais uma vez, fragmentos que vêm de milhões de quilômetros de distância. Janumporfavor. Eulheimploro. Não, o que você está dizendo. Claro que foi. É claro que você é o. Como pôde pensar que eu. O que pode ter. Ah Deus não fique parado aí, só olhando. Eu juro Eujuropelaalmademinhamãe. Cuidado psiu ele está...

Uma nova canção de Tony Brent, cujo repertório hoje está estranhamente parecido com o de Wee Willie Winkie: *Quanto custa aquele totó na vitrina?* paira no ar, flutuando nas ondas hertzianas. Papai aproxima-se de minha cama, agiganta-se sobre mim, nunca vi nele essa expressão antes.

— Abba...

E ele:

— Eu devia ter adivinhado. Olhe só, onde é que eu apareço nessa cara? Esse nariz, eu devia ter...

Vira-se nos calcanhares e sai do quarto; mamãe o segue, perturbada demais agora para usar de murmúrios:

— Não, janum, não vou deixar que você pense essas coisas de mim! Eu me mato! Eu... — E a porta se fecha atrás deles. Há um ruído lá fora, como palmas. Ou tapas. A maior parte das coisas importantes na vida de uma pessoa acontece em sua ausência.

Tony Brent põe-se a cantarolar seu último sucesso em meu ouvido bom; e me garante, melodiosamente, que “As nuvens logo passarão”.

... E agora eu, Salim Sinai, pretendo rapidamente facilitar as coisas para meu eu-de-então com as vantagens da visão retrospectiva; destruindo as unidades e as convenções da boa literatura, faço-o tomar conhecimento do que estava para vir, unicamente para que ele possa refletir na seguinte linha de raciocínio: “Ah, eterna oposição do interior e do exterior! Pois dentro de si mesmo um ser humano é tudo menos uno, é tudo menos homogêneo; toda espécie de tudoquanto existe está amontoadada dentro dele, e ora ele é uma pessoa, ora é outra. O corpo, por outro lado, não tem rival em homogeneidade. É indivisível, um conjunto íntegro, um templo sagrado, se assim quiserem. É importante preservar essa unicidade. Mas a perda de meu dedo (possivelmente predita pelo dedo apontado de Raleigh), para não falar da remoção de certos pêlos de minha cabeça, desfez tudo isso. Assim, entramos num estado de coisas que é nada mais nada menos que revolucionário; e seu efeito sobre a história será inapelavelmente extraordinário. Destampe o corpo, e só Deus sabe o que jorrará dele. De repente, você é para sempre diferente do que foi; e o mundo se transmuda de tal forma que pais podem deixar de ser pais, e o amor pode converter-se em ódio. E tudo isso, repare, são apenas os efeitos sobre a vida particular. As conseqüências na esfera da ação pública, como será demonstrado, não são... foram... serão menos profundas”.

Finalmente, retirando meu dom de presciência, deixo-os com a imagem de um menino de dez anos com um dedo enfaixado, sentado numa cama de hospital, pensando em sangue, em sons parecidos com palmas e na expressão no rosto do pai; afastando a câmara lentamente e passando para um plano geral, deixo que a trilha sonora encubra minhas palavras, pois Tony Brent está chegando ao fim do *pot-pourri*, e seu final é o mesmo de Winkie: a canção chama-se *Boa noite, senhoras*. Alegrementemente, ela ondula, ondula, ondula...

*(Fade-out.)*

# O Kolynos Kid

Desde minha ama até a Viúva, tenho sido o tipo de pessoa *a quem foram feitas coisas*; mas Salim Sinai, vítima perpétua, insiste em se ver como protagonista. Apesar do crime de Mary; deixando de lado a febre tifóide e o veneno de cobra; esquecendo dois acidentes, no baú de roupa suja e no largo (quando Sonny Ibrahim, perito arrombador, permitiu que meus tocos de chifres temporais invadissem suas depressões de fórceps, e mediante essa combinação destrancou a porta que levou aos filhos da meia-noite); descontando os efeitos do empurrão de Evie e da infidelidade de minha mãe; apesar de ter perdido cabelo (diante da amargurada violência de Emil Zagallo) e meu dedo (por causa dos incentivos maliciosos de Masha Miovic); virando o rosto a todos os indícios contrários, devo agora elaborar, à maneira e com a devida solenidade de um homem de ciência, minha reivindicação de um lugar no centro dos acontecimentos.

“Sua vida que será, em certo sentido, o espelho da nossa”, escreveu o primeiro-ministro, forçando-me cientificamente a enfrentar a seguinte pergunta: *Em que sentido?* Como, em que termos, pode-se dizer que a carreira de um único indivíduo influencia o destino de uma nação? Tenho de responder com advérbios e hífen: eu estava ligado à História, tanto literal quanto metaforicamente, tanto ativa quanto passivamente, por aquilo que nossos cientistas (de admirável modernidade) denominam “modos de conexão” compostos de configurações dualísticas dos dois pares de advérbios antagônicos citados acima. É por isso que são necessários hífen: ativo-literalmente, passivo-metaforicamente, ativo-metaforicamente

e passivo-literalmente, eu me achava entrelaçado de modo indissolúvel a meu mundo.

Percebendo o pasmo nada científico de Padma, volto às inexatidões da linguagem comum. Ao falar da combinação de “ativo” e “literal”, refiro-me, naturalmente, a todos os meus atos que afetaram ou alteraram diretamente — *literalmente* — o rumo de fatos históricos fecundos, como por exemplo o modo como forneci aos manifestantes lingüísticos seu grito de guerra. A união de “passivo” e “metafórico” abrange todas as tendências e acontecimentos que, pelo simples fato de existirem, afetaram-me metaforicamente; por exemplo, lendo nas entrelinhas do episódio intitulado “O dedo do pescador”, o leitor perceberá a inevitável ligação entre as tentativas do novo país no sentido de atingir rapidamente a maturidade e meus primeiros esforços, explosivos, para crescer... A seguir, “passivo” e “literal”, quando ligados por hífen, cobrem todos os momentos em que os acontecimentos nacionais exerceram influência direta na minha vida e na de minha família; sob essa rubrica, o leitor poderia incluir o congelamento dos bens de meu pai e também a explosão no reservatório de Walkeshwar, que precipitou a grande invasão dos gatos. Por fim vem o modo “ativo-metafórico”, que agrupa as ocasiões em que coisas feitas por mim ou em mim refletiram-se no macrocosmo dos negócios públicos e nas quais se demonstrou que minha vida privada estava simbolicamente unida à História. A mutilação de meu dedo médio foi um bom exemplo, pois quando fui separado da ponta do dedo, e o sangue (nem alfa nem ômega) jorrou em esguichos, um fato semelhante aconteceu à História, e toda espécie de tudoquanto existe começou a derramar-se sobre nós. Mas, como a História atua numa escala maior que a de qualquer indivíduo, foi preciso muito mais tempo para recosturá-la e consertar os danos.

“Passivo-metafórica”, “passivo-literal”, “ativo-metafórica”: a Conferência dos Filhos da Meia-Noite era tudo isso; no entanto, nunca veio a ser o que eu mais queria que fosse; jamais operamos no primeiro e mais

significativos dos “modos de conexão”. O modo “ativo-literar” passou por nós.

\* \* \*

Transformações sem fim. Agora com nove dedos, Salim é levado à porta do Hospital Candy Breach por uma atarracada enfermeira louca cujo rosto está congelado num sorriso de aterrorizante insinceridade. Salim pestaneja diante do clarão abrasador do mundo externo, tentando focalizar a vista em duas figuras vagas que se aproximam, vindas do sol. — Está vendo? — arrulha a enfermeira. — Viu quem veio buscar você? — E Salim compreende que alguma coisa de terrível deve ter acontecido ao mundo, pois sua mãe e seu pai, que deveriam ter vindo buscá-lo, ao que parece se transformaram, a caminho do hospital, em sua ama Mary Pereira e em seu tio Hanif.

Hanif Aziz tinha uma voz de buzina de navio e cheirava a uma fábrica de cigarros. Eu o amava com paixão, por seu riso, seu queixo barbado, seu jeito de quem tinha sido montado às pressas, sua falta de coordenação, que fazia com que cada um de seus movimentos fosse carregado de risco. (Quando ele visitava a Vila Buckingham, mamãe escondia os jarros de vidro lavado.) Os adultos nunca esperavam que ele agisse com o correto decoro (— Prestem atenção nos comunistas! — rugia tio Hanif, e eles coravam), o que constituía um vínculo entre ele e todas as crianças — dos outros, uma vez que ele e Pia não tinham filhos. Assim era o tio Hanif, que um dia, sem aviso prévio, se lançaria do terraço de seu edifício.

... Ele me dá uma pancada forte nas costas, atirando-me aos braços de Mary Pereira. — Ei, lutador! Está com uma cara ótima! — Mas Mary se apressa: — Tão magrinho, Jesus! Não lhe deram comida direito? Quer pudim de fubá? Banana amassada com leite? Deram-lhe batatas fritas? — ... enquanto Salim olha em torno desse novo mundo em que tudo parece estar acontecendo depressa demais; sua voz, quando sai, está aguda, como se alguém a tivesse acelerado: — Amma-abba? — pergunta. — A Macaca? — E Hanif ribomba: — Isso mesmo, está ótimo. O menino está na ponta

dos cascos! Vamos lá, phaelwan. Que tal andar no meu Packard? — E Mary Pereira fala ao mesmo tempo: — Bolo de chocolate — promete ela — e laddus, pista-ki-lauz, samosas de carnes, kulfi. Você ficou tão magro, baba, que é capaz de o vento o carregar. — O Packard está se afastando; não vira na Warden Road, nem sobe a colina de dois andares. E Salim: — Hanif mamu, onde é que nós... — Não tem tempo de acabar a frase. Hanif estrondeja: — Sua Pia Titia está esperando! Meu Deus, vai ver se não vamos brincar para valer! — Sua voz se abaixa, conspiratória: — Vamos nos divertir — diz ele, misterioso — *demais!* — E Mary: — Arré baba, isso mesmo! Que carnes! E que chutney!

— O escuro não — digo, conquistado por fim. Os rostos de meus captores demonstram alívio. — Não, não, não — balbucia Mary. — O verde-claro, baba. Como você gosta. — Hanif berra: — Verde *bem claro!* Meu Deus, verde como gafanhotos!

Tudo depressa demais... Mas estamos agora em Kemp's Corner, carros passam correndo como projéteis..., porém uma coisa não mudou. Em seu cartaz, o Kolynos Kid está rindo, o eterno riso élfico do garoto de clorofílico gorro verde; o riso lunático do garoto sem idade, que interminavelmente aperta um inextinguível tubo de pasta de dentes numa trilhante escova verde: *Ah, que refrescante sensação de bem-estar!*... E talvez queiram pensar em mim também como um involuntário Kolynos Kid, a espremer crises e transformações de um tubo sem fim, fazendo o tempo jorrar em minha metafórica escova de dentes; um tempo limpo e branco com clorofila verde nas listras.

Assim, então, foi o começo de meu primeiro exílio. (Haverá um segundo, e ainda um terceiro.) Suportei-o sem queixas. Eu tinha adivinhado, é claro, que havia uma pergunta que jamais deveria fazer; que eu fora dado de empréstimo, como uma revista em quadrinhos da Biblioteca de Segunda Mão de Scandal Point, durante um período indeterminado; e que, quando meus pais me desejassem de volta, mandariam me buscar. Quando ou se; pois eu me culpava, e não pouco,

por meu exílio. Não tinha infligido a mim mesmo mais uma deformidade, a ser acrescentada a pernas cambaias, nariz de pepino, têmporas salientes e manchas no rosto? Não era crível que meu dedo mutilado tivesse sido (tal como eu, ao anunciar minhas vozes, quase fora), para meus pais sofredores, a última gota? Que eu não fosse mais um bom risco empresarial, que não valia mais o investimento do amor e da proteção deles?... Resolvi recompensar meu tio e minha tia pela gentileza de abrigarem uma criatura tão desvalida como eu, representar o sobrinho modelo e esperar o que aconteceria. Havia dias em que eu desejava que a Macaca fosse me ver, ou mesmo me telefonasse; mas pensar nessas coisas só servia para furar o balão de minha equanimidade, de modo que eu fazia o possível para afastá-las da mente. Além disso, morar com Hanif e Pia Aziz acabou sendo exatamente o que meu tio prometera: muito divertido.

Faziam-me todas as festinhas que as crianças esperam, e aceitam de bom grado, de adultos sem filhos. O apartamento deles, que dava para a Marine Drive, não era grande, mas havia uma sacada da qual eu podia deixar cair coquinhos nas cabeças dos transeuntes; não havia um quarto de hóspedes, mas ofereceram-me um sofá branco, deliciosamente macio e com listras verdes (uma das primeiras provas de minha transformação no Kolynos Kid). A ama Mary, que aparentemente me acompanhara ao exílio, dormia no chão a meu lado. De dia, enchia-me o estômago com os prometidos bolos e doces (pagos, hoje acredito, por minha mãe); seria de esperar que eu tivesse engordado imensamente, porém mais uma vez começara a crescer em outras direções, e, ao final daquele ano de acelerada História (quando eu tinha apenas onze anos e meio), na verdade já atingira minha estatura de adulto, como se alguém me tivesse agarrado pelas dobras de gordura e me espremido com mais força do que apertaria qualquer tubo de pasta dental, de modo que a pressão me esticava cada vez mais. Salvo da obesidade pelo efeito Kolynos, eu me comprazia com a alegria de meu tio e minha tia por terem uma criança em casa. Quando eu derramava Seven-Up no tapete ou espirrava no prato de comida, o máximo

que meu tio dizia era: — Puxa vida, pretão! —, com sua estrondosa voz de navio, amenizando a censura com seu imenso riso. Enquanto isso, minha tia Pia começava a ocupar seu lugar na longa seqüência de mulheres que me enfeitaram e por fim me estragaram para sempre.

(Devo dizer que, durante minha estada no apartamento da Marine Drive, meus testículos, abrindo mão da proteção do osso pélvico, resolveram, prematuramente e sem aviso, cair em seus pequenos sacos. Também esse fato desempenhou seu papel no que veio a acontecer.)

Minha mumani — minha titia — a divina Pia Aziz: morar com ela era existir no quente e pegajoso coração de um filme de Bombaim. Naquele tempo, a carreira cinematográfica de meu tio havia entrado num vertiginoso declínio e, pois assim é o mundo, a estrela de Pia declinara junto com a dele. Na presença dela, porém, era impossível pensar em fracasso. Privada de papéis no cinema, Pia transformara sua própria vida num filme, no qual eu fazia um número cada vez maior de figurações. Eu era o Fiel Camareiro: Pia de anágua, quadris macios bamboleando na direção de meus olhos desesperadamente desviados, sorrindo enquanto seus olhos, pesados de maquilagem, dardejavam, imperiosos: “Vamos, garoto, por que está tão acanhado, segure essas pregas em meu sári enquanto eu as dobro”. Eu era também seu Confidente Predileto. Enquanto meu tio ficava sentado no sofá de listras de clorofila, a produzir roteiros que jamais alguém filmaria, eu escutava o nostálgico solilóquio de minha tia e tentava afastar os olhos de dois orbes impossíveis, esféricos como melões, dourados como mangas: refiro-me, já adivinharam, aos adoráveis seios de Pia mumani. Sentada em sua cama, com um braço estendido sobre a testa, ela declamou: — Menino, você sabe, eu sou uma grande atriz. Já interpretei muitos papéis importantes! Mas veja só o que faz o destino! Antigamente, garoto, só Deus sabe quantas pessoas pediam por tudo quanto é sagrado para vir a este apartamento; antigamente, quanto os jornalistas da *Filmfare* e de *Deusas da Tela* não pagariam para entrar aqui! E as danças! Eu era conhecida no restaurante Veneza... todos

aqueles grandes músicos de *jazz* vinham sentar-se a meus pés, isso mesmo, até aquele Braz. Menino, depois de *Os amantes de Caxemira*, havia atriz maior do que eu? Não era Poppy, nem Vyjayantimala. Não era ninguém! — E eu assenti com a cabeça, enfático, não-claro-que-ninguém, enquanto seus maravilhosos melões de pele arfavam e... Com um grito teatral, ela continuou: — Mas até nesse tempo, na época de nossa fama absoluta, em que todo filme era um prêmio de ouro, esse seu tio queria morar num apartamento de duas peças, como um funcionariozinho! E eu não reclamava. Não sou como muitas dessas atrizes de segunda categoria; vivia com simplicidade e não pedia Cadillacs, aparelhos de ar-condicionado ou camas Dunlopillo inglesas. Não pedia piscinas em forma de biquíni, como a de Roxy Vishwanatham! Fiquei aqui, como uma mulher do povo! E aqui ainda estou apodrecendo! Apodrecendo, não há outra palavra! Mas de uma coisa eu sei: meu rosto é minha fortuna. Diante disso, de que preciso mais? — De nada, mumani, de nada! — Pia emitiu um grito selvagem, que até meu ouvido surdo escutou. — Claro, você também quer que eu seja pobre! O mundo inteiro quer ver Pia em trapos! Até esse aí, seu tio, escrevendo esses roteiros mais que chatos! Ah, meu Deus, eu digo a ele, ponha danças, ou locações exóticas! Faça com que seus vilões sejam vis, por que não, faça heróis machos! Mas ele diz que não, que tudo isso é bobagem, hoje ele pensa assim... mas no passado não era tão orgulhoso! Agora ele tem de escrever sobre pessoas comuns e problemas sociais! Eu digo tudo bem, Hanif, isso é bom; mas acrescente um pouco de comédia comum, um pouco de dança para sua Pia dançar, e também tragédia e drama. É isso que o público quer! — Seus olhos marejaram. — Sabe sobre o que ele está escrevendo agora? Sobre... — a expressão de seu olhar deu a impressão de que seu coração estava para dilacerar-se — ... a Vida Cotidiana de uma Fábrica de Conservas!

— Psiu, mumani, psiu — suplico. — Hanif mamu vai escutar!

— Que escute! — explodiu ela, chorando agora copiosamente. — Que a mãe dele, em Agra, também escute. Eles querem que eu morra de

vergonha!

A Reverenda Mãe jamais gostara da nora atriz. Certa vez eu a ouvira dizer a mamãe: — Casar-se com uma atriz, como quechama, meu filho armou a cama dele na sarjeta, e daqui a pouco, como quechama, ela vai fazer com que ele beba álcool e até coma carne de porco! — Por fim, aceitara a inevitabilidade do casamento, ainda que de má vontade; mas dera para escrever cartas edificantes a Pia. “Escute, minha filha”, escrevia, “não siga essa carreira de atriz. Por que esse comportamento vergonhoso? Não tenho nada contra trabalhar, vocês têm idéias modernas, mas dançar nua na tela! E isso quando por uma pequena quantia você poderia adquirir a concessão de uma boa bomba de gasolina. De meu próprio bolso eu lhe daria o dinheiro em dois minutos. Fique sentada num escritório e contrate empregados. Isso é que é um trabalho decente.” Ninguém jamais soube de onde foi que a Reverenda Mãe tirou essa idéia de bombas de gasolina, que viria a ser a obsessão de sua velhice; mas, para desgosto de Pia, ela a bombardeava com essa idéia.

— Por que essa mulher não me pede que seja estenógrafa? — perguntou ela, choramingando, a Hanif, a Mary e a mim na mesa do café. — Por que não motorista de táxi ou tecelã? Essa história de bomba de gasolina me deixa doida.

Meu tio chegou (pela única vez na vida) à beira da cólera. — Você está na presença de uma criança — disse —, e além disso ela é sua mãe. Mostre respeito por ela.

— Respeito ela pode ter — bradou Pia —, mas o que ela quer é *gasolina*.

... E a figuração de que eu mais gostava era quando, durante os jogos de baralho de Pia e Hanif com amigos, eu era promovido ao lugar sagrado do filho que ela nunca tivera. (Filho de uma desconhecida união, tive mais mães do que a maioria das mães tem filhos; dar à luz progenitores foi um de meus mais estranhos talentos — uma forma de fertilidade invertida, além do controle da contracepção e até da própria Viúva.) Diante de

visitas, Pia Aziz exclamava: — Vejam aqui, amigos, meu príncipe herdeiro! A jóia de meu anel! A pérola de meu colar! — E me puxava para si, apertando minha cabeça de uma maneira que fazia meu nariz ser comprimido contra seu peito e aninhado maravilhosamente entre as macias almofadas de seus indescritíveis... Incapaz de enfrentar tais delícias, eu afastava a cabeça. Mas era o escravo dela; e agora sei por que ela se permitia tamanha familiaridade comigo. Embora tivesse prematuros testículos e crescesse rapidamente, não obstante eu usava (fraudentemente) o emblema da inocência sexual: durante o tempo que passou na casa do tio, Salim Sinai continuou a usar calças curtas. Joelhos desnudos provavam a Pia minha puerícia: iludida por meias soquetes, ela apertava meu rosto em seus seios, enquanto sua perfeita voz de cítara sussurrava em meu ouvido são: — Meu filho, meu filho, não se preocupe: suas nuvens logo passarão.

Para meu tio, assim como para minha histriônica tia, eu representava o papel do filho vicário. De dia Hanif Aziz ficava no sofá listrado, de lápis e caderno na mão, escrevendo seu épico de picles. Usava seu costumeiro lungi passado em torno da cintura e preso com um enorme alfinete de segurança; das dobras da roupa surgiam suas pernas cabeludas. Suas unhas tinham as manchas de toda uma vida passada a fumar Gold Flakes; as unhas dos pés pareciam igualmente descoradas. Imaginei-o a segurar cigarros com os pés. Muito impressionado por essa fantasia, perguntei-lhe se seria realmente capaz de tal proeza; e sem uma palavra ele prendeu um Gold Flake entre o dedão do pé e seu companheiro e pôs-se a fazer diabruras de contorcionismo. Bati palmas com vontade, mas ao que parece ele passou o resto do dia sentindo dores.

Eu atendia às suas necessidades como faria um bom filho, esvaziando cinzeiros, apontando lápis, trazendo-lhe água para beber; enquanto isso, ele, que depois de seus inícios de fabulista lembrara-se de que era filho de seu pai e se devotara a nada fazer que lembrasse coisas irreais, escrevia seu malogrado roteiro.

— Meu filho — informou-me —, faz cinco mil anos que este país está sonhando. Já é hora de acordar. — Hanif tinha especial prazer em profligar contra príncipes e demônios, deuses e heróis; na verdade, contra toda a iconografia do cinema de Bombaim; no templo das ilusões, ele se fizera sumo sacerdote da realidade; por isso, cômico de minha natureza miraculosa, que me colocava irremediavelmente no reino da mítica vida indiana desprezada por Hanif, eu mordida o lábio e não sabia para que lado olhar.

Hanif Aziz, o único escritor realista a trabalhar na indústria cinematográfica de Bombaim, estava compondo a história de uma fábrica de conservas criada, dirigida e operada exclusivamente por mulheres. Havia longas cenas descritivas da formação de um sindicato; e exposições minuciosas do processo de fabricação de pickles. Hanif interrogava Mary a respeito de receitas; discutiam, horas a fio, a mistura perfeita de limão, lima e garam masala. É irônico que o supremo cultor do naturalismo fosse um profeta tão capaz (embora inconsciente) dos destinos de sua família; nos beijos indiretos de *Os amantes de Caxemira* ele previu os encontros de minha mãe e de seu Nadir-Qasim no Café Pioneiro; e, em seu nunca filmado roteiro de chutneys, ocultava-se uma profecia de mortal precisão.

Ele assediava Homi Catrack com roteiros. Catrack não produzia nenhum; esses roteiros abundavam no pequeno apartamento da Marine Drive, cobrindo todas as superfícies possíveis, e era preciso afastá-los da tampa da privada antes de levantá-la; mas Catrack (Por caridade? Ou por outro motivo, que em breve será revelado?) pagava a meu tio um salário, como se ele trabalhasse num estúdio. Era assim que sobreviviam, Hanif e Pia, pela magnanimidade do homem que viria a ser o segundo ser humano assassinado por Salim.

Homi Catrack lhe pedia: — Que tal uma cena de amor, só uma? — E Pia: — Por acaso você acha que os aldeões vão dar suas rupias para ver mulheres fazendo conservas com mangas Alfonso? — Hanif, obstinado: —

Este filme é sobre trabalho, e não sobre beijos. E não se fazem conservas de mangas Alfonso. É preciso usar mangas com caroços maiores.

Ao que eu saiba, o fantasma de Joe D'Costa não acompanhou Mary Pereira ao exílio; a ausência dele só serviu para aumentar a ansiedade da ama. Naqueles dias da Marine Drive, ela começou a temer que Joe se tornasse visível a outras pessoas além dela e que revelasse, em sua ausência, os medonhos segredos do que havia acontecido na Casa de Saúde do dr. Narlikar na noite da Independência. Por isso, toda manhã ela saía do apartamento num estado de trêmula preocupação, chegando à Vila Buckingham à beira do pânico; só relaxava ao constatar que Joe se mantivera invisível e silencioso. No entanto, depois que ela regressava à Marine Drive, carregada de samosas, bolos e chutneys, sua ansiedade voltava a crescer... E como eu havia resolvido (pois já tinha problemas de sobra) me manter distante de todas as cabeças, exceto as dos Filhos, não compreendia o porquê disso.

Pânico atrai pânico; em suas viagens, sentada em ônibus superlotados (os bondes tinham acabado de ser abolidos), Mary ouvia toda sorte de boatos e disse-me-disses, os quais me transmitia como verdades absolutas. Segundo Mary, o país estava nas garras de uma espécie de invasão sobrenatural. — Baba, estão dizendo que em Kurukshetra uma velha sikh acordou em sua cabana e viu os kurus e os pandavas travando a mesma guerra de antigamente, e bem diante dela! Saiu até nos jornais, ela mostrou o lugar onde viu as carruagens de Arjun e Karna, e havia marcas de rodas na lama! Baap-re-baap, que coisas horríveis! Em Gwalior, viram o fantasma da Rani de Jhansi; viram também rakshasas de muitas cabeças, como Ravana, fazendo coisas com as mulheres e derrubando árvores com um dedo. Eu sou uma boa cristã, baba; mas fico assustada quando me dizem que descobriram o túmulo do Senhor Jesus em Caxemira. Nas lápides estão esculpidos dois pés furados, e uma peixeira de lá jurou que os viu sangrar... sangue de verdade, por Deus!... na Sexta-Feira Santa... O que está acontecendo, baba, por que é que essas coisas antigas não podem ficar

quietas sem atormentar gente honesta? — Eu escutava, de olhos arregalados; e, embora meu tio Hanif se dobrasse de rir, até hoje estou meio convencido de que naquela época de acontecimentos acelerados e horas enfermas o passado da Índia ressuscitou para confundir seu presente; isso serviria de lembrete ao estado secular, recém-nascido, de sua fabulosa antiguidade, na qual eram irrelevantes democracia e voto feminino... Com isso as pessoas foram tomadas por anseios atávicos e, esquecendo o novo mito de liberdade, reverteram a seus antigos costumes, suas velhas lealdades e preconceitos regionalistas, e o organismo político começou a rachar. É como eu disse: se você decepa a pontinha de um dedo que seja, não imagina as fontes de confusão que hão de esguichar.

— E as vacas, baba, estão desaparecendo no ar, puf! E, nas aldeias, os camponeses passam fome.

Foi nessa época que também eu me vi possuído por um estranho demônio. Mas, para que me compreendam direito, convém que eu comece o relato do episódio por uma noite inocente em que Hanif e Pia Aziz recebiam amigos para um jogo de cartas.

Titia era dada a exagerar as coisas; mas, apesar da ausência dos repórteres de *Filmfare* e *Deusas da Tela*, a casa de meu tio era muito freqüentada. Nas noites em que jogavam, o apartamento ficava abarrotado de músicos de *jazz*, que falavam sobre briguinhas e menções em revistas americanas, cantores que traziam *sprays* para a garganta na bolsa, e membros da companhia de dança Uday Shankar, que estava tentando criar um novo estilo de dança mediante a amálgama do balé ocidental com o *bharatanatyam*; havia instrumentistas contratados para tocar no festival de música da Rádio Pan-Índia, o *Sangit Sammelan*; e pintores que discutiam avidamente entre si. O ambiente estava cheio de conversas sobre política e outros assuntos. — Para dizer a verdade, sou o único artista da Índia que pinta com um verdadeiro sentido de compromisso ideológico! — ... — Ah, essa história de Ferdy foi muito ruim, depois disso ele nunca mais arranja outro conjunto. — ... — Menon? Nem me fale de Krishna. Quando o

conheci, ele tinha princípios. Quanto a mim, nunca abandonei — ... — Ohé, Hanif, yaar, por que é que Lal Qasim não tem aparecido por aqui? — E meu tio, olhando ansioso em minha direção: — Pss... que Qasim? Não conheço ninguém com esse nome.

... E, de mistura com o alarido no apartamento, havia as cores e os barulhos da Marine Drive: gente passeando com cachorros, comprando chambeli e channa a ambulantes; os gritos de mendigos e vendedores de bhel-puri; e faróis que se aproximavam descrevendo um grande arco, rodeando e subindo o morro Malabar... Eu ficava na sacada com Mary Pereira, virando meu ouvido ruim para os boatos que ela sussurrava, com as costas para a cidade e as loquazes mesas de jogo diante dos olhos. E um dia reconheci entre os jogadores o vulto encovado e ascético de mr. Homi Catrack. Ele me saudou com embaraçada cordialidade: — Como vai, rapazinho? Tudo bem? Claro, claro que sim!

Meu tio Hanif jogava rummy com atenção; entretanto, estava escravizado por uma curiosa obsessão — achava-se determinado a nunca arriar uma mão até haver completado uma seqüência de treze cartas de copas. Sempre copas; todas as copas; e nada senão copas serviria. Em sua busca dessa inatingível perfeição, meu tio descartava excelentes trincas ou seqüências inteiras de espadas, paus e ouros, fazendo os amigos se dobrarem de rir. Ouvi o renomado tocador de shehnai Ustad Changez Khan (que pintava os cabelos, de modo que nas noites quentes suas orelhas ficavam tingidas com o líquido preto que escorria) dizer a titio: — Ora, vamos, mister. Esqueça essa história de copas e jogue como todo mundo. — Meu tio sentiu-se tentado, mas depois estrondeou: — Não, que diabo! Vá para o inferno e me deixe com meu jogo! — Jogava baralho como um idiota; mas eu, que jamais vira tamanha insistência num objetivo, tive vontade de bater palmas.

Um dos assíduos freqüentadores das legendárias noitadas na casa de Hanif Aziz era um fotógrafo do *Times of India*, que estava sempre a contar histórias picantes e casos escabrosos. Titio apresentou-me a ele: — Salim,

foi esse sujeito que pôs você na primeira página do jornal. Ele se chama Kalidas Gupta. Uma porcaria de fotógrafo; na verdade, um tipo asqueroso. Não converse muito com ele, senão ele enche sua cabeça de escândalos! — Kalidas tinha a cabeleira prateada e um nariz de águia. Achei-o sensacional. — É verdade que conhece muitos escândalos? — perguntei-lhe. Mas tudo que ele disse foi: — Meu filho, se eu os contasse, suas orelhas ficariam em fogo. — No entanto, ele nunca descobriu que o verdadeiro gênio maléfico, a eminência parda por trás do maior escândalo que a cidade jamais escutara, outro não era senão Salim Catarrento... Não devo apressar as coisas. A história do curioso bastão do comandante Sabarmati deve ser narrada no momento próprio. Não se deve permitir que os efeitos (malgrado a natureza tergiversatória do tempo em 1958) precedam as causas.

Eu estava sozinho na sacada. Mary Pereira achava-se na cozinha, ajudando Pia a preparar sanduíches e pakoras de queijo; Hanif Aziz continuava entregue à sua busca das treze cartas de copas; e então mr. Homi Catrack veio pôr-se a meu lado.

— Um pouco de ar fresco — disse.

— Sim, senhor — respondi.

— Então. — Ele exalou o ar com força. — Então, muito bem. Como é que tem passado? Menino excelente. Quero apertar sua mão. — A mão de dez anos é engolfada pelo punho do magnata do cinema (a mão esquerda; a mutilada mão direita pende, inocente, a meu lado)... e então um choque. A palma esquerda sente papel ser posto nela — papel sinistro, inserido por um punho esperto! Catrack aperta com mais força; sua voz se torna grave, mas também serpeante, sibilante; inaudível na sala do sofá listrado de verde, suas palavras penetram em meu ouvido são:

— Dê isso à sua tia. Escondido, bem escondido. Pode fazer isso? E fique calado, senão mando a polícia cortar sua língua. — E depois, alto e cordial:

— Muito bem! Fico satisfeito por ver você tão animado! — Homi Catrack dá-me tapinhas na cabeça; e volta para o jogo.

Ameaçado por policiais, calei-me durante duas décadas; mas não me calarei mais. Agora tudo tem de sair.

O jogo terminou cedo. — O menino tem que dormir — sussurrou Pia. — Amanhã ele volta à escola. — Não tive oportunidade de ficar a sós com minha tia; enrodilhei-me no sofá com o bilhete ainda preso na mão esquerda. Mary estava dormindo no chão... Resolvi fingir um pesadelo. Não precisei fingir para me tornar dissimulado. Infelizmente, porém, estava tão cansado que adormeci; e por isso não tive necessidade de simular: porque sonhei com o assassinio de meu colega Jimmy Kapadia.

... Estamos jogando bola na escadaria principal da escola, em ladrilhos vermelhos e escorregadios. Há uma cruz negra embutida nos ladrilhos vermelho-sangue. Mr. Crusoe no alto da escada: “Meninos, não devem deslizar pelo corrimão; essa cruz é onde um menino caiu”. Jimmy joga a bola sobre a cruz. “Essa cruz é mentira”, diz Jimmy. “Eles dizem mentiras para estragar a brincadeira da gente.” A mãe o chama ao telefone: “Não jogue bola, Jimmy; cuidado com o coração”. A sineta. O telefone, reposto no gancho, e agora a sineta... Pingos de tinta riscam o ar da sala de aula. Perce Peixeiro Gordo e Keith Papeira se divertem. Jimmy quer um lápis, cutuca-me as costelas. “Ei, cara, tem um lápis, dê. Obrigado, cara.” Dou. Zagallo entra. A mão de Zagallo pede silêncio: vejam meus cabelos crescendo na palma dele! Zagallo com um capacete pontudo de soldado... Preciso de meu lápis. Estico o dedo e cutuco Jimmy. “Professor, veja, professor, Jimmy caiu!” “Professor eu vi professor Catarrento cutucou ele!” “Catarrento matou Kapadia, professor!” “Não jogue bola Jimmy cuidado com o coração!” “Fiquem quietos”, grita Zagallo. “Asnos de las selvas, quietos.”

Jimmy numa trouxa no chão. “Professor professor será que vão botar uma cruz?” Ele pediu um lápis, eu cutuquei, ele caiu. O pai dele é chofer de táxi. Agora o táxi entra na sala de aula; uma trouxa de lavadeira é posta

no banco de trás, lá se vai Jimmy. Trim, uma sineta. O pai de Jimmy baixa a bandeira do táxi. O pai de Jimmy olha para mim: “Catarrento, você vai ter de pagar a corrida”. “Mas eu não tenho dinheiro, senhor.” E Zagallo: “Ponemos en su conta”. Vejam meus cabelos nas mãos de Zagallo. Os olhos de Zagallo emitem chamas. “Quinhentos millones, que é una muerte?” Jimmy está morto; quinhentos milhões ainda vivem. Começo a contar: um dois três. Os números marcham sobre o túmulo de Jimmy. Um milhão dois milhões três milhões quatro. Que importância tem alguém, alguém morrer. Cem milhões e um dois três. Números marcham agora pela sala de aula. Duzentos milhões três quatro cinco pisando batendo. Quinhentos milhões ainda vivem. E só um eu...

... Na escuridão da noite, despertei do sonho com a morte de Jimmy Kapadia, que se tornou o sonho do aniquilamento por números, gritando e berrando, mas ainda com o papel na mão; e uma porta se abriu, mostrando tio Hanif e tia Pia. Mary Pereira tentou me consolar, mas Pia foi soberba, ela era um divino redemoinho de anáguas e dupatta, aninhou-me em seus braços. — Sossegue! Meu querido, sossegue agora! — E tio Hanif, sonolento: — Ei, phaelwan! Está tudo bem. Venha, venha conosco. Traga o menino, Pia! — E estou agora em segurança nos braços de Pia. — Só essa noite, minha pérola, você pode dormir conosco! — E ali estou, aconchegando entre tio e tia, enroscando nas curvas perfumadas de minha mumani.

Imaginem, se puderem, minha súbita alegria; imaginem com que rapidez o pesadelo esvaiu-se de meus pensamentos quando me aninhei junto das anáguas de minha tia extraordinária! Ela mudou sua posição, ajeitando-se, e um melão dourado afagou-me o rosto! A mão de Pia procurou a minha e apertou-a com firmeza... e então desincumbi-me de minha tarefa. Quando a mão de minha tia dobrou-se em torno da minha, o papel passou de uma palma para a outra. Eu a senti retesar-se, silenciosamente; e então, embora eu me ajeitasse mais perto, mais perto, eu a perdi; ela estava lendo no escuro, e seu corpo continuava a enrijecer;

e de repente entendi que havia sido ludibriado, que Catrack era meu inimigo; e só a ameaça de policiais impediu que eu contasse a titio.

(No dia seguinte, na escola, fiquei sabendo da morte trágica de Jimmy Kapadia; morrera de repente, em casa, de um ataque do coração. Pode-se matar uma pessoa sonhando com sua morte? Mamãe sempre disse que sim; e, nesse caso, Jimmy Kapadia foi minha primeira vítima de homicídio. Homi Catrack seria a próxima.)

Ao chegar em casa, no primeiro dia de minha volta às aulas, depois de me deliciar com a inusitada humildade de Perce Gordo e Keith Papeira (— Escute, yaar, como a gente ia saber que seu dedo estava na... Ei, cara, ganhamos entradas para um filme amanhã, quer ir?) e com minha popularidade igualmente inesperada (— Nada mais de Zagallo! Grande, cara! Você perdeu os cabelos mas o resultado foi bom!), tia Pia não estava. Fiquei sentado com tio Hanif, enquanto, na cozinha, Mary Pereira preparava o jantar. Era uma tranqüila cena familiar; no entanto, a tranqüilidade foi quebrada, de repente, pelo barulho de uma porta que batia. Hanif deixou cair o lápis no momento em que Pia, tendo batido a porta de entrada, abriu a da sala com a mesma violência.

— Que é isso, mulher, qual é o problema? — trovejou ele, alegre. Mas Pia não estava para amabilidades.

— Continue a escrever — disse, com a mão cortando o ar. — Por Alá, não pare por minha causa! Quanto talento! Não se pode ir ao banheiro nesta casa sem topar com seu gênio. Está feliz, marido? Estamos ganhando muito dinheiro? Deus ainda o trata bem? — Com tudo isso, Hanif não se deu por achado.

— Venha, Pia, nosso hospedezinho está aqui. Sente-se, tome chá... — Pia, toda atriz, imobilizou-se numa atitude de incredulidade.

— Meu Deus! Em que família me casei! Minha vida está em ruínas, e você me oferece chá; sua mãe oferece gasolina! É tudo uma loucura... — E tio Hanif, franzindo a testa agora:

— Pia, o menino.... — Um grito.

— Ahaaa! O menino... mas o menino já sofreu, está sofrendo agora mesmo. Sabe o que é perder, sabe o que é se sentir largado! Eu também fui abandonada: sou uma atriz e tanto, e fico aqui cercada de histórias de carteiros que andam de bicicleta e de carroceiros! O que você entende do sofrimento de uma mulher? Fique aí sentado, deixe que um produtor gordo e rico, um produtor parse, o sustente por caridade, não tem importância que sua mulher use jóias falsas e não compre sáris novos há dois anos; uma mulher tem costas largas, meu querido marido, mas você transformou minha vida num deserto! Fique aí, não venha atrás de mim, me deixe em paz para eu poder pular da janela! Agora eu vou para meu quarto — concluiu ela — e se você não me ouvir mais é porque meu coração está quebrado e eu morri. — Outras portas se bateram; foi uma saída espetacular.

Tio Hanif quebrou um lápis, distraído, em duas metades. Balançava a cabeça, como se perguntasse: O que deu nela? Mas eu sabia. Eu, intermediário de segredos, ameaçado por policiais, sabia e mordia o lábio. Isto porque, metido como estava na crise conjugal de meu tio e minha tia, havia quebrado minha própria norma recente e entrado na cabeça de Pia; vira sua visita a Homi Catrack e soube que havia anos ela era sua amante; ouvira-o dizer a ela que se cansara de seus encantos, e que agora havia outra pessoa; e eu, que já o teria odiado por seduzir minha amada tia, dei comigo a odiá-lo em dobro, e com o mesmo ardor, por cometer a afronta de dispensá-la.

— Vá procurá-la — disse meu tio. — Talvez você consiga animá-la.

O menino Salim passa por portas repetidamente batidas e chega ao santuário de sua dramática tia; entra e encontra o corpo lindíssimo espalhado em maravilhosa desenvoltura, transversalmente, no leito conjugal... onde, na noite anterior, corpos alojavam-se em corpos... onde um papel passara de uma para outra mão... A mão voeja, trêmula, a seu coração; seu peito arfa; e o menino Salim balbucia: — Tia... Ah, tia, sinto muito.

Da cama vem uma lamúria desabrida. Braços de tragédia estendem-se para mim. — Ai! Ai... hai! Ai... ah, ah! — Sem esperar novo convite, vôo para aqueles braços; atiro-me entre eles, deito-me sobre minha tia chorosa. Os braços fecham-se em torno de mim, fortes, unhas marcam-me as costas através da camisa branca da escola, mas não me importo!... Porque alguma coisa começou a agitar-se debaixo de meu cinto com fivela em S. Tia Pia se debate, desesperada, sob mim, e eu me debato com ela, lembrando-me de manter a mão direita longe da ação. Conservo-a rigidamente acima da refrega. Com uma das mãos, ponho-me a acariciá-la, sem saber o que estou fazendo. Tenho só dez anos e ainda uso calças curtas, mas estou chorando porque ela está chorando, e o barulho enche o quarto... E na cama, onde dois corpos se debatem, dois corpos começam a ganhar uma espécie de ritmo, inominável e impensável, quadris descem e sobem em minha direção, enquanto ela grita — Ah! Ah Deus, Ah Deus, Ah! — E é possível que também eu esteja gritando, não sei dizer, alguma coisa está a sobrepor-se ao sofrimento aqui; enquanto meu tio quebra outros lápis num sofá listrado, alguma coisa se torna mais forte, enquanto ela se contorce e revolve debaixo de mim, e por fim, empolgado por uma força maior do que a minha força, desço minha mão direita, esqueci-me do dedo, e, quando ele lhe toca o seio, o ferimento se comprime contra a pele...

— Iaauuu! — grito de dor. E minha tia, arrancando-se ao encantamento macabro daqueles instantes, empurra-me para o lado e desfere uma sonora bofetada em meu rosto. Felizmente, é na face esquerda; não há perigo de dano para o ouvido são que me resta. — *Nojento!* — grita minha tia. — Uma família de maníacos e pervertidos! Ai de mim, que mulher já sofreu tanto?

Alguém tosse na porta. Estou em pé agora, tremendo de dor. Pia também está em pé, com os cabelos a lhe riscarem o rosto como lágrimas. Mary Pereira está à porta, tossindo. O embaraço lhe tinge de escarlate todo o corpo, e ela segura um pacote de papel pardo.

— Veja, baba, o que eu esqueci de lhe dar — consegue ela dizer por fim. — Agora você é um homem de verdade. Veja, sua mãe lhe mandou duas calças compridas brancas, tão bonitas.

Depois de deixar-me arrebatado tão irrefletidamente ao tentar consolar minha tia, ficou difícil para mim continuar no apartamento da Marine Drive. Nos dias que se seguiram houve longos telefonemas; Hanif persuadindo alguém, enquanto Pia gesticulava. Talvez agora, depois de cinco semanas... E certa noite, depois que voltei da escola, minha mãe foi me buscar em nosso velho Rover, e meu primeiro exílio chegou ao fim.

Nem enquanto íamos para casa, nem em qualquer outro momento, deram-me qualquer explicação para meu exílio. Resolvi, por isso, que não me meteria a perguntar. Agora eu estava usando calças compridas; portanto, era um homem, e devia enfrentar meus problemas virilmente. Disse à mamãe:

— O dedo não incomoda muito. Hanif mamu me ensinou a segurar a caneta de um outro jeito, e agora estou escrevendo bem. — Ela parecia estar concentradíssima no trânsito. — Foram umas boas férias — acrescentei polidamente. — Obrigado pelas férias.

— Ah, criança! — Mamãe não se conteve mais. — Com esse seu rosto, igual ao sol quando nasce, o que lhe posso dizer? Seja bom para seu pai. Ele não tem estado feliz. — Eu disse que faria o possível para me comportar bem; parece que ela perdeu o controle do volante, e passamos de raspão por um ônibus.

— Que mundo esse! — disse ela, depois de algum tempo. — Acontecem coisas terríveis e não se sabe por quê.

— Eu sei — concordei. — Mary me falou dessas coisas. — Mamãe olhou para mim, com expressão de medo, e depois encarou Mary, que estava no banco de trás. — Sua preta! — exclamou. — O que andou dizendo?

Falei sobre as histórias que Mary tinha contado sobre fatos extraordinários, mas os horrendos boatos ao que parece acalmaram minha

mãe.

— O que é que você sabe? — suspirou ela. — É apenas uma criança.

O que eu sei, amma? Eu sei do Café Pioneiro! De repente, enquanto seguíamos para casa, apoderou-se de mim outra vez minha recente ânsia de vingança contra minha pérfida mãe, uma ânsia que se desvanecera no ofuscamento brilhante de meu exílio, mas que agora retornava e se unia à minha mais nova aversão, o ódio a Homi Catrack. Essa ânsia bicéfala foi o demônio que me possuiu e impeliu-me a fazer a pior coisa que já fiz...

— Tudo vai dar certo — dizia agora minha mãe. — Espere só para ver.

Vai sim, mamãe.

Ocorre-me que eu nada disse, em todo esse episódio, sobre a Conferência dos Filhos da Meia-Noite. Entretanto, para dizer a verdade, eles não me pareciam muito importantes naqueles dias; eu tinha outras coisas na cabeça.

# O bastão do comandante Sabarmati

Alguns meses depois, quando Mary Pereira finalmente confessou seu crime e revelou os segredos da perseguição que havia onze anos lhe fazia o fantasma de Joseph D'Costa, soubemos que, depois de voltar do exílio, ela ficara chocadíssima com o estado em que caíra o espectro em sua ausência. Ele começara a degenerar, e agora faltavam-lhe pedaços: uma orelha, vários dedos em cada pé, a maioria dos dentes; e em seu estômago havia um buraco maior que um ovo. Angustiada por esse fantasma em decomposição, ela lhe perguntou (depois de certificar-se de que ninguém escutaria): — Ah, Joe, o que está acontecendo com você? — Joe respondeu que a responsabilidade pelo crime que ela cometera fora lançada sobre os ombros dele, que a situação ficaria assim até ela confessar, e que aquela culpa o estava destruindo. Desse momento em diante, tornou-se inevitável que ela confessasse; mas cada vez que ela me olhava, encontrava-se impedida de fazê-lo. No entanto, era apenas uma questão de tempo.

Entrementes, de todo ignorante da proximidade de meu desmascaramento como embusteiro, eu tentava avir-me com uma Propriedade Methwold na qual também haviam ocorrido várias transformações. Em primeiro lugar, meu pai parecia não querer mais nada comigo, uma atitude que me magoava mas que (considerando meu corpo mutilado) eu julgava perfeitamente compreensível. Em segundo lugar, ocorrera uma mudança notável no tratamento recebido pela Macaca de Cobre. “Minha posição nesta casa”, tive de admitir a mim mesmo, “foi usurpada.” Porque agora era a Macaca quem papai admitia no santuário sagrado de seu escritório, era a Macaca quem ele encarapitava sobre o

ventre fofo e que era obrigada a suportar o fardo de seus sonhos sobre o futuro. Cheguei até a ouvir Mary Pereira cantar para a Macaca a cantiguinha que fora a música-tema de todos os meus dias: “Tudo que você quiser ser, será”, cantou Mary. “Poderá ser tudo o que quiser!” Até mamãe parecia participar daquilo; e agora era minha irmã quem sempre recebia a maior porção de batatas fritas à mesa de jantar, um pouco mais de nargisi kofta ou a mais esplêndida pasanda. Enquanto isso, eu — sempre que por casualidade uma pessoa da casa olhava para mim — tomava consciência de uma ruga cada vez mais profunda em sua testa, assim como de uma atmosfera de embaraço e desconfiança. Mas como queixar-me? Durante anos a Macaca tolerara minha posição especial. Com a possível exceção da vez em que caí de uma árvore em nosso jardim, depois que ela me deu um esbarrão (que poderia ter sido um acidente, afinal de contas), ela sempre aceitara minha primazia com bom ânimo e até lealdade. Agora era a minha vez; já que usava calças compridas, devia ter uma atitude adulta com respeito a meu rebaixamento. “Crescer”, disse a mim mesmo, “é mais difícil do que eu imaginava.”

A Macaca, cumpre dizer, não se sentia menos atônita que eu em face da sua elevação ao papel de favorita. Fazia o que podia para cair em desgraça, mas ao que parecia isso era impossível. Foi essa a época de seu namoro com o cristianismo, que se deveu em parte à influência de suas colegas européias e em parte ao constante desfiar do rosário de Mary Pereira (que, impossibilitada de ir à igreja, devido a seu medo do confessorário, optava por narrar-nos histórias bíblicas); no entanto, acredito que aquilo fosse sobretudo uma tentativa da Macaca para reconquistar sua antiga e cômoda posição como a enjeitada da família. (Aliás, por falar em enjeitados, a baronesa Simki tinha partido desta para melhor em minha ausência, vítima fatal da promiscuidade.)

Minha irmã fazia a apologia do doce Jesus, manso e suave; mamãe sorria vagamente e lhe dava tapinhas na cabeça. Andava pela casa cantarolando hinos; mamãe aprendia as melodias e cantava também. Ela

pediu uma roupa de freira em substituição ao uniforme de enfermeira; o hábito lhe foi dado. Enfiou ervilhas num cordão e as usava como rosário, murmurando Ave-Maria-cheia-de-graça, e meus pais elogiaram-lhe a destreza manual. Atormentada pela recusa de castigo, ela se entregou a paroxismos de fervor religioso, recitando o pai-nosso de manhã e de noite, jejuando nas semanas da Quaresma e não durante o Ramzan, revelando uma insuspeita veia de fanatismo que, mais tarde, lhe dominaria a personalidade; assim mesmo, porém, não a censuraram. Por fim, ela me procurou para discutir a questão. — Bem, meu irmão — disse —, parece que daqui por diante eu vou ter de ser a bem-comportada e você fica livre para se divertir.

É provável que ela tivesse razão; o evidente desinteresse de meus pais por mim deveria ter me proporcionado maior dose de liberdade; contudo, eu estava hipnotizado pelas transformações que ocorriam em todos os aspectos de minha vida, e nessas circunstâncias parecia difícil eu me divertir. Eu estava me modificando fisicamente; cedo demais, uma penugem apontava em meu queixo, e minha voz descia e subia, descontrolada, pelo registro vocal. Eu tinha uma intensa sensação de absurdo: ao se encompridarem, minhas pernas e meus braços tornavam-me desajeitado, e eu devia exibir uma figura de palhaço. Eu crescia como um espantalho, com a cabeça e os membros sobrando das camisas e das calças. Tinha a impressão de que essas roupas, que dançavam comicamente em torno dos meus punhos e tornozelos, conspiravam contra mim; e mesmo quando eu me voltava para meu íntimo, em busca dos Filhos secretos, encontrava mudanças das quais não gostava.

A gradual desintegração da Conferência dos Filhos da Meia-Noite — que finalmente desmoronou no dia em que os exércitos chineses irromperam pelo Himalaia a fim de humilhar o fauj indiano — já ia bem avançada. Quando a novidade acaba, é inevitável que se siga o fastio, e depois a dissensão. Ou (em outras palavras), quando um dedo é mutilado e esguicham cascatas de sangue, toda espécie de vilezas se torna possível...

Independentemente de serem ou não as rachaduras na Conferência o resultado (ativo-metafórico) da perda de meu dedo, decerto elas se estavam alargando. No norte, em Caxemira, Narada-Markandaya recaía nos sonhos solipsistas do verdadeiro narcisista, interessado tão-somente nos prazeres eróticos de constantes alterações sexuais; Soumitrà, o que viajava no tempo, magoado por nossa recusa em ouvir-lhe as descrições de um futuro em que (dizia ele) o país seria governado por um caduco que bebia urina e se recusava a morrer, em que as pessoas se esqueceriam de tudo quanto tinham aprendido na vida, em que o Paquistão se dividiria como uma ameba, e em que os primeiros-ministros de cada uma das metades seriam assassinados por seus sucessores (ambos, jurava ele, apesar de nossa incredulidade, seriam chamados pelo mesmo nome)... o magoado Soumitrà, dizia eu, passou a se ausentar regularmente de nossas reuniões noturnas, desaparecendo durante longos períodos nos aracnóides labirintos do Tempo. E as irmãs de Baud satisfaziam-se com sua capacidade de enfeitiçar os tolos, jovens e idosos. “Em que pode essa Conferência nos ajudar?”, indagavam. “Já temos muitos amantes.” — E nosso membro alquimista afainava-se num laboratório que fora mandado construir por seu pai (a quem ele revelara seu segredo); absorvido com a Pedra Filosofal, tinha pouquíssimo tempo para nós. Havíamos perdido esse companheiro, seduzido pelo ouro.

Além disso, também outros fatores atuavam. Por mais mágicos que sejam, os filhos não estão imunes a seus pais; e, à medida que os preconceitos e concepções dos adultos começaram a dominar suas mentes, passei a ver crianças de Maharashtra detestando gujarátis, e nortistas de pele clara injuriando “pretos” dravídicos; havia rivalidades religiosas; e a idéia de classe entrou em nossos concílios. As crianças ricas viravam o nariz para os companheiros humildes; brâmanes começaram a sentir-se incomodados por permitirem que mesmo seus pensamentos tocassem os dos intocáveis; enquanto isso, entre os de berço pobre, as pressões da miséria e do comunismo se faziam manifestas... Sobre tudo isso, havia

choques de personalidade, bem como as centenas de rixas tempestuosas que são inevitáveis num parlamento composto inteiramente de guris semi-adultos.

A Conferência dos Filhos da Meia-Norte cumpriu, assim, a profecia do primeiro-ministro e tornou-se, com efeito, um espelho da nação; atuava aí o modo passivo-literal, embora eu protestasse contra ele, desesperado e, por fim, com crescente resignação... “Irmãos e irmãs”, transmiti, com uma voz mental tão descontrolada quanto a física. “Não permitam que isso aconteça! Não deixem que a interminável dualidade de massas e classes, capital e trabalho, eles e nós, se interponha entre nós! Devemos ser”, bradei com veemência, “um terceiro princípio; devemos ser a força que concilia as alternativas do dilema; porque só se formos diferentes, se formos novos, poderemos concretizar a promessa de nosso nascimento!” Eu tinha correligionários, e dentre eles nenhum era maior que a bruxa Parvati; no entanto, sentia que escapuliam de mim, cada qual distraído por sua própria vida..., do mesmo modo que, na verdade, eu estava sendo distraído pela minha. Era como se nosso glorioso congresso estivesse se transformando em apenas mais um brinquedo da meninice, como se calças compridas estivessem destruindo o que a meia-noite criara... “Temos de estipular um programa”, apelei, “nosso próprio Plano Quinquenal. Por que não?” Entretanto, por trás de minha ansiosa transmissão eu ouvia o riso divertido de meu maior rival; e lá estava Shiva em todas as nossas cabeças, a dizer com desdém: “Não, menino riquinho. Não existe essa coisa de terceiro princípio. Existem somente dinheiro e pobreza, ter e não ter, direita e esquerda; a única coisa que existe é eu-contra-o-mundo! O mundo não é feito de idéias, menino rico; no mundo não cabem sonhadores e seus sonhos. O mundo, Catarrentinho, são coisas. São as coisas e seus fabricantes que governam o mundo. Veja Birla, Tata e todos os poderosos: eles fazem coisas. É por causa das coisas que eles governam o país. Não por causa de pessoas. Para coisas, os Estados Unidos e a Rússia fornecem ajuda; mas quinhentos milhões de pessoas passam fome. Quando você possui

coisas, tem tempo para sonhar; quando não as possui, você luta”. Os Filhos ouviam fascinados nossa discussão... ou talvez não ouvissem, porque até nosso diálogo não lograva despertar-lhes o interesse. Repliquei: “Mas pessoas não são coisas; se nos reunirmos, se nos amarmos uns aos outros, se demonstrarmos que isso, apenas isso, essa união de pessoas, essa Conferência, esse agrupamento de crianças ricas e pobres pode ser aquele terceiro caminho...”. No entanto, Shiva insistiu, com desprezo: “Menino riquinho, tudo isso é conversa fiada: toda essa história da importância do indivíduo; toda essa possibilidade de humanismo. Hoje em dia, as pessoas não passam de outro tipo de coisa”. E eu, Salim, titubeando: “Mas... o livre-arbítrio... a esperança... a grande alma, conhecida também como *mahatma*, da humanidade... e o que dizer da poesia, da arte e...”. Shiva aproveita para desferir o golpe de misericórdia: “Está vendo? Eu sabia que você acabaria assim. Molenga, como arroz cozido demais. Sentimental como uma vovozinha. Vá embora, quem quer saber de suas patacoadas? Todos temos de viver nossas vidas. Vá para o inferno, nariz-de-pepino, estou farto de sua Conferência. Não tem nada a ver com coisa alguma”.

Vocês perguntarão: esses meninos têm dez anos? Eu respondo: Sim, mas. Dirão: por acaso meninos de dez anos, ou de quase onze, debatiam o papel do indivíduo na sociedade? Ou a rivalidade entre o capital e o trabalho? Explicitavam os conflitos internos entre as zonas agrárias e as industrializadas? E ainda as tensões entre as diversas heranças socioculturais? Crianças com menos de quatro mil dias discutiam a natureza do capitalismo e seus conflitos intrínsecos? Tendo vivido menos de cem mil horas, realmente comparavam Gandhi e Marxlenin, poder e importância? Era o coletivismo cotejado com a singularidade? Terão as crianças matado Deus? Mesmo admitindo a veracidade dos supostos milagres, poderemos acreditar agora que moleques falassem como anciãos barbudos?

Eu respondo: talvez não com essas palavras; talvez nem mesmo chegassem a empregar palavras, porém falavam na linguagem mais pura do

pensamento: Sim, é claro, eram essas coisas que estavam no fundo de todo aquele debate; porque as crianças são os recipientes em que os adultos vertem seu veneno, e foi o veneno dos adultos que acabou conosco. Veneno e, após um intervalo de muitos anos, uma Viúva com uma faca.

Em suma, depois de minha volta à Vila Buckingham, até o sal dos filhos da meia-noite perdeu seu sabor; havia agora noites em que eu nem me dava o trabalho de organizar minha rede nacional; e o demônio que se ocultava dentro de mim (era bicéfalo) ficou livre para perpetrar suas diabruras. (Nunca fiquei sabendo se Shiva era culpado ou inocente dos assassinios das prostitutas; mas tamanha era a influência de Kali-Yuga que eu, o bom sujeito e a vítima natural, fui decerto responsável por duas mortes. Primeiro foi Jimmy Kapadia; depois foi a vez de Homi Catrack.)

Se existe um terceiro princípio, seu nome é infância. No entanto, ela morre; ou melhor, é assassinada.

Todos nós tínhamos problemas naquele tempo. Homi Catrack tinha sua Toxy retardada, e os Ibrahim tinham outras preocupações: Ismail, o pai de Sonny, após anos subornando juízes e júris, estava ameaçado de investigação pela Ordem dos Advogados; e dizia-se que Ishaq, o tio de Sonny, proprietário do Embassy Hotel, um estabelecimento de segunda categoria perto da Fonte Flora, devia o que não tinha a quadrilheiros e vivia com medo de ser “desovado” (naqueles dias, os assassinatos tornavam-se um fato cotidiano, como o calor)... Por tudo isso, talvez não surpreenda que todos tivéssemos esquecido a existência do professor Schaapsteker. (Os indianos se tornam mais volumosos e mais fortes à proporção que envelhecem; mas Schaapsteker era europeu, e os de sua raça infelizmente fenecem com o passar dos anos, e muitas vezes desaparecem completamente.)

Mas, então, levados talvez por meu demônio, meus pés conduziram-me ao andar de cima da Vila Buckingham, onde encontrei um ancião louco, inacreditavelmente miúdo e encolhido, cuja língua estreita dardejava sem parar para dentro e para fora da boca, chicoteando, adejando — o antigo

investigador de antídotos, assassino de cavalos, agora com noventa e dois anos e afastado de seu instituto epônimo, e que se refugiara num escuro apartamento do andar superior de uma mansão, entre vegetação tropical e serpentes conservadas em salmoura. A idade, fracassando em roubar-lhe os dentes e as glândulas de veneno, transformara-o na encarnação do serpentismo; como acontece a outros europeus que permanecem tempo excessivo na Índia, as antigas insanidades nacionais lhe haviam salmourado o cérebro, de modo que ele passara a crer nas superstições dos empregados do Instituto, segundo as quais ele era o último representante de uma estirpe que começara quando uma naja se unira a uma mulher que dera à luz uma criança humana (mas ofídica)... Parece que em toda a minha vida bastava eu virar uma esquina para topar com mais um mundo novo e fabulosamente metamorfoseado... Suba uma escada (ou mesmo uma escadaria) e você encontra uma serpente à sua espera.

As cortinas estavam sempre puxadas. Nos aposentos de Schaapsteker o sol nem nascia nem se punha, e relógios não tiquetaqueavam. Terá sido o demônio ou nossa sensação de isolamento que nos aproximou?... Porque, naqueles tempos de ascendência da Macaca e de declínio da Conferência, dei para subir as escadas sempre que possível e escutar os desvarios do louco e sibilante ancião.

A primeira saudação que ele me dirigiu, quando irrompi em sua toca destrancada, foi: — Muito bem, garoto... Você se recuperou da febre tifóide. — A frase remexeu o tempo como uma preguiçosa nuvem de poeira e me reincorporou ao que eu fora com um ano de idade; lembrei-me da história de Schaapsteker ter salvo minha vida com veneno de cobra. Depois disso, durante várias semanas, sentei-me a seus pés e ele me revelou a serpente que jazia enrodilhada dentro de mim.

Quem arrolou, para meu bem, os poderes ocultos das serpentes? (A sombra delas mata vacas; se penetram nos sonhos de um homem, sua mulher concebe; se são mortas, a família do matador fica sem prole masculina durante vinte gerações.) E quem descreveu para mim, sem

auxílio de livros e cadáveres empalhados, os inimigos constantes da serpente? — Estude seus inimigos, menino — silvou ele —, ou eles sem dúvida o matarão. — ... Aos pés de Schaapsteker, estudei o mangusto e o varrão, o marabu-da-índia, que tem bico cultriforme, e o cervo barasingh, que esmaga cabeças de serpentes sob os pés; o icnêumone egípcio e o íbis; o secretário, grande ave de rapina, de um metro e vinte de altura, intemorata e de bico recurvo, cujo aspecto e nome faziam-me alimentar idéias suspeitas sobre a Alice Pereira de meu pai; e o búteo, o gambá, o ratel dos montes; o queixada e o aterrador cangambá. Das profundezas de sua senilidade, Schaapsteker me dava lições de vida. — Seja sábio, menino. Imita a cobra; seja secreto; ataque protegido por um arbusto.

Certa vez ele me disse: — Pense em mim como outro pai. Não fui eu quem lhe devolveu a vida quando ela estava perdida? — Com essa afirmativa, ele provou que estava sob meu encantamento, tanto quanto eu sob o dele; aceitara o fato de que também ele fazia parte daquela série infinda de pais e mães a quem somente eu tinha o poder de dar à luz. E, embora depois de certo tempo eu passasse a achar a atmosfera em seus aposentos demasiado opressiva, e o deixasse mais uma vez entregue ao isolamento do qual nunca mais seria tirado, ele me ensinara como deveria proceder. Consumido pelo demônio bicéfalo da vingança, usei meus poderes telepáticos (pela primeira vez) como arma; e assim descobri os pormenores da relação entre Homi Catrack e Lila Sabarmati. Lila e Pia tinham sido sempre rivais em beleza; e era a mulher do herdeiro presuntivo ao título de Comandante-da-Esquadra que se tornara a nova amante do magnata do cinema. Enquanto o comandante Sabarmati estava no mar, realizando manobras, Lila e Homi executavam certas manobras pessoais; enquanto o leão dos mares aguardava a morte do então Comandante-da-Esquadra, também Homi e Lila marcavam um encontro com a Ceifeira. (Com minha ajuda.)

— Aja em segredo — disse Schaapsteker sahib; secretamente espionei meu inimigo Homi e a promíscua mãe de Caolho e Brillhantina (que

andavam muito cheios de si ultimamente, desde que os jornais anunciaram que a promoção do comandante Sabarmati era uma simples formalidade. *Apenas uma questão de tempo...*). “Mulher airada”, sussurrou silenciosamente o demônio que vivia em mim. “Perpetradora da pior das perfídias maternas! Havemos de transformar-te em terrível exemplo. Através de ti demonstraremos o destino que aguarda os lascivos. Oh, desatenta adúltera! Não viste o que a devassidão causou à ilustre baronesa Simki von der Heiden?... Que era, para dizer o mínimo, uma cadela, igual a ti.”

Minha opinião a respeito de Lila Sabarmati abrandou-se com a idade; afinal, ela e eu tínhamos uma coisa em comum: seu nariz, tal qual o meu, possuía poderes tremendos. A magia dela, porém, era puramente mundana: um enrugamento de pele nasal era capaz de fascinar o mais duro dos almirantes; o menor fulgor das narinas acendia fogueiras estranhas nos corações de magnatas do cinema. Sinto um pouco de remorso por ter traído aquele nariz; foi, de certa forma, como apunhalar um primo pelas costas.

O que descobri: que todos os domingos, às dez da manhã, Lila Sabarmati levava Caolho e Brillantina de carro ao cinema Metro, para a reunião semanal do Clube dos Fãs da Metro. (Ela se oferecia para levar todos nós também; Sonny e Ciro, a Macaca e eu nos amontoávamos em seu Hindustan, indústria indiana.) E, enquanto viajávamos rumo a Lana Turner, Robert Taylor ou Sandra Dee, mr. Homi Catrack apresentava-se também para um encontro semanal. Enquanto o Hindustan de Lila Sabarmati roncava ao longo da linha do trem, Homi dava o nó num lenço de seda creme em torno do pescoço; enquanto ela parava em sinais vermelhos, ele vestia um blusão safári em Technicolor; quando ela nos conduzia à escuridão da platéia, ele colocava óculos escuros com aros dourados; e, quando ela nos deixava para assistirmos a nosso filme, também ele estava abandonando uma criança. Toxy Catrack sempre reagia às saídas

dele com choro alto, chutes e pirraças; sabia o que estava acontecendo, e nem Bi-Appah era capaz de aquietá-la.

No passado houve Radha e Krishna, Rama e Sita, Laila e Majnu; também (pois não deixamos de ser afetados pelo Ocidente) Romeu e Julieta, Spencer Tracy e Katharine Hepburn. O mundo está cheio de histórias de amor e todos os amantes são, em certo sentido, os avatares de seus predecessores. Quando Lila dirigia seu Hindustan na direção de um endereço próximo ao elevador de Colaba, era Julieta saindo a seu balcão; quando Homi, de lenço creme e óculos dourados, corria a encontrá-la (no mesmo Studebaker em que certa vez minha mãe fora levada às pressas à Casa de Saúde do dr. Narlikar), era Leandro atravessando a nado o Helesponto rumo ao archote aceso de Hero. Quanto a meu papel no caso... não lhe darei nome.

Confesso: o que fiz nada teve de heróico. Não combati Homi a cavalo, com olhos em fogo e espada flamejante; em vez disso, imitando a serpente, comecei a cortar pedacinhos de jornais. De COMITÊ DE LIBERTAÇÃO DE GOA LANÇA A CAMPANHA SATYAGRAHA, extraí as letras “CO”; PRESIDENTE DA ASSEMBLÉIA DO PAQUISTÃO ORIENTAL É DECLARADO MANÍACO deu-me minha segunda sílaba, “MAN”. Encontrei “DANTE” escondido em NEHRU DIZ A ESTUDANTES QUE PENSA EM RENUNCIAR À ASSEMBLÉIA; entrando agora em minha segunda palavra, aproveitei “SAB” de DISTÚRBIOS E PRISÕES EM KERALA: FOGEM SABOTADORES e consegui “ARMA” em MANOBRAS DAS FORÇAS ARMADAS CHINESAS NA FRONTEIRA VIOLAM ACORDOS DE BANDUNG. Para completar o nome, cortei duas letras, “TI”, de A POLÍTICA EXTERNA DE DULLES É INCOERENTE, DIZ PRIMEIRO-MINISTRO. Picando a história de modo a satisfazer meus nefandos propósitos, caí em cima de CIENTISTA POLÍTICO EXPLICA POR QUE INDIRA GANDHI É A NOVA PRESIDENTE DO CONGRESSO e mantive o “POR QUE”; contudo, não quis limitar-me exclusivamente à política e recorri, para o “SUA”, a um anúncio: se SUA GOMA DE MASCAR PERDE O SABOR? ISSO NÃO ACONTECE COM PK! Uma reportagem do caderno de esportes, MULHER DE CENTRO-AVANTE DO

MOHUN BAGAN FOI À CONCENTRAÇÃO, forneceu-me a primeira palavra de seu título, enquanto o “VAI AO” saiu de uma manchete trágica: VERDADEIRA MASSA VAI AO ENTERRO DE ABUL KALAM AZAD. Aquela era a época em que o xeque Abdullah, o Leão de Caxemira, fazia uma campanha a fim de determinar o futuro de seu Estado; sua coragem me proporcionou as letras “ELEVA”, por ter motivado o seguinte título: ABDULLAH ELEVA NÍVEL DE AGITAÇÃO E É NOVAMENTE PRESO. Também àquela altura, Acharya Vinobha Bhave, que passara dez anos persuadindo os latifundiários a doarem glebas aos pobres, em sua campanha pelo bhudan, anunciou que os donativos tinham passado da marca do milhão de acres e lançou mais duas campanhas, pedindo doações de aldeias inteiras (“gramdan”) e de vidas (“jivandan”). Quando J. P. Narayan anunciou que dedicaria sua vida à obra de Bhave, o título NARAYAN DECLARA: APOIO MOVIMENTO DO BHUDAN YAJNA forneceu-me as sílabas “DE” e “DO”, com o mesmo tamanho. Agora tive de achar minhas palavras aos pedacinhos de novo: MORTE NO DESFILADEIRO: CACHECOL CAUSA MORTE DE SHERPA fez com que eu conseguisse “COL”, difícil de achar; e foi no anúncio de um filme, ALI-BABA: TREMENDO SUCESSO NA 17ª SEMANA! que achei “ABA”, que vinha procurando havia muito tempo. Agora eu estava quase acabando; tirei a palavra “DOMINGO” inteira do cabeçalho do caderno “Resenha de Domingo”. A preposição “DE” saiu da manchete PAQUISTÃO À BEIRA DO CAOS: LUTA DE FACÇÕES AMEAÇA A SEGURANÇA PÚBLICA. Faltava-me somente uma palavra. Os acontecimentos no Paquistão Oriental proporcionaram-na. VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLÉIA DO PAQUISTÃO ORIENTAL MORRE EM LUTA: ENTERRO SERÁ AMANHÃ deu-me a palavra “AMANHÃ”, da qual habilmente eliminei a letra “A”. Por fim, eu precisava de um ponto de interrogação, que localizei ao fim da pergunta eterna daqueles tempos estranhos: DEPOIS DE NEHRU, QUEM?

No sigilo de um banheiro, coleí minha mensagem completa — minha primeira tentativa de reordenar a história — numa folha de papel; como serpente, meti o documento no bolso: veneno numa glândula. Sutilmente,

providenciei passar uma noite com Caolho e Brilhantina: brincamos de “Assassinato na Escuridão”... Durante uma brincadeira de homicídio, enfiei-me dentro do armário do comandante Sabarmati e inseri minha missiva letal no bolso interno de sua farda. Naquele instante (não adianta negar) senti o prazer da cobra que investe contra o alvo e sente as presas perfurarem o calcanhar da vítima... Meu bilhete dizia:

COMANDANTE SABARMATI

POR QUE SUA MULHER VAI AO ELEVADO

DE COLABA DOMINGO DE MANHÃ?

Não, não me orgulho mais do que fiz. Lembrem-se, porém, que meu demônio vingativo tinha duas cabeças. Ao desmascarar a perfídia de Lila Sabarmati, eu esperava também administrar um choque salutar à minha própria mãe. Seriam dois coelhos com uma só cajadada; duas mulheres seriam castigadas, impaladas nas pontas da língua bífida da serpente. Não será errado dizer que aquilo que veio a ser chamado de o caso Sabarmati teve seu verdadeiro começo num café fuleiro do norte da cidade, quando um passageiro clandestino assistiu a um balé de mãos que se rodeavam.

\* \* \*

Agi em segredo; ataquei encoberto por um arbusto. O que me impeliu? Mãos no Café Pioneiro; telefonemas dados por engano; bilhetes passados em sacadas, entregues debaixo de lençóis; a hipocrisia de minha mãe e a dor inconsolável de Pia: — Ai! Ai-hai! Aiai-hai! — ... Meu veneno foi lento; mas três semanas depois exerceu seu efeito.

Soube-se posteriormente que, depois de receber meu bilhete anônimo, o comandante Sabarmati contratara os serviços do famoso Dom Minto, o mais conhecido detetive particular de Bombaim. (Minto, velho e quase inválido, já baixara então seus preços.) Esperou até receber o relatório de Minto. E aí...

Na manhã daquele domingo, seis crianças sentaram-se numa mesma fila de poltronas do Metro, para ver *Francis, o burro falante, e a casa mal-assombrada*. Como vêem, eu tinha um álibi: estava muito longe da cena do crime. Tal como Sin, a lua crescente, atuei de longe sobre as marés do

mundo... Enquanto um burro falava na tela, o comandante Sabarmati foi ao arsenal de Marinha. Requisitou um excelente revólver de cano longo, e também munição. Segurava na mão esquerda uma tira de papel com um endereço, anotado na caligrafia clara de um detetive particular; na direita, levava o revólver, já fora do coldre. O comandante chegou de táxi à área de elevado do Colaba. Pagou ao motorista, percorreu de arma na mão uma ruela, passando por bancas de vendedores de camisas e lojas de brinquedos, e subiu a escada de um prédio de apartamentos recuado em relação à ruela, e no final de um pátio cimentado. Apertou a campainha do apartamento 18C, cujo tilintar foi escutado no 18B por um professor anglo-indiano que dava aulas particulares de latim. Quando Lila abriu a porta, o comandante Sabarmati disparou dois tiros em seu estômago, à queimadura. Ela caiu de costas; o comandante passou por ela e encontrou mr. Homi Catrack levantando-se da privada, sem ter tido tempo de limpar-se e puxando apressadamente as calças. O comandante Vinu Sabarmati deu-lhe quatro tiros: dois nos órgãos genitais, um no coração e um no olho direito. O revólver não tinha silenciador; mas, quando acabou de falar, caiu um imenso silêncio no apartamento. Mr. Catrack sentou-se na privada depois de ser alvejado e parecia estar sorrindo.

O comandante Sabarmati saiu do prédio de apartamentos com o revólver fumegante na mão (foi visto, através de uma frincha da porta, por um aterrorizado professor de latim); caminhou pelo elevado de Colaba até ver um guarda de trânsito em sua pequena plataforma. O comandante Sabarmati disse ao policial: — Acabei de matar minha mulher e o amante dela com essa arma; entrego-me à sua... — Entretanto, estivera agitando o revólver debaixo do nariz do agente da lei; o guarda ficou tão assustado que largou o bastão com que orientava o trânsito e fugiu. Sozinho na plataforma do policial e no meio da súbita confusão do trânsito, o comandante Sabarmati começou a orientar os carros, usando a arma fumegante como bastão. E assim ele foi encontrado pelo destacamento de onze policiais que chegaram dez minutos depois, saltaram corajosamente

sobre ele, agarraram-no pelas mãos e pelos pés e arrancaram-lhe o insólito bastão com o qual, durante dez minutos, orientara habilmente o trânsito.

A respeito do caso Sabarmati, comentou um jornal: “Trata-se de um drama no qual a Índia há de descobrir o que ela foi, o que é e o que poderá tornar-se”.... O comandante Sabarmati, porém, era apenas um fantoche; *eu* mexia os cordéis, e a nação representava minha peça... Ah, oxalá não a houvesse imaginado! Não pensei que ele fosse... Eu só queria... um escândalo, sim, um susto, uma lição a todas as esposas e mães infiéis, mas não aquilo, não, nunca.

Horrorizado com o resultado de meus atos, viajei nas turbulentas ondas mentais da cidade... e ouvi um médico dizer no Hospital Geral Parse: — begum Sabarmati sobreviverá, mas terá de escolher muito bem o que comer. — ... Mas Homi Catrack estava morto... E quem foi contratado como advogado de defesa? Quem declarou: “Vou defendê-lo de graça, gratuitamente, por nada?”. Quem, que no passado, fora vitorioso no Processo do Congelamento, era agora o paladino do comandante? Sonny Ibrahim disse: — Se alguém for capaz de livrá-lo dessa, será meu pai.

O comandante Sabarmati foi o homicida mais popular na história da jurisprudência indiana. Os maridos o elogiavam por ter punido uma esposa adúltera; as esposas fiéis sentiam-se justificadas em sua fidelidade. Dentro dos próprios filhos de Lila, achei os seguintes pensamentos: “Nós sabíamos que ela era assim. Sabíamos que um homem da Marinha não toleraria isso”. Um colunista da *Semana Ilustrada da Índia*, escrevendo um perfil a ser publicado ao lado da “Personalidade da Semana”, uma caricatura em policromia do comandante, afirmou: “No caso Sabarmati, os nobres sentimentos do Ramayana combinam-se com o melodrama barato dos filmes de Bombaim; mas, com relação ao protagonista, todos concordam sobre a sua integridade de caráter; e é inegável que se trata de uma figura simpática”.

Minha vingança contra mamãe e Homi Catrack precipitara uma crise nacional... porque os regulamentos da Marinha estipulavam que nenhum

oficial que tivesse passado por uma cadeia civil poderia aspirar à patente de Comandante-da-Esquadra. Por conseguinte, os almirantes, os políticos da cidade e, naturalmente, Ismail Ibrahim exigiram: — O comandante Sabarmati deve permanecer numa prisão da Marinha. Até ser provada sua culpa, ele é inocente. Não devemos permitir que sua carreira seja arruinada, se pudermos impedi-lo. — As autoridades concordaram. E o comandante Sabarmati, protegido numa cela da própria Marinha, descobriu o peso da fama: mergulhado num mar de telegramas de solidariedade, esperou o julgamento; flores enchiam sua cela, e, embora pedisse que lhe dessem uma ascética dieta de arroz e água, partidários seus lhe adularam com marmitas cheias de birianis e pista-ki-lauz e outros acepipes. Passando por cima da pauta do Tribunal Criminal, o julgamento começou mais do que depressa... A promotoria declarou: — A acusação é de homicídio doloso.

Com expressão firme e olhos fuzilantes, o comandante Sabarmati respondeu: — Sou inocente.

Mamãe disse: — Ah, meu Deus, coitado. Que tristeza, não é?

— Mas, amma, uma esposa infiel é uma coisa terrível... — respondi, e ela virou o rosto.

A promotoria continuou: — Temos diante de nós um caso aberto e encerrado. Temos o motivo, a oportunidade, a confissão, o cadáver e a premeditação: a arma requisitada, as crianças mandadas ao cinema, o relatório do detetive. O que resta a dizer? O Estado dá por encerrada a apresentação de provas.

E a opinião pública: — Um homem tão bom, por Alá!

Ismail Ibrahim afirmou: — Este é um caso de tentativa de suicídio.

A opinião pública: — ?????????

Ismail Ibrahim explicou: — Ao receber o relatório de Dom Minto, o comandante quis verificar por si mesmo sua veracidade; e, nesse caso, estava disposto a matar-se. Requisitou a arma; ela se destinava a si próprio. Foi até o endereço de Colaba movido tão-somente por desespero; não

como assassino, mas como um homem morto! Mas ali... ao ver ali a sua esposa, senhores membros do júri!... ao vê-la seminua com seu ignóbil amante!... esse bom homem, senhores jurados, esse grande homem sentiu o sangue subir-lhe à cabeça. Sangue, o sangue rubro, e então fez o que fez. Assim, não houve premeditação, não se caracteriza o homicídio doloso. Morte sim, mas não a sangue-frio. Senhores membros do júri, deveis considerar esse homem inocente.

E os zumbidos na cidade: — Não, assim também... Ismail Ibrahim dessa vez foi longe demais... Mas, mas... O júri se compõe principalmente de mulheres... — E não são ricas... Por isso são duplamente suscetíveis, ao encanto do comandante e à carteira do advogado... Quem sabe? Como prever?

O júri decidiu: — Inocente.

Mamãe exclamou: — Que maravilhoso!... Mas... terá sido feita *justiça*? — E o juiz, como se lhe respondesse: — Lançando mão dos poderes de que estou investido, anulo esse veredicto absurdo. Culpado.

Ah, quanto furor naqueles dias, quando os dignitários da Marinha, os bispos e os políticos exigiram: — Sabarmati deve continuar na prisão da Marinha, até que o caso seja submetido ao Tribunal de Recursos. A intolerância de um juiz não deve arruinar esse grande homem! — E as autoridades policiais capitularam: — Está bem. — O caso Sabarmati precipita-se para a pauta do Tribunal de Recursos com uma rapidez sem precedentes... e o comandante diz a seu advogado: — Sinto que o destino não se acha mais sob meu controle. É como se alguma coisa mandasse agora... chamemos a isso de Fado.

Eu digo: — Chame de Salim, ou de Catarrento, de Farejador, ou de Cara-Suja; chame de pedacinho-da-lua.

O veredicto do Tribunal de Recursos: — Culpado. — As manchetes da imprensa: “IRÁ SABARMATI PARA A PRISÃO CIVIL?”. A declaração de Ismail Ibrahim: — Iremos a extremos! Até o Supremo Tribunal! — A seguir, a bomba, um pronunciamento do próprio primeiro-ministro do Estado: —

Abrir precedente na lei é uma decisão da maior seriedade; mas, em vista dos relevantes serviços prestados pelo comandante Sabarmati a este país, autorizo que ele permaneça em confinamento naval até a decisão do Supremo Tribunal.

Mais manchetes nos jornais, contundentes: “GOVERNO DO ESTADO QUEBRA A LEI!” “ESCÂNDALO SABARMATI VIRA DESCALABRO PÚBLICO!”... Quando percebi que a imprensa se voltava contra o comandante, concluí que ele não teria salvação.

O veredicto do Supremo Tribunal: — Culpado!

Ismail Ibrahim disse: — Indulto! Pedimos indulto ao presidente da Índia!

E agora graves problemas serão analisados no Rashtrapati Bhavan. Por trás dos portões do palácio presidencial, um homem terá de decidir se algum cidadão pode ser colocado acima da lei; se o assassinio do amante de uma esposa pode ser relevado por causa de uma carreira naval; e, além disso, questões ainda maiores: subscreverá o governo da Índia o império da lei ou o antigo princípio do primado dos heróis? Fosse vivo o próprio Rama, nós o mandaríamos à prisão por ter esfaqueado o raptor de Sita? Questões de peso! Minha vingativa irrupção na história de minha época não foi decerto assunto trivial.

O presidente da Índia disse: — Não perdoarei esse homem.

Nussie Ibrahim (cujo marido acabava de perder sua maior causa) lamuriou-se: — Ai! Ai-hai! — E repetiu uma observação anterior: — Amina, irmã, um homem bom desses ir para a cadeia... Ouça o que digo, isso é o fim do mundo!

Uma confissão volteia em meus lábios: “Tudo foi obra minha, amma; eu queria dar-lhe uma lição. amma, não saia para ver outros homens com bordados de Lucknow na camisa; basta, mãe, de beijos em taças! Agora já uso calças compridas e posso falar-lhe como um homem”. Mas essas palavras nunca saíram de meus lábios; nem havia necessidade, pois escutei minha mãe atender a um telefonema dado por engano... e com voz

estranha e abafada dizer: — Não, não há ninguém aqui com esse nome. Por favor, acredite no que estou dizendo, e nunca mais ligue para mim de novo.

Sim, eu ensinara uma lição a mamãe; e depois do caso Sabarmati ela nunca mais tornou a ver seu Nadir-Qasim em carne e osso, enquanto viveu; entretanto, privada dele, sucumbiu ao destino de todas as mulheres de nossa família, ou seja, a maldição de envelhecer antes do tempo; começou a encolher, sua coxeadura tornou-se mais pronunciada, e em seus olhos se via o vazio da velhice.

Minha vingança teve como conseqüência vários fatos inesperados; é possível que o mais espetacular tenha sido o aparecimento, nos jardins da Propriedade Methwold, de flores curiosas, feitas de madeira e lata, e na qual haviam pintado letras em vermelho-vivo... as tabuletas fatais erigidas em todos os jardins, menos no nosso, comprovação de que meus poderes excediam até meu próprio entendimento, e de que, tendo sido uma vez exilado de minha colina de dois andares, eu agora fizera com que todos os demais fossem mandados embora.

Tabuletas na Vila Versalhes, na Vila Escoriai e na Sans Souci; tabuletas que balançavam, movidas pela brisa marinha, na hora do coquetel. Em cada uma delas podia-se discernir as mesmas seis letras, todas em vermelho-vivo, todas com trinta centímetros de altura: À VENDA. Era essa a mensagem das tabuletas.

À VENDA, a Vila Versalhes, cujo proprietário morrera sentado numa privada; da venda encarregou-se a feroz ama Bi-Appah, em nome da pobre retardada Toxy; uma vez completada a transação, ama e pupila desapareceram para sempre, e Bi-Appah segurava no colo uma mala abarrotada de cédulas... Não sei o que aconteceu a Toxy, mas, a julgar pela avareza da ama, estou certo de que não foi nada de bom... À VENDA, o apartamento dos Sabarmati na Vila Escorial; Lila Sabarmati, a quem foi negada a custódia dos filhos, sumiu de nossas vidas, enquanto Caolho e Brilhantina arrumavam as malas e se entregavam aos cuidados da Marinha

indiana, que se colocara *in loco parentis* até que o pai deles cumprisse seus trinta anos de cadeia... À VENDA, também, a Sans Souci dos Ibrahim, pois o Embassy Hotel de Ishaq Ibrahim fora incendiado por quadrilheiros no dia da derrota final do comandante Sabarmati, como se as classes criminosas da cidade estivessem castigando a família do advogado por seu fracasso; e a seguir Ismail Ibrahim teve negada sua licença para praticar a advocacia, *devido a certas provas de comportamento profissional ao arrepio da ética* (para citar o parecer da Ordem dos Advogados de Bombaim); numa situação de “embaraço” financeiro, também os Ibrahim desapareceram de nossa vida; e, finalmente, À VENDA, o apartamento de Ciro Dubash e sua mãe, porque durante o clamor público suscitado pelo caso Sabarmati, motivo por que o acidente passou quase despercebido, o físico nuclear morreu, engasgado com caroços de laranja, o que fez cair sobre Ciro o fanatismo religioso de sua mãe e pôs em movimento as rodas do período de revelações que serão tema do próximo episódio.

As tabuletas balançavam-se nos jardins, que já perdiam suas memórias de peixinhos dourados, horas de coquetel e gatos invasores. E quem as tirou dali? Quem foram os herdeiros dos herdeiros de William Methwold?... Saíram aos magotes daquela que fora no passado a residência do dr. Narlikar: mulheres de ventres bojudos e repulsivamente competentes, que se haviam tornado mais obesas e competentes do que nunca graças à riqueza decorrente dos tetrápodes (pois aqueles foram os anos das grandes obras de aterro). As mulheres Narlikar! Da Marinha, elas compraram o apartamento do comandante Sabarmati; e da sra. Dubash, o lar de Ciro; pagaram a Bi-Appah com cédulas velhas, e os credores dos Ibrahim foram apaziguados com dinheiro de Narlikar.

Entre todos os residentes, meu pai foi o único que se recusou a vender; ofereceram-lhe vastas somas, mas ele balançava a cabeça. Explicaram o sonho que alimentavam: o sonho de demolir os prédios e de erigir sobre a colina de dois andares uma mansão que se elevaria a uma altura de trinta andares no céu, um triunfante obelisco cor-de-rosa, um marco do futuro

daquelas mulheres; Ahmed Sinai, perdido em abstrações, nada quis saber daquilo. Disseram-lhe: — Quando o senhor estiver cercado por escombros, terá de vender por uma ninharia. — Ahmed (lembrando a perfídia das mulheres com relação aos tetrápodes) não se abalou.

Nussie Pata disse, ao ir embora: — Eu a avisei, Amina, minha irmã. É o fim! O fim do mundo! — Dessa vez ela estava ao mesmo tempo certa e errada; depois de agosto de 1958, o mundo continuou a girar; mas, com efeito, o mundo de minha infância tinha chegado ao fim.

Padma... Por acaso você teve, quando pequena, um mundo só seu? Um globo de lata, no qual estavam impressos os continentes, os oceanos e o gelo polar? Dois simples hemisférios de metal, juntados por uma presilha de plástico? Não, é claro que não. Mas eu tive. Era um mundo cheio de rótulos: *Oceano Atlântico, Amazônia, Trópico de Capricórnio*. E, no Pólo Norte, trazia um rótulo: FABRICADO NA INGLATERRA. No agosto das tabuletas sacudidas pela brisa e da rapacidade das mulheres Narlikar, esse mundo de lata perdera sua presilha; encontrei um rolo de fita adesiva, coleí o mundo na altura do equador e então, quando a vontade de brincar superou meu respeito, comecei a usá-lo como bola de futebol. Terminado o caso Sabarmati, quando o arrependimento de minha mãe e as tragédias particulares dos herdeiros de Methwold enchiam a atmosfera, pus-me a chutar minha esfera de lata pela Propriedade, satisfeito por saber que o mundo ainda era um só (embora ligado com fita adesiva) e também estava a meus pés... até que no dia do último lamento escatológico de Nussie Pata... no dia em que Sonny Ibrahim deixou de ser o Sonny-do-lado... minha irmã, a Macaca de Cobre, caiu em cima de mim, tomada de uma cólera inexplicável, gritando: — Meu Deus, pare de chutar isso, irmão. Será que não está se sentindo nem um pouco *triste* hoje? — E, dando um salto bem alto, caiu com os dois pés em cima do Pólo Norte e com os calcanhares enfurecidos, esmagou o mundo na poeira do caminho da garagem.

Ao que parece, a partida de Sonny Ibrahim, seu injuriado adorador, que ela deixara nu no meio da rua, terminara mesmo afetando a Macaca de Cobre, malgrado ela ter sempre rejeitado a possibilidade do amor.

# Revelações

*Om Hare Khusro Hare Khusrovand Om*

Sabei, incrédulos, que nas lúgubres Meia-Noites do ESPAÇO CELESTIAL em um tempo ante do tempo ficava a esfera do Abençoado KHUSROVAND!!! Até os CIENTISTAS MODERNOS afirmam hoje que durante *gerações* eles MENTIRAM a fim de esconder do Povo, que *tem o direito de saber*, a Incontestável existência VERDADEIRA desse SAGRADO CENTRO DA VERDADE!!! Intelectuais Importantes do Mundo Inteiro, e também da América, falam da CONSPIRAÇÃO ANTI-RELIGIOSA de vermelhos, JUDEUS etc., para esconder essas NOTÍCIAS VITAIS! Agora ergue-se o Véu. O abençoado SENHOR KHUSRO chega com Provas Irrefutáveis. Leiam e acreditem!

Sabei que no VERDADEIRAMENTE EXISTENTE Khusrovand viviam Santos cujo Avanço espiritual e de Pureza era tão grande que através de MEDITAÇÃO etc eles conquistaram poderes PARA O BEM DE TODOS, poderes além da Imaginação! Eles ENXERGAVAM através do aço e DOBRAVAM VIGAS COM OS DENTES!!!

\* \* \* AGORA! \* \* \*

Pela 1ª Vez, esses poderes podem ser usados para o Vosso Bem!

O SENHOR KHUSRO está

\* \* \* AQUI! \* \* \*

Tomem conhecimento da Queda de Khusrovand: como o DEMÔNIO VERMELHO *Bhimutha* (NEGROR seja seu nome) desencadeou uma terrível Chuva de Meteoritos (a qual foi muito observada pelos OBSERVATÓRIOS MUNDIAIS mas não explicada)... uma SARAIVADA DE PEDRAS tão horrível que o Suave Khusrovand foi ARRUINADO e seus Santos DESTRUÍDOS.

No entanto o nobre *Juraell* e a formosa *Khalila* foram de muita sabedoria. SACRIFICANDO-SE num êxtase de Kundalini, eles salvaram a ALMA do filho que ainda não tinha nascido, o SENHOR KHUSRO. Entrando na Verdadeira Unidade de um Supremo Transe Iogue (cujos poderes são atualmente ACEITOS NO MUNDO INTEIRO!) eles transformaram seus Nobres Espíritos num *Raio* Fulgurante de LUZ E ENERGIA DA FORÇA VITAL KUNDALINI de que o conhecido LASER atual é uma imitação grosseira e uma *Cópia*. Por esse RAIOS voou a Alma do vindouro Khusro, cruzando as PROFUNDEZAS INFINITAS da Eternidade Celestial e do Espaço até que PARA SORTE NOSSA ele chegou a nosso próprio Duniya (Mundo) e se instalou no Ventre de uma humilde senhora Parse de Boa Família.

Assim sendo a Criança nasceu e tinha Bondade e CÉREBRO sem igual (o que desmente a MENTIRA de que todos Nascemos Iguais! Porventura um Malfeitor é igual a um Santo? CLARO QUE NÃO!!). No entanto durante certo Tempo sua verdadeira natureza permaneceu OCULTA, até que quando representou um Santo Terrestre numa produção TEATRAL (sobre a qual CRÍTICOS IMPORTANTES declararam que A Pureza de Seu Desempenho Desafiava Qualquer Explicação), ele DESPERTOU e descobriu QUEM ele ERA. E agora ele assumiu seu Verdadeiro Nome,

SENHOR

KHUSRO

KHUSROVANI

\*BHAGWAN\*

e se Coloca à Disposição com Cinzas em sua Fronte Ascética para curar Doenças e Terminar Secas e COMBATER as Legiões de *Bhimutha* sempre que vierem. Tenham TEMOR! Porque a SARAIVADA DE PEDRAS de *Bhimutha* cairá também sobre NÓS! Não dêem atenção à MENTIRAS de demagogos, poetas, Vermelhos et cetera. DEPOSITAI SUA CONFIANÇA Apenas no Verdadeiro Senhor

KHUSRO KHUSRO KHUSRO

KHUSRO KHUSRO KHUSRO

e enviem DONATIVOS para a Caixa Postal 555, Correio Central, Bombaim 1.

BÊNÇÃOS! BELEZA!! VERDADE!!!

*Om Hare Khusro Hare Khusrovand Om*

O pai de Ciro, o Grande, era físico nuclear; sua mãe, uma fanática religiosa cuja fé azedara dentro dela em conseqüência de ter sido reprimida durante tantos anos pelo racionalismo dominador de seu Dubash; e, quando o pai de Ciro morreu sufocado ao comer uma laranja da qual a mãe dele se esquecera de tirar os caroços, a sra. Dubash dedicou-se à tarefa de erradicar o falecido marido da personalidade do filho — de recriar Ciro à sua própria imagem estranha. O Ciro prodígio escolar, o Ciro Santa Joana da peça de Shaw, Ciro, o Grande — todos esses Ciros, com os quais nos tínhamos acostumado, com os quais tínhamos crescido, desapareceram, e no lugar deles surgiu a figura enfatuada e de placidez quase bovina do sr. Khusro Khusrovand. Aos dez anos de idade Ciro sumiu do Ginásio Catedral e teve início a ascensão meteórica do mais rico guru da Índia. (As versões da Índia são tão numerosas quanto os indianos; e, comparada com a Índia de Ciro, minha própria versão parece quase terrena.)

Por que ele permitiu que isso acontecesse? Por que cartazes cobriram a cidade e anúncios encheram os jornais, sem um só protesto do gênio infantil?... Porque Ciro (conquanto tivesse o hábito de nos fazer preleções, e não sem malícia, sobre as Partes do Corpo de uma Mulher) era simplesmente o mais maleável dos meninos e nem em sonhos pensaria em desobedecer à mãe. Pela mãe, ele vestiu uma espécie de saia de brocado e um turbante; por dever filial, permitiu que milhões de seguidores lhe beijassem o dedo mínimo. Em nome do amor materno, tornou-se verdadeiramente o sr. Khusro, a mais bem-sucedida criança santa da história; num abrir e fechar de olhos, estava sendo aclamado por multidões de 500 mil pessoas, e a ele eram atribuídos milagres; guitarristas americanos vinham sentar-se a seus pés, e todos traziam consigo seus talões de cheques. O sr. Khusrovand empregou contabilistas, contratou especialistas em direito tributário e adquiriu um transatlântico de luxo

chamado *Nave Estelar Khusrovand*, e também uma aeronave — o *Avião Astral Senhor Khusro*. E em algum lugar daquele menino de sorriso beatífico e que distribuía bênçãos... num lugar para sempre escondido pela sombra assustadoramente eficiente de sua mãe (afinal de contas, ela vivera na mesma casa habitada pelas mulheres Narlikar; até que ponto as conhecia? Quanto da formidável competência daquelas mulheres vazara para ela?), ocultava-se o fantasma de um menino que fora meu amigo.

— Aquele senhor Khusro? — perguntava Padma, estupefata. — Está se referindo ao mesmo mahaguru que se afogou no mar no ano passado?

— Sim, Padma; ele não era capaz de caminhar sobre as águas; e a pouquíssimas pessoas que entraram em contato comigo foi concedida uma morte natural... E quero confessar que fiquei um pouco ressentido com a apoteose do Ciro. “Isso devia ter acontecido comigo”, cheguei a pensar. “Sou eu a criança mágica. Além de ter perdido a primazia em casa, agora até minha verdadeira natureza íntima foi usurpada.”

— Padma, nunca me tornei um “mahaguru”; nunca tive milhões a meus pés; e isso por culpa minha, porque um dia, faz muitos anos, escutei a preleção de Ciro sobre as Partes do Corpo de uma Mulher.

— O quê? — Padma sacode a cabeça, perplexa. — Que história é essa agora?

O físico nuclear, Dubash, possuía uma bela estatueta de mármore — um nu feminino —, e, com a ajuda desse objeto artístico, seu filho fazia magníficas preleções sobre a anatomia feminina a uma platéia de meninos risonhos. Não de graça; Ciro, o Grande, cobrava uma taxa. Em troca da descrição anatômica, exigia revistas em quadrinhos — e eu, com toda inocência, dei-lhe um exemplar daquela preciosíssima revistinha do Super-Homem, a que continha a história básica, sobre a explosão do planeta Krypton e a nave foguete em que Jor-el, seu pai, despachou-o pelo espaço, para que ele pousasse na Terra e fosse adotado pela bondosa e simpática família Kent... Ninguém mais enxergou? Em todos aqueles anos, por acaso ninguém compreendeu que o que a sra. Dubash fizera fora recriar e

reinventar o mais potente de todos os mitos modernos: a lenda do advento do super-homem? Vi os cartazes que trombeteavam a chegada do sr. Khusro Khusrovand Bhagwan; e me senti constrangido, mais uma vez, em aceitar a responsabilidade pelos acontecimentos de meu mundo turbulento e fabuloso.

\* \* \*

Como admiro os músculos das pernas de minha prestativa Padma! Ali está ela acocorada, perto de minha mesa, com o sári arrebanhado à maneira de uma pescadora. Os músculos das panturrilhas não mostram sinal de tensão; os da coxa, que fazem o sári ondular em pregas, exibem elogiável resistência. Bastante forte para ficar acocorada eternamente, desafiando a gravidade e a câimbra, minha Padma escuta sem pressa minha prolongada narrativa. Ah, poderosa fabricante de pickles! Que solidez reconfortante, que consolador ar de permanência em seus bíceps e tríceps... pois minha admiração estende-se também a seus braços, que poderiam derrotar os meus num triz, e dos quais, quando me engolfam de noite em inúteis amplexos, não há escapatória. Passada nossa crise, convivemos agora em perfeita harmonia: eu narro, ela ouve; ela cuida de mim, eu aceito seus cuidados, agradecido. De fato, estou plenamente satisfeito com a musculatura paciente de Padma Mangroli, que, inexplicavelmente, está mais interessada em mim do que em minhas histórias.

Eis por que me detive na musculatura de Padma: atualmente, é a esses músculos, mais que a qualquer outra coisa ou pessoa (por exemplo, meu filho, que nem aprendeu a ler ainda), que estou narrando minha história. Como estou me precipitando a uma velocidade vertiginosa, há a possibilidade de enganos, de exageros e de destoantes mudanças de tom; estou correndo contra as rachaduras, mas consciente dos erros que já cometi e também de que, à medida que se acelera minha decadência (estou com dificuldades para manter a mesma velocidade na escrita), eleva-se o risco de infidelidade... Nessas circunstâncias, estou aprendendo

a utilizar os músculos de Padma como guias. Quando ela se entedia, posso detectar-lhe nas fibras as ondulações do desinteresse; quando ela não fica convencida, um tique nervoso lhe percorre a face. A dança de sua musculatura ajuda a manter-me nos trilhos; porque na autobiografia, como em toda literatura, o que realmente aconteceu é menos importante do que aquilo que o autor faz para persuadir seu público a crer... Por haver aceito a história de *Ciro, o Grande*, Padma me dá coragem para ir em frente, entrar na pior fase de minha vida aos onze anos (há, houve coisas piores ainda)... lançar-me aos meses de agosto e setembro, quando as revelações correram mais depressa do que sangue.

Mal haviam sido retiradas as tabuletas balançantes, chegaram as equipes de demolição das mulheres Narlikar. A Vila Buckingham ficou envolvida na poeira alvoroçada dos moribundos palácios de William Methwold. Escondidos, pela poeira, da Warden Road, continuávamos, não obstante, vulneráveis a telefones; e foi o telefone que nos informou, na voz trêmula da tia Pia, o suicídio de meu amado tio Hanif. Privado da renda que recebia de Homi Catrack, meu tio levava sua voz de barítono e sua obsessão com copas e realidade ao terraço do edifício de apartamentos da Marine Drive; saltara para a brisa marinha do anoitecer, assustando de tal modo os mendigos (quando caiu) que eles desistiram de fingir que eram cegos e saíram correndo aos gritos... Na morte, como na vida, Hanif Aziz abraçou a causa da verdade e pôs em fuga a ilusão. Tinha quase trinta e quatro anos. O assassinio gera morte; ao matar Homi Catrack, eu matara também meu tio. Foi culpa minha; e tampouco o morticínio chegara ao fim.

A família reuniu-se na Vila Buckingham: de Agra, vieram Aadam Aziz e a Reverenda Mãe; de Délhi, meu tio Mustafá, o funcionário público que refinara a tal ponto a arte de concordar com seus superiores que tinham parado de escutá-lo, motivo pelo qual ele nunca era promovido, bem como sua mulher meio-iraniana Sônia e os filhos, que haviam sido reduzidos tão completamente à insignificância, à força de pancadas, que nem me

lembro de quantos eram; e do Paquistão vieram a amarga Alia e até o general Zulfikar e minha tia Esmeralda, que trouxeram vinte e sete peças de bagagem e dois criados e nunca paravam de olhar para seus relógios e perguntar a data. Veio também o filho deles, Zafar. E, para completar o círculo, mamãe trouxe Pia para ficar em nossa casa, “pelo menos durante o período de luto de quarenta dias, minha irmã”.

Durante quarenta dias, fomos assediados pela poeira. Era pó que se metia sob as toalhas molhadas que colocávamos em torno de todas as janelas, pó que seguia sorrateiramente cada visita que vinha apresentar pêsames, pó que atravessava as próprias paredes e flutuava no ar como uma informe coroa fúnebre, pó que amortecia os sons do carpimento formal e também as mortíferas alfinetadas dos parentes enlutados; os destroços da Propriedade Methwold caíam sobre minha avó e a levavam a acessos de fúria; irritavam as narinas apertadas do general Zulfikar, que tinha cara de polichinelo, e o obrigavam a espirrar sobre o queixo. Na névoa espectral da poeira, às vezes tínhamos a impressão de discernir as formas do passado, a miragem da pianola pulverizada de Lila Sabarmati ou as grades carcerárias da janela da cela de Toxy Catrack; a estatueta nua de Dubash dançava, em forma de poeira, por nossos aposentos, e os cartazes de touradas de Sonny Ibrahim vinham nos visitar, transformados em nuvens. As mulheres Narlikar tinham se mudado enquanto os tratores executavam seu trabalho; estávamos sós dentro da tempestade de poeira, que nos dava a todos a aparência de mobiliário abandonado, como se fôramos cadeiras e mesas deixadas ao léu durante décadas, sem lençóis que nos cobrissem; parecíamos os fantasmas de nós mesmos. Éramos uma dinastia nascida de um nariz, o monstro aquilino no rosto de Aadam Aziz, e a poeira, invadindo nossas narinas no momento de luto, quebrava nossa reserva, erodia as barreiras que permitem às famílias sobreviverem; na tormenta pulverulenta dos palácios agonizantes, foram ditas, vistas e feitas coisas das quais nenhum de nós jamais se recuperou.

Isso foi iniciado pela Reverenda Mãe, talvez porque os anos a haviam dilatado até ela se assemelhar à montanha Sankara Acharya de sua nativa Srinagar, de modo que era ela quem apresentava ao pó a maior área de ataque. De seu corpo montanhoso começou a descer um bramido de avalanche que, ao se transformar em palavras, tornou-se um contundente ataque à tia Pia, a viúva. Todos havíamos observado que minha mumani estava se comportando de modo inusitado. Havia um sentimento tácito de que uma atriz de seu porte deveria ter se apresentado ao desafio da viuvez em grande estilo; inconscientemente estivéramos ansiosos por vê-la desempenhar o papel do pranto, esperando assistir a uma trágica consumada orquestrar sua própria calamidade, prevendo uma raga de quarenta dias em que brilhantismo e meiguice, dor lancinante e suave acabrunhamento fossem mesclados nas proporções exatas da arte; Pia, porém, permanecia silenciosa, os olhos secos, decepcionantemente controlada. Amina Sinai e Esmeralda Zulfikar choravam e se descabelavam, tentando despertar os talentos de Pia. Finalmente, quando parecia que nada fosse mexer com Pia, a Reverenda Mãe interveio. A poeira penetrou em sua desapontada fúria e exacerbou-lhe o rancor. — Essa mulher, comoquechama — rugiu a Reverenda Mãe —, eu não avisei? Por Alá, meu filho poderia ser o que quisesse, mas não, ela, comoquechama, precisava arruinar a vida dele; foi preciso ele pular de um terraço, comoquechama, para se livrar dela.

As palavras tinham sido ditas; não podiam ser desditas. Pia ficou sentada como uma pedra; minhas entranhas tremiam como pudim de farinha de trigo. A Reverenda Mãe continuou, feroz; e fez um juramento pelos cabelos da cabeça do filho morto. — Até essa mulher mostrar pela memória de meu filho algum respeito, comoquechama, até ela derramar as verdadeiras lágrimas de uma esposa, nenhuma comida entrará em minha boca. É uma vergonha e um escândalo, comoquechama, ver como ela fica sentada, com maquilagem em vez de lágrimas nos olhos! — Reboou pela casa esse eco de suas velhas guerras com Aadam Aziz. E, até o

vigésimo dos quarenta dias, todos tememos que minha avó morresse de fome e os quarenta dias tivessem de começar de novo. Ela ficava deitada, coberta de poeira, na cama; nós esperávamos e tínhamos medo.

Quebrei o impasse entre avó e tia, de modo que posso legitimamente alegar ter salvo uma vida. No vigésimo dia, procurei Pia Aziz, que estava sentada no andar térreo como uma cega. Como pretexto para a visita, pedi desajeitadas desculpas por meus deslizes no apartamento da Marine Drive. E Pia falou, depois de um silêncio distante. — Sempre o melodrama — disse ela, sem expressão. — Nos membros da família e no trabalho dele. Ele morreu por causa do ódio que tinha ao melodrama; era por isso que eu não queria chorar. — Na época não entendi; hoje estou convicto de que Pia Aziz estava coberta de razão. Privado de meios de ganhar a vida por desprezar o estilo barato e piegas do cinema de Bombaim, meu tio saltou da beirada de um terraço; o melodrama inspirou (e talvez maculou) seu mergulho final em direção à terra. Era em honra de sua memória que Pia se recusava a chorar... mas o esforço de admitir isso rompeu os muros de seu autocontrole. A poeira a fez espirrar; o espirro levou-lhe lágrimas aos olhos; e então as lágrimas não cessaram mais, e todos testemunhamos afinal a esperada representação, pois, assim que começaram a rolar, elas jorraram como a Fonte Flora, e Pia foi incapaz de resistir a seu próprio talento; dava forma à catadupa como a artista que era, introduzindo temas dominantes e motivos subsidiários, golpeando os peitos extraordinários de modo genuinamente doloroso, ora os espremendo, ora os esmurrando... e arrancava as roupas e se descabelava. Foi uma exaltação de lágrimas, e convenceu a Reverenda Mãe a comer. Dal e caroços de pistache desceram pela goela de minha avó, enquanto água salgada fluía em cascatas de minha tia. E a seguir Nasim Aziz juntou-se a Pia, abraçando-a, transformando o solo em dueto, mesclando a música da reconciliação com as melodias insuportavelmente belas da dor. As palmas de nossas mãos comichavam com um inexprimível aplauso. E o melhor ainda estava para vir, pois Pia, atriz fantástica, deu a seu desempenho épico um final

estonteante. Deitando a cabeça no colo da sogra, disse, numa voz carregada de submissão e vazio: — Mãe! Permita que sua filha indigna ouça-a finalmente. Diga o que devo fazer, e eu farei. — E a Reverenda Mãe, lacrimosa: — Filha, seu pai Aziz e eu iremos em breve para Rawalpindi. Queremos passar a velhice junto de nossa filha mais nova, Esmeralda. Você irá também, e compraremos uma bomba de gasolina. — E foi assim que o sonho da Reverenda Mãe começou a se concretizar, e Pia Aziz concordou em renunciar ao mundo dos filmes pelo do combustível. Meu tio Hanif, pensei, provavelmente teria aprovado.

A poeira afetou todos nós durante aqueles quarenta dias; tornou Ahmed Sinai intratável e desabrido, levando-o a recusar sentar-se na companhia dos parentes afins e a fazer com que Alice Pereira levasse mensagens aos enlutados, mensagens que ele também gritava de seu escritório: — Parem com essa barulheira! Como posso trabalhar no meio de tanta gritaria? — A poeira fazia o general Zulfikar e Esmeralda olharem constantemente para folhinhas e horários de aviões, enquanto o filho deles, Zafar, deu para gabar-se junto à Macaca de Cobre, dizendo que estava providenciando para que o pai acertasse um casamento entre eles dois. — Você devia agradecer sua sorte — disse o primo, cheio de si, a minha irmã. — Papai é um homem importante no Paquistão. — No entanto, embora Zafar tivesse herdado os traços do pai, a poeira obstruía o ânimo da Macaca, e ela não tinha disposição de brigar com ele. Enquanto isso, minha tia Alia espargia sua antiga, poeirenta decepção pelo ar, e meus parentes mais absurdos, a família de meu tio Mustafá, ficavam sentados, taciturnos, pelos cantos e eram esquecidos como de costume; o bigode de Mustafá Aziz, orgulhosamente encerado e revirado nos cantos quando de sua chegada, já há muito despencara sob a influência depressiva da poeira.

E então, no vigésimo segundo dia do período de luto, meu avô, Adam Aziz, viu Deus.

Ele completara sessenta e oito anos — era uma década mais velho que o século. No entanto, dezesseis anos sem otimismo haviam cobrado um

pesado tributo; seus olhos ainda eram azuis, porém suas costas se recurvavam. Arrastando os pés pela Vila Buckingham, com um gorro bordado e um comprido casaco chugha, também recoberto de delgada película da poeira, ele mascava distraidamente cenouras cruas, e fios de saliva desciam pelos encanecidos contornos de seu queixo. E, à medida que ele diminuía, a Reverenda Mãe se tornava maior e mais forte; ela, que no passado lamuriou penosamente à vista de mercurocromo, parecia agora extrair viço da debilidade dele, como se o casamento tivesse sido uma daquelas uniões místicas em que súcubos aparecem aos homens como inocentes donzelas e, depois de atraí-los ao leito, recobram seu verdadeiro aspecto tétrico e põem-se a engolir-lhes as almas... minha avó, naquele tempo, adquirira um bigode quase tão luxuriante quanto os pêlos que pendiam empoeirados sobre o lábio superior do único filho sobrevivente. Ficava sentada em sua cama, lambuzando o lábio com uma pasta misteriosa que endurecia em torno dos pêlos e era então arrancada com um puxão forte e violento; todavia, o remédio só servia para exacerbar o mal.

— Ele virou uma criança de novo, comoquechama — disse a Reverenda Mãe aos filhos de meu avô —, e Hanif acabou de vez com ele. — Avisou-nos que ele tinha começado a ver coisas. — Ele fala com gente que não existe — murmurou alto, enquanto vovô vagueava pelo quarto, chupando os dentes. — As coisas que ele grita, comoquechama! No meio da noite! — E minha avó o arremedava: — “Ho, Tai? É você?” — Contava-nos as histórias sobre o barqueiro, o Colibri e a Rani de Cuch Nahin. — O coitado já viveu demais, comoquechama. Nenhum pai deve ver o filho morrer primeiro. — ... E Amina, escutando, sacudia a cabeça, penalizada, sem saber que Aadam Aziz lhe deixaria esse legado: que também ela, em seus últimos dias, seria visitada por coisas que não tinham nada que aparecer de novo.

Não podíamos usar os ventiladores de teto por causa da poeira; o suor escorria pelo rosto de meu combalido avô e deixava riscos de lama em suas

faces. Às vezes ele agarrava quem quer que estivesse por perto e dizia com total lucidez: — Esses Nehrus só vão ficar felizes quando se transformarem em reis hereditários! — Ou, gotejando suor em cima do rosto de um contorcente general Zulfikar: — Ah, infeliz Paquistão! Como é mal servido de governantes! — No entanto, outras vezes ele parecia imaginar-se numa loja de pedras preciosas e resmungava: — ... Isso mesmo, havia esmeraldas e rubis... — A Macaca me sussurrou: — Vovô vai morrer?

O que vazou de Aadam Aziz em mim: uma certa vulnerabilidade às mulheres, mas também a causa disso, o buraco no meio do corpo, causado por sua incapacidade (que também tenho) de acreditar ou desacreditar em Deus. E também uma outra coisa — uma coisa que, aos onze anos de idade, percebi antes de qualquer outra pessoa. Meu avô começara a rachar.

— Na cabeça? — pergunta Padma. — Está se referindo aos miolos?

O barqueiro Tai disse: — *O gelo está sempre esperando, Aadam baba, logo abaixo da superfície da água.* — Eu vi as rachaduras em seus olhos — um delicado rendilhamento de linhas descoradas contra o azul; vi uma teia de fissuras espalhando-se sob sua pele coriácea; e respondi à pergunta da Macaca: — Acho que vai. — Antes de encerrado o período de luto de quarenta dias, a pele de meu avô tinha começado a quebrar-se e soltar-se; ele mal conseguia abrir a boca para comer, por causa dos cortes nas comissuras dos lábios; e seus dentes começaram a cair como moscas pulverizadas com inseticida. Todavia, uma morte por rachaduras pode ser lenta; e passou muito tempo até ficarmos sabendo das outras rachaduras, da doença que lhe estava carcomendo os ossos, de modo que por fim seu esqueleto desintegrou-se em pó dentro do saco castigado de sua pele.

De repente Padma ficou com ar de pânico. — O que está dizendo? Ei, mister... está dizendo que seu corpo também... Que coisa sem nome é capaz de comer os ossos de um homem? Será...

Não há tempo para pausas agora; não há tempo para solidariedade ou pânico; já fui além do que deveria ter ido. Retrocedendo um pouco no tempo, devo dizer que também de mim derramou-se uma coisa em Aadam

Aziz; porque, no vigésimo terceiro dia do período de luto, ele pediu que toda a família se reunisse na sala de vasos de vidro (agora não havia mais necessidade de escondê-los de meu tio), almofadas e ventiladores imobilizados, na mesma sala em que eu havia anunciado minhas próprias visões... A Reverenda Mãe dissera: — Ele virou uma criança de novo. — Como uma criança, meu avô anunciou que, três semanas depois de ter sabido da morte de um filho que ele supunha estar vivo e com saúde, contemplara com seus próprios olhos o Deus em cuja morte tentara durante toda a vida acreditar. E, como uma criança, não foi levado a sério. Exceto por uma pessoa... — Sim, escutem — disse meu avô, numa débil imitação de sua antiga voz tonitruante. — Sim. Rani? Está aqui? E Abdullah? Venha, sente-se, Nadir, tenho notícias... Onde está Ahmed? Alia vai querer vê-lo aqui... Deus, meus filhos. Deus contra quem lutei a vida inteira. Oskar? Ilse?... Não, é claro que sei que eles estão mortos. Vocês pensam que estou velho, talvez caduco. Mas eu vi Deus! — E a história começa a surgir, lentamente, apesar de digressões e palavras desconexas: à meia-noite, meu avô acordara no quarto escurecido. Havia ali outra pessoa... uma pessoa que não era sua mulher. A Reverenda Mãe roncava na cama. Mas... alguém. Alguém coberto de reluzente poeira, iluminado pela lua que caía no horizonte. E Adam Aziz: — Ho, Tai? É você? — E a Reverenda Mãe, resmungando, sonolenta: — Ah, vá dormir, marido, esqueça esse... — Mas o alguém, a coisa, grita com voz sobressaltante (e sobressaltada?): — Jesus Cristo Todo-Poderoso! — (Entre os vasos de vidro lavrado, meu avô dá uma risadinha, eh-eh, como se desculpando por repetir o nome infiel.) — Jesus Cristo Todo-Poderoso! —, e meu avô olha e vê. Sim, há buracos nas mãos, perfurações nos pés, como tinham existido, no passado, numa... Mas ele está esfregando os olhos, sacudindo a cabeça, dizendo: — Quem? Que nome? O que disse? — E a aparição, assustadora-assustada: — Deus! Deus! — E depois de uma pausa: — Não pensei que pudesse me ver.

— Mas eu O vi — diz meu avô sob ventiladores imobilizados. — Sim, não posso negar, é claro que vi... — E a aparição: — O senhor é a pessoa cujo filho morreu. — Responde meu avô, com uma aflição no peito: — Por quê? Por que isso aconteceu? — Diante do que, diz a criatura, que só a poeira torna visível:

— Deus tem seus motivos, velho. A vida é assim, certo?

A Reverenda Mãe nos mandou embora. — Esse velho não sabe o que está dizendo, como que chama. É triste ver cabelos brancos levarem um homem a blasfemar! — Mas Mary Pereira saiu da sala, branca como um lençol; Mary sabia quem Aadam Aziz tinha visto: quem, degenerado por arcar com a responsabilidade pelo crime que ela cometera, tinha buracos nas mãos e nos pés; cujo calcanhar fora perfurado por uma serpente; que morrera num campanário próximo e que fora confundido com Deus.

Eu poderia perfeitamente encerrar a história de meu avô aqui; já cheguei até este ponto, e talvez não se apresente outra oportunidade adiante... Em algum lugar das profundezas da senilidade de meu avô, que inevitavelmente me recordava a loucura do professor Schaapsteker no andar de cima, ganhou raízes a idéia de que Deus, em virtude de sua atitude indiferente em relação ao suicídio de Hanif, provara que ele tivera culpa pelo sucedido. Aadam agarrou o general Zulfikar pelas lapelas militares e murmurou-lhe: — Como nunca tive fé, ele roubou meu filho! — E Zulfikar: — Não, doutor sahib, o senhor não deve afligir-se assim... — Mas Aadam Aziz nunca esqueceu sua visão; embora os pormenores da divindade específica que tinha visto se embaralhassem em sua mente, deixando somente um apaixonado e balbuciante desejo de vingança (uma ânsia também comum a nós dois...) ao fim do luto de quarenta dias, ele se recusava a ir para o Paquistão, como planejara a Reverenda Mãe, porque esse país fora organizado especialmente para Deus, e nos últimos anos de sua vida ele com freqüência se metia em apuros, irrompendo em mesquitas e templos com sua bengala de ancião, verberando imprecações e agredindo todo crente ou homem santo à vista. Em Agra, era tolerado em

nome do homem que ele fora; os velhos da loja de bétele da Cornwallis Road praticavam o jogo da escarradeira e, apiedados, trocavam lembranças sobre o passado do doutor sahib. Por essa razão, senão por outras, a Reverenda Mãe foi obrigada a ceder — a iconoclastia da senilidade de meu avô teria provocado escândalo num país onde ele não era conhecido.

Encobertas pela caduquice e pelas fúrias, as rachaduras continuaram a se espalhar; a doença mastigava-lhe firmemente os ossos, enquanto o ódio consumia o resto. Contudo, ele não morreria antes de 1964. Foi assim: numa quarta-feira, 25 de dezembro de 1963 — no dia de Natal! —, a Reverenda Mãe acordou e descobriu que o marido sumira. Saindo ao pátio de sua casa, entre gansos grasnantes e as sombras pálidas da aurora, chamou um criado; e soube que o doutor sahib tinha ido à estação ferroviária de jinriquixá. Quando ela chegou à estação, o trem já partira; e foi assim que meu avô, atendendo a um impulso desconhecido, começou sua última viagem, para que pudesse terminar sua história onde ela (e a minha) havia começado, numa cidade cercada por montanhas e edificada à beira de um lago.

O vale jazia oculto num invólucro de gelo; as montanhas tinham se aproximado, *para rosnar como coléricas mandíbulas em torno da cidade junto ao lago...* Era inverno em Srinagar, inverno em Caxemira. Na sexta-feira, 27 de dezembro, um homem que correspondia à descrição de meu avô foi visto, de chugha e balbuciando coisas desconexas, nas vizinhanças da mesquita Hazratbal. Às quatro e quarenta e cinco da manhã de sábado, o Haji Muhammad Khalil Ghanai notou que fora roubada do santuário da mesquita a mais valiosa relíquia do vale: o sagrado fio de cabelo do profeta Maomé.

Foi ele? Não foi? Se foi, por que não entrou ele na mesquita, de bengala em punho, para atormentar os fiéis como estava habituado a fazer? Se não foi, por que não? Correram boatos de um complô do governo central para “desmoralizar os muçulmanos de Caxemira”, mediante o furto da relíquia sagrada; e houve também contraboatos a respeito de agentes provocadores

paquistaneses, que teriam se apoderado da relíquia com o intuito de fomentar agitação... Foram eles? Não foram? Seria esse bizarro incidente de natureza política? Ou terá sido a penúltima tentativa de vingança, contra Deus, por parte de um pai que perdera o filho? Durante dez dias, não se cozinhou coisa alguma em todos os lares muçulmanos; houve distúrbios e incêndios de veículos; no entanto, meu avô estava agora acima da política, e não consta que tenha participado de qualquer passeata. Era um homem imbuído de uma única missão; e o que se sabe é que, a 1º de janeiro de 1964 (uma quarta-feira, apenas uma semana após sua partida de Agra), ele virou o rosto na direção do morro que os muçulmanos chamam erroneamente de Takht-e-Sulaiman, a cadeira de Salomão, no alto do qual se erguia uma antena de rádio, mas também a negra bolha do templo do Sankara Acharya. Sem levar em conta a angústia da cidade, meu avô subiu o morro, enquanto a moléstia rachante dentro dele lhe roía pacientemente os ossos. Não foi reconhecido.

O doutor Aadam Aziz (*que voltara de Heidelberg*) morreu cinco dias antes que o governo anunciasse que tivera êxito sua grande operação para localizar o fio de cabelo da cabeça do Profeta. Quando os mais piedosos santos do Estado se reuniram a fim de autenticar o pêlo, meu avô não pôde dizer-lhes a verdade. (Se estavam enganados... mas não tenho condições de responder às perguntas que fiz.) Acusado do crime, foi preso — e mais tarde solto por motivos de saúde — um certo Abdul Rahim Bande; mas, tivesse vivido mais, é possível que meu avô pudesse ter dado uma explicação mais insólita para o episódio... Ao meio-dia de 1º de janeiro, Aadam Aziz chegou diante do templo de Sankara Acharya. Viram-no erguer sua bengala; no interior do templo, mulheres que realizavam o rito do puja, perante o lingam de Shiva, recuaram... tal como no passado as mulheres também haviam recuado em face da cólera de outro médico, obcecado por tetrápodes; e foi então que as rachaduras tomaram-no, e as pernas cederam sob ele enquanto seus ossos se desintegravam; e sua queda teve o efeito de fragmentar o restante de seu esqueleto além de qualquer

esperança de reparação. Foi identificado pelo que levava no bolso de seu chugha: uma fotografia do filho e uma carta inacabada (e felizmente endereçada corretamente) à mulher. O corpo, demasiado frágil para ser transportado, foi enterrado no vale em que veio ao mundo.

Estou observando Padma; seus músculos começaram a contrair-se involuntariamente. — Pense no seguinte — digo. — Será tão estranho o que sucedeu a meu avô? Compare isso com o simples fato do santo alvoroço levantado pelo furto de um fio de cabelo; porque cada um de seus detalhes é verdadeiro, e, em comparação, a morte de um velho é, decerto, inteiramente normal. — Padma relaxa; seus músculos autorizam-me a ir adiante. Tudo isso porque me detive demasiado em Aadam Aziz; talvez esteja com medo do que deverá ser narrado em seguida; mas a revelação não será omitida.

Um último fato: depois da morte de meu avô, o primeiro-ministro Jawaharlal Nehru adoeceu e nunca mais recobrou a saúde. Essa enfermidade fatal finalmente o matou a 27 de maio de 1964.

Se eu não tivesse desejado bancar o herói, mr. Zagallo nunca teria arrancado meus cabelos. Se minha cabeleira tivesse permanecido intacta, Keith Papeira e Perce Gordo não teriam implicado comigo; Masha Miovic não me teria incitado à luta e à perda do dedo. E de meu dedo correu sangue que não era nem alfa nem ômega, o que determinou meu exílio; e no exílio fui tomado por uma ânsia de vingança que levou ao assassinio de Homi Catrack; e, se Homi não tivesse morrido, talvez meu tio não houvesse saltado de um terraço para as brisas marinhas; e nesse caso meu avô não teria viajado a Caxemira e sido despedaçado pelo esforço de subir o morro do Sankara Acharya. E meu avô foi o fundador da família, e meu destino estava ligado por meu dia natalício ao da nação, e o pai da nação era Nehru. Posso fugir à conclusão de que também a morte de Nehru foi causada por mim, de que eu tive culpa?

Agora, entretanto, estamos de volta a 1958; pois no trigésimo sétimo dia do período de luto, a verdade, que se estivera insinuando furtivamente em

Mary Pereira — e, portanto, em mim — durante mais de onze anos, por fim tornou-se conhecida; a verdade, na forma de um homem idoso, idosíssimo, cujo fedor infernal penetrou até por minhas narinas obstruídas, e a cujo corpo faltavam dedos das mãos e dos pés e estava coberto de pústulas e buracos, subiu nossa colina de dois andares e apareceu no meio da nuvem de poeira, sendo visto por Mary Pereira, que estava limpando as persianas na varanda.

Ali, pois, estava a concretização do pesadelo de Mary; ali, visível através da mortalha de poeira, estava o fantasma de Joe D’Costa, caminhando na direção do escritório de Ahmed Sinai, no térreo! Como se não bastasse ele haver se apresentado a Aadam Aziz... — Arré, Joseph — gritou Mary, deixando cair o espanador —, vá embora já! Não me apareça aqui agora! Não venha incomodar os sahibs com seus problemas! Ah, Joseph, pelo amor de Deus, vá-se, e logo, senão você me mata hoje! — Contudo, o fantasma continuou a caminhar pelo caminho da garagem.

Largando as persianas, deixando-as tortas, Mary corre para dentro de casa a fim de jogar-se aos pés de minha mãe, com as pequeninas mãos roliças postas em atitude de súplica. — Begum sahiba! Begum sahiba, me perdoe! — E minha mãe, atônita: — O que foi, Mary? Que bicho a mordeu? — Mas Mary está incapaz de dialogar, chora descontroladamente, bradando: — Ah, meu Deus, chegou minha hora, madame, mas me deixe ir embora em paz, não me mande para a cadeia! — E também: — Onze anos, madame, diga se não amei todos aqui, ah, madame, e aquele menino, com um rostinho que nem a lua... Mas agora estou morta, eu não presto, vou queimar no inferno! Estou *acabada*.

Nem então adivinhei o que estava por vir; nem mesmo quando Mary atirou-se sobre mim (eu era agora mais alto que ela, e suas lágrimas molharam-me o pescoço): — Ah, baba, baba. Hoje você vai ter de saber uma coisa, uma coisa que eu fiz. Mas agora... — e a mulherzinha recompôs-se com imensa dignidade — ... vou contar a todos antes que

Joseph conte. Begum, crianças, todos os outros, grandes senhores e senhoras, venham ao escritório do sahib que eu vou contar.

Anúncios públicos sempre pontilharam minha vida; Amina num beco de Délhi, Mary num escritório sombrio... Com toda a minha família nos seguindo, estupefata, desci as escadas com Mary Pereira, que não soltava minha mão.

O que estava na sala com Ahmed Sinai? O que lhe expulsara do rosto os gênios e o dinheiro, substituindo-os por uma expressão de total desconsolo? O que estava sentado, encolhido, no canto da sala, enchendo-a de um fedor de enxofre? O que, com forma de homem, carecia de dedos e artelhos, e cujo rosto parecia borbulhar como as fontes termais da Nova Zelândia (que eu vira no *Livro das maravilhas*)?... Não há tempo para explicar, pois Mary Pereira começou a falar, um aranzel em que divulga um segredo que esteve oculto por mais de onze anos, arrancando-nos a todos do mundo de sonhos que ela inventou quando trocou etiquetas de nomes, forçando-nos ao horror da verdade. E durante todo o tempo ela se agarrava a mim: como uma mãe a proteger o filho, ela me escudava de meus pais (que estavam tomando conhecimento... como eu... de que não eram...).

... Passava um pouco da meia-noite, e nas ruas havia fogos de artifício e multidões, o monstro de muitas cabeças rugia, eu fiz isso por meu Joseph, sahib, mas por favor não me mande para a cadeia, olhe, o menino é um bom menino, sahib, eu sou uma mulher pobre, um erro, um minuto em tantos anos, a cadeia não, sahib, eu vou embora, dei onze anos mas vou agora, sahib, só isso, é um bom menino, sahib, não deve mandá-lo, sahib, depois de onze anos ele é seu filho... Ah, menino que tem um rosto de sol nascente, ah, Salim, meu pedacinho-da-lua, você tem de saber que seu pai era Winkie e que sua mãe também está morta... Mary Pereira saiu correndo da sala.

Com uma voz distante como uma ave, Ahmed Sinai disse: — Aquele ali, no canto, é meu velho criado Musa, que uma vez tentou roubar de

mim.

(Porventura alguma narrativa suporta tantas coisas e tão cedo? Lanço um olhar a Padma; ela parece estar atordoada, como um peixe.)

Era uma vez um criado que roubou de meu pai; que jurou ser inocente; que invocou sobre si a maldição da lepra no caso de ter mentido; e que tinha mentido. Saíra da casa em ignomínia; mas eu avisei que ele era uma bomba-relógio, e ele voltara para explodir. Com efeito, Musa contraíra lepra; e voltara, transpondo o silêncio dos anos, para pedir o perdão de meu pai e ser libertado da maldição que lançara sobre si mesmo.

... Alguém que não era Deus foi chamado de Deus; outra pessoa foi tomada por fantasma, sem ser fantasma; e uma terceira pessoa descobriu que, embora seu nome fosse Salim Sinai, não era filho de seus pais...

— Eu o perdôo — disse Ahmed Sinai ao leproso. Depois desse dia, ficou curado de uma de suas obsessões; nunca mais tentou descobrir a maldição (inteiramente imaginária) de sua própria família.

\* \* \*

— Eu não poderia contar de outra maneira — digo a Padma. — Doloroso demais. Eu tinha de dizer de uma vez só, desse jeito doido, tinha de ser assim.

— Ah, mister. — Padma está banhada em pranto. — Ah, mister, mister!

— Ora, que é isso? — digo. — É uma história antiga.

Entretanto, suas lágrimas não rolam por minha causa; por ora ela esqueceu aquilo-que-mastiga-os-ossos-sob-a-pele; está chorando por Mary Pereira, por quem, como eu disse, nutre imenso afeto.

— O que aconteceu a ela? — pergunta com olhos vermelhos. — Àquela Mary?

Sou tomado de uma raiva irracional. Grito: — Pergunte a ela!

Pergunte-lhe agora como foi que ela voltou para casa, na cidade de Panjim, em Goa, como foi que contou à mãe idosa a história de sua vergonha! Pergunte como foi que a mãe ficou fora de si por causa do escândalo (e muito apropriadamente: era uma época em que os velhos

perdiam o juízo)! Pergunte: terão a filha e a mãe anciã saído às ruas para buscar perdão? Não era aquela uma das raras ocasiões, a intervalos de dez anos, em que o corpo mumificado de são Francisco Xavier (uma relíquia tão sagrada quanto o fio de cabelo do Profeta) é tirado de sua cripta na Catedral do Bom Jesus e transportado pela cidade? Porventura Mary e a desvairada sra. Pereira viram-se comprimidas contra o catafalco? Estava a anciã transtornada de dor pelo crime da filha? Ocorreu que a sra. Pereira, gritando — Hai! Aí-hai! Aiai-hai! —, subiu sobre o esquife para beijar o pé do santo? Cercada por turbas incontáveis, caiu a sra. Pereira em santo frenesi? Pergunte! Terá ela ou não, nas garras de seu espírito arrebatado, posto os lábios em torno do dedo maior do pé esquerdo de são Francisco? Pergunte a si mesma: a mãe de Mary *arrancou o dedão com os dentes*?

— Como? — choraminga Padma, acovardada por minha ira. — Como, *pergunte?*

... E será também isso verdadeiro? Mentiam os jornais quando escreveram que a anciã fora milagrosamente punida? Quando citaram fontes eclesiásticas e testemunhas oculares, que descreveram a transformação da anciã em pedra maciça? Não? Pergunte-lhe se é verdade que a Igreja fez uma estátua de pedra de uma velha percorrer as cidades e aldeias de Goa, a fim de mostrar o que acontecia aos que desrespeitavam os santos? Pergunte: não foi essa estátua vista em várias aldeias simultaneamente? E isso comprova o quê: fraude ou outro milagre?

— Sabe que não posso perguntar a ninguém — lamenta-se Padma... Mas, sentindo minha fúria abrandar, não farei mais revelações esta noite.

Sucintamente, então: Mary Pereira nos deixou e foi morar com a mãe em Goa. Mas Alice Pereira ficou; Alice permaneceu no escritório de Ahmed Sinai; batia à máquina e trazia lanches e refrigerantes.

Quanto a mim... ao término do período de luto por meu tio Hanif, comecei meu segundo exílio.

# Movimentos executados por pimenteiros

Fui obrigado a chegar à conclusão de que Shiva, meu rival, meu irmão trocado, não podia mais ser admitido ao fórum de minha mente; e isso por motivos que, admito, eram ignóbeis. Receava que ele descobrisse aquilo que, com toda certeza, eu não lhe poderia ocultar — os segredos de nosso nascimento. Shiva, para quem o mundo era coisas, para quem a história só podia ser explicada como a contínua luta do eu contra o mundo, decerto insistiria em reivindicar seu direito hereditário. Acabrunhado com a simples idéia de que meu antagonista de joelhos fortes me substituísse no quarto azul de minha infância, enquanto eu, forçosamente, desceria a colina de dois andares e penetraria, casmurro, nos cortiços do norte; recusando-me a aceitar que a profecia de Ramram Seth destinara-se ao filho de Winkie, que fora a Shiva que primeiros-ministros haviam escrito, que era para Shiva que pescadores mostravam algo no mar...; atribuindo, em suma, valor muito maior à minha condição de filho, durante onze anos, do que apenas ao sangue, decidi que meu destrutivo e violento alter ego jamais voltaria a participar dos concílios cada vez mais irascíveis da Conferência dos Filhos da Meia-Noite; que eu guardaria meu segredo — que antes fora de Mary — com a própria vida.

Havia noites, nessa época, em que eu até evitava reunir a Conferência — não por causa do rumo insatisfatório que ela tomara, mas simplesmente por saber que seria preciso tempo, e também sangue-frio, para eu levantar uma barreira em torno de meu novo conhecimento que o fechasse aos Filhos; um dia, estava convicto, eu resolveria aquilo..., mas por enquanto tinha medo de Shiva. Por ser o mais destemido e poderoso dos Filhos, ele

chegaria onde outros não eram capazes de ir... De qualquer modo, eu evitava meus companheiros; e de repente foi tarde demais, porque, tendo exilado Shiva, vi-me lançado a um exílio que me impossibilitava entrar em contato com meus mais de quinhentos colegas: fui arremessado para o outro lado da fronteira criada pela Partilha, fui mandado para o Paquistão.

No fim de setembro de 1958 chegou ao fim o luto por meu tio Hanif; e, milagrosamente, a nuvem de pó que nos envolvera foi dissipada por uma misericordiosa pancada de chuva. Depois de tomarmos banho, vestirmos roupas recém-lavadas e ligarmos os ventiladores de teto, saímos dos banheiros invadidos, por breve tempo, pelo otimismo da limpeza bem ensaboada; e descobrimos um Ahmed Sinai empoeirado e não banhado, com uma garrafa de uísque na mão e os olhos injetados de sangue, cambaleando do escritório para o andar de cima, sob a influência maníaca dos gênios. Estivera lutando, em seu mundo particular de abstração, com as realidades impensáveis que as revelações de Mary haviam desencadeado; e devido a algum mecanismo zarolho do álcool, fora tomado por uma fúria indescritível que ele dirigiu não contra as costas da Mary que se fora, nem ao filho que não era da família, e sim contra minha mãe — contra Amina Sinai, eu deveria dizer. Talvez porque soubesse que lhe cumpria pedir perdão, e não o fazia, Ahmed invectivou-a horas a fio, diante dos ouvidos chocados da família dela. Não vou repetir os epítetos que lhe lançou, nem os rumos torpes que, segundo ele, Amina deveria dar à sua vida. Por fim, porém, foi a Reverenda Mãe quem interveio.

— Já uma vez, minha filha — disse ela, enquanto Ahmed continuava a tresvariar —, seu pai e eu lhe dissemos que não era vergonha, comoquechama, largar um marido que não serve. E agora eu repito: seu marido é um homem, comoquechama, de indescritível abjeção. Abandone-o hoje mesmo, e leve seus filhos, comoquechama, para longe dessas infâmias que ele vomita com sua boca, como um animal, comoquechama, da sarjeta. Leve seus filhos, eu digo, comoquechama... os *dois* filhos — disse, apertando-me contra si. Havendo a Reverenda Mãe me

legitimado, ninguém se opôs a ela; e hoje me parece, depois de tantos anos, que até meu pai delirante foi afetado pelo apoio que ela deu à criança ranhosa de onze anos.

A Reverenda Mãe cuidou de tudo; mamãe era como massa — como argila de oleiro! — em suas mãos onipotentes. Naquela época, minha avó (devo continuar a chamá-la assim) ainda acreditava que ela e Aadam Aziz em breve emigrariam para o Paquistão; e por isso instruiu minha tia Esmeralda para que nos levasse consigo — Amina, a Macaca, eu e até minha tia Pia — e que aguardasse sua chegada. — As irmãs devem cuidar das irmãs — disse a Reverenda Mãe — em tempos difíceis, como quechama. — Tia Esmeralda demonstrou imenso desagrado; mas tanto ela como o general Zulfikar aquiesceram. E como papai estava num estado delirante que nos fazia temer por nossa segurança, e os Zulfikar já haviam reservado lugar num navio que zarparia de noite, deixei naquele mesmo dia a casa em que morara a vida inteira; Ahmed Sinai ficou sozinho com Alice Pereira, porque quando mamãe abandonou seu segundo marido, todos os demais criados se foram também.

No Paquistão chegou ao fim meu segundo período de atabalhoado crescimento. E no Paquistão descobri que a existência de uma fronteira por algum motivo “bloqueava” minhas transmissões mentais aos mais de quinhentos Filhos; por conseguinte, mais uma vez exilado de minha casa, eu estava também apartado do dom que constituía meu mais verdadeiro direito hereditário: o dom dos filhos da meia-noite.

Permanecemos ancorados ao largo do golfo de Kutch numa tarde de calor bochornoso, que provocava um zumbido em meu ouvido esquerdo, o ruim; mas preferi ficar no convés, vendo barcos a remo, pequenos e vagamente sinistros, além de dhows de pescadores, realizando um serviço de transbordo entre nosso navio e o golfo, transportando objetos cobertos de lona de lá para cá, de cá para lá. Embaixo, os adultos jogavam cartas; eu não fazia idéia de onde estaria a Macaca. Era a primeira vez que eu pisava num navio de verdade (por serem apenas passeios de turismo, não valiam

as visitas ocasionais a navios de guerra americanos atracados no porto de Bombaim; e havia sempre o mal-estar de achar-me na companhia de dezenas de senhoras em adiantado estado de gravidez, que nunca deixavam de participar dessas excursões, na esperança de entrarem em trabalho de parto e darem à luz filhos que tivessem direito, em virtude de terem nascido no mar, à cidadania americana). Olhei para o golfo, através das tremeluzentes ondas de calor. *The Rann of Kutch...* Eu sempre considerara mágico esse nome, dividido entre o medo e o desejo de visitar o lugar, aquela região camaleônica que era terra durante metade do ano e mar na outra metade, e na qual, pelo que se dizia, a maré ao baixar largava toda sorte de destroços fabulosos, como arcas de tesouros, fantasmagóricas águas-vivas brancas e até a ocasional figura lendária e degenerada de um tritão. Fitando pela primeira vez aquele terreno anfíbio, aquele pântano de pesadelo, deveria ter me emocionado; no entanto, o calor e os acontecimentos recentes me prostravam; meu lábio superior ainda estava infantilmente molhado de muco nasal, mas oprimia-me uma sensação de ter passado diretamente de uma procrastinada e gotejante meninice para uma prematura (mas ainda vazante) maturidade. Minha voz se tornara grave; eu fora obrigado a começar a barbear-me, e meu rosto estava marcado de sangue nos lugares onde a lâmina decepara as cabeças de espinhas... O comissário de bordo passou por mim e disse: — É melhor descer, meu filho. Essa é a hora mais quente. — Perguntei-lhe sobre os barcos que faziam transbordo. — São suprimentos — respondeu. Afastou-se e deixou-me entregue à contemplação de um futuro do qual pouco eu podia prever, salvo a relutante hospitalidade do general Zulfikar, a vaidade presunçosa de minha tia Esmeralda, a quem sem dúvida agradaria exhibir seu sucesso mundano à infeliz irmã e à enlutada cunhada, ou a petulância imbecil de Zafar... — Paquistão — disse eu em voz alta. — Que grande porcaria! — E nem sequer tínhamos chegado... olhei para os barcos; pareciam navegar em meio a uma névoa entontecedora. O convés também parecia jogar com violência, embora não houvesse praticamente vento

algun; tentei firmar-me na balaustrada, mas as tábuas foram mais rápidas que eu e me atingiram no nariz.

Foi assim que cheguei ao Paquistão, com um começo de insolação sobreposto às mãos vazias e ao conhecimento dos pormenores de meu nascimento; e qual era o nome do navio? Como se chamavam os dois navios irmãos que ainda iam e vinham entre Bombaim e Karachi naqueles dias, antes que a política lhes encerrasse as viagens? Nosso barco era o *Sabarmati*; seu irmão, que passou por nós pouco antes de chegarmos ao porto de Karachi, era o *Sarasvati*. Partimos para o exílio a bordo do navio xará do comandante, o que mais uma vez provava que não há como escapar às reparações.

Chegamos a Rawalpindi num trem quente e poeirento. (O general e Esmeralda viajavam em vagões com ar-condicionado; compraram, para nós, bilhetes comuns de primeira classe.) No entanto, fazia frio quando chegamos a Pindi e eu pisei, pela primeira vez, numa cidade do norte... Lembro-me dela como uma cidade plana e anônima; quartéis do exército, frutarias, indústrias de artigos esportivos; militares altos nas ruas; jipes; entalhadores de móveis; pólo. Uma cidade em que às vezes fazia frio, muito frio. E num novo e caro bairro residencial havia uma casa imensa, cercada por um muro alto, encimado por arame farpado e vigiado por sentinelas: a residência do general Zulfikar. Havia um banheiro ao lado da cama de casal em que dormia o general; ouvia-se na casa, a todo instante, uma frase feita: “Vamos nos organizar!”; os criados usavam malhas e boinas militares, verdes; e de noite subia dos quartos deles o cheiro de bhang e de charas. A mobília era cara e surpreendentemente bonita; não se poderia criticar Esmeralda por seu gosto. Apesar de todo o clima militarista, era uma casa opaca e sem vida; até os peixinhos dourados do aquário embutido na parede da sala de jantar pareciam borbulhar apaticamente; talvez seu habitante mais interessante nem fosse humano. Permitam-me, por um instante, descrever Bonzo, o cachorro do general. Desculpem-me: a velha cadela *beagle* do general.

Essa bociada criatura, de papirácea antiguidade, fora durante toda a vida derradeiramente indolente e inútil. Mas, enquanto eu ainda convalescia da insolação, ela criou a primeira agitação de nossa estada ali — uma espécie de antecipação da “revolução dos pimenteiros”. O general Zulfikar a levava, certo dia, a um campo de treinamento militar, onde ele deveria assistir ao trabalho de uma turma de sapadores numa área que fora minada especialmente para isso. (O general ansiava por minar toda a fronteira indo-paquistanesa. — Vamos nos organizar! — exclamava. — Vamos dar àqueles hindus um motivo de preocupação! Haveremos de explodir os seus invasores em tantos pedacinhos que não sobrar nada em que as almas reencarnem. — Contudo, não se preocupava muito com as fronteiras do Paquistão Oriental, pois era de opinião de que “aqueles pretinhos desgraçados que cuidem de si”.) E de repente Bonzo escapou da coleira, e conseguindo evitar as mãos frenéticas de jovens jawans, saiu bamboleando na direção do campo minado.

Pânico. Soldados procurando avançar, em frenética câmara lenta, através da área de perigo. O general Zulfikar e outros altos oficiais do exército correram para se abrigar atrás do palanque de observação, à espera da explosão... Mas não houve explosão alguma; e, quando a elite do exército paquistanês, escondida dentro de tambores de lixo ou atrás de arquibancadas, ergueu os olhos, viu Bonzo avançando galhardamente pelo campo das sementes letais, de focinho colado ao chão. Bonzo, indiferente, inteiramente à vontade. O general Zulfikar jogou ao ar sua boina pontuda. — Maravilha! — gritou, com a voz estridente espremida entre o nariz e o queixo. — A danada consegue farejar as minas! — Bonzo foi alistada nas forças armadas como uma sapadora quadrúpede, no posto honorário de primeiro-sargento.

Se falo da proeza de Bonzo é porque ela deu ao general um argumento com que falar mal de nós. Os Sinai — e também Pia Aziz — eram inúteis, membros improdutivos da casa dos Zulfikar, e o general não nos deixava esquecer disso. — Até a porcaria de uma cadela *beagle* de cem anos é

capaz de ganhar a vida — ouviram-no murmurar —, mas minha casa está cheia de gente que não consegue se organizar para nada. — Contudo, antes do fim de outubro ele ficaria grato por minha presença (ao menos)... E a transformação da Macaca não estava distante.

Íamos à escola com o primo Zafar, que já parecia menos ansioso para casar-se com minha irmã, agora que éramos filhos de um lar desagregado; mas, para ele, o pior estava por acontecer. Num fim de semana, fomos para a casa serrana do general em Nathia Gali, depois de Murri. Eu estava num estado de grande excitação (pouco antes eu fora dado como curado da doença). Montanhas! A possibilidade de panteras! Ar frio, cortante! Por tudo isso, não liguei quando o general me perguntou se eu me importava em dormir na mesma cama com Zafar, e não adivinhei nem mesmo quando estenderam um forro de borracha sobre o colchão... Acordei de madrugada numa enorme poça de líquido morno e pus-me a gritar como um possesso. O general apareceu ao lado da cama e pôs-se a descompor o filho. — Você já é um homem! Que inferno! Desse tamanho e ainda não aprendeu! Organize-se! Imprestável! Quem é que se comporta dessa maneira? Só os covardes! Só quero saber se vou ter um filho covarde... — Contudo, a enurese de meu primo Zafar continuou a ser a vergonha da família; apesar das broncas, o líquido lhe corria pelas pernas; e um dia aquilo aconteceu com ele acordado. Mas isso foi depois de certos movimentos terem sido executados, com minha ajuda, por pimenteiros, o que me provou que, embora as ondas telepáticas estivessem bloqueadas naquele país, os modos de conexão pareciam ainda funcionar; ativamente, tanto quanto metaforicamente, e eu contribuí para mudar o destino da Terra dos Puros.

A Macaca de Cobre e eu fomos observadores impotentes, naqueles dias, de minha mãe que fenecia. Ela, sempre diligente no calor, começara a murchar no frio setentrional. Privada de dois maridos, estava também privada (a seus próprios olhos) de significado; e havia também um relacionamento a ser reconstruído, entre mãe e filho. Uma noite ela me

abraçou com força e disse: — O amor, meu menino, é uma coisa que toda mãe tem de aprender; ele não nasce com um bebê, mas é construído; e, durante onze anos, aprendi a amar você como meu filho. — Mas havia uma distância por trás de sua doçura, como se ela tentasse persuadir a si própria... Havia uma distância também nos sussurros noturnos da Macaca: — Ei, irmão, por que não vamos ao quarto de Zafar e jogamos água na cama dele? Não pensar que ele molhou a cama. — E essa percepção desse hiato me mostrava que, apesar de dizerem *filho* e *irmão*, suas imaginações estavam tendo dificuldade em assimilar a confissão de Mary; sem saber então que seriam incapazes de ter sucesso em suas reformulações de *irmão e filho*, eu continuava aterrorizado por Shiva; e por conseguinte fui impelido ainda mais fundo na essência ilusória de meu desejo de provar ser merecedor do nome deles. Apesar da legitimação que me fora dada pela Reverenda Mãe, nunca me senti de todo à vontade, até que numa varanda, daí a mais de três anos, meu pai disse: — Venha aqui, meu filho; venha e me deixe amá-lo. — Talvez tenha sido por isso que me comportei de determinado modo na noite de 7 de outubro de 1958.

... Um menino de onze anos, Padma, quase nada sabia sobre os assuntos internos do Paquistão; no entanto, naquele dia de outubro, eu podia perceber que estava sendo preparado um jantar especial. Aos onze anos, Salim nada sabia a respeito da Constituição de 1956 e de sua gradual erosão; mas seus olhos eram suficientemente aguçados para localizar os homens da segurança do Exército, da polícia militar, que chegaram naquela tarde, escondendo-se secretamente atrás de cada arbusto do jardim. As contendas entre facções e as múltiplas incompetências de mr. Ghulam Mohammed eram um mistério para ele; mas era evidente que a tia Esmeralda iria usar suas melhores jóias. A farsa de quatro primeiros-ministros em dois anos nunca o fizera rir; mas ele podia sentir, no clima de drama que pairava sobre a casa do general, que alguma coisa como uma cortina final se aproximava. Ainda que ignorasse o surgimento do Partido Republicano, ele estava curioso com relação à lista de convidados do jantar

dos Zulfikar; embora estivesse num país onde os nomes nada significavam (quem era Chaudhuri Muhammad Ali? Ou Suhrawardy? Ou Chundrigar, noo Noon?), a anonimidade dos convidados, cuidadosamente preservada pelo tio e pela tia, era intrigante. Ainda que já tivesse recortado, de jornais, manchetes sobre o Paquistão — VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLÉIA DO PAQUISTÃO MORRE EM LUTA —, não fazia nenhuma idéia da razão por que, às seis da tarde, uma longa fila de limusines negras passou pelas guaritas da Propriedade Zulfikar; por que tremulavam bandeiras sobre os capôs; por que seus ocupantes não sorriam; ou por que Esmeralda, Pia e minha mãe se postaram atrás do general Zulfikar com expressões que mais conviriam a um funeral do que a uma reunião social. Quem ou o que estava morrendo? Quem estava nas limusines? Por que chegavam?... Eu não tinha idéia; mas estava na ponta dos pés atrás de mamãe, olhando para as janelas de vidros escuros dos carros enigmáticos.

As portas dos carros se abriram; ordenanças saltaram dos veículos e abriram portas traseiras, com rígidas continências; um músculo começou a contrair-se na face de minha tia Esmeralda. E, a seguir, quem eram as pessoas que desciam dos veículos embandeirados? Que nomes deveriam ser afixados à fantástica coleção de bigodes, bastões de comando, olhos de verruma, condecorações e dragonas que saiu dos carros? Salim não conhecia nem os nomes nem os números de série; no entanto, as patentes podiam ser identificadas. Distintivos e dragonas, usados com orgulho em peitos e ombros, anunciaram a chegada de manda-chuvas. E do último carro saiu um homem de grande estatura, com uma cabeça espantosamente redonda, esférica como um globo de lata, embora lhe faltassem linhas de longitude e latitude; apesar da cabeça planetária, não tinha rótulos como o orbe que a Macaca certa vez esmagara; conquanto não fosse FABRICADO NA INGLATERRA (embora certamente treinado em Sandhurst), passou pelos distintivos e dragonas em continência; chegou até onde estava minha tia Esmeralda; e acrescentou sua própria saudação às outras.

— Senhor comandante-em-chefe — disse minha tia —, seja bem-vindo à nossa casa.

— Esmeralda, Esmeralda. — As palavras saíram da boca engastada na cabeça em forma de mundo, a boca colocada imediatamente debaixo de um bem cuidado bigode. — Por que tanto formalismo, tanta solenidade? — Diante disso, ela o abraçou. — Nesse caso, muito bem, Ayub. Está com uma aparência ótima.

Ele era um general, então, embora o marechalato-de-campo não estivesse distante... Seguimo-lo para o interior da casa; vimo-lo beber (água) e rir (alto); durante o jantar nós o observamos de novo, vimos que ele comia como um camponês, manchando o bigode de molho... — Escute, Esmeralda — disse. — Sempre esses preparativos todos quando venho! Mas sou um simples soldado; para mim, dal e arroz seriam um banquete!

— Um soldado, sim — respondeu minha tia —, mas simples nunca. Jamais!

As calças compridas davam-me o direito de sentar-me à mesa, ao lado do primo Zafar, cercado de distintivos e dragonas; a pouca idade, porém, nos impunha a obrigação de silêncio. (O general Zulfikar nos dissera, com um sibilo militar: — Um piado que seja e vocês vão direto para o xilindró. Se querem ficar, bico calado. Certo? — De bico calado, Zafar e eu estávamos livres para olhar e ouvir. Mas Zafar, ao contrário de mim, não estava tentando provar que merecia seu nome...)

O que moços de onze anos escutaram no jantar? O que entenderam das jocosas referências militares a “esse Suhrawardy, que sempre foi contrário à idéia do Paquistão”... ou a Noon, alvo de piadas? E durante discussões sobre fraudes em eleições e dinheiro ilícito, que impressão de perigo lhes penetrou a pele, fazendo com que os pêlos finos dos braços se pusessem de pé? E, quando o comandante-em-chefe citou o Corão, até que ponto os meninos de onze anos compreenderam o significado do trecho?

— Está escrito — falou o homem de cabeça redonda, e os distintivos e dragonas se calaram — que *“Aad e Thamoud também destruimos. Satã fizera suas feias ações lhes parecerem belas, conquanto tivessem vista afiada”*.

Foi como se tivessem dado uma deixa. A um aceno de minha tia, os criados desapareceram. Ela própria levantou-se para sair; mamãe e Pia a acompanharam. Zafar e eu também nos levantamos de nossas cadeiras; mas *ele*, ele em pessoa, falou lá do final da mesa suntuosa: — Os homenzinhos devem ficar. Afinal, trata-se do futuro deles. — Os homenzinhos, assustados, mas também orgulhosos, sentaram-se e permaneceram de bico calado, seguindo ordens.

Apenas homens agora. Uma modificação no rosto do cabeça-redonda; uma coisa mais sombria, mais desesperada, a ocupa agora... — Há doze meses — diz ele — falei a todos vocês. Daremos aos políticos um ano... não foi isso o que eu disse? — Cabeças assentem; murmúrios de anuência. — Cavalheiros, nós lhes demos um ano. A situação tornou-se insuportável, e não estou disposto a tolerá-la mais! — Dragonas e distintivos assumem expressões severas, de estadistas. Maxilares se apertam, olhos contemplam fixamente o futuro. — Esta noite, portanto — (Sim! Eu estava lá! A poucos metros dele!... O general Ayub e eu, eu e o velho Ayub Khan!) —, estou assumindo o controle do Estado.

Como meninos de onze anos reagem ao anúncio de um golpe? Ouvindo as palavras “... as finanças nacionais e o assustador descabro... a corrupção e a impureza campeando...”, porventura seus maxilares também endurecem? Por acaso seus olhos se fixam num amanhã mais risonho? Meninos de onze anos escutam quando o general exclama: — A Constituição é neste momento ab-rogada! O legislativo central e os provinciais ficam dissolvidos! Os partidos políticos estão abolidos! — Como imaginam que se sentem?

Quando o general Ayub Khan disse: — Fica imposta a partir de agora a lei marcial —, tanto o primo Zafar como eu compreendemos que sua voz

— aquela voz carregada de poder e resolução e também com o timbre lubrificado pela excelente cozinha de minha tia — dizia uma coisa para a qual só conhecíamos uma palavra: traição. Orgulho-me de dizer que mantive a cabeça fria; Zafar, no entanto, perdeu o controle de um órgão mais embaraçoso. Um líquido manchou-lhe as calças; o líquido amarelo do medo escorreu por suas pernas e sujou tapetes persas; dragonas e distintivos sentiram o cheiro de alguma coisa e viraram-se para ele com olhares de infinito desgosto; e também — o pior de tudo — veio o riso.

O general Zulfikar estava justamente começando a dizer: — Com sua permissão, comandante, mostrarei os movimentos desta noite —, quando o filho molhou as calças. Tomado de uma fúria gélida, meu tio expulsou o filho da sala. — Rufião! Mulher! — brados assim acompanharam a saída de Zafar da sala de jantar, na voz estridente do pai. — Covarde! Homossexual! Hindu! — jorraram do rosto de polichinelo e seguiram o filho escada acima... Os olhos de Zulfikar caíram sobre mim. Havia neles uma súplica. *Salve a honra da família. Redima-me da incontinência de meu filho.* — Você aí, menino! — disse meu tio. — Quer vir aqui para me ajudar?

Claro que sim, respondi com a cabeça. Provando minha virilidade, minha adequação à condição de filho, auxiliei meu tio enquanto ele fazia a revolução. E, ao assim proceder, ao ganhar sua gratidão, ao abafar os risos das dragonas e dos distintivos, criei para mim um novo pai; o general Zulfikar tornou-se mais um no rol de homens dispostos a me chamar de “filhinho” ou simplesmente “meu filho”.

Eis como fizemos a revolução: o general Zulfikar descrevia os movimentos das tropas; eu mexia pimenteiros, simbolicamente, enquanto ele falava. Nas garras do modo de conexão ativo-metafórico, eu mudava de lugar saleiros e tigelas de chutney: Este vidro de mostarda é a Companhia A, ocupando o Correio Central; aqueles dois pimenteiros, cercando uma colher de servir, significam que a Companhia B tomou o aeroporto. Com a sorte da nação em minhas mãos, eu mudava de lugar condimentos e

talheres, capturando pratos vazios de birianis com copos de água, posicionava saleiros, de sentinela, em torno de jarras de água. E, quando o general Zulfikar parou de falar, a marcha do serviço de mesa também chegou ao fim. Ayub Khan pareceu acomodar-se melhor na cadeira; e terá sido a piscadela que ele me dirigiu apenas fruto de minha imaginação? Seja como for, o comandante-em-chefe disse: — Muito bem, Zulfikar. Bom trabalho.

Nos movimentos executados pelos pimenteiros *e congêneres*, um ornamento de mesa permaneceu sem ser capturado: uma molheira de prata, que em nossas manobras representava o chefe de Estado, o presidente Iskander Mirza; durante três semanas, Mirza manteve a presidência.

Um menino de onze anos não sabe avaliar se um presidente é realmente corrupto como afirmam distintivos e dragonas; não cabe a meninos de onze anos decidir se a associação de Mirza com o débil Partido Republicano não lhe permitia exercer as funções de primeiro mandatário no novo regime. Salim Sinai não fez julgamentos políticos; mas quando, a 1º de novembro, e inevitavelmente à meia-noite, meu tio me acordou e murmurou: — Vamos, meu filho, está na hora de você ver como é a coisa de verdade! —, saltei da cama bem depressa; vesti-me e saí para a noite, orgulhosamente consciente de que meu tio preferira minha companhia à do filho.

Meia-noite. Rawalpindi passa por nós a cento e dez quilômetros por hora. Motocicletas à nossa frente, a nosso lado, atrás de nós. — Aonde estamos indo, tio Zulfy? — *Espere e vai ver*. A negra limusine de vidros escuros pára diante de uma casa. Sentinelas vigiam a porta com fuzis embalados; afastam-se para nos dar passagem. Caminho ao lado de meu tio, no mesmo passo, por corredores mal iluminados; chegamos por fim a um quarto na penumbra, onde um raio de luar destaca uma cama de dossel. Um mosquiteiro cobre o leito como uma mortalha.

Um homem está acordando, sobressaltado, *que diabo está aconte...* Mas o general Zulfikar tem na mão um revólver de cano longo; a ponta do cano da arma é metida entre os dentes do homem. — Cale a boca — diz meu tio, desnecessariamente. — Venha conosco. — Um homem nu e obeso levanta-se da cama. Seus olhos perguntam: *Vai me matar?* O suor escorre da vasta barriga, refletindo o luar, pingando na sua língua; mas faz um frio cortante; ele não está suando por calor. Parece um branco Buda Sorridente; só que não sorri. Está tremendo. Meu tio tira a arma de sua boca. — Vire-se. Vamos logo!... E o cano do revólver é metido entre as bochechas de um traseiro gordo. O homem grita: — Tenha cuidado, pelo amor de Deus. Essa coisa está destravada! — Jawans riem quando a carne nua sai no luar, é enfiada na limusine preta... Naquela noite sentei-me ao lado de um homem pelado enquanto meu tio o levava de carro a um aeroporto militar; fiquei vendo o avião taxiar, ganhar velocidade e decolar. O que tinha começado, ativo-metaforicamente, com pimenteiros acabou ali; eu não só derrubara um governo, como levei um presidente para o exílio.

A meia-noite tem muitos filhos; nem toda a prole da Independência era constituída de seres humanos. Violência, corrupção, pobreza, generais, caos, cobiça e pimenteiros... Foi preciso eu me exilar para descobrir que os filhos da meia-noite eram muito mais variados do que eu — até eu — sonhara.

— É verdade? — pergunta Padma. — Você estava mesmo lá? — É verdade. — Dizem que Ayub era um bom homem antes de ficar ruim — diz Padma. Não é uma pergunta; mas Salim, aos onze anos, não fazia esse tipo de avaliação. O que interessava a Salim não era agitação política, e sim reabilitação pessoal. Vejam o paradoxo: a mais crucial de minhas incursões na história, até aquele momento, foi inspirada pelo mais mesquinho dos motivos. De qualquer maneira, aquele não era “meu” país — ou não era ainda. Não era meu país, embora eu viesse a passar nele quatro longos anos — como refugiado, não como cidadão. Tendo entrado

ali incluído no passaporte de minha mãe, eu seria alvo de muitas suspeitas e poderia até ser deportado ou preso como espião, não fossem meus tenros anos e o poder de meu guardião com cara de polichinelo. Quatro longos anos.

Quatro anos de nada.

A não ser transformar-me em adolescente. A não ser ver minha mãe desintegrar-se. A não ser observar a Macaca, que era um vital ano mais nova que eu, cair sob o encantamento insidioso daquele país obsedado por Deus; ver a Macaca, antes tão rebelde e selvagem, adotar expressões de recato e submissão que devem ter parecido, a princípio, falsas até para ela; ver a Macaca aprender a cozinhar e a arrumar uma casa, a comprar temperos no mercado; ver a Macaca realizar o rompimento final com o legado de seu avô, ao aprender orações em árabe e recitá-las nas horas prescritas; ver a Macaca revelar a veia de fanatismo puritano de que dera mostras ao pedir um hábito de freira; minha irmã, que desprezava todas as oferendas de amor mundano, foi seduzida pelo amor daquele Deus a quem fora dado o nome de um ídolo esculpido de um santuário pagão construído em torno de um gigantesco meteorito: Alá, na Caaba, o santuário da grande Pedra Negra.

Porém nada mais.

Quatro anos longe dos filhos da meia-noite; quatro anos sem a Warden Road, Breach Candy, Scandal Point e as seduções de Chocolates em Metro; longe do Ginásio Catedral e da estátua eqüestre de Sivaji e dos vendedores de melões no Portal da Índia; longe de Divali, de Ganesh Chaturthi e do Dia do Coco; quatro anos separado de um pai que ficava sentado sozinho numa casa que ele se recusava a vender, apenas na companhia do professor Schaapsteker, que não saía de seu apartamento e fugia à companhia dos homens.

É possível que realmente nada aconteça durante quatro anos? Obviamente, alguma coisa acontece. Meu primo Zafar, a quem o pai nunca perdoara por ter molhado as calças na presença da História, foi

informado de que entraria para o exército assim que tivesse idade suficiente. — Quero ver você provar que não é uma mulher — disse-lhe o pai.

E Bonzo morreu; o general derramou muitas lágrimas.

E a confissão de Mary foi se desvanecendo até que, como ninguém falava dela, veio a parecer um sonho mau; para todos, menos eu.

E (sem qualquer ajuda minha) as relações entre a Índia e o Paquistão pioraram; sem nenhuma contribuição de minha parte, a Índia ocupou Goa — “a espinha portuguesa na face da Mãe Índia”; fiquei de fora e não desempenhei papel algum na obtenção de auxílio norte-americano em grande escala para o Paquistão, nem fui culpado pelas escaramuças na fronteira entre a China e a Índia na região de Aksai Chin, em Ladakh; o censo indiano de 1961 revelou um índice de alfabetização de 23,7 por cento, mas eu não fui contado. O problema dos intocáveis continuou grave; nada fiz para aliviá-lo; e nas eleições de 1962 o Congresso Pan-Indiano conquistou 361 das 494 cadeiras do Lok Sabha, e mais de 61 por cento das cadeiras de todas as assembleias estaduais. Nem mesmo nisso se poderia dizer que minha mão invisível teve alguma influência; exceto, talvez, metaforicamente: o status quo foi preservado na Índia; tampouco em minha vida alguma coisa mudou.

Então, a 1<sup>o</sup> de setembro de 1964, comemoramos o décimo quarto aniversário da Macaca. A essa altura (e apesar da afeição que meu tio continuava a ter por mim), estava bem firmada nossa condição de inferiores sociais, os infelizes parentes pobres dos grandes Zulfikar; por isso, a festa foi bem simples. A Macaca, porém, deu todos os sinais de estar se divertindo a valer. — É meu dever, irmão — disse-me. Eu mal conseguia acreditar no que estava ouvindo... mas talvez minha irmã tivesse uma intuição de seu destino; possivelmente, conhecia as transformações que a aguardavam; por que deveria imaginar que somente eu possuísse os poderes da presciência secreta?

Talvez, portanto, ela adivinhasse que, quando os músicos contratados começaram a tocar (havia shehnai e vina; sarangi e sarod teriam sua vez; tabla e sitar executaram seus diálogos virtuosísticos), Esmeralda Zulfikar cairia sobre ela, com insensível elegância, para exigir: — Vamos, Jamila, não fique aí sentada como um melão, cante para a gente, como deve fazer toda moça educada!

E que, com essas palavras, minha tia de esmeraldina gelidez teria dado início, involuntariamente, à transformação de minha irmã, de macaca em cantora; pois embora ela protestasse, com o mal-humorado desajeitamento das meninas de catorze anos, foi carregada sem cerimônias para o estrado dos músicos por minha organizadora tia; e, embora sua expressão levasse a crer que tudo quanto desejava era que o chão se abrisse a seus pés, ela juntou as mãos; não vendo escapatória, a Macaca começou a cantar.

Não tenho sido competente, creio, na descrição de emoções — por acreditar que meu público seja capaz de *participar*; que possa imaginar, sozinho, o que tenho sido incapaz de reimaginar, de modo que a minha história se transforma também na de vocês... mas, quando minha irmã começou a cantar, não há dúvida de que fui invadido por uma emoção de tamanho vigor que não pude entendê-la até que, muito tempo depois, ela me fosse explicada pela mais velha prostituta do mundo. Isto porque, ao emitir a primeira nota, a Macaca de Cobre livrou-se de seu apelido; ela, que havia conversado com pássaros (do mesmo modo que, há muito tempo e num vale de montanha, seu bisavô costumava fazer), deve ter aprendido com as aves canoras as artes da canção. Com um ouvido bom e o outro surdo, escutei-lhe a voz impecável, que aos catorze anos era a voz de uma mulher feita, cheia da pureza de asas, da dor do exílio, do vôo de águias, da ausência de amor, da melodia dos bulbuls e da gloriosa onipresença de Deus; uma voz que foi mais tarde comparada à de Bilal, o muezim de Maomé, e que saía dos lábios de uma menina um tanto magricela.

O que eu não compreendia deve esperar ser narrado; quero apenas registrar aqui que minha irmã ganhou seu nome na festa de seu décimo

quarto aniversário, e a partir daí passou a ser conhecida como Jamila Cantora; e que percebi, ao escutar *Minha dupatta vermelha de musselina e Shahbaz Qalandar*, que o processo começado durante meu primeiro exílio aproximava-se da conclusão no segundo; que, daí em diante, seria Jamila a criança importante, e que para sempre eu teria de vir em segundo lugar.

Jamila cantou; humildemente, baixei a cabeça. Mas, antes que ela pudesse assumir plenamente seu reinado, era preciso acontecer uma outra coisa: eu tinha de ser destruído de uma vez por todas.

# A drenagem e o deserto

Aquilo que corrói ossos recusa-se a fazer pausas... é apenas questão de tempo. O que me permite ir avante é agarrar-me a Padma. Padma é o que importa — os músculos de Padma, os antebraços peludos de Padma, a minha pura lótus Padma... que, constrangida, ordena: — Chega. Comece. Comece agora.

É, tem de começar com o telegrama. A telepatia me fez diferente; as telecomunicações acabaram comigo.

Amina Sinai estava cortando os calos dos pés quando o telegrama chegou... há muito tempo. Não, assim não funciona, não há como fugir da data: minha mãe, com o tornozelo direito sobre o joelho esquerdo, estava removendo tecidos calosos da sola do pé, com uma pontiaguda lima de unha, em 9 de setembro de 1972. E a hora? A hora também é importante. Nesse caso, vamos lá: de tarde. Não, é importante ser mais... Quando o relógio batia três horas, que, mesmo no norte, é o momento mais quente do dia, um portador lhe trouxe um envelope numa salva de prata. Alguns segundos depois, na longínqua Nova Délhi, o ministro da Defesa Krishna Menon (agindo por sua própria iniciativa, devido à ausência de Nehru, que participava da Conferência de Primeiros-Ministros da Comunidade Britânica) tomou a momentosa decisão de usar a força, se necessário, contra o exército chinês na fronteira do Himalaia. — Os chineses têm de ser expulsos da serra de Thag La — disse mr. Menon, enquanto minha mãe abria um telegrama. — Não demonstraremos fraqueza. — Todavia, tal decisão foi uma bagatela quando comparada com as implicações do telegrama de mamãe; porque enquanto a operação de expulsão, conhecida

pelo código LEGHORN, estava fadada a fracassar e, por fim, transformar a Índia no mais macabro dos teatros, o Teatro de Guerra, o telegrama viria a atirar-me, secreta mas certamente, na direção da crise que terminaria expulsando-me de meu próprio mundo interior. Enquanto o xxxiii Corpo Indiano atuava segundo instruções passadas por Menon ao general Thapar, também eu fora colocado numa situação de grande perigo; como se forças invisíveis tivessem decidido que eu havia ultrapassado as fronteiras do que tinha permissão de fazer, saber ou ser; como se a História tivesse resolvido colocar-me vigorosamente em meu lugar. Não me coube dizer uma só palavra sobre o questão; mamãe leu o telegrama, rompeu em lágrimas e disse: — Crianças, vamos para casa! — Depois disso, como eu disse em outro contexto, foi apenas uma questão de tempo. Dizia o telegrama: FAVOR VIR DEPRESSA SINAI SAHIB SOFREU ESTUFAMENTO CARDÍACO ESTADO GRAVE SALAAMS ALICE PEREIRA.

— É claro, vá logo, minha querida — disse minha tia Esmeralda à irmã.  
— Mas o que, meu Deus, pode ser estufamento cardíaco?

É possível, até provável, que eu seja apenas o primeiro historiador a escrever a narrativa de minha vida e minha época, inegavelmente excepcionais. Contudo, será inevitável que quem seguir meus passos recorra a esta obra, este livro-fonte, este Hadith, Purana ou *Grundrisse*, como guia e inspiração. Digo a esses futuros exegetas: quando se puserem a examinar os acontecimentos sucedidos a partir do “telegrama do estufamento”, lembrem-se de que exatamente no olho do furacão desencadeado sobre mim — a espada, para trocar de metáfora, com que o golpe de misericórdia foi aplicado — encontrava-se uma força unificadora. Refiro-me às telecomunicações.

Foram telegramas, e depois deles, telefones, que acabaram comigo; generosamente, contudo, a ninguém acusarei de conspiração; muito embora fosse fácil acreditar que os controladores das informações houvessem decidido reconquistar seu monopólio das ondas aéreas da nação... Tenho de voltar (Padma está franzindo o sobrolho) à banal cadeia

de causa e efeito: chegamos ao aeroporto de Santa Cruz, num Dakota, a 16 de setembro; mas, para explicar o telegrama, preciso recuar ainda mais no tempo.

Se Alice Pereira pecara no passado, ao roubar Joseph D'Costa de sua irmã Mary, em anos posteriores muito fizera a fim de obter redenção; porque durante quatro anos fora a única companhia humana de Ahmed Sinai. Isolada na poeirenta colina que antes fora a Propriedade Methwold, ela tolerara imensas pressões à sua obsequiosa boa índole. Ahmed a fazia sentar-se em sua companhia até a meia-noite, enquanto bebia gênios e deblaterava contra as injustiças de sua vida; lembrou-se, depois de anos de esquecimento, do velho sonho de traduzir e reordenar o Corão, e culpava a família por emasculá-lo, de modo que não lhe restava energia para encetar tal tarefa; além disso, já que ela estava ali, a fúria de meu pai muitas vezes se dirigia contra ela, tomando a forma de longas arengas cheias de palavrões horrendos e as inúteis maldições que ele inventara nos tempos de sua mais profunda alienação. Alice procurava ser compreensiva: ele era um homem solitário; seu relacionamento com o telefone, antes infalível, fora destruído pelas inconstâncias econômicas da época; sua habilidade em assuntos financeiros começara a desaparecer... e ele, ademais, sucumbiu a estranhos medos. Quando se descobriu a estrada chinesa na região de Aksai Chin, convenceu-se de que as hordas amarelas chegariam à Propriedade Methwold em questão de dias; e foi Alice quem o acalmou com Coca-Cola gelada, dizendo: — Não precisa se preocupar. Esses chins são muito pequenos para vencer nossos jawans. É melhor beber sua Coca. Nada vai mudar.

Por fim ele a cansou; nos últimos tempos, ela só ficava com ele porque exigia e recebia grandes aumentos de ordenado e enviava grande parte do dinheiro para Goa, a fim de sustentar a irmã Mary; mas, a 1<sup>o</sup> de setembro, também ela sucumbiu às lisonjas do telefone.

A essa altura, ela passava tanto tempo ao aparelho quanto seu empregador, principalmente quando as mulheres Narlikar ligavam. Na

época, as aterrorizantes mulheres assediavam meu pai, telefonando-lhe duas vezes por dia, adulando-o e convencendo-o a vender a casa, lembrando-lhe de que sua posição era insustentável, voejando em torno de sua cabeça como abutres sobre um depósito incendiado... e a 1<sup>o</sup> de setembro, como um abutre do passado remoto, desferiram um golpe que foi para ele uma bofetada no rosto, pois tiraram-lhe Alice Pereira, à força de suborno. Incapaz de suportá-lo mais, ela gritou: — Atenda seu próprio telefone! Eu me vou.

Naquela noite, o coração de Ahmed Sinai começou a inchar. Transbordando de ódio, ressentimento, autocompaixão e dor, dilatou-se como um balão, pulsou forte demais, descontrolou-se e finalmente derrubou-o como a um boi. No Hospital Breach Candy, os médicos descobriram que o coração de meu pai na realidade mudara de forma — uma nova protuberância irrompera, meio informe, do ventrículo inferior esquerdo. Tinha, para usar a palavra de Alice, “estufado”.

Alice encontrou-o no dia seguinte, quando, por acaso, voltou para pegar uma sombrinha esquecida; como boa secretária que era, mobilizou o poder das telecomunicações, telefonando para pedir uma ambulância e telegrafando-nos. Devido à censura dos correios entre a Índia e o Paquistão, o “telegrama do estufamento” levou uma semana inteira para chegar a Amina Sinai.

— Boa Bom! — gritei feliz, alarmando os carregadores do aeroporto. — Boa Bom! — entusiasmei-me, apesar de tudo, até que Jamila, agora pessoa sóbria e ajuizada, dissesse: — Ah, Salim, *francamente, pare com isso!* — Alice Pereira foi receber-nos no aeroporto (fora avisada por um telegrama); e logo estávamos num verdadeiro táxi de Bombaim, preto e amarelo, e eu me deliciava com os sons de vendedores ambulantes, o lufa-lufa de camelos, bicicletas e gente, gente, gente, constatando o quanto a cidade de Mumbadevi fazia Rawalpindi parecer uma aldeia, redescobrimo sobretudo as cores, a esquecida fulgurância de gulmohr e buganvílias, o verde-claro das águas do “tanque” do Templo Mahalaxmi, o contrastante

preto e branco dos guarda-sóis dos guardas de trânsito, o auri-anil de seus uniformes, mas, acima de tudo, o azul, azul, azul do mar... Somente o cinza do rosto abatido de meu pai me fazia esquecer o fulgor do arco-íris da cidade, deixando-me circunspecto.

Alice Pereira deixou-nos no hospital e foi trabalhar para as mulheres Narlikar; e então aconteceu algo de extraordinário. Minha mãe Amina Sinai, a quem a visão de meu pai arrancara da letargia, da depressão, das névoas de culpa e da dor dos calos, pareceu recobrar miraculosamente a juventude; restaurados todos os seus antigos dons de diligência, ela se dedicou à reabilitação de Ahmed, impelida por uma vontade irrefreável. Levando-o para casa, instalou-o no quarto do primeiro andar em que cuidara dele durante o congelamento; ficava sentada a seu lado dia e noite, derramando-lhe no corpo a sua vitalidade. E seu amor foi recompensado, pois não só Ahmed Sinai teve uma recuperação tão completa que deixou aturdidos os médicos europeus do Hospital Breach Candy, como também ocorreu uma mudança muito mais prodigiosa; sucedeu que ao recobrar a saúde, sob os cuidados de Amina, ele voltou a ser não a pessoa que lançara maldições e lutara contra os gênios, e sim aquela que sempre poderia ter sido, cheio de contrição, boa vontade, riso, generosidade e o mais excelente milagre de todos, que foi o amor. Finalmente Ahmed Sinai se apaixonara por minha mãe.

E fui eu o cordeiro de sacrifício com que ungeram seu amor.

Tinham até recomeçado a dormir juntos; e embora minha irmã — com um vestígio de sua antiga personalidade de Macaca — dissesse: — Na mesma cama, Alá, puxa, que sujeira! —, fiquei feliz por eles; e depois, durante algum tempo, ainda mais feliz por mim mesmo, pois estava de volta à terra da Conferência dos Filhos da Meia-Noite. Enquanto as manchetes dos jornais marchavam para a guerra, retomei a ligação com meus milagrosos companheiros, sem saber quantos finais me aguardavam.

A 9 de outubro — EXÉRCITO INDIANO PREPARADO PARA OFENSIVA GERAL — senti-me capaz de reunir a Conferência (o tempo e meus próprios

esforços haviam levantado a necessária barreira em torno do segredo de Mary). E lá vieram eles de novo à minha cabeça; foi uma noite feliz, uma noite de sepultamento de velhas discórdias, de nossa própria ofensiva geral no sentido do reencontro. Manifestamos, vezes sem conta, nossa alegria por estarmos juntos outra vez, sem levar em consideração a verdade mais profunda — a verdade de que éramos como todas as famílias, de que a perspectiva das reuniões de família é mais agradável que sua realidade, e de que chega o momento em que os membros de todas as famílias têm de seguir seus caminhos separados. A 15 de Outubro — ATAQUE NÃO PROVOCADO CONTRA A ÍNDIA — começaram as perguntas que eu vinha temendo e tentando não provocar: *Por que Shiva não está aqui? E: Por que você bloqueou uma parte de sua mente?*

A 20 de outubro, as forças indianas foram derrotadas — dizimadas — pelos chineses na serra de Thag La. Uma nota oficial de Pequim anunciou: *Em atitude de legítima defesa, os guardas chineses de fronteira foram forçados a revidar.* Mas, quando, nessa mesma noite, os filhos da meia-noite lançaram contra mim um ataque concertado, não tive defesa. Investiram em grande número e de todas as direções, acusando-me de reticência, prevaricação, arrogância e egoísmo; deixando de ser uma câmara parlamentar, minha mente converteu-se no campo de batalha em que me aniquilaram. Não sendo mais “Salim, o irmão maior”, eu escutava, impotente, enquanto me despedaçavam, pois, apesar do barulho e da fúria com que investiam, eu não era capaz de desbloquear o que havia selado; não conseguia contar-lhes o segredo de Mary. Até a bruxa Parvati, que por tanto tempo fora minha mais afetuosa aliada, por fim perdeu a paciência. “Ah, Salim”, disse ela “só Deus sabe o que o Paquistão lhe fez; mas você mudou muito, e para pior.”

No passado distante, a morte de Mian Abdullah destruíra outra Conferência, que só se mantivera coesa graças à força de vontade de seu fundador; agora, ao perderem a fé em mim, os filhos da meia-noite também deixaram de acreditar no que eu fizera para eles. Entre 20 de

outubro e 20 de novembro, continuei a organizar — a tentar organizar — nossas sessões noturnas; mas fugiam de mim, não um a um, mas às dezenas e vintenas; a cada noite, um menor número deles se dispunha a entrar em sintonia; a cada semana, mais de cem deles batiam em retirada para a vida privada. Nas altas cordilheiras do Himalaia, gurkhas e rajputs fugiam, desordenados, diante do exército chinês; e, nas camadas superiores de minha mente, um outro exército era destruído por coisas — desavenças, preconceitos, fastio, egocentrismo — que eu supusera demasiado pequenas, excessivamente mesquinhas, para chegarem até eles.

(No entanto, o otimismo, como uma doença persistente, recusava-se a desaparecer; eu continuava a acreditar — continuo ainda — que aquilo-que-nos-era-comum teria por fim superado o-que-nos-separava. Não; não aceitarei a responsabilidade final pelo fim da Conferência dos Filhos, pois o que destruiu toda possibilidade de renovação foi o amor de Ahmed e Amina Sinai.)

... E Shiva? Shiva, a quem eu negara, a sangue-frio, seu direito hereditário? Nem uma única vez, naquele último mês, eu enviara meus pensamentos em busca dele; mas sua existência, em algum lugar do mundo, não cessava de importunar os desvãos de minha mente. Shiva, o Destruidor, Shiva de Grandes Joelhos... Ele se tornou, para mim, primeiro uma lancinante pontada de culpa; depois uma obsessão; e por fim, à medida que se desvanecia a lembrança de sua realidade, uma espécie de princípio; veio a representar, em minha mente, todo o espírito vingativo, a violência e o simultâneo-amor-e-ódio-pelas-Coisas no mundo; de modo que mesmo agora, quando ouço falar de cadáveres afogados que descem como balões no Hoogly e que explodem ao serem tocados por barcos, ou ainda de trens incendiados, políticos assassinados ou distúrbios em Orissa ou no Punjab, parece-me que a mão de Shiva paira pesadamente sobre todas essas coisas, condenando-nos a chafurdar interminavelmente entre homicídio, estupro, cobiça e guerra — que Shiva, em suma, transformou-nos no que somos. (Também ele nasceu ao bater da meia-noite; ele, como

eu, estava ligado à História. Os modos de conexão — se é que tenho razão ao crer que se aplicavam a mim — também lhe possibilitaram influenciar a passagem dos dias.)

Estou falando como se nunca mais o tivesse visto; o que não é verdade. Mas isso, naturalmente, deve entrar na fila, como tudo mais. Não tenho forças suficientes para contar essa história no momento.

Naquele tempo, a doença do otimismo mais uma vez adquiriu proporções epidêmicas: entrementes, fui afligido pela sinusite. Curiosamente provocado pela derrota em Thag La, o otimismo público com relação à guerra cresceu tanto (e tornou-se tão perigoso) quanto um balão excessivamente inflado; meus sofredores condutos nasais, porém, que tinham estado obstruídos a vida inteira, finalmente desistiram da luta contra a congestão. Enquanto os parlamentares despejavam discursos sobre a “agressão chinesa” e “o sangue de nossos martirizados jawans”, meus olhos começaram a inundar-se de lágrimas; enquanto a nação se enchia de si, convencendo-se de que o aniquilamento dos homenzinhos amarelos estava próximo, também meus sínus regurgitaram-se e distorceram um rosto que já era tão extraordinário que o próprio Ayub Khan o fitara com ostensivo aturdimento. Nas garras da moléstia do otimismo, estudantes queimavam efígies de Mao Tsé-tung e Chu En-lai; afogueados pela febre do otimismo, turbas atacavam chineses: sapateiros, antiquários e donos de restaurantes. Queimando de otimismo, o governo chegou a confinar cidadãos indianos de ascendência chinesa — agora chamados “estrangeiros inimigos” — em campos do Rajastão. As Indústrias Birla doaram à nação um campo de tiro em miniatura; mocinhas colegiais começaram a participar de desfiles militares. No entanto, eu, Salim, sentia-me prestes a morrer asfixiado. O ar, adensado de otimismo, recusava-se a entrar em meus pulmões.

Ahmed e Amina Sinai estavam entre as piores vítimas do recrudescimento do otimismo; já tendo contraído a enfermidade por meio do amor recente, participaram de bom grado do entusiasmo público.

Quando Morarji Desai, o ministro das Finanças que bebia urina, lançou sua campanha “Ornamentos para Armamentos”, mamãe deu braceletes de ouro e brincos de esmeraldas; quando Morarji fez uma emissão de títulos de defesa, Ahmed Sinai comprou-os aos maços. A guerra, ao que parecia, trouxera à Índia um novo alvorecer; no *Times of India*, um cartum com a legenda “Guerra com a China” mostrou Nehru examinando gráficos com os títulos “Integração Emocional”, “Paz Industrial” e “Confiança Pública no Governo” e exclamando: “Nunca estivemos numa situação tão boa!”. À deriva nesse mar de otimismo, nós — a nação, meus pais, eu — navegávamos cegamente rumo aos recifes.

Somos, no todo, um povo obcecado por correspondências. Semelhanças entre isto e aquilo, entre coisas aparentemente desconexas, fazem-nos bater palmas de regozijo quando as localizamos. Trata-se de uma espécie de anelo nacional pela forma — ou talvez apenas uma expressão de nossa profunda convicção de que as formas jazem ocultas no seio da realidade; que a significação só se revela em lampejos. Daí nossa vulnerabilidade aos augúrios... Quando, por exemplo, a bandeira indiana foi hasteada pela primeira vez, apareceu um arco-íris sobre aquele campo de Délhi, um arco-íris de verde e açafraão; e sentimo-nos abençoados. Tendo nascido em meio à correspondência, verifiquei que ela continuava a me perseguir... Enquanto os indianos se atiravam às cegas a uma derrocada militar, também eu me avizinhava (e sem nada saber) de uma catástrofe pessoal.

Caricaturas do *Times of India* falavam de “Integração Emocional”; na Vila Buckingham, que era tudo quanto restava da Propriedade Methwold, as emoções nunca tinham estado tão integradas. Ahmed e Amina passavam os dias como adolescentes enamorados; e enquanto o *Diário do Povo*, de Pequim, queixava-se de que “O governo Nehru finalmente tirou sua máscara de não-alinhamento”, nem minha irmã nem eu nos queixávamos, porque pela primeira vez em anos não precisávamos fingir que éramos não-alinhados na guerra entre nossos pais; o que a guerra fizera pela Índia,

a cessação de hostilidade realizara em nossa colina de dois andares. Ahmed Sinai inclusive encerrara sua batalha noturna com os gênios.

A 1<sup>o</sup> de novembro — INDIANOS ATACAM COM COBERTURA DE ARTILHARIA —, meus condutos nasais achavam-se numa situação de crise aguda. Embora mamãe me submetesse diariamente à tortura do Inalante Vick e de fumegantes tigelas de Vick Vapor-Rub dissolvido em água, que eu era obrigado a tentar inalar, com um cobertor tapando-me a cabeça, meus sínus recusavam-se a reagir ao tratamento. Foi nesse dia que papai estendeu-me os braços e disse: “Venha aqui, meu filho... venha e me deixe amá-lo”. Numa exaltação de felicidade (talvez a doença do otimismo me tivesse atingido, afinal), deixei-me afogar em sua barriga fofa; mas, quando ele me soltou, o ranho de meu nariz lhe manchara o blusão. Acho que foi isso que finalmente me condenou; porque, naquela tarde, mamãe saiu ao ataque. Fazendo-me crer que falava com uma amiga, deu um determinado telefonema. Enquanto os indianos atacavam com cobertura de artilharia, Amina Sinai planejava minha derrubada, protegida por uma mentira.

Contudo, antes de descrever minha entrada no deserto de meus anos de maturidade, devo admitir a possibilidade de haver cometido uma grave injustiça contra meus pais. Nem uma vez, ao que eu sabia, nem uma única vez em todo o tempo transcorrido desde as revelações de Mary Pereira, eles se dispuseram a procurar o verdadeiro filho de sangue; e, em vários momentos de minha narrativa, tenho atribuído essa atitude a uma certa falta de imaginação — o que eu disse, mais ou menos, foi que continuei a ser filho deles porque não conseguiam imaginar-me fora desse papel. E há também a possibilidade de outras interpretações piores — como a relutância deles de aceitar no lar um moleque que passara onze anos na sarjeta; no entanto, quero sugerir um motivo mais nobre: talvez, apesar de tudo, a despeito do nariz de pepino, da cara manchada, das têmporas protuberantes, das pernas cambaias, da perda de um dedo, da tonsura monástica e (embora o desconhecessem) de meu lesado ouvido esquerdo, a despeito até da troca de bebês por Mary Pereira à meia-noite...

talvez, eu diria, malgrado todas essas provocações, meus pais me amassem. Afastando-me deles, eu me refugiava em meu mundo secreto; temendo-lhes o ódio, não admitia a possibilidade de que o seu amor fosse mais forte que a fealdade, mais forte até que o sangue. É realmente provável que aquilo que um telefonema providenciou, aquilo que finalmente aconteceu a 21 de novembro de 1962, tenha sido feito pela melhor das razões; que meus pais me tenham arruinado por amor.

O dia 20 de novembro foi um dia terrível; a noite foi uma noite terrível... Seis dias antes, no dia do septuagésimo terceiro aniversário de Nehru, começara a grande confrontação com as forças chinesas; o exército indiano — JAWANS ENTRAM EM AÇÃO! — tinha atacado os chineses em Walong. As notícias do desastre de Walong e da debandada do general Kaul e de quatro batalhões chegaram a Nehru no sábado, dia 18; na segunda-feira, 20, foram propagadas pelo rádio e pela imprensa e chegaram à Propriedade Methwold. PÂNICO TOTAL EM NOVA DÉLHI! FORÇAS INDIANAS DESTROÇADAS! Naquele dia — o último de minha antiga vida — sentei-me encolhido, com minha irmã e meus pais em torno do velho receptor Telefunken, enquanto as telecomunicações instilavam o medo de Deus e da China em nossos corações. E meu pai disse então palavras fatídicas: — Mulher — anunciou ele com gravidade, enquanto Jamila e eu tremíamos de medo —, begum sahiba, este país está liquidado. Falido. Acabado. — O vespertino proclamou o fim da doença do otimismo: MORAL POPULAR SE ESGOTA. E, depois desse fim, viriam outras coisas; também outras coisas seriam esgotadas, drenadas.

Fui para a cama com a cabeça cheia de rostos, canhões e tanques chineses... mas à meia-noite minha cabeça estava silenciosa e vazia, pois a Conferência da Meia-Noite também se esgotara; a única das crianças mágicas disposta a conversar comigo era a bruxa Parvati, e, inteiramente deprimidos por aquilo que Nussie Pata teria chamado de “o fim do mundo”, estávamos impossibilitados de fazer qualquer outra coisa senão permanecer em silenciosa comunhão.

E outras drenagens, mais mundanas: apareceu uma rachadura na colossal represa hidrelétrica Bhakra Nangal, e o grande reservatório vazou através da fissura... e o consórcio de aterro das mulheres Narlikar, impermeável a otimismo, derrota ou qualquer outra coisa além da sedução da riqueza, continuou a arrancar terras das profundezas dos mares... Mas a evacuação final, a que verdadeiramente dá a este episódio seu título, teve lugar na manhã seguinte, exatamente quando eu havia relaxado e imaginado que alguma coisa, afinal de contas, poderia dar certo... porque de manhã ouvimos a notícia, de jubilosa improbabilidade, de que os chineses, de repente e sem necessidade, tinham cessado seu avanço; tendo conquistado o controle dos pináculos do Himalaia, deram-se por satisfeitos; CESSAR-FOGO!, bradaram os jornais, e mamãe desmaiou de alívio. (Correu o boato de que o general Kaul fora feito prisioneiro; o presidente da Índia, o dr. Radhakrishnan, comentou: — Infelizmente, nada nessa informação corresponde à verdade.)

Apesar de olhos úmidos e de sínus obstruídos, eu estava feliz; apesar até do fim da Conferência dos Filhos, eu exultava com o novo fulgor de felicidade que tomava conta da Vila Buckingham. E por isso concordei com alacridade quando mamãe sugeriu: — Vamos sair para comemorar! Que tal um piquenique, crianças? — Era a manhã de 21 de novembro; ajudamos a preparar sanduíches e parathas; paramos numa loja de refrigerantes e enchemos o porta-malas de nosso Rover com uma tina de gelo e um caixote de Coca-Colas. Saímos, pais na frente, filhos atrás. Jamila Cantora cantou para nós durante o percurso.

Através de sínus inflamados, perguntei: — Aonde estamos indo? Juhu? Elephanta? Marve? Onde? — E mamãe, sorrindo sem jeito: — É surpresa. Espere para ver. — Seguíamos por ruas repletas de multidões aliviadas e rejubilantes... — Não é esse o caminho! — exclamei. — Não é por aqui que se vai à praia. — Meus pais falaram ao mesmo tempo, tranqüilizadores, alegres:

— Só uma paradinha primeiro, e depois vamos. Prometo.

Telegramas chamaram-me de volta; radiogramas assustaram-me, mas foi um telefone que determinou a data, a hora e o lugar de minha desdita... e meus pais mentiram para mim.

... Paramos diante de um prédio desconhecido da Carnac Road. A fachada: aos pedaços. Todas as janelas: fechadas. — Quer vir comigo, filho? — Ahmed Sinai desceu do carro; eu, satisfeito por estar acompanhando meu pai em seus negócios, pus-me a caminhar alegremente a seu lado. Uma placa de latão na porta: *Clínica de Olhos, Nariz e Garganta*. E eu, subitamente alarmado: — O que é isso, abba? Por que viemos... — A mão de meu pai aperta-me o ombro... depois um homem de jaleco branco... enfermeiras... e: — Ah, como vai, mister Sinai, então esse é o jovem Salim... bem na hora... ótimo, ótimo. — Enquanto eu: — Abba, não... e o piquenique? — Mas médicos já me conduzem, meu pai está ficando mais distante, o homem de jaleco lhe grita: — Não vai demorar... As notícias da guerra estão ótimas, hein? — E a enfermeira: — Por favor, vamos ali para os preparativos e a anestesia.

Ludibriado! Ludibriado, Padma! É como já lhe disse: no passado, piqueniques me enganaram; o que houve foi um hospital e um quarto com uma cama alta e luzes brilhantes, em que eu gritava: — Não, não, não —, e a enfermeira dizia: — Não seja bobo, você já é quase um homem, deite-se. — E lembrando-me de que os condutos nasais haviam começado tudo em minha cabeça, que a secreção nasal fora empurrada para cima, para cima, aonde aquele líquido não deveria chegar, lembrando-me de que assim tinha sido feita a conexão que liberou as minhas vozes, eu esperneava e berrava tanto que tiveram de me segurar. — Francamente — disse a enfermeira —, nunca vi um rapazinho proceder assim, como um bebê.

E o que começou num baú de roupa suja terminou numa mesa de operação, porque fui preso pelos pés e pelas mãos e um homem disse: — Você não vai sentir nada, é mais fácil do que uma operação de amígdalas, vamos limpar esses sínus rapidinho, uma limpeza completa. — E eu: —

Não, por favor —, mas a voz insistiu: — Agora vou pôr em você essa máscara, conte até dez.

Contar. Os números marchando, um, dois, três.

Silvo de gás. Os números a me esmagarem, quatro, cinco, seis.

Rostos desfazendo-se numa bruma. E continuavam os números tumultuados, eu estava chorando, acho, os números golpeando, sete, oito, nove.

Dez.

— Meu Deus, o menino ainda está consciente. É incrível. É melhor darmos outra... Está me ouvindo? Salim, não é esse o nome? Vamos, até dez de novo! — Não conseguem me pegar. Multidões já se acotovelaram dentro de minha cabeça. O mestre dos números, eu. Vamos de novo, onze, doze.

Mas nunca hão de me deixar, até que... treze, catorze, quinze. Ah Deus Deus o nevoeiro tonteira e queda para longe, dezesseis, além de guerra e pimenteiros, para longe para longe, dezessete dezoito dezenove.

Vin

Houve um baú de roupa suja e um menino que fungou com força excessiva. Sua mãe despiu-se e revelou uma Manga Negra. Surgiram vozes, que não eram as dos arcanjos. A mão que deixou surdo o ouvido esquerdo. E aquilo que crescia melhor no calor: fantasia, irracionalidade, luxúria. Houve um campanário de refúgio, trapaças na aula. E o amor em Bombaim provocou um acidente de bicicleta: têmperas convexas encaixaram-se em concavidades de fórceps, e quinhentas e oitenta e uma crianças visitaram minha cabeça. Os filhos da meia-noite — que podem ter sido a corporificação da esperança de liberdade, que podem ter sido também as aberrações que deviam ser liquidadas. A bruxa Parvati, a mais leal de todas; e Shiva, que se transformou num princípio de vida. Houve uma pergunta a respeito de finalidade, e o debate entre idéias e coisas. Houve joelhos e nariz, nariz e joelhos.

Começaram brigas, e o mundo adulto infiltrou-se no das crianças; houve egoísmo, esnobismo e ódio. E a impossibilidade de um terceiro princípio; começou a crescer o medo de que tudo acabasse dando em nada no fim das contas. E o que ninguém disse: que a finalidade dos quinhentos e oitenta e um residia em sua destruição; que tinham surgido a fim de dar em nada. Ignoravam-se as profecias feitas nesse sentido.

Revelações, e o bloqueio de uma mente; exílio e, quatro anos depois, regresso; aumentam as suspeitas, crescem as dissensões, partidas às dezenas e vintenas. No fim, apenas uma voz restava; mas persistia o otimismo — aquilo-que-nos-era-comum mantinha a possibilidade de suplantar o-que-nos-separava.

Até:

Fora de mim, silêncio. Um quarto às escuras (persianas fechadas). Não posso enxergar nada (não há nada ali a enxergar).

Silêncio dentro de mim. Uma ligação rompida (para sempre). Não posso escutar nada (não há nada ali a escutar).

Silêncio, como um deserto. E um nariz limpo e aberto (condutos nasais cheios de ar). O ar, como um vândalo, invade meus locais privados.

Drenado. Fiquei drenado. O parahamsa preso ao chão, castigado. (Para sempre.)

Ah, diga com clareza, toda clareza: a operação, cuja finalidade ostensiva era a drenagem de meus sínus inflamados e a abertura, de uma vez por todas, de meus condutos nasais, teve o efeito de romper uma determinada conexão que fora feita num baú de roupa suja; de privar-me da telepatia obtida através do nariz; de banir-me da possibilidade de filhos da meia-noite.

Nossos nomes contêm nossos destinos; como vivemos num lugar onde os nomes não perderam o sentido, como aconteceu no Ocidente, e ainda são mais do que simples sons, somos também vítimas de nossos títulos. *Sinai* contém Ibn Sina, o mestre de magia, o sufista; e também Sin, a Lua, o antigo deus de Hadhramaut, com seu próprio modo de conexão, seus

poderes de efeito remoto sobre as marés do mundo. Mas Sin é também a letra S, sinuosa como uma serpente; há cobras enrodilhadas dentro do nome. E há também o acidente da transliteração — Sinai, grafado no alfabeto romano, embora não em nastaliq, é também o nome do lugar de revelação, de tira-teus-calçados, de mandamentos e bezerros de ouro. Mas, depois de dito tudo isso; depois que Ibn Sina é esquecido e a lua se põe; depois que as serpentes jazem ocultas e as revelações chegam ao fim, é o nome do deserto — de esterilidade, infertilidade, pó; o nome do fim.

Na Arábia — a *Arabia Deserta* — ao tempo do profeta Maomé, outros profetas também pregaram: Maslama, da tribo do Banu Hanifa, no Yamama, o coração da Arábia; e Hanzala ibn Safwan; e Khalid ibn Sinan. O Deus de Maslama era ar-Rahman, “o Misericordioso”; hoje os muçulmanos oram a Alá, ar-Rahman. Khalid ibn Sinan foi mandado à tribo dos Abs; durante algum tempo, teve seguidores, mas depois se perdeu. Nem sempre os profetas são falsos simplesmente por serem superados, e tragados, pela História. Homens de valor sempre vaguearam pelo deserto.

— Mulher — disse Ahmed Sinai —, esse país está liquidado. — Depois do cessar-fogo e da drenagem, essas palavras voltaram a persegui-lo; e Amina começou a persuadi-lo a emigrarem para o Paquistão, onde já se encontravam suas irmãs sobreviventes, e para onde sua mãe iria depois da morte de seu pai. — Começar de novo — disse ela. — Janum, isso seria ótimo. O que nos resta aqui nessa colina amaldiçoada?

Assim, finalmente a Vila Buckingham foi entregue às garras das mulheres Narlikar; e, com um atraso de mais de quinze anos, minha família mudou-se para o Paquistão, a Terra dos Puros. Ahmed Sinai deixou muito pouca coisa para trás; há muitos meios de transferir dinheiro com a ajuda de companhias multinacionais, e meu pai conhecia todos eles. E eu, embora triste por deixar a cidade em que nascera, não estava descontente por ir embora do lugar onde Shiva se achava escondido em algum ponto, como uma mina terrestre cuidadosamente oculta.

Deixamos Bombaim, de vez, em fevereiro de 1963; e, no dia de nossa partida, levei para o jardim um velho globo terrestre de lata e o enterrei entre os cactos. Dentro dele: uma carta do primeiro-ministro e uma enorme fotografia na primeira página de um jornal, com a legenda “O Filho da Meia-Noite”... Podem não ser relíquias sagradas — longe de mim comparar as triviais recordações de minha vida com o fio de cabelo do Profeta ou o corpo de são Francisco Xavier na Catedral do Bom Jesus —, mas são tudo o que sobreviveu de meu passado: um globo de lata amassado, uma carta embolorada, uma fotografia. Nada mais — nem mesmo uma escarradeira de prata. Afora um planeta esmagado pela Macaca, os únicos registros são os que se acham nos livros fechados do céu, Sidjin e Illiyun, os Livros do Bem e do Mal; seja como for, é o que se diz.

... Só quando estávamos a bordo do *Sabarmati* e ancorados ao largo do golfo de Kutch foi que me lembrei do velho Schaapsteker; e fiquei a imaginar, de repente, se alguém o avisara de que estávamos indo embora. Não me atrevi a perguntar, com medo de que a resposta fosse um *não*. Por isso, enquanto eu imaginava a turma de demolição pondo-se a trabalhar e visualizava as máquinas da destruição afrontando o escritório de meu pai e meu próprio quarto azul, demolindo a escada de ferro em espiral dos criados e a cozinha onde Mary Pereira havia temperado com medo seus chutneys e pickles, massacrando a varanda onde minha mãe ficara sentada com a criança que pesava como uma pedra em sua barriga, eu tinha também diante de mim a imagem de uma poderosa e balançante bola de demolidor abatendo-se sobre o domínio de Schaapsteker sahib, e sobre o próprio ancião enlouquecido — pálido, emaciado e de língua ativa — exposto ali no alto de uma casa desmoronante, entre as torretas e o teto de ladrilhos vermelhos que caíam; o velho Schaapsteker a encarquilhar-se, agonizar e morrer à luz do sol, que não via fazia tantos anos. Mas é possível que eu esteja dramatizando; posso ter tirado tudo isso de um filme antigo

chamado *Horizonte perdido*, no qual mulheres bonitas enrugavam e morriam quando se afastavam de Shangri-La.

Para toda serpente, há uma escada; para toda escada, uma serpente. Chegamos a Karachi em 9 de fevereiro — e dentro de poucos meses minha irmã Jamila fora lançada numa carreira que lhe proporcionaria os nomes de “Anjo do Paquistão” e “Bulbul da Fé”; tínhamos saído de Bombaim, mas ganhamos glória refletida. E mais uma coisa: embora eu tivesse sido drenado — ainda que as vozes não falassem mais dentro de minha cabeça, nem jamais voltassem a falar —, houve uma compensação: pela primeira vez na vida, eu descobria as atordoantes delícias do olfato.

# Jamila Cantora

Esse sentido mostrou-se aguçado a ponto de captar o viscoso cheiro da hipocrisia por trás do sorriso de boas-vindas com que minha tia solteirona, Alia, recebeu-nos no porto de Karachi. Irremediavelmente amargurada pela deserção de meu pai, tantos anos antes, para os braços de sua irmã, minha tia diretora de escola adquirira a pesada corpulência do ciúme não mitigado; os grossos pêlos escuros do ressentimento brotavam pela maioria dos poros de sua pele. E talvez ela tenha conseguido iludir meus pais e Jamila com seus braços abertos, sua corrida gingante em nossa direção, seus gritos (— Ahmed bhai, finalmente! Antes tarde do que nunca!), suas aracnídeas ofertas de hospitalidade, inevitavelmente aceitas; mas eu, que passara grande parte da primeira infância com as amargas luvinhas e os azedos gorros de pompom de sua inveja, que fora inadvertidamente infectado de fracasso pelas roupinhas infantis, de aspecto inocente, nas quais ela tricou seu ódio, e que, ademais, lembrava-me claramente do que era ser possuído pela ânsia de vingança, eu, Salim, o Drenado, era capaz de sentir os vingativos odores que lhe escapavam das glândulas. Contudo, não tinha condição de protestar; fomos enfiados no Datsun de sua vingança e levados, pela Bunder Road, para sua casa em Guru Mandir — como moscas, apenas mais tolas, pois comemorávamos nosso cativeiro.

... Mas que sentido de olfato era aquele! Em geral, somos condicionados, desde o berço, a reconhecer o mais estreito espectro possível de fragrâncias; no entanto, durante toda a vida eu fora incapaz de sentir um único cheiro, e por isso ignorava todos os tabus olfativos. Em conseqüência, tendia a não fingir inocência quando alguém emitia uma

ventosidade — o que causava não poucos embaraços a meus pais; mais importante, porém, era minha liberdade nasal para inalar muito mais que os odores de origem puramente física com que o restante da raça humana preferiu satisfazer-se. Assim, desde os primeiros dias de minha adolescência paquistanesa, comecei a conhecer os aromas secretos do mundo, o inebriante perfume do novo amor, mas também a pungência mais profunda e mais duradoura do ódio. (Não tardou muito, depois de minha chegada à “Terra dos Puros”, para que eu descobrisse dentro de mim mesmo a suprema impureza do amor por uma irmã; e as fogueiras de minha tia, em lenta combustão, encheram minhas narinas desde o começo.) Um nariz proporciona conhecimento, mas não poder sobre os acontecimentos; invadir o Paquistão, armado (se é essa a palavra correta) apenas com a nova manifestação de minha herança nasal, deu-me poderes para farejar a verdade, sentir o que estava no ar, seguir trilhas; mas não me deu o único poder de que um invasor necessita: a força para derrotar meus inimigos.

Não vou negá-lo: nunca perdoei Karachi por não ser Bombaim. Construída entre o deserto e tristes ribeirões salinos, com margens cheias de mangues mirrados, minha nova cidade parecia de uma feiúra que eclipsava até a minha própria; tendo crescido depressa demais — sua população quadruplicara desde 1947 —, adquirira o informe encaroçamento de um gigantesco anão. Quando fiz dezesseis anos, ganhei uma lambreta; percorrendo as ruas da cidade em meu veículo sem janelas, eu respirava a fatalista desesperança dos moradores dos cortiços e a presunçosa atitude defensiva dos ricos; era sugado pelas trilhas odoríferas da miséria e também do fanatismo, atraído por um longo corredor do submundo em cujo final ficava a porta de Tai Bibi, a mais velha prostituta do mundo... Mas estou me precipitando. No coração de Karachi ficava a casa de Alia Aziz, um grande e velho prédio na Clayton Road (ela deve ter vagueado por ele durante anos, como um fantasma que não tivesse ninguém para assombrar), um lugar de sombras e pintura amarelecida,

sobre a qual caía toda tarde a longa sombra acusadora do minarete da mesquita local. Mesmo quando, anos depois, no gueto dos mágicos, morei à sombra de outra mesquita, uma sombra que foi, pelo menos durante certo tempo, uma penumbra protetora e nada ameaçadora, nunca perdi a idéia que eu fazia de sombras de mesquitas, gerada em Karachi, e nas quais, parecia-me, eu podia farejar o odor tenaz e acusador de minha tia. Minha tia que dava tempo ao tempo; mas cuja vingança, quando aconteceu, foi esmagadora.

Karachi era, naquele tempo, uma cidade de miragens; arrancada ao deserto, não conseguia destruir-lhe todo o poder. Oásis reluziam no asfalto da Elphinstone Street, caravancharás eram entrevistados tremeluzindo entre as choças em torno da ponte negra, a Kala Pul. Na cidade sem chuvas (que tinha com minha cidade natal um único ponto em comum, ter começado a vida como uma vila de pescadores), o deserto oculto conservava seu antigo poder de evocar aparições, em conseqüência do que os nativos da cidade tinham uma escorregadia apreensão da realidade, e por conseguinte dispunham-se a recorrer a seus líderes para obter conselhos sobre o que era real e o que não era. Sitiados pelas dunas de areia e pelos fantasmas de reis antigos, e ainda pelo conhecimento de que o nome da fé sobre a qual se assentava a cidade significava “submissão”, meus novos conterrâneos exalavam os desenxabidos e chocos odores da aquiescência, depressivos para um nariz que cheirara — até o final, e por pouco tempo que tivesse sido — o condimentado não-conformismo de Bombaim.

Logo depois de nossa chegada — e talvez oprimido pela atmosfera da casa da Clayton Road, sombreada por uma mesquita —, papai resolveu construir para nós uma nova casa. Comprou um terreno na mais elegante das “sociedades”, as novas zonas residenciais; e, em seu décimo sexto aniversário, Salim adquiriu mais que uma lambreta... descobri os poderes ocultos dos cordões umbilicais.

O que, conservado em salmoura, ficou dezesseis anos no armário de meu pai, esperando justamente tal dia? O que, flutuando como uma cobra-

d'água num velho vidro de conserva, acompanhou-nos em nossa viagem marítima e terminou enterrado na dura e árida terra de Karachi? O que antes nutrira a vida num ventre... o que agora infundia à terra uma vida miraculosa, e dava à luz um moderno bangalô americano, em vários níveis?... Deixando de lado essas perguntas crípticas, explico que, em meu décimo sexto aniversário, minha família (inclusive tia Alia) reuniu-se em nosso terreno da Koranji Road; observado pelos olhos de uma turma de operários e pela barba de um mulá, Ahmed entregou a Salim uma picareta; e golpeei com ela o chão. — Um novo começo — disse Amina. — Queira Alá, seremos agora, todos nós, uma nova gente. — Estimulado por esse nobre e inalcançável desejo, um trabalhador rapidamente alargou meu buraco; e então alguém apareceu com um vidro de conserva. Verteu-se a salmoura sobre o solo sedento; e o que restava dentro do vidro recebeu as bênçãos do mulá. Depois, um cordão umbilical — era meu? Ou de Shiva? — foi inserido na terra; e, imediatamente, uma casa começou a crescer. Houve doces e refrigerantes; o mulá, demonstrando uma fome extraordinária, consumiu trinta e nove laddus; e nem uma vez Ahmed Sinai queixou-se da despesa. O espírito do cordão enterrado inspirou os operários; mas, embora os alicerces fossem cavados bem fundo, não impediram que a casa caísse antes que morássemos nela.

O que conjecturei a respeito de cordões umbilicais: embora tivessem o poder de fazer crescerem casas, alguns eram evidentemente mais eficientes nisso do que outros. A cidade de Karachi comprovava minha tese; claramente construída em cima de cordões de todo inadequados, estava cheia de casas deformadas, os enfezados filhos corcundas de cordões deficientes, casas que cresciam misteriosamente cegas, sem quaisquer janelas visíveis, casas que se assemelhavam a rádios, condicionadores de ar ou celas de cadeia, doidos edifícios desproporcionados que se inclinavam com monótona regularidade, como bêbedos; uma selvagem proliferação de casas loucas, cujas inadequações para servirem de habitação humana só eram ultrapassadas por sua excepcionalíssima fealdade. A cidade vencia o

deserto; mas ou os cordões ou a infertilidade do solo a fez transformar-se, ao crescer, em algo grotesco.

Capaz de cheirar tristeza e alegria, e de distinguir pelo odor, de olhos fechados, a inteligência e a estupidez, cheguei a Karachi e à adolescência — compreendendo, naturalmente, que as novas nações do subcontinente e eu tínhamos deixado a infância para trás; que dores de crescimento e estranhas e canhestras alterações de voz esperavam-nos a todos. A drenagem censurou minha vida interior; meu senso de conexão permaneceu sem drenagem.

Salim invadiu o Paquistão armado unicamente com um nariz hipersensível; no entanto, o pior de tudo é que invadiu *da direção errada!* Todas as conquistas bem-sucedidas daquela parte do mundo começaram no norte; todos os conquistadores vieram por terra. Navegando, ignorante, contra os ventos da História, cheguei a Karachi do sudeste e pelo mar. O que se seguiu não deveria, suponho, ter me surpreendido.

Em retrospecto, as vantagens de atacar do norte são óbvias. Do norte vieram os generais omíadas, Hajjah bin Yusuf e Muhammad bin Qasim; e também os ismaelitas. (O Honeymoon Lodge, que, segundo se diz, hospedou Aly Khan e Rita Hayworth, dava para nosso terreno umbilicado; consta que a estrela provocou muito escândalo ao caminhar pelo hotel vestindo uma série de fabulosos e diáfanos *negligées* hollywoodianos.) Ah, inelutável caráter superior da setentrionalidade! De que direção desceu Mahmud de Ghazni sobre essas planícies do Indo, trazendo consigo uma língua que se gabava de possuir nada menos de três formas da letra S? A resposta inescapável: sai, sin e sad foram intrusos setentrionais. E Muhammad bin Sam Ghuri, que derrubou os ghaznévidas e criou o califado de Délhi? Também o filho de Sam Ghuri avançou na direção do sul.

E Tughlaq, e os imperadores mogóis... Mas já provei o que disse. Resta apenas acrescentar que as idéias, tanto quanto os exércitos, desceram de roldão para sul, sul, sul, vindo das cordilheiras setentrionais: a lenda de

Sikandar But-Shikan, o Iconoclasta de Caxemira, que no fim do século XIV destruiu todos os templos hinduístas do Vale (abrindo um precedente para meu avô), desceu das montanhas para as planícies fluviais; e quinhentos anos depois o movimento dos mujaheddin de Syed Ahmad Barilwi avançou pelo caminho já pisado e repisado. As idéias de Barilwi: abnegação, ódio aos hindus, guerra santa... As filosofias, assim como os reis (para abreviar essa exposição), vieram do lado oposto ao daquele de onde vim.

Os pais de Salim disseram: — Seremos agora, todos nós, uma nova gente. — Na terra dos puros, a pureza tornou-se nosso ideal. No entanto, Salim ficou para sempre maculado de bombainidade, com a cabeça cheia de toda espécie de religiões além da de Alá (como os primeiros muçulmanos da Índia, os moplas mercadores de Malabar, eu vivera num país cuja população de divindades rivalizava com a quantidade de habitantes, de modo que, numa inconsciente revolta contra a claustrofóbica multidão de deidades, minha família esposara a ética dos negócios, e não a da fé); e seu corpo viria a demonstrar acentuada preferência pelos impuros. Tal como os moplas, eu estava condenado a ser um desajustado, mas, por fim, a pureza me descobriu, e até eu, Salim, fui purgado de minhas ilicitudes.

Depois de meu décimo sexto aniversário, estudei História no colégio de tia Alia; mas nem mesmo o saber era capaz de fazer com que eu me sentisse parte daquele país destituído de filhos da meia-noite, no qual meus colegas de escola realizavam passeatas para exigir uma sociedade mais rigorosa, mais islâmica — provando que tinham logrado tornar-se as antíteses dos estudantes de todas as outras partes do mundo, pois exigiam mais regras, e não menos. Meus pais, todavia, estavam decididos a fincar raízes; embora Ayub Khan e Bhutto estivessem forjando uma aliança com a China (que, tão recentemente, fora nossa inimiga), Ahmed e Amina não davam ouvidos a críticas à sua nova nação; e papai comprou uma fábrica de toalhas.

Meus pais estavam cercados de um novo fulgor naquele tempo; Amina perdera sua aura de culpa, os calos pareciam não a incomodar mais; e Ahmed, conquanto ainda embranquecido, sentira o congelamento de seu corpo desfazer-se sob o calor do renascido amor pela mulher. Em certas manhãs, Amina tinha marcas de dentes no pescoço; às vezes ria descontroladamente, como uma colegial. — Vocês dois, francamente — dizia sua irmã Alia —, parecem um casal em lua-de-mel, ou sei lá o quê. — Mas eu podia sentir, pelo olfato, o que se escondia atrás dos dentes de Alia; o que ficava dentro de sua boca quando saíam palavras amistosas... Ahmed Sinai deu às suas toalhas o nome da mulher: Amina.

— Quem são esses multimilionários? Esses Dawud, Saigol, Harun? — bradou ele, contente, desdenhando as famílias mais ricas do país. — Quem são os Valika ou Zulfikar? Eu seria capaz de engolir dez deles de uma vez. Esperem! — prometeu. — Dentro de dois anos o mundo inteiro vai estar se enxugando com uma toalha Amina. O melhor tecido! As máquinas mais modernas! Vamos limpar e enxugar o mundo inteiro. Os Dawud vão implorar que eu lhes conte meu segredo. Eu vou dizer que é isso mesmo, as toalhas são da melhor qualidade; mas o segredo não está na fabricação; foi o amor que venceu tudo. — (Discerni, no discurso de meu pai, os efeitos persistentes do vírus do otimismo.)

Porventura a marca Amina conquistou o mundo em nome da limpeza (que está próxima da...)? Vieram os Valika e os Saigol perguntar a Ahmed Sinai: — Por Deus, estamos fritos, yaar, como é que consegue isso? — O tecido felpudo e de alta qualidade, com desenhos criados pelo próprio Ahmed (um tanto espalhafatosos, mas não importa, eram produto do amor), enxugou a umidade dos paquistaneses e dos mercados de exportação? Por acaso russos, ingleses e americanos envolveram-se no nome imortalizado de minha mãe?... A história da marca Amina deve esperar um pouco, pois a carreira de Jamila Cantora está para decolar; a casa da Clayton Road, sombreada por uma mesquita, recebera a visita de tio Puffs.

Seu verdadeiro nome era major (reformado) Aladim Latif; ouvira falar da voz de minha irmã “por um grande amigo meu, o general Zulfikar. Servi com ele na Força de Patrulha de Fronteira em 47”. Apareceu na casa de Alia Aziz pouco depois do décimo quinto aniversário de Jamila, sorridente e cheio de mesuras, mostrando uma boca cheia de dentes de ouro. — Sou um homem simples — explicou —, como nosso ilustre presidente. Só ponho meu dinheiro em coisas seguras. — Como a do nosso ilustre presidente, a cabeça do major era uma esfera perfeita; ao contrário de Ayub Khan, Latif deixara o exército e entrara no mundo dos espetáculos. — O empresário número um do Paquistão, sem qualquer dúvida — disse ele a meu pai. — Não é por outro motivo, senão organização; um velho hábito do exército que custa a morrer. — O major Latif trazia uma proposta: queria ouvir Jamila cantar. — E, se for dois por cento do que me dizem que é, meu senhor, vou torná-la famosa! Ah, sim, da noite para o dia, é claro! Contatos: isso é tudo que é necessário; contatos e organização; e seu major (reformado), a seu dispor, encarrega-se de tudo. *Aladim* Latif — sublinhou ele, sorrindo um sorriso de ouro para Ahmed Sinai. — Conhece a história, não é? Basta eu esfregar a lâmpada que aparece o gênio, trazendo fama e riquezas. Sua menina vai ficar em boas mãos. *Boníssimas!*

Foi uma felicidade para a legião de fãs de Jamila Cantora que Ahmed Sinai estivesse apaixonado pela mulher; amolecido por sua própria felicidade, ele deixou de enxotar o major Latif ali mesmo. Hoje acredito também que meus pais já haviam chegado à conclusão de que o talento da filha era extraordinário demais para pertencer somente a eles; a magia sublime de sua voz angelical começara a ensinar-lhes os imperativos inevitáveis do talento. No entanto, Ahmed e Amina tinham uma preocupação. — Nossa filha — disse Ahmed Sinai (no fundo, ele sempre fora o mais conservador dos dois) — vem de uma boa família. Mas o senhor quer colocá-la no palco, sabe Deus diante de quantos homens estranhos...? — O major mostrou-se ofendido. — Meu senhor — retrucou,

formal —, julga-me um homem sem sensibilidade? Também tenho filhas, meu caro. Sete, graças a Deus. Montei para elas uma pequena agência de viagens. Mas só trabalham pelo telefone. Nem por sonho eu as colocaria diante de um guichê. Na verdade, é a maior agência telefônica de viagens do país. Para dizer a verdade, mandamos maquinistas de trem à Inglaterra; motoristas de ônibus também. O que quero dizer — acrescentou ele rapidamente — é que sua filha seria tratada com o mesmo respeito que as minhas. Para dizer a verdade, mais ainda; ela vai ser uma estrela!

As filhas do major Latif — Safia, Rafia e cinco outras afias — eram chamadas, coletivamente, de “as Puffias” pelo que restava da Macaca em minha irmã; o pai delas foi apelidado primeiro de “Papai-Puffia”, e depois de tio — um título honorífico — Puffs. Ele cumpriu a palavra; em seis meses Jamila Cantora tinha discos de sucesso, um exército de fãs, tudo; e tudo isso, como explicarei num instante, sem mostrar o rosto.

Tio Puffs tornou-se parte integrante de nossa vida; visitava a casa da Clayton Road quase toda noite, naquela hora que eu costumava considerar a do coquetel, para beber suco de romã e pedir a Jamila que cantasse alguma coisinha. Ela, que se transformava na mais dócil das moças, sempre o atendia... Depois ele pigarreava, como se alguma coisa tivesse ficado presa na garganta, e começava a pilheriar comigo a respeito de casamento. Sorrisos de vinte e quatro quilates me ofuscavam quando ele dizia: — Está na hora de se casar, meu rapaz. Ouça o meu conselho: arranje uma noiva de boa cabeça e maus dentes; terá uma amiga e um cofre-forte numa só pessoa! — Todas as filhas de tio Puffs, dizia ele, ajustavam-se à descrição acima... Eu, embaraçado, percebendo que a brincadeira tinha um fundo de verdade, exclamava: — Ah, tio *Puffs*! — Ele conhecia seu apelido; e até gostava muito dele. Dando um tapa em minha coxa, dizia: — Fazendo-se de difícil, hein? Grande! Muito bem, rapaz: escolha uma de minhas meninas, que eu garanto que mando arrancar todos os dentes dela. Quando você se casar, ela terá como dote um sorriso valendo milhões! — Nesse ponto, mamãe sempre dava um jeito

de mudar de assunto; não apreciava muito a idéia de tio Puffs, por mais caras que fossem as dentaduras... E naquela primeira noite, como aconteceria depois com tanta freqüência, Jamila cantou para o major Aladim Latif. Sua voz saiu pela janela e silenciou o trânsito; os pássaros pararam de cantar; na lanchonete do outro lado da rua, o rádio foi desligado; a rua ficou cheia de gente parada, e a voz de minha irmã magnetizava as pessoas... Quando ela acabou, notamos que tio Puffs chorava.

— Uma jóia — disse ele, assoando o nariz num lenço. — Meu senhor, minha senhora, essa moça é uma jóia. Estou absolutamente humilhado. Grande! Ela me provou que uma voz de ouro é até melhor que dentes de ouro.

E, quando a fama de Jamila Cantora chegou a um ponto em que ela não podia mais deixar de fazer uma apresentação pública, foi o tio Puffs quem lançou o boato de que ela sofrera um terrível acidente de carro que a desfigurara; foi o major (reformado) Latif quem imaginou seu famoso chadar de seda branca, a cortina ou véu, bordado com brocados de ouro e adornado com caligrafia religiosa; Jamila ficava sentada atrás dele, pudicamente, sempre que se apresentava em público. O chadar de Jamila Cantora era sustentado por duas figuras infatigáveis e musculosas, também recobertas dos pés à cabeça por um véu, ainda que mais simples. A explicação oficial era de que se tratava de damas de companhia, porém era impossível determinar-lhes o sexo, cobertas como estavam por burqas. E, no centro do chadar, o major abria um buraco. Diâmetro: sete centímetros e meio. Circunferência: bordada com o melhor fio de ouro. Foi assim que a história de nossa família mais uma vez tornou-se o destino de uma nação, pois quando Jamila começou a cantar, com os lábios junto à abertura bordada, o Paquistão se apaixonou por uma moça de quinze anos que nunca entrevia senão através de um lençol branco e dourado com um buraco.

O boato do acidente apôs o selo final em sua popularidade; seus recitais deixavam à cunha o teatro Bambino, em Karachi, e lotavam o Shalimar-bagh em Lahore; seus discos constantemente lideravam as paradas de sucesso. À medida que ela se tornava uma propriedade pública, o “Anjo do Paquistão”, “A Voz da Nação”, o “Bulbul-e-Din” ou rouxinol da fé, e começava a receber mil e uma sérias propostas de casamento por semana, ao tornar-se a filha favorita do país e levar uma vida que ameaçava destroná-la de seu próprio lugar em nossa família, sucumbiu aos vírus gêmeos da fama. O primeiro deles tornou-a vítima de sua própria imagem pública, pois o boato do acidente a obrigava a usar continuamente um burqa branco e dourado, até mesmo na escola de minha tia Alia, que ela continuou a freqüentar; por outro lado, o segundo vírus sujeitou-a aos exageros e simplificações da personalidade que constituem os inevitáveis efeitos colaterais do estrelato, de modo que a cega e cegante devoção, bem como o nacionalismo maniqueísta que já havia começado a despontar nela, agora começaram a dominar-lhe a personalidade, excluindo quase tudo mais. A publicidade aprisionou-a numa tenda dourada; e, por ser a nova filha-da-nação, seu caráter começou a dever mais aos aspectos de maior estridência do temperamento nacional que ao mundo infantil de seus anos de Macaca.

A voz da Jamila Cantora estava constantemente na Rádio Voz do Paquistão, de modo que nas aldeias da parte ocidental e da oriental ela veio a ser vista como um ser sobrenatural, incapaz de cansar-se, um anjo que cantava para sua gente dia e noite; enquanto isso, Ahmed Sinai, cujos últimos escrúpulos com relação à carreira da filha tinham sido mais que aquietados pelos enormes rendimentos dela (embora tivesse sido antes um homem de Délhi, Ahmed era agora um verdadeiro muçulmano de Bombaim, que punha as questões de dinheiro acima de tudo mais), deu para dizer à minha irmã: — Está vendo, filha? Decência, pureza, arte e tino para os negócios podem terminar sendo a mesma coisa; seu velho pai teve cabeça para descobrir isso. — Jamila sorria com doçura e assentia...

Estava deixando de ser a menina levada e magricela, tornando-se uma beldade esguia, de olhos oblíquos e pele dourada, sobre cujos cabelos ela já quase podia sentar-se; até seu nariz parecia belo. — Em minha filha — disse Ahmed Sinai orgulhosamente a Tio Puffs — foram os traços nobres de minha família que prevaleceram. — Tio Puffs dirigiu um olhar intrigado e sem graça na minha direção e pigarreou. — Uma moça de grande beleza, meu senhor — disse a papai. — Uma sensação, sem dúvida.

O trovão dos aplausos nunca estava longe dos ouvidos de minha irmã. Em seu primeiro recital, no Bambino, hoje lendário, sentamo-nos em cadeiras oferecidas por Tio Puffs (— Grande! São os melhores lugares do teatro!), ao lado de suas sete Puffias, todas de véu... Tio Puffs cutucou-me as costelas. — Ei, rapaz... escolha! Diga a que quer! Lembre-se do dote! — disse, enquanto eu corava e olhava fixamente para o palco. Os gritos da platéia às vezes encobriam a voz de Jamila; e depois do espetáculo fomos encontrá-la nos bastidores afogando-se num mar de flores, e tivemos de abrir caminho pelo florescente jardim canforado do amor nacional, descobrindo que ela estava quase a desmaiar, não de cansaço, mas por causa do intensamente doce perfume de adoração com que os ramalhetes tinham enchido o camarim. Também eu sentia a cabeça começando a girar; por fim tio Puffs começou a arremessar flores, às braçadas, por uma janela aberta, que eram colhidas por uma multidão de admiradores, enquanto ele bradava: — Flores são uma grande coisa, mas até uma heroína nacional precisa de ar!

Houve aplausos também na noite em que Jamila Cantora (com a família) foi convidada a cantar, no palácio presidencial, para o comandante de pimenteiros. Sem levar em consideração as notas em revistas estrangeiras a respeito de estelionatos e contas em bancos suíços, esfregamo-nos até brilhar; uma família que fabrica toalhas tem obrigação de apresentar-se imaculadamente limpa. Tio Puffs deu aos dentes de ouro um polimento extra; e num salão dominado por retratos enguirlandados de Muhammad Ali Jinnah, o fundador do Paquistão, o Quaid-i-Azam, e de

seu assassinado amigo e sucessor Liaquat Ali, ergueu-se um pano furado e minha irmã cantou. A voz de Jamila calou-se por fim; a voz de alamares dourados seguiu-se a seu canto de bordas de brocado. — Jamila, filha — ouvimos —, sua voz será uma espada da pureza; será uma arma com que depuraremos as almas dos homens. — O presidente Ayub era, segundo ele próprio dizia, um simples soldado; no entanto, instilou em minha irmã as virtudes simples e marciais da fé nos líderes e da confiança em Deus. E ela: — A vontade do presidente é a voz de meu coração. — Através de um buraco num lençol furado, Jamila Cantora dedicou-se ao patriotismo; e no diwan-i-khas, o salão dessa audição particular, ressoaram os aplausos, agora polidos; não o alarido da platéia do Bambino, mas a arregimentada aprovação dos distintivos e dragonas, e as palmas deliciadas de pais chorosos. — Ora essa! — sussurrou tio Puffs. — Grande, grande, hein?

O que eu podia cheirar, Jamila sabia cantar. Verdade, beleza, felicidade, dor: cada sensação tinha sua fragrância separada, que meu nariz era capaz de distinguir; cada sensação, nas apresentações de Jamila, encontrava sua expressão ideal. Meu nariz, sua voz: eram dons exatamente complementares; mas estavam se afastando um do outro. Enquanto Jamila cantava melodias patrióticas, meu nariz preferia deter-se nos cheiros mais desagradáveis que o invadiam: a amargura de tia Alia, o duro e imutável fedor das mentes estreitas de meus colegas de escola; de modo que, enquanto ela ascendia às nuvens, eu chafurdava na sarjeta.

Voltando os olhos para trás, porém, julgo que eu já sentia amor por ela antes que me dissessem... Existe alguma prova do indizível amor de Salim pela irmã? Existe. Jamila Cantora tinha em comum com a desaparecida Macaca de Cobre uma paixão; adorava pão. Chapatis, parathas, tanduri nans? Sim, mas... Muito bem: preferia fermento? Sim. Minha irmã — apesar do patriotismo — estava sempre atrás de pão fermentado. E, em toda Karachi, qual era a única fonte de pães fermentados de boa qualidade? Não era uma padaria. O melhor pão da cidade era entregue através de uma portinhola numa parede lisa, toda manhã de quinta-feira,

pelas irmãs da enclausurada ordem de Santa Inácia. Toda semana, eu trazia para minha irmã, na lambreta, os quentes pães frescos das freiras. Apesar de longas filas serpenteantes, desdenhando o odor quente, de condimentos e excrementos das ruelas em torno do convento, desprezando todas as minhas demais obrigações, eu buscava o pão. Não havia em meu coração laivo algum de crítica; nem uma única vez indaguei de minha irmã se essa última relíquia de seu antigo namoro com o cristianismo não poderia ir de encontro a seu novo papel de Bulbul da Fé...

Será possível determinar as origens do amor antinatural? Terá Salim, que ansiara por um lugar no centro da História, se estupidificado com o que via, na irmã, de suas próprias esperanças de vida? Terá o muito mutilado, não mais Catarrento, membro tão eliminado da Conferência dos Filhos da Meia-Noite quanto a apunhalada mendiga Sundari, se apaixonado pela nova inteireza da irmã? Tendo sido, no passado, Mubarak, o Abençoado, adorava eu em minha irmã a realização de meus sonhos mais privados?... Direi apenas que não tomara conhecimento do que me havia acontecido até que, com uma lambreta entre as coxas de dezesseis anos, comecei a seguir os rastros de prostitutas.

Enquanto Alia fumegava; durante os primeiros tempos das toalhas Amina; em meio à apoteose de Jamila Cantora; quando uma casa de desníveis, que se erguia ante a ordem de um cordão umbilical, ainda estava longe de completa; ao tempo do tardio florescimento do amor de meus pais; cercado pelas certezas um tanto estéreis da terra dos puros, Salim Sinai reconciliou-se consigo mesmo. Não direi que não sentisse tristeza; recusando-me a censurar meu passado, admito que ele se mostrasse tão taciturno, com freqüência tão individualista, decerto tão implicante quanto a maioria dos adolescentes de sua idade. Seus sonhos, a que não tinham acesso os filhos da meia-noite, encheram-se de nostalgia até a náusea, de modo que muitas vezes ele acordava amordaçado pelo intenso almíscar do arrependimento que lhe dominava os sentidos; havia pesadelos com números que passavam, um, dois, três, e com um par de

joelhos preêenseis, retesados e sufocadores... Mas havia um novo dom, e uma lambreta, e também (embora ainda inconsciente) um humilde e submisso amor pela irmã... Empurrando os olhos de meu narrador para longe do passado descrito, insisto em que Salim, então como agora, logrou desviar sua atenção para o futuro ainda indescrito. Escapando, sempre que possível, de uma residência na qual as acres emanções da inveja de minha tia tornavam a vida insuportável, e também de um colégio cheio de outros aromas igualmente detestáveis, eu montava meu corcel motorizado e explorava as avenidas olfativas de minha nova cidade. E, depois que tivemos notícia da morte de meu avô em Caxemira, cresceu ainda mais em mim a resolução de afogar meu passado no denso e borbulhante cheiro do presente... Ah, entontecedores dias antes da categorização! Sem forma, antes que eu começasse a moldá-las, as fragrâncias vazavam para dentro de mim: as lúgubres e putrescentes exalações de fezes humanas nos jardins do museu da Frere Road, os pustulosos odores corporais de rapazes de pijamas largos e de mãos dadas nas noites de Sadar, a pungência cortante de bétele expectorado, a mescla agridoce de bétele e ópio: “foguetes” eram cheirados nos becos cheios de ambulantes entre a Elphinstone Street e a Victoria Road. Cheiros de camelos, de carroças, a irritação vespertina de descargas de jinriquixás a motor, o aroma de cigarros contrabandeados e do dinheiro “frio”, os eflúvios competitivos dos motoristas de ônibus da cidade e o suor simples de seus passageiros, apertados como sardinhas em lata. (Um motorista de ônibus, naquele tempo, ficou tão furioso por ser ultrapassado por seu rival, de outra empresa — o odor nauseante da derrota lhe extravasava das glândulas —, que levou seu ônibus até a casa do adversário de noite, buzinou até o coitado aparecer, e passou com as rodas por cima dele, fedendo de vingança como minha tia.) As mesquitas entornavam sobre mim o fartum da devoção; eu farejava as bombásticas emissões de poder lançadas por embandeiradas viaturas do exército; nos próprios cartazes dos cinemas, eu discernia os baratos perfumes de mau gosto dos *westerns spaghetti* importados e dos mais violentos filmes de artes marciais

já produzidos. Durante algum tempo, fui como uma pessoa drogada, com a cabeça girando sob as complexidades do cheiro; mas então meu esmagador desejo de forma se afirmou, e eu sobrevivi.

As relações entre a Índia e o Paquistão deterioravam-se; as fronteiras estavam fechadas, de modo que não pudemos viajar a Agra, para o luto de meu avô; a emigração da Reverenda Mãe para o Paquistão também foi um pouco protelada. Entrementes, Salim avançava no sentido da formulação de uma teoria geral do olfato: haviam começado os procedimentos classificatórios. Eu encarava essa atitude científica como minha homenagem pessoal ao espírito de meu avô... Para começar, aprimorava minha aptidão de distinguir odores, até ser capaz de discernir as infinitas variedades de bétele e (de olhos fechados) as doze marcas diferentes de refrigerantes gasosos existentes no mercado. (Muito antes que o comentarista americano Herbert Feldman viesse a Karachi deplorar a existência de uma dúzia de bebidas gaseificadas numa cidade onde só havia três fornecedores de leite engarrafado, eu sabia, com os olhos vendados, distinguir Pakola de Hoffman's Mission, Citra Cola de Fanta. Feldman viu essas bebidas como uma manifestação do imperialismo capitalista; eu, determinando pelo olfato o que era Canada Dry e o que era Seven-Up, separando infalivelmente Pepsi de Coca, estava mais interessado em passar naquele sutil exame olfativo. Double Kola e Koka Kola, Perri Cola e Bubble Up eram também cegamente identificadas e nomeadas.) Só quando tive certeza de meu domínio sobre os cheiros físicos passei para aqueles outros aromas que só eu podia sentir: os perfumes das emoções e de todos os mil e um impulsos que nos tornam humanos: amor e morte, ganância e humildade, propriedade e necessidade eram rotulados e postos em compartimentos em minha mente.

Primeiras tentativas de ordenação: tentei classificar os cheiros pela cor — roupa de baixo posta a ferver e a tinta de impressão do *Daily Jang* partilhavam um atributo de azulidade, enquanto teca antiga e peidos recentes eram castanho-escuros. Veículos a motor e cemitérios eram por

mim classificados, conjuntamente, como cinzentos... Havia, também, classificação por peso: cheiros peso-mosca (papel), odores peso-galo (corpos recém-banhados, grama), pesos meio-médios (suor, rainha-da-noite). Shahi-korma e óleo de bicicleta eram peso-pesados ligeiros em meu sistema, ao passo que a cólera, o patchuli, a traição e o excremento encontravam-se entre os fedores peso-pesados do mundo. E eu tinha ainda um sistema geométrico: a redondeza da alegria e a angularidade da ambição; eu conhecia cheiros elípticos, assim como ovais e quadrados... Lexicógrafo do nariz, eu percorria a Bunder Road e a SOCIEDADE DE COOPERATIVA HABITACIONAL DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS; lepidopterologista, capturava olores na rede de meus pêlos nasais como se fossem borboletas. Ah, viagens maravilhosas antes do nascimento da filosofia!... Pois logo descobri que, para ter algum valor, meu trabalho deveria adquirir uma dimensão moral; que as únicas divisões importantes eram as gradações, de infinita sutileza, dos cheiros benéficos aos malignos. Havendo compreendido a natureza crucial da moralidade, tendo descoberto que os cheiros podiam ser sagrados ou profanos, inventei, no isolamento de minhas jornadas de lambreta, a ciência da ética nasal.

Sagrados: véus purdah, carne halal, minaretes de muezins, tapetes de oração; profanos: discos ocidentais, carne de porco, álcool. Entendo agora por que os mulas (sagrados) recusavam-se a entrar em aviões (profanos) na noite anterior a Id-ul-Fitr, nem sequer se dispendo a entrar em veículos cujo odor secreto era a antítese da santidade, para terem certeza de que veriam a lua nova. Aprendi a incompatibilidade olfativa entre o Islam e o socialismo, bem como a inalienável oposição existente entre a loção de barba dos membros do Sin Club e a catanga de miséria dos mendigos que dormiam na rua, nas portas do clube... Cada vez mais, porém, eu me convencia de uma feia verdade — a de que o sagrado ou o benéfico encerravam para mim pouco interesse, mesmo quando tais aromas circundavam minha irmã enquanto ela cantava, ao passo que a pungência da sarjeta parecia exercer uma atração de irresistível fatalidade. Além disso,

eu tinha dezesseis anos; havia coisas que se agitavam debaixo de meu cinto, atrás de minhas calças de brim; e nenhuma cidade que tranque as mulheres carece de prostitutas. Enquanto Jamila cantava a piedade e o amor patriótico, eu explorava a profanidade e a lascívia. (Tinha dinheiro para gastar; papai se tornara generoso, além de terno.)

No Mausoléu de Jinnah, eternamente inacabado, eu pegava as mulheres da rua. Outros rapazes iam ali a fim de seduzir moças americanas, levando-as para quartos de hotel ou piscinas; eu preferia manter minha independência e pagar. E por fim farejei a meretriz das meretrizes, cujos dons eram um espelho para os meus. Chamava-se Tai Bibi, e afirmava ter quinhentos e doze anos.

Mas seu cheiro! O rastro mais intenso que ele, Salim, já seguira: sentia-se enfeitiçado por alguma coisa que havia nele, algum ar de histórica majestade... Viu-se dizendo à desdentada criatura: — Não me importo com sua idade. O importante é o cheiro.

(— Meu Deus — interrompe Padma. — Uma coisas dessas... como era capaz?)

Embora ela jamais tivesse aludido a qualquer ligação com um barqueiro caxemirense, seu nome exercia a mais forte das atrações; ainda que ela pudesse estar brincando com Salim ao dizer: — Menino, eu tenho quinhentos e doze anos —, o senso de história dele foi, não obstante, estimulado. Pensem de mim o que quiserem; passei uma tarde quente e úmida num quarto de uma casa de cômodos onde havia um colchão infestado de pulgas, uma lâmpada à mostra e a prostituta mais velha do mundo.

O que, em última análise, tornava Tai Bibi irresistível? Que dom de controle possuía ela que punha no chinelo as demais prostitutas? O que enlouquecia as recém-sensibilizadas narinas de Salim? Padma: minha idosa prostituta possuía um domínio tão total sobre suas glândulas que era capaz de alterar seus odores corporais de maneira a igualar os de qualquer pessoa do mundo. As glândulas endócrinas e exócrinas obedeciam às

instruções de seu desejo antiquado. E embora ela dissesse: — Não espere que eu faça isso de pé; você não teria o suficiente com que pagar —, seus dons de perfume eram superiores ao que ele era capaz de suportar.

(... — Puxa. — Padma tapa os ouvidos. — Meu Deus, que homem imundo. Nunca imaginei!...)

Assim, ali estava ele, esse excêntrico e horrendo jovem, com uma velha marafona que disse: — Não vou ficar de pé. Meus calos... —, e então notou que a referência a calos pareceu excitá-lo; murmurando o segredo de sua facilidade sudorípara, ela lhe perguntou se gostaria que ela imitasse o cheiro de alguém, quem quer que fosse, ele poderia descrever e ela poderia tentar, e através de tentativas e erros chegariam a... E a princípio ele se esquivou, não, não, não, mas ela insistiu com sua voz de papel amassado, até que, porque ele estava sozinho, fora do mundo e fora de todo o tempo, sozinho com aquela inacreditável megera mitológica, ele começou a descrever odores com toda a perspicácia de seu nariz miraculoso, e Tai Bibi começou a imitar-lhe as descrições, deixando-o pasmo enquanto ela, mediante tentativas e erros, lograva reproduzir os cheiros corporais de sua mãe, suas tias, aho! gosta mesmo disso, não é, pequeno sahibzada, vamos lá, espiche o nariz o quanto puder, você é mesmo um sujeito engraçado... Até que de repente, por acidente, foi, juro que não a fiz reproduzi-lo, de repente, durante as tentativas e erros, a mais inexprimível fragrância do mundo exala-se do velho corpo coriáceo, gretado e rugoso, e agora ele não pode ocultar o que ela vê, aho!, pequeno sahibzada, em que foi que acertei agora, não precisa dizer quem é ela, mas digo com certeza que essa é mesmo a tal.

E Salim: — Cale a boca, cale... — Mas Tai Bibi, com a inexorabilidade de sua gretada antiguidade, insiste: — Aho, é claro, sua namorada, pequeno sahibzada... Quem? Será uma prima? Sua *irmã*... — A mão de Salim está a se fechar; sua mão direita, apesar do dedo mutilado, imagina violência... E Tai Bibi: — Meu Deus, isso mesmo! Sua irmã! O que está esperando, bata em mim, você não pode esconder isso que está plantado aí

no meio de sua testa!... — E Salim juntando as roupas se metendo em calças Cale-se megera enquanto ela Isso vá vá, mas se não me pagar eu, eu, sabe o quê Eu não Vai sim, e agora rupias voam pelo quarto, caem sobre em torno da cortesã de quinhentos e doze anos, Pegue pegue mas cale a boca medonha, enquanto ela Cuidado meu príncipezinho você também não é nenhuma beleza, vestido agora e saindo correndo do cortiço, lambreta esperando mas moleques urinaram no selim, ele se afasta dali o mais depressa que pode, mas a verdade vai junto com ele, e agora Tai Bibi debruça-se na janela e grita — Ei, bhaenchud! Ei, menino que dorme com a irmã, por que está fugindo? A verdade é a verdade é a verdade...!

Poderão legitimamente perguntar: Mas foi assim mesmo... E é claro que ela não podia ter quinhentos e... mas eu jurei que confessaria tudo, e insisto em que soube do irrepetível segredo de meu amor por Jamila Cantora da boca e das glândulas odoríferas daquela excepcionalíssima meretriz.

— Nossa senhora Braganza tem razão — censura-me Padma. — Diz que tudo que existe na cabeça dos homens é sujeira. — Não lhe dou atenção. No devido tempo, tratarei da sra. Braganza, e de sua irmã, a sra. Fernandes; por ora, a última terá de contentar-se com as contas da fábrica, enquanto a primeira cuida de meu filho. E enquanto isso, para recapturar a enlevada atenção de minha revoltada Padma, narro um conto de fadas.

\* \* \*

Era uma vez, no principado de Kif, que fica muito longe no Norte, um príncipe que tinha duas lindas filhas, um filho de feições igualmente notáveis, um carro Rolls-Royce novinho em folha e excelentes contatos políticos. Esse príncipe, ou Nawab, acreditava ardorosamente no progresso, razão pela qual providenciou o noivado de sua filha mais velha com o filho do próspero e conhecido general Zulfikar; para a filha mais nova, nutria esperanças de um enlace com o filho do próprio presidente. Quanto a seu automóvel, o primeiro que já fora visto em seu vale orlado de montanhas, ele o amava quase tanto quanto aos filhos; afligia-lhe o fato de que seus

súditos, que se haviam habituado a usar as estradas de Kif para contatos sociais, brigar e praticar o jogo da escarradeira, se recusassem a sair do caminho. Proclamou um edito, no qual explicava que o carro representava o futuro, e devia ter direito de passagem; as pessoas não deram atenção ao edito, muito embora estivesse afixado nas fachadas e nas paredes das lojas e até, segundo se diz, nos lombos das vacas. O segundo edito foi mais peremptório: ordenava que os cidadãos saíssem das estradas quando ouvissem a buzina do carro; os kifis, porém, continuaram a fumar, cuspir e discutir nas ruas. O terceiro edito, este decorado com um desenho sanguinolento, declarava que doravante o carro atropelaria quem quer que deixasse de obedecer-lhe a buzina. Os kifis acrescentaram desenhos novos, mais escandalosos, ao que havia no cartaz; e então o Nawab, que era homem bondoso, mas não de paciência infinita, fez realmente o que ameaçara fazer. Quando a famosa cantora Jamila chegou com a família e o empresário para cantar na festa de noivado do primo, o carro a conduziu sem problemas, da fronteira até o palácio. E o Nawab disse com orgulho: — Não houve problemas, o carro agora é respeitado. Aconteceu o progresso.

Mutasim, o filho de Nawab, que viajara pelo exterior e trazia os cabelos de acordo com o chamado “corte Beatle”, era motivo de preocupação para o pai; isto porque, embora fosse tão belo que sempre que viajava por Kif moças com jóias de prata no nariz desfaleciam diante da beleza daquele mancebo, ele parecia não demonstrar interesse por essas coisas, satisfazendo-se com seus cavalos de pólo e a guitarra em que executava estranhas canções ocidentais. Usava blusões safári em que notas musicais e sinais de trânsito estrangeiros se juntavam a corpos seminus e moças de pele rosada. No entanto, quando Jamila Cantora, oculta dentro de um burqa de brocado de ouro, chegou a seu palácio, Mutasim, o Belo (que, em virtude de suas viagens pelo exterior, jamais escutara os boatos do desfiguramento da moça), ficou obcecado com a idéia de ver-lhe o rosto; e

caiu perdidamente de amores pelos vislumbres de seus olhos modestos, que via através do lençol furado.

Naquele tempo, o presidente do Paquistão decretara uma eleição; deveria ela ocorrer um dia depois da cerimônia de noivado, sob uma forma de sufrágio denominada Democracia Básica. Os cem milhões de habitantes do Paquistão tinham sido divididos em cento e vinte mil partes aproximadamente iguais, e cada uma dessas partes era representada por um Democrata Básico. O colégio eleitoral de cento e vinte mil “D. Bs” haveria de eleger o presidente. Em Kif, os quatrocentos e vinte Democratas Básicos compreendiam mulas, varredores de ruas, o motorista do Nawab, inúmeros homens que cultivavam haxixe como meeiros na propriedade do Nawab, e outros cidadãos leais; o Nawab convidara todos eles à cerimônia de henação de sua filha. Entretanto, fora também obrigado a convidar dois verdadeiros biltres, candidatos à reeleição pelo Partido de Oposição Combinada. Esses biltres discutiam continuamente entre si, porém o Nawab foi cortês e hospitaleiro. — Esta noite sois amigos benquistos — disse-lhes —, e amanhã é outro dia. — Os biltres comeram e beberam como se nunca antes tivessem visto comida, porém todos — até Mutasim, o Belo, cuja paciência era mais curta que a do pai — foram instruídos para tratá-los bem.

O Partido de Oposição Combinada, isso não é surpresa para ninguém, era uma súcia de canalhas e velhacos de primeira linha, só unidos pela determinação de derrubar o presidente e restaurar os maus tempos em que civis, e não militares, enchiam os bolsos com os recursos do erário público; no entanto, por algum motivo, haviam conseguido uma pessoa notável para chefiá-los. Tratava-se da senhora Fátima Jinnah, irmã do fundador da nação, mulher de tamanha antiguidade ressequida que o Nawab a supunha morta havia muito tempo e empalhada por um hábil taxidermista — idéia também abraçada por seu filho, que assistira a um filme intitulado *El Cid*, no qual um homem conduzia um exército em batalha... Mas, fosse como fosse, lá estava ela, incitada a participar da campanha eleitoral pelo

fato de não haver o presidente completado o revestimento de mármore do mausoléu do irmão dela; uma inimiga formidável, acima de calúnias e suspeitas. Dizia-se até que sua oposição ao presidente abalara a confiança que o povo tinha nele — não era ele, afinal, a reencarnação dos grandes heróis islâmicos de outrora? De Muhammad bin Sam Ghuri, de Iltutmish e dos mogóis? Até mesmo em Kif, o Nawad observara volantes do POC colados em locais curiosos; alguém tivera mesmo o topete de afixar um deles no porta-malas do Rolls. — Maus tempos — disse o Nawad ao filho. E Mutasim respondeu: — É nisso que dá essa história de eleição. Limpadores de latrinas e alfaiatezinhos precisam votar para eleger um governante?

Contudo, aquele dia era de felicidade; nas câmaras da zenana, mulheres ornamentavam as mãos e os pés da filha do Nawad com delicados desenhos a hena; logo chegariam o general Zulfikar e seu filho Zafar. Os governantes de Kif deixaram a eleição de lado, recusando-se a pensar na decadente figura de Fátima Jinnah, a *mader-i-millat*, ou mãe da nação, que tão impensadamente resolvera confundir a opção de seus filhos.

Nos aposentos da comitiva de Jamila Cantora, a felicidade também reinava. Seu pai, um fabricante de toalhas que, aparentemente, não conseguia largar a mão da mulher, exclamou: — Estão vendo? De quem é filha a moça que cantará aqui? Será uma moça Harun? Uma mulher Valika? Por acaso é uma menina Dawud ou Saigol? Uma ova! — ... No entanto, seu filho Salim, moço desafortunado cujo rosto lembrava uma caricatura, parecia acometido de séria enfermidade, talvez constrangido por sua presença no palco de tão grandes acontecimentos históricos; lançava olhares na direção de sua talentosa irmã e havia em seus olhos algo semelhante a vergonha.

Naquela tarde, Mutasim, o Belo, chamou Salim, o irmão de Jamila, de lado e esforçou-se por travarem amizade; mostrou a Salim os pavões importados do Rajastão antes da Partilha e a preciosa coleção de livros de magia do Nawab, dos quais ele extraía talismãs e encantamentos que o

ajudassem a governar com sagacidade; e enquanto acompanhava Salim pelo campo de pólo, Mutasim (que não era o mais inteligente ou cauteloso dos moços) confessou que escrevera um encantamento amoroso num pedaço de pergaminho, na esperança de comprimi-lo contra a mão da famosa Jamila Cantora e fazê-la apaixonar-se. Nesse ponto Salim ganhou o aspecto de cão feroz e tentou afastar-se; no entanto, Mutasim suplicou que ele lhe dissesse qual era a verdadeira aparência de Jamila Cantora. Salim, porém, manteve silêncio; por fim, tomado por delirante obsessão, Mutasim pediu que fosse levado perto o bastante de Jamila para apertar contra sua mão seu encantamento. Foi então que Salim, cuja expressão ardilosa passou despercebida ao enamorado Mutasim, disse: — Dê-me o pergaminho. — E Mutasim, que embora conhecedor profundo da geografia das cidades européias era inocente com relação a magias, passou seu encantamento a Salim, julgando que o talismã ainda atuaria em seu favor mesmo que aplicado por outra pessoa.

O anoitecer caía sobre o palácio; o comboio de carros que traziam o general e a begum Zulfikar, o filho Zafar e seus amigos já se avizinhava também. Agora, porém, o vento mudou, e pôs-se a soprar do norte: era um vento frio, mas também inebriante, pois situavam-se no norte de Kif as melhores plantações de haxixe do principado, e naquela época do ano as plantas femininas estavam amadurecidas e no cio. O perfume da ébria luxúria das plantas inundava o ar, e todos que o respiraram ficaram em certa medida narcotizados. A inane beatitude das plantas afetou os motoristas do comboio, e só chegaram ao palácio graças a enorme sorte, depois de haverem derrubado várias bancas de barbeiro na rua e invadido ao menos uma casa de chá, deixando os kifis cismados: as novas carruagens sem cavalos, depois de lhes roubarem as ruas, iriam agora destruir-lhes também as casas?

O vento do norte penetrou no enorme e sensibilíssimo nariz de Salim, o irmão de Jamila, tornando-o tão sonolento que ele adormeceu em seu quarto; e com isso perdeu os episódios de uma tarde na qual, soube depois,

o vento haxílico alterara o comportamento dos convidados à cerimônia de noivado, levando-os a rir convulsivamente e a mirarem-se provocativamente com as pálpebras pesadas; generais cobertos de alamares esparramavam-se em cadeiras douradas e sonhavam com o paraíso. A cerimônia de mehndi aconteceu em meio a um tão profundo júbilo sonolento que ninguém notou quando o noivo relaxou tão completamente que molhou as calças; e até os biltres rixentos do POC deram-se as mãos e cantaram uma canção popular. E quando Mutasim, o Belo, possuído pela lascívia das plantas de haxixe, tentou mergulhar através do grande pano branco e dourado com um furo, o major Aladim Latif o deteve com beatífico bom humor, impedindo-o de ver o rosto de Jamila Cantora sem sequer lhe arrancar sangue do nariz. A noite terminou quando todos os convidados adormeceram em suas mesas; mas Jamila foi conduzida a seus aposentos por um sorridente e sonolento Latif.

À meia-noite, Salim acordou e percebeu que ainda trazia o pergaminho mágico de Mutasim, o Belo, agarrado na mão direita; e como o vento do norte ainda soprava suavemente em seu quarto, decidiu ir sorrateiramente, de chappals e roupa de dormir, pelos corredores escurecidos do maravilhoso palácio, passando por todos os destroços acumulados de um mundo em decadência, armaduras enferrujadas e tapeçarias antigas que proporcionavam séculos de alimentação para o bilhão de traças do palácio, trutas gigantescas que nadavam em mares de vidro e uma profusão de troféus de caça, entre os quais um deslustrado titi dourado num plinto de teca, que comemorava o dia em que o Nawab, mais moço, na companhia de lord Curzon e seu grupo, havia espingardeado 11111 titis num só dia; passou, furtivo, pelas estátuas de aves mortas e entrou nos aposentos da zenana, onde dormiam as mulheres do palácio; então, farejando o ar, escolheu uma porta, virou a maçaneta e entrou.

Havia na câmara uma cama colossal, com um mosqueiro iluminado pela luz incolor de uma enlouquecedora lua de meia-noite. Salim encaminhou-se para ela e logo se deteve, pois vira, na janela, o vulto de um

homem que tentava invadir o aposento. Mutasim, o Belo, a quem a paixão e o vento atordoante tornavam despudorado, decidira contemplar o rosto de Jamila a qualquer custo... E Salim, invisível nas sombras da câmara, bradou: — Mãos ao alto! Ou atiro! — Salim blefava; mas Mutasim, cujas mãos estavam no caixilho da janela, sustentando todo o seu peso, não sabia disso, e ficou num impasse: continuaria pendurado, para ser morto, ou se soltaria, caindo de grande altura? Tentou argumentar: — Tampouco você deveria estar aqui — disse. — Contarei a Amina begum. — Havia reconhecido a voz de seu opressor; mas Salim o fez ver a debilidade de sua posição, e Mutasim suplicou: — Está certo, mas não atire — e teve permissão de descer pelo mesmo caminho por que subira. Depois desse dia, Mutasim convenceu o pai a fazer uma proposta formal de casamento aos pais de Jamila; no entanto, ela, que nascera e crescera sem amor, conservava seu velho ódio a todos quanto professavam amá-la, e rejeitou-o. Mutasim deixou Kif e foi a Karachi, porém ela se recusava a dar ouvidos às suas propostas importunas; por fim, ele se alistou no exército e tornou-se um mártir na guerra de 1965.

A tragédia de Mutasim, o Belo, porém, não passa de uma trama secundária em nossa história; pois agora Salim e sua irmã estavam a sós, e ela, despertada pelo diálogo entre os dois jovens, perguntou: — Salim? O que está acontecendo?

Salim aproximou-se do leito da irmã; sua mão buscou a dela; e um pergaminho foi apertado contra a pele. Só então Salim, a quem a lua e a brisa empapada de luxúria afrouxaram a língua, deixou de lado todas as idéias de pureza e confessou seu próprio amor à boquiaberta irmã.

Seguiu-se um silêncio, ao fim do qual ela bradou: — Ah, não, como você pode... — No entanto, a magia do pergaminho travava batalha com a força de seu ódio ao amor, de modo que, embora o corpo da moça se fizesse rígido e teso como o de um lutador, ela o ouviu explicar que não havia pecado algum, ele refletira sobre tudo, e afinal de contas não eram verdadeiramente irmão e irmã; o sangue que corria em suas veias não era o

mesmo sangue dela; na brisa daquela noite insana, ele tentou desfazer todos os laços que nem mesmo a confissão de Mary Pereira tinham logrado desatar. No entanto, ainda enquanto falava, percebia que suas palavras eram ocas, compreendia que, embora estivesse dizendo a verdade literal, existiam outras verdades que se tinham tornado mais importantes, por estarem santificadas pelo tempo; e, embora não houvesse necessidade de vergonha ou horror, viu ambas as emoções na testa da moça, e, o que era pior, pôde senti-las e cheirá-las em si mesmo. Por isso, ao fim e ao cabo, nem o pergaminho mágico de Mutasim, o Belo, teve força suficiente para unir Salim Sinai e Jamila Cantora; ele deixou o quarto cabisbaixo, seguido pelos cervinos olhos assustados da donzela; e, passado o tempo, os efeitos do amuleto desvaneceram-se de todo e ela soube tirar uma terrível vingança. No instante em que ele saiu do aposento, os corredores do palácio encheram-se inopinadamente dos gritos de uma princesa que acabara de noivar; despertara de um sonho com sua noite de núpcias no qual seu leito conjugal se inundava, repentina e inexplicavelmente, de um rancido líquido amarelo; posteriormente, fez indagações, e, ao saber da verdade profética de seu sonho, resolveu jamais atingir a puberdade enquanto Zafar fosse vivo, de forma a poder permanecer em seu aposento suntuoso e evitar o horror malcheiroso da debilidade do noivo.

Na manhã seguinte, os dois biltres do Partido de Oposição Combinada acordaram em suas próprias camas; mas, depois de se vestirem, abriram a porta do quarto e deram com dois dos mais espadaúdos soldados do Paquistão diante dela, serenamente barrando a saída, de armas embaladas. Os biltres gritaram e espernearam, mas os soldados mantiveram-se naquela posição até as urnas serem fechadas; a seguir, desapareceram sem uma palavra. Os biltres procuraram o Nawab, a quem encontraram em seu bem tratado jardim; agitaram os braços e ergueram a voz; falou-se de contrafação de justiça, adulteração dos ideais democráticos, e também de chicanice; mas o Nawab mostrou-lhes treze novas variedades da rosa de Kif, que ele próprio obtivera por fertilização e enxertos. Continuaram a

rezingar — morte da democracia, tirania autocrática —, até ele sorrir com brandura e dizer: — Meus amigos, ontem minha filha ficou noiva de Zafar Zulfikar; em breve, espero, minha outra filha se casará com o filho de nosso presidente. Pensai, então: que desonra seria para mim, que escândalo se abateria sobre meu nome se um único voto fosse dado em Kif contra meu futuro parente! Amigos, sou um homem que preza a honra. Portanto, permaneçei em minha casa, comi e bebi; só não me peçais o que não posso dar.

*E todos vivemos felizes...* De qualquer forma, mesmo sem a tradicional ficção final dos contos de fadas, minha história com efeito termina em fantasia; porque, depois de os Democratas Básicos cumprirem o seu dever, os jornais — o *Jang*, o *Dawn*, o *Pakistan Times* — anunciaram uma esmagadora vitória da Liga Muçulmana do presidente sobre o Partido de Oposição Combinada da Mader-i-Millat, o que comprovava que fui apenas o mais humilde dos malabaristas de fatos; e que, num país onde a verdade é aquilo que dizem que deve ser, a realidade literalmente deixa de existir, de modo que tudo se torna possível, exceto o que nos dizem ser a verdade; e talvez fosse essa a diferença entre minha infância indiana e minha adolescência paquistanesa — na primeira eu era assediado por uma infinidade de realidades alternativas, ao passo que na segunda eu estava à deriva, desnortado, em meio a um número igualmente infinito de falsidades, irrealidades e mentiras.

Um passarinho murmura em meu ouvido: — Seja justo! Ninguém, nenhum país, possui o monopólio da inverdade! — Aceito o reparo; eu sei, eu sei. E, anos depois, a Viúva veio a saber. E também Jamila: para quem o-que-fora-santificado-como-verdade (pelo Tempo, pelo hábito, pelo pronunciamento de uma avó, por falta de imaginação, pela aquiescência de um pai) mostrou-se mais crível do que aquilo que ela sabia ser a verdade.

# Como Salim alcançou a pureza

O que aguarda narração: a volta do tique-taque. Agora, porém, o tempo está em contagem regressiva na direção de um fim, e não de um nascimento; cabe mencionar também um cansaço, uma fadiga generalizada que é tão profunda que o fim, quando chegar, será a única solução, uma vez que os seres humanos, como as nações e os personagens de ficção, podem simplesmente perder o gás, e então não há outra coisa a fazer senão acabar com eles.

Como foi que caiu um pedaço da lua, e Salim alcançou a pureza... O relógio já foi posto em movimento; e, como todas as contagens regressivas exigem um zero, vou logo dizer que o fim ocorreu a 22 de setembro de 1965; e que o instante exato do zero foi, inevitavelmente, o bater da meia-noite. Entretanto, o velho relógio de armário da casa de minha tia Alia, que marcava a hora com precisão mas sempre batia dois minutos atrasado, não teve tempo de soar.

Minha avó Nasim Aziz chegou ao Paquistão em meados de 1964, deixando para trás uma Índia onde a morte de Nehru precipitara uma feroz luta pelo poder. Morarji Desai, o ministro das Finanças, e Jagjivam Ram, o mais poderoso dos intocáveis, aliaram-se em sua determinação de impedir o surgimento de uma dinastia Nehru; por isso negou-se a liderança a Indira Gandhi. O cargo de primeiro-ministro coube a Lal Bahadur Shastri, outro membro daquela geração de políticos que parecia ter sido posta na salmoura da imortalidade; no caso de Shastri, porém, isso era apenas maya, ilusão. Tanto Nehru quanto Shastri provaram plenamente sua mortalidade; no entanto, restam ainda muitos outros, que

agarram o Tempo com seus dedos mumificados e se recusam a deixá-lo passar... No Paquistão, todavia, os relógios tiquetaqueavam, taquetiqueavam.

A Reverenda Mãe não aprovou ostensivamente a carreira de minha irmã; cheirava demais a estrelato cinematográfico. — Minha família, como que chama — reclamou ela, suspirosa, a Pia Mumani —, é ainda menos controlável que o preço da gasolina. — Em segredo, porém, é possível que ela se impressionasse, pois respeitava poder e posição, e Jamila era agora tão bajulada que freqüentava as mais poderosas e prestigiadas casas do país... Minha avó instalou-se em Rawalpindi; no entanto, numa estranha demonstração de independência, não quis morar na casa do general Zulfikar. Ela e minha tia Pia mudaram-se para um modesto bangalô na parte velha da cidade; e, reunindo suas economias, compraram a concessão para a sonhada bomba de gasolina.

Nasim nunca mencionava Aadam Aziz, nem chorava por ele; era quase como se sentisse alívio: meu ranzinza avô, que na mocidade desprezara o movimento pelo Paquistão, e que com toda probabilidade culpava a Liga Muçulmana pela morte de seu amigo Mian Abdullah, tinha, com sua morte, permitido que ela fosse sozinha para a Terra dos Puros. Virando as costas para o passado, a Reverenda Mãe concentrou-se em gasolina e óleo. A bomba tinha excelente localização, perto do entroncamento da estrada Rawalpindi-Lahore, e ia muito bem. Revezando-se, Pia e Nasim passavam o dia na cabina de vidro da administração, enquanto frentistas abasteciam caminhões do exército e automóveis. Acabaram constituindo uma combinação mágica. Pia atraía fregueses com o farol de uma beleza que obstinadamente recusava-se a esmaecer, enquanto a Reverenda Mãe, que a viuvez transformara numa mulher mais interessada na vida alheia do que na própria, habituou-se a convidar os fregueses da bomba a tomar xícaras de rosado chá de Caxemira em sua cabina envidraçada; eles aceitavam o convite com certo temor, mas quando percebiam que a anciã não estava para enfastiá-los com intermináveis reminiscências, relaxavam, afrouxavam

os colarinhos e as línguas, e a Reverenda Mãe banhava-se no abençoado oblívio das vidas de outras pessoas. A bomba rapidamente tornou-se famosa naquela área, e os motoristas deram para desviar-se de seu caminho para abastecerem ali — com freqüência em dois dias consecutivos, de maneira a poderem tanto regalar os olhos em minha divina tia quanto desabafar seus infortúnios com minha avó, de eterna paciência; ela adquirira as propriedades absorventes de uma esponja, e sempre esperava seus convidados acabarem completamente antes de fazer seus próprios lábios gotejarem algumas gotas de conselhos simples e firmes. Enquanto os carros eram abastecidos de gasolina e lustrados pelos frentistas, minha avó recarregava e lustrava as vidas de seus motoristas. Ficava sentada em seu confessionário envidraçado e resolvia os problemas do mundo; sua própria família, no entanto, parecia ter perdido interesse a seus olhos.

Embigodada, matriarcal, orgulhosa: Nasim Aziz encontrara sua própria maneira de lidar com a tragédia; mas ao encontrá-la tornara-se a primeira vítima daquele espírito de fadiga alienada que transformava o fim na única solução possível. (Tique-taque)... Contudo, para dizer a verdade, ela parecia não ter a menor intenção de seguir o marido ao jardim canforado reservado aos virtuosos; parecia ter mais em comum com os líderes matusalênicos de sua abandonada Índia. Com alarmante rapidez, tornava-se cada vez maior e mais larga, até que chamou construtores para ampliar sua cabina de vidro. — Façam-na grande, bem grande — instruiu-os, com um raro lampejo de humor. — Talvez eu ainda esteja aqui daqui a um século, como quechama, e só Alá sabe o tamanho que terei. Não quero ficar incomodando vocês a cada dez ou doze anos.

Pia Aziz, no entanto, não se satisfazia com gasolina e conversa. Começou uma série de relações com jogadores de críquete e pólo, coronéis e diplomatas, casos fáceis de esconder a uma Reverenda Mãe que se desinteressara das atividades de todo mundo, menos de estranhos; entretanto, esses casos corriam à boca pequena em Rawalpindi, que na verdade não passava de uma cidadezinha. Tia Esmeralda chamou Pia às

falas, e ela respondeu: — Quer que eu passe a vida chorando e me descabelando? Ainda sou jovem; e os jovens devem divertir-se um pouco. — Esmeralda, de lábios apertados: — Mas tenha um pouco de moderação... o nome da família... — Diante disso, Pia encrespou-se: — Tenha moderação você, irmã — disse. — Quanto a mim, estou viva.

Contudo, tenho a impressão de que havia alguma coisa de insincero na segurança de Pia; que também ela sentia sua personalidade exaurindo-se com o passar dos anos; que sua febril fileira de casos era uma última tentativa desesperada de comportar-se “à altura” — da maneira que se esperava de uma mulher de sua natureza. Ela não punha o coração naquilo; alguma coisa dentro dela estava também à espera de um fim... Em minha família, sempre fomos vulneráveis a coisas que caem dos céus, desde que Ahmed Sinai foi esbofeteado pela mão que caiu do bico de um abutre; e raios vindos do céu azul não demorariam mais de um ano.

Depois da notícia da morte de meu avô e da chegada da Reverenda Mãe ao Paquistão, comecei a sonhar repetidamente com Caxemira; embora nunca houvesse caminhado por Shalimar-bagh, fazia-o de noite; eu navegava em shikaras e subia o morro do Sankara Acharya, como fizera meu avô; via raízes de lótus e montanhas que figuravam mandíbulas raiosas. Também isso pode ser visto como um aspecto da alienação que veio a afligir todos nós (exceto Jamila, que tinha Deus e o país para mantê-la animada) — um lembrete do isolamento de minha família tanto em relação à Índia quanto ao Paquistão. Em Rawalpindi, minha avó tomava o rosado chá caxemirense; em Karachi, seu neto banhava-se nas águas de um lago que nunca vira. Não tardaria que o sonho de Caxemira transbordasse para as mentes do resto da população do Paquistão; a ligação com a história recusava-se a me abandonar, e vi meu sonho tornar-se, em 1965, propriedade comum de toda a nação e um fator preponderante no fim iminente, quando toda espécie de coisas caiu dos céus e fui enfim purificado.

Salim não podia cair mais: eu sentia em mim mesmo o fedor de cloaca de minhas iniquidades. Viera para a Terra dos Puros e procurava a companhia de meretrizes; quando deveria estar forjando para mim uma vida nova e íntegra, dei à luz um amor inominável (e também não correspondido). Tomado pelos princípios do imenso fatalismo que viria a me arrebatrar, percorria as ruas da cidade em minha lambreta; Jamila e eu evitávamo-nos tanto quanto possível, incapazes, pela primeira vez em nossas vidas, de dizer uma palavra um ao outro.

A pureza — o ideal supremo!, aquela virtude angélica que dera nome ao Paquistão e que gotejava de cada nota das canções de minha irmã! — parecia remotíssima. Como poderia eu saber que a História — que possui o poder de perdoar os pecadores — estava naquele instante numa contagem regressiva, rumo a um momento em que lograria, de um golpe, purgar-me dos pés à cabeça?

Entrementes, outras forças extenuavam-se; Alia Aziz começara a descarregar sua terrível vingança de solteirona.

Os dias em Guru Mandir: cheiros de bétele, cheiros de cozinha, o langoroso odor da sombra do minarete — a mesquita apontando seu longo dedo; o ódio de minha tia Alia ao homem que a abandonara e à irmã que se casara com ele convertia-se numa coisa visível, tangível, caía sobre o tapete de sua sala como uma enorme lagartixa, cheirando a vômito; no entanto, parecia que eu era a única pessoa capaz de sentir o bafio, pois a capacidade de dissimulação de Alia crescera tão depressa quanto a pilosidade em seu queixo e a eficiência com que, a cada noite, ela, usando emplastos, arrancava o buço pelas raízes.

Não se deve menosprezar a contribuição de minha tia Alia — através de sua escola e seu colégio — para o destino das nações. Havendo permitido que suas frustrações de solteira vazassem para os currículos, para os tijolos e também para os alunos de seus gêmeos estabelecimentos educacionais, ela produzira uma tribo de crianças e jovens adultos que se sentiam possuídos de um antigo espírito vingativo, sem saberem inteiramente por quê. Ah,

onipresente aridez das tias solteiras! A esterilidade azedava a pintura de sua casa; as poltronas de minha tia encarocavam-se com o duro estofamento do amargor; repressões do celibato eram costuradas nas cortinas; tal como muito tempo antes, em roupinhas de criança. A amargura vazava pelas fissuras da terra.

O que dava prazer à minha tia Alia: cozinhar. O que, durante a solitária loucura dos anos, ela elevara ao nível de meio de expressão: impregnar de emoções o alimento. Quem a sobrepujava nesse campo: minha velha ama, Mary Pereira. Quem, hoje em dia, suplantou ambas as cozinheiras do passado: Salim Sinai, oficial-chefe da fábrica de conservas Braganza... Não obstante, enquanto moramos em sua mansão de Guru Mandir, ela nos serviu os birianis da dissensão e os nargisi koftas da discórdia; e, pouco a pouco, até as harmonias do amor outonal de meus pais desafinaram.

Todavia, também há coisas boas a se dizer de minha tia. Em política, ela vociferava contra o governo tipo *é-assim-porque-os-militares-querem*; não tivesse ela um general como cunhado, sua escola e seu colégio bem poderiam lhe ter sido tirados. Eu não gostaria de mostrá-la inteiramente através das lentes escuras de meu desalento particular: ela realizara turnês de palestras na União Soviética e nos Estados Unidos. Além disso, sua comida era boa. (Apesar de seu conteúdo oculto.)

Entretanto, o ar e o alimento naquela casa sombreada pela mesquita começaram a cobrar seu tributo... Sob a influência duplamente perturbadora de seu amor hediondo e da comida de Alia, Salim deu para corar como uma beterraba sempre que sua irmã surgia-lhe nos pensamentos, enquanto Jamila, tomada inconscientemente de um anseio por ar puro e comida não temperada por torpes emoções, começou a passar cada vez menos tempo ali, preferindo viajar para baixo e para cima (nunca indo, porém, ao Paquistão Oriental) a fim de dar seus recitais. Nas ocasiões, que rareavam progressivamente, em que irmão e irmã se viam no mesmo cômodo, davam um salto, assustados, de um centímetro; depois, ao caírem, olhavam furiosos o local sobre o qual tinham saltado, como se de

repente ele se houvesse tornado quente como um forno de pão. Já em outras ocasiões, tinham um comportamento cujo significado seria de óbvia transparência não fosse cada ocupante da casa ter outras coisas em mente. Jamila, por exemplo, passou a usar seu véu branco e dourado dentro de casa, até ter certeza de que o irmão saíra, mesmo quando quase desmaiava de calor; de outra parte, Salim — que continuava, feito escravo, a buscar pão fermentado no convento de Santa Inácia — evitava entregar-lhe os pães pessoalmente, e certa vez pediu à peçonhenta tia que servisse de intermediária. Alia olhou-o, divertida, e perguntou: — O que há com você, rapaz? Não pegou uma doença infecciosa, não é? — Salim enrubesceu intensamente, receando que a tia houvesse adivinhado seus encontros com mulheres pagas; e talvez isso fosse verdade, mas ela estava no encalço de presas maiores.

... Além disso, ele se inclinava a mergulhar em longos silêncios cismarentos, que interrompia para emitir, de repente, uma palavra sem sentido: — Não! — ou — Mas...! — ou até exclamações ainda mais misteriosas: — Pam! — ou — Zás! — Palavras absurdas em meio a silêncios nebulosos: como se Salim estivesse travando um diálogo interior de tanta intensidade que fragmentos dele, ou sua dor, assomassem de vez em quando, indo além de seus lábios. Essa discórdia interior era, sem dúvida, agravada pelos molhos de desassossego que ele era obrigado a ingerir; e no fim, quando Amina ficou reduzida a conversar com invisíveis baús de roupa suja, Ahmed, no desconsolo de sua trombose, só fazia balbuciar e dar risadinhas, e eu carranqueava silenciosamente em minha própria alienação particular, minha tia deve ter ficado contente com a eficácia de sua vingança contra o clã dos Sinai; a menos que também ela tenha sido drenada pela realização de sua tão acalentada ambição; nesse caso, também ela tinha visto esgotarem-se suas possibilidades, e havia sugestivas riquezas em seus passos enquanto caminhava altivamente, pelo hospício que era sua casa, com o queixo coberto de emplastos, enquanto a sobrinha saltava sobre pedaços do assoalho, de súbito calcinantes, o

sobrinho soltava gritos repentinos, o antigo pretendente babava queixo abaixo e Amina saudava os ressurgentes fantasmas de seu passado: — Então, é você de novo. Muito bem, por que não? Parece que nada vai embora de vez.

*Tique-taque...* Em janeiro de 1965, minha mãe Amina descobriu que estava novamente grávida, depois de um intervalo de dezessete anos. Ao ter certeza, deu as alvíssaras à irmã mais velha, Alia, o que proporcionou à minha tia oportunidade de aprimorar sua vingança. Ignora-se o que Alia disse a minha mãe; sobre o que ela adicionou à comida, só podemos conjecturar; no entanto, teve sobre Amina um efeito devastador. Ela foi atormentada por sonhos de um filho monstruoso, que tinha uma couve-flor no lugar do cérebro; foi assediada por espectros de Ramram Seth, e a velha profecia de uma criança com duas cabeças pôs-se a enlouquecê-la de novo. Mamãe tinha quarenta e dois anos; e os temores (naturais e induzidos por Alia) de dar à luz uma criança nessa idade deslustraram a aura fulgente que a cercava desde que cuidara do marido e o conduzira a seu outono de amor; sob a influência dos kormas da vingança de minha tia — condimentados com pressentimentos, tanto quanto com cardamomos —, minha mãe passou a temer a criança. Com o passar dos meses, seus quarenta e dois anos começaram a impor um terrível tributo; o peso de suas quatro décadas crescia a cada dia, esmagando-a sob sua idade. No segundo mês de gestação, seus cabelos embranqueceram. No terceiro, seu rosto murchara como uma manga putrescente. No quarto, ela já era uma velha, enrugada e de pele grossa, atormentada novamente por calos, pela inevitabilidade dos pêlos que lhe brotavam por todo o rosto; parecia novamente amortalhada numa névoa de vergonha, como se a criança fosse um escândalo numa senhora de patente vetustez. À proporção que se formava o filho daqueles dias confusos, aumentava o contraste entre a juventude dele e a idade de minha mãe; foi nesse ponto que ela se derreou numa velha cadeira de vime e passou a receber visitas dos espectros de seu passado. A desintegração de minha mãe foi aterradora em sua

subitaneidade. Ahmed Sinai, que a tudo assistia, impotente, viu-se de súbito descoroçoado, à deriva, desnorteado.

Ainda agora, acho difícil escrever sobre aqueles dias do fim da possibilidade, quando meu pai viu sua fábrica de toalhas desabando em suas mãos. Os efeitos da bruxaria culinária de Alia (que atuava tanto através do estômago, quando ele comia, quanto de seus olhos, quando via sua mulher) tornaram-se então de todo manifestos nele: mostrava-se descuidado na administração da fábrica e irritadiço com sua força de trabalho.

Para resumir a ruína das Toalhas Amina: Ahmed Sinai começou a tratar seus empregados tão peremptoriamente quanto, em Bombaim, maltratara os criados, e procurou inculcar, tanto em mestres tecelões como em ajudantes de empacotamento, as eternas verdades da relação amo-servo. Em conseqüência, os trabalhadores o abandonavam aos magotes, explicando, por exemplo: — Não sou limpador de suas latrinas, sahib; sou um tecelão qualificado de primeira classe —, e de modo geral recusando-se a mostrar a devida gratidão pela benevolência de meu pai ao empregá-los. Nas garras da cólera desorientadora dos almoços embrulhados de minha tia, ele deixou que todos se fossem e contratou uma corja de mandriões impertinentes que surripiavam bobinas de algodão e peças de máquinas, mas se dispunham a fazer rapapés sempre que necessário; e a percentagem de toalhas defeituosas cresceu vertiginosamente, contratos não eram cumpridos, as novas encomendas reduziam-se de modo alarmante. Ahmed Sinai começou a levar para casa montanhas — Himalaias! — de toalhas rejeitadas, uma vez que o armazém da fábrica estava já transbordando com os produtos deficientes de sua má administração; deu para beber outra vez, e ao chegar o verão, em meados daquele ano, a casa de Guru Mandir achava-se mergulhada nas velhas obscenidades de sua batalha contra os gênios, e tínhamos de nos encolher para passar pelos Everests e pelos Nanga-Parbats de toalhas malfeitas que cobriam as paredes dos corredores e da sala.

Havíamos descansado no regaço da cólera de minha gorda tia, longamente fervida a fogo baixo; com a exceção única de Jamila, menos afetada devido a suas longas ausências, todos terminamos com nossos planos inteiramente arruinados. Foi uma época dolorosa e estonteante, na qual o amor de meus pais se desintegrou sob o peso conjunto do novo bebê e dos ressentimentos antigos de minha tia; e paulatinamente a confusão e a ruína transudaram pelas janelas da casa e dominaram os corações e as mentes do país, de modo que a guerra, ao chegar, veio envolta na mesma bruma de irrealidade desnorteada em que tínhamos começado a viver.

Meu pai encaminhava-se a passos firmes para sua trombose; mas, antes que a bomba explodisse em seu cérebro, outro pavio foi aceso: em abril de 1965, tivemos conhecimento dos estranhos incidentes no golfo de Kutch.

Enquanto nos debatíamos como moscas na teia da revanche de minha tia, o moinho da História continuava a rodar. A reputação do presidente Ayub estava em declínio: zumbiam boatos de fraudes na eleição de 1964, boatos que não conseguiam ser abafados. Havia, além disso, a questão do filho do presidente, Gauhar Ayub, cujas enigmáticas Indústrias Gandhara o haviam tornado multimilionário da noite para o dia. Ah, infinda seqüência de infames filhos de poderosos! Gauhar, com suas valentias e grandiloqüências; na Índia, Sanjay Gandhi e sua Empresa de Veículos Maruti e sua Juventude do Congresso; e, mais recentemente, Kanti Lal Desai... Os filhos dos poderosos aniquilam os pais. Mas também eu tenho um filho; Aadam Sinai, desafiando abertamente o precedente, inverterá a tendência. Os filhos podem ser melhores que os pais, assim como piores... Em abril de 1965, todavia, zumbia no ar a falibilidade dos filhos. E de quem era o filho que escalou os muros do palácio presidencial a 1º de abril... que desconhecido pai gerou o sujeito malcheiroso que se aproximou do presidente e disparou-lhe um tiro de pistola no estômago? Certos pais ficam misericordiosamente desconhecidos para a História; de qualquer modo, o assassino fracassou, uma vez que, por milagre, sua arma emperrou. O filho de alguém foi levado pela polícia, a fim de ter os dentes

arrancados um a um, as unhas cauterizadas e a extremidade do pênis queimada com pontas de cigarros, de modo que provavelmente não representaria grande consolo para aquele frustrado assassino sem nome saber que ele fora simplesmente carregado por uma maré da História, na qual se observava que os filhos (poderosos e humildes) com freqüência exibiam péssimo comportamento. (Não. Não eximo a mim mesmo.)

Divórcio entre notícias e realidade: os jornais citavam economistas estrangeiros — PAQUISTÃO: MODELO PARA AS NOVAS NAÇÕES —, enquanto camponeses (não citados) amaldiçoavam a chamada “revolução verde”, alegando que na maioria os novos poços tinham sido inúteis, estavam envenenados e de qualquer maneira haviam sido cavados nos lugares errados; enquanto editoriais elogiavam a probidade dos governantes da nação, boatos (densos como nuvens de moscas) referiam-se a contas em bancos suíços e aos novos carros americanos do filho do presidente. O *Dawn* de Karachi falava de um alvorecer: ESTARÁ PRÓXIMA A NORMALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES COM A ÍNDIA?, mas no golfo de Kutch mais um outro filho inadaptado descobria uma história diferente.

Nas cidades, miragens e mentiras; ao norte, nas cordilheiras, os chineses construía estradas e planejavam explosões nucleares. Mas já é tempo de voltarmos do geral para o particular; ou, para ser mais exato, para o filho do general, meu primo, o enurético Zafar Zulfikar. Tornou-se ele, entre abril e julho, o arquétipo de todos os muitos filhos decepcionantes do país; a história, atuando através dele, também apontava seu dedo para Gauhar, para o futuro-Sanjay e o Kanti-Lau-vindouro; e, naturalmente, para mim.

Portanto... o primo Zafar. Com quem eu muito tinha em comum naquela época... Meu coração estava cheio de amor proibido; suas calças, apesar de todos os seus esforços, enchiam-se continuamente de algo mais tangível, mas igualmente proibido. Eu sonhava com amantes míticos, ao mesmo tempo felizes e condenados: Shah Jehan e Mumtaz Mahal, mas também Montague-e-Capuleto; ele sonhava com sua noiva kifi, cujo fracasso em atingir a puberdade, mesmo já passado seu décimo sexto

aniversário, deve ter feito com que ela parecesse, nos sonhos dele, a fantasia de um futuro inalcançável... Em abril de 1965, Zafar foi mandado participar de manobras na zona do golfo de Kutch, dominada pelo Paquistão.

Crueldade dos controlados contra o bexiga-solta: Zafar, embora tenente, era o alvo dos risos da base militar Abbottabad. Corria a história de que ele recebera ordem de usar um artefato de borracha, como um balão, em torno do órgão genital, para que o glorioso uniforme do exército do Paquistão não fosse profanado; quando ele passava, simples jawans enchiam as bochechas, como se soprassem para encher o balão. (Tudo isso veio a público mais tarde, na declaração que ele prestou, com os olhos marejados, depois de sua prisão por homicídio.) É possível que o envio de Zafar para o golfo de Kutch tenha sido imaginado por um superior de tato, que apenas tentava tirá-lo da linha de fogo do humor de Abbottabad... A incontinência condenou Zafar a um crime tão horrendo quanto o meu. Eu amava minha irmã; já ele... Mas vou contar a história como deve ser contada.

Desde a Partilha, o golfo constituía um “território em litígio”, muito embora, na prática, nenhum dos dois lados tivesse muito ânimo para litigar. Nas colinas ao longo do Paralelo 32, a fronteira não oficial, o governo do Paquistão construía uma sucessão de postos fronteiriços, cada qual com sua solitária guarnição de seis homens e um holofote. A 9 de abril de 1965, vários desses postos foram ocupados por tropas do exército indiano; uma força paquistanesa, na qual se encontrava meu primo, e que realizava manobras na região, travou uma luta de oitenta e dois dias pelo controle da fronteira. A guerra no golfo durou até 1º de julho. Até aí tudo está documentado; tudo mais, no entanto, acha-se oculto sob a atmosfera duplamente nebulosa de irrealidade e faz-de-conta que afetava todos os acontecimentos daquele tempo, e principalmente os fatos que sucediam no fantasmagórico golfo de Kutch... de modo que a história que vou contar, que é, em substância, a narrada por meu primo Zafar, pode ser tão

verdadeira quanto qualquer outra; quer dizer, qualquer outra, salvo a que nos foi oficialmente comunicada.

... Ao entrarem os jovens soldados paquistaneses no terreno pantanoso do golfo, uma transpiração fria e pegajosa brotou em suas testas, e eles se sentiram desorientados com a esverdeada natureza da luz, que lembrava o leito marinho; ouviram histórias que os amedrontaram ainda mais, lendas de coisas horríveis que aconteciam naquela zona anfíbia, de feras demoníacas de olhos brilhantes, de mulheres-peixe que ficavam com suas cabeças ictíacas debaixo da água, enquanto suas metades humanas inferiores, perfeitas e nuas, deitavam-se na praia, tentando os incautos a fatais atos sexuais, pois é sabido que ninguém pode fazer amor com uma mulher-peixe e sobreviver... Assim, quando chegaram aos postos de fronteira, eram uma chusma aterrorizada de meninos de dezessete anos, e decerto seriam aniquilados se os inimigos indianos não tivessem sido expostos ao ar verde do golfo ainda mais tempo que eles; por tudo isso, travou-se naquele mundo de feiticeiros uma guerra louca em que cada lado julgava ver aparições de diabos lutando ao lado dos adversários. No fim, porém, as forças indianas capitularam; muitos prostraram-se em cachoeiras de lágrimas, lamentando-se: — Graças a Deus, acabou. — Falavam das descomunais coisas gelatinosas que coleavam em torno dos postos de noite, e dos espíritos de afogados, que flutuavam no ar com moluscos nos umbigos e coroas de sargaços.

O que disseram os soldados indianos ao se renderem, sendo ouvidos por meu primo: — De qualquer forma, esses postos estavam desguarnecidos. Nós os vimos vazios e os ocupamos.

A princípio, o mistério dos desertos postos de fronteira não pareceu grande enigma para os jovens soldados paquistaneses que deveriam ocupá-los até chegarem novos guardas fronteiriços; meu primo, o tenente Zafar, viu sua bexiga e seus intestinos esvaziarem-se com histérica freqüência durante as sete noites que passou num dos postos, tendo por companhia apenas cinco jawans. Nas noites cheias de gritos de bruxas e de

inomináveis movimentos deslizantes, os seis jovens eram reduzidos a tal estado de degradação que ninguém ria mais de meu primo, ocupados que estavam em molhar suas próprias calças. Tomado de terror, um dos jawans sussurrou, durante a malignidade fantasmagórica da penúltima noite: — Ouçam, se eu fosse obrigado a ficar aqui, podem apostar que eu também sumia!

Num estado de completa desagregação gelificada, os soldados suavam no golfo; e então, na última noite, seus piores temores se concretizaram, pois viram um exército de fantasmas surgindo do negrume na direção deles; estavam no posto mais próximo à beira-mar, e ao luar esverdeado podiam divisar as velas de navios-fantasmas, de dhows espectrais; e a despeito dos gritos dos soldados, aproximava-se, implacável, o exército de almas, a despeito dos gritos dos soldados, avantesmas que carregavam arcas cobertas de musgo e estranhas liteiras tapadas, nas quais se amontoavam pilhas de coisas invisíveis; e, quando o exército-fantasma transpôs a porta, meu primo Zafar caiu-lhes aos pés e pôs-se a algaraviar horrivelmente.

Ao primeiro fantasma que entrou no posto faltavam vários dentes, e ele trazia uma faca curva metida na cinta; ao ver os soldados na cabana, seus olhos luziram com uma fúria escarlate. — Pelas barbas do Profeta! — bradou o chefe dos fantasmas. — O que estão fazendo aqui, desgraçados? Não foram todos pagos direitinho para irem embora?

Não eram fantasmas, mas contrabandistas. Os seis jovens soldados viram-se em posturas absurdas de abjeto terror, e, embora tentassem compor-se, sua vergonha era entranhadamente completa... E agora chegamos à essência da história. Em nome de quem atuavam os contrabandistas? Qual foi o nome que saiu da boca do chefe dos bufarinheiros e fez os olhos de meu primo arregalarem-se de horror? A quem pertencia a fortuna que, iniciada pela exploração da miséria das famílias hindus que fugiam em 1947, estava sendo agora multiplicada, na primavera e no verão, por aqueles comboios de contrabando que transpunham o desguarnecido golfo e dali seguiam para as cidades do Paquistão? Que general com cara de

polichinelo e voz cortante como lâmina comandava as tropas fantasmas?... No entanto, quero concentrar-me em fatos. Em julho de 1965, meu primo Zafar voltou, de licença, à casa do pai em Rawalpindi; e em certa manhã começou a caminhar lentamente na direção do quarto do pai, levando sobre os ombros não apenas a memória das mil humilhações e pancadas da infância, não somente a vergonha da enurese de toda a sua vida, mas também o conhecimento de que seu próprio pai fora responsável pelo acontecido no golfo, quando Zafar Zulfikar se reduzira a engolar palavras desconexas no chão. Meu primo encontrou o pai no banheiro perto da cama, e abriu-lhe a garganta com uma longa faca recurva de contrabandista.

Ocultas por trás do noticiário da imprensa — SOLERTE INVASÃO INDIANA RECHAÇADA POR NOSSOS VALOROSOS SOLDADOS —, a verdade com relação ao general Zulfikar tornou-se algo de fantasmagórico e incerto; o suborno dos guardas de fronteira tornou-se, nos jornais, SOLDADOS INOCENTES MASSACRADOS PELO FAUJ INDIANO. E quem se encarregaria de espalhar a história das vastas operações de contrabando de meu tio? Que general, que político não possuía os rádios transistores da ilegalidade de meu tio, os condicionadores de ar e os relógios importados de seus pecados? O general Zulfikar morreu; o primo Zafar foi para a prisão, sendo poupado de casar-se com uma princesa de Kif que se recusava obstinadamente a menstruar, exatamente para ser poupada de casar-se com ele; e os incidentes do golfo de Kutch tornaram-se, por assim dizer, a centelha da fogueira maior que precipitou, em agosto, o incêndio final, no qual Salim, finalmente e a despeito de si mesmo, alcançou sua ilusória pureza.

Quanto à minha tia Esmeralda, recebeu permissão para emigrar; já fizera preparativos para isso, tencionando partir para Suffolk, na Inglaterra, onde deveria ficar com o antigo oficial comandante de seu marido, o general-de-brigada Dodson, que em sua senilidade começara a passar o tempo na companhia de militares indianos igualmente velhos, assistindo a antigos filmes da Délhi Durbar e à chegada de George v no Portal da

Índia... Ela antegozava o vazio oblívio da nostalgia e do inverno inglês quando veio a guerra, que resolveu todos os nossos problemas.

No primeiro dia da “falsa paz”, que duraria apenas trinta e sete dias, Ahmed Sinai sofreu a trombose. O distúrbio paralisou-lhe todo o lado esquerdo e devolveu-o à baba e aos risinhos da infância; também ele pronunciava palavras sem sentido, demonstrando marcada preferência pelas marotas designações que as criancinhas dão aos produtos de excreção. Dizendo, com risadinhas: — Cocô! — ou — Xixi! —, meu pai chegara ao fim de sua existência cheia de peripécias; novamente, e pela última vez, perdera o caminho e também sua batalha com os gênios. Ficava sentado, obnubilado e palrador, entre as toalhas defeituosas de sua vida; em meio a toalhas defeituosas, minha mãe, esmagada sob o peso de sua monstruosa gravidez, inclinava a cabeça solenemente ao ser visitada pela pianola de Lila Sabarmati, pelo fantasma de seu irmão Hanif ou por um par de mãos que dançavam, mariposas ao redor de uma lâmpada, em torno das suas... O comandante Sabarmati vinha vê-la trazendo na mão seu curioso bastão, e Nussie Pata murmurava no ouvido fraco de minha mãe: — O fim, Amina, minha irmã! O fim do mundo... — E agora, tendo aberto caminho em meio à enferma realidade de meus anos no Paquistão, tendo me esforçado por dar um pouco de sentido ao que parecia (através da névoa da revanche de minha tia Alia) uma oculta e terrível sucessão de represálias por haveremos arrancado nossas raízes, fincadas em Bombaim, cheguei ao ponto em que tenho de lhes falar sobre fins.

Quero declarar com toda clareza: tenho a firme convicção de que o propósito oculto da guerra indo-paquistanesa de 1965 foi nada mais nada menos que a eliminação de minha família da face da Terra. Para se entender a história recente de nossa época, basta examinar os métodos de bombardeio daquela guerra com olhos analíticos e despidos de preconceito.

Até os fins têm começos; tudo tem de ser contado em seqüência. (Afinal de contas, tenho Padma para frustrar todas as minhas tentativas de pôr o

carro adiante dos bois.) A 8 de agosto de 1965, a história de minha família chegara a uma situação para a qual os métodos de bombardeio proporcionaram compassivo desafogo. Não, é preciso que eu empregue a palavra importante: para que fôssemos purificados, provavelmente era necessário algo na escala do que se seguiu.

Alia Aziz, saciada com sua terrível vingança; minha tia Esmeralda, viúva e aguardando o exílio; a falsa lascívia de minha tia Pia e o alheamento envidraçado de minha avó Nasim Aziz; meu primo Zafar, com sua princesa eternamente pré-púbere e seu futuro de molhar colchões em celas de prisão; a fuga para a infância de meu pai; o assombrado e acelerado envelhecimento da grávida Amina Sinai... Todas essas terríveis situações viriam a ser curadas em resultado da adoção, pelo governo, de meu sonho de visitar a Caxemira. Entrementes, as recusas cruéis, por parte de minha irmã, de encorajar meu amor haviam me levado a um estado de espírito profundamente fatalista; em virtude de minha nova indiferença em relação ao futuro, eu disse a tio Puffs que estava disposto a casar-me com qualquer uma das Puffias que ele escolhesse para mim. (Ao assim proceder, condenei todas elas; quem quer que tente forjar laços com nossa família acaba partilhando nosso destino.)

Estou tentando deixar de ser nebuloso. É importante concentrar-me em fatos, e nada mais do que isso. Mas que fatos? Uma semana antes de meu décimo oitavo aniversário, em 8 de agosto, tropas paquistanesas à paisana cruzaram ou não a linha de cessar-fogo em Caxemira? Terão ou não se infiltrado no setor indiano? Em Délhi, o primeiro-ministro Shastri anunciou uma “colossal infiltrar... para subverter o Estado”; no entanto, aqui está Zulfikar Ali Bhutto, ministro do Exterior do Paquistão, a replicar: — Negamos categoricamente qualquer envolvimento na sublevação contra a tirania por parte da população autóctone de Caxemira.

Se aconteceu, quais foram as motivações? Mais uma vez, uma série de possíveis explicações: a persistente ira, atizada pelo golfo de Kutch; o desejo de solucionar, de uma vez por todas, a velha questão da soberania

sobre o Vale Perfeito... Ou uma explicação que não chegou aos jornais: as pressões dos problemas políticos internos no Paquistão... O governo Ayub estava cambaleante, e uma guerra opera maravilhas nessas épocas. Essa razão, aquela ou aquela outra? Para simplificar as coisas, apresento duas das minhas: a guerra aconteceu porque eu enfiei Caxemira, através de sonhos, nas fantasias de nossos governantes; ademais, eu continuava impuro, e a guerra visava a apartar-me de meus pecados.

Jihad, Padma! Guerra santa!

Mas quem atacou? Quem se defendeu? Em meu décimo oitavo aniversário, a realidade sofreu outra terrível derrota. Das muralhas do Forte Vermelho, em Délhi, um primeiro-ministro indiano (não o mesmo que no passado distante me escrevera uma carta) mandou-me a seguinte saudação natalícia: “Prometemos que a força será repelida com a força, e que jamais permitiremos que uma agressão contra nós tenha êxito!”. Enquanto isso, jipes com alto-falantes cumprimentavam-me em Guru Mandir, garantindo-me: “Os agressores indianos serão inapelavelmente rechaçados! Somos uma raça de guerreiros! Um pathan, um punjabi muçulmano vale por dez desses babus armados!”.

Jamila Cantora foi convocada para o Norte, a fim de cantar serenatas para nossos jawans que valiam por dez. Um criado pinta as janelas de preto; certa noite, meu pai, na estultícia de sua segunda infância, abre as janelas e acende as luzes. Tijolos e pedras voam pelas aberturas: meus presentes de dezoito anos. E os fatos continuam a tornar-se cada vez mais confusos: em 30 de agosto, tropas indianas realmente atravessaram a linha de cessar-fogo de Uri para “perseguir invasores paquistaneses”?... Ou iniciar um ataque? Quando, em 1º de setembro, nossos soldados dez vezes melhores cruzaram a linha em Chhamb, eram agressores ou não?

Algumas certezas: a voz de Jamila Cantora conduziu soldados paquistaneses à morte; e, de seus minaretes, muezins (sim, até na Clayton Road) prometeram-nos que todos que morriam em batalha seguiam diretamente para o jardim canforado. A filosofia mujahid de Syed Ahmad

Barilwi regia o ar; éramos convidados a fazer sacrifícios “como nunca antes”.

E, no rádio, quanta destruição, quanta carnificina! Nos cinco primeiros dias, a Voz do Paquistão anunciou a destruição de mais aviões do que a Índia jamais possuía; em oito dias, a Rádio Pan-Índia massacrou o exército paquistanês — até o último homem e consideravelmente além. Inteiramente desnortado pela dupla insanidade, da guerra e de minha vida privada, comecei a alimentar idéias desesperadas...

Grandes sacrifícios: por exemplo, na batalha de Lahore? Em 6 de setembro, tropas indianas cruzaram a fronteira em Wagah, alargando assim imensamente a frente de batalha, que já não se limitava a Caxemira? E houve enormes sacrifícios; ou não houve? Era verdade que a cidade estava praticamente indefesa, porque o exército e a força aérea do Paquistão estavam concentrados em Caxemira? A voz do Paquistão disse: Oh, dia inesquecível! Oh, indiscutível lição sobre a fatalidade da demora! Os indianos, confiantes em que capturariam a cidade, *pararam para tomar o café-da-manhã*. A Rádio Pan-Índia anunciou a queda de Lahore; entretanto, uma aeronave privada avistou os invasores que tomavam café. Enquanto a BBC captava a informação da Pan-Índia, a milícia de Lahore foi mobilizada. Ouçam a Voz do Paquistão! — Velhos, meninos e enraivecidas avós combateram o exército indiano; de ponte a ponte batalharam, com quaisquer armas que tivessem à mão! Homens aleijados enchiam os bolsos de granadas, puxavam os pinos e se atiravam sob os tanques indianos que avançavam; anciãs desdentadas estripavam babus indianos com forcados! Morreram todos, até o último homem, a última criança: mas salvaram a cidade, contendo os indianos até chegar o apoio aéreo! Mártires, Padma! Heróis, destinados ao jardim perfumado! O jardim onde os homens ganhariam quatro belas huris, intocadas por mortais ou djinns; e as mulheres, quatro varões igualmente viris! *Qual das bênçãos de teu Senhor negarias?* Quão grandiosa é essa guerra santa, na qual com um único sacrifício supremo os homens podem expiar todas as suas

iniquidades! Não admira que Lahore fosse defendida; o que tinham a esperar os indianos? Somente reencarnação — como baratas, talvez, ou escorpiões, ou curandeiros... Realmente não há comparação.

Mas foi ou não foi? Aconteceu mesmo assim? Ou estaria a Rádio Pan-Índia — *grande batalha de tanques, o Paquistão sofre imensas perdas, quatrocentos e cinqüenta tanques destruídos* — dizendo a verdade?

Nada era real; nada certo. Tio Puffs veio visitar a casa de Clayton Road, e não havia um único dente em sua boca. (Durante a guerra da Índia com a China, quando nossas lealdades eram diferentes, mamãe dera braceletes de ouro e brincos de pedras preciosas para a campanha “Ornamentos para Armamentos”; mas o que era isso comparado com o sacrifício de toda uma dentadura de ouro?) — A nação — disse ele meio enroladamente, com as gengivas sem dentes — não deve ficar sem recursos por causa da vaidade de um homem! — Mas sacrificou-se ele ou não? Foram os dentes realmente sacrificados em nome da guerra santa, ou estavam guardados num armário em sua casa? — Acho que você vai ter de esperar por aquele dote especial que prometi — disse tio Puffs, de boca mole. Nacionalismo ou mesquinha? Seria o desnudamento das gengivas uma prova suprema de seu patriotismo ou um lodoso estratagema para eximir-se de encher de ouro a boca de uma Puffia?

E havia ou não pára-quedistas? “... foram lançados sobre todas as grandes cidades”, anunciou a Voz do Paquistão. “Todas as pessoas fisicamente aptas devem estar armadas; a ordem é atirar para matar depois do toque de recolher.” Mas na Índia o rádio afirmava: “A despeito da provocação do ataque aéreo paquistanês, não respondemos com a mesma moeda!”. Em quem acreditar? Terão os caça-bombardeiros paquistaneses realizado realmente aquele “ousado ataque”, que pegou um terço da Força Aérea Indiana imobilizada na pista, inerte? Realizou ou não? E aquelas danças noturnas no céu, Mirages e Mystères do Paquistão contra MiGs, os aviões da Índia, de nome menos românticos: as miragens e os mistérios islâmicos realmente lutaram com invasores hindus, ou tudo aquilo não passou de

atordoantes ilusões? Caíram bombas? As explosões foram reais? Poder-se-ia dizer que ocorreu ao menos uma morte?

E Salim? O que fez ele na guerra?

O seguinte: esperando ser convocado, saí em busca de bombas amigas, obliterantes, adormecedoras, paradisíacas.

O terrível fatalismo que ultimamente me dominara havia assumido uma forma ainda mais terrível: afogando-me na desintegração da família, dos dois países a que eu pertencera, de tudo quanto pode ser sensatamente chamado de real, perdido na aflição de meu imundo amor não correspondido, eu procurava o esquecimento do... Estou fazendo minha atitude parecer demasiado nobre; não cabe empregar frases de efeito. Sucintamente, pois: eu percorria as ruas de noite, procurando a morte.

Quem morreu na guerra santa? Quem, enquanto eu saía de lambreta pelas ruas proibidas, de pijama e brilhante kurta branco, encontrou o que eu buscava? Quem, martirizado na guerra, foi diretamente para um jardim perfumado? Estudem os métodos de bombardeio; aprendam os segredos dos tiros de fuzil.

Na noite de 22 de setembro, ocorreram ataques aéreos sobre todas as cidades paquistanesas. (Embora a Rádio Pan-Índia...) Aviões, reais ou fictícios, despejaram bombas verdadeiras ou míticas. Por conseguinte, é fato ou delírio de uma imaginação doentia que, das três únicas bombas que atingiram Rawalpindi e explodiram, a primeira caiu sobre o bangalô em que minha avó Nasim Aziz e minha tia Pia estavam escondidas debaixo de uma mesa; a segunda pôs abaixo uma ala da cadeia da cidade, livrando meu primo Zafar de uma vida de cativo; a terceira destruiu uma enorme mansão escurecida, cercada por muros; as sentinelas estavam em seus postos, mas não foram capazes de impedir que Esmeralda Zulfikar fosse transportada a um lugar mais distante que Suffolk. Estava sendo visitada, naquela noite, pelo Nawab de Kif e sua filha de teimosa impubescência, que também foi poupada da obrigação de tornar-se adulta. Em Karachi, bastaram também três bombas. Os aviões indianos, relutando a voar baixo,

bombardeavam de elevada altitude; a grande maioria de seus mísseis caiu inocuamente no mar. Uma bomba, porém, aniquilou o major (reformado) Aladim Latif e todas as suas sete Puffias, liberando-me assim, para sempre, de minha promessa; e houve duas últimas bombas. Entrementes, na frente de guerra, Mutasim, o Belo, saiu de sua barraca para ir ao banheiro; um som semelhante ao zumbido de um mosquito zuniu (ou não zuniu) na direção dele, e Mutasim morreu com a bexiga cheia, sob o impacto da bala de um franco-atirador.

Tenho de falar ainda das duas bombas finais.

Quem sobreviveu? Jamila Cantora, a quem bombas eram incapazes de localizar; na Índia, a família de meu tio Mustafá, com quem bombas não podiam incomodar-se; mas Zohra, a esquecida parente distante de meu pai, havia se mudado com o marido para Amritsar, e uma bomba também os procurou.

E mais duas bombas exigem narração.

... Enquanto isso, inconsciente da íntima relação que a guerra mantinha comigo, eu saía tolamente em busca de bombas; montava a lambreta depois do toque de recolher, porém projéteis patrióticos não encontravam seu alvo... E lençóis de chamas subiram de um bangalô de Rawalpindi, furados, em cujo centro pairava um misterioso buraco escuro, que se transformou na imagem fúmea de uma imensa anciã com manchas protuberantes no rosto... E, um a um, a guerra eliminou minha exaurida e desesperançada família da face da terra.

Mas agora terminava a contagem regressiva.

E por fim virei a lambreta na direção de minha casa, de modo que me encontrava no desvio de Guru Mandir, com o ronco de aviões sobre a cabeça, miragens e mistérios, enquanto meu pai, na idiotia de sua trombose, acendia luzes e abria janelas, muito embora um representante da Defesa Civil tivesse acabado de visitar a casa para certificar-se de que o blecaute era total; e quando Amina estava dizendo ao espectro de um velho baú de roupa suja: — Vá embora agora... já cansei de vê-lo —, eu

passava por jipes da Defesa Civil, de onde punhos coléricos me saudaram; e, antes que tijolos e pedras pudessem apagar as luzes na casa de minha tia Alia, veio o sibilo; eu devia ter entendido que não havia necessidade de procurar a morte em outro lugar, mas eu ainda estava na rua, na sombra noturna da mesquita, quando o sibilo chegou, mergulhando verticalmente na direção das janelas iluminadas da idiotia de meu pai, a morte ganindo como um cão vadio, transformando-se em cantaria destroçada, lençóis de chamas e uma onda de choque tão grande que me arrancou, rodopiante, de minha lambreta, enquanto, dentro da casa da grande amargura de minha tia, papai, minha tia e o irmão ou irmã ainda por nascer, que estava a apenas uma semana de iniciar a vida, todos eles, todos ficaram mais achatados do que panquecas, a casa lhes caindo sobre as cabeças como uma fôrma de *waffles*, enquanto na Korangi Road uma última bomba, destinada à refinaria de petróleo, caía, ao invés, sobre uma residência de vários níveis, ao estilo americano, que um cordão umbilical não tinha conseguido completar; mas em Guru Mandir muitas histórias estavam chegando ao fim: a história de Amina e de seu antigo marido subterrâneo, do anúncio público, de seu filho que não era seu filho, de sua sorte com cavalos, de calos, de mãos bailantes no Café Pioneiro, da derrota final diante da irmã; e a história de Ahmed, que sempre se perdia e tinha um lábio inferior proeminente e uma barriga fofa, que embranquecera num congelamento, que sucumbiu à abstração, que arrebetava cadelas na rua, que se apaixonou tarde demais, que morreu por causa de sua vulnerabilidade a coisas que caem do céu; estavam mais achatados do que panquecas agora, e em torno deles a casa explodindo, desabando, um instante de destruição de tal veemência que coisas que tinham estado enterradas bem fundo em esquecidas arcas de lata foram pelos ares, enquanto outras coisas, pessoas e lembranças eram sepultadas debaixo de escombros sem qualquer esperança de resgate; os dedos da explosão desceram, desceram até a parte baixa de um armário e destrancaram uma arca verde de lata, a mão preênsil da explosão atirou ao ar o conteúdo da

arca, e agora uma coisa que permaneceu oculta, invisível, durante muitos anos está circulando pela noite como um turbilhonante pedaço da lua, uma coisa que reflete o luar e cai, agora está caindo, enquanto eu me levanto tonto depois da explosão, uma coisa que se contorce, vira-se, cambalhoteia, prateada como a luz da lua, uma escarradeira de prata maravilhosamente lavrada, marchetada de lápis-lazúli, o passado voando em minha direção, como uma mão largada por abutres, para se tornar aquilo que me purifica e me liberta, pois no instante em que levanto o olhar há uma sensação na nuca e depois disso segue-se apenas um pequenino mas infinito momento de completa claridade enquanto tropeço para a frente para prostrar-me diante da pira fúnebre de meus pais, um minúsculo mas interminável instante de cognição, antes que eu seja destituído de passado, presente, memória, tempo, vergonha e amor, uma explosão fugaz e também atemporal na qual curvo a cabeça sim aquiesço sim na necessidade do golpe, e então estou vazio e livre, porque todos os Salins extravasam de mim, desde o bebê que apareceu numa fotografia em tamanho gigante na primeira página até o rapaz de dezoito anos com seu sujo e imundo amor, vazam de mim vergonha, culpa, desejo de agradar, necessidade de afeição, determinação de achar um papel histórico e crescimento demasiado rápido, livro-me de Catarrento, de Cara-suja, de Careca, de Farejador, de Cara-de-mapa, de baús de roupa suja, de Evie Burns e de manifestantes étnicos, estou liberto do Kolynos Kid, dos peitos de Pia Mumani e de Alfa-e-Ômega, sou absolvido dos múltiplos assassinios de Homi Catrack, de Hanif, de Aadam Aziz e do primeiro-ministro Jawaharlal Nehru, lancei fora prostitutas de quinhentos anos e confissões de amor na calada da noite, estou livre agora, nada mais me importa, esborrachando-me no asfalto, restaurado à inocência e à pureza por um cadente pedaço da lua, apagado como uma lousa, com a cabeça rebentada (tal como profetizado) pela escarradeira de prata de minha mãe.

Na manhã de 23 de setembro, as Nações Unidas anunciaram o fim das hostilidades entre a Índia e o Paquistão. A Índia ocupara menos de mil e

trezentos quilômetros quadrados de solo paquistanês; o Paquistão conquistara apenas oitocentos e sessenta quilômetros quadrados de seu sonho caxemirense. Constatou-se que o cessar-fogo acontecera porque os dois lados tinham ficado sem munição, mais ou menos simultaneamente; assim, as exigências da diplomacia internacional, bem como as manipulações de fundo político dos fornecedores de armas, impediram a aniquilação integral de minha família. Alguns de nós sobrevivemos porque ninguém vendeu a nossos assassinos em potencial as bombas, as balas ou os aviões necessários para completar nossa destruição.

Seis anos depois, porém, houve outra guerra.

## LIVRO TRÊS

# O buda

Vocês podem, obviamente (pois de outra forma eu teria de, neste ponto, introduzir alguma explicação fantástica para o fato de continuar presente nessa “espiral mortal”), incluir-me entre aqueles que a guerra de 1965 não conseguiu obliterar. Com a cabeça arrebatada por uma escarradeira, Salim sofreu uma rasura apenas parcial; foi somente rasurado, enquanto outros, menos afortunados, eram erradicados; inconsciente na sombra noturna de uma mesquita, fui salvo pelo esgotamento dos pais de munição.

Lágrimas — que, sem o frio de Caxemira, não têm nenhuma possibilidade de endurecer e virar diamantes — escorrem pelos pojados contornos das bochechas de Padma. — Ah, mister, essa porcaria de guerra, mata os bons e deixa de lado os ruins! — Com uma expressão que leva a pensar que hordas de lesmas emergiram recentemente de seus olhos avermelhados, deixando-lhe no rosto suas reluzentes trilhas limosas, Padma chora meu clã achatado por bombas. Continuo de olhos secos como de costume, recusando-me nobremente a tomar conhecimento do involuntário insulto implícito na lacrimosa exclamação de Padma.

— Chore pelos vivos — censuro-a com brandura. — Os mortos têm seus jardins canforados. — Chore por Salim! Que, barrado dos relvados celestiais pela ininterrupta pulsação do coração, acordou de novo entre as pegajosas fragrâncias metálicas de um pavilhão de hospital; para quem não houve huris, intocadas por homens ou djinns, que proporcionem os prometidos consolos da eternidade... Tive a sorte de receber os cuidados relutantes e ruidosos de um corpulento enfermeiro, que, enquanto me enfaixava a cabeça, resmungava azedamente que, com guerra ou sem

guerra, os doutores sahibs gostavam de ir para suas casinhas de praia aos domingos. — Era melhor você ter continuado desacordado mais um dia — vociferou, antes de continuar sua ronda pelo pavilhão a fim de espalhar mais alegria.

Chore por Salim — que, órfão e purificado, privado das centenas de alfinetadas diárias da vida em família, únicas coisas capazes de desinflar a grande fantasia da História e trazê-la para uma escala mais humana, fora arrancado pelas raízes para ser atirado, sem a menor cerimônia, através dos anos, destinado a mergulhar, sem memória, numa adultícia da qual todos os aspectos se tornavam a cada dia mais grotescos.

Novos caminhos de lesma nas faces de Padma. Obrigado a tentar algum tipo de “Vamos, pare com isso”, recorro a *trailers* de cinema. (Como eu gostava deles no velho Clube dos Fãs da Metro! Ah, estalar de beijos à vista do letreiro PRÓXIMA ATRAÇÃO, superposto a um ondulante veludo azul! Ah, salivação de expectativa diante de telas que proclamavam EM BREVE!... Porque a promessa de futuros exóticos tinha sempre parecido, a meu espírito, o perfeito antídoto às decepções do presente.) — Pare, pare! — exorto minha contristada platéia acocorada. — Ainda não terminei! Haverá uma eletrocução e uma floresta pluvial; uma pirâmide de cabeças num campo impregnado por vazantes ossos de tutano; estão para aparecer salvações por um triz e um minarete que gritou! Padma, ainda há muita coisa que merece ser contada: minhas novas provações, na cesta da invisibilidade e na sombra de uma outra mesquita; espere as premonições de Resham Bibi e o amuo da bruxa Parvati! Paternidade e também traição; e, naturalmente, a inevitável Viúva, que acrescentou à minha história clínica de drenagem em cima a suprema ignomínia de extirpação embaixo... Em suma, ainda há uma abundância de próximas-atrações e em-breves; um capítulo termina quando pais morrem, mas também começa uma nova espécie de capítulo.

Um pouco reconfortada por meus oferecimentos de novidades, minha Padma funga; limpa o muco de molusco, seca os olhos; respira fundo... E,

para o sujeito com a cabeça esmigalhada por uma escarradeira que encontramos pela última vez num leito de hospital, passam-se aproximadamente cinco anos antes que minha lótus de esterco exale o ar.

(Enquanto Padma, para acalmar-se, prende a respiração, permito-me inserir um *close-up* no estilo dos filmes de Bombaim: um calendário agitado pela brisa, cujas páginas passam em rápida sucessão para denotar a passagem dos anos; superponho nela turbulentos planos gerais de distúrbios de rua, planos médios de ônibus incendiados e de fogueiras em bibliotecas do Conselho Britânico e do Serviço de Informações dos Estados Unidos; através da passagem veloz das páginas do calendário, entrevemos a queda de Ayub Khan, a ascensão do general Yahya à presidência, a promessa de eleições... Mas agora os lábios de Padma se entreabrem, e há tempo para vermos as imagens iradas e coléricas de mr. Z. A. Bhutto e do xeque Mujib-ur-Rahman; o ar começa a sair invisivelmente de sua boca, e os rostos oníricos dos líderes do Partido Popular do Paquistão e da Liga Awami estremecem e somem; a rajada que lhe sai dos pulmões detém, paradoxalmente, a brisa que sopra as páginas de meu calendário, que se imobiliza numa data de fins de 1970, antes da eleição que dividiu o país em dois, antes da guerra do Paquistão Ocidental contra o Paquistão Oriental, o PPP contra a Liga Awami, Bhutto contra Mujib... Antes da eleição de 1970, e muito longe do cenário público, três jovens soldados estão chegando a um misterioso acampamento nos montes Murri.)

Padma recuperou seu autocontrole. — Certo, certo! — admoesta, agitando um braço apesar das lágrimas — O que está esperando? Comece — instrui-me a lótus. — Comece tudo de novo.

O acampamento dos montes não será encontrado em mapa algum; fica demasiado longe da estrada para que os latidos de seus cães sejam ouvidos, mesmo pelo motorista de melhor audição. Sua cerca imensa é bem camuflada; o portão não tem qualquer símbolo, nenhum nome. Sim, ele existe, existiu, muito embora sua existência tenha sido veementemente negada. Por ocasião da queda de Dacca, por exemplo, quando o derrotado

Niazi Tigre do Paquistão foi interrogado sobre a questão por seu velho camarada, o vitorioso general indiano Sam Manekshaw, o Tigre, redarguiu: — Unidade Canina para Atividades de Rastreamento e Inteligência? Nunca ouvi falar disso: alguém lhe passou a perna, meu velho. É uma idéia ridícula, se não se ofende por eu falar assim. — Apesar do que o Tigre disse a Sam, insisto: o acampamento existiu, sem a menor sombra de dúvida...

— Entrem em forma! — berra o general-de-brigada Iskandar para seus mais novos recrutas, Ayuba Baloch, Faruq Rashid e Shahid Dar. — Vocês são agora um destacamento da UCARI! — Batendo o bastão de comando contra a coxa, ele se vira nos calcanhares e os deixa em pé no campo de desfile, simultaneamente torrados pelo sol da montanha e congelados pelo ar da montanha. De peitos estufados, ombros para trás e rígidos, os três jovens ouvem a voz escarninha do ordenança do general, Lala Moin: — *Então, vocês são os otários que vão ficar com o cachorro-homem!*

Em seus beliches naquela noite: — Rastreamento e inteligência! — sussurra Ayuba Baloch, orgulhoso. — Espiões, cara! Imagine a gente em cima daqueles hindus!... O que não vamos fazer! Catapum! Pimba! Que fracotes, yara, aqueles hindus! Todos vegetarianos! A verdura — sibila Ayuba — sempre perde para a carne. — Ele tem uma compleição de tanque. Seu cabelo, cortado à escovinha, começa logo acima das sobrancelhas.

E Faruq: — Acha que vai haver guerra? — Ayuba faz um gesto de desdém. — E o que mais poderia haver? Como não? Bhutto sahib não prometeu a todo camponês um acre de terra? De onde é que ela virá? Para conseguirmos tanta terra, temos de conquistar o Punjab e Bengala! Esperem só. Depois da eleição, quando o Partido Popular vencer... aí, catapum! Pimba!

Faruq está preocupado. — Esses indianos têm tropas sikhs, cara. Aquelas barbas e cabelos compridos no verão espetam como sei lá o quê; eles ficam doidos e lutam como diabos...!

Ayuba dobra-se de rir. — Vegetarianos, yaar, eu juro... Como é que vão bater em tipos carnívoros como nós? — Mas Faruq é comprido e nodoso.

Shahid Dar murmura: — Mas o que é que aquele homem queria dizer com cachorro-homem?

... Manhã. Numa cabana equipada com um quadro-negro, o general-de-brigada Iskandar lustra os nós dos dedos nas lapelas, enquanto um certo sargento Najmuddin instrui novos recrutas. Método de perguntas e respostas; Najmuddin faz as indagações e ele próprio as responde. Interrupções não são toleradas. Sobre o quadro-negro, os retratos enguirlandados do presidente Yahya e de Mutasim, o Mártir, tudo observam, de cara fechada. E através das janelas (fechadas), os latidos insistentes de cães... As perguntas e as respostas de Najmuddin também saem de sua boca como latidos. Para que estão aqui? Para treinamento. Em que área? Busca e captura. Como vão trabalhar? Em unidades caninas de três pessoas e um cão. Quais aspectos diferentes? Ausência de oficiais, obrigação de tomar suas próprias decisões, exigência simultânea de elevado senso islâmico de disciplina pessoal e responsabilidade. Objetivo das unidades? Eliminar elementos indesejáveis. Natureza desses elementos? Dissimulados, bem disfarçados, podem ser qualquer pessoa. Intenções manifestas desses elementos? Abomináveis: destruição da vida familiar, assassinato de Deus, expropriação dos proprietários de terras, abolição da censura a filmes. Para que fins? Aniquilação do Estado, anarquia, dominação estrangeira. Causas imediatas de preocupação? As próximas eleições; e, posteriormente, governo civil. (Presos políticos foram e estão sendo libertados. Toda espécie de marginais está no exterior.) Deveres exatos das unidades? Obedecer cegamente; buscar implacavelmente; capturar impiedosamente. Modo de procedimento? Secreto; eficiente; rápido. Base legal dessas detenções? Defesa das leis do Paquistão, permitindo a prisão dos indesejáveis, que podem ser mantidos incomunicáveis por um período de seis meses. (Nota de rodapé: um novo período renovável de seis meses.) Alguma pergunta? Não. Ótimo. Vocês

são a Unidade 22 da UCARI. Distintivos de cadelas serão costurados em uniformes.

E o cachorro-homem?

De pernas cruzadas e olhos azuis, fitando o espaço, ele está sentado debaixo de uma árvore. Figueiras-santas não crescem a essa altitude; por isso, ele se contenta com uma chinar. Seu nariz: bulboso, pepínico, a ponta azulada de frio. Na cabeça uma tonsura de monge onde certa vez pousou a mão de mr. Zagallo. Um dedo mutilado cujo segmento inexistente caiu aos pés de Masha Miovic depois de Keith Papeira ter batido a porta. E em seu rosto manchas como um mapa... — *Rrrrrrr-tchi!* — (Ele cospe.)

Seus dentes estão manchados; suco de bétele lhe avermelha as gengivas. Uma corrente rubra de fluido expectorado deixa seus lábios, indo atingir, com admirável precisão, uma escarradeira de prata lindamente trabalhada que se acha diante dele no chão. Ayuba, Shahid e Faruq olham, espantados. — Não tentem tirar aquilo de perto dele — diz o sargento Najmuddin, indicando a escarradeira. — Ele fica louco de raiva. — Ayuba começa: — Sargento, acho que entendi o senhor dizer que eram três pessoas e um... —, mas Najmuddin rosna: — Nada de perguntas! Obediência sem interrogações! Esse aí é o rastreador de vocês; e é isso. Debandar.

Naquela época, Ayuba e Faruq tinham dezesseis anos e meio. Shahid (que mentira quanto à idade) talvez tivesse um ano menos. Por serem tão moços e não terem tido tempo de adquirir o tipo de lembranças que dão aos homens uma ligação firme com a realidade, tais como recordações de amor ou de fome, os jovens soldados eram altamente suscetíveis à influência de lendas e falatórios. Dentro de vinte e quatro horas, no decorrer de conversas no rancho com outras unidades da UCARI, o cachorro-homem fora inteiramente mitificado. — De uma família realmente importante, cara!... — O filho idiota, puseram no exército para ele virar homem!... — Sofreu um acidente de guerra em 1965, yaar, não

consegue lembrar nada a respeito!... — Escutem, ouvi dizer que ele era irmão de... — Nada, cara, isso é maluquice, ela é boa, você sabe como é, tão simples e santa, como poderia abandonar o irmão?... — De qualquer forma, ele se recusa a falar a respeito... — Ouvi dizer uma coisa terrível, cara, ela sentia ódio dele, foi por isso!... — Não tem memória, não se interessa por pessoas, vive como um cão!... — Mas a história de rastreamento é verdadeira mesmo! Viu só aquele nariz dele?... — Cara, ele é capaz de seguir qualquer rastro do mundo!... — Na água e por cima de pedras, baba! Nunca se viu um farejador de trilhas assim!... — E ele não sente nada! É isso mesmo! Insensível, juro. Insensível dos pés à cabeça! Você toca nele, e ele nem sente. Só pelo cheiro é que ele percebe você!... — Deve ter sido o ferimento de guerra!... — Mas aquela escarradeira, cara, quem sabe? Carrega aquilo por todo lado, como se fosse um presente de amor!... — Fico satisfeito por serem vocês três, isso eu digo. Fico todo arrepiado, yaar, só de ver aqueles olhos azuis... — Sabem como foi que descobriram a capacidade do nariz dele? Ele começou a andar por um campo minado, cara, juro, e foi achando o caminho direitinho, como se pudesse sentir o cheiro das minas!... — Ah, essa não, cara, isso é uma história velha, isso foi aquela primeira cadela de toda a operação UCARI, aquela Bonzo, cara, não misture as coisas!... — Ei, Ayuba, é melhor você prestar atenção ao que fala, estão dizendo que figurões estão de olho nele!... — Sabe, como eu disse, Jamila Cantora... — Ah, cale a boca, já estamos cheios de ouvir suas histórias malucas!

Depois que Ayuba, Faruq e Shahid resignaram-se com seu estranho e impassível rastreador (isso foi após o incidente nas latrinas), deram-lhe o apelido de buda, “velho”, não só porque devia ter mais sete anos que eles e chegara a tomar parte na guerra de 1965, seis anos antes, quando os três meninos-soldados ainda nem usavam calças compridas, mas porque pairava em torno dele um ar de imensa antiguidade. O buda era velho antes do tempo.

Ah, feliz ambigüidade da transliteração! A palavra urdu “buda”, que significa velho, ancião, é grafada “buddha” e pronunciada com os dêns duros e oclusivos. Mas existe também Buda, ou Buddha, com dêns suaves, que significa aquele-que-alcançou-a-iluminação-debaixo-de-uma-figueira... Era uma vez um príncipe que, cansado de suportar os sofrimentos do mundo, adquiriu a capacidade de não-viver-no-mundo, assim como de viver nele; estava presente, mas também ausente; seu corpo estava num lugar, mas o espírito em outro. Na antiga Índia, Gautama, o Buda, sentava-se, iluminado, debaixo de uma árvore em Gaia; no parque de veados em Sarnath ele ensinava outras pessoas a se abstrair das infelicidades do mundo e atingir a paz interior; e, séculos depois, Salim, o buda, sentou-se debaixo de uma árvore diferente, incapaz de recordar o sofrimento, insensível como gelo, limpo como uma ardósia... Um pouco embaraçado, sou forçado a admitir que a amnésia é o tipo de artifício usado regularmente por nossos sombrios cineastas. Curvando ligeiramente a cabeça, confesso que minha vida adquiriu, mais uma vez, o tom de uma fita de Bombaim; mas afinal de contas, deixando de lado a muito debatida questão da reencarnação, é finito o número de métodos para se conseguir um renascimento. Assim, desculpando-me pelo melodrama, tenho de obstinadamente insistir em que eu, ele, recomeçara; que depois de passar anos ansiando por ter importância, ele (ou eu) tinha sido purgado de tudo aquilo; que depois que Jamila Cantora abandonou-me vingativamente, enfiando-me no exército para tirar-me de sua vista, eu (ou ele) aceitara o destino que constituía minha recompensa pelo amor e ficava sentado sem queixas debaixo de uma chinar; que, esvaziado da História, o buda aprendeu as artes da submissão e só fazia o que lhe era exigido. Para resumir: tornei-me um cidadão paquistanês.

Dir-se-ia ser inevitável que, durante os meses de treinamento, o buda começasse a irritar Ayuba Baloch. Talvez fosse porque ele preferisse viver longe dos soldados, numa tenda de asceta, revestida de palha, no extremo dos canis; ou porque fosse com tanta freqüência encontrado sentado, de

pernas cruzadas, debaixo de sua árvore, com a escarradeira de prata nas mãos, os olhos vítreos e um sorriso palerma nos lábios... como se estivesse verdadeiramente feliz por haver perdido o cérebro! Ademais, Ayuba, o apóstolo da carne, talvez tenha julgado seu rastreador insuficientemente viril. — Como uma berinjala, cara! — permito a Ayuba queixar-se. — Juro... um vegetal!

(Podemos também, vendo as coisas mais amplamente, asseverar que havia uma atmosfera geral de irritação ao fim daquele ano. Não estavam o general Yahya e mr. Bhutto impacientando-se com a petulante insistência do xeque Mujib quanto a seu direito de formar o novo governo? A maldita Liga Awami conquistara 160 das possíveis 162 cadeiras do Paquistão Oriental; o PPP de mr. Bhutto ficara com somente 81 distritos eleitorais ocidentais. Realmente, uma eleição irritante. É fácil imaginar o quanto Yahya e Bhutto, ambos cidadãos do Paquistão Ocidental, devem ter ficado amolados! E quando até os grandes e poderosos se agastam, como culpar os humildes? Ao irritar-se, concluamos, Ayuba Baloch estava em excelente, senão augusta, companhia.)

Nas manobras de treinamento, quando Ayuba, Faruq e Shahid correram atrás do buda, que seguia os mais tênues rastros por matagais, rochas e cursos de água, os três moços foram obrigados a admitir a habilidade dele. Mesmo assim Ayuba, grande como um tanque, insistiu: — Não se lembra de nada mesmo? De nada? Por Alá, não se sente *mal*? É possível que em algum lugar você tenha mãe, pai, irmã. — Mas o buda o interrompeu com cortesia: — Não tente encher minha cabeça com essa história. Eu sou quem eu sou, e nada mais que isso. — Sua dicção era tão pura! — Realmente, um urdu classudo, do tipo de Lucknow! — admirou-se Faruq. Ayuba Baloch, que tinha linguagem grosseira, de grupos tribais, calou-se; e os três rapazes começaram a acreditar nos boatos com ainda mais ardor. Era impossível não sentir fascínio por aquele homem que tinha um nariz de pepino e uma cabeça que rejeitava lembranças, famílias e histórias, que não continha absolutamente nada senão cheiros... — Como um ovo podre

que alguém chupou — murmurou Ayuba para seus companheiros. — A seguir, voltando a seu tema central, acrescentou: — Por Alá, até o nariz dele parece um vegetal.

A inquietude deles não diminuía. Porventura pressentiam, no vácuo insensível do buda, um vestígio de “indesejabilidade”? Não era sua rejeição ao passado e à família exatamente o tipo de comportamento subversivo que eles estavam dedicados a “erradicar”? Os oficiais do acampamento, no entanto, eram surdos aos pedidos de Ayuba (— Senhor, não podemos ter um cachorro de verdade?), de modo que Faruq, um seguidor nato que já adotara Ayuba como seu chefe e herói, exclamou: — O que fazer? Com os contatos da família desse sujeito, alguns manda-chuvas devem ter dito ao general que ficasse com ele, e pronto.

Entretanto (ainda que nenhum dos três fosse capaz de expressar essa idéia), levanto a possibilidade de que no fundo da inquietude deles estivesse o medo da esquizofrenia, da divisão, enterrado como um cordão umbilical em todo coração paquistanês. Naquele tempo, a parte ocidental e a oriental do Paquistão achavam-se separadas pela intransponível massa continental da Índia; contudo, também o passado e o presente estão divididos por um golfo intransponível. A religião era a cola que mantinha juntas as duas metades do Paquistão, da mesma forma como a consciência, a percepção do eu como uma entidade homogênea no tempo, uma mistura do passado e do presente, é a cola da personalidade, que conserva ligado nosso antigamente e nosso agora. Basta de filosofias; o que quero dizer é que, por abandonar a consciência, por apartar-se da história, o buda estava dando o pior dos exemplos — e o exemplo foi seguido por um personagem importante como o xeque Mujib, quando encabeçou a rebelião do Paquistão Oriental e declarou-o independente com o nome de “Bangladesh”! Sim, Ayuba-Shahid-Faruq estavam certos ao sentirem inquietação — porque, mesmo naquelas profundezas de minha rejeição de responsabilidade, fui responsável, através do mecanismo dos modos de conexão metafóricos, pelos eventos beligerantes de 1971.

No entanto, devo voltar a meus novos companheiros, para relatar o incidente nas latrinas. Temos então Ayuba, o Tanque, que liderava a unidade, e Faruq, que o seguia sem discutir. O terceiro jovem, porém, é um tipo mais calado, mais introvertido, e por isso mais chegado a meu coração. No dia em que completara quinze anos, Shahid Dar mentira com relação à idade e se alistara. Naquele dia, seu pai, um meeiro punjabi, levara Shahid para uma plantação e lhe molhara de lágrimas o uniforme novo. O velho Dar disse ao filho que o nome dele significava “mártir” e manifestou a esperança de que ele correspondesse ao nome; e disse que talvez se tornasse o primeiro membro da família a entrar no jardim perfumado e a deixar para trás este mundo de misérias, no qual um pai não podia ter esperanças de pagar as dívidas e ao mesmo tempo alimentar os dezenove filhos. O poder avassalador dos nomes e a conseqüente aproximação do martírio tinham começado a oprimir a mente de Shahid; em sonhos, começou a ver sua morte, que assumia a forma de uma reluzente romã e flutuava no ar atrás dele, seguindo-o por toda parte, esperando. Essa visão perturbadora e pouco heróica da morte como romã tornava Shahid um sujeito taciturno e ensimesmado.

Taciturna e ensimesmadamente, Shahid observou que várias unidades da UCARI estavam sendo mandadas para fora do acampamento, rumo à ação; e convenceu-se de que sua hora, a hora da romã, estava bem próxima. Pelas partidas de unidades de três homens e um cachorro em jipes camuflados, ele deduziu uma crescente crise política; era fevereiro, e as irritações dos poderosos acentuavam-se a cada dia. Ayuba, o Tanque, porém, continuava a ver as coisas pelo prisma local. Sua irritação também crescia, mas tinha por objeto o buda.

Ayuba se engraçara pela única mulher que havia no acampamento, uma escanifrada faxineira de latrinas, que não poderia ter mais de catorze anos e cujos mamilos apenas começavam a apontar na blusa andrajosa; um tipinho ordinário, sem dúvida, mas era tudo que existia no acampamento em matéria de mulher, e para uma limpadora de latrinas até que tinha

ótimos dentes e um corpo interessante, mornos olhares por cima dos ombros... Ayuba deu para segui-la, e foi assim que a viu entrar na palhoça do buda, e foi por isso que ele encostou uma bicicleta no casebre e continuou sentado no selim, e foi por isso que caiu, pois não gostou do que viu. Depois interpelou a faxineira, agarrando-a grosseiramente pelo braço: — Por que você faz com aquele maluco... puxa, quando eu, Ayuba, sou, poderia ser...? — E ela respondeu que gostava do cachorro-homem, ele é engraçado, diz que não sente nada, esfrega a mangueira dele dentro de mim mas não sente nada, mas ele é simpático e diz que gosta de meu cheiro. A franqueza da moleca, a honestidade das limpadoras de latrinas nausearam Ayuba; ele lhe disse que a alma dela era feita de merda de porco e que sua boca também era coberta de excrementos; e, tomado de ciúme, imaginou a peça dos fios, a brincadeira do mictório eletrificado. O local da brincadeira lhe parecia conveniente; tinha uma certa justiça poética.

— Não sente nada, é? — disse Ayuba, rindo, a Faruq e Shahid. — Esperem. Vão ver se não faço esse sujeito pular.

A 10 de fevereiro (quando Yahya, Bhutto e Mujib se recusaram a iniciar conversações de alto nível), o buda sentiu necessidades fisiológicas. Shahid, meio preocupado, e Faruq, bastante alegre, andavam de um lado para outro perto das latrinas, enquanto Ayuba, que usara dois fios para ligar o piso metálico dos mictórios à bateria de um jipe, mantinha-se fora da vista atrás do galpão das latrinas, ao lado do jipe, cujo motor fora posto a funcionar. O buda apareceu, com as pupilas dilatadas como as de um mascador de charas e seu jeito de caminhar como numa nuvem. Quando se encaminhou para as latrinas, Faruq gritou: — Ohé! Ayuba, Yara! — e começou a rir. Os meninos-soldados ficaram então à espera do berro de angustiada mortificação que seria o sinal de que o insensível rastreador começara a urinar, fazendo com que a eletricidade subisse pelo fluxo dourado e lhe ferisse a mangueira insensível que esfregava molecas.

Contudo, não houve grito algum; Faruq, sentindo-se perplexo e ludibriado, começou a franzir a testa; e passado algum tempo Shahid ficou nervoso e gritou para Ayuba Baloch: — Ei, Ayuba! O que está esperando, cara? — Ayuba, o Tanque, respondeu: — O que está pensando, yaar, já liguei a porcaria há cinco minutos! — ... E então Shahid saiu correndo — A TODA — para as latrinas, e encontrou o buda urinando com uma expressão de brumoso prazer, esvaziando uma bexiga que devia ter se enchido durante uma quinzena, enquanto a corrente passava por ele, através do pepino inferior, evidentemente despercebida, de modo que ele se estava abastecendo de eletricidade e uma rachadura azul dançava na ponta de seu gargantuano nariz; e Shahid, que não teve coragem de tocar aquele ser impossível que era *capaz* de absorver eletricidade pela mangueira, gritou: — Desligue, cara, ou ele vai fritar aqui que nem uma cebola! — O buda saiu das latrinas despreocupado, abotoando-se com a mão direita, enquanto segurava com a esquerda sua escarradeira de prata; e os três meninos-soldados compreenderam que era mesmo verdade. Por Alá, insensível como gelo, anestesiado contra as sensações, assim como contra as lembranças!... Durante uma semana depois do incidente, ninguém pôde tocar o buda sem sentir um choque elétrico, e nem mesmo a menina das latrinas pôde visitá-lo em sua palhoça.

Curiosamente, depois da história dos fios, Ayuba Baloch deixou de sentir ressentimento pelo buda, e até começou a tratá-lo com respeito; aquele momento bizarro transformou a unidade canina numa verdadeira equipe, pronta para sair a campo contra os malvados do mundo.

Ayuba, o Tanque, não conseguiu dar um choque no buda; mas, onde o humilde falha, os poderosos triunfam. (Quando Yahya e Bhutto resolveram fazer o xeque Mujib pular, não houve erros.)

Em 15 de março de 1971, vinte unidades da operação UCARI reuniram-se num galpão com um quadro-negro. A fisionomia enquirlandada do presidente fitava sessenta e um homens e dezenove cachorros; Yahya Khan acabara de oferecer a Mujib o ramo de oliveira de conversações imediatas

com ele próprio e com Bhutto, a fim de resolverem todas as irritações; no entanto, seu retrato conservava uma impecável expressão de inescrutabilidade, que não deixava transparecer nada de suas verdadeiras e chocantes intenções... Enquanto o general-de-brigada Iskandar esfregava os nós dos dedos nas lapelas, o sargento Najmuddin dava as ordens: sessenta e um homens e dezenove cachorros receberam instruções para tirar os uniformes. Um tumulto de tecidos no galpão: obedecendo sem perguntas, dezenove indivíduos removem coleiras de identificação de pescoços caninos. Os cães, muito bem treinados, erguem os sobrolhos, mas abstêm-se de manifestação sonora; e o buda, obediente, começa a despir-se. Cinco dúzias de outros homens seguem-lhe o exemplo; cinco dúzias colocam-se em posição de sentido, tintando de frio, ao lado das arrumadas pilhas de boinas, calças, sapatos, camisas e pulôveres verdes com pedaços de couro nos cotovelos. Sessenta e um homens, de cuecas malfeitas, recebem (das mãos de Lala Moin, o ordenança) roupas civis aprovadas pelo exército. Najmuddin berra uma ordem; e então todos se vestem, alguns com lungis e kurtas, outros com turbantes pathans. Há homens com calças baratas de raion e homens com camisas listradas de funcionários de escritório. O buda está de dhoti e kamiz; sente-se à vontade, porém a toda sua volta homens se remexem em roupas civis mal-ajustadas. No entanto, isso é uma operação militar; nenhuma voz, humana ou canina, se queixa.

Em 15 de março de 1971, depois de obedecerem às instruções relativas a vestuário, vinte unidades da UCARI foram levadas de avião a Dacca, através do Ceilão; entre elas estava a composta de Shahid Dar, Faruq Rashid, Ayuba Baloch e o buda. Através dessa rota tortuosa, voavam também rumo ao Paquistão Oriental sessenta mil dos mais duros soldados do Paquistão Ocidental. O oficial-general comandante (num jaquetão azul) era Tikka Khan. O oficial responsável por Dacca, por sua dominação e posterior capitulação, chamava-se Niazi Tigre. Usava um blusão safári, calças-esporte e um elegante chapéu mole.

E via Ceilão seguimos nós, sessenta mil e sessenta e um inocentes passageiros, evitando sobrevoar a Índia, com o que perdemos a oportunidade de ver, de seis mil metros de altitude, as comemorações do Novo Partido do Congresso, de Indira Gandhi, que conquistara vitória esmagadora: trezentas e cinquenta e uma de prováveis quinhentas e quinze cadeiras no Lok Sabha — em outra eleição recente. Sem tomarmos conhecimento de Indira, sem ver sua palavra de ordem, GARIBI HATAO, Livremo-nos da Pobreza, estampada em paredes e estandartes em todo o imenso losango da Índia, aterrissamos em Dacca no começo da primavera e fomos levados em ônibus civis, especialmente requisitados, para um acampamento militar. Nessa última etapa da viagem, porém, não pudemos deixar de escutar trechos de uma música que saía de algum invisível toca-discos. A música chamava-se *Amar Sonar Bangla* (*Nossa dourada Bengala*, de R. Tagore) e dizia, em parte: “Na primavera, a fragrância de teus mangueirais enlouquece de prazer meu coração”. No entanto, como nenhum de nós compreendia o bengali, estávamos protegidos da insidiosa subversão da letra, ainda que nossos pés inadvertidamente (é preciso admitir) batessem o ritmo.

De início, não disseram a Ayuba-Shahid-Faruq e ao buda o nome da cidade para onde tinham ido. Prevendo a destruição dos vegetarianos, Ayuba cochichou: — Não disse? Agora é que vamos mostrar a eles! Espionagem, cara! Roupas civis e tudo! Vamos em cima deles, Unidade 22! Catapum! Pimba!

Mas não estávamos na Índia; nossos alvos não eram os vegetarianos; e depois de alguns dias de descanso, recebemos outra vez uniformes militares. Essa segunda transfiguração ocorreu em 25 de março.

Em 25 de março, Yahya e Bhutto romperam abruptamente as conversações com Mujib e retornaram ao Paquistão Ocidental. Caiu a noite; o general-de-brigada Iskandar, seguido por Najmuddin e Lala Moin, que cambaleava sob o peso de sessenta e um uniformes e dezenove coleiras, irromperam no quartel da UCARI. Najmuddin: — Todos prontos!

Ação, não palavras! Um, dois, acelerado! — Passageiros de linhas aéreas vestiram uniformes e pegaram em armas, enquanto o general-de-brigada Iskandar finalmente anunciava o objetivo de nossa viagem. — Vamos dar uma lição nesse Mujib — revelou. — Vamos fazê-lo pular!

(Foi em 25 de março, depois do rompimento das conversações com Bhutto e Yahya, que o xeque Mujib-ur-Rahman proclamou o estado de Bangladesh.)

As unidades da UCARI saíram do quartel, amontoaram-se em jipes que as esperavam, enquanto, pelos alto-falantes da base militar, a voz gravada de Jamila Cantora cantava hinos patrióticos. (E Ayuba, cutucando o buda: — Escute, vamos, não reconhece... Pense, cara, não é sua querida... Alá, esse sujeito só serve para farejar!)

À meia-noite (poderia, afinal de contas, ter sido em outro horário?) sessenta mil soldados de elite também deixaram seus quartéis; passageiros-que-tinham-voado-como-civis agora premiam o botão de ignição de tanques. Entretanto, Ayuba-Shahid-Faruq e o buda foram escolhidos pessoalmente para acompanhar o general-de-brigada Iskandar na maior aventura da noite. Sim, Padma: quando Mujib foi preso, fui eu quem o farejou. (Haviam-me dado uma camisa velha dele; é fácil quando se conhece o cheiro.)

Padma está quase fora de si de angústia. — Mas, mister, não pode, como fez uma coisa dessas...? — Padma: eu fiz. Jurei contar tudo; não esconder nenhum fragmento da verdade. (Mas há trilhas de lesmas em seu rosto, e ela precisa ouvir uma explicação.)

Nesse caso (acredite em mim, ou não, mas as coisas se passaram assim!), devo reiterar que tudo acabou, digo, recomeçou, quando uma escarradeira de prata me atingiu na nuca. O Salim com seu desespero por significação, por objetivo digno, por genialidade-como-um-xale, havia desaparecido; não retornaria até que uma cobra, na selva... Por ora, de qualquer maneira, só existia o buda... que não reconhece nenhuma voz como de parente seu; que não recorda pais ou mães; para quem a meia-noite não encerra

qualquer importância; que, algum tempo depois de um acidente purgador, despertou num leito de hospital e aceitou o exército como seu destino; que se conforma com a vida que está levando e faz o seu dever; que cumpre ordens; que tanto vive neste mundo como não vive nele; que baixa a cabeça; que é capaz de rastrear homens ou animais por ruas ou rios; que não sabe nem quer saber como, sob os auspícios de quem, como favor a quem, por vingativa instigação de quem, vestiram-lhe um uniforme; que é, em resumo, nada mais nada menos que o certificado rastreador da Unidade 22 da UCARI.

Mas, como é conveniente essa amnésia, o quanto ela desculpa! Portanto, permitam que eu me critique: a filosofia de resignação que o buda abraçou teve conseqüências nem mais e nem menos lamentáveis que sua anterior volúpia-de-centralidade; e ali, em Dacca, aquelas conseqüências estavam sendo reveladas.

— Não, não é verdade — lamuria-se minha Padma; as mesmas negativas foram feitas com relação à maior parte do que aconteceu naquela noite.

Meia-noite, 25 de março de 1971: passando pela universidade, que estava sendo bombardeada, o buda conduziu tropas ao covil do xeque Mujib. Estudantes e professores saíram correndo de dormitórios; foram saudados por balas, e mercurocromo manchou os gramados. O xeque Mujib, porém, não foi alvejado; algemado a outro homem, foi levado por Ayuba Baloch até um caminhão. (Tal como de outra vez, depois da revolução dos pimenteiros... Mas Mujib não estava nu; vestia um pijama listrado de verde e amarelo.) E, enquanto percorríamos as ruas da cidade, Shahid olhava pelas janelas e via coisas que não eram, não podiam ser verdade: soldados penetrando em dormitórios de moças sem pedir licença; arrastadas para a rua, as moças também eram penetradas, sem que novamente alguém se desse o trabalho de pedir licença: redações de jornais que queimavam com a suja fumaça preta e amarela de papel de jornal; escritórios de sindicatos esmagados; valas junto aos meios-fios enchendo-se de pessoas que não

estavam simplesmente adormecidas — viam-se peitos nus e as marcas de tiros. Ayuba-Shahid-Faruq viam em silêncio, pelas janelas móveis, nossos rapazes, nossos soldados de Alá, nossos jawans, que valiam dez babus, manterem a integridade do Paquistão dirigindo lança-chamas, metralhadoras e granadas de mão contra os cortiços da cidade. Quando chegamos ao aeroporto, onde Ayuba encostou uma pistola no traseiro de Mujib e o empurrou para dentro de um avião que o levou para o cativeiro na parte ocidental do país, o buda havia fechado os olhos. (— Não tente encher minha cabeça com essa história — dissera ele certa vez a Ayuba, o Tanque. — Eu sou quem sou, e nada mais que isso.)

E o general-de-brigada Iskandar exorta suas tropas: — Restam ainda elementos subversivos a ser erradicados.

Quando pensar se torna excessivamente doloroso, a ação é o melhor remédio... Soldados-cães dão puxões na trela, e então, ao serem soltos, atiram-se alegremente a seu trabalho. Ah, caçada animalesca de indesejáveis! Ah, prolíficas capturas de professores e poetas! Ah, lamentáveis prisões de correspondentes de moda e membros da Liga Awami, mortos-por-resistirem! Cães de guerra criam pânico na cidade; mas, embora os cachorros rastreadores sejam incansáveis, os soldados são mais fracos: Faruq, Shahid e Ayuba vomitam um de cada vez, ao sentirem as narinas invadidas pelo fedor das favelas incendiadas. O buda, em cujo nariz o fedor suscita imagens de cauterizante nitidez, continua simplesmente a realizar seu trabalho. Descobri-los pelo cheiro; deixar o resto por conta dos soldados-meninos. Unidades da UCARI percorrem os destroços fumegantes da cidade. Nenhum indesejável está em segurança naquela noite; nenhum esconderijo é inexpugnável. Sabujos rastreiam os inimigos da unidade nacional; cães selvagens, não desejando ser superados, cravam dentes ferozes em suas presas.

Quantas prisões — dez, quatrocentas e vinte, mil e uma? — realizou nossa Unidade 22 naquela noite? Quantos cidadãos de Dacca, intelectuais e poltrões, esconderam-se atrás de sáris de mulheres e tiveram de ser

carregados para as ruas? Quantas vezes o general-de-brigada Iskandar (— Cheirem isso! Esse é o fedor da subversão!) soltou os cães de guerra da unidade? Aconteceram, na noite de 25 de março, coisas que devem permanecer para todo o sempre em estado de confusão.

A inutilidade das estatísticas: durante 1971, dez milhões de refugiados atravessaram as fronteiras do Paquistão Oriental-Bangladesh para a Índia. — mas dez milhões (como todos os números maiores que mil e um) escapam à compreensão. As comparações de nada valem: “a maior migração da história da raça humana”... Não fazem sentido. Maior que o xodo, mais descomunal que as multidões da Partilha, o monstro de muitas cabeças derramou-se pela Índia. Na fronteira, soldados indianos treinavam os guerrilheiros conhecidos como Mukti Bahini, o Exército de Libertação. Em Dacca, Niazi Tigre mandava no terreiro.

E Ayuba-Shahid-Faruq? Nossos rapazes de verde? Como se saíram no combate a compatriotas carnívoros? Amotinaram-se? Porventura os oficiais — Iskandar, Najmuddin e mesmo Lala Moin — foram crivados de balas nauseadas? Não. A inocência fora perdida; mas, apesar de uma nova dureza em torno dos olhos, apesar da irremediável perda da certeza, apesar do desgaste dos valores morais, a unidade levou avante seu trabalho. O buda não era o único que fazia o que lhe mandavam... E em algum lugar, muito acima da refrega, a voz de Jamila Cantora combatia vozes anônimas que cantavam os versos de R. Tagore: “Minha vida passa nas sombreadas casas de aldeia, cheias do arroz de teus campos; elas enlouquecem de prazer meu coração”.

Com os corações enlouquecidos, mas não de prazer, Ayuba e os demais seguiam ordens; o buda seguia trilhas de cheiros. E no coração da cidade, agora violento e enlouquecido, que se encharca de sangue quando os soldados do Paquistão Ocidental reagem mal à consciência de estarem perpetrando abusos, no coração da cidade penetra a Unidade 22; avançando por ruas enegrecidas, o buda se concentra no chão, procurando pistas, ignorando o caos de maços de cigarros, excremento de vacas,

bicicletas caídas, sapatos abandonados; e partem depois para outras missões, no campo, onde aldeias inteiras estão sendo incendiadas devido à sua responsabilidade coletiva por darem guarida aos Mukti Bahini; o buda e os três rapazes rastreiam e localizam membros subalternos da Liga Awami e conhecidos comunas. Passando por aldeões migrantes que carregam na cabeça trouxas de cacarecos; por linhas férreas retorcidas e árvores queimadas; e como se alguma força invisível comandasse seus pés, arrastando-os a um âmago mais sombrio de loucura, suas missões os conduzem ao sul, sempre ao sul, cada vez mais para sul, sempre mais perto do mar, para as embocaduras do Ganges e para o mar.

E por fim — o que estavam perseguindo agora? Importavam ainda os nomes? — foi-lhes atribuída uma presa cuja habilidade devia ser igual e oposta à do próprio buda, uma vez que, não fosse assim, por que demoravam tanto a capturá-la? Por fim, incapazes de fugir ao treinamento, que lhes ensinara a mover perseguição implacável e capturar sem piedade, vêem-se numa missão sem fim, buscando um inimigo que interminavelmente os ilude, mas não podem voltar à base de mãos vazias, e vão em frente, para o sul, sul, sempre para o sul, arrastados por uma trilha odorífera que se afasta eternamente; e, talvez, por alguma outra coisa: porque, na minha vida, o destino nunca se fez de rogado em dar uma mãozinha.

Apoderaram-se de um barco, porque o buda disse que a trilha levava ao rio; famintos, insones e exaustos, num universo de arrozais abandonados, remam no encalço de sua presa invisível; descem o imenso rio castanho, até que a guerra fica distante demais para ser lembrada, mas ainda o cheiro os leva avante. O rio tem ali um nome familiar: Padma. Mas o nome não passa de uma fraude local; na realidade o rio ainda é Ela, a água-mãe, a deusa Ganga que escorre para a terra através dos cabelos de Shiva. Faz dias que o buda não fala. Só aponta: lá, naquela direção, e vão avante, sempre avante, para sul, sul, sul, a caminho do mar.

Uma manhã infame. Ayuba-Shahid-Faruq acordam no barco de sua absurda perseguição, atracado na margem do Padma-Ganga — e não o encontram. — Alá, Alá — grita Faruq. — Agarrem seus ouvidos e rezem por piedade, ele nos trouxe a este lugar desgraçado e fugiu. É tudo culpa sua, Ayuba, aquela brincadeira com os fios, e agora ele se vingou!... — O sol está subindo. Estranhas aves desconhecidas no céu. A fome e o medo como ratos em suas barrigas. E se... E se os Mukti Bahini... Chamam os pais. Shahid teve seu sonho da romã. O desespero chapinha nos costados do barco. E longe, perto do horizonte, uma impossível, interminável, imensa muralha verde, que se estende para a direita e a esquerda até os confins do mundo! Medo silencioso. Como pode ser, como o que estamos vendo pode ser verdade, quem cerca o mundo de muralhas?... E então Ayuba: — Vejam, vejam, por Alá! — Porque vindo na direção deles, do outro lado dos arrozais, desenrola-se uma bizarra perseguição em câmara lenta: primeiro o buda de nariz de pepino, é fácil detectá-lo a um quilômetro de distância, e a segui-lo, espadanando água em meio aos arrozais, um camponês gesticulante, com uma foice, o Pai Tempo encolerizado, enquanto ao longo do vaiado corre uma mulher com o sári arrebanhado entre as pernas, os cabelos soltos, a voz gritando, suplicando, enquanto o vingador armado de foice avança aos tropeções pelo arrozal inundado, coberto da cabeça aos pés de água e lama. Ayuba grita, com alívio nervoso: — O bode velho! Não consegui ficar longe das mulheres do lugar! Vamos, buda, não deixe que o pegue, senão ele corta seus dois pepinos! — E Faruq: — E daí? Se o buda for cortado, o que importa? — E agora Ayuba, o Tanque, está sacando uma pistola do coldre. Ayuba aponta, segurando a arma com as duas mãos, procurando não tremer; Ayuba aperta o gatilho; uma foice dança no ar. E lentamente, muito lentamente, os braços de um camponês se erguem, como que em oração; joelhos se dobram no arrozal inundado; um rosto mergulha abaixo do nível da água, batendo com a testa no chão. No vaiado, uma mulher lamuriando. E

Ayuba diz ao buda: — Da próxima vez, atiro em você. — Ayuba, o Tanque, treme como uma folha. E o Tempo jaz morto num arrozal.

Mas resta ainda a caçada sem sentido, o inimigo que nunca é visto, e o buda a dizer: — Naquela direção. — E os quatro continuam a remar, para sul, sul, sul, assassinaram as horas e esqueceram a data, já não sabem mais se perseguem ou se são perseguidos, mas a força que os impele, qualquer que seja, faz com que se aproximem cada vez mais da absurda muralha verde.

— Para lá — insiste o buda, e então vêm-se dentro dela, da selva que é tão densa que a história praticamente jamais conseguiu penetrar ali. Os Sundarbans os engolem.

# Nos Sundarbans

Vou confessar: não existia nenhuma presa final, enganosa, a impelir-nos ao sul, sempre para o sul. A todos os meus leitores, admito isso, a peito descoberto: enquanto Ayuba-Shahid-Faruq não distinguiam mais entre perseguirem e serem perseguidos, o buda sabia o que estava fazendo. Embora eu saiba perfeitamente que estou fornecendo mais munição a futuros comentadores ou críticos de pena venenosa (aos quais digo: duas vezes antes, fui exposto a veneno de cobra; em ambas as ocasiões mostrei ser mais forte do que as peçonhas) — através de admissão de culpa, revelação de torpeza moral, prova de covardia —, sou obrigado a dizer que ele, o buda, finalmente incapaz de continuar a cumprir submissamente seu dever, deu nos calcanhares e fugiu. Infectado pelas larvas animicidas do pessimismo, da inutilidade e da vergonha, ele desertou para o anonimato sem história das florestas pluviais, arrastando consigo três crianças. O que espero immortalizar em pickles, assim como em palavras: aquela condição do espírito em que as conseqüências da resignação não podiam ser negadas, na qual uma dose excessiva de realidade engendrava um anseio miasmático de fuga para a segurança dos sonhos... Mas a selva, como todos os refúgios, era inteiramente diferente — ao mesmo tempo mais e menos — do que ele havia esperado.

— Estou contente — diz minha Padma. — Estou feliz por você ter fugido. — Mas eu insisto: eu não. Ele. Ele, o buda. O buda que, até a serpente, continuaria a ser o não-Salim; que, apesar de estar sendo perseguido, ainda permanecia separado de seu passado; embora agarrasse, com o punho de craca, uma certa escarradeira de prata.

A selva fechou-se atrás deles como uma sepultura, e, após horas de remadas cada vez mais fatigadas, mas também frenéticas, através dos canais salobros e incompreensivelmente labirínticos, sobre os quais avultavam árvores altas como arcos de catedrais, Ayuba-Shahid-Faruq estavam irremediavelmente perdidos; voltavam-se continuamente para o buda, que apontava: — Naquela direção. — Ou: — Por ali. — Mas, embora eles remassem febrilmente, é de se crer que a possibilidade de algum dia saírem daquele lugar distanciava-se deles como a lanterna de um fantasma. Por fim, cercaram seu rastreador, supostamente infalível, e talvez tenham percebido alguma luz de vergonha ou de alívio luzir em seus olhos habitualmente azuláceos; e foi então que Faruq sussurrou no verdor tumular da floresta: — Você não sabe. Está só dizendo qualquer coisa. — O buda ficou em silêncio, porém nesse silêncio leram o destino que os esperava. E, agora que estava convicto de que a selva os tragara como um sapo engole um mosquito, agora que tinha certeza de que jamais tornaria a ver a luz do sol, Ayuba Baloch, Ayuba, o Tanque, descontrolou-se inteiramente e chorou como uma monção. O incongruente espetáculo daquele homenzarrão de cabelo cortado à escovinha chorando como um bebê fez Faruq e Shahid perderem o controle; com isso, Faruq quase virou o barco ao atacar o buda, que serenamente suportou os murros que choveram sobre seu peito, ombros e braços, até Shahid conter Faruq em nome da segurança. Ayuba Baloch chorou sem parar durante três horas, dias ou semanas, até que a chuva começou e tornou desnecessárias as suas lágrimas. E Shahid Dar deu consigo a dizer: — Agora, veja o que você provocou, cara, com suas lágrimas —, o que provava que já começavam a sucumbir à lógica da selva, e isso foi só o começo, pois, à proporção que o mistério do anoitecer ampliava a irrealidade das árvores, os Sundarbans começaram a crescer sob a chuva.

A princípio, estavam tão ocupados em esvaziar a água do barco que nem notaram; além disso, o nível da água estava subindo, o que talvez os tenha confundido; mas ao último clarão do dia não restava dúvida de que a selva

estava aumentando de tamanho, de poder e de ferocidade; viam-se as imensas raízes retorcidas de enormes e antigos mangues serpentearem sedentamente ao crepúsculo, sugando a chuva e tornando-se mais grossas do que trombas de elefantes, enquanto os próprios mangues ficavam tão altos que, como disse Shahid Dar mais tarde, as aves nas copas devem ter conseguido cantar para Deus. As folhas das grandes palmeiras nipas começaram a espalhar-se como imensas mãos verdes em concha, avolumando-se na tormenta noturna até toda a floresta parecer estar coberta de colmos; e então os frutos das nipas começaram a cair, maiores que quaisquer outros cocos do mundo, e se precipitavam de alturas estonteantes, ganhando velocidades alarmantes, e explodiam como bombas na água. A chuvarada enchia o barco; só dispunham de seus bibicos verdes e de uma lata velha de manteiga para esgotá-lo; e quando a noite caiu, com os frutos das palmeiras ainda a bombardeá-los do alto, Shahid Dar disse:

— Não temos outro jeito... precisamos atracar — embora seus pensamentos estivessem invadidos pelo sonho da romã e lhe tenha passado pelo espírito que esse sonho poderia se concretizar, embora os frutos fossem diferentes ali.

Enquanto Ayuba se prostrava, apavorado, e Faruq parecia destruído pela desintegração de seu herói, enquanto o buda permanecia em silêncio e curvava a cabeça, somente Shahid continuava capaz de pensar, pois embora estivesse encharcado e exausto, e a selva noturna uivasse a seu redor, sua cabeça aclarava-se em parte sempre que ele pensava na romã de sua morte; por isso, foi Shahid quem ordenou que remássemos o nosso barco naufragante, o barco deles, na direção da margem.

Um coco deixou de atingir o barco por dois dedos, provocando na água tamanha turbulência que a embarcação soçobrou; conseguiram chegar à margem no escuro, segurando armas, capas impermeáveis e lata de manteiga sobre as cabeças; puxaram o barco para terra firme e, já não se importando com os cocos que caíam e os manguezais serpenteantes, caíram na embarcação e adormeceram.

Ao acordarem, tiritando apesar do calor, a chuva transformara-se num chuvisco forte. Estavam com os corpos cobertos por sanguessugas de quatro dedos de comprimento, animais quase inteiramente incolores devido à ausência de luz solar direta, mas que agora exibiam um vermelho brilhante por estarem cheios de sangue; uma a uma, as sanguessugas explodiam sobre os corpos dos quatro seres humanos, demasiado ávidas para parar de sugar quando se enchiam. O sangue corria por pernas e caía no chão da floresta; a selva o sugava, e conhecia-lhe o gosto.

Ao se despedaçarem no chão, os cocos de nipa também exsudavam um líquido da cor do sangue, um leite vermelho que era imediatamente coberto por um milhão de insetos, entre eles moscas gigantescas, tão transparentes quanto as sanguessugas. As moscas também se avermelhavam ao se encherem com o leite dos frutos... Durante toda a noite, aparentemente, os Sundarbans continuaram a crescer. As mais altas de todas as árvores, as sundri, tinham dado nome à selva e eram bastante altas para bloquear até a mais tênue esperança de sol. Saímos, saíram, os quatro, do barco; e só quando pisaram o solo nu e duro, onde rastejavam pálidos escorpiões rosados e fervilhava uma massa de minhocas pardo-acinzentadas, foi que se lembraram da fome e da sede. A água da chuva caía de folhas ao redor deles; voltaram as bocas na direção do teto da floresta e beberam; mas, talvez por chegarem até eles através de folhas de sundri, ramos de mangues e frondes de nipas, a água adquiria no percurso algo da insanidade da selva, de modo que, à medida que bebiam, mergulhavam cada vez mais fundo na escravidão daquele lívido mundo verde em que as aves tinham vozes de madeira rachada e todas as serpentes eram cegas. No estado de espírito desordenado e miasmático produzido pela selva, prepararam sua primeira refeição, uma combinação de cocos de nipa e minhocas amassadas, que lhes causou uma diarreia tão violenta que se forçaram a examinar os excrementos, a fim de verificar se os intestinos haviam caído na balbúrdia.

— Vamos morrer — disse Faruq. No entanto, Shahid estava possuído de um pujante anelo de sobrevivência, pois, tendo se recuperado das dúvidas da noite, persuadira-se de que não seria daquela forma que viria a partir.

Perdido na floresta pluvial, e cômico de que o amainamento de monção era apenas uma trégua temporária, Shahid decidiu que não fazia sentido tentar encontrar uma saída dali quando, a qualquer momento, a volta da monção poderia submergir a sua insatisfatória embarcação; sob suas ordens, construiu-se um abrigo com as capas de oleado e frondes de palmeiras. — Enquanto pudermos comer frutos, sobreviveremos — disse Shahid. Já há muito tinham esquecido a finalidade da viagem; a perseguição, iniciada muito longe, no mundo real, adquirira à luz alterada dos Sundarbans um quê de fantasia absurda que lhes possibilitava esquecê-la de uma vez por todas.

E assim sucedeu que Ayuba-Shahid-Faruq e o buda renderam-se aos terríveis fantasmas da floresta onírica. Os dias se passavam, dissolvendo-se uns nos outros sob a força da chuva que retornava, e, a despeito de calafrios, febres e diarréias, eles continuavam vivos, melhorando o abrigo com os ramos mais baixos de sundris e mangues, bebendo o leite rubro dos cocos de nipa, adquirindo as aptidões da sobrevivência, tais como a capacidade de estrangular serpentes e arremessar varetas pontiagudas com tamanha perícia que lanceavam aves multicores através das moelas. Entretanto, uma noite Ayuba acordou no escuro e deu com a figura translúcida de um camponês, com um buraco de bala no coração e uma foice na mão, a fitá-lo tristonhamente; e, enquanto ele se esforçava para sair do barco (que tinham puxado para terra, pondo-o debaixo da choça primitiva), começou a escoar do camponês um líquido descolorido que escorria do buraco em seu coração para o braço com que Ayuba disparara a pistola. Na manhã seguinte, o braço direito de Ayuba não se mexia; estava imobilizado, rígido, como se tivesse sido engessado. Embora Faruq-Shahid prestassem ajuda e solidariedade, de nada adiantou; o braço continuou preso, inamovível, no fluido invisível do fantasma.

Depois dessa primeira aparição passaram a acreditar que a floresta fosse capaz de qualquer coisa. A cada noite ela lhes mandava novos castigos, os olhos acusadores das mulheres de homens que haviam rastreado e prendido, os gritos e os balbucios simiescos de crianças a quem o seu trabalho deixara sem pai... E nesse primeiro tempo, o tempo da punição, até o buda impassível, com sua voz cidadina, foi obrigado a confessar que também ele começara a acordar de noite e ver a floresta fechar-se sobre si como um torno, impossibilitando-o de respirar.

Depois de havê-los castigado o suficiente — quando todos não passavam de sombras trêmulas das pessoas que tinham sido —, a selva lhes permitiu o luxo ambíguo da nostalgia. Certa noite, Ayuba, que retrocedia à infância mais depressa do que qualquer outro deles e que passara a chupar seu único polegar móvel, viu a mãe olhando para ele, oferecendo-lhe os delicados doces de arroz de seu amor; mas, no exato momento em que ele estendeu a mão para os laddus, ela disparou para longe, e ele a viu trepar numa gigantesca sundri e ficar pendurada pela cauda num galho altíssimo: um branco macaco espectral, que tinha o rosto de sua mãe, visitava Ayuba noite após noite, de modo que passado algum tempo ele foi obrigado a lembrar-se mais dela que dos doces: o modo como ela gostava de sentar-se entre as caixas de seu dote, como se também ela fosse apenas uma espécie de objeto, simplesmente um dos presentes que seu pai dera ao genro; no coração dos Sundarbans, Ayuba compreendeu a mãe pela primeira vez e parou de chupar o dedo. Também a Faruq Rashid foi dada uma visão. Ao crepúsculo, certo dia, ele julgou ver o irmão correndo loucamente pela floresta e convenceu-se de que o pai morrera. Recordou um dia esquecido em que o pai, um camponês, dissera a ele e ao veloz irmão que o latifundiário do lugar, que emprestava dinheiro a trezentos por cento, concordara em comprar-lhe a alma em troca do empréstimo mais recente. — Quando eu morrer — disse o velho Rashid ao irmão de Faruq —, você deve abrir a boca, para que meu espírito voe para dentro dela; depois, corra, corra, pois o zamindar irá persegui-lo! — Faruq, que também

começava a passar por um alarmante processo regressivo, achou no conhecimento da morte do pai e da fuga do irmão a força necessária para renunciar aos hábitos infantis que a princípio a selva recriara nele; deixou de chorar quando sentia fome e de perguntar por quê. Shahid Dar foi também visitado por um macaco com o rosto de um ancestral; porém tudo que viu foi um pai que lhe pedira que fosse merecedor do nome. Isso, no entanto, também ajudou a restaurar nele o senso de responsabilidade, que a exigência de apenas-cumprir-ordens da guerra havia minado; assim, foi como se a selva mágica, depois de os haver atormentado com seus malfeitos, os conduzisse pela mão rumo a uma nova maturidade. E pela floresta noturna esvoaçavam os espectros de suas esperanças; estes, porém, eles não conseguiam enxergar com clareza ou agarrar.

Ao buda, no entanto, não foi concedida nostalgia a princípio. Passara a sentar-se de pernas cruzadas debaixo de uma sundri; os olhos e a mente pareciam vazios, e de noite ele não acordava mais. Finalmente, entretanto, a floresta achou um meio de alcançá-lo; numa tarde em que a chuva golpeava as árvores e as fazia fumegar, Ayuba-Shahid-Faruq viram o buda sentado debaixo de sua árvore e uma translúcida serpente cega morder-lhe o calcanhar e injetar-lhe veneno. Shahid Dar esmagou a cabeça da serpente com um pau; o buda, entorpecido da cabeça aos pés, pareceu não notar. Tinha os olhos fechados. Depois disso, os meninos-soldados esperaram a morte do cachorro-homem; no entanto, eu era mais forte do que o veneno da serpente. Durante dois dias ele ficou rígido como uma árvore, e com os olhos enviesados, de modo que via o mundo como que num espelho, com o lado direito à esquerda; por fim, ele relaxou e não havia mais em seus olhos a expressão de láctea abstração. Fui reincorporado ao passado, arrojado à unidade por veneno de cobra, e o passado começou a derramar-se pelos lábios do buda. Quando seus olhos voltaram ao normal, as palavras fluíram com tanta abundância que pareciam ser um aspecto da monção. Os meninos-soldados ouviam, fascinados, as histórias que lhe saíam da boca: começando com um

nascimento à meia-noite, e continuando sem interrupção, pois ele estava recuperando tudo, todas as histórias perdidas, toda a miríade de complexos processos que participam da constituição de um homem. Boquiabertos, incapazes de se afastarem dali, os meninos-soldados bebiam-lhe a vida como se ela fosse água poluída por folhas, enquanto ele falava de primos que molhavam a cama, de pimenteiros revolucionários, da voz perfeita de uma irmã... Ayuba-Shahid-Faruq teriam dado (no passado) qualquer coisa para comprovarem a veracidade daqueles boatos; nos Sundarbans, porém, não saiu de suas bocas uma única interjeição.

E a narrativa continuava: um amor que floresceu depois de muitos anos, Jamila num quarto, iluminada por uma réstia de luz. Nesse ponto Shahid dispôs-se a um cochicho: — Então foi por isso... Quando ele se declarou... depois disso ela não tolerou mais ficar perto... — Mas o buda prossegue, e fica evidente que se esforça por recordar alguma coisa em especial, uma coisa que se recusa a voltar, que lhe foge teimosamente, de modo que ele chega ao fim sem a encontrar, e fica de testa franzida e insatisfeito, mesmo depois de haver narrado uma guerra santa e revelado o que caiu do céu.

Seguiu-se o silêncio. E depois Faruk Rashid disse: — Muita coisa, yaar, dentro de uma pessoa só; tantas coisas ruins, não é de admirar que ele ficasse calado!

Você já sabe, Padma; já lhe contei essa história antes. Mas o que se recusava a voltar? O que, apesar da peçonha libertadora de uma serpente descorada, não emergia de meus lábios? Padma, escute: o buda esquecera seu nome. (Para sermos precisos: seu primeiro nome.)

\* \* \*

E ainda continuava a chover. O nível da água subia a cada dia, até que ficou claro que teriam de embrenhar-se mais na selva, em busca de terreno mais elevado. A chuva era forte demais para que pudessem usar o barco; e por isso, seguindo instruções de Shahid, Ayuba-Faruq e o buda puxaram-no para longe da margem que desbarrancava, prenderam um cabo em torno do tronco de uma sundri e cobriram a embarcação com folhas;

depois disso, não tendo outra opção, adentraram ainda mais na densa incerteza da selva.

Agora, mais uma vez os Sundarbans mudaram de natureza; mais uma vez Ayuba-Shahid-Faruq tiveram seus ouvidos cheios de lamentações de famílias de cujo seio haviam arrancado aquilo que, havia séculos, eles tinham denominado “elementos indesejáveis”; lançaram-se para adiante, freneticamente, selva adentro, para escapar às vozes acusadoras, pejudas da dor de suas vítimas; e de noite os macacos fantasmagóricos reuniam-se nas árvores e cantavam a letra de *Nossa dourada Bengala*: “... Oh, mãe, pobre eu sou, mas o pouco que tenho deponho a teus pés. E isso enlouquece de prazer meu coração.” Impossibilitados de fugir à tortura insuportável das vozes incessantes, incapazes de agüentar por um instante mais o peso da vergonha, muito maior agora devido ao senso de responsabilidade que a floresta lhes infundira, os três meninos-soldados dispuseram-se, por fim, a medidas desesperadas. Shahid Dar abaixou-se, pegou dois punhados de lama da selva, empapada de água; possuído por aquela medonha alucinação, meteu a lama traiçoeira da floresta pluvial nos ouvidos. E depois dele, também Ayuba Baloch e Faruq Rashid tamponaram os ouvidos com lama. Somente o buda deixou os ouvidos (um bom; outro já ruim) destapados; como se apenas ele estivesse disposto a ouvir a censura da selva, como se curvasse a cabeça à inevitabilidade de sua culpa... A lama da floresta de sonhos, que sem dúvida continha também a oculta translucência dos insetos da selva e a diabrura dos brilhantes excrementos alaranjados das aves, infectou os ouvidos dos três jovens soldados, tornando-os surdos como portas; e assim, embora lhes fossem poupadas as melopéias acusadoras da selva, obrigaram-se a conversar através de uma forma rudimentar da linguagem dos sinais. No entanto, pareciam preferir essa doentia surdez aos segredos repulsivos que as folhas de sundri lhes haviam sussurrado nos ouvidos.

Por fim, as vozes cessaram, ainda que agora somente o buda (com seu único ouvido bom) pudesse ouvi-las; por fim, quando os quatro viajantes

estavam próximos do pânico, a selva os fez passar por uma cortina de cipós e lhes mostrou uma coisa de tamanha beleza que ficaram com um nó na garganta. Até o buda deu a impressão de apertar com mais força a escarradeira. Tendo os quatro apenas um ouvido bom, penetraram numa clareira tomada pelas suaves melodias de aves canoras e em cujo centro erguia-se um monumental templo hindu, esculpido, em séculos esquecidos, de um único rochedo imenso; em suas paredes dançavam frisas de homens e mulheres, representados em cópula, em posições de insuperável destreza atlética — e, às vezes, de uma comicidade quase absurda. O quarteto aproximou-se desse milagre com passos incrédulos. Em seu interior encontraram, finalmente, um pouco de descanso da interminável monção, e também a gigantesca estátua de uma negra deusa dançarina cujo nome os meninos-soldados do Paquistão não sabiam; mas o buda sabia que era Kali, fecunda e terrível, com os restos de pintura dourada nos lábios. Os quatro viandantes deitaram-se a seus pés e caíram num sono, enfim fora da chuva, que terminou numa hora que poderia ser a meia-noite, quando despertaram ao mesmo tempo, cercados por quatro sorridentes donzelas de beleza indescritível. Shahid, que se lembrou das quatro huris que o aguardavam no jardim de cânforas, julgou a princípio que houvesse morrido de noite; mas as huris pareciam bem reais, e seus sáris, sob os quais nada traziam, estavam rasgados e manchados pela selva. A seguir, com oito olhos fitos em outros tantos, sáris foram desenrolados e postos no chão, dobrados com cuidado; depois disso, as filhas da floresta, nuas e idênticas, chegaram-se a eles; oito braços enlaçaram-se em oito, oito pernas uniram-se a mais oito; sob a estátua de Kali, a de muitos membros, os viajeros abandonaram-se a carícias que pareciam muito reais, a beijos e mordeduras macias e dolorosas, a arranhaduras que deixavam marcas, e compreenderam que era disso, disso, disso que tinham necessitado, era por aquilo que haviam ansiado sem saber; entenderam que tendo passado pelas regressões e sofrimentos infantis de seus primeiros dias na selva, tendo sobrevivido ao advento da memória e da responsabilidade e também às

dores ainda maiores das repetidas acusações, estavam deixando a infância para sempre; e depois, esquecendo razões, implicações e surdez, esquecendo tudo, entregaram-se às quatro idênticas belas sem um único pensamento em suas mentes.

Depois daquela noite, ficaram incapazes de se afastar do templo, salvo para procurar alimento, e toda noite as meigas mulheres de seus mais desvairados sonhos retornavam em silêncio, sem nunca falarem, sempre limpas e perfeitas, e invariavelmente conduziam o perdido quarteto a um inacreditável auge de delícias. Nenhum deles saberia dizer quanto durou esse período, pois nos Sundarbans o tempo obedecia a leis desconhecidas, mas por fim chegou o dia em que olharam uns para os outros e compreenderam que se tornavam transparentes, que era possível enxergar atrás de seus corpos, não com clareza ainda, mas nebulosamente, como se olhassem através de suco de manga. Alarmados, compreenderam que aquele era o último e mais perigoso dos truques da floresta; que, ao lhes proporcionar o que mais desejavam seus corações, a selva estava a logr-los, levando-os a consumir seus sonhos, de modo que, à medida que a vida onírica escorria deles, tornavam-se vazios e translúcidos como vidro. O buda via agora que o descolorido dos insetos, das sanguessugas e das serpentes talvez se devesse mais às depredações causadas em suas imaginações de inseto, de sanguessugas e de serpentes do que à ausência de luz... Despertados, como que pela primeira vez, pelo choque da translucidez, olharam o templo com novos olhos, vendo as enormes fendas hiantes na rocha maciça, percebendo que pedaços enormes poderiam soltar-se e cair sobre eles a qualquer momento; e então, num canto lôbrego do santuário abandonado, avistaram os restos daquilo que poderia ter sido quatro pequeninas fogueiras... cinzas antigas, sinais de combustão na pedra... ou, quiçá, quatro piras fúnebres; e, no centro de cada uma delas, um montículo, enegrecido e queimado, de ossos intactos.

Como o buda saiu dos Sundarbans: ao fugirem do templo na direção do barco, a floresta de ilusões fez desencadear-se sobre eles seu último e

imane arдил; mal haviam chegado à embarcação, esse estratagema final arremessou-se contra eles, de início um ronco a grande distância, depois um rugido que lhes penetrava até os ouvidos ensurdecidos pela lama; haviam desamarrado a embarcação e saltado para dentro dela quando chegou a onda, e agora ficaram à mercê das águas, que os poderia ter esmagado sem esforço contra as sundris, os mangues ou as nipas, mas em vez disso o macaréu os transportou por turbulentos canais castanhos, enquanto a floresta de seus tormentos passava por eles, num borrão indistinto, uma descomunal muralha verde, como se a selva, já cansada de seus folguedos, os estivesse enxotando sem cerimônia de seu território; impelidos para a frente, sempre em frente, pela força inimaginável da onda, bamboleavam lastimosamente entre galhos caídos e as peles descartadas de cobras-d'água, até serem finalmente ejetados do barco quando o macaréu em refluxo o fez chocar-se com um toco de árvore; enquanto a onda se afastava, viram-se atirados a um arrozal, com água até a cintura, mas vivos, tirados do âmago da selva de sonhos, para a qual eu fugira com a esperança de paz e onde encontrara tanto menos como mais do que desejara, devolvidos ao mundo de exércitos e datas.

Ao emergirem da selva, era outubro de 1971. E sou forçado a admitir (entretanto, em minha opinião, o fato só reforça meu pasmo com relação ao sortilégio das alterações cronológicas da floresta) que naquele mês não se registrou qualquer macaréu, ainda que, mais de um ano antes, de fato cheias tivessem devastado a região.

Depois do episódio dos Sundarbans, minha antiga vida ficou à espera de me reaver. Eu devia ter sabido: não há como fugir ao passado. Você é eternamente o que você foi.

Durante sete meses, no decurso do ano de 1971, três soldados e seu rastreador desapareceram da face da guerra. Em outubro, porém, quando as chuvas cessaram e os guerrilheiros do Mukti Bahini começaram a aterrorizar os postos avançados paquistaneses, quando franco-atiradores do Mukti Bahini não distinguiam entre soldados e oficiais subalternos, nosso

quarteto saiu da invisibilidade e, diante de poucas alternativas, tentou reunir-se ao corpo principal das forças de ocupação da parte ocidental. Mais tarde, quando interrogado, o buda sempre explicaria seu desaparecimento valendo-se de uma história mal-amanhada de perder-se numa selva entre árvores cujas raízes davam botes como serpentes. Talvez tenha sido uma felicidade o fato de oficiais do exército a que pertencia nunca o terem interrogado formalmente. Ayuba Baloch, Faruq Rashid e Shahid Dar tampouco foram submetidos a tais interrogatórios; no caso deles, porém, porque não viveram o suficiente para que fossem feitas perguntas.

... Numa aldeia inteiramente deserta de cabanas de sapé e paredes de barro cobertas de excremento — numa comunidade abandonada, da qual até os frangos tinham fugido —, Ayuba-Shahid-Faruq lamentavam sua sorte. Ensurdecidos pela lama venenosa da floresta pluvial, uma deficiência que começara a incomodá-los muito mais agora, quando as vozes escarninhas da selva já não pairavam no ar, choravam seus vários choros, todos falando ao mesmo tempo, nenhum escutando o outro; o buda, entretanto, era obrigado a ouvi-los todos: a Ayuba, que ficava de pé, virado para um canto num quarto nu, com os cabelos enredados numa teia de aranha, lamuriando-se: — Meus ouvidos, meus ouvidos, estão como abelhas zumbidoras; a Faruq, que petulantemente gritava: — De quem é a culpa mesmo?... Quem é que tinha um nariz capaz de farejar qualquer coisa?... Quem dizia “Para lá, Para cá?”... E quem, quem vai acreditar?... Em selvas, templos e serpentes transparentes?... Por Alá, que história essa, buda. Devíamos fuzilar você aqui mesmo!; a Shahid, baixinho: — Estou com fome. — De volta ao mundo real, estavam esquecendo as lições da floresta. E Ayuba: — Meu braço! Por Alá, cara, meu braço que ficou duro! O fantasma, pingando líquido...! — E Shahid: — Desertores, é isso que vão dizer... de mãos vazias, sem prisioneiro, depois de tantos meses!... Alá, uma corte marcial, quem sabe? O que acha, buda? — E Faruq: — Seu desgraçado, veja o que nos fez fazer! Ah, meu Deus, é demais, nossos

uniformes! Veja, buda, nossos uniformes: trapos e farrapos, como a roupa de um mendigo! Pense no que o general... e aquele Najmuddin... Jurei pela cabeça de minha mãe que eu não... eu não sou um covarde! Não! — E Shahid, a matar formigas e chupá-las na palma da mão: — De qualquer maneira, como achar o exército? Quem sabe onde estão ou se estão? E não vimos e ouvimos dizer como os Mukti Bahini... *ta-ta-ra-ta!*... Eles atiram dos seus esconderijos, e era uma vez! Morre-se, como uma formiga! — Mas Faruq também está falando: — Não é só o uniforme, cara, os cabelos! Por acaso isso é um corte militar? Essa cabeleira comprida, caindo sobre as orelhas como vermes? Esse cabelo de mulher? Alá, vão nos matar na mesma hora... encostar na parede e *ta-ta-ra-ta!*... vão ver só se não acontece isso! — Mas agora Ayuba, o Tanque, já se acalma; Ayuba segura o rosto nas mãos; Ayuba diz baixinho para si mesmo: — Cara, cara! Vim para lutar com aqueles hindus vegetarianos, cara. E o que existe aqui é muito diferente, cara. Uma coisa ruim demais!

É algum dia de novembro; estiveram avançando devagar, bem lentamente, para o norte, sempre para o norte, passando por jornais que esvoaçam, jornais escritos com curiosos caracteres floreados, por campos vazios e povoados abandonados, passando vez por outra por uma velhinha com uma vara no ombro, um grupo de crianças de oito anos que têm nos olhos a fome da retirada e nos bolsos a ameaça de facas, escutando histórias de movimentação invisíveis dos guerrilheiros do Mukti Bahini pelos campos fumegantes, histórias de balas que partem não se sabe de onde, zumbindo como abelhas... E agora chegou-se a um ponto crítico, e Faruq diz: — Se não fosse você, buda... Por Alá, monstro de olhos azuis de estrangeiro, ah, Deus, yaar, como você *fedede!*

Todos nós fedemos: Shahid, que esmaga (com o salto de uma bota em frangalhos) um escorpião no chão sujo da cabana abandonada; Faruq, entregue à procura absurda de uma faca com que possa cortar os cabelos; Ayuba, encostado num canto da cabana, enquanto uma aranha rasteja pelo alto de sua cabeça; e também o buda. O buda, cujo fedor chega ao céu,

agarra com a mão direita uma enodoada escarradeira de prata e tenta lembrar seu nome. E só consegue evocar apelidos: Catarrento, Cara-suja, Careca, Farejador, Pedaco-da-lua.

... Ele estava sentado, de pernas cruzadas, no meio da tormenta lamuriante que era o medo de seus companheiros, forçando a memória; mas nada, o nome não vinha. E por fim o buda, atirando a escarradeira contra o chão de terra batida, exclamou para ouvidos surdos: — Não... NÃO É... JUSTO!

No meio dos destroços da guerra, descobri o justo-e-o-injusto. A injustiça cheirava a cebolas; a pungência de seu odor provocava-me lágrimas nos olhos. Invaso pelo acre aroma da injustiça, lembrei-me de Jamila Cantora ter se debruçado sobre uma cama de hospital — de quem? *Como é o nome?* —, de dragonas e distintivos também presentes... de minha irmã... não, não é minha irmã! De ela... De ela haver dito: — Irmão, preciso ir embora para cantar a serviço do país; agora o exército vai cuidar de você... Por mim, vão cuidar de você bem, muito bem. — Estava de véu; por trás do brocado branco e dourado, senti o cheiro de seu sorriso de traidora; através do macio tecido do véu, ela depôs em minha testa o beijo de sua vingança; e depois ela, que sempre se vingava daqueles que mais a amavam, deixou-me entregue aos ternos cuidados dos distintivos e dragonas... E, depois de lembrar-me da traição de Jamila Cantora, recordei o ostracismo que sofri, tanto tempo antes, nas mãos de Evie Burns; e os exílios, e também os logros de piqueniques; e toda a vasta montanha de ocorrências sem sentido que atormentavam minha vida; a seguir, lamentei o nariz de pepino, a cara manchada, as pernas cambaias, as têmporas proeminentes, a tonsura monacal, a perda do dedo, a lesão de um ouvido e a escarradeira insensibilizadora que me arreventara a cabeça; chorei então copiosamente, mas ainda assim meu nome me fugia, e eu repeti: — Não é justo; *não é justo*; NÃO É JUSTO! — Surpreendentemente, Ayuba, o Tanque, afastou-se de seu canto; talvez se lembrando de sua própria crise nervosa nos Sundarbans, Ayuba acorrou-se diante de mim e passou o braço bom

em torno de meu pescoço. Aceitei seu consolo; chorei em sua camisa; mas então surgiu uma abelha zunindo em nossa direção; enquanto ele se acocorava, com as costas para a janela sem vidraça da cabana, alguma coisa veio zumbindo através do ar superaquecido; enquanto ele dizia: — Ei, buda... vamos, buda... ei, ei!... — e, enquanto outras abelhas, as abelhas da surdez, zumbiam em seus ouvidos, uma coisa o picou no pescoço. Saiu um som pipocante de dentro de sua garganta e ele caiu para a frente em cima de mim. Não fosse a presença dele, a bala do franco-atirador que matou Ayuba Baloch teria atravessado meu crânio. Morrendo, ele me salvou a vida.

Esquecendo as humilhações passadas, deixando de lado o justo-e-o-injusto e também o-que-não-tem-remédio-remediado-está, saí de baixo do corpo de Ayuba, o Tanque, enquanto Faruq bradava: — Ah, meu Deus, ah, meu Deus! — e Shahid se lamentava: — Alá, não sei nem se minha arma vai... — E Faruq, de novo: — Ah, meu Deus! Ah, meu Deus, como vamos saber onde está o desgraçado...! — Mas Shahid, como os soldados de filme, está colado contra a parede, ao lado da janela. Nessas posições — eu no chão, Faruq encolhido num canto, Shahid colado no reboco de excremento — esperamos, inermes, para ver o que aconteceria.

Não houve um segundo tiro; é possível que o atirador, sem saber o tamanho da força escondida no interior da cabana revestida de excremento, tivesse simplesmente disparado e fugido. Permanecemos dentro da cabana, os três, uma noite e um dia, até que o corpo de Ayuba Baloch começou a exigir atenção. Antes de sairmos, achamos picaretas e o enterramos... E depois, quando os soldados indianos realmente chegaram, não houve nenhum Ayuba Baloch para saudá-los com suas teorias da superioridade da carne sobre os vegetais; não houve um Ayuba que entrasse em ação, gritando: — Catapum! Pimba!! Talvez não tenha feito diferença.

... E, num dia qualquer de dezembro, nós três chegamos, em bicicletas roubadas, a um campo do qual se via a cidade de Dacca a distância; era

um campo em que cresciam plantas tão estranhas, de cheiro tão nauseante, que não conseguíamos continuar em nossas bicicletas. Desmontamos antes que caíssemos, e então entramos na medonha plantação.

Por ele caminhava um camponês, um saqueador, assoviando enquanto trabalhava, com um enorme saco nas costas. Os nós esbranquiçados dos dedos que seguravam o saco revelavam a determinação de seu estado de espírito; o assovio, estridente mas melodioso, mostrava que ele não estava nada deprimido. O assovio ecoava pelo campo, repercutindo em capacetes caídos, ressoando nos canos de fuzis entupidos de lama, mergulhando sem deixar vestígio nas botas caídas daquelas plantas estranhas, estranhíssimas, cujo cheiro, tal como o cheiro da injustiça, levava lágrimas aos olhos de buda. As plantas estavam mortas, atingidas por alguma praga desconhecida... E a maioria delas, mas não todas, usava os uniformes do exército do Paquistão Ocidental. Além do assovio, os únicos ruídos que se ouviam eram os sons de objetos que caíam dentro do saco do camponês: cintos de couro, relógios, obturações de ouro, armações de óculos, latas de rações, cantis, botas. O camponês os viu e pôs-se a correr na direção deles, sorrindo de maneira insinuante, falando depressa e num tom de adulação que só o buda era obrigado a ouvir. Faruq e Shahid fitavam vitreamente o campo enquanto o camponês começava suas explicações.

— Muitos tiros! *Ta-ta-ra-ta!* — Imitava uma pistola com a mão direita. Falava em hindi, mal e com dificuldade. — Aho, senhores! Índia chegou, meus senhores! Aho, isso! *Aaho!* — E em toda a extensão do campo, as plantas vazavam um nutritivo tutano no solo, enquanto ele prosseguia: — Eu não atirar, senhores! Aho, não. Sei notícias... aho, que notícias! Índia chegou! Jessore caída, meus senhores; em um-quatros dias, Dacca também, sim-não? — O buda ouvia. — Que coisas, meu senhor! Índia! Eles têm um soldado forte, pode matar seis pessoas de uma vez, quebra pescoços *ccrrrit-ccrrrit* entre os joelhos, meus senhores! Joelhos... é assim que fala? — Bateu em seus próprios joelhos. — Eu ver, meus senhores. Com esses olhos, aho!

Ele não briga com armas, não briga com espada. Com joelhos, e seis pescoços *ccrrrit-ccrrrit*. Aho, Deus. — Shahid estava vomitando na plantação. Faruq Rashid havia caminhado até o outro extremo e olhava agora para um grupo de mangueiras. — Em uma-duas semanas guerra acabada, meus senhores! Todo mundo volta. Agora todos foram embora, mas eu não, senhores. Soldados procurando Bahini e mataram muitos, muitos, também meu filho. Aho, isso, senhores, isso! — Os olhos do buda enevoaram-se e ficaram opacos. A distância, ele ouvia os ribombos de artilharia pesada. Colunas de fumaça subiam para o descorado céu de dezembro. As plantas estranhas continuavam imóveis, inabaladas pela brisa... — Eu fico, meus senhores. Aqui eu conheço nomes de pássaros e plantas. Aho! Meu nome é Deshmukh. Vender miudezas. Vender muitas coisas boas. Quer? Remédio para prisão de ventre, muito bom, aho, eu tenho. Quer relógio, que brilha no escuro? Também tenho. E livro, aho, e truque de festa, tenho mesmo. Era famoso em Dacca antes. É verdade, aho. Não atiro.

O vendedor de miudezas continuava a falar, oferecendo uma coisa atrás da outra, como um cinto mágico que capacitava quem o usasse a falar hindi. — Estou usando um agora, senhor, falar muito direito, sim-não? Muitos soldados da Índia compram, eles falam tantas línguas diferentes, cinto é uma maravilha, presente de Deus! — E então notou o que o buda trazia nas mãos. — Aho, senhor! Coisa muito importante. Prata? Pedra preciosa? O senhor dá; eu dou rádio, máquina fotográfica, quase funcionando, senhor! Negócio bom, amigo. Para só uma escarradeira, muito bom. Aho! Isso, meu senhor, a vida continua. Os negócios precisam continuar, meu senhor, não é verdade?

— Fale mais — disse o buda — sobre o soldado dos joelhos.

Mas nesse momento, mais uma vez, uma abelha zumbe; a distância, do outro lado do campo, alguém cai de joelhos; a testa de alguém toca o chão, como se orasse; e, no campo, uma das plantas, que estivera ainda suficientemente viva para disparar, também se imobiliza. Shahid Dar está gritando um nome:

— Faruq! Faruq, cara!

Mas Faruq não responde.

Mais tarde, ao contar histórias da guerra para o tio Mustafá, o buda narrou como havia atravessado aos tropeções o campo adubado de tutano na direção do companheiro caído; e contou também como, muito antes de chegar ao cadáver de Faruq em oração, foi detido pelo maior segredo do campo.

Havia no meio dele uma pequena pirâmide. Formigas a cobriam, mas não se tratava de um formigueiro. A pirâmide tinha seis pés e três cabeças; no meio dela havia uma área confusa composta de fragmentos de troncos, pedaços de uniformes, trechos de intestinos e sinais de ossos esmigalhados. A pirâmide ainda estava viva. Uma de suas três cabeças tinha um olho vazado, legado de uma briga de infância. Outra tinha cabelos muito emplastrados de brilhantina. A terceira cabeça era a mais estranha: tinha depressões profundas onde deveriam ficar as têmporas, mossas que poderiam ter sido causadas pelo fórceps de um ginecologista que o tivesse usado com muita força por ocasião do parto... E foi essa terceira cabeça que falou ao buda:

— Olá, cara — disse. — Que diabo está fazendo aqui?

Shahid viu a pirâmide de soldados inimigos aparentemente conversando com o buda. Tomado repentinamente de uma energia irracional, Shahid atirou-se sobre mim e me jogou ao chão, gritando: — O que você é?... Espião? Traidor? O quê?... Como é que eles sabem que você... — Enquanto isso, Deshmukh, o vendedor de miudezas, saltitava, pesaroso, ao redor de nós: — Aho, meus senhores! Briga demais já aconteceu. Agora fiquem normais, meus senhores. Eu peço. Aho, Deus.

Mesmo que Shahid tivesse sido capaz de me escutar, eu não lhe poderia ter dito, naquele momento, o que mais tarde convenci-me de que era a verdade: a finalidade de toda aquela guerra fora fazer-me reencontrar uma vida antiga, juntar-me de novo a meus velhos amigos. Sam Manekshaw estava marchando sobre Dacca, para encontrar seu velho amigo, o Tigre; e

os modos de conexão continuavam a atuar, pois no campo de ossos que vazavam tutano vim a saber das proezas dos joelhos e fui saudado por uma agonizante pirâmide de cabeças; e em Dacca eu encontraria a bruxa Parvati.

Quando Shahid se acalmou e me largou, a pirâmide já não era capaz de falar. Depois, naquela mesma tarde, reiniciamos nossa caminhada em direção à capital. Deshmukh, o vendedor de miudezas, saiu correndo atrás de nós, gritando alegremente: — Aho, senhores! Aho, meus pobres senhores! Quem sabe quando um homem vai morrer? Quem, meus senhores, sabe por quê?

# Sam e o Tigre

Às vezes, montanhas têm de mover-se antes que velhos camaradas se reencontrem. Em 15 de dezembro de 1971, na capital do recém-libertado estado de Bangladesh, Niazi Tigre rendeu-se a seu velho amigo Sam Manekshaw, enquanto eu, por minha vez, rendia-me aos abraços de uma moça que tinha olhos do tamanho de pires, um rabo-de-cavalo que lembrava uma longa e reluzente corda preta, e lábios que ainda não haviam, na época, adquirido a expressão de amuo que viria a caracterizá-los. Esses encontros não foram realizados com facilidade; e, como gesto de respeito para com aqueles que os possibilitaram, farei uma breve pausa em minha narrativa para expor os porquês e os portanto.

Sejamos rigorosamente explícitos: se Yahya Khan e Z. A. Bhutto não tivessem sido coniventes no golpe de 25 de março, eu não teria sido levado a Dacca em trajes civis; nem, com toda probabilidade, o general Niazi Tigre estaria na cidade em dezembro. Continuando: a intervenção indiana na disputa de Bangladesh também resultou da interação de enormes forças. É possível que se dez milhões de pessoas não houvessem cruzado as fronteiras e entrado na Índia, o que obrigou o governo de Délhi a gastar duzentos milhões de dólares por mês em campos de refugiados (toda a guerra de 1965, cuja finalidade secreta fora a aniquilação de minha família, lhe custara apenas setenta milhões de dólares!), soldados indianos, chefiados pelo general Sam, jamais teriam atravessado as fronteiras na direção oposta. No entanto, a Índia interveio também por outras razões: como eu viria a saber pelos mágicos comunistas que viviam à sombra da Mesquita da Sexta-Feira, em Délhi, o sarkar indiano estivera

preocupadíssimo com o declínio da influência da Liga Awami de Mujib e com a crescente popularidade dos revolucionários do Mukti Bahini; Sam e o Tigre encontraram-se em Dacca para impedir que o Bahini conquistasse o poder. Portanto, se não fossem o Mukti Bahini, a bruxa Parvati talvez nunca tivesse acompanhado as tropas indianas em sua campanha de “libertação”... No entanto, nem mesmo isso representa explicação cabal. Um terceiro motivo para a intervenção indiana foi o medo de que as agitações em Bangladesh se espalhassem, no caso de não serem reprimidas a tempo, para Bengala Ocidental; de modo que Sam e o Tigre, e também Parvati e eu, devemos nossos encontros, pelo menos em parte, aos elementos mais turbulentos na política de Bengala Ocidental. A derrota do Tigre foi tão-somente o começo de uma campanha contra a esquerda em Calcutá e em suas imediações.

Seja como for, a Índia interveio; e a rapidez de sua intervenção — pois em questão de apenas três semanas o Paquistão perdeu metade de sua Marinha, um terço de seu Exército, um quarto de sua Força Aérea e, finalmente, depois da rendição do Tigre, mais da metade de sua população — deveu-se também aos Mukti Bahini; isto porque, talvez ingenuamente, por não compreenderem que o avanço indiano era tanto uma manobra tática contra eles quanto uma batalha contra as forças de ocupação do Paquistão Ocidental, o Bahini prestava informações ao general Manekshaw com relação aos movimentos das tropas paquistanesas e sobre as vantagens e deficiências do Tigre. Cabe agradecer, também, ao sr. Chu En-lai, que se recusou (apesar dos rogos de Bhutto) a prestar ao Paquistão qualquer ajuda material na guerra. Por lhe serem negadas armas chinesas, o Paquistão lutou com fuzis, tanques e aviões americanos. O presidente dos Estados Unidos, e somente ele em todo o mundo, resolveu “inclinarse” para o Paquistão. Enquanto Henry A. Kissinger defendia a causa de Yahya Klan, o mesmo Yahya negociava secretamente a famosa visita oficial do presidente à China... Por conseguinte, forças imensas atuavam contra meu encontro

com Parvati e o de Sam com o Tigre; mas, apesar da inclinação do presidente, tudo terminou em três breves semanas.

Na noite de 14 de dezembro, Shahid Dar e o buda rodearam as cercanias da sitiada cidade de Dacca; mas o nariz do buda (vocês devem se lembrar) era capaz de sentir muito mais cheiros que os narizes normais. Seguindo o olfato do buda, que farejava segurança e perigo, os dois acharam uma passagem entre as linhas indianas e entraram na cidade na calada da noite. Enquanto se moviam furtivamente por ruas onde não se via viva alma, salvo alguns mendigos famintos, o Tigre jurava combater até o último homem; no dia seguinte, porém, rendeu-se. O que não se sabe: se o último homem ficou grato por ser poupado ou desapontado por perder a oportunidade de entrar no jardim canforado.

E assim voltei àquela cidade, na qual, nessas últimas horas antes dos encontros, Shahid e eu vimos muitas coisas que não eram verdadeiras, que não eram possíveis, pois nossos rapazes não poderiam ter se comportado tão mal; vimos homens de óculos, com jeito de intelectuais, serem fuzilados em ruas laterais; vimos a elite da cidade ser massacrada às centenas, mas isso não era verdade, porque não poderia ser verdade, o Tigre, afinal de contas, era um sujeito decente, e nossos jawans valiam por dez babus; caminhávamos em meio à insuportável alucinação da noite, escondendo-nos em portais enquanto incêndios se abriam como flores, lembrando-me a maneira como a Macaca de Cobre costumava atear fogo em sapatos para chamar um pouco de atenção, pessoas degoladas eram enterradas em valas comuns, e Shahid começou a falar como sempre: — Não, buda... que coisa, por Alá, não se pode crer no que se vê... não, não é verdade, como pode ser... buda, diga, o que aconteceu com meus olhos? — E finalmente o buda falou, mesmo sabendo que Shahid não podia escutar: — Ah, Shahid — disse ele, revelando as profundezas de sua perspicácia —, uma pessoa às vezes tem de escolher o que verá e o que não verá. Olhe para outro lado, a partir de agora. — Mas Shahid estava de olhos fixos numa esplanada onde médicas eram passadas por baionetas

antes de serem estupradas, e estupradas outra vez antes de serem fuziladas. Sobre eles e acima deles, o frio minarete branco de uma mesquita fitava a cena sem nada ver.

Como se falasse para si próprio, o buda disse: — Chegou a hora de pensarmos em salvar nossa própria pele. Só Deus sabe por que voltamos. — O buda entrou pela porta de uma casa abandonada, a casca semidestruída de um prédio que abrigara no passado uma casa de chá, uma oficina de bicicletas, um prostíbulo e uma salinha onde devia sentar-se um escrivão público, pois estava ali a mesa baixa em que ele abandonara um par de óculos, lá estavam os esquecidos carimbos e estampilhas que no passado lhe haviam permitido ser mais do que um velho pobre coitado — carimbos e estampilhas que o tinham tornado árbitro do que era verdadeiro e do que não era. O escrivão público estava ausente, de modo que eu não lhe podia pedir que verificasse o que estava acontecendo, eu não podia prestar uma declaração sob juramento; mas no tapete atrás de sua mesa havia um traje esvoaçante, como um djellabah, e sem esperar mais tirei meu uniforme, inclusive o emblema com a cadela das unidades UCARI, e tornei-me anônimo, um desertor, numa cidade cuja língua eu não falava.

Shahid Dar, porém, ficou na rua; ao primeiro clarão do alvorecer, viu soldados que se afastavam depressa daquilo-que-não-tinha-sido-feito; e então veio a granada. Eu, o buda, ainda estava dentro da casa vazia; mas Shahid achava-se desprotegido por paredes.

Quem poderá dizer por que, como, quem? Mas decerto a granada foi atirada. Naquele último instante de sua vida ainda não seccionada, Shahid foi tomado, de repente, por um impulso irresistível de olhar para cima... Mais tarde, no alojamento do muezim, ele disse ao buda: — Tão esquisito, por Alá... A romã... em minha cabeça, assim mesmo, maior e mais brilhante do que nunca antes... você sabe, buda, como uma lâmpada... por Alá, o que eu podia fazer, eu olhei! — ... E, sim, ali estava, pairando sobre a cabeça dele, a granada de seus sonhos, pairando pouco acima de sua

cabeça, caindo-caindo, explodindo à altura do estômago, atirando suas pernas para longe, arremessando-as para outra parte da cidade.

Quando saí para vê-lo, Shahid estava consciente, apesar da bissecção, e apontou para cima: — Leve-me até lá, buda. Eu quero, eu quero —, de modo que carreguei o que era agora apenas a metade de um rapaz (e, portanto, razoavelmente leve) por estreitas escadas em espiral, até as alturas daquele frio minarete branco, onde Shahid balbuciou coisas sobre lâmpadas, enquanto formigas vermelhas e pretas lutavam pela posse de uma barata morta, combatendo ao longo dos sulcos do grosseiro piso de concreto. Lá embaixo, em meio a casas calcinadas, vidros quebrados e fumaça, pessoas começavam a aparecer, preparando-se para a paz; as formigas, porém, não deram atenção a elas e continuaram a lutar. E o buda? Imobilizava-se olhando lacteamente para baixo e em torno de si, colocado entre a metade superior de Shahid e a única peça de mobília do lugar, uma mesa baixa onde havia um toca-discos ligado a um alto-falante. Protegendo seu seccionado companheiro da decepção desse muezim mecanizado, cujo chamado à prece sempre saíria arranhado nos mesmos lugares, o buda tirou das dobras do manto informe um objeto reluzente e dirigiu seu olhar lácteo à escarradeira de prata. Perdido em reflexão, foi tomado de surpresa quando começaram os gritos; e, olhando para cima, viu uma barata abandonada. (O sangue estivera escorrendo pelos sulcos deixados no concreto pela pá do pedreiro; as formigas, seguindo essa escura trilha viscosa, tinham chegado à fonte do vazamento, e Shahid expressava sua fúria por tornar-se vítima não de uma só guerra, mas de duas.)

Indo em seu socorro, com os pés saltando sobre formigas, o buda esbarrou com o cotovelo num interruptor; o sistema de alto-falante foi ativado, e posteriormente as pessoas jamais esqueceram o modo como uma mesquita clamara contra a terrível agonia da guerra.

Após alguns momentos, silêncio. A cabeça de Shahid tombou para a frente. E o buda, temendo ser descoberto, pegou a escarradeira e desceu para a cidade, no momento em que chegava o exército indiano; deixando

Shahid, que já não se importava, a proporcionar o banquete que marcava a paz entre as formigas, saí para as ruas, de manhã bem cedo, a fim de receber o general Sam.

No minarete, eu fitara lacteamente a escarradeira; mas a mente do buda não estivera vazia. Continha três palavras, que a metade superior de Shahid também não cessara de repetir, até a chegada das formigas: as mesmas três palavras que, certa vez, recendendo a cebolas, tinham me feito chorar sobre o ombro de Ayuba Baloch — até que a abelha, zunindo... “Não é justo”, pensou o buda, e depois, como uma criança, ficou a repetir mentalmente “Não é justo”, vezes sem conta, vezes sem conta.

Concretizando o mais caro anseio de seu pai, Shahid finalmente merecera seu nome; mas o buda continuava sem se lembrar do seu.

Como o buda recuperou seu nome: Uma vez, faz muito tempo, em outro dia de independência, o mundo fora açafraão e verde. Agora, nessa nova manhã, as cores eram verde, vermelho e dourado. Nas cidades, gritos de “Jai Bangla!”. E vozes de mulheres que cantavam *Nossa dourada Bengala*, enlouquecendo seus corações de prazer... No centro da cidade, no pódio de sua derrota, o general Niazi Tigre esperava o general Manekshaw. (Detalhes biográficos: Sam era um parse. Vinha de Bombaim. Os bombainenses previram naquele dia uma era de felicidade.) E, cercado de verde, vermelho e dourado, o buda, em seu traje anônimo informe, era empurrado por multidões; e então veio a Índia. A Índia, com Sam à sua testa.

A idéia terá sido do general Sam? Ou mesmo de Indira?... Deixando de lado essas indagações inúteis, registro apenas que a entrada indiana em Dacca foi muito mais do que um simples desfile militar; como convém a um triunfo, estava engrinaldado de espetáculos paralelos. Um cargueiro especial da Força Aérea Indiana voara para Dacca, transportando cento e um dos melhores saltimbancos e encantadores que a Índia podia oferecer. Vieram do famoso gueto dos mágicos em Délhi, vários deles vestindo,

devido à ocasião, os evocativos uniformes do fauj indiano, de modo que muitas pessoas de Dacca meteram na cabeça que a vitória dos indianos fora inevitável desde o começo, uma vez que até seus jawans uniformizados eram feiticeiros de primeira linha. Os encantadores e outros artistas marchavam ao lado dos soldados, divertindo a multidão; havia acrobatas que formavam pirâmides humanas sobre carroças puxadas por novilhos brancos; extraordinárias contorcionistas capazes de engolir as pernas até os joelhos; malabaristas que desobedeciam às leis da gravidade, atraindo ohs e ahs da multidão embasbacada, enquanto lançavam ao ar granadas de brinquedo, mantendo quatrocentas e vinte delas voando ao mesmo tempo; havia ilusionistas que brincavam com cartas de baralho, capazes de tirar a rainha de chiryas (a monarca das aves, a imperatriz de paus) das orelhas de mulheres; havia a grande dançarina Anarkali, cujo nome significava “botão de romã”, a executar saltos, contorções e piruetas sobre um carro puxado por um jumento e com gigantescos aros de prata a tilintar em sua narina direita; havia Mestre Vikram, o tocador de sitar, cujo instrumento era capaz de reproduzir, e exagerar, as mais tênues emoções dos corações de sua platéia, de modo que certa vez (ao que se dizia) ele tocara para uma platéia tão irritada, e realçara tanto seu mau humor, que se seu tocador de tabla não lhe houvesse interrompido a raga ao meio, o poder de sua música teria feito com que todos se esfaqueassem e destruíssem o auditório... Naquele dia, a música de Mestre Vikram elevou a boa vontade comemorativa do povo a níveis febricitantes; ela lhes enlouqueceu, digamos assim, os corações de prazer.

E estava lá também o próprio Retrato Singh, um gigante de dois metros e dez de altura, que pesava cento e dez quilos e era conhecido como o Homem Mais Encantador do Mundo, em virtude de suas insuperáveis aptidões como encantador de serpentes. Nem mesmo os lendários tubriwallahs de Bengala excediam seu talento; caminhava pelas multidões delirantes, coberto dos pés à cabeça por serpentes que se enroscavam nele, todas com suas glândulas de veneno intatas... Retrato Singh, que seria o

último na seqüência de homens dispostos a se tornar meu pai... e logo atrás dele vinha a bruxa Parvati.

A bruxa Parvati divertia as turbas com auxílio de uma grande cesta de vime com tampa; voluntários bem-dispostos entravam na cesta e Parvati os fazia desaparecer tão completamente que não conseguiam voltar, até ela assim o desejar. Parvati, a quem a meia-noite concedera os verdadeiros dons do sortilégio, os pusera a serviço de seu humilde ofício de ilusionista; por isso lhe perguntavam: — Mas como é que consegue fazer isso? — Ou: — Vamos, moça bonita, diga qual é o truque, por que não?... — Sorrindo e rolando sua cesta mágica, Parvati veio em minha direção com as tropas libertadoras.

O exército indiano entrou na cidade, com seus heróis seguindo os mágicos; entre eles, soube depois, estava aquele colosso da guerra, o major com cara de rato e joelhos letais... Agora, porém, havia ainda mais ilusionistas, pois os prestidigitadores sobreviventes da cidade saíram dos esconderijos e começaram uma maravilhosa competição, procurando superar tudo e qualquer coisa que os mágicos visitantes tivessem a oferecer, e a dor da cidade foi lavada e apaziguada pelo grandioso e risonho jorro de mágicas. Foi então que a bruxa Parvati me viu e devolveu-me o nome.

— Salim! Ah, meu Deus, Salim. É você, Salim Sinai, você é Salim Sinai?

O buda dá um salto, como um fantoche. Multidões lhe cravam os olhos. Parvati abre caminho em sua direção. — Escute, tem de ser você! — Ela o agarra pelo cotovelo. Olhos de pires buscam olhos azuláceos. — Meu Deus, esse nariz, não estou sendo rude, mas é claro! Veja, sou eu, Parvati! Ah, Salim, não seja bobo agora, vamos vamos...!

— É isso — diz o buda. — Salim! Era isso!

— Ah, Deus, que emoção! — grita ela. — Arré baap, Salim, você se lembra... Os Filhos, yaar, ah, isso é bom demais! Mas por que está com essa cara tão séria, quando minha vontade é de quebrar você de tantos abraços? Passei tantos anos vendo você apenas aqui dentro — ela bate na

testa —, e agora você fica aí com essa cara de peixe morto. Ei, Salim! Vamos, diga ao menos um olá.

Em 15 de dezembro de 1971, Niazi Tigre rendeu-se a Sam Manekshaw; o Tigre e noventa e três mil soldados paquistaneses tornaram-se prisioneiros de guerra. Entrementes, eu me tornava o voluntário cativo dos mágicos indianos, pois Parvati arrastou-me para o desfile: — Agora, que achei você, não vou mais soltá-lo.

Naquela noite, Sam e o Tigre beberam juntos e trocaram reminiscências sobre os velhos tempos no exército britânico. — Uma coisa eu digo, Tigre — disse Sam Manekshaw —, você teve muita decência em render-se. — E o Tigre: — Sam, você fez uma guerra dos diabos. — Uma pequena nuvem tolda o rosto do general Sam. — Escute, meu caro, a gente ouve as mentiras mais cabeludas desse mundo. Massacres, *rapaz*, enterros em massa, unidades especiais chamadas UCARI ou alguma coisa assim, criadas com o fim de erradicar a oposição... Não há verdade alguma nisso tudo, não é mesmo? — E o Tigre: — Unidade Canina para Atividades de Rastreamento e Inteligência? Nunca ouvi falar disso: alguém lhe passou a perna, meu velho. Há muitos oficiais de informações bem ruins dos dois lados. Não, é uma idéia ridícula, se não se ofende por eu falar assim. — E o general Sam: — Foi o que pensei. É muito bom ver você de novo, Tigre, seu diabo velho. — E o Tigre: — Faz anos, hein, Sam? Muito tempo mesmo.

... Enquanto velhos companheiros cantavam *Auld lang syne* no rancho dos oficiais, eu realizava minha fuga de Bangladesh, dos meus anos do Paquistão. — Vou tirar você — disse Parvati, depois que expliquei. — Quer segredo absoluto?

Assenti. — Segredo absoluto.

Em outros lugares da cidade, noventa e três mil soldados preparavam-se para ser transportados em carroças para campos de prisioneiros de guerra; mas a bruxa Parvati me fez entrar numa cesta de vime, com a tampa bem ajustada. Sam Manekshaw foi obrigada a pôr seu velho amigo, o Tigre, em

custódia protetora; mas a bruxa Parvati me garantiu: — Desse jeito, nunca vão descobrir.

Atrás de um quartel de exército, onde os mágicos estavam esperando ser transportados de volta a Délhi, Retrato Singh, o Homem Mais Encantador do Mundo, ficou de guarda quando, naquela noite, subi para a cesta da invisibilidade. Ficamos passeando à toa, fumando biris, esperando os soldados sumirem de vista, enquanto Retrato Singh me falava sobre seu nome. Vinte anos atrás um homem da Eastman-Kodak tirara uma fotografia dele — que, envolta em sorrisos e cobras, depois apareceu em metade dos anúncios e cartazes de lojas da Kodak na Índia; desde então o encantador de serpentes adotara seu atual cognome. — O que acha, capitão? — rugiu ele, amável. — Um bom nome, não é? Capitão, o que vou fazer, não consigo nem lembrar o nome que eu tinha antes, o nome que meu pai e minha mãe me puseram! Uma coisa idiota, hein, capitão? — Mas Retrato Singh nada tinha de idiota; e tinha muito mais do que encanto. De repente, sua voz perdeu a jovialidade sonolenta; ele murmurou: — Agora! Agora, capitão, vamos, acelerado! — Parvati arrancou a tampa da cesta. Mergulhei de cabeça em sua cesta críptica. A tampa, voltando, bloqueou o último clarão do dia.

Retrato Singh cochichou: — Ótimo, capitão... muito bem! — Parvati abaixou-se bem junto de mim; seus lábios deviam estar encostados ao lado externo da cesta. A bruxa Parvati sussurrou:

— Ei, Salim! Imagine só! Você e eu... os filhos da meia-noite, yaar! Que coisa, hein?

*Que coisa...* Envolto na escuridão de vime, Salim lembrou-se de meias-noites de anos passados, de lutas infantis com a finalidade e a significação; esmagado pela nostalgia, continuei sem compreender que coisa era essa. Então Parvati murmurou algumas outras palavras e, dentro da cesta da invisibilidade, eu, Salim Sinai, desapareci instantaneamente, junto com meu largo traje anônimo, no ar rarefeito. — Desapareceu? Como desapareceu? O que desapareceu? — A cabeça de Padma estremece; os

olhos de Padma me fitam, estupefatos. Dando de ombros, apenas repito o que disse. Desapareci, só isso. Sumi. Desmaterializei-me. Como um djinn; puf, assim.

— Então — insiste Padma —, ela era uma bruxa das verdadeiras?

Das verdadeiras. Eu estava na cesta, mas também não estava; Retrato Singh levantou-a com uma das mãos e atirou-a na carroceria do caminhão do exército que levaria Parvati, ele e noventa e nove outros para o avião que os esperava na base militar; fui atirado com a cesta, mas também não fui. Depois, Retrato Singh disse: — Não, capitão, não senti seu peso —, nem eu senti qualquer solavanco ou sacolejão. Cento e um artistas tinham chegado, num cargueiro da Força Aérea Indiana, da capital da Índia; cento e duas pessoas voltaram, embora uma delas ao mesmo tempo estivesse e não estivesse ali. Isso mesmo, encantamentos mágicos às vezes têm sucesso. Mas também falham: meu pai, Ahmed Sinai, nunca conseguiu lançar uma maldição sobre Sherri, a cadela vira-latas.

Sem passaporte nem visto, voltei, protegido pela invisibilidade, à minha terra natal; acreditem ou não, mas até um cético terá de dar alguma explicação para minha presença aqui. Por acaso o califa Harum al-Rashid (numa outra coletânea de histórias fabulosas) também não vagueava, incógnito-invisível-anônimo, pelas ruas de Bagdá? O que Harum fez nas ruas de Bagdá a bruxa Parvati me possibilitou, enquanto voávamos pelas rotas aéreas do subcontinente. Ela fez; eu estava invisível. *Chega*.

Lembranças da invisibilidade: dentro da cesta, aprendi o que era, como será, estar morto. Eu adquirira as características dos fantasmas! Presente, mas insubstancial; real, mas sem qualquer volume ou peso... Descobri, na cesta, como os fantasmas vêem o mundo. Baçamente, vagamente, brumosamente... Ele estava a meu redor, mas de leve; eu pairava numa esfera de ausência, em cujas bordas, como vagos reflexos, podia ver os espectros da urdidura do vime. Os mortos morrem, e são aos poucos esquecidos; o tempo opera sua cura, e eles esmaecem... Mas na cesta de Parvati descobri que o contrário também é verdade; que também os

fantasmas começam a esquecer; que os mortos perdem suas recordações dos vivos, e que por fim, ao se apartarem de suas vidas, vão se esmaecendo... que o ato de morrer, em suma, continua durante muito tempo depois da morte. Depois, Parvati disse: — Eu não queria lhe dizer... mas ninguém deve ser mantido invisível durante tanto tempo... Foi perigoso, mas o que se poderia fazer?

Nas garras da feitiçaria de Parvati, senti meu contato com o mundo se desfazendo... e como era fácil, como era sereno, não voltar nunca!... Flutuar nesse não-ser nebuloso, vagar sempre adiante, adiante, como um esporo tocado pelo vento... Em suma, eu estava em perigo mortal.

A que eu me agarrava naquele fantasmagórico tempo e espaço: uma escarradeira de prata, que, transformada como eu mesmo por palavras sussurradas por Parvati, era, não obstante, uma sombra do exterior... Agarrado a um objeto de prata de delicado lavor, que reluzia até naquela escuridão inexprimível, sobrevivi. Apesar do entorpecimento da cabeça aos pés, fui salvo, talvez, pelas cintilações de minha preciosa souvenir.

Não... Houve aí o efeito de outras coisas além de escarradeiras: pois, como já sabemos, nosso herói é afetado em alto grau pelo confinamento em espaços fechados. As transformações o acometem no espaço escuro. Como simples embrião no sigilo de um ventre (não o de sua mãe), não se transformou ele na encarnação do novo mito de 15 de agosto, o filho do tique-taque... Não surgiu ele como o Mubarak, o Filho Abençoado? Numa apertada sala de lavagem, etiquetas de nomes não foram trocadas? Sozinho num baú de roupa suja, com um cadarço enfiado numa narina, ele não entreviu uma Manga Negra e não fungou alto demais, convertendo a si mesmo e a seu pepino superior numa espécie de rádio sobrenatural? Encurralado por médicos, enfermeiras e máscaras de anestesia, não sucumbiu a números e, tendo sofrido drenagem em cima, não passou para uma segunda fase, a de filósofo nasal e (posteriormente) rastreador supremo? Esmagado, numa pequena cabana abandonada, debaixo do corpo de Ayuba Baloch, não aprendeu ele o significado do justo-e-do-

injusto? Nesse caso, bem... Aprisionado no perigo oculto da cesta da invisibilidade, fui salvo não só pelas cintilações de uma escarradeira como também por uma nova transformação: naquela hedionda solidão incorpórea, cujo cheiro é o odor dos cemitérios, descobri a cólera.

Alguma coisa estava esmaecendo em Salim Sinai e outra coisa estava nascendo. Esmaeciam: um velho orgulho por fotografias de crianças e por uma carta emoldurada de Nehru; uma antiga determinação de cumprir, voluntariamente, um profetizado papel histórico; e também uma disposição de fazer concessões, de compreender por que pais e estranhos podiam legitimamente desprezá-lo ou exilá-lo por causa de sua feiúra; dedos mutilados e tonsuras monacais não pareciam mais constituir boas desculpas para o modo como ele, eu, fora tratado. O objeto de minha ira, na verdade, era tudo o que eu, até então, aceitara cegamente: o desejo de meus pais de que eu lhes recompensasse o investimento que tinham feito em mim, tornando-me importante; a genialidade que cai do céu como um xale; os próprios modos de conexão inspiravam em mim uma fúria cega, agressiva. Por que eu? Por que, devido a acidentes de nascimento, profecia etc., deveria eu ser responsável por distúrbios étnico-lingüísticos, por depois de-Nehru-quem, por revoluções com pimenteiros e por bombas que aniquilaram minha família? Por que deveria eu, Salim Catarrento, Farejador, Cara-de-mapa, Pedaco-da-lua, aceitar a culpa pelo que as tropas paquistanesas não-fizeram em Dacca?... *Por que só eu, entre os mais de quinhentos milhões, teria de arcar com o fardo da História?*

O que fora iniciado com a minha descoberta da injustiça (que cheirava a cebolas) minha raiva invisível completou. A cólera permitiu-me sobreviver aos suaves cantos de sereia da invisibilidade; a ira fez com que eu decidisse, depois de ser resgatado do desaparecimento, à sombra de uma Mesquita da Sexta-feira, que começaria, daquele momento em diante, a escolher meu próprio futuro, livre de destinos. E ali, no silêncio do isolamento que fedia a cemitério, escutei a voz antiqüíssima da virginal Mary Pereira a cantar:

*Tudo que você quiser ser, será;*

*Poderá ser tudo o que quiser.*

Esta noite, ao recordar minha raiva, mantendo uma calma perfeita, a Viúva tirou de mim a raiva, junto com tudo mais. Lembrando minha rebelião, surgida na cesta, contra a inevitabilidade, permito-me até um oblíquo sorriso de compreensão. — Os meninos — murmuro com tolerância sobre os anos, para Salim aos vinte e quatro anos — sempre serão meninos. — Na Hospedaria das Viúvas, aprendi duramente, de uma vez por todas, a lição da Impossibilidade de Fuga. Agora, curvado sobre papéis em minha poça de luz, não quero mais ser outra coisa senão o que sou. Quem, o que eu sou? Minha resposta: sou a soma total de tudo que aconteceu antes de mim, de tudo quanto fui, vi, fiz, de tudo que me foi feito. Sou todo-mundo e tudo cuja inserção-no-mundo afetou e foi afetada pela minha. Sou qualquer coisa que acontecer depois que eu for e que não teria acontecido se eu não tivesse vindo. Tampouco sou particularmente excepcional nesse aspecto; cada “eu”, cada um dos agora mais de seiscentos milhões de nós, contém uma multidão semelhante. Repito pela última vez: para me compreenderem, terão de engolir um mundo.

Ainda que agora, ao se avizinhar o final do extravasamento do-que-estava-dentro-de-mim, ao se alargarem as rachaduras — já escuto o som de rasgão, de rachadura —, começo a tornar-me mais tênue, quase translúcido; não sobra muito de mim, e em breve não restará coisa alguma. Seiscentos milhões de grãos de poeira, todos transparentes, invisíveis como vidro...

Mas naquela época eu estava com raiva. Hiperatividade glandular numa urna de vime: as glândulas exócrinas lançavam suor e mau cheiro, como se eu tentasse derramar meu destino pelos poros; e, para fazer justiça à minha cólera, devo registrar que ela logrou uma realização instantânea: quando saí da cesta da invisibilidade e caí na sombra da mesquita, a rebelião me salvara da abstração do entorpecimento; ao ser atirado na poeira do gueto

dos mágicos, com uma escarradeira de prata na mão, compreendi que eu começara, outra vez, a sentir.

Algumas calamidades, pelo menos, podem ser superadas.

# A sombra da mesquita

Não há nem sombra de dúvida: está ocorrendo uma aceleração. Sons de rasgões, rachaduras, esgarçamentos... Enquanto as estradas se racham no calor estorricante, também vejo apressar-se minha desintegração. Aquilo que corrói ossos (e que, como tenho sido obrigado a explicar regularmente às muitas mulheres a meu redor, está muito além da capacidade de discernimento dos doutores em medicina, quanto mais de sua possibilidade de curar) não vai demorar muito para se impor; e ainda resta tanta coisa a ser contada... O tio Mustafá está crescendo dentro de mim, como também o beicinho da bruxa Parvati; um certo anel de cabelos de herói espera nos bastidores; e também um parto de treze dias e a História como analogia do penteado de uma primeira-ministra; haverá traição, calote de passagens e o cheiro (que é trazido por brisas carregadas dos lamentos de viúvas) de uma coisa fritada numa panela de ferro... Por tudo isso, também sou forçado a acelerar, a fazer uma corrida louca na direção da linha de chegada; preciso romper a fita antes que a memória rache sem esperança de conserto. (Muito embora já haja desbotamentos e lacunas; de vez em quando será necessário improvisar.)

Vinte e seis vidros de picles alinham-se gravemente numa prateleira; vinte e seis misturas especiais, cada qual com seu rótulo identificador, em que estão escritas frases familiares: “Movimentos executados por pimenteiros”, por exemplo, ou “Alfa e ômega”, ou ainda “O bastão do comandante Sabarmati”. Vinte e seis vidros retinam eloqüentemente quando os trens suburbanos passam, amarelos-e-castanhos; sobre minha mesa, cinco vidros vazios tilintam num tom de urgência, lembrando-me a

tarefa por acabar. Mas agora não posso me deter em vidros vazios de conservas; a noite é para palavras, e o chutney verde tem de esperar sua vez.

... Padma está melancólica. — Ah, mister, como Caxemira deve estar bonita em agosto, quando aqui está quente como um chili! — Sou obrigado a censurar minha roliça mas musculosa companheira, cuja atenção esteve se desviando; e a observar que nossa Padma Bibi, sofredora, tolerante e consoladora, está começando a se comportar exatamente como uma esposa indiana tradicional. (E eu, com minhas distâncias e minha introversão, comporto-me como um marido?) Ultimamente, apesar de meu estóico fatalismo com relação às rachaduras que se ampliam, tendo cheirado, no hálito de Padma, o sonho de um futuro alternativo (mas impossível); desprezando as irreversibilidades implacáveis das fissuras internas, ela começou a exsudar a agridoce fragrância da esperança de casamento. Minha lótus de esterco, que permaneceu por tanto tempo infensa às farpas escarninhas atiradas por nossa força de trabalho de mulheres com antebraços penugentos, que colocou sua coabitação comigo acima e além de todas as convenções sociais, aparentemente sucumbiu a um desejo de legitimação... Em suma, embora não tenha pronunciado uma só palavra sobre a questão, está esperando que eu a torne uma mulher honesta. O perfume de uma tristonha esperança impregna seus comentários de solícita inocência... Mesmo neste exato instante, enquanto ela diz: — Ei, mister, por que não... Termine sua escrevinhação e depois descanse; vá a Caxemira, fique sem fazer nada algum tempo... e quem sabe não pode levar sua Padma também, para ela tomar conta...? — Por trás desse incipiente sonho de férias em Caxemira (que foi também, no passado, o sonho de Jehangir, o imperador mogol; da pobre e esquecida Ilse Lubin; e, talvez, do próprio Cristo), pressinto pelo cheiro a presença de um outro sonho; mas nem este nem aquele podem concretizar-se. Pois agora as rachaduras, as rachaduras e sempre as rachaduras, estreitam meu

futuro na direção de seu desfecho inescapável; e até Padma terá de esperar, para que eu possa terminar minhas narrativas.

\* \* \*

Hoje, os jornais falam a respeito do suposto renascimento político da sra. Indira Gandhi; mas quando voltei à Índia, escondido numa cesta de vime, “A Madame” se achava no auge de sua glória. Hoje, talvez, já estejamos esquecendo, mergulhando prazerosamente nas insidiosas nuvens da amnésia; mas eu lembro, e registrarei, como foi que eu — ela — como foi que... Não, não posso dizê-lo, tenho de contar na ordem correta, até que não haja alternativa senão revelar... Em 16 de dezembro de 1971, caí de uma cesta numa Índia em que o Novo Partido do Congresso da sra. Gandhi detinha uma maioria de mais de dois terços na Assembléia Nacional.

No cesto da invisibilidade, um senso de injustiça transformou-se em raiva; e em outra coisa... Transmudado pela raiva, eu fora também esmagado por uma torturante sensação de solidariedade pelo país que não só era meu irmão gêmeo como também estava ligado a mim (por assim dizer) pela bacia, de modo que o que acontecia a qualquer um de nós acontecia aos dois ao mesmo tempo. Se eu, catarrento, cara-suja et cetera, passara por muitos dissabores, também o mesmo sucedera a ela, minha irmã gêmea subcontinental; e agora, quando eu dera a mim mesmo o direito de escolher um futuro melhor, resolvi que a nação também deveria partilhar desse direito. Creio que quando caí na poeira, na sombra e entre risos cordiais, já me decidira a salvar o país.

(Mas há rachaduras e lacunas... Teria eu, já então, começado a perceber que meu amor por Jamila Cantora fora, em certo sentido, um engano? Já teria compreendido o processo pelo qual eu simplesmente transferira para os ombros dela a adoração que, segundo eu percebia agora, era um amor desmedido por um país? Quando foi que entendi que meus sentimentos realmente incestuosos tinham como objeto minha verdadeira irmã de sangue, a própria Índia, e não a cantorazinha que me abandonara de modo

tão desumano, como uma cobra que larga a pele, e me jogara na metafórica cesta de vime da vida militar? Quando, quando, quando?... Admitindo a derrota, sou obrigado a registrar aqui que não me lembro com certeza.)

... Salim estatelou-se na poeira, à sombra de uma mesquita. Sobre ele estava de pé um gigante, com um sorriso descomunal, a perguntar: — Fez boa viagem, capitão? — E Parvati, com enormes olhos excitados, vertendo a água de um lotah na boca salgada e gretada de Salim... Sensação! O toque gélido de água resfriada em surahis de barro, a gretada sensibilidade de lábios ressequidos, prata e lápis-lazúli presos num punho... — Estou sentindo! — gritou Salim para a multidão cordial.

Era aquela hora da tarde que se chama de chaya, quando a sombra da alta Mesquita da Sexta-Feira, de tijolos vermelhos e mármore, caía sobre a mixórdia dos barracos da favela, amontoados a seus pés, a favela cujos periclitantes telhados de folhas-de-flandres criava tamanho sufocamento que se tornava insuportável permanecer dentro dos frágeis casebres, exceto durante a chaya e de noite... Mas agora ilusionistas, contorcionistas, malabaristas e faquires haviam se reunido na sombra, em torno da bica d'água, para saudar o recém-chegado. — Estou sentindo! — gritei, e então Retrato Singh perguntou: — Muito bem, capitão... Diga, para a gente, como está se sentindo?... Como é nascer de novo, cair como um bebê da cesta de Parvati? — Eu podia farejar a perplexidade em Retrato Singh. Era evidente que ele estava atônito com o truque de Parvati, mas, como verdadeiro profissional, nem por sonhos lhe perguntaria como o realizara. Foi assim que a bruxa Parvati, que utilizara seus poderes ilimitados para me tirar do Paquistão Oriental em segurança, escapou de ser descoberta; mas também porque, como descobri mais tarde, o gueto dos mágicos negava, com a certeza absoluta dos ilusionistas profissionais, a possibilidade de magia. Assim, Retrato Singh me disse, estupefato: — Juro, capitão... Estava tão leve lá dentro! Parecia um bebê! — Entretanto, ele jamais

imaginou que minha falta de peso pudesse ser qualquer coisa além de um truque.

— Escute, bebê sahib — exclamava Retrato Singh. — O que diz para a gente, bebê-capitão? Será que devo colocá-lo em meu ombro para arrotar? — E Parvati, condescendente: — Esse aí, baba, nunca pára de fazer brincadeiras. — Ela sorria, radiante, para todos à volta... Mas seguiu-se um incidente inauspicioso. Uma voz de mulher começou a lamentar-se no fundo do aglomerado dos mágicos: — Ai, oh, ai, oh! Ai-oh-oh! — A multidão abriu passagem, surpresa, e surgiu uma velha que corria na direção de Salim. Tive de me defender da frigideira que ela brandia, até que Retrato Singh, alarmado, agarrou-a pelo braço da frigideira e berrou: — Ei, capitoa, por que tanta gritaria? — E a velha, teimosamente: — Ai-oh-ai-oh!

— Resham Bibi — disse Parvati, irritada —, entraram formigas em seus miolos? — E Retrato Singh: — Estamos com um hóspede, capitoa... Pensa que ele está interessado em seus gritos? Arré, cale a boca, Resham, esse capitão é conhecido de Parvati! Não fique chorando na frente dele!

— Ai-oh-ai-oh! Vamos ter má sorte! Vocês vão ao estrangeiro e trazem a má sorte! Ai-uuuh!

Semblantes desnorteados de mágicos voltam-se de Resham Bibi para mim... Pois, embora negassem o sobrenatural, eram artistas, e, como toda gente das ribaltas, alimentavam uma fé implícita na sorte, boa-sorte-e-má-sorte, sorte... — Foi você mesmo quem disse — lamuriou-se Resham Bibi —, esse homem nasceu duas vezes, e não foi nem mesmo de uma mulher! E agora vêm a devastação, a peste e a morte. Sou velha, e por isso eu sei. Arré baba — disse ela, virando-se, aflita, em minha direção. — Ao menos tenha piedade; vá embora... Vá, vá, depressa! — Correu um murmúrio: — É verdade, Resham Bibi conhece as histórias antigas —, mas Retrato Singh enfureceu-se. — O capitão é meu hóspede de honra — disse. — Vai ficar em meu barraco o tempo que quiser, pouco ou muito. O que é que estão resmungando? Isso aqui não é lugar de lendas.

A primeira estada de Salim Sinai no gueto dos mágicos não durou mais que alguns dias; mas durante esse breve período aconteceram várias coisas que atenuaram os receios suscitados pelo ai-oh-ai-oh. A verdade, simples e sem enfeites, é que, naqueles dias, as proezas dos ilusionistas e outros artistas do gueto começaram a atingir novos ápices. Malabaristas conseguiram manter mil e umas bolas no ar ao mesmo tempo, e a pupila ainda destreinada de um faquir pisou sem querer num leito de carvões em brasas, caminhando por ele despreocupadamente, como se houvesse adquirido por osmose as aptidões de seu mentor; disseram-me que o truque da corda fora executado com sucesso. Além disso, a polícia deixou de dar sua batida mensal no gueto, coisa de que ninguém se lembrava já ter acontecido; e a favela passou a receber um fluxo constante de visitas, criados dos ricos que requestavam os serviços profissionais de um ou mais dos membros da colônia para esta ou aquela festa de gala... Parecia, na verdade, que Resham Bibi havia interpretado as coisas pelo avesso, e logo tornei-me muito popular no gueto. Fui apelidado Salim Kismet, Salim Sortudo; Parvati recebeu parabéns por ter me trazido para o gueto. E, por fim, Retrato Singh trouxe Resham Bibi para que ela pedisse desculpas.

— Desculpe — disse ela, com sua voz sem dentes, e fugiu. Retrato Singh acrescentou: — É difícil para os velhos; os miolos deles ficam moles; e eles começam a se lembrar das coisas de cabeça para baixo. Capitão, todo mundo aqui está dizendo que você trouxe sorte. Tem mesmo que ir embora já? — Parvati olhava para longe, com seus olhos de pires, suplicantes, não, não, não. Mas fui obrigado a dizer que sim.

Hoje, Salim tem certeza de que respondeu que sim; lembra-se de que naquela mesma manhã, ainda vestindo o traje informe, ainda agarrado a uma escarradeira de prata, foi embora, sem voltar os olhos para uma moça que o acompanhava com os olhos úmidos de acusações; de que, caminhando apressadamente por malabaristas que treinavam e por bancas de doces que lhe enchiam as narinas com o cheiro de tentadores rasgullas, por barbeiros que se ofereciam para fazer barbas por dez paisa, pelos

resmungos engelhados de velhas, pelos pregões de engraxates com sotaque americano a importunarem turistas japoneses que usavam ternos azuis idênticos e traziam na cabeça incongruentes turbantes cor de açafão, presenteados por guias de maliciosa obsequiosidade, pela gigantesca escadaria da Mesquita da Sexta-Feira, por ambulantes que vendiam quinquilharias, essências, réplicas em gesso do Qutb Minar, cavalinhos de brinquedo pintados e esperneantes frangos vivos, por convites para brigas de galos e impossíveis jogos de cartas, ele saiu do gueto dos ilusionistas e deu consigo no Faiz Bazar, de frente para as muralhas infinitas de um Forte Vermelho, de cujas plataformas um primeiro-ministro outrora anunciara a independência e em cuja sombra uma mulher fora recebida pelo homem da carrocinha, um anunciador de Dilli-dekho, que a conduzia por becos cada vez mais estreitos para que ela ouvisse o futuro de seu filho ser predito entre mangustos, abutres e aleijados com talas de folhas em torno dos braços. Salim tem certeza de que, para resumir as coisas, virou à direita e afastou-se da Cidade Velha em direção aos palácios róseos, construídos há muito tempo por conquistadores de pele rosada. Abandonando meus salvadores, entrei em Nova Délhi a pé.

Por quê? Por que, desprezando ingratamente a mágoa nostálgica da bruxa Parvati, voltei as costas ao antigo e busquei o novo? Por que, se por tantos anos eu encontrara nela minha mais fervorosa aliada nos congressos noturnos em minha mente, larguei-a tão levemente de manhã? Lutando contra lacunas fissuradas, posso lembrar-me de dois motivos; mas não sei dizer qual foi o preponderante, ou se um terceiro... Em primeiro lugar, seja como for, eu estivera fazendo uma avaliação. Analisando suas perspectivas, Salim não tivera outra opção senão admitir para si mesmo que não eram boas. Eu não tinha passaporte; pela lei, era um imigrante ilegal (tendo sido, no passado, um emigrante legal); campos de prisioneiros de guerra esperavam-me em toda parte. E, mesmo depois de pôr de lado minha situação de soldado derrotado e de fugitivo, a lista de minhas desvantagens continuava aterradora: eu não tinha dinheiro nem roupa para

mudar; não tinha qualificação profissional... nem sequer completara minha educação ou me distinguira nos cursos que fizera; como haveria de lançar-me em meu ambicioso projeto de salvação nacional sem um teto sobre a cabeça ou uma família que proporcionasse proteção, sustento, ajuda?... Ocorreu-me, como num estrondo de trovão, que eu estava enganado; que ali, naquela mesma cidade, eu tinha parentes... e não apenas parentes, mas parentes de influência! Meu tio Mustafá, um alto funcionário público. Da última vez que soubera dele, ocupava o segundo posto em seu Departamento; que melhor mecenas para minhas ambições messiânicas? Sob seu teto, eu adquiriria contatos, assim como roupas novas; sob seus auspícios, eu buscaria galgar posições no governo e, à medida que estudasse as realidades da administração pública, decerto acharia as chaves para a salvação nacional; e eu teria as atenções de ministros, talvez mantivesse contatos íntimos com os poderosos...! Foi possuído dessa grandiosa fantasia que eu disse à bruxa Parvati: — Preciso ir embora! Grandes feitos me esperam! — E, vendo a aflição em suas faces subitamente inflamadas, consolei-a: — Virei vê-la com freqüência. Muitas vezes, muitas. — Mas isso não a consolou... A arrogância, portanto, foi um dos motivos para abandonar aqueles que me haviam ajudado. No entanto, não haveria alguma coisa mais mesquinha, mais rasteira, mais pessoal? Havia. Parvati me arrastara, secretamente, para trás de um barraco de lata e tábuas de caixotes; ali, onde baratas desovavam, onde ratos faziam amor, onde moscas refestelavam-se em excremento de porcos, ela me agarrou pelos pulsos e seus olhos incandesceram-se, sua língua sibilou; escondida no ventre pútrido do gueto, ela me confessou que eu não era o primeiro dos filhos da meia-noite a atravessar-lhe o caminho! E seguiu-se a história de um desfile em Dacca, no qual mágicos marchavam ao lado de heróis; lá estava Parvati olhando para um tanque, e ali estavam olhos de Parvati pousando num par de joelhos gigantescos, preênses..., joelhos que se avolumavam, orgulhosos, numa farda engomada; ali estava Parvati gritando: — Ah, você! Ei, você... —, e então o nome impronunciável, o

nome de minha culpa, de alguém que teria tido a minha vida, não fosse um crime numa casa de saúde; Parvati e Shiva, Shiva e Parvati, destinados a se encontrar graças ao destino divino de seus nomes, uniram-se no momento da vitória. — Um herói, cara! — salvou ela, orgulhosa, atrás do barraco. — Vão transformá-lo num alto oficial, sei lá mais o quê! — E então, o que saiu de uma dobra da esfarrapada roupa de Parvati? O que era aquilo que antes crescera na cabeça de um herói e estava agora aninhado em seus seios de feiticeira? — Eu pedi e ele me deu — disse a bruxa Parvati, e me mostrou um anel de seus cabelos.

Corri daquele anel de cabelos fatídicos? Terá Salim, temendo um reencontro com seu alter ego, a quem havia tanto tempo banira dos concílios da noite, fugido para o regaço daquela família cujas comodidades haviam sido negadas ao herói de guerra? Foi arrogância ou culpa? Já não sei dizer; só registro aquilo de que me lembro, ou seja, que a bruxa Parvati murmurou: — Talvez ele venha aqui quando tiver tempo; e aí seremos três! — E uma outra frase, repetida: — Os filhos da meia-noite, yaar... que coisa, hein? — A bruxa Parvati lembrava-me fatos que eu tentara afugentar do espírito; e afastei-me dela, procurando a casa de Mustafá Aziz.

De meu último contato infeliz com as brutais intimidades da vida familiar restam apenas fragmentos; no entanto, já que tudo tem de ser registrado e subseqüentemente posto em salmoura, tentarei concatenar um relato... Para começar, informarei que meu tio Mustafá morava num bangalô do Serviço Público, espaçosamente anônimo, situado num parque do Serviço Público, nas proximidades de Rajpath, no coração da cidade de Lutyen. Caminhei por-onde-fora-Kingsway, respirando os inúmeros perfumes da rua, que exalavam dos Empórios de Artesanato do Estado e dos canos de descarga dos jinriquixás motorizados; os aromas de banyan e deodar misturavam-se com os fantasmagóricos odores de vice-reis e mem-sahibs de luvas, há muito desaparecidos, e também com os cheiros corporais mais gritantes de espalhafatosas beguns ricas e de aventureiras. Ali estava o gigantesco placar eleitoral em torno do qual (durante a

primeira batalha pelo poder entre Indira e Morarji Desai) multidões haviam se acotovelado, esperando os resultados, perguntando com ânsia: — Foi menino ou menina? — ... Segui entre o antigo e o moderno, entre o Portal da Índia e os edifícios das secretarias, e em meus pensamentos fervilhavam os desaparecidos impérios (o mogol e o britânico) e também minha própria história — pois essa era a cidade do anúncio público, dos monstros de muitas cabeças e de uma mão que caiu do céu; avancei resolutamente para a frente, exalando, como tudo mais à vista, cheiros até o céu. E por fim, tendo virado à esquerda na direção da Dupleix Road, cheguei a um anônimo jardim com um muro baixo e uma sebe, num canto da qual vi uma tabuleta balançando com a brisa, da mesma forma como outras tabuletas haviam balançado, no passado, nos jardins da propriedade Methwold; mas esse eco do passado contava uma história diferente. Não era À VENDA, com suas três agourentas vogais e outras tantas fatídicas consoantes; a flor de madeira do jardim de meu tio proclamava, estranhamente: *Mustafá Aziz & Flia*.

Sem saber que a última palavra era a habitual e seca abreviatura de meu tio para o substantivo “família”, de latejante carga de emoção, a tabuleta balançante provocou em mim grande perplexidade; no entanto, bastou pouquíssimo tempo na casa de meu tio para que a tabuleta fizesse para mim muito sentido, pois a família de Mustafá Aziz era realmente muito insignificante; não passava daquilo: Flia.

Com que palavras fui saudado quando, um pouco nervoso, apertei a campainha, tomado de esperanças de iniciar uma nova carreira? Que rosto apareceu por trás de uma porta externa de tela de arame, franzido de irada surpresa? Padma, fui cumprimentado pela mulher do tio Mustafá, por minha louca tia Sônia, com a seguinte exclamação: — *Ptui!* Alá! Como esse sujeito fede!

E embora eu, aduladoramente (— Como vai, titia Sônia?), sorrisse como um carneiro para essa visão, toldada por uma tela, da desbotada beleza iraniana de minha tia, ela continuou: — É Salim, não é? É mesmo,

eu me lembro de você. Uma verdadeira bestinha, era isso que era. Sempre pensei que quando crescesse você fosse virar Deus ou alguma coisa assim. E por quê? Por causa de uma carta boba que algum décimo quinto subsecretário assistente do primeiro-ministro lhe mandou. — Naquele primeiro encontro, eu devia ter sido capaz de prever a destruição de meus planos; eu devia ter sentido, em minha tia louca, os cheiros implacáveis do ciúme do funcionalismo público, que frustraria todas as minhas tentativas de ganhar um lugar no mundo. Eu recebera uma carta, mas ela nunca; isso nos tornara inimigos para toda a vida. No entanto, uma porta se abria; havia aromas de roupas limpas e de banhos de chuveiro; e eu, grato por pequenos favores, deixei de examinar os perfumes mortais de minha tia.

Meu tio Mustafá Aziz, cujo bigode, outrora orgulhosamente encerado, jamais se recuperara da paralisante tempestade de poeira da destruição da Propriedade Methwold, fora preterido para a direção de seu Departamento nada menos de quarenta e sete vezes, e por fim encontrara consolo por suas inadequações espancando os filhos, queixando-se toda noite de ser vítima de preconceito antimuçulmano, prestando uma lealdade contraditória mas absoluta ao governo do momento e dedicando-se a uma obsessão pela genealogia, que era seu único passatempo e cuja intensidade era ainda maior que o antigo desejo de meu pai Ahmed Sinai de provar que descendia de imperadores mogóis. No primeiro desses consolos, contava ele com a participação prazerosa de sua mulher, a meio-iraniana e ex-futura-colunável Sônia (nascida Khosrovani), que fora transformada em louca de carteirinha por uma vida na qual lhe fora exigido que começasse por “ser uma chamcha” (literalmente uma colher, mas, em sentido figurado, bajuladora) de quarenta e sete sucessivas esposas de chefes gerais das quais ela anteriormente conquistara a antipatia por seus modos de colossal superioridade quando eram esposas do subchefe assistente. Debaixo da pancadaria conjunta de meu tio e minha tia, os primos haviam se transformado, a essa altura, numa polpa tão informe que não consigo recordar-lhes o número, o sexo, o tamanho ou os traços; suas

personalidades, é claro, havia muito tinham deixado de existir. Eu me sentava em silêncio entre os primos pulverizados, escutando o tio Mustafá em seus solilóquios noturnos, que se contradiziam constantemente; variavam, delirantes, entre seu ressentimento por não ser promovido e sua cega devoção canina a qualquer ato da primeira-ministra. Se Indira Gandhi lhe tivesse pedido que se suicidasse, Mustafá Aziz teria atribuído a solicitação a fanatismo antimuçulmano, mas também a justificaria por razões de Estado, e teria executado a tarefa sem ousar (ou mesmo desejar) discutir.

Quanto às genealogias: tio Mustafá passava todo o seu tempo livre enchendo livros gigantescos com aracnianas árvores de família, eternamente pesquisando e imortalizando as extravagantes linhagens das mais importantes famílias do país; entretanto, num belo dia durante minha estada, tia Sônia ouviu falar de um rishi de Hardwar, que, segundo se dizia, tinha trezentos e noventa e cinco anos de idade e sabia de cor as genealogias de todos os clãs brâmanes do país. — Até nisso — berrou ela para meu tio — você acabou em segundo lugar! — A existência do rishi de Hardwar completou seu mergulho na insanidade, de modo que a violência contra os filhos cresceu ao ponto de vivermos numa expectativa diária de assassinato, e por fim meu tio Mustafá foi obrigado a fazer com que ela fosse trancafiada, uma vez que os excessos da mulher o estavam prejudicando no trabalho.

Assim, pois, era a família com a qual eu fora morar. A presença deles em Délhi acabou se afigurando, a meus olhos, como uma profanação de meu próprio passado. Numa cidade que, para mim, seria sempre dominada pelos espectros de Ahmed e Amina na juventude, aquela terrível Flia rastejava sobre solo sagrado.

No entanto, o que jamais poderá ser provado cabalmente é que, anos depois, a obsessão genealógica de meu tio seria posta a serviço de um governo que caía, cada vez mais, sob o duplo fascínio do poder e da astrologia; assim, o que aconteceu na Hospedaria das Viúvas talvez nunca

tivesse ocorrido sem a sua ajuda... Mas não, eu também fui um traidor; não condeno; tudo o que digo é que certa vez vi, entre seus livrões de genealogia, uma pasta de couro preto com o rótulo SIGILOSO, e o título PROJETO C.F.M.

O fim está próximo, e não há como retardá-lo muito; mas enquanto o sarkar de Indira, tal como a administração de seu pai, faz consultas diárias aos praticantes dos poderes ocultos, enquanto videntes de Bernares procuram ajuda para moldar a história da Índia, tenho de deter-me em recordações pessoais e dolorosas; pois foi na casa de tio Mustafá que tomei conhecimento, com certeza, das mortes em minha família na guerra de 1965; e também do desaparecimento, poucos dias antes de minha chegada, da famosa artista paquistanesa Jamila Cantora.

... Quando a louca tia Sônia soube que eu lutara do lado errado na guerra, recusou-se a servir-me comida (era hora do jantar) e gritou: — Meu Deus, você tem coragem, sabe? Por acaso não tem cabeça para pensar? Vem à casa de um servidor público graduado... Um criminoso de guerra evadido, por Alá! Quer que seu tio perca o emprego? Quer pôr a todos nós no meio da rua? Você não tem mesmo vergonha na cara, rapaz! Vá... vá, suma, ou melhor, devíamos chamar a polícia para entregar você agora mesmo! Vá embora, seja um prisioneiro de guerra, por que vamos nos preocupar com isso, você não é nem mesmo filho de verdade de minha finada irmã...

Raios, um após o outro: Salim teme por sua segurança, e simultaneamente ouve a verdade inelutável sobre a morte da mãe, além de ficar sabendo que sua situação é mais débil do que ele imaginava, pois nessa parte da família o ato de aceitação não se realizou; Sônia, sabendo o que Mary Pereira confessou, é capaz de qualquer coisa!... — E eu, inseguro: — Minha mãe? Finada? — E então o tio Mustafá, percebendo talvez que sua mulher foi longe demais, diz, relutante: — Não se preocupe, Salim, é claro que você deve ficar... Ele tem de ficar, mulher, o que pode fazer?... E o coitado nem sabe que...

E então me contaram.

Ocorreu-me, no seio daquela doida Flia, que eu devia aos mortos vários períodos de luto; depois que fui informado do falecimento de minha mãe e meu pai, das tias Alia, Pia e Esmeralda, do primo Zafar e de sua princesa kifi, da Reverenda Mãe e de minha distante parenta Zohra e seu marido, resolvi passar os próximos quatrocentos dias de luto, como era certo e correto: dez períodos de luto, de quarenta dias cada um. E aí, então, surgiu a questão de Jamila Cantora...

Ela soubera de meu desaparecimento no tumulto da guerra em Bangladesh; ela, que sempre demonstrava amor quando era tarde demais, talvez tivesse ficado um tanto enlouquecida com as notícias. Jamila, a Voz do Paquistão, o Bulbul da Fé, criticara os novos governantes do Paquistão, um país truncado, comido de traças, dividido pela guerra; enquanto Bhutto perorava no Conselho de Segurança das Nações Unidas: — Havemos de construir um novo Paquistão! Um Paquistão melhor! Meu país está a me ouvir! —, minha irmã lhe injuriava em público. Ela, a puríssima das puras, a patriotíssima das patriotas, fez-se rebelde quando soube de minha morte. (É assim ao menos que vejo a situação; tudo que ouvi de meu tio foram dados factuais, de que ele tomara conhecimento através de canais diplomáticos, os quais não se entregam a teorizações psicológicas.) Dois dias depois da arenga de Jamila contra os perpetradores da guerra, minha irmã havia desaparecido da face da terra. Tio Mustafá tentou ser delicado: — Lá estão acontecendo coisas muito feias, Salim! A todo momento desaparecem pessoas; devemos temer o pior.

Não! Não, não, não! Padma, ele estava enganado! Jamila não desapareceu nas garras do Estado; pois na mesma noite sonhei que ela, nas sombras da escuridão e protegida pelo segredo de um simples véu — não a tenda de brocado de ouro, instantaneamente identificável, de tio Puffs, mas um ordinário burqa preto —, fugira da capital por via aérea; e aqui está ela, chegando a Karachi, livre, sem ser presa nem interrogada, pegando um táxi para as profundezas da cidade, e agora há um muro alto com portas

aferrolhadas e uma portinhola através da qual, no passado, há muito tempo, eu recebia pão, o pão fermentado da fraqueza de minha irmã; ela pede que a deixem entrar, e freiras abrem portas enquanto ele chora. Santuário! Sim, lá está ela, em segurança; portas são aferrolhadas de novo, ela troca uma espécie de invisibilidade por outra, passa a existir uma outra Reverenda Mãe no momento em que Jamila Cantora, que no passado, como a Macaca de Cobre, namorou o cristianismo, encontra segurança, guarida e paz no seio da enclausurada ordem de Santa Inácia... Sim, ela está lá, segura, não desapareceu, não está nas mãos da polícia, que chuta, espanca e faz passar fome, mas descansa, não numa sepultura sem lápide à margem do Indo, mas viva, assando pão, cantando docemente para as enclausuradas monjas; eu sei, eu sei, eu sei. Como sei? Um irmão sabe, só isso.

A responsabilidade mais uma vez me agride; pois não há meio de fugir: como de costume, a queda de Jamila aconteceu apenas por culpa minha.

Morei na casa de Mustafá Aziz durante quatrocentos e vinte dias... Salim cumpria um tardio luto por seus mortos, mas nem por um instante pensem que meus ouvidos estavam tapados! Não pensem que eu não ouvia o que se dizia a meu redor, as constantes brigas entre tio e tia (que podem tê-lo ajudado a interná-la num hospício). Tia Sônia gritando: — Aquele bhangi... Aquele sujeito imundo, que nem mesmo é seu sobrinho, não sei o que deu em você, devíamos jogá-lo no olho da rua! — E Mustafá, respondendo mansamente: — O pobre infeliz está morto de sofrimento, então como podemos fazer isso, basta você olhar para ver, ele não está muito bom da cabeça, sofreu muitas coisas feias. — Não estava muito bom da cabeça! Aquilo era forte, vindo deles — daquela família ao lado da qual uma tribo de canibais teria parecido calma e civilizada! Por que supor-tei aquilo? Porque eu tinha um sonho. No entanto, apesar dos quatrocentos e vinte dias, foi um sonho que não chegou a realizar-se.

Bigodes caídos, alto mas encurvado, um eterno número dois; meu tio Mustafá não era meu tio Hanif. Era ele agora o chefe de família, o único

de sua geração que sobrevivera ao holocausto de 1965; mas não me prestou ajuda alguma... Provoquei-o em seu gabinete, repleto de genealogias, numa noite azeda, e expliquei — com a adequada solenidade e gestos humildes mas decididos — minha missão histórica de resgatar a nação de sua sina; no entanto, ele suspirou e disse: — Escute, Salim, o que quer que eu faça? Eu o mantenho em minha casa. Você come de meu pão e nada faz... Mas isso não tem importância, você é da casa de minha finada irmã e tenho de cuidar de você... Portanto, fique, descanse, restabeleça-se. Depois veremos. Se você quer um emprego, ou alguma coisa assim, talvez a gente possa dar um jeito. Mas esqueça esses sonhos não sei de quê. Nosso país está em mãos competentes. Indiraji já está fazendo reformas radicais... reformas agrárias, modificações nas estruturas fiscais, na educação, no controle da natalidade... Pode deixar essas coisas por conta dela e do sarkar. — Estava sendo condescendente comigo, Padma! Como se eu fosse uma criança boba! Ah, vergonha, a humilhação de ser tratado com superioridade por tolos!

A cada passo, sou frustrado; um profeta no deserto, como Maslama, como ibn Sinan! Por mais que eu me esforce, o deserto é minha sina. Ah, desamparo por parte de tios bajuladores! Ah, massacre das ambições por parentes subalternos! A rejeição, por parte de meu tio, de meus pedidos de ajuda na carreira pública só teve um efeito: quanto mais ele louvava Indira, mais profundamente eu a detestava. Na verdade, ele estava a me preparar para voltar ao gueto dos mágicos, e para... para *ela*... a Viúva.

Inveja, só isso. A imensa inveja de minha louca tia Sônia, que gotejava como veneno nos ouvidos de meu tio, impediu-o de mover um dedo para lançar-me na carreira que eu havia escolhido. Os grandes ficam eternamente à mercê dos homens medíocres. E também das loucas medíocres.

No quingentésimo décimo oitavo dia de minha estada, houve uma alteração na atmosfera daquela casa de orates. Veio uma pessoa jantar: um homem de estômago proeminente, cabeça cônica coberta por oleosos

anéis de cabelos e boca carnuda como uma vulva de mulher. Julguei reconhecê-lo por fotografias de jornais. Virando-me para um de meus primos assexuados, sem idade nem rosto, perguntei com interesse: — Esse aí não é Sanjay Gandhi? — No entanto, a pulverizada criatura estava demasiado aniquilada para poder responder... Era ou não era? Eu ignorava, àquela época, o que agora explico: que certos figurões naquele extraordinário governo (e também certos filhos não eleitos de primeiras-ministras) haviam adquirido o poder de se reproduzirem... Alguns anos mais tarde, haveria quadrilhas de Sanjays por toda a Índia! Não é de admirar que aquela inacreditável dinastia quisesse impor o controle da natalidade sobre o resto da população... De maneira que talvez fosse, talvez não fosse; mas alguém desapareceu no estúdio de meu tio com Mustafá Aziz. E naquela noite — olhei furtivamente — apareceu uma pasta de couro preto que tinha na capa os dizeres SIGILOSO e também PROJETO CFM; e, na manhã seguinte, meu tio olhou para mim com um jeito diferente, quase com medo, ou com aquele olhar especial de abominação que os servidores públicos reservam aos que caem em desgraça oficial. Eu devia ter adivinhado então o que me esperava; mas em retrospectiva tudo fica fácil. A visão retrospectiva me ocorre agora, tarde demais, agora que fui lançado às periferias da História, agora que as conexões entre minha vida e da nação se romperam para todo o sempre... Para evitar o inexplicável olhar de meu tio, saí ao jardim; e avistei a bruxa Parvati.

Ela estava sentada na calçada, tendo a seu lado a cesta da invisibilidade; ao me ver, seus olhos iluminaram-se, reprobatórios. — Você disse que me procuraria, mas, como nunca foi, eu vim — gaguejou. Baixei a cabeça. — Estive de luto — respondi, sem jeito, mas ela insistiu: — Mesmo assim, você poderia... Meu Deus, Salim, você não sabe, mas em nossa colônia eu não posso falar a ninguém sobre minha magia verdadeira, nunca, nem a Retrato Singh, que é como um pai, sou obrigada a guardar segredo, totalmente, porque eles não acreditam nessas coisas. Aí eu pensei: “Ah, que bom, Salim está aqui, finalmente vou ter um amigo, vamos poder

conversar, nós sabemos de coisas, e...”. Arré, Salim, como é que vou dizer, você não se importa, conseguiu o que queria e foi embora sem mais nem menos, não sou nada para você, eu sei...

Naquela noite, minha louca tia Sônia, a quem somente alguns dias separavam do confinamento numa camisa-de-força (saiu nos jornais, uma notinha numa página interna; o Departamento de meu tio não deve ter gostado), teve uma daquelas doidas inspirações dos profundamente insanos e irrompeu no quarto para o qual, meia hora antes, uma pessoa com olhos do tamanho de um pires tinha subido por uma janela do térreo; descobriu-me na cama com a bruxa Parvati, e depois disso meu tio Mustafá perdeu o interesse em me dar asilo, dizendo: — Você nasceu de bhangis, será um tipo sujo a vida inteira. — No quadringentésimo vigésimo dia depois de minha chegada, regressei por fim àquela verdadeira herança de miséria e indigência que durante tanto tempo me fora negada pelo crime de Mary Pereira. A bruxa Parvati esperava-me na calçada; abster-me de lhe dizer que em certo sentido eu tinha ficado satisfeito com a interrupção, pois ao beijá-la na escuridão daquela meia-noite ilícita eu vira seu rosto modificar-se, tornar-se a face de um amor proibido; os traços fantasmagóricos de Jamila Cantora substituíram os da maga; Jamila, que estava (eu sabia!) escondida na segurança de um convento de Karachi, de repente surgiu também ali, mas passara por uma lúgubre transformação. Começara a apodrecer, e as aterradoras pústulas e úlceras do amor proibido espalhavam-se por seu rosto; do mesmo modo que no passado o fantasma de Joe D’Costa se decompusera sob o domínio da oculta lepra da culpa, agora as repugnantes flores do incesto se abriam na fisionomia fantasmal de minha irmã, e eu não podia, não conseguia, beijar, contemplar aquela intolerável face espectral, estivera na iminência de afastar-me com um grito de desesperada nostalgia e de vergonha quando Sônia Aziz caiu sobre nós com luz elétrica e gritos.

Quanto a Mustafá, bem..., minha imprudência com Parvati também pode ter sido, a seus olhos, nada mais que um conveniente pretexto para

livrar-se de mim; mas isso tem de permanecer envolto em dúvidas, pois a pasta preta foi trancada — tudo em que me posso basear é uma expressão em seus olhos, um odor de medo, três iniciais numa etiqueta —, porque depois, quando tudo terminou, uma senhora alijada do governo e seu filho com lábios vulvares passaram dois dias num aposento aferrolhado, queimando pastas de arquivos; e como havemos de saber se uma delas tinha ou não a etiqueta CFM?

De qualquer maneira, eu não desejava ficar. Família: uma idéia superestimada. Não pensem que eu estivesse triste! Nem por um instante imaginem que me deu nó na garganta ser expulso daquele último lar clemente que se abria para mim! Digo-lhes: eu estava bastante feliz ao sair... Talvez haja em mim alguma coisa de antinatural, uma ausência fundamental de resposta emocional; no entanto, meus pensamentos sempre aspiraram a coisas mais elevadas. Daí minha flexibilidade. Batam em mim: eu salto e volto como uma mola. (Contudo, nenhuma resistência tem qualquer utilidade contra as rachaduras.)

Resumindo: renunciando às minhas anteriores e ingênuas esperanças de fazer carreira no serviço público, voltei à favela dos mágicos e à chaya da Mesquita da Sexta-Feira. Como Gautama, o primeiro e verdadeiro Buda, deixei minha vida e meus confortos e saí pelo mundo como um mendigo. A data era 23 de fevereiro de 1973; as minas de carvão e o mercado de trigo estavam sendo nacionalizados, o preço do petróleo começara a subir vertiginosamente, quadruplicaria dentro de um ano, e no Partido Comunista da Índia a cisão entre a facção moscovita de Dange e o PCI (M) de Nambudiripad se tornara intransponível; e eu, Salim Sinai, tal como a Índia, tinha vinte e cinco anos, seis meses e oito dias de idade.

Quase unanimemente, os mágicos eram comunistas. Isso mesmo: vermelhos! Subversivos, ameaças públicas, a escória do mundo — uma comunidade de ateus a viver blasfemamente à sombra da casa de Deus! E, ademais, desavergonhados; inocentemente escarlates; nascidos com a mácula sanguinolenta nas almas! E quero dizer desde já que assim que

descobri isso, eu, que fora educado na outra verdadeira fé da Índia, que podemos chamar de Negocismo, e que abandonara seus praticantes e por eles fora abandonado, senti-me instantânea e confortadamente à vontade, em casa. Negocista apóstata, pus-me ardorosamente a fazer de mim um vermelho e depois ainda mais vermelho, tão completamente quanto meu pai no passado ficara branco, de modo que agora minha missão de salvação nacional pôde ser vista sob uma nova luz; métodos mais revolucionários se impunham. Abaixo o governo de tios bajuladores e não cooperativos e de seus amados líderes! Cheio de idéias sobre comunicação direta com as massas, instalei-me na colônia dos magos e passei a ganhar parcamente a vida divertindo turistas estrangeiros e nacionais com as prodigiosas perspicácias de meu nariz, que me possibilitavam conhecer pelo cheiro seus segredos simples e turisteiros. Retrato Singh convidou-me a dividir com ele o seu barraco. Eu dormia sobre sacos rotos, entre cestas de cobras sibilantes; mas não me importava, do mesmo modo como fui *capaz* de suportar fome, sede e mosquitos e (no começo) o frio cortante do inverno de Délhi. Esse Retrato Singh, o Homem Mais Encantador do Mundo, era também o incontestável chefe do gueto; rixas e problemas eram solucionados sob a sombra de seu onipresente e imenso guarda-chuva preto; e eu, que sabia ler e escrever tão bem quanto cheirar, tornei-me uma espécie de ajudante-de-campo daquele homem monumental que invariavelmente acrescentava a seus espetáculos serpentinos uma preleção sobre o socialismo, e que era famoso nas avenidas e nos becos da cidade por alguma coisa além de suas aptidões de encantador de serpentes. Posso afirmar, com cabal certeza, que Retrato Singh foi o homem mais notável que já conheci.

Certa tarde, durante a chaya, o gueto foi visitado por outra cópia daquele jovem de lábios de vulva que eu vira na casa de tio Mustafá. Pondo-se de pé nos degraus da mesquita, ele desdobrou uma faixa que foi, então, erguida por dois ajudantes. Dizia ela: ABOLIR A POBREZA, e trazia o desenho do bezerro mamando numa vaca, símbolo do Congresso de

Indira. Seu rosto lembrava, de modo extraordinário, a cara de um bezerro gordo, e ele provocava um verdadeiro tufão de mau hálito ao falar. — Irmããos! Irmããos! O que o Congresso tem a lhes dizer? O seguinte: que todos os homens foram criados iguais! — Não foi além disso; a multidão recuou diante de seu hálito de bosta de boi ao sol quente, e Retrato Singh começou a gargalhar. — Oh, ha, ha, capitão! Que coisa fantástica, meu senhor! — E lábios-de-vulva, idiotamente: — Muito bem, irmão, não quer me contar a piada? — Retrato Singh balançou a cabeça e pôs as mãos nos quadris: — Que discurso, capitão! Um discurso especial mesmo! — Seu riso derramou-se de sob o guarda-chuva e infectou a multidão, até todos nós rolarmos no chão de tanto rir, esmagando formigas, cobrindo-nos de poeira, e ouviu-se a voz do imbecil do Congresso, tomada de pânico: — O que é isso? Esse sujeito pensa que não somos iguais? Que impressão ruim ele deve ter... — Mas Retrato Singh, sempre com seu guarda-chuva aberto, afastou-se a passos largos na direção de seu barraco. O lábios-de-vulva, aliviado, prosseguiu seu discurso..., mas não por muito tempo, porque Retrato voltou, trazendo sob o braço esquerdo uma cestinha circular com tampa e, sob o direito, uma flauta de madeira. Pôs a cesta ao lado dos pés do pregoeiro do Congresso; tirou a tampa e levou a flauta aos lábios. Enquanto os risos recrudesciam, o jovem demagogo deu um salto de quase meio metro de altura no instante em que a naja saiu, sonolenta, de sua toca... O lábios-de-vulva grita: — O que está fazendo? Está querendo me matar? — Mas Retrato Singh, sem lhe dar atenção, com o guarda-chuva dobrado agora, continua a tocar, cada vez mais furiosamente, e a serpente se desenrodilha; depressa, sempre mais depressa, Retrato Singh toca até que a música da flauta enche todos os desvãos da favela e ameaça escalar as paredes da mesquita, e por fim a enorme serpente, sustentando-se no ar, suportada somente pelo encanto da melodia, já está toda de pé fora da cesta, quase três metros de cobra, vertical, e dança sobre sua cauda... Retrato Singh pára de tocar. A naja volta a enrodilhar-se. O Homem Mais Encantador do Mundo oferece então a flauta ao jovem do Congresso: —

Certo, capitão — diz Retrato Singh, cordial. Tente agra. — E o lábios-de-vulva: — Mas o senhor sabe muito bem que não sei fazer isso! — Retrato Singh pega então a serpente um pouco abaixo da cabeça; abre bem aberta sua própria boca, exibindo heróicos destroços de dentes e gengivas; piscando o olho esquerdo para o jovem do Congresso, mete a cabeça da cobra, com a língua adejante, em seu abismo bucal! Passam-se alguns minutos antes que Retrato Singh devolva a cobra à cesta. Com toda polidez, diz então ao rapaz: — Veja, capitão, aqui está a verdade do negócio: algumas pessoas são melhores, outras, piores. Mas talvez para o senhor seja melhor pensar o contrário.

Assistindo a essa cena, Salim Sinai aprendeu que Retrato Singh e os mágicos eram pessoas que tinham uma apreensão absoluta da realidade; dominavam-na com tamanha força que podiam dobrá-la para um lado ou para outro, a serviço de suas artes; mas nunca se esqueciam de como ela realmente era.

Os problemas do gueto dos mágicos eram os problemas do movimento comunista da Índia. Dentro dos limites da colônia encontravam-se, em miniatura, as muitas divisões e dissensões que abalavam o partido no país. Retrato Singh, apresso-me a acrescentar, colocava-se acima de tudo isso; patriarca do gueto, era proprietário de um guarda-chuva cuja sombra tinha a capacidade de restituir harmonia às facções litigantes; no entanto, as disputas trazidas ao abrigo do guarda-chuva do encantador de serpentes estavam se tornando cada vez mais exacerbadas, à medida que os encantadores, que tiravam coelhos de cartolas, alinhavam-se firmemente atrás do PCI oficial, o da linha moscovita de mr. Dange, que apoiou Indira Gandhi durante toda a Emergência; os contorcionistas, porém, começavam a pender cada vez mais para a esquerda e para as oblíquas complexidades da ala de orientação chinesa. Os comedores de fogo e os engolidores de espada aplaudiam as táticas guerrilheiras do movimento naxalita; enquanto isso, os mesmeristas e os faquires que caminhavam sobre brasas defendiam o manifesto de Nambudiripad (nem moscovita

nem pequinês) e deploravam a violência dos naxalitas. Havia tendências trotskistas entre os batoteiros e até um movimento em prol da vitória-do-comunismo-pelas-urnas entre os membros moderados da seção ventriloquista. Eu passara a viver num meio onde, embora estivesse totalmente ausente o fanatismo religioso e nacionalista, nosso antigo dom nacional para a cissiparidade encontrara novos meios de expressão. Retrato Singh contou-me, com tristeza, que durante a eleição geral de 1971 um homicídio bizarro fora a consequência da briga entre um comedor de fogo naxalita e um ilusionista da linha de Moscou, que, enfurecido com as opiniões do primeiro, tentara tirar uma pistola de sua cartola mágica; no entanto, assim que a arma apareceu, o correligionário de Ho Chi Minh torrou o adversário com uma aterrorizante rajada de fogo.

Debaixo de seu guarda-chuva, Retrato Singh falava de um socialismo que nada devia a influências externas. — Escutem, capitães — disse a ventríloquos e titeriteiros em pé de guerra —, por acaso, em suas aldeias, vocês vão falar de Stalins e Maos? Os camponeses bihari ou tâmiles vão se interessar pelo assassinato de Trotsky? — A chaya de seu guarda-chuva mágico esfriava o mais destemperado dos feiticeiros; e sobre mim teve o efeito de convencer-me de que um dia, em breve, Retrato Singh seguiria o mesmo caminho trilhado por Mian Abdullah há tanto tempo; que, tal como o legendário Colibri, ele deixaria o gueto a fim de moldar o futuro através da pura força de sua vontade; e que, ao contrário do herói de meu avô, não seria detido até que ele e sua causa houvessem alcançado o triunfo... Mas, mas. Sempre um mas. O que aconteceu, aconteceu. Todos sabemos disso.

Antes de voltar à narrativa de minha vida privada, eu gostaria de que soubessem que foi Retrato Singh quem me revelou que a corrupta economia “negra” do país se tornara tão grande quanto a variedade oficial, a “branca”, o que ele fez me mostrando a fotografia da sra. Gandhi num jornal. Os cabelos dela, partidos ao meio, eram de um lado brancos como a neve e do outro negros como a noite, de modo que, a depender do lado em

que ela se apresentava de perfil, assemelhava-se a um arminho no verão, quando sua pelagem escurece, ou no inverno, quando embranquece. Repetição da história de cabelos partidos ao meio; e também a economia como analogia do penteado de uma primeira-ministra... Devo essas importantes percepções ao Homem Mais Encantador do Mundo. Foi Retrato Singh quem me disse que Mishra, o ministro das Ferrovias, era também o ministro do suborno, nomeado oficialmente, através de quem eram “esquentadas” as maiores transações na economia negra; e era ele quem providenciara o pagamento de propinas aos ministros e outras autoridades. Não fosse Retrato Singh, eu jamais tomaria conhecimento da fraude nas eleições estaduais em Caxemira. No entanto, ele não era um admirador da democracia: — É uma porcaria esse negócio de eleição, capitão — disse-me ele. — Sempre que fazem eleição, acontece alguma coisa de ruim; e nossos compatriotas se comportam como palhaços. — Possuído da febre revolucionária, abstive-me de discutir com meu mentor.

Havia, naturalmente, algumas exceções às normas do gueto: um ou dois ilusionistas conservavam sua fé hinduísta e, em política, apoiavam o sectário partido Jana Sangh ou os famigerados extremistas do Ananda Marg; havia entre os malabaristas até quem votasse com o Swatantra. Fora do âmbito político, a velha Resham Bibi era uma das poucas integrantes da comunidade que continuava a ser uma incurável fantasista, acreditando, por exemplo, na superstição que proibia às mulheres subir em mangueiras, pois uma mangueira que algum dia houvesse sustentado o peso de uma mulher produziria frutos azedos para todo o sempre... E havia o estranho faquir chamado Chishti Khan, cujo rosto era tão liso e lustroso que ninguém sabia se ele tinha dezenove anos ou noventa, e que cercara seu barraco com uma fabulosa criação de bambus e tiras de papel colorido, de modo que sua casa parecia uma réplica multicolor e miniaturizada do Forte Vermelho, que ficava próximo. Só quando se passava pelo portão ameaçado é que se percebia que, por trás da fachada meticulosamente hiperbólica de acastelamentos e revelins de bambu e papel, escondia-se um casebre de

lata e papelão igual aos demais. Chishti Khan cometera o solecismo supremo de permitir que sua habilidade de ilusionista infectasse sua vida real; não era benquisto no gueto. Os mágicos mantinham-se longe dele, para não se contagiarem com seus sonhos.

Assim, entenderão o motivo por que a bruxa Parvati, a única possuidora de poderes verdadeiramente prodigiosos, os mantivera em segredo a vida inteira; o segredo de seus dons, que a meia-noite lhe concedera, não teria sido perdoado com facilidade por uma comunidade que continuamente negara tais possibilidades.

No lado cego da Mesquita da Sexta-Feira, onde os mágicos se mantinham fora das vistas, e onde o único perigo provinha de saqueadores de restos, de catadores de caixotes abandonados e de caçadores de chapas corrugadas... foi ali que a bruxa Parvati, ansiosíssima, mostrou-me o que era capaz de fazer. Num humilde barraco construído com as ruínas de dezenas de outros, a feiticeira da meia-noite exibiu-se para mim, com a vivacidade e a energia de uma criança. Olhos como pires, rabo-de-cavalo como uma corda, belos e carnudos lábios vermelhos... Eu jamais teria resistido a ela por tanto tempo se não fosse o rosto, os doentios e decadentes olhos, nariz e lábios de... A princípio, não parecia haver limites para os poderes de Parvati. (Mas havia.) Pois bem: invocaram-se demônios? Surgiram gênios a oferecer riquezas e viagens a ultramar em tapetes levitantes? Sapos foram transformados em príncipes, pedras metamorfoseadas em gemas raras? Ocorreram venda de almas e ressurreição de mortos? Nada disso; a magia que a bruxa Parvati fez para mim — a única magia que ela sempre quis realizar — era do tipo conhecido como “branca”. Era como se o *Livro secreto*, o Atharva-Veda, dos brâmanes lhe houvesse revelado todos os seus segredos; ela era capaz de curar doenças e neutralizar venenos (para provar isso, deixou que serpentes a picassem e combateu o veneno com um estranho ritual, que compreendia preces ao deus-cobra Takshasa, a ingestão de água impregnada da benevolência da árvore krimuka e dos poderes de roupas

velhas postas a ferver, e a recitação de um encantamento: *Garudamand, a águia, bebeu do veneno, mas este foi impotente; do mesmo modo, eu desviei seu poder, tal como uma seta é desviada*. Era capaz de fazer sarar chagas e consagrar talismãs: conhecia o encantamento *sraktya* e o Rito da Árvore. E tudo isso, numa série de extraordinárias exposições noturnas, ela me revelou sob a sombra da mesquita... Mas ainda assim não ficou feliz.

Como sempre, sou obrigado a aceitar responsabilidade; o perfume de tristeza que pairava em torno da bruxa Parvati era criação minha. Porque ela estava com vinte e cinco anos e desejava de mim mais do que disposição de assistir às suas práticas de magia; só Deus sabe por quê, mas ela me queria em sua cama — ou, para ser exato, que eu me deitasse com ela no pedaço de pano de saco que lhe servia de leito no barraco que dividia com uma família de trigêmeas contorcionistas de Kerala, três moças órfãs como ela... como eu.

O que ela fez por mim: sob o poder de sua magia, o cabelo começou a crescer onde não houvera nenhum desde que *mr. Zagallo* puxara com força excessiva; seu sortilégio fez com que as manchas congênitas em meu rosto se esmaecessem, após a aplicação curativa de cataplasmas de ervas; tive a impressão de que, sob seus cuidados, até a curvatura de minhas pernas estava diminuindo. (No entanto, ela nada pôde fazer com relação a meu ouvido surdo; não existe no mundo magia com força suficiente para apagar os legados dos pais.) Entretanto, por mais que ela fizesse por mim, eu era incapaz de fazer por ela aquilo que ela mais desejava; pois, embora nos deitássemos sob as paredes do lado cego da mesquita, o luar me mostrava seu rosto noturno transformando-se, sempre transformando-se, no de minha distante e desaparecida irmã... não, não era minha irmã..., no rosto pútrido e horrendamente desfigurado de *Jamila Cantora*. Parvati untava o corpo com bálsamos imbuídos de encanto erótico; penteava os cabelos mil vezes com um pente feito de afrodisíacos ossos de veado; e em minha ausência (não duvido disso), deve ter tentado toda espécie de bruxedos amorosos; mas eu estava nas garras de um feitiço mais antigo, do

qual, ao que parecia, não podia libertar-me; achava-me condenado a ver os rostos das mulheres que me amavam converterem-se nos traços de... Mas vocês sabem a quem pertencia o semblante decomposto que aparecia, enchendo minhas narinas de hediondo fedor.

— Pobre moça — suspira Padma, e eu concordo; mas, até a Viúva drenar-me de passado, presente e futuro, fiquei sob o encantamento da Macaca.

Quando a bruxa Parvati finalmente admitiu que fracassara, seu rosto adquiriu, da noite para o dia, uma alarmante e pronunciada expressão de amuo. Adormeceu na palhoça das órfãs contorcionistas e acordou com os lábios carnudos numa proeminente atitude de ressentimento, indizivelmente sensual. As trigêmeas órfãs lhe disseram, rindo nervosamente, o que lhe acontecera ao rosto; ela tentou com afinco recolocar os traços fisionômicos na posição normal, mas nem músculos nem mágicas lograram restituir-lhe a expressão antiga. Por fim, conformando-se à sua tragédia, Parvati desistiu, de modo que Resham Bibi dizia a quem quisesse ouvir: — Coitada daquela moça... Vai ver, um deus soprou nela enquanto ela fazia uma careta.

(Naquele ano, aliás, todas as mulheres elegantes das cidades assumiram tal expressão de erótica deliberação; todas as altivas manequins do *show* de moda Eleganza-73 faziam beicinho na passarela. Na terrível pobreza da favela dos mágicos, a bruxa Parvati estava, com seu beicinho amuado, no rigor da moda facial.)

Os mágicos dedicaram muito de suas energias ao problema de fazer Parvati voltar a sorrir. Roubando tempo a seu trabalho, e também às tarefas mais comezinhas de reconstruir barracos de lata e papelão, derrubados por uma ventania, ou de matar ratos, executavam seus mais difíceis truques para agradá-la; mas o amuo não desaparecia. Resham Bibi preparou um chá verde que cheirava a cânfora e forçou Parvati a engoli-lo. O chá teve o efeito de causar-lhe uma prisão de ventre tão violenta que durante nove semanas ela não foi vista a defecar atrás de seu barraco. Dois jovens

contorcionistas meteram na cabeça que ela poderia ter começado novamente a cumprir luto por seu falecido pai, e aplicaram-se à tarefa de desenhar o retrato dele num pedaço de lona vermelha, que penduraram sobre o saco em que ela dormia. As trigêmeas contavam anedotas, e Retrato Singh, profundamente contristado, fez com que serpentes dessem nós com o corpo; porém nada disso deu certo, pois, se o frustrado amor de Parvati estava além de seus próprios poderes curativos, que esperança podiam ter os demais? A força do beicinho de Parvati criou no gueto uma inominável sensação de inquietude.

Foi então que ocorreu uma idéia a Resham Bibi. — Como somos idiotas — disse ela a Retrato Singh — para não vermos o que está diante de nossos narizes. A coitada tem vinte e cinco anos, baba... já é quase uma velha! Ela está desesperada por um marido! — Retrato Singh ficou impressionado. — Resham Bibi — disse a ela, aprovador —, seus miolos ainda não estão mortos.

Depois disso, Retrato Singh aplicou-se à missão de encontrar um moço conveniente para Parvati; muitos dos homens mais jovens do gueto foram adulados, persuadidos, ameaçados. Apresentaram-se vários candidatos, mas Parvati rejeitou a todos. Na noite em que ela disse a Bismillah Khan, o mais promissor comedor de fogo da colônia, que fosse a outra parte com seu hálito de chilis quentes, até Retrato Singh perdeu as esperanças. Naquela noite, ele veio procurar-me. — Capitão, essa menina é para mim um peso e um sofrimento. Já que é sua amiga, tem alguma idéia? — Ocorreu-lhe então uma idéia, uma idéia que tivera de esperar até ele desesperar, pois também Retrato Singh se afligia com considerações de classe social. Julgando-me automaticamente “bom demais” para Parvati, devido a meu suposto berço “superior”, o idoso comunista não imaginara até então que eu poderia... — Diga-me uma coisa, capitão — disse Retrato Singh, timidamente —, está pensando em casar-se algum dia?

Salim Sinai sentiu o pânico crescer dentro de si.

— Ei, capitão, escute, gosta da moça, não é? — E eu, incapaz de negá-lo: — Claro que sim. — E agora Retrato Singh riu de orelha a orelha, enquanto serpentes silvavam em cestas. — Gosta muito dela, capitão? *Muito* muito? — Mas eu estava pensando no rosto de Jamila na noite; e tomei uma decisão desesperada: — Retratoji, não posso me casar com ela. — E ele, franzindo a testa: — Já é casado, capitão? Tem mulher e filhos em algum lugar? — Agora era tudo ou nada; em voz baixa, envergonhado, respondi: — Não posso me casar com ninguém, Retratoji. Não posso ter filhos.

O silêncio no barraco foi pontilhado por serpentes sibilantes e pelo ladrar de cães vadios na noite.

— Está dizendo a verdade, capitão? É coisa comprovada por médicos?

— É.

— Porque sobre essas coisas não se deve mentir, capitão. Mentir sobre a virilidade é ruim, traz azar. Qualquer coisa pode acontecer, capitão.

E eu, desejando fazer recair sobre mim a maldição de Nadir Khan, que foi também a maldição de meu tio Hanif Aziz e, durante o congelamento e suas prolongadas conseqüências, de meu pai Ahmed Sinai, fui levado a mentir com fúria ainda maior. — Estou lhe dizendo — gritou Salim Sinai. — É verdade e acabou.

— Então, capitão — disse Retratoji tragicamente, batendo com o punho na testa —, Deus sabe o que fazer com a pobre garota.

# Um casamento

Casei-me com a bruxa Parvati em 23 de fevereiro de 1975, segundo aniversário de minha volta como proscrito ao gueto dos mágicos.

Um enrijecimento de Padma; tesa como uma corda de varal, minha lótus de esterco pergunta: — Casou-se? Mas ontem à noite mesmo você disse que nunca... E por que não me contou, em todos esses dias, semanas, meses...? — Olho para ela com tristeza e lembro-lhe que já mencionei a morte de minha pobre Parvati, que não foi uma morte natural... Lentamente, Padma relaxa, enquanto prossigo: — As mulheres sempre me construíram... e também me destruíram. Desde a Reverenda Mãe à Viúva, e até depois dela, estive à mercê do chamado (erroneamente, em minha opinião!) sexo frágil. Talvez se trate de uma questão de conexão: não é a Mãe Índia, Bharat-Mata, comumente representada como mulher? E, como você sabe, não há meio de fugir dela.

Houve, nesta história, trinta e dois anos durante os quais não existi; e em breve talvez eu complete trinta e um anos. Durante sessenta e três anos, antes e depois da meia-noite, as mulheres fizeram o melhor possível; e também, sou obrigado a acrescentar, o pior.

Na casa de um fazendeiro cego, à margem de um lago caxemirense, Nasim Aziz sentenciou-me à inevitabilidade de lençóis furados; e, nas águas daquele mesmo lago, Ilse Lubin vazou para a história, e não me esqueci de seu desejo de morte;

Antes que Nadir Khan se ocultasse em seu mundo subterrâneo, minha avó, por se tornar a Reverenda Mãe, dera início a uma seqüência de mulheres que mudaram de nome, uma seqüência que continua ainda hoje

— e que até afetou Nadir, que se tornou Qasim e sentou-se com mãos bailarinas no Café Pioneiro; e, depois da partida de Nadir, minha mãe Mumtaz Aziz tornou-se Amina Sinai;

E Alia, com a amargura das idades, que me vestiu com roupinhas impregnadas de sua fúria de solteirona; e Esmeralda, que preparou uma mesa sobre a qual fiz pimenteiros marcharem;

Houve a Rani de Cuch Nahin, cujo dinheiro, posto à disposição de um assoviador, gerou a doença do otimismo, que tem voltado, a intervalos, desde então; e também, no bairro muçulmano da Velha Délhi, uma parenta distante chamada Zohra, cujos coquetismos geraram, em meu pai, aquela tardia fraqueza por Fernandas e Florys;

Passemos para Bombaim. Onde a Vanita de Winkie não pôde resistir à risca central de William Methwold, e Nussie Pata perdeu uma corrida de bebês, enquanto Mary Pereira, em nome do amor, mudou as etiquetas da História e se tornou uma segunda mãe para mim...

Mulheres, mulheres e mais mulheres: Toxy Catrack, abrindo uma fresta na porta que mais tarde deixaria entrar os filhos da meia-noite; os terrores de sua ama Bi-Appah; o amor competitivo de Amina e Mary, e o que minha mãe mostrou-me enquanto eu estava escondido num baú de roupa suja: sim, a Manga Negra, que me obrigou a fungar e desencadeou o-que-não-eram-arcânjos!... E Evelyn Lilith Burns, causa de um acidente de bicicleta, que me empurrou de uma colina de dois andares para o torvelinho da História.

E a Macaca. Não posso esquecer a Macaca.

Mas também, também houve Masha Miovic, a me acicatar a perder o dedo; minha tia Pia, a encher meu coração de ânsia de vingança; e Lila Sabarmati, cujas leviandades tornaram possível minha vingança terrível, manipuladora, recortada de jornais;

E a sra. Dubash, que achou a revistinha do Super-Homem que eu dera de presente e a transformou, com a ajuda de seu filho, no senhor Khusro Khusrovand;

E Mary, vendo um fantasma.

No Paquistão, a terra da submissão, o santuário da pureza, assisti à conversão da Macaca em Cantora, busquei pão e me apaixonei; foi uma mulher, Tai Bibi, que me contou a verdade sobre mim. E, no coração de minhas trevas interiores, recorri às Puffias, e só por um triz escapei à ameaça de uma noiva com dentadura de ouro.

Recomeçando, como o buda, deitei-me com a limpadora de latrinas e em resultado disso fui submetido a mictórios eletrificados; e, no Paquistão Oriental, a mulher de um fazendeiro seduziu-me, e como consequência o Tempo foi assassinado; e houve huris num templo, e escapamos por muito pouco.

Na sombra de uma mesquita, Resham Bibi deu um aviso.

E casei-me com a Bruxa Parvati.

— Ufa, mister — exclama Padma —, são mulheres demais!

Não discordo; porque nem mesmo incluí a ela, cujos sonhos de casamento e Caxemira têm, inevitavelmente, vazado para dentro de mim, fazendo-me querer que ao-menos, ao-menos... De modo que, tendo um dia me conformado com as rachaduras, sou agora invadido por pontadas de insatisfação, cólera, medo e arrependimento.

Mas, acima de tudo, a Viúva.

— Francamente! — Padma dá um tapa no joelho. — É demais, mister, é demais.

Mas como devemos entender minhas excessivas mulheres? Como as múltiplas faces da Bharat-Mata? Ou como algo ainda mais... como o aspecto dinâmico de maya, como a energia cósmica, que é representada como o órgão feminino?

Em seu aspecto dinâmico, maya chama-se Shakti; talvez não seja por acaso que, no panteão hinduísta, o poder ativo de uma deidade esteja contido dentro de sua rainha! Maya-Shakti gera, mas também “abafa a consciência em sua trama de sonhos”. Mulheres em número excessivo: serão todas elas aspectos de Devi, a deusa — que é Shakti, que matou o

demônio-búfalo, que derrotou o ogro Mahisha, que é Kali-Durga-Chandi-Chamunda-Uma-Sati-e-Parvati... e que, quando ativa, se colore de vermelho?

— Não entendo dessas coisas. — Padma traz-me de volta à terra. — São apenas mulheres e pronto.

Descendo de meu vôo de fantasia, recorro a importância da rapidez; impelido pelos imperativos de rasgões, rachaduras e estalos, deixo de lado as reflexões. E começo.

Eis como se deram as coisas; como Parvati tomou seu destino em suas mãos; como uma mentira que saiu de meus lábios levou-a à situação de desespero em que, uma noite, ela tirou de suas roupas surradas um anel de cabelos de herói e começou a pronunciar palavras sonoras.

Rejeitada por Salim, Parvati lembrou-se quem fora no passado o arquiinimigo dele; e pegando um pedaço de bambu em que havia sete nós e um gancho de metal numa extremidade, ela se acorrou em seu barraco e recitou; com o Gancho de Indra na mão direita e um anel de cabelos na esquerda, ela invocou. Parvati chamou Shiva; acreditem ou não, mas Shiva veio.

Desde o começo houve joelhos e um nariz, um nariz e joelhos; mas ao longo de toda essa narrativa o tenho empurrado, o outro, para o segundo plano (da mesma forma que certa vez eu o bani dos concílios dos Filhos). Contudo, não é mais possível escondê-lo; porque numa manhã de maio de 1974 — será apenas minha memória estilhaçada, ou estou certo ao pensar que isso foi no dia 18, talvez no exato momento em que os desertos do Rajastão eram sacudidos pela primeira explosão nuclear da Índia? Terá a entrada explosiva de Shiva em minha vida realmente ocorrido em sincronia com a chegada da Índia, sem aviso prévio, à era nuclear? — ele foi à favela dos mágicos. Fardado, com dragonas e distintivos, agora um major, Shiva desceu de uma motocicleta do exército; e, mesmo através do cáqui modesto de suas calças do exército, era fácil distinguir as fenomenais protuberâncias gêmeas de seus joelhos letais... Era o herói de guerra mais

condecorado da Índia, mas no passado chefiara uma turma de delinquentes nas ruas de Bombaim; no passado, antes que ele descobrisse a violência legitimizada da guerra, encontraram-se prostitutas estranguladas em sarjetas (eu sei, eu sei... não há provas); agora major Shiva, mas também o filho de Wee Willie Winkie, que ainda lembrava a letra de canções há muito silenciadas: *Boa noite, senhoras* ainda ecoava, ocasionalmente, em seus ouvidos.

Há aqui ironias que não podem passar despercebidas. Não subira Shiva, enquanto Salim caía? Quem era agora que morava numa favela? E quem, das alturas do comando, olhava para baixo? Nada como uma guerra para a reinvenção de vidas... Seja como for, num dia que pode bem ter sido 18 de maio, o major Shiva foi ao gueto dos mágicos e caminhou pelas ruas cruéis da favela com uma estranha expressão no rosto, que mesclava o infinito desdém pela pobreza dos recém-exaltados a algo mais misterioso: pois o major Shiva, atraído à nossa humilde moradia pelos sortilégios da bruxa Parvati, não poderia saber que força o impelira a ir até lá.

O que se segue é uma reconstrução da carreira recente do major Shiva; juntei os pedaços dessa história a partir dos relatos que arranquei de Parvati depois de nos casarmos. Ao que parece, meu arqui-rival adorava gabar-se de suas façanhas, de modo que talvez devamos levar em conta as distorções da verdade que essa vaidade cria; no entanto, não parece haver motivo para crermos que o que ele contou a Parvati e ela repetiu para mim estivesse muito distante da realidade.

Ao fim da guerra no Paquistão Oriental, as lendas das terríveis proezas de Shiva correram pelas ruas das cidades, saltaram para jornais e revistas e insinuaram-se nos salões dos ricos, caindo como densas nuvens de moscas nos tímpanos das anfitriãs do país, de modo que Shiva viu crescer sua posição social, assim como a patente militar, e passou a ser convidado a mil e uma reuniões — banquetes, saraus musicais, jogos de bridge, recepções diplomáticas, congressos de partidos políticos, grandes galas e festas suburbanas, festividades esportivas escolares e bailes da moda — para ser

aplaudido e monopolizado pelas mais nobres e prestigiadas figuras do país, nas quais as lendas de suas façanhas pousaram como moscas, caminhando por suas pupilas, de modo que viam o jovem através da bruma de sua fama, cobrindo-lhes as pontas dos dedos, de modo que o tocavam através da película mágica de seu mito, empastando-lhes as línguas, de modo que não podiam falar a ele como falariam a um ser humano comum. O exército indiano, que na época travava uma batalha política contra propostas de cortes orçamentários, compreendeu o valor de tão carismático embaixador e permitiu que o herói circulasse entre seus influentes admiradores; foi de bom grado que Shiva abraçou sua nova vida.

Deixou crescer o bigode luxuriante, ao qual seu ordenança pessoal aplicava diariamente uma pomada de óleo de linhaça aromatizado com coentro; apresentando-se sempre com elegância nos salões dos poderosos, ele passou a falar de política, declarando-se firme admirador da sra. Gandhi, sobretudo devido ao ódio que nutria ao adversário dela, Morarji Desai, que era intoleravelmente velho, bebia a própria urina, tinha uma pele que farfalhava como papel de arroz e que, como ministro-chefe de Bombaim, fora responsável pela proibição de bebidas alcoólicas e pela perseguição a jovens gundas, ou delinqüentes juvenis, vale dizer, ao próprio Shiva... Mas essas conversas ocupavam uma mera fração de seus pensamentos, sendo o restante preenchido inteiramente pelas mulheres. Shiva também se envolvia com um número excessivo de mulheres, e naqueles dias inebriantes depois da guerra adquiriu uma secreta reputação, que (jactou-se ele com Parvati) rapidamente veio a rivalizar com sua fama oficial, pública — uma lenda “negra”, paralela à “branca”. O que se murmurava nas reuniões femininas e nas noitadas de canastras do país? O que era sibilado, entre risinhos, sempre que se juntavam duas ou três senhoras resplandecentes? O seguinte: o major Shiva estava se tornando um notório sedutor; um mulherengo; um corneador de ricos; em suma, um garanhão.

Havia mulheres — disse ele a Parvati — em toda parte a que ia. Seus recurvos e macios corpos de pássaros estremeciam sob o peso de jóias, seus olhos eram enevoados pela lenda do major; teria sido difícil recusá-las, mesmo que ele quisesse. Mas o major Shiva não tinha qualquer intenção de recusar. Ouvia solícitamente o relato de suas pequeninas tragédias — maridos impotentes, espancamentos, desatenção —, quaisquer desculpas que as gentis criaturas se dispusessem a dar. Tal como minha avó em sua bomba de gasolina (porém com motivos mais sinistros), ele lhes ouvia as dores com paciente atenção; bebericando uísque no coruscante esplendor de salões de baile, via-as piscar as pálpebras e suspirar sugestivamente ao se lamuriarem; e sempre, por fim, achavam um modo de deixar cair uma bolsa, derramar uma bebida ou esbarrar em seu bastão de comando, de modo que ele tivesse de se abaixar para pegar o que caíra, e então via os bilhetes metidos em suas sandálias, projetando-se delicadamente sob dedos pintados. Naquele tempo (a darmos crédito ao major Shiva) as lindas e escandalosas beguns da Índia deram para derrubar coisas, e suas criadas falavam de encontros à meia-noite, de treliças de buganvílias do lado de fora de janelas de quartos, de maridos em viagens convenientes, lançando navios, exportando chá ou comprando esferas de rolamentos a suecos. Enquanto esses infelizes estavam fora, o major lhes visitava as casas para roubar-lhes os mais caros pertences: suas mulheres caíam em seus braços. É possível (dividi pela metade os números do major) que no apogeu de suas aventuras amorosas houvesse nada menos de dez mil mulheres apaixonadas por ele.

E, naturalmente, havia filhos. A prole das ilícitas meias-noites. Belos bebês a baterem palminhas nos berços beatíficos dos ricos. Espalhando bastardos por todo o mapa da Índia, o herói de guerra seguia seu caminho; no entanto (também isso foi o que ele disse a Parvati), padecia do curioso defeito de desinteressar-se por qualquer mulher que ficasse grávida. Não importa o quão formosas, sensuais e carinhosas fossem, ele abandonava as alcovas de todas que concebiam seus filhos; e senhoras lindas, com olhos

orlados de vermelho, eram obrigadas a persuadir seus maridos corneados de que sim, é claro que é filho seu, querido, não é igualzinho a você, vida minha, é claro que não estou triste, por que haveria de estar, essas lágrimas são de alegria.

Uma dessas abandonadas mães foi Roshanara, jovem esposa do magnata do aço S. P. Shetty; e no Hipódromo Mahalaxmi, em Bombaim, ela furou o inflado balão do orgulho do major. Ele estivera caminhando pelo *paddock*, abaixando-se a todo momento para devolver xales e sombrinhas de senhoras; esses objetos pareciam adquirir vida própria e saltar das mãos de suas donas quando ele passava. Roshanara Shetty confrontou-o ali, detendo-se desafiadoramente diante dele e recusando-se a afastar-se, com seus olhos de dezessete anos possuídos do feroz ressentimento da infância. Shiva saudou-a friamente, tocando o quepe militar, e tentou passar; mas ela lhe cravou as unhas pontiagudas no braço, com um sorriso perigoso e gélido, e pôs-se a caminhar a seu lado. Enquanto andavam, ela despejou-lhe nos ouvidos seu veneno de menina; o ódio e a ira contra o ex-amante deram-lhe a habilidade necessária para fazer com que ele acreditasse nela. Impiedosa, ela murmurou que era tão engraçada, meu Deus, a maneira como ele se exibia pela alta sociedade como uma espécie de galo, enquanto todo o tempo as senhoras riam dele pelas costas, Ah, sim, major sahib, não se iluda, as mulheres de alta classe sempre se divertiram dormindo com animais, camponeses, grosseirões, e é assim que o vemos, meu Deus como é desagradável vê-lo comer, o molho escorrendo pelo queixo, pensa que não vemos que nunca segura uma xícara pela asa, por acaso imagina que não escutamos seus arrotos e ventosidades, o senhor é apenas nosso macaco de estimação, major sahib, muito útil, mas basicamente um palhaço.

Depois do massacre de Roshanara Shetty, o jovem herói de guerra começou a ver seu mundo com olhos diferentes. Agora julgava ver mulheres rindo por trás dos leques, onde quer que fosse; notava estranhos olhares enviesados, de motejo, que nunca observara antes; e, embora

procurasse melhorar seu comportamento, isso de nada valia, ele parecia tornar-se mais desajeitado à medida que se esforçava. A comida voava de seu prato e caía em inestimáveis tapetes Kelim, arrotos irrompiam de sua garganta com o rugido de um trem saindo de um túnel, e emitia ventosidades com a fúria de tufões. Sua cintilante vida nova tornou-se para ele uma humilhação diária; e agora reinterpretava as manobras das senhoras de alta linha, compreendendo que, ao colocarem seus bilhetes de amor sob os dedos dos pés, elas o estavam obrigando a ajoelhar-se aviltantemente diante delas... Ao descobrir que um homem podia possuir todos os atributos viris, e ainda assim ser desprezado por não saber segurar uma colher, sentiu renovar-se em si uma antiga violência, um ódio por aqueles figurões e pelo poder de que dispunham, e é por isso que afirmo com certeza (é por isso que *sei*) que, quando a Emergência ofereceu a Shiva-dos-joelhos uma oportunidade de adquirir um pouco de poder pessoal, ele não esperou um segundo convite.

Em 15 de maio de 1974, o major Shiva voltou para seu regimento em Délhi; alegou que, três dias depois, foi tomado subitamente pelo desejo de rever a beldade de olhos de pires que ele conhecera havia muito tempo, na Conferência dos Filhos da Meia-Noite; a sedutora de rabo-de-cavalo que lhe pedira, em Dacca, um anel de cabelos. O major Shiva declarou a Parvati que sua chegada ao gueto dos mágicos fora motivada pela ânsia de livrar-se das cadelas ricas da alta sociedade indiana; que ele se enfeitiçara por seus lábios amuados no momento em que os viu; e que essas eram as únicas razões para pedir-lhe que fosse embora com ele. No entanto, já fui mais que generoso com o major Shiva. Nesta história, que pretende ser minha versão pessoal, já concedi demasiado espaço à sua narrativa; por isso, insisto em que, não importa o que o major de joelhos fortes tenha pensado, o que o atraiu ao gueto foi pura e simplesmente a magia da bruxa Parvati.

Salim não estava no gueto quando o major Shiva chegou de motocicleta; enquanto explosões nucleares sacudiam os ermos do Rajastão,

fora das vistas, sob a superfície do deserto, a explosão que mudou minha vida também aconteceu longe de meus olhos. Quando Shiva agarrou Parvati pelo pulso, eu estava com Retrato Singh numa conferência de emergência numa das muitas células vermelhas da cidade, discutindo os prós e os contras da greve nacional dos ferroviários; quando Parvati, sem recalcitrar, tomou seu lugar na garupa da Honda de um herói, eu estava ativamente denunciando a prisão de líderes sindicais. Em resumo, enquanto eu me preocupava com a política e com o meu sonho de salvação nacional, os poderes da magia de Parvati haviam posto em ação o plano que terminaria com palmas pintadas de hena, canções e a assinatura de um contrato.

... Sou obrigado, compulsoriamente, a confiar em relatos alheios; somente Shiva poderia dizer o que lhe sucedera; foi Resham Bibi quem descreveu, quando voltei, a partida de Parvati, dizendo: — Coitadinha, deixe-a ir embora, ficou triste tanto tempo, de quem é a culpa? — E apenas Parvati poderia contar-me o que lhe sucedeu enquanto esteve ausente.

Devido à posição do major como herói de guerra, era-lhe permitido tomar certas liberdades com os regulamentos militares; assim, ninguém o chamou às falas por levar uma mulher para um lugar que não era, afinal, residência de homens casados; e ele, ignorando o que ocasionara aquela extraordinária alteração de sua vida, sentou-se, como lhe foi pedido, numa cadeira de junco; depois ela lhe tirou as botas, massageou-lhe os pés, trouxe-lhe água aromatizada com limas recém-espremidas, despachou-lhe o ordenança, untou-lhe o bigode, acariciou-lhe os joelhos e, depois de tudo isso, apresentou-lhe um jantar de birianis tão requintado que ele parou de pensar no que lhe estava acontecendo e dispôs-se a gozar aqueles prazeres. A bruxa Parvati transformou aquele dormitório simples do exército num palácio, um Kailasa apropriado ao deus Shiva; e o major Shiva, perdido nas lagoas feiticeiras dos olhos de Parvati, insuportavelmente excitado pela protrusão erótica de seus lábios, dedicou-lhe atenções ininterruptas durante

quatro meses inteiros; ou, para sermos precisos, durante cento e dezessete noites. Em 12 de setembro, entretanto, as coisas mudaram; porque Parvati, ajoelhando-se a seus pés, plenamente cônica das opiniões dele sobre o assunto, disse-lhe que estava grávida.

A ligação entre Shiva e Parvati tornou-se então tempestuosa, cheia de pancadas e pratos quebrados: um eco terreno daquela eterna batalha conjugal que seus xarás, segundo se diz, travam no topo do monte Kailasa, no Himalaia... O major Shiva, a essa época, começou a beber; e também a freqüentar prostitutas. Os caminhos de devassidão do herói de guerra pela capital da Índia mostravam forte semelhança com as viagens de lambreta de Salim Sinai pelas ruas de Karachi; o major Shiva, desvirilizado na companhia dos ricos pelas revelações de Roshanara Shetty, passara a pagar por seus prazeres. E tão grande era sua fenomenal fecundidade (assim garantiu a Parvati, enquanto a espancava) que ele arruinou a carreira de muitas mulheres da vida, por enchê-las de filhos que depois elas viriam a amar demais para expor a perigo; gerou em torno da capital um exército de moleques de rua que repetia o regimento de bastardos que ele fizera nas beguns dos salões coruscantes.

Também nos céus da política juntavam-se nuvens escuras: em Bihar, onde campeavam a corrupção, a inflação, a fome, o analfabetismo e a carência de terras, Jaya-Prakash Narayan encabeçou uma coligação de estudantes e trabalhadores contra o Partido do Congresso, situacionista, de Indira. Em Gujarat, houve distúrbios e incêndios de trens, enquanto Morarji Desai começou uma greve de fome, até a morte, a fim de derrubar o governo corrupto do Congresso (conduzido por Chimambhai Patel) naquele estado assolado por secas... É desnecessário dizer que ele teve êxito sem precisar morrer. Em suma, enquanto a raiva fervia no cérebro de Shiva, também o país se encolerizava; e o que estava nascendo enquanto alguma coisa crescia na barriga de Parvati? Vocês conhecem a resposta: em fins de 1974, J. P. Narayan e Morarji Desai fundaram um partido de oposição chamado Janata Morcha — frente popular. Enquanto o major

Shiva cambaleava de meretriz em meretriz, o Congresso de Indira também cambaleava.

E, finalmente, Parvati liberou Shiva do encantamento. (Nenhuma outra explicação satisfaz; se ele não estava enfeitiçado, por que não a pôs para fora no instante em que soube de sua gravidez? E, se o encantamento não tivesse sido retirado, como poderia ele ter agido?) Sacudindo a cabeça como se despertando de um sonho, o major Shiva se viu na companhia de uma favelada barriguda, que agora parecia representar tudo quanto ele mais temia: ela se tornou a personificação dos cortiços de sua própria infância, dos quais ele havia escapado, e que agora, através dela, através daquela maldita criança, estavam tentando arrastá-lo de novo para baixo, para baixo, para baixo... Arrastando-a pelos cabelos, ele a jogou em cima de sua motocicleta, e daí a muito pouco tempo ela se encontrava, abandonada, nas proximidades do gueto dos mágicos, devolvida para o lugar de onde viera, trazendo consigo a única coisa que não era sua ao sair: a coisa escondida, dentro dela, como um homem invisível dentro de uma cesta de vime, a coisa que estava crescendo, crescendo, crescendo, tal como ela planejava.

Por que digo isso? Porque deve ser verdade; porque o que aconteceu depois, aconteceu; porque estou convicto de que a bruxa Parvati engravidou a fim de invalidar meu único pretexto para não me casar com ela. No entanto, apenas descreverei, deixando a análise a cargo dos pósteros.

Num dia frio de janeiro, quando os brados dos muezins no mais elevado minarete da Mesquita da Sexta-Feira congelavam-se ao sair de seus lábios e caíam na cidade como neve sagrada, Parvati voltou. Esperara até não haver dúvida possível quanto a seu estado; sua cesta interior sobressaía através das roupas limpas e novas da paixão agora extinta de Shiva. Seus lábios, confiantes do triunfo iminente, haviam perdido a expressão da moda; em seus olhos de pires, enquanto ela esperava, nos degraus da Mesquita da Sexta-Feira, que o maior número possível de pessoas visse seu novo

aspecto, ocultava-se uma argêntea coruscação de alegria. Foi assim que a encontrei ao voltar para a chaya da mesquita com Retrato Singh. Eu me sentia desconsolado, e a visão da bruxa Parvati na escada, com as mãos serenamente dobradas sobre o ventre inchado, a longa corda de seus cabelos esvoaçando no ar cristalino, em nada ajudou a animar-me.

Retratoji e eu tínhamos ido às apertadas ruelas de casas de cômodos atrás do Correio Central, onde lembranças de adivinhos, ambulantes de carrocinhas e curandeiros flutuavam na brisa; e ali Retrato Singh executara um número que a cada dia se tornava mais político. Sua lendária habilidade atraía enormes multidões complacentes; e ele fez as cobras encenarem sua mensagem sob a influência da ondulante música da flauta. Enquanto eu, em meu papel de aprendiz, lia um discurso preparado, serpentes dramatizaram minha fala. Referi-me às brutais desigualdades da distribuição da riqueza; duas cobras executaram, em cena muda, a pantomina de um rico recusando esmola a um mendigo. Perseguição pela polícia, fome, doença e analfabetismo receberam também alusões e foram dançados por serpentes; e então Retrato Singh, encerrando o número, começou a falar sobre a natureza da revolução vermelha, e promessas encheram o ar, de modo que mesmo antes que a polícia aparecesse, saindo das portas dos fundos do correio para dissolver a reunião com cassetetes e gás lacrimogêneo, alguns pândegos em nossa platéia já tinham começado a fazer troça do Homem Mais Encantador do Mundo. Não convencido, talvez, pelas ambíguas pantominas das serpentes, cujo conteúdo dramático era, realmente, um tanto obscuro, um rapaz gritou: — Ohé, Retratoji, devia estar no governo, cara. Nem Indiramata faz promessas tão boas como as suas.

Aí veio o gás lacrimogêneo e, tossindo e engasgando, todos tivemos de fugir às cegas, da tropa de choque, como criminosos, chorando falsamente enquanto corríamos. (Tal como, certa vez, em Jallianwalabagh... Mas ao menos dessa vez não houve balas.) Mas, embora as lágrimas fossem provocadas por gás, a piadinha do gaiato realmente lançara Retrato Singh

em sombria taciturnidade, pois ela questionara a apreensão da realidade que era seu maior orgulho; e, depois dos gases e dos cassetetes, também eu fiquei melancólico, por haver subitamente identificado um certo desassossego em meu estômago e percebido que alguma coisa em mim desaprovava a maneira como Retratoji representava, na dança das cobras, as irremediáveis vilezas dos ricos; dei comigo pensando: “Há bons e maus em todas as... e eles me educaram, eles cuidaram de mim, Retratoji!”. Depois disso, comecei a ver que o crime de Mary Pereira me apartara de dois mundos, e não apenas de um; que, tendo sido expulso da casa do meu tio, eu jamais poderia penetrar inteiramente no mundo-segundo-Retrato-Singh; que, na realidade, meu sonho de salvar o país era uma coisa de espelhos e fumaça; insubstancial, as divagações de um tolo.

E foi então que avistei Parvati, com seu perfil alterado, na dura claridade de um dia de inverno.

Aquele foi... Ou estou enganado? Tenho de me apressar; as coisas estão sempre a me fugir da memória... Um dia de horrores. Foi nesse dia — a menos que tenha sido em outro — que encontramos a velha Resham Bibi morta de frio no chão de seu barraco, construído com caixotes de Vanaspati Dalda. Ela tinha ficado azul brilhante, azul de Krishna, azul como Jesus, o azul do céu de Caxemira, que às vezes vaza para olhos. Nós a queimamos na margem do Jamuna, entre lamaçais endurecidos e búfalos, e por isso ela perdeu meu casamento, o que foi lamentável, pois como todas as velhas ela adorava casamentos, e no passado havia participado das cerimônias preliminares de henação com ardor e alegria, puxando os cantos formais em que os amigos da noiva insultam o noivo e sua família. Em certa ocasião, seus insultos tinham sido tão brilhantes e bem calculados que o noivo se ofendeu e cancelou o casamento; mas Resham não se deu por achada, dizendo que não era culpa sua se os moços de hoje eram covardes e inconstantes como galinhas.

Eu estava ausente quando Parvati partiu; não estava presente quando ela voltou; e houve um fato mais curioso... A menos que eu tenha esquecido, a

menos que tenha sido em outro dia... Parece-me, de qualquer forma, que, no dia da volta de Parvati, um ministro de Estado estava em seu vagão ferroviário, em Samastipur, quando uma explosão o atirou para os livros de História; que Parvati, que fora embora em meio às explosões de bombas atômicas, voltou para nós quando L. N. Mishra, ministro das Ferrovias e do suborno, partiu deste mundo para sempre. Augúrios e mais augúrios... É possível que, em Bombaim, pampas mortos estivessem boiando junto à praia, de barriga para cima.

O dia 26 de janeiro, o Dia da República, é bom para os ilusionistas. Quando as gigantescas multidões se reúnem para ver elefantes e fogos de artifício, os saltimbancos da cidade saem para ganhar a vida. Para mim, entretanto, o dia encerra outro significado: foi no Dia da República que se selou minha sorte conjugal.

Depois do retorno de Parvati, as velhas do gueto adquiriram o hábito de segurar as orelhas, de vergonha, sempre que passavam por ela; Parvati, que carregava seu filho ilegítimo sem qualquer sinal de culpa, sorria inocentemente e ia adiante. No entanto, no Dia da República, ao acordar de manhã, ela achou uma corda, em que se prendiam sapatos rotos, pendurada sobre sua porta, e começou a chorar desconsoladamente, vendo sua pose desintegrar-se sob a força desse supremo insulto. Retrato Singh e eu, que saíamos de nosso barraco carregando cestas de cobras, a encontramos em sua infelicidade (calculada?, genuína?), e Retrato Singh apertou os lábios numa atitude de determinação. — Volte para o barraco, capitão — ordenou o Homem Mais Encantador do Mundo. — Precisamos conversar.

E, no barraco: — Desculpe, capitão, mas tenho de falar. Estou pensando em como é terrível para um homem passar a vida sem filhos. Não ter nenhum filho, capitão: que tristeza para você, hein? — E eu, preso pela mentira da impotência, fiquei em silêncio enquanto Retratoji sugeria o casamento que preservaria a honra de Parvati e simultaneamente resolveria o problema de minha confessada esterilidade; e, apesar de meus

temores do rosto de Jamila Cantora, que, superposto ao de Parvati, tinha o poder de levar-me à loucura, não tive como recusar.

Parvati — tal como havia planejado, tenho certeza — aceitou-me de imediato, disse sim com a mesma facilidade e freqüência com que dissera não no passado; e depois disso foi como se as comemorações do Dia da República tivessem sido organizadas especialmente para nós, mas o que estava em meu espírito era que mais uma vez o destino, a inevitabilidade, a antítese da opção viera governar minha vida, mais uma vez nasceria uma criança de um pai que não era seu pai, ainda que, por terrível ironia, a criança fosse verdadeiramente neta dos pais de seu pai; preso na trama dessas genealogias entrelaçadas, talvez me tenha até ocorrido imaginar o que estava começando, o que estava acabando, se não estaria em andamento uma outra secreta contagem regressiva, e o que nasceria com meu filho.

Apesar da ausência de Resham Bibi, o casamento transcorreu bem. A conversão formal de Parvati ao islamismo (que irritou Retrato Singh, mas em que insisti, numa outra regressão a uma vida anterior) foi realizada por um haji de barba ruiva, que parecia constrangido na presença de tantos representantes da impiedade, implicantes e provocadores. Sob o olhar nervoso desse sujeito, que se assemelhava a uma grande cebola de barba, ela recitou sua convicção de que não havia outro Deus senão Deus e que Maomé era seu profeta; tomou um nome que escolhi para ela do repositório de meus sonhos, tornando-se Leila, a noite, e com isso ela também foi apanhada pelos ciclos recorrentes de minha história, tornando-se um eco de todas as outras pessoas que se viram obrigadas a mudar de nome... Como minha própria mãe, Amina Sinai, a bruxa Parvati tornou-se uma nova pessoa a fim de ter um filho.

Na cerimônia da hena, metade dos mágicos me adotou, assumindo as funções de minha “família”; a outra metade tomou o lado de Parvati, e insultos alegres foram cantados até tarde da noite, enquanto complicados rendilhados de hena secavam nas palmas das mãos e nas solas dos pés da

noiva; e, se a ausência de Resham Bibi privara os insultos de uma certa acrimônia ferina, não lamentamos demais isso. Durante o nikah, a cerimônia nupcial propriamente dita, o feliz casal sentou-se num estrado improvisado às pressas com caixotes tirados do demolido barraco de Resham, e os mágicos desfilaram solenemente por nós, deixando cair moedinhas de pequeno valor em nossos colos; e, quando a nova Leila Sinai desmaiou, todos sorriram de contentamento, pois toda boa noiva deve desmaiar em seu casamento, e ninguém aludiu à embaraçosa possibilidade de que ela tivesse desfalecido por causa do enjôo ou, talvez, das dores provocadas pelos chutes da criança dentro de sua cesta. Naquela noite os mágicos realizaram um espetáculo tão maravilhoso que notícias dele correram por toda a Cidade Velha e atraíram multidões: negociantes muçulmanos vindos de um muhalla próximo, onde no passado fora feito um anúncio público; prateiros e vendedores de *milk-shakes* de Chandni Chowk; pessoas que passeavam e turistas japoneses, todos os quais (nessa ocasião) usavam máscaras cirúrgicas por delicadeza, a fim de não nos infectar com os germes que exalavam; e havia europeus rosados que discutiam lentes fotográficas com os japoneses, tirando fotos e espocando lâmpadas de *flash*, e um dos turistas me disse que a Índia era, realmente, um país maravilhoso com muitas tradições notáveis, e que seria perfeita se não tivessem de, constantemente, comer comida indiana. E na valima, a cerimônia de consumação (na qual, nessa ocasião, não se ergueram lençóis manchados de sangue, com ou sem furos, uma vez que eu passara nossa noite de núpcias de olhos fechados e com o corpo afastado do de minha mulher, para que as feições insuportáveis de Jamila Cantora não viessem assombrar-me na perplexidade da escuridão), os mágicos superaram seus esforços da noite do casamento.

No entanto, depois de passada toda a agitação, escutei (com um ouvido bom e um ruim) o som inexorável do futuro aproximando-se, furtivo, de nós: tique-taque, cada vez mais alto, até que o nascimento de Salim Sinai

— e também do pai do bebê — encontrou um espelho nos acontecimentos da noite de 25 de junho.

Enquanto assassinos misteriosos matavam autoridades do governo e só por um triz deixavam de livrar-se do ministro da Justiça A. N. Ray, pessoalmente escolhido pela sra. Gandhi, o gueto dos mágicos concentrava-se em outro mistério: a cesta em contínua expansão da bruxa Parvati.

Enquanto o Janata Morcha crescia em toda espécie de direções bizarras, até incluir os comunistas da linha maoísta (como nossos próprios contorcionistas, entre eles as trigêmeas de membros de borracha com quem Parvati morara antes de nosso casamento; desde então, tínhamos passado a morar em nosso próprio barraco, que o gueto construía para nós, como presente de núpcias, no lugar da choça de Resham) e os membros da extrema direita do Ananda Marg; até que os socialistas de esquerda e os membros conservadores do Swatantra juntaram-se a ele... Enquanto a frente popular se expandia assim grotescamente, eu, Salim Sinai, cismava sem cessar: o que poderia estar crescendo no ventre de minha mulher?

Enquanto a insatisfação pública com o Congresso de Indira ameaçava esmagar o governo como a uma mosca, a nova Leila Sinai, cujos olhos haviam se tornado maiores do que nunca, ficava sentada, imóvel como uma pedra, e o peso do bebê aumentava até ameaçar esmigalhar-lhe os ossos; e Retrato Singh, num eco inocente de um comentário antigo, disse: — Ei, capitão! É certo que vai ser bem grande: um grandalhão, de dez rupias!

E então chegou o dia 12 de junho.

Os livros, os jornais e os programas de rádio nos dizem que, às catorze horas de 12 de junho, a primeira-ministra Indira Gandhi foi considerada culpada, pelo juiz Jag Mohan Lal Sinha, da Alta Corte de Allahabad, em duas acusações de violação da lei durante a campanha eleitoral de 1971; o que nunca se revelou antes é que foi precisamente às catorze horas em

ponto que a bruxa Parvati (agora Leila Sinai) teve certeza de que entrara em trabalho de parto.

O trabalho de parto de Parvati-Leila durou treze dias. No primeiro, enquanto a primeira-ministra recusava-se a renunciar, embora suas condenações acarretassem uma penalidade compulsória que lhe cassava o direito de exercer cargos públicos durante seis anos, o colo do útero da bruxa Parvati, apesar de contrações dolorosas como coices de mula, recusou-se obstinadamente a dilatar; Salim Sinai e Retrato Singh, impedidos de entrar no barraco dos tormentos de Parvati pelas trigêmeas contorcionistas, que haviam assumido as funções de parteiras, foram obrigados a escutar os gritos inúteis dela até um fluxo contínuo de comedores de fogo, batoteiros e faquires vir lhes dar tapas nas costas e contar piadas sujas; e eram só meus ouvidos que escutavam o tique-taque... Uma contagem regressiva sabe Deus para quê, até o medo me invadir e eu dizer a Retrato Singh: — Não sei o que vai sair de dentro dela, mas não vai ser coisa boa... — E Retratoji, tranqüilizador: — Não se preocupe, capitão! Tudo vai dar certo! Um grandalhão, juro! — E Parvati gritava e gritava, e a noite se fez manhã, e no segundo dia, quando os candidatos da sra. Gandhi em Gujarat foram esmagados pelo Janata Morcha, minha Parvati estava tomada de dores tão intensas que a tornaram dura como aço, e eu me recusei a comer até que o bebê nascesse ou alguma coisa acontecesse. Sentei-me de pernas cruzadas do lado de fora do barraco de sua agonia, tremendo de terror na canícula, suplicando não a deixes morrer não a deixes morrer, ainda que eu jamais a tivesse possuído em todos os meses de nosso casamento; apesar de meu medo do espectro de Jamila Cantora, eu rezava e jejuava, e embora Retrato Singh insistisse (— Pelo amor de Deus, capitão!), eu recusava alimento, e no nono dia o gueto havia mergulhado num terrível silêncio, uma mudez tão absoluta que nem as invocações dos muezins da mesquita penetravam nele, uma quietude de tão imensos poderes que calou os rugidos das manifestações do Janata Morcha diante do Rashtrapati Bhavan, o palácio presidencial, um mutismo horrorizado

que encerrava a mesma magia envolvente do grande silêncio que em certa época pairara sobre a casa de meus avós em Agra, de modo que no nono dia não pudemos ouvir Morarji Desai recomendar ao presidente Ahmad que exonerasse a primeira-ministra em desgraça, e os únicos sons no mundo inteiro eram as desgraçadas lamentações de Parvati-Leila, enquanto as contrações se acumulavam nela como montanhas, e ela dava a impressão de nos estar chamando do fim de um longo túnel oco de dor, enquanto eu me sentava de pernas cruzadas, era esartejado por sua agonia com o som silente do tique-taque em minha cabeça, e dentro do barraco estavam as trigêmeas contorcionistas derramando água sobre o corpo de Parvati para compensar a água que saía dela aos borbotões, metendo-lhe um pauzinho entre os dentes para que ela não mordesse a língua e tentando baixar-lhe as pálpebras sobre olhos que saltavam tão assustadoramente, que as trigêmeas temeram que caíssem e se sujassem no chão, e então já era o décimo segundo dia e eu estava meio morto de fome enquanto em outra parte da cidade o Supremo Tribunal informava à sra. Gandhi que ela não precisava renunciar até o julgamento de seu recurso, mas que não devia nem votar no Lok Sabha nem retirar o salário, e enquanto a primeira-ministra, exultante com essa vitória parcial, começava a invectivar os adversários com uma linguagem que deixaria orgulhosa uma peixeira cóli, o trabalho de parto de minha Parvati entrou numa fase em que, a despeito de sua completa exaustão, ela achou forças para lançar uma fieira de pragas malcheirosas com os lábios descorados, de modo que o fedor de suas obscenidades invadiu nossas narinas e nos fez sentir ânsias de vômito, e as três contorcionistas saíram correndo do barraco, gritando que ela tinha ficado tão esticada, tão sem cor, que quase se podia enxergar através dela, e que com certeza morreria se o bebê não saísse agora, e em meus ouvidos o tique-taque, o golpeante tique-taque até eu ter certeza, sim breve-breve-breve, e quando as trigêmeas voltaram para junto dela na noite do décimo terceiro dia gritaram Sim sim ela começou a fazer força, vamos, Parvati, força-força-força, e, enquanto Parvati fazia força no gueto, J. P.

Narayan e Morarji Desai também estavam a espicaçar Indira Gandhi, enquanto as trigêmeas gritavam força-força-força, os dirigentes do Janata Mordia exortavam a Polícia e o Exército a desobedecer às ordens ilegais da incapacitada primeira-ministra, de modo que em certo sentido estavam forçando a sra. Gandhi a usar de força, e à proporção que a noite escurecia rumo à meia-noite, pois nada jamais acontece em outra hora, as trigêmeas puseram-se a berrar está saindo, saindo, saindo, e em outro lugar a primeira-ministra dava à luz seu próprio filho... No gueto, no barraco ao lado do qual eu continuava de pernas cruzadas e morrendo de fome, meu filho estava nascendo, nascendo, nascendo, a cabeça apareceu, gritaram as trigêmeas, enquanto integrantes da Polícia da Reserva Central prendiam os chefes do Janata Mordia, entre eles as figuras absurdamente antigas e quase mitológicas de Morarji Desai e J. P. Narayan, força, força, força, e no cerne daquela terrível meia-noite, enquanto o tique-taque martelava em meus ouvidos, nasceu uma criança, realmente das grandes, saltando para fora, no fim com tanta facilidade, que foi impossível compreender o porquê de toda a dificuldade anterior. Parvati soltou um último gritinho débil, e ele pulou para fora, enquanto em toda a Índia policiais estavam prendendo pessoas, todos os líderes de oposição menos os comunistas pró-Moscou e também professores, advogados, poetas, jornalistas, sindicalistas, na verdade qualquer pessoa que houvesse um dia cometido o erro de cochilar durante os discursos da Madame, e depois que as três contorcionistas lavaram o bebê, envolveram-no num sári velho e o tiraram do barraco para que o pai o visse, exatamente no mesmo momento estava sendo escutada pela primeira vez a palavra Emergência, assim como suspensão dos direitos civis, censura da imprensa, unidades blindadas em alerta especial e prisão de elementos subversivos; alguma coisa estava acabando, alguma coisa estava nascendo, e no instante preciso do nascimento da nova Índia e do começo de uma contínua meia-noite, que não chegaria ao fim antes de passados dois longos anos, meu filho, o filho do renovado tique-taque, veio ao mundo.

E tem mais: porque quando, na triste penumbra daquela interminavelmente prolongada meia-noite, Salim Sinai viu o filho pela primeira vez, começou a rir sem poder parar, com a mente destroçada pela fome, sim, mas também pela percepção de que seu destino implacável fizera mais uma de suas grotescas brincadeiras, embora Retrato Singh, escandalizado com meu riso, que, por causa de minha fraqueza parecia o risinho de uma menina de escola, gritasse repetidamente: — Vamos, capitão! Não aja como maluco agora! É um menino, capitão, fique feliz! —, Salim Sinai continuou a reagir ao nascimento rindo histericamente do destino, porque o menino, o garotão, o-menino-meu-filho Aadam, Aadam Sinai era perfeito em tudo... quer dizer, em tudo menos as orelhas. De cada lado de sua cabeça agitavam-se protuberâncias auditivas semelhantes a velas de barco, orelhas tão colossalmente descomunais que mais tarde as trigêmeas revelaram que quando a cabeça dele saiu elas pensaram, durante um momento aterrador, que fosse a cabeça de um minúsculo elefante.

... — Capitão, Salim capitão — implorava Retrato Singh —, controle-se agora! Orelhas grandes não são motivo para uma pessoa enlouquecer!

Ele nasceu na Velha Délhi... há muito tempo. Não, assim não serve, não há como fugir da data: Aadam Sinai chegou a uma favela às escuras em 25 de junho de 1975. E a hora? A hora também é importante. Como eu disse: de noite. Não, é importante ser mais... Para dizer a verdade, quando o relógio batia meia-noite. Os ponteiros se juntaram. Ora, vamos dizer claramente: no momento exato em que a Índia chegou à Emergência, ele saiu. Houve arquejos; e, em toda a extensão do país, silêncios e medos. E, devido às ocultas tiranias daquela hora cercada de trevas, ele foi misteriosamente algemado à história, seu destino se prendeu indissolúvelmente ao de seu país. Sem ser profetizado ou celebrado, ele chegou; nenhuma primeira-ministra lhe escreveu cartas; mesmo assim, porém, enquanto meu tempo de conexão chegava ao fim, o dele começava. Ele, naturalmente, nada pôde dizer sobre isso; afinal de contas, nem podia limpar o nariz.

Ele era filho de um pai que não era seu pai; mas também filho de uma época que danificou tanto a realidade que jamais alguém conseguiu juntar-lhe os cacos;

Ele era o verdadeiro bisneto de seu bisavô, mas a elefantíase o atacou nas orelhas e não no nariz — porque ele era também o verdadeiro filho de Shiva-e-Parvati; era Ganesh, o da cabeça elefantina;

Nasceu com orelhas tão compridas e largas que devem ter captado os fuzilamentos em Bihar e os gritos de estivadores espancados em Bombaim... Uma criança que escutou coisas demais e que em consequência nunca falou, emudecido por um empanzimento de sons, de modo que, entre aquele tempo e o agora, desde a favela até a fábrica de pickles, nunca o ouvi emitir uma só palavra;

Tinha um umbigo que preferiu ser protuberante em vez de retraído, pelo que Retrato Singh, consternado, exclamou: — O bimbi dele, capitão! O bimbi, olhe! —, e ele se tornou, desde os primeiros dias, alvo de nosso reverente temor;

Uma criança de tão boa índole que sua recusa categórica de chorar ou choramingar cativou inteiramente seu pai adotivo, que parou de rir histericamente das orelhas grotescas e começou a embalar suavemente aquela criança silenciosa;

Uma criança que ouviu uma cantiga enquanto era embalada, uma cantiga entoada com o sotaque histórico de uma ama infeliz: “Tudo que você quiser ser, será; poderá ser tudo o que quiser”.

No entanto, agora que já fiz nascer meu filho de orelhas de abano e silencioso, há perguntas a serem respondidas sobre aquele outro nascimento, sincrônico. Indagações desagradáveis, incômodas: por acaso o sonho de Salim, o de salvar a nação, vazou, através dos tecidos osmóticos da História, para os pensamentos da própria primeira-ministra? Terá minha perpétua crença na igualdade entre mim e o Estado se transmudado, no espírito da “Madame”, na frase famosa naqueles dias: *A Índia é Indira e Indira é a Índia?* Porventura competíamos por centralidade — estaria ela

possuída de uma ânsia de significação tão profunda quanto a minha? E foi isso, foi por isso que...?

Influência de penteado no rumo da História: eis outro pormenor melindroso. Se William Methwold não partisse os cabelos rigorosamente ao meio, talvez eu não estivesse aqui hoje; e se a Mãe da Nação tivesse uma cabeleira de pigmentação uniforme, à Emergência que ela gerou poderia facilmente faltar um lado mais sombrio. Entretanto, os cabelos dela eram brancos de um lado e pretos do outro; também a Emergência teve uma parte branca — pública, visível, documentada, assunto de historiadores — e uma parte negra, que, por ser secreta, macabra, silenciada, tem de ser assunto para nós.

A sra. Indira Gandhi nasceu em novembro de 1917, filha de Kamala e Jawaharlal Nehru. Seu segundo nome era Priyadarshini. Não era parente do “Mahatma” M. K. Gandhi; seu sobrenome foi o legado de seu casamento, em 1952, com um certo Feroze Gandhi, que se tornou conhecido como “o genro da nação”. Tiveram dois filhos, Rajiv e Sanjay, mas em 1959 ela voltou para a casa do pai e tornou-se sua “anfitriã oficial”. Feroze fez uma tentativa de morar lá também, mas sem sucesso. Tornou-se um crítico mordaz do governo Nehru, revelando o escândalo Mundhra e forçando a renúncia do então ministro das Finanças, T. T. Krishnamachari — o próprio “TTK”. Feroze Gandhi morreu de um ataque cardíaco em 1960, aos quarenta e sete anos de idade. Já houve quem dissesse com frequência que Sanjay, o filho mais novo da sra. Gandhi, acusou a mãe de ter sido responsável, com sua desatenção, pela morte do pai; e que isso deu a ele poder absoluto sobre a mãe, tornando-a incapaz de negar-lhe o que quer que fosse. Sanjay Gandhi e sua mulher, a ex-modelo Menaka, destacaram-se durante a Emergência. O Movimento da Juventude Sanjay teve participação intensa na campanha de esterilização.

Incluí em minha narrativa esse relato, um tanto conciso, para o caso de o leitor não haver percebido que em 1975 fazia quinze anos que a primeira-ministra da Índia era viúva. Ou (já que a maiúscula pode ser útil): a Viúva.

Sim, Padma; a Mãe Indira realmente nutria antipatia por mim.

# Meia-noite

Não! — Mas preciso.

Não quero contar isso! — Mas jurei contar tudo! — Não, desisto, isso não, é claro que certas coisas devem ficar... — Nada disso; o que não tem remédio, remediado está! — Mas certamente deixo de fora as paredes que sussurravam, a traição, as tesouradas e as mulheres de peitos machucados? — Essas coisas são as mais importantes. — Mas como é que posso, olhe para mim, estou a me despedaçar, não digo coisa com coisa, fico falando, discutindo como um doido, rachando de alto a baixo, a memória está sumindo, é isso, a memória mergulha em abismos e é tragada pela escuridão, só restam fragmentos e nenhum deles faz sentido! — Mas não devo pretender fazer julgamentos; devo simplesmente (já que comecei) ir até o fim; já não me cabe avaliar (talvez nunca tenha cabido). — Mas o horror, não posso, não devo, não quero, não posso, não! — Pare com isso; comece. — Não! — Sim.

Como o sonho, então? Talvez eu consiga contar como se fosse um sonho. Sim, talvez um pesadelo: verde e preto o cabelo da Viúva e a mão que agarra e os filhos mmff e bolinhas e um a um rasgados ao meio e bolinhas sobem verde e preto a mão dela é verde suas unhas são pretíssimas. — Nada de sonhos. Esta não é a hora nem este é o lugar para isso. Fatos, tais como lembrados. Tão bem quanto possível. Exatamente como foi: comece. — Não há alternativa? — Nenhuma; quando é que houve? Há imperativos, conseqüências lógicas, inevitabilidades e recorrências; há coisas-que-foram-feitas, acidentes e cacetadas-do-destino; quando, em que tempo, houve escolha? Quando houve opções? Quando

houve uma decisão, tomada livremente, de ser isso, aquilo ou outra coisa? Nenhuma alternativa; comece. — Sim.

Escute:

Noite sem fim, dias, semanas, meses sem sol, ou antes (pois é importante ser preciso) sob um sol gélido, um sol que nos lavava numa lunática luz de meia-noite; estou falando do inverno de 1975-76. No inverno, escuridão; e também tuberculose.

Certa vez, num quarto azul que dava para o mar, sob o dedo apontado de um pescador, lutei contra a febre tifóide e fui salvo por veneno de cobra. Agora, capturado nas teias dinásticas da recorrência por eu o ter perfilhado, nosso Aadam Sinai também foi obrigado a passar seus primeiros meses combatendo as serpentes invisíveis da doença. As cobras da tuberculose enroscavam-se em torno de seu pescoço e faziam-no arquejar, em busca de ar... Mas ele era uma criança de orelhas e de silêncio, e quando tossia não havia som algum; quando resfolegava, ruído algum lhe saía da garganta. Em suma, meu filho adoeceu, e, embora sua mãe, Parvati ou Leila, saísse em busca das ervas de seu dom mágico, embora infusões de ervas em água bem fervida fossem administradas constantemente, os vermes espectrais da tuberculose recusavam-se a ser afugentados. Suspeitei, desde o início, de algo lugubrememente metafórico nessa enfermidade — acreditando que, naqueles meses de meia-noite em que o tempo de minha conexão-com-a-história sobrepunha-se ao dele, nossa emergência privada não estivesse desligada da doença maior, macrocós mica, sob cuja influência o sol se tornara tão pálido e enfermo quanto nosso filho. Parvati, na época (como Padma hoje), desdenhava essas lucubrações abstratas, criticando como pura parvoíce minha crescente obsessão com a luz, que me fazia acender lampiões no barraco da moléstia de meu filho, enchendo nossa choça com chamas de velas ao meio-dia... Mas insisto na correção de meu diagnóstico. — Afirmando — insistia eu então — que, enquanto durar a Emergência, ele nunca há de ficar bom.

Enlouquecida por sua incapacidade de curar aquela séria criança que nunca chorava, minha Parvati-Leila recusava-se a acreditar em minhas teorias pessimistas; no entanto, tornou-se vulnerável a toda e qualquer idéia zarolha. Quando uma das mulheres mais velhas da colônia dos mágicos lhe disse — como poderia ter feito Resham Bibi — que a doença não poderia sarar enquanto a criança continuasse muda, parece que Parvati julgou isso plausível. — A doença é um sofrimento do corpo — ensinou-me ela. — Tem de ser expulsa com lágrimas e gemidos. — Naquela noite, voltou para o barraco carregando uma trouxinha de pó verde, embrulhado em papel de jornal e amarrado com um barbante rosa-claro, e disse-me que aquela preparação possuía tamanho poder que faria até uma pedra gritar. Depois que administrou o remédio, as bochechas da criança começaram a avolumar-se, como se sua boca estivesse cheia de comida; os sons de sua infância, há tanto reprimidos, acumularam-se-lhe atrás dos lábios, mas ele cerrou a boca, enfurecido. Ficou evidente que o bebê estava perto de sufocar-se, tentando engolir o vômito torrencial de sons retidos que o pó verde desencadeara; e foi então que percebemos estar na presença de uma das mais inflexíveis forças de vontade do mundo. Ao fim de uma hora, durante a qual meu filho ficou primeiro da cor do açafão, depois açafão e verde, e, finalmente, da cor da grama, não pude agüentar mais e rugi: — Mulher, se esse pequeno quer tanto ficar em silêncio, não devemos matá-lo por causa disso! — Levantei Aadam para embalá-lo e senti seu corpinho enrijecer, seus joelhos, cotovelos e pescoço se encherem do contido tumulto de sons não exprimidos, e por fim Parvati cedeu e preparou um antídoto, macerando araruta e camomila numa vasilha de lata, enquanto murmurava estranhas invocações em voz baixa. Depois disso, nunca mais ninguém tentou levar Aadam Sinai a fazer qualquer coisa que ele não quisesse; vendo-o combater a tuberculose, tentamos consolar-nos com a idéia de que uma força de vontade tão férrea decerto não se deixaria abater por uma mera doença.

Naqueles últimos dias, minha mulher, Leila ou Parvati, também estava sendo corroída pelas traças interiores do desespero, pois, quando me procurava, em busca de conforto ou calor, no isolamento de nossas horas de sono, eu ainda via, superposta em seus traços, a horrenda fisionomia erodida de Jamila Cantora; e, embora eu confessasse a Parvati o segredo do espectro, consolando-a com a observação de que, mantido o atual ritmo de decomposição, o fantasma não tardaria muito a desfazer-se por inteiro, ela me respondeu, dilacerada de dor, que as escarradeiras e a guerra me haviam deixado de miolo mole, e desesperançou-se de seu casamento, o qual, como se dizia, jamais seria consumado; devagar, bem devagar, apareceu em seu rosto o pressago beicinho do sofrimento... Mas o que eu podia fazer? Que consolo tinha eu a oferecer?... Eu, Salim Catarrento, que fora reduzido à miséria pela retirada da proteção de minha família, que optara (se foi mesmo uma opção) por viver de minhas aptidões olfativas, ganhando alguns paise por dia com adivinhar, pelo cheiro, o que as pessoas tinham comido no jantar da véspera, ou qual delas estava apaixonada. Que consolo podia eu trazer-lhe, quando já me achava sob a presa da mão fria daquela prolongada meia-noite e sentia no ar o cheiro da irreversibilidade?

O nariz de Salim (não podem ter se esquecido) era capaz de sentir o cheiro de coisas mais estranhas do que excremento de cavalo. Os perfumes das emoções e das idéias, o odor do jeito-das-coisas: tudo isso era e ainda é percebido facilmente por meu nariz. Quando se emendou a Constituição para dar à primeira-ministra poderes quase absolutos, captei no ar o cheiro de antigos impérios... Naquele cidade onde abundavam os fantasmas dos reis escravos e dos mogóis, de Aurangzeb, o Impiedoso, e ainda dos últimos conquistadores, os rosados, inalei mais uma vez o intenso aroma do despotismo: tinha o cheiro de trapos oleosos queimados.

No entanto, até os que sofrem de incompetência nasal devem ter percebido que, no inverno de 1975-76, alguma coisa fedia a podre na capital; o que me alarmava era um fedor mais estranho, mais pessoal: a exalação do perigo pessoal, no qual eu discernia a presença de um par de

joelhos traiçoeiros, vingativos... meu primeiro pressentimento de que um conflito antigo, iniciado quando uma virgem ensandecida de amor trocara etiquetas de nomes, estava para findar, em breve, num frenesi de traição e tesouradas.

É possível que, com essa titilação de advertência nas narinas, eu devesse ter fugido; avisado por um nariz, devia ter dado no pé. No entanto, havia objeções de ordem prática: para onde iria? Sobrecarregado por mulher e filho, com que rapidez poderia viajar? Nem se esqueçam de que eu certa vez fugira, e vejam onde acabei: nos Sundarbans, a selva de fantasmas e da retaliação, da qual só escapei por um triz!... Seja como for, não fugi.

É provável que isso não tivesse importância. Shiva — implacável, aleivoso, inimigo meu desde que nascemos — teria me encontrado por fim. Porque, embora um nariz seja um equipamento sem igual para sentir o cheiro das coisas, quando se trata de ação não há como negar as vantagens de um par de potentes joelhos triturantes.

Permito-me uma última observação, paradoxal, sobre esse assunto: se, como acredito, foi na casa das mulheres lamuriantes que descobri a resposta para a questão de objetivo, que me atormentara a vida inteira, então, evadindo-me daquele palácio de aniquilamentos, eu teria também negado a mim mesmo essa preciosíssima descoberta. Para usar de palavras mais filosóficas: toda nuvem tem um nimbo de prata.

Salim-e-Shiva, nariz-e-joelhos... Tínhamos em comum somente três coisas: o momento (e suas conseqüências) de nosso nascimento; a culpa da traição; e nosso filho, Aadam, nossa síntese, que não sorria, grave, dono de ouvidos que tudo escutavam. Aadam Sinai era, em muitos sentidos, o oposto exato de Salim. Eu, em meus começos, cresci com espantosa rapidez; Aadam, lutando com as serpentes da doença, praticamente não crescia. Salim mostrava um sorriso cativante desde o começo; Aadam tinha mais dignidade e guardava seus risos para si. Enquanto Salim subjagara sua vontade às tiranias conjuntas de família e destino, Aadam lutava ferozmente, recusando-se a ceder até a coerção do pó verde. E enquanto

Salim estivera tão determinado a absorver o universo que, durante algum tempo, fora incapaz de piscar, Aadam preferia manter seus olhos firmemente fechados... Quando, vez por outra, ele se dignava a abri-los, eu lhes observava a cor: azuis. Azul-gelo, o azul da recorrência, o fatídico azul no céu caxemirense... Mas não há por que me estender mais sobre isso.

Nós, os filhos da Independência, atiramo-nos freneticamente, depressa demais, a nosso futuro; ele, nascido na Emergência, será, já é, mais cauteloso, dá tempo ao tempo; mas, quando ele agir, será impossível resistir-lhe. Hoje ele já é mais forte, mais duro, mais resistente que eu: quando dorme, seus olhos mantêm-se imóveis sob as pálpebras. Aadam Sinai, filho de joelhos-e-nariz, não se rende a sonhos (ao que eu saiba).

O quanto ouviam aquelas orelhas, que pareciam, de vez em quando, arder com o calor do que sabiam? Se ele falasse, teria meu filho me precavido contra traição e tratores? Num país dominado pelas multidões gêmeas de ruídos e cheiros, poderíamos ter formado a dupla perfeita; mas meu filhinho rejeitava a fala, e eu deixei de obedecer aos mandamentos de meu nariz.

— Arré baap — exclama Padma. — Conte o que aconteceu, mister! Não vejo nada de tão espantoso em um bebê não conversar!

E, novamente, as cisões dentro de mim: — Não posso. — Precisa. — Sim.

Em abril de 1976, eu ainda estava morando na colônia ou gueto dos mágicos; meu filho Aadam ainda se achava nas garras de uma lenta tuberculose que parecia não reagir a qualquer forma de tratamento. Eu me sentia cheio de premonições (e pensamentos de fuga); mas, se algum homem foi o motivo de eu permanecer no gueto, esse homem foi Retrato Singh.

Padma, Salim juntou seu destino ao dos mágicos de Délhi em parte por um senso de adequação — uma convicção autoflagelante da justeza de sua tardia descida à pobreza (trouxe comigo, da casa de meu tio, não mais que duas camisas brancas, duas calças, também brancas, uma camiseta

enfeitada com violões cor-de-rosa, e um par de sapatos pretos); em parte, fui para o gueto por lealdade, já que estava preso por laços de gratidão à minha salvadora, a bruxa Parvati; mas fiquei — uma vez que, como um rapaz instruído, eu poderia tornar-me, no mínimo, um bancário ou professor de escola noturna — porque, a vida inteira, consciente ou inconscientemente, tenho procurado pais. Ahmed Sinai, Hanif Aziz, Schaapsteker sahib, o general Zulfikar — todos eles foram forçados a esse papel, na ausência de William Methwold. Retrato Singh foi o último dessa nobre linhagem. E é possível que, em minha dupla volúpia, por pais e por salvar a nação, eu exagerasse Retrato Singh; existe a aterrorizante possibilidade de que eu o distorcesse (e que o tenha distorcido novamente nestas páginas) num tresvario de minha própria imaginação... Não resta dúvida de que sempre que eu perguntava: — Quando é que vai nos conduzir à revolução, Retratoji... Quando chegará o grande dia? —, ele, dando de ombros desajeitadamente, respondia: — Tire essas coisa da cabeça, capitão. Sou um homem pobre de Rajastão, e também o Homem Mais Encantador do Mundo. Não me transforme em outra coisa. — Mas eu insistia: — Há um precedente... Houve Mian Abdullah, o Colibri... — E Retrato replicava: — Capitão, suas idéias são muito doidas.

Durante os primeiros anos da Emergência, Retrato Singh foi tomado por um soturno silêncio que lembrava (novamente!) o grande mutismo da Reverenda Mãe (que também se derramara em meu filho...) e deixou de fazer preleções para o seu público nas avenidas e nas ruas da Cidade Velha e da Nova, como insistira em fazer no passado. Mas, embora ele dissesse: — A hora é de silêncio, capitão —, convenci-me de que um dia, num alvorecer milenário no fim da meia-noite, de alguma maneira, à testa de um grande julus, ou desfile dos miseráveis, talvez soprando sua flauta e envolto em serpentes mortíferas, Retrato Singh nos conduziria à luz... Mas talvez ele nunca tivesse sido mais que um encantador de serpentes; não nego a possibilidade. Digo apenas que meu último pai, alto, magro e barbudo, cujos cabelos eram presos com um nó atrás da nuca, me parecia

o próprio avatar de Mian Abdullah; mas talvez tudo isso fosse ilusão, nascida de minha tentativa de prendê-lo nos fios de minha história, através de um exercício de força de vontade. Houve ilusões em minha vida; não pensem que não tenho consciência disso. Estamos chegando, entretanto, a uma época em que as ilusões ficaram para trás; como não há alternativa, tenho de finalmente registrar, no preto e no branco, o clímax que venho evitando a noite inteira.

Fragmentos de memória: não é assim que um clímax deve ser escrito. Um clímax deveria ondular em direção ao seu pico himalaico; mas o que me sobra são fragmentos, e sou obrigado a espinotear na direção de minha crise como um fantoche de cordões partidos. Não foi assim que planejei; mas talvez a história que se termina nunca seja a que se começou. (Outrora, num quarto azul, Ahmed Sinai improvisou finais para contos de fadas cujas conclusões originais ele havia muito esquecera; a Macaca de Cobre e eu ouvimos, ao longo dos anos, toda sorte de diferentes versões da jornada de Simbad e das aventuras de Hatim Tai... Se eu recomeçasse, chegaria também a um lugar diferente?) Muito bem, pois; devo satisfazer-me com fiapos e fragmentos: como escrevi há séculos, o truque consiste em preencher as lacunas, guiado pelas poucas pistas de que dispomos; tenho de ser guiado pela lembrança de uma pasta vista de relance, com iniciais reveladoras; e pelos outros cacos que restam do passado, depositados em meus vasculhados arquivos da memória como garrafas quebradas numa praia... Como fragmentos de memória, páginas de jornais costumavam rolar pela colônia dos mágicos, sopradas pelo silencioso vento da meia-noite.

Jornais soprados pelo vento visitaram meu barraco para informar-me de que meu tio, Mustafá Aziz, fora vítima de assassinos desconhecidos; não me dei o trabalho de derramar uma lágrima. Mas havia outras informações; e é a partir delas que tenho de construir a realidade.

Numa determinada folha de jornal (que cheirava a nabos) li que a primeira-ministra da Índia não ia a parte alguma sem seu astrólogo pessoal.

Nessa informação discerni mais do que odores de nabos; misteriosamente, meu nariz identificou, outra vez, o aroma do perigo pessoal. O que sou obrigado a deduzir desse cheiro acautelador? Adivinhos profetizaram-me; não é crível que adivinhos tenham dado cabo de mim no final? Não poderia uma Viúva, obcecada pelos astros, ter sabido por astrólogos o segredo potencial de qualquer criança nascida naquela meia-noite do passado distante? E terá sido por isso que um funcionário público, perito em genealogias, foi solicitado a investigar... E por que ele me olhou de um jeito esquisito de manhã? Sim, estão vindo, os fragmentos começam a juntar-se! Padma, não fica claro? *Indira é a Índia e a Índia é Indira...* Mas não é crível que ela pudesse ter lido a carta que seu pai escrevera a um dos filhos da meia-noite, na qual era negada sua própria centralidade transformada em slogan, na qual o papel de espelho da nação era atribuído a mim? *Viu? Viu?...* E há mais coisas, há uma prova ainda mais clara, porque aqui está outro fragmento do *Times of India*, no qual a agência noticiosa Samachar, da própria Viúva, cita uma declaração sua, na qual ela fala de sua “determinação de combater a profunda e disseminada conspiração que tem crescido”. Ouça o que digo: ela não se referia ao Janata Morcha! Não, a Emergência teve uma parte negra, tanto quanto uma branca, e eis o segredo que permaneceu oculto durante demasiado tempo sob a máscara daqueles dias sufocantes: o motivo mais verdadeiro, mais profundo, por trás da declaração de um estado de emergência foi o esmagamento, a pulverização, a irreversível destruição dos filhos da meia-noite. (Cuja Conferência, naturalmente, dissolvera-se anos antes; porém a simples possibilidade de nossa reunificação foi suficiente para causar o alerta vermelho.)

Os astrólogos — disso não duvido — fizeram soar os alarmas; numa pasta preta, com a etiqueta CFM, compilaram-se nomes extraídos dos arquivos existentes; mas isso não foi tudo. Houve também traições e confissões; houve joelhos e um nariz — um nariz, e também joelhos.

Fiapos, cacos, fragmentos: tenho a impressão de que, um instante antes que eu acordasse com o cheiro do perigo em minhas narinas, sonhei que estava dormindo. Despertei, nesse sonho perturbador, com um estranho em meu barraco: um sujeito com ar de poeta e cabelos lisos que lhe caíam sobre as orelhas (mas muito ralos no alto). Sim, durante meu último sono antes daquilo-que-tem-de-ser-descrito, fui visitado pela sombra de Nadir Khan, que fitava com perplexidade uma escarradeira de prata, marchetada de lápis-lazúli, e fazia uma pergunta absurda: — Você roubou isso?... Porque, se não a roubou, você só pode ser... será possível?... o filhinho de minha Mumtaz? — E, quando confirmei isso: — Sim, não há outro, sou eu mesmo —, o espectro onírico de Nadir-Qasim fez uma advertência: — Esconda-se. Resta pouco tempo. Esconda-se enquanto pode.

Nadir, que se escondera debaixo dos tapetes de meu avô, viera avisar-me de que devia fazer o mesmo; porém tarde demais, tarde demais, pois então acordei completamente e senti o perfume do perigo clangorando como trombetas em meu nariz... Temeroso, sem saber por quê, pus-me de pé; e será minha imaginação ou Aadam Sinai abriu olhos azuis para fitar gravemente os meus? Estavam os olhos de meu filho também cheios de alarma? Teriam orelhas de abano ouvido o que um nariz farejara? Terão pai e filho se comunicado mudamente naquele instante antes que tudo começou? Tenho de deixar sem resposta os pontos de interrogação; porém o certo é que Parvati, minha Leila Sinai, também acordou e perguntou: — O que foi? O que deu em você? — E eu, sem saber plenamente o motivo: — Esconda-se. Fique aqui e não saia.

E então saí.

Devia ser de manhã, embora a escuridão da meia-noite infinda caísse sobre o gueto como um nevoeiro... Através da luz sombria da Emergência, vi crianças brincando e Retrato Singh, com o guarda-chuva dobrado sob a axila esquerda, urinando nas paredes da Mesquita da Meia-Noite. Um ilusionista baixinho e careca treinava enfiar facas no pescoço de seu aprendiz de dez anos de idade, e um mágico já conseguira uma platéia e

estava persuadindo grandes bolas de lã a cair das axilas de estranhos; em outro canto do gueto, Chand Sahid, o músico, exercitava-se na execução da corneta, encostando um antigo bocal de trompa no pescoço e arrancando sons com a simples movimentação dos músculos da garganta... Mais afastadas, as trigêmeas contorcionistas equilibravam suharis de água, da única bica da colônia, na cabeça enquanto voltavam para seu barraco... Em suma, tudo parecia em ordem. Comecei a censurar-me por meus sonhos e alarmas nasais. Mas nesse momento tudo começou.

Primeiro chegaram os caminhões e tratores, roncando pela avenida; estacionaram diante do gueto dos mágicos. Um alto-falante começou a tonitruar: — Programa cívico de urbanização... operação autorizada pelo Comitê Central da Juventude Sanjay... os moradores devem preparar-se imediatamente para transferência para um novo local... essa favela ofende a vista, não pode ser mais tolerada... todos os moradores devem cumprir as ordens sem dissidência. — E, enquanto um alto-falante tonitruava, figuras desciam de caminhões; uma barraca era montada rapidamente, e surgiram camas de armar e equipamento cirúrgico... E dos caminhões começou a descer uma torrente de moças bem vestidas, de famílias abastadas e educadas no estrangeiro, e a seguir um segundo rio de rapazes igualmente bem vestidos: voluntários da Juventude Sanjay, dando sua contribuição à sociedade... Percebi então que não, não eram voluntários, pois todos os homens tinham os mesmos cabelos encaracolados e lábios semelhantes a uma vulva, e as moças elegantes eram também idênticas, seus traços correspondiam precisamente aos da Menaka de Sanjay, que os fragmentos de jornais descreviam como uma “beleza esguia”, e que uma vez fizera propaganda de camisolas de dormir para uma empresa de colchões... Em meio ao caos do programa de erradicação de favelas, foi-me demonstrado mais uma vez que a dinastia governante da Índia aprendera a reproduzir-se. Na hora, porém, não havia tempo para pensar, os inúmeros lábios-de-vulva e as belezas-esguias estavam agarrando mágicos e velhos mendigos, pessoas eram arrastadas para os caminhões, e foi então que correu um

boato pela colônia dos mágicos: — Estão fazendo nasbandi... esterilização! — E veio logo um segundo grito: — Protejam suas mulheres e crianças! — E agora tem início um distúrbio, crianças que há pouco brincavam estão atirando pedras nos elegantes invasores, ali está Retrato Singh mobilizando os mágicos, brandindo um furioso guarda-chuva, que antes fora criador de harmonia mas que agora transmuda-se em arma, uma lança quixotesca, e os mágicos se transformam num exército de defesa, magicamente aparecem e são arremessados coquetéis molotov, surgem tijolos de dentro de sacos de ilusionistas, o ar adensa-se de gritos e projéteis, os elegantes lábios-de-vulva e as belezas-esguias recuam diante da fúria tenaz dos encantadores; e lá vai Retrato Singh, a comandar o ataque contra a tenda da vasectomia... Parvati ou Leila, desobedecendo a ordens, está agora a meu lado, dizendo: — Meu Deus, o que é que eles... —, e nesse momento uma nova e mais assustadora ofensiva é lançada contra a favela: chegam tropas contra mágicos, mulheres e crianças.

Um dia, ilusionistas, batoteiros, titeriteiros e hipnotizadores marcharam, triunfantes, ao lado de um exército conquistador; agora, porém, tudo isso é esquecido, e armas russas são apontadas contra os habitantes do gueto. Que podem os magos comunistas fazer contra fuzis socialistas? Eles, nós, correm agora, cada qual para seu lado, Parvati e eu nos separamos quando os soldados investem, perco de vista Retrato Singh, coronhas de fuzis martelam e golpeiam, vejo uma das trigêmeas contorcionistas cair sob a fúria das armas, pessoas estão sendo arrastadas pelos cabelos para os caminhões que, escancarados, as esperam; e eu também estou correndo, tarde demais, olhando sobre o ombro, tropeçando em latas de Dalda, em caixotes vazios e nos sacos abandonados dos amedrontados ilusionistas, e por cima do ombro, através da noite espessa da Emergência, vejo que tudo isso foi uma cortina de fumaça, uma questão secundária, pois entre a confusão do quebra-quebra avança, impávida, uma figura mitológica, uma encarnação do destino e da destruição: o major Shiva juntou-se à refrega, e

está à minha procura. Atrás de mim, enquanto corro, vêm os joelhos encarniçados de minha condenação...

... A imagem de um barraco estampa-se em minha mente: meu filho! E não apenas meu filho: uma escarradeira de prata, marchetada de lápis-lazúli! Em algum lugar, na balbúrdia do gueto, uma criança foi deixada a sós..., em algum lugar, um talismã, guardado durante tanto tempo, foi abandonado. A Mesquita da Sexta-Feira assiste, impassível, enquanto me desvio, me esquivo, corro entre os barracos inclinados, meus pés a conduzir-me a um filho de orelhas de abano e a uma escarradeira... Mas que podia eu fazer contra aqueles joelhos? Os joelhos do herói de guerra aproximam-se, mais perto, cada vez mais perto, enquanto corro, as articulações de meu castigo estrondejaram rumo a mim, e ele salta, as pernas do herói de guerra voam pelo ar, fechando-se como mandíbulas em torno de meu pescoço, joelhos travam-me a respiração, estou caindo, girando, mas os joelhos ainda comprimem, e então, enquanto joelhos repousam em meu peito e imobilizam-me na poeira grossa da favela, uma voz — a voz da traição, da revelação, do ódio — diz: — Muito bem, garotinho rico, encontramos-nos de novo. Salaam. — Cuspinhei; Shiva riu.

Ah, reluzentes botões no uniforme de um traidor! Cintilando, rebrilhando como prata... por que ele fez aquilo? Por que motivo ele, que um dia chefiara os delinquentes anarquistas nos cortiços de Bombaim, tornou-se o condestável da tirania? Por que um filho da meia-noite traiçoeiro os filhos da meia-noite e conduziu-me a meu destino? Por amor à violência e ao brilho legitimizador em botões de uniformes? Por causa de sua antiga antipatia por mim? Ou — explicação que considero mais plausível — em troca de imunidade às penas impostas ao resto de nós?... Sim, deve ser isso. Ah, herói de guerra negador dos direitos hereditários! Ah, rival corrompido por um prato de lentilhas!... Mas não, tenho de parar com tudo isso e contar a história da maneira mais simples possível: enquanto as tropas perseguiram, prendiam e arrastavam os mágicos de seu gueto, o major Shiva concentrava-se em mim. Fui puxado também, com

brutalidade, para um caminhão; enquanto tratores arremetiam contra a favela, uma porta se bateu... E nas trevas clamei: — Meu filho!... E Parvati, onde está ela, minha Leila?... Retrato Singh! Salve-me, Retratoji! — Mas agora havia tratores, e ninguém ouviu meus gritos.

Por casar-se comigo, a bruxa Parvati sucumbiu à maldição de morte violenta que paira sobre toda a minha gente... Não sei se Shiva, depois de trancar-me num caminhão escuro e fechado, foi procurá-la ou se a deixou entregue aos tratores... pois agora as máquinas da destruição estavam em seu elemento, e os casebres da favela ruíam, escorregavam loucamente ante a força das criaturas irresistíveis, barracos partiam-se como varetas, as sacolinhas de papel dos titeriteiros e as cestas mágicas dos ilusionistas, esmagadas, transformavam-se em polpa. Se a cidade se embelezava, que importância tinham algumas mortes, o fato de uma moça com olhos de pires e um beicinho de tristeza cair sob os colossos que avançavam? Tudo bem, uma mancha estava sendo eliminada da face da antiga capital... e, segundo se disse, durante a agonia do gueto dos mágicos, um gigante barbudo, envolvido por cobras (mas isso pode ser exagero), saiu correndo — A TODA! — pelas ruínas, disparou como doido diante dos tratores que investiam, agarrando o cabo de um guarda-chuva irremediavelmente despedaçado, procurando, procurando, como se sua vida dependesse da procura.

Ao fim daquele dia, a favela que se espalhava à sombra da Mesquita da Sexta-Feira havia desaparecido da face da terra; no entanto, nem todos os mágicos foram capturados; nem todos foram transportados para o campo, cercado de arame farpado, chamado Khichripur, uma cidade que se amontoava, improvisadamente, do outro lado do rio Jamuna; nunca puseram as mãos em Retrato Singh, e diz-se que um dia depois do arrasamento do gueto dos mágicos noticiou-se o nascimento de uma nova favela no coração da cidade, bem ao lado da estação ferroviária de Nova Délhi. Mandaram-se tratores, a toda pressa, ao local dos barracos noticiados; nada encontraram. Depois disso, a existência da favela móvel

dos ilusionistas evadidos tornou-se fato conhecido por todos os habitantes da cidade, mas os demolidores jamais a localizaram. Falou-se que estava em Mehrauli; mas, quando os vasectomizadores e as tropas foram lá, não encontraram o Qutb Minar maculado pelas choças da miséria. Informantes declararam que ela aparecera nos jardins de Jantar Mantar, o observatório mogol de Jai Singh; mas, despachadas para lá, as máquinas da destruição só encontraram papagaios e relógios de sol. Só depois do fim da Emergência foi que a favela móvel parou; mas isso tem de esperar, pois chegou a hora de falar, finalmente, e sem perder o controle, de meu cativo na Hospedaria das Viúvas em Benares.

Um dia Resham Bibi gritou “Ai-oh-ai-oh”, e tinha razão: eu trouxe a destruição ao gueto de meus salvadores; agindo, sem dúvida, sob instruções da Viúva, o major Shiva foi à colônia a fim de me pegar, enquanto o filho da Viúva providenciava para que os programas de embelezamento urbano e de vasectomia executassem manobras diversionistas. Sim, é claro que tudo foi planejado dessa maneira; e, se me for permitido dizê-lo, com toda eficiência. O que se conseguiu durante o distúrbio dos mágicos: nada menos que a captura, despercebida, da única pessoa na terra que detinha a chave para a localização de cada um dos filhos da meia-noite — pois não tinha eu, noite após noite, estabelecido comunicação com todos eles? Não tive eu, sempre e sempre, seus nomes, endereços e rostos em minha mente? Responderei: tive. E fui capturado.

É claro que tudo foi planejado assim. A bruxa Parvati contara-me tudo a respeito de meu rival; não é provável que ela me tivesse mencionado a ele? Responderei também a essa pergunta: perfeitamente. Portanto, nosso herói de guerra sabia onde, na capital, ocultava-se a única pessoa que seus patrões mais desejavam (nem mesmo meu tio Mustafá sabia para onde eu fora depois de deixar sua casa; mas Shiva sabia!) — e assim que ele se transformou em traidor, que foi subornado (não tenho dúvidas) por muitas coisas, desde promessas de promoção até garantias de segurança pessoal,

foi-lhe fácil entregar-me às mãos de sua senhora, a Madame, a Viúva de cabelos bicolores.

Shiva e Salim, vencedor e vítima; compreendam nossa rivalidade e passarão a entender a época em que vocês vivem. (A recíproca também é verdadeira.)

Naquele dia, perdi também uma outra coisa, além da liberdade: tratores trouxeram uma escarradeira de prata. Privado do último objeto que me ligava a meu passado mais tangível, historicamente comprovável, fui levado para Benares a fim de encarar as conseqüências de minha vida interior, a que fora concedida pela meia-noite.

Sim, foi lá que aconteceu, no palácio das viúvas, às margens do Ganges, na mais antiga cidade viva do mundo, a cidade que já era velha quando o Buda era jovem, Kasi Benares Varanasi, Cidade da Luz Divina, a cidade do Livro Profético, o horóscopo dos horóscopos, no qual toda vida, passada, presente e futura, já está registrada. A deusa Ganga desceu à Terra através dos cabelos de Shiva... Foi a Benares, o santuário do Shiva-deus, que fui levado pelo Shiva-herói para enfrentar meu destino. Na cidade dos horóscopos, cheguei ao momento profetizado num quarto de terraço por Ramram Seth: “Soldados o julgarão... tiranos o fritarão!”, afirmara o adivinho. Bem, não houve um julgamento formal — os joelhos de Shiva apertaram meu pescoço, e pronto —, mas realmente senti, num dia de inverno, os cheiros de alguma coisa fritando numa panela de ferro...

Acompanhe o rio, depois do Scindia-ghat, onde jovens ginastas, de tangas brancas, executam flexões num braço só, depois do Manikarnika-ghat, o local dos funerais, onde se pode comprar fogo sagrado dos mantenedores da chama, depois das carcaças flutuantes de cães e vacas — infelizes para os quais não se comprou fogo algum —, depois de brâmanes sob guarda-sóis de palha em Dasashwamedh-ghat, com mantos cor de açafão, distribuindo bênçãos... E agora se torna audível um som estranho, como rosnados de mastins a distância... Siga, siga o som, e ele ganha forma, você percebe que é uma forte e incessante lamentação que parte

das janelas fechadas de um palácio à beira-rio: a Hospedaria das Viúvas! Outrora, foi a residência de um marajá; mas hoje em dia a Índia é um país moderno, e tais edifícios foram desapropriados pelo Estado. O palácio é, atualmente, um abrigo de mulheres que enviuvaram; compreendendo que suas verdadeiras vidas chegaram ao fim com a morte de seus maridos, mas agora desautorizadas a buscar a libertação pelo sati, a morte ao lado do corpo do marido na pira fúnebre, elas vêm para a cidade sagrada a fim de consumir seus dias inúteis em tristes lamentações. No palácio das viúvas vive uma tribo de mulheres cujos peitos estão irremediavelmente machucados pela força de golpes contínuos, cujos cabelos são inapelavelmente arrancados, e cujas vozes dilaceram-se pelas constantes e pungentes expressões de dor. Era um edifício imenso, um labirinto de quartinhos nos andares superiores, cômodos minúsculos que se convertiam nos grandiosos salões de lamentação embaixo; e foi ali que aconteceu. A Viúva sugou-me para o âmago de seu funesto império, fui trancado num pequenino quarto no alto, e as viúvas levavam-me comida. Mas tive também outras visitas: o herói de guerra convidou dois colegas para conversarem comigo. Em outras palavras: fui encorajado a falar. Incentivado por uma dupla antípoda, um gordo e um magro, aos quais dei os nomes de Abbott e Costello, pois nunca conseguiam fazer-me rir.

Registro aqui uma misericordiosa lacuna em minha memória. Nada é capaz de induzir-me a lembrar as técnicas de conversa daquele par fardado e destituído de humor; não há chutney ou pickles que possam descerrar as portas atrás das quais fiquei fechado naqueles dias! Não, esqueci, não sei dizer como me persuadiram a dar com a língua nos dentes — porém não posso escapar do vergonhoso xis da questão, o fato de que, apesar da falta de piadas e da atitude em geral irritadiça de meu inquisidor bicéfalo, não há dúvida de que falei. E mais que isso: sob o efeito de suas pressões inomináveis — esquecidas —, tornei-me extremamente loquaz. O que se derramou, aos trambolhões, de meus lábios (e o que não acontecerá agora): nomes, endereços, descrições físicas. Sim, eu lhes disse tudo,

apontei todos os quinhentos e setenta e oito (pois Parvati, informaram-me cortesmente, estava morta; Shiva se bandeara para o inimigo; e o quingentésimo octagésimo primeiro estava a falar...). Forçado à traição pela perfidez de um outro, atraíçoei os filhos da meia-noite. Eu, o Fundador da Conferência, presidi-lhe o fim, enquanto Abbott e Costello, de cara fechada, interrompiam-me de vez em quando: — Ah! Ótimo! Não sabíamos dela! — Ou ainda: — Você está cooperando bem. Esse sujeito é um nome novo para nós!

Essas coisas acontecem. As estatísticas poderão situar minha prisão no contexto; embora haja considerável discordância quanto ao número de presos “políticos” detidos durante a Emergência, decerto de trinta mil a duzentas e cinquenta mil pessoas foram privadas da liberdade. Declarou a Viúva: — Trata-se de uma pequena percentagem da população da Índia. — Toda espécie de coisas acontecem durante uma Emergência: os trens correm no horário, os especuladores com dinheiro “negro” assustam-se e pagam impostos, e até o clima é enquadrado e as colheitas atingem quantidades recordes; existe, repito, uma parte branca, ao lado de uma negra. No entanto, na parte negra eu ficava sentado atrás de grades, numa esteira de palha que era a única peça de mobiliário que me permitiam, dividindo minha tigela diária de arroz com baratas e formigas. E os filhos da meia-noite — aquela aterradora conspiração que tinha de ser destruída a qualquer custo... aquela quadrilha de facínoras sanguinolentos diante dos quais uma primeira-ministra fanática por astrologia tremia de terror... os grotescos monstros aberrantes da independência, pelos quais uma moderna nação-estado não podia ter clemência ou compaixão... agora com vinte e nove anos de idade, ou quase isso — os filhos da meia-noite foram levados à Hospedaria das Viúvas, entre abril e dezembro, foram arrebanhados, e seus sussurros começaram a encher os quartos. As paredes de minha cela (finas como papel, descascadas, nuas) começaram a sussurrar, em meu ouvido ruim e no bom, as conseqüências de minhas vergonhosas confissões. Um prisioneiro de nariz de pepino, engrinaldado com barras e

argolas de ferro que tornavam impossíveis várias funções naturais — caminhar, usar o urinol de lata, acocorar-se, dormir —, encostou-se deitado, junto de reboco descascado, e sussurrou para uma parede.

Foi o fim; Salim cedeu ao sofrimento. Durante toda a vida e na maior parte dessas reminiscências, tenho me esforçado por manter minhas aflições trancafiadas, impedir que manchem minhas frases com seus salgados e lamurientos fluidos; mas isso não acontece mais. Não me deram motivo algum para meu encarceramento (até que a Mão da Viúva...); mas a quem, dentre todos os trinta mil ou os duzentos e cinqüenta mil, foi explicado por quê? Quem precisava saber? Nas paredes, escutei as vozes abafadas dos filhos da meia-noite; dispensando novas notas de pé de página, banhei de lágrimas o reboco descascado.

O que Salim sussurrou para a parede entre abril e dezembro de 1976:

... Caros Filhos. Como posso dizer? O que há para dizer? Minha culpa é minha vergonha. Ainda que sejam possíveis desculpas, não tive culpa com relação a Shiva. E, se toda espécie de pessoas estão sendo presas, por que não nós? E culpa é uma coisa complexa, pois não somos todos, cada um de nós não é, em certo sentido, responsável... não temos os governantes que merecemos? Mas não haverá tais desculpas. Eu fiz isso, eu. Caros Filhos: minha Parvati está morta. Minha Jamila, desaparecida. Todos. O desaparecimento parece ser mais uma daquelas características que se repetem ao longo de minha história: Nadir Khan desapareceu de um mundo subterrâneo, deixando um bilhete; também Aadam Aziz desapareceu, antes que minha avó se levantasse para dar comida aos gansos; e onde está Mary Pereira? Eu, numa cesta, desapareci; mas Leila ou Parvati fez puf!, sem ajuda de encantamentos. E agora aqui estamos, desaparecidos-da-face-da-terra. A maldição do desaparecimento, caros Filhos, decerto vazou para vocês. Não, com relação à questão da culpa, recuso-me categoricamente a encarar a situação com distanciamento; estamos perto demais do que está acontecendo, a perspectiva é impossível, talvez mais tarde analistas expliquem por que e para que, aduzirão o

embasamento das circunstâncias econômicas e dos fatos políticos, mas no momento estamos perto demais da tela do cinema, a imagem está se decompondo em pontinhos, só há possibilidade de julgamentos subjetivos. Subjetivamente, pois, baixo a cabeça de vergonha. Caros Filhos, perdoem. Não, não espero que perdoem.

A política, Filhos, mesmo na melhor das épocas, é uma coisa feia e suja. Deveríamos tê-la evitado, eu jamais deveria ter sonhado com objetivo, estou chegando à conclusão de que as pequenas vidas individuais e privadas dos homens são preferíveis a toda essa inflada atividade macrocósmica. Mas é tarde demais. Não se pode mais evitar. O que não tem remédio, remediado está.

Uma boa pergunta, Filhos: o que está remediado? Com que temos de conviver? Por que estamos sendo amontoados aqui assim, um a um, por que barras e aros pendem de nossos pescoços? E há confinamentos ainda mais estranhos (se podemos dar crédito a uma parede que sussurra): quem-tem-o-dom-da-levitação foi preso, pelos tornozelos, a argolas enfiadas no chão, e um lobisomem é obrigado a usar uma focinheira; quem-foge-por-espelhos tem de beber água por um buraco numa lata, para que não possa desaparecer através da superfície refletora do líquido; aquela-cujos-olhares-matam está com a cabeça metida num saco, e as beldades feiticeiras de Baund acham-se igualmente encapuzadas. Um de nós pode comer metal; sua cabeça está imobilizada por uma braçadeira, que só é aberta às refeições... O que estão preparando para nós? Alguma coisa ruim, Filhos. Não sei ainda o que é, mas está chegando. Filhos: também nós devemos nos preparar.

Passem adiante: alguns de nós escapamos. Sinto o cheiro de ausências através das paredes. Boas notícias, Filhos! Não podem pegar-nos a todos. Soumitra, o que viaja no tempo, por exemplo, não está aqui. (Ah, estultícia da juventude! Como fomos estúpidos ao não crer nele!) Estará vagueando, talvez, por alguma época mais feliz de sua vida, evadiu-se dos pelotões de busca e captura para sempre. Não, não o invejo; ainda que também anseie,

ocasionalmente, por fugir para o passado, talvez para uma época em que eu, a menina dos olhos do universo, fiz um giro triunfante pelos palácios de William Methwold... Ah, insidiosa nostalgia por épocas de maiores possibilidades, antes que a História, como uma rua atrás do Correio Central em Délhi, se estreitasse até esse último ponto final! Mas estamos agora aqui; tal retrospectiva abate o espírito; rejubilemo-nos, simplesmente, com o fato de alguns de nós estarmos livres!

E alguns estão mortos. Falaram-me sobre minha Parvati, sobre cuja fisionomia caiu, até o fim, o degenerado semblante espectral de... Não, não somos mais quinhentos e oitenta e um. Quantos de nós estaremos, numa masmorra, a tiritar no frio de dezembro? Pergunto a meu nariz; e ele responde que somos quatrocentos e vinte, o número da trapaça e da fraude. Quatrocentos e vinte, aprisionados por viúvas; e há mais um, cujas botas ressoam em torno da Hospedaria — sinto seu fedor aproximar-se e distanciar-se, o rastro da traição! O major Shiva, herói de guerra, o Shiva-dos-joelhos, supervisiona nosso cativeiro. Hão de contentar-se com quatrocentos e vinte? Filhos: não sei quanto tempo mais esperarão.

... Não, vocês estão se divertindo à minha custa, parem, não graciejem. Por que, de onde, como essa afabilidade, essa bonomia em seus sussurros de um a outro? Não, devem condenar-me, já e sem apelação... Não me torturem com suas alegres saudações, ao serem trancados em celas um a um; que espécie de hora e lugar é esta para salaams, namaskars, como-vais? Filhos — não compreendem? —, eles poderiam fazer qualquer coisa conosco, qualquer coisa... Não, como podem dizer isso, o que pretendem dizer com esses o-que-poderiam-fazer? Vou dizer-lhes, amigos, barras de ferro são dolorosas quando aplicadas aos tornozelos; coronhas de fuzis deixam contusões nas testas. O que poderiam fazer? Inserir fios elétricos em seus ânus, Filhos; e não é essa a única possibilidade, há também o pendurar-pelos-pés, e uma vela — oh, o suave brilho romântico das velas! — não é nada agradável quando aplicada, acesa, à pele! Parem com isso, cessem todas essas manifestações de amizade, não têm medo? Não desejam

chutar-me, bater-me, reduzir-me a estilhaços? Por que essas constantes reminiscências murmuradas, essa nostalgia por velhas rixas, pela guerra de idéias-e-coisas, por que estão a motejar de mim com essa calma, essa normalidade, essas esperanças de passar por cima da crise? Francamente, estou estupefato, Filhos: como podem, aos vinte e nove anos, ficar a trocar sussurros amenos em suas celas? Raios, isso não é uma reunião social!

Filhos, filhos, eu sinto muito. Admito com franqueza que não tenho sido eu mesmo ultimamente. Fui um buda, um fantasma numa cesta, um pretense salvador da nação... Salim esteve se precipitando por becos sem saída, teve problemas consideráveis com a realidade, desde que uma escarradeira caiu como um pedaço-da-... Tenham piedade de mim: cheguei até a perder minha escarradeira. Mas estou a meter os pés pelas mãos de novo, não pretendia pedir piedade, eu ia dizer que talvez compreenda... fui eu, não vocês, quem deixou de entender o que estava acontecendo. É inacreditável, filhos: nós, que não podíamos conversar cinco minutos sem discordar; nós, que quando crianças discutimos, brigamos, desconfiamos, discordamos e nos separamos, estamos de repente juntos, unidos, como um só! Ah, prodigiosa ironia: a Viúva, ao nos trazer para cá, para nos destruir, na verdade juntou-nos! Ah, a que leva a paranóia dos tiranos... Pois o que podem fazer a nós, agora que estamos todos do mesmo lado, sem rivalidade de linguagem, sem preconceitos religiosos? Afinal, temos agora vinte e nove anos; mais que Filhos, vocês são pais...! Sim, aqui está o otimismo, como uma doença: um dia ela terá de soltar-nos, e então, então, esperem para ver, talvez devêssemos formar, não sei, um novo partido político, sim, o Partido da Meia-Noite, que chance tem a política contra pessoas capazes de multiplicar pães e transformar metais sem valor em ouro? Filhos, alguma coisa está nascendo aqui, nessa hora sombria de nosso cativeiro; que as Viúvas cometam seus pecados; união é invencibilidade! *Filhos, nós vencemos!*

É doloroso demais. O otimismo, vicejando como uma rosa no esterco; dói-me lembrá-lo. Basta: esqueço-me do resto... Não!... Não, muito bem,

lembro-me... O que é pior que barras, grades, velas na pele? O que resiste ao arrancamento de unhas e à fome? Revelo aqui o melhor e mais delicado ardil da Viúva: em vez de nos torturar, deu-nos esperança. Isso significou que tinha alguma coisa — não, mais que alguma coisa, o melhor de tudo! — a tirar. E agora, daqui a pouco, terei de descrever como ela procedeu.

Ectomia (do grego, suponho): extirpação. A esse radical a ciência médica acrescenta vários elementos: apendicectomia mastectomia laparectomia angiectomia vasectomia testectomia histerectomia. Salim gostaria de doar mais um termo, de graça, gratuitamente, a esse catálogo de ablações; trata-se, não obstante, de um termo que, a rigor, pertence à História, embora a medicina esteja, estivesse, envolvida.

Esperectomia: a excisão da esperança.

No dia de Ano-Novo, recebi uma visita. Estalar de porta, farfalhar de tecido caro. A estamperia: verde e preta. Seus óculos eram verdes, seus sapatos, pretíssimos... Em matérias jornalísticas, essa mulher tem sido descrita como “uma moça deslumbrante, de quadris largos e ondulantes... possuiu uma joalheria antes de dedicar-se à assistência social... durante a Emergência esteve encarregada, oficiosamente, da esterilização”. Mas tenho meu próprio nome para ela: era a Mão da Viúva. A mão que um a um e os filhos mmff e rasga-rasgando saem bolinhas... Verde-pretamente, ela deslizou para dentro de minha cela. Filhos, está começando. Preparem-se, Filhos. Estamos unidos. Que a Mão da Viúva execute a obra da Viúva, mas depois, depois... pensem no passado. O agora não suporta ser recordado... E ela meiga, persuasiva: — Basicamente, entendam, tudo é uma questão de Deus.

(Estão ouvindo, Filhos? Passem adiante.)

— A população da Índia — explicou a Mão da Viúva — venera nossa Senhora como uma deusa. Os indianos só sabem cultuar um único Deus.

Mas eu fui criado em Bombaim, onde Shiva Vishnu Ganesh Ahrumazda Alá e inúmeros outros deuses tinham seus rebanhos... — Mas, e o panteão — argumentei —, os trezentos e trinta milhões de deuses do

hinduísmo? E o Islam, e bodhisatvas...? — Ouvi, como resposta: — Ah, sim! meu Deus, *milhões* de deuses, você tem razão! Mas todos manifestações do mesmo OM. Você é muçulmano: sabe o que é uma manifestação do OM. Muito bem. Para as massas, a nossa Senhora é uma manifestação do OM.

Somos quatrocentos e vinte; apenas 0,00007 por cento da população da Índia, de seiscentos milhões de habitantes. Estatisticamente, um número insignificante; mesmo que fôssemos considerados em relação aos trinta mil (ou duzentos e cinqüenta mil) presos, formaríamos uma percentagem de somente 1,4 (ou 0,168) por cento! Mas o que aprendi com a Mão da Viúva é que os candidatos a deuses temem, sobretudo, outras divindades em potencial; e que foi por isso, e nada mais, que nós, os mágicos filhos da meia-noite, fomos odiados, temidos e destruídos pela Viúva, que não só era primeira-ministra da Índia como aspirava a ser Devi, a deusa-mãe em seu mais formidável aspecto, possuidora do shakti dos deuses, uma deidade de muitos membros com uma risca central e cabelos esquizofrênicos... E foi assim que descobri, no desmoronante palácio das mulheres de peitos machucados, o que eu significava.

Quem sou? Quem éramos? Éramos, somos, seremos os deuses que vocês nunca tiveram. Mas uma outra coisa, também; e, para explicá-la, tenho de finalmente contar a parte difícil.

A toda pressa, pois, uma vez que de outra maneira o relato nunca sairá, digo que, no dia de Ano-Novo de 1977, uma moça deslumbrante de quadris ondulantes me disse que sim, eles se contentariam com quatrocentos e vinte, haviam verificado que cento e trinta e nove estavam mortos, apenas um punhado tinha escapado, de modo que agora começariam as tesouradas, haveria anestesia e contagem até dez, os números marchando um-dois-três, e eu, murmurando para a parede: — Que venham, que venham, enquanto estivermos vivos e juntos, o que podem contra nós?... E quem nos conduziu, um a um, ao aposento no porão onde — porque não somos selvagens, meu senhor — foram

instalados aparelhos de ar-condicionado e uma mesa com um refletor? Há médicos e enfermeiros: verdes e pretos, suas roupas eram verdes, seus olhos eram pretos... Quem, de joelhos nodosamente irresistíveis, acompanhou-me à câmara de minha destruição? Vocês sabem, podem adivinhar, só há um herói de guerra nessa história, e, incapaz de argumentar com a peçonha de seus joelhos, caminhei para onde ele mandou... E então lá estava eu, e uma moça deslumbrante, de quadris ondulantes, disse: — Afinal de contas, não pode queixar-se, não vai negar que certa vez pretendeu ter o dom da profecia —, porque eles sabiam tudo, Padma, tudo-tudo; deitaram-me na mesa e a máscara desceu sobre meu rosto, a contagem até dez, os números martelando, sete-oito-nove...

Dez.

— Santo Deus, ele ainda está consciente, seja camarada, vá até vinte...

— Dezoito dezenove vin

Eram médicos competentes: nada deixaram ao acaso. Não se destinavam a nós as simples vasectomias e salpingectomias feitas nas multidões fervilhantes; pois havia uma possibilidade, uma pequena possibilidade de que tais operações fossem reversíveis... Realizaram-se extirpações, mas de reversão impossível: removeram-se testículos de sacos escrotais, e úteros desapareceram para sempre.

Testectomizados, hysterectomizadas, aos filhos e às filhas da meia-noite negou-se a possibilidade de se reproduzirem... Mas isso foi apenas um efeito colateral, pois eram médicos verdadeiramente extraordinários, e extirparam de nós algo além disso: também a esperança sofreu ablação, e não sei como se fez isso, porque os números tinham marchado sobre mim, após a contagem perdi a consciência, e tudo quanto posso dizer é que ao fim de dezoito dias, nos quais as cirurgias estupefacientes foram realizadas numa quantidade média de 23,33 por dia, faltavam-nos não só bolinhas e sacos internos como também outras coisas: nesse sentido, fui mais feliz que a maioria, pois a drenagem no alto tinha me roubado a telepatia ganha na meia-noite; eu nada tinha a perder, a sensibilidade de um nariz não pode

ser extirpada... Mas para os demais, para todos aqueles que tinham chegado ao palácio das viúvas carpideiras com seus dons mágicos intatos, o despertar da anestesia foi realmente cruel, e pelas paredes veio a narrativa sussurrada da destruição, o grito desesperado de Filhos que haviam perdido sua magia. Ela nos extirpara o sortilégio, deslumbrantemente e com largos quadris ondulantes, imaginara a operação de nosso aniquilamento, e agora nada éramos, não passávamos de 0,00007 por cento, agora não se multiplicariam peixes, nem haveria transmutação de metais; desaparecida para sempre estava a possibilidade de vôo e de licantropia, as originalmente mil e uma maravilhosas promessas de uma meia-noite numinosa.

Drenagem embaixo: não era uma operação reversível.

Quem éramos? Promessas quebradas; feitas para serem quebradas.

E agora tenho de falar-lhes sobre o cheiro.

Sim, terão de ouvir tudo. Por mais espetaculoso e melodramático que seja o relato, ao estilo dos filmes de Bombaim, vocês têm de ouvir o que vou contar, têm de *ver!* O cheiro que Salim sentiu na noite de 18 de janeiro de 1977: uma coisa fritando numa panela de ferro, coisas macias, indizíveis, condimentadas com cúrcuma, coentro, cominho e feno-grego... As emanções pungentes e inescapáveis do-que-fora-extirpado cozendo em fogo baixo.

Quando quatrocentos e vinte sofreram ablações, uma Deusa vingativa fez questão de que certas partes excisadas fossem temperadas com cebolas e chilis verdes e dadas aos cães vadios de Benares. (Realizaram-se quatrocentas e vinte e uma ablações: pois aquela pessoa que chamávamos de Narada ou Markandaya tinha a capacidade de mudar de sexo; ele, ou ela, teve de sofrer duas operações.)

Não, não posso provar nada disso. As provas físicas sumiram na fumaça: uma parte foi dada de comer a cães vadios; e mais tarde, em 20 de março, uma mãe de cabelos bicolores e seu amado filho queimaram pastas de arquivo.

Mas Padma sabe o que não posso mais fazer; Padma, que um dia, tomada de raiva, gritou: — Mas você serve para o que, meu Deus, como *amante*? — Essa parte, ao menos, pode ser verificada: no barraco de Retrato Singh, lancei sobre mim uma maldição ao mentir sobre impotência; não posso dizer que não tenha sido avisado, pois ele me disse: — Qualquer coisa pode acontecer, capitão. — Aconteceu.

Às vezes, sinto-me com mil anos de idade; ou (já que não consigo, ainda agora, abandonar a forma), para ser exato, com mil e um anos.

A Mão da Viúva tinha quadris ondulantes e, antes, foi dona de uma joalheria. Eu comecei entre jóias: em Caxemira, no ano de 1915, havia rubis e brilhantes. Meus bisavós possuíam uma loja de pedras preciosas. Mais uma vez, a forma e a recorrência!... Não há como fugir delas.

Nas paredes, os sussurros desesperançados dos atordoados quatrocentos e dezenove Filhos; enquanto isso, o quadringentésimo vigésimo dá vazão — só uma vez; um momento de eloqüência é permissível — a uma pergunta petulante. Com toda a força de meus pulmões, grito: — E ele? O major Shiva, o traidor? Não se importam com ele? — E responde a moça deslumbrante de quadris ondulantes: — O major submeteu-se a uma vasectomia voluntária.

E Salim, em sua cela escura, começa a rir animadamente, sem cessar. Não, eu não estava a rir cruelmente de meu arqui-rival, nem estava cinicamente traduzindo o adjetivo “voluntária” em outra palavra; não, eu estava lembrando histórias que Parvati ou Leila me contara, as lendárias narrativas das aventuras amorosas do herói de guerra, das legiões de bastardos que cresciam nos úteros não extirpados de grandes damas e de meretrizes; ri porque Shiva, o destruidor dos filhos da meia-noite, havia também cumprido o outro papel que se ocultava em seu nome, a função de Shiva-lingam, de Shiva, o Procriador, de modo que naquele exato momento, nas alcovas e nas choças do país, uma nova geração de crianças, geradas pelo mais lúgubre filho da meia-noite, crescia rumo ao futuro. Toda Viúva esquece algum pormenor importante.

Em fins de março de 1977, fui inesperadamente libertado do palácio das viúvas uivantes, e saí para a luz do sol, piscando como uma coruja, sem saber o quê, como e por quê. Mais tarde, depois que reaprendi a fazer perguntas, descobri que em 18 de janeiro (o dia exato do fim das tesouradas e de substâncias fritadas numa frigideira de ferro: que maior prova necessitam de que nós, os quatrocentos e vinte, éramos o que a Viúva mais temia?) a primeira-ministra, para espanto de todos, convocara uma eleição geral. (Mas, agora que sabem o que nos aconteceu, talvez compreendam melhor a exagerada confiança dela.) Entretanto, naquele dia, nada fiquei sabendo a respeito de sua esmagadora derrota, nem sobre pastas queimadas; só mais tarde é que soube que as esperanças esfarrapadas da nação tinham sido entregues à custódia de um velho senil que comia pistaches e cajú e que todos os dias bebia um copo de “sua própria água”. Os bebedores de urina tinham subido ao poder. O Partido Janata, com um de seus próceres preso numa máquina de diálise renal, não me pareceu (quando eu soube das notícias) representar uma nova alvorada; mas é possível que, finalmente, eu tivesse conseguido livrar-me do vírus do otimismo; é possível que outras pessoas, que ainda tinham a doença no sangue, pensassem de outra forma. Seja como for, estou (estava, naquele dia de março) farto, mais do que farto de política.

Quatrocentos e vinte pessoas saíram, piscando, para a luz, o tumulto e as ruelas de Benares; quatrocentas pessoas olharam umas para as outras e viram, em seus olhos, a lembrança de sua castração, e então, não suportando a visão, murmuraram despedidas e se dispersaram, pela última vez, no anonimato curativo das multidões.

E Shiva? O major Shiva foi posto em detenção militar pelo novo regime; mas não permaneceu ali por muito tempo, pois deram-lhe permissão para receber uma visita. Mediante coquetismo e suborno, Roshanara Shetty insinuou-se em sua cela, a mesma Roshanara que lhe despejara veneno no Hipódromo Mahalaxmi, e que depois daquilo fora levada à loucura por um filho bastardo que se recusava a falar e não fazia nada que não lhe

agradasse. A mulher do magnata do aço tirou da bolsa uma enorme pistola alemã, de propriedade do marido, e meteu uma bala no coração do herói de guerra. A morte, disseram, foi instantânea.

O major morreu sem saber que um dia, numa casa de saúde verde e açafão, em meio ao caos mitológico de uma meia-noite inesquecível, uma mulher baixinha, enlouquecida de amor, trocara etiquetas de bebês e com isso lhe negara o direito hereditário, que foi aquele mundo no alto da colina encasulada em dinheiro, roupas brancas engomadas, e coisas, coisas, coisas... Um mundo que ele teria amado apaixonadamente.

E Salim? Desligado agora da história, drenado em cima e embaixo, voltei para a capital, consciente de que uma era, que principiara naquela longínqua meia-noite, chegara a uma espécie de fim. Como viajei: esperei depois da plataforma, na estação de Bernares ou Varanasi, tendo na mão nada mais que um bilhete que me dava acesso à plataforma, e saltei para o degrau de um compartimento de primeira classe no momento em que o trem partiu, seguindo para oeste. E agora, por fim, descobri o que é agarrar-se à vida, enquanto partículas de fuligem, poeira e cinzas lhe entram pelos olhos e você é obrigado a bater na porta e gritar: — Ohé, marajá! Abra! Deixe-me entrar, senhor marajá! — Enquanto, do lado de dentro, uma voz pronuncia palavras conhecidas: — Em hipótese alguma vamos abrir. É gente que não quer pagar a passagem, só isso.

Em Délhi, Salim faz perguntas. Viu onde? Sabe se os mágicos? Conhece Retrato Singh? Um carteiro, com uma vaga lembrança de encantadores de serpentes nos olhos, aponta para o norte. E, mais tarde, um mascador de bétele, de língua preta, manda-me para o mesmo lugar de onde vim. Por fim, então, a trilha deixa de serpentear, artistas de rua põem-me no rastro certo. Um ambulante Dilli-dekho, com um “cineminha”, um treinador de mangustos e serpentes com um chapéu de papel que lembra um barquinho de criança, uma bilheteira de cinema que conserva a nostalgia pela infância em que foi aprendiz de feiticeira... Como pescadores, apontam com os dedos. Para oeste, oeste, sempre oeste, até que

Salim chega à estação rodoviária de Shadipur, nas cercanias da cidade. Faminto, sedento, febril, doente, desviando-se debilmente do caminho dos ônibus que entram e saem, roncando, da estação — ônibus de cores berrantes, que trazem nos capôs inscrições como *Se Deus Quiser!*, e também outros rótulos, dos lados, como *Graças a Deus!* —, ele chega a um aglomerado de barracas esfarrapadas debaixo de uma ponte ferroviária de concreto e vê, na sombra do concreto, um gigantesco encantador de serpentes que se abre num enorme sorriso de dentes cariados, que veste uma camiseta enfeitada com violões cor-de-rosa, e que tem nos braços um menino de mais ou menos um ano e nove meses, cujas orelhas são de elefante, cujos olhos têm o tamanho de pires e cujo rosto é grave como um túmulo.

# Abracadabra

Para dizer a verdade, menti com relação à morte de Shiva. Minha primeira mentira deslavada — muito embora minha representação da Emergência como uma meia-noite de seiscentos e trinta e cinco dias talvez tenha pecado por excesso de romantismo e decerto contradisse as informações meteorológicas disponíveis. Apesar de tudo, porém, e não importa o que alguém pense, Salim não é propenso a mentir, e baixo a cabeça, envergonhado, ao confessar... Por que, então, essa única mentira descarada? (Na verdade, não faço a mínima idéia de para onde foi meu rival, meu irmão trocado, depois da Hospedaria das Viúvas; ele poderia estar no inferno ou no bordel da esquina, e eu não saberia a diferença.) Padma, tente compreender: ainda sinto um medo pânico dele. Restam ainda pendências entre nós, e passo os dias aterrorizado com a possibilidade de que o herói de guerra possa ter descoberto o segredo de seu nascimento (terá ele visto uma pasta com três iniciais reveladoras?) e que, levado à cólera pela perda irrecuperável do passado, ele possa vir procurar-me para tirar uma vingança sufocante... Será assim que tudo acabará, com a vida me sendo arrancada por um par de joelhos sobre-humanos e impiedosos?

De qualquer modo, foi esse o motivo de minha lorota; pela primeira vez, sucumbi à tentação que ronda todo autobiógrafo, à ilusão de que, como o passado só existe na nossa memória e nas palavras que tentam em vão encapsulá-lo, pode-se criar acontecimentos pretéritos simplesmente por dizer que ocorreram. Meu medo colocou uma arma na mão de Roshanara Shetty; com o fantasma do comandante Sabarmati a olhar sobre

o meu ombro, permiti a ela insinuar-se na cela de Shiva mediante coquetismo e suborno... Em suma, a memória de um de meus primeiros crimes criou as circunstâncias (fictícias) do último.

Fim da confissão; e agora aproximo-me perigosamente do fim de minhas reminiscências. É noite; Padma está em sua posição; na parede sobre minha cabeça, uma lagartixa acabou de engolir uma mosca; o calor ulcerante de agosto, que basta para salmourar os miolos de uma pessoa, borbulha alacremenente entre meus ouvidos; e, há cinco minutos, o último trem suburbano passou, amarelo-e-castanho, para o sul, na direção da estação de Churchgate, de modo que não escutei o que Padma disse, com um acanhamento que mascara uma determinação tenaz como o óleo. Tive de pedir-lhe que repetisse, e os músculos da incredulidade começaram a estremecer em suas panturrilhas. Devo comunicar desde logo que nossa lótus de esterco propôs-me casamento, “para que eu possa cuidar de você sem me envergonhar aos olhos do mundo”.

Exatamente como eu temia! Mas agora tudo está às claras, e Padma (já sei) não aceitará um não como resposta. Tenho estado a argumentar como uma virgem enrubescida: — Assim de sopetão!... E a extirpação, e o que foi dado aos cachorros vadios, não se importa?... E Padma, Padma, além disso há aquilo que corrói e come os ossos, isso há de transformá-la numa viúva! E pense só por um momento, há a maldição da morte violenta, pense em Parvati... Tem certeza, tem certeza, tem certeza? — No entanto, com o rosto esculpido no concreto de uma resolução majestosamente inabalável, Padma respondeu: — Escute o que eu digo, mister... mas nada de mas! Não me venha com essa conversa fiada. Há um futuro em que pensar. — A lua-de-mel será em Caxemira.

O ardor da determinação de Padma instila em mim uma idéia demente... Talvez seja possível, afinal... Talvez ela seja capaz de alterar o final de minha história, através de sua fenomenal força de vontade. Talvez as rachaduras — e a própria morte — possam ceder à força da inquebrantável solicitude de Padma... “Há um futuro em que pensar”,

advertiu-me ela — e talvez (permito-me pensar assim pela primeira vez desde que comecei esta narrativa), talvez haja mesmo! Uma infinidade de novos finais esvoaça em torno de minha cabeça, zumbindo como insetos de verão... — Vamos nos casar, mister — propôs ela, e traças de emoção agitaram-se em minhas entranhas, como se ela tivesse proferido uma fórmula cabalística, um terrível abracadabra, e me libertado de meu destino —, mas a realidade me atazana. O amor não vence tudo, a não ser nos filmes de Bombaim; os rasgões, as rachaduras e a trituração não serão derrotados por uma simples cerimônia; e o otimismo é uma doença.

— No dia de seu aniversário, que tal? — sugere ela. — Aos trinta e um anos de idade, um homem é um homem, e precisa de uma mulher.

Como hei de dizer-lhe? Como poderei dizer que existem outros planos para esse dia, que estou, sempre estive, nas garras de um destino maníaco pela forma, que se compraz em fazer seus estragos em dias numinosos... Em suma, como hei de falar-lhe sobre morte? Não posso. E em vez disso, meigamente e com toda demonstração de gratidão, aceito sua proposta. Sou, esta noite, um homem que acabou de ficar noivo; e que ninguém me queira mal por permitir a mim mesmo — e à minha noiva lótus — esse último, vaidoso e inconseqüente prazer.

Ao me propor casamento, Padma deixou clara sua disposição de considerar tudo que lhe contei sobre meu passado como “conversa fiada”; e quando encontrei Retrato Singh, também sorrindo, na sombra de uma ponte ferroviária, logo ficou claro que os mágicos estavam perdendo a memória. Nas muitas mudanças da favela peripatética, tinham deixado em algum lugar seus poderes de retenção, de maneira que se tinham tornado agora incapazes de julgamento, pois haviam se esquecido de tudo com que pudessem comparar qualquer coisa que acontecesse. Até a Emergência estava sendo rapidamente consignada ao olvido, e os mágicos concentravam-se no presente com o autismo dos caracóis. Tampouco notavam que estavam mudando; tinham se esquecido de que haviam sido diferentes, o comunismo escorrera deles e fora tragado pela terra sedenta,

rápida como uma lagartixa; começavam a esquecer suas aptidões na balbúrdia de fome, doença, sede e hostilização pela polícia que constituía (como de costume) o presente. A mim, contudo, essa modificação em meus antigos companheiros pareceu nada menos que obscena. Salim já passara pela amnésia e lhe fora mostrada a extensão da imoralidade desse mal; em seu espírito, o passado tornava-se a cada dia mais vivido, enquanto o presente (do qual tesouras e bisturis o haviam desligado para sempre) parecia incolor, confuso, coisa desimportante; eu, que me lembrava de cada fio de cabelo nas cabeças de carcereiros e cirurgiões, fiquei profundamente chocado com a recusa dos mágicos a olhar para trás. — As pessoas são como os gatos — disse eu a meu filho. — Não se pode ensinar-lhes nada. — Ele se mostrou convenientemente grave, porém nada disse.

Quando redescobri a colônia fantasmagórica dos ilusionistas, meu filho Aadam Sinai perdera todos os sinais da tuberculose que o afligira nos primeiros meses. Eu, naturalmente, estava convicto de que a doença desaparecera com a queda da Viúva; no entanto, Retrato Singh disse-me que o crédito pela cura cabia a uma certa lavadeira, de nome Durga, que servira de ama-de-leite para Aadam durante sua enfermidade, dando-lhe diariamente o remédio de seus peitos inexaurivelmente colossais. — Que mulher essa Durga, capitão! — disse o idoso encantador de serpentes; sua voz traía o fato de que, na velhice, ele sucumbira aos encantos colubrinos da lavadeira.

Era uma mulher de bíceps volumosos; seus peitos sobrenaturais despejavam uma torrente de leite capaz de alimentar regimentos; e, ao que se dizia em voz baixa (embora suspeito de que o boato tenha sido começado por ela própria), tinha dois úteros. Vivia tão cheia de mexericos e de disse-me-disses quanto de leite; a cada dia, uma dúzia de histórias novas lhe jorrava dos lábios. Possuía a energia ilimitada comum a todas as praticantes de sua profissão; à medida que batia violentamente camisas e sáris em sua pedra, sua força parecia crescer, como se ela sugasse vigor das roupas, que acabavam esgarçadas, sem botões e como que mortas. Ela era

um monstro que se esquecia de cada dia no momento em que ele terminava. Foi com enorme relutância que concordei em conhecê-la; é com enorme relutância que a deixo entrar nestas páginas. Seu nome, mesmo antes que eu a conhecesse, cheirava a coisas novas; ela representava novidades, começos, o advento de novas histórias, acontecimentos e complexidades, e eu não estava mais interessado em qualquer coisa de novo. Todavia, depois que Retratoji comunicou-me que pretendia casar-se com ela, não tive opção. Entretanto, falarei dela tão sucintamente quanto a exatidão permitir.

Rapidamente, pois: a lavadeira Durga era um súcubo! Uma lagartixa hematófaga em forma humana! E seu efeito sobre Retrato Singh só era comparável a seu poder sobre as camisas que ela destruía na pedra: numa palavra, ela o esmagava. Bastou-me vê-la para compreender o motivo pelo qual Retrato Singh tinha agora um aspecto velho e cansado; privado do guarda-chuva harmonizador, sob o qual homens e mulheres se reuniam em busca de conselhos e de sombra, ele parecia encolher a cada dia; a possibilidade de que se tornasse um novo Colibri desvanecia-se diante de meus olhos. Durga, porém, florescia: seus mexericos se tornavam mais escatológicos, sua voz mais sonora e áspera, até que por fim ela me lembrou a Reverenda Mãe em seus últimos anos, quando se expandia e meu avô encolhia. Esse eco nostálgico de meus avós era a única coisa que me interessava na personalidade da truculenta lavadeira.

Contudo, não há como negar a fartura de suas glândulas mamárias: Aadam, com um ano e nove meses, ainda lhe sugava, feliz, os mamilos. No começo pensei em insistir que ele parasse de mamar, mas depois lembrei-me de que meu filho fazia exatamente — e somente — o que desejava, e decidi calar-me. (Como se viu mais tarde, agi corretamente.) Quanto ao suposto útero duplo de Durga, eu não fazia nenhuma questão de saber se a história era verdadeira ou não, e me absteve de perguntas.

Falo da lavadeira Durga principalmente porque foi ela quem, numa noite em que comíamos uma refeição composta de vinte e sete grãos de

arroz por cabeça, pela primeira vez predisse minha morte. Exasperado com sua constante torrente de novidades e mexericos, eu exclamara: — Durga Bibi, ninguém está interessado em suas histórias! — Sem se perturbar, ela respondeu: — Salim baba, tenho sido boa com você porque Retratoji disse que você deve estar quebrado depois de sua prisão; mas, para falar francamente, hoje em dia você parece não estar interessado em coisa alguma, a não ser ficar por aí à toa. Devia entender que, quando um homem perde o interesse por coisas novas, está abrindo a porta para o Anjo Negro.

E embora Retrato Singh dissesse, calmamente: — Ora, vamos, capitão, não trate o rapaz com dureza —, a flecha da lavadeira atingiu o alvo.

Na exaustão de minha volta drenada, era como se o vazio dos dias me cobrisse de uma espessa película gelatinosa; e embora Durga se oferecesse, na manhã seguinte, e talvez levada por um genuíno remorso por suas palavras rudes, para restaurar minhas forças, permitindo que eu lhe sugasse o seio esquerdo, enquanto meu filho chupava o direito (— E, quem sabe, depois você comece a pensar direito outra vez!), idéias de morte começaram a ocupar a maior parte de meus pensamentos. Foi então que descobri o espelho da humildade na estação rodoviária de Shadipur, e convenci-me de que meu fim estava próximo.

Foi um espelho, colocado em ângulo, sobre a entrada da garagem. Caminhando sem rumo pelo primeiro pátio da estação, tive a atenção atraída pelos raios de sol que se refletiam nele. Ocorreu-me que eu não olhava num espelho havia meses, talvez anos, e atravessei o pátio para postar-me sob ele. Levantando os olhos para o espelho, vi-me transformado num anão cabeçudo e corpulento; em meu reflexo humilhantemente distorcido, vi que os cabelos em minha cabeça estavam agora cinzentos como nuvens de chuva; o anão do espelho, com seu rosto vincado e seus olhos fatigados, lembrou-me vividamente meu avô Aadam Aziz no dia em que nos falou que vira Deus. Depois da drenagem, todas as deformidades curadas pela bruxa Parvati tinham voltado para me atormentar; com

apenas nove dedos, têmporas proeminentes, tonsura monástica, cara manchada, pernas cambaias, nariz de pepino e, agora, prematuramente envelhecido, contemplei no espelho da humildade um ser humano por quem a História nada mais podia fazer, uma criatura grotesca que fora liberada do destino predeterminado que o violentara até a quase loucura; com um ouvido bom e outro ruim, escutei os passos macios do Anjo Negro da morte.

E o rosto jovem-velho do anão no espelho assumiu uma expressão de profundo alívio.

Estou ficando melancólico; vamos mudar de assunto... Exatamente vinte e quatro horas antes que o escárnio de um mascador de bétele levasse Retrato Singh a viajar para Bombaim, meu filho Aadam Sinai tomou a decisão que nos permitiu acompanhar o encantador de serpentes em sua jornada: da noite para o dia, sem qualquer aviso e para consternação de sua ama-de-leite, que foi forçada a decantar o leite restante em pipotes de vanaspati de cinco litros, o próprio Aadam desmamou-se, recusando silenciosamente o mamilo e exigindo (sem palavras) uma dieta de alimentos sólidos: pasta de arroz, lentilhas bem cozidas, biscoitos. Foi como se ele tivesse resolvido permitir-me atingir minha própria linha de chegada, agora bem próxima.

Muda autocracia de uma criança de menos de dois anos: com suas orelhas de abano, Aadam não nos dizia quando estava com fome, com sono ou quando desejava satisfazer suas necessidades naturais. Esperava que soubéssemos. A constante atenção que ele exigia foi um dos motivos pelos quais consegui, apesar de todos os impulsos em contrário, permanecer vivo... Incapaz de qualquer outra coisa naqueles dias, depois de minha soltura do cativeiro, concentrei-me em cuidar de meu filho. — Capitão, foi uma sorte você ter voltado — brincou Retrato Singh. — Se não fosse isso, esse pequeno nos teria transformado a todos em amas-secas. — Compreendi mais uma vez que Aadam era membro de uma segunda geração de crianças mágicas, que ao crescerem se tornariam muito mais

resistentes que as primeiras; não buscariam seu destino em profecias ou nas estrelas, mas o forjariam nas fornalhas implacáveis de suas vontades. Olhando nos olhos da criança que, simultaneamente, não era meu filho e era mais herdeiro meu do que poderia ter sido qualquer filho de meu próprio sangue, encontrei em suas pupilas vazias e límpidas um segundo espelho de humildade, um espelho que me mostrou que daí em diante meu papel seria tão periférico quanto o de qualquer ancião redundante: a função tradicional, talvez, do relembrador, do contador de histórias... Fiquei a imaginar se em todo o país os filhos bastardos de Shiva estariam a exercer tiranias semelhantes sobre desafortunados adultos, e visualizei pela segunda vez aquela tribo de garotos atterradoramente potentes, a crescer, esperar, ouvir, ensaiando o momento em que o mundo se tornaria seu brinquedo. (Como identificar essas crianças no futuro: seus umbigos são saltados para fora, e não voltados para dentro.)

Entretanto, já é hora de irmos adiante: um escárnio, um último trem seguindo para o sul, sul, sul, uma batalha final... Um dia depois do desmame de Adam, Salim acompanhou Retrato Singh à Connaught Place, a fim de ajudá-lo em seus números de serpentes. A lavadeira Durga concordou em ficar com meu filho: Adam passou o dia a observar a mulher-súcubo absorver poder, à força de pancadas, da roupa dos ricos. Naquele dia fatídico, em que o calor voltava à cidade como um enxame de abelhas, eu me consumia de nostalgia por minha escarradeira de prata, que ficara sob os tratores. Retrato Singh me conseguira um sucedâneo, uma lata vazia de Vanaspati Dalda, mas embora eu usasse essa lata para divertir meu filho com minha perícia na delicada arte que é o jogo da escarradeira, arremessando longos jatos de suco de bétele pelo ar poeirento da colônia dos mágicos, eu não me consolava. Uma pergunta: por que tanto sofrimento por causa de um simples receptáculo de sucos? Minha resposta é que nunca se deve subestimar uma escarradeira. Requentada no salão da Rani de Cuch Nahin, ela permitiu a intelectuais praticar as artes das massas; cintilando num porão, transformou o mundo subterrâneo de Nadir

Khan num segundo Taj Mahal; mesmo juntando poeira num velho baú de lata, ela esteve presente em toda a minha história, assimilando em segredo incidentes em baús de roupa suja, visões de fantasmas, congelamento-descongelamento, drenagem, exílios; caindo do céu como um pedaço da lua, realizou uma transformação. Ah, talismânica escarradeira! Ah, formoso e perdido receptáculo de lembranças e de cuspe! Que pessoa sensível poderia deixar de solidarizar-se comigo em minha nostálgica agonia ao perdê-la?

... A meu lado, nos fundos de um ônibus abarrotado de gente, Retrato Singh seguia para a praça, com cestas de cobras inocentemente arranjadas no colo. Enquanto sacolejávamos através daquela cidade também cheia dos fantasmas recorrentes de Délhis anteriores e mitológicas, o Homem Mais Encantador do Mundo tinha uma expressão de acabrunhado abatimento, como se uma batalha numa distante sala escura já estivesse acabada... Até minha volta, ninguém compreendera que o medo real e inexpressado de Retratoji era o de estar envelhecendo, de que seus poderes estivessem diminuindo, de modo que em breve ele se veria à deriva e sem competência num mundo que não compreendia: tal como eu, Retrato Singh se apegava à presença do pequeno Aadam como se a criança fosse um archote num longo túnel escuro. — Uma criança boa, capitão — disse-me ele. — Uma criança cheia de dignidade; a gente nem nota as orelhas dele.

Naquele dia, porém, meu filho não estava conosco.

Cheiros de Nova Délhi invadiram-me na Connaught Place: o perfume porcelânico do anúncio de J. N. Mangharam, a tristeza de reboco rachado; e havia ainda o odor trágico dos condutores de jinriquixás motorizados, que a alta dos preços da gasolina levava, através da fome, ao fatalismo; e os aromas de grama verde que vinham do parque circular em meio ao turbilhão do tráfego, misturado com a fragrância de vigaristas a convencer estrangeiros a trocarem dinheiro no mercado negro, em arcadas escuras. Da Cafeteria Indiana, sob cujas marquises escutavam-se novidades

intermináveis, vinha o cheiro menos agradável de novas histórias que começavam: intrigas e brigas conjugais, odores que se mesclavam aos de chá e chillipakoras. O cheiro que senti na Connaught Place: a mendicante presença próxima de uma moça cheia de cicatrizes que, no passado, fora a demasiado-bela-Sundari; a perda-de-memória, a caminhada-para-o-futuro, o nada-muda-de-verdade... Deixando de lado essas impressões olfativas, concentrei-me nos odores onipresentes e mais simples de urina (humana) e excremento animal.

Sob a colunata do Bloco F, na Connaught Place, ao lado de uma banca de livros, um vendedor de bétele mantinha seu pequeno nicho. Sentava-se de pernas cruzadas atrás de um balcão de vidro verde, como uma divindade secundária do lugar; admito-o nestas últimas páginas porque, embora ele exalasse os odores da pobreza, era, na verdade, uma pessoa de posses, dono de um carro Lincoln Continental, que ele estacionava longe da vista, e que pagara com as fortunas que tinha ganhado com a venda de cigarros contrabandeados e rádios transistores; a cada ano, ele passava duas semanas de férias na cadeia, e no resto do tempo pagava a vários policiais um bom salário. Na cadeia, era tratado como um rei, mas atrás de seu balcão de vidro verde parecia inofensivo, comum, de modo que não era fácil (para quem não dispusesse de um nariz sensível como o de Salim) saber que aquele era um homem que sabia tudo a respeito de tudo, um homem cuja infinita rede de contatos tornava-o íntimo de conhecimentos secretos... A mim ele proporcionou um eco adicional, e não desagradável, de um personagem semelhante que eu conhecera em Karachi no tempo de minhas jornadas na lambreta. Eu estava tão ocupado em inalar os perfumes familiares da nostalgia que, quando ele falou, pegou-me desprevenido.

Tínhamos preparado nosso número ao lado de seu nicho; enquanto Retratoji ocupava-se em polir flautas e pôr na cabeça um enorme turbante cor de açafão, eu cumpria as funções de anunciante. — Venham, venham! Uma oportunidade como essa acontece uma vez na vida!

Senhoras e senhores, venham ver, venham ver! Quem está aqui? Não é um bhangi qualquer; não é um embusteiro das ruas. Este, cidadãos, minhas senhoras e meus senhores, é o Homem Mais Encantador do Mundo! Isso, venham, venham ver! Foi fotografado pela Eastman-Kodak Limited! Cheguem-se, não tenham medo... quem está aqui é RETRATO SINGH!... — E outras bobagens assim. Foi então, porém, que o vendedor de bétele falou:

— Conheço um número melhor. Esse homem não é o número um. Ah, não, claro que não. Em Bombaim há um encantador melhor.

Foi assim que Retrato Singh soube da existência de seu rival; e foi por isso que, deixando de lado todos os planos de realizar um espetáculo, caminhou até o sorridente vendedor de bétele, buscando no fundo do peito sua antiga voz autoritária, e disse: — Vai me dizer a verdade sobre esse impostor, capitão, senão meto-lhe os dentes garganta abaixo até eles morderem seu estômago. — E o contrabandista, sem medo, ciente de que os três policiais escondidos chegariam depressa para proteger seus salários, no caso de necessidade, murmurou para nós os segredos de sua onisciência, dizendo-nos quem, quando e onde, até Retrato Singh responder, com uma voz que ocultava seu medo: — Vou mostrar a esse sujeito de Bombaim quem é o melhor. Se o mundo é um só, capitães, não há lugar para dois Homens Mais Encantadores.

O vendedor de bétele, dando de ombros afetadamente, expectorou a nossos pés.

Como um feitiço, os insultos de um contrabandista abriram as portas através das quais Salim retornou à sua cidade natal, o objeto de sua mais profunda nostalgia. Sim, aquilo foi um abre-te-sésamo, e, ao voltarmos para as barracas esfarrapadas sob a ponte, Retrato Singh cavucou o chão e tirou de lá o lenço amarrado de sua segurança, o pano descorado em que ele guardara moedas para sua velhice; e quando Durga, a lavadeira, recusou-se a acompanhá-lo, perguntando: — O que está pensando, Retratoji, que sou alguma milionária que pode tirar férias ou sei lá o quê? —, ele se voltou

para mim, com algo muito semelhante a uma súplica nos olhos, e pediu-me que o acompanhasse, para que ele não tivesse de travar sua pior batalha, a prova de sua velhice, sem um amigo... E Aadam também ouviu; com suas orelhas de abano ele escutou o ritmo da magia, vi seus olhos iluminarem-se quando aceitei, e logo estávamos num vagão de terceira classe, seguindo para o sul, sul, sul, e na monotonia pentassilábica das rodas ouvi a palavra secreta: abracadabra, abracadabra, abracadabra, cantavam as rodas enquanto nos transportavam à boa Bom.

Sim, eu deixara a colônia dos mágicos para sempre, seguia — abracadabra, abracadabra — para o cerne da nostalgia, que me manteria vivo o suficiente para que eu escrevesse estas páginas (e criasse um correspondente número de picles); Aadam, Salim e Retrato Singh espremeram-se num vagão de terceira, levando conosco várias cestas presas com barbante, cestas que assustavam as pessoas que superlotavam o vagão por sibilarem continuamente, fazendo-as recuarem, recuarem, fugirem à ameaça das serpentes, o que nos permitiu um pouco de conforto e espaço; e enquanto isso as rodas cantavam seus abracadabras para as orelhas de abano de Aadam.

À medida que rumávamos para Bombaim, o pessimismo de Retrato Singh crescia até dar a impressão de que se transformara numa entidade física que tinha apenas a aparência do idoso encantador de serpentes. Em Mathura, um rapaz americano, com o queixo cheio de espinhas e a cabeça rapada como um ovo, entrou em nosso vagão, entre a cacofonia de vendedores que apregoavam animais de barro e xícaras de chalu-chai; abanava-se com um leque de penas de pavão, e o azar das penas de pavão deprimiu Retrato Singh profundamente. Enquanto a planura infinita da bacia indo-gangética corria do lado de fora da janela, mandando a tórrida demência do vento vespertino para nos atormentar, o americano careca fazia para os passageiros do vagão uma preleção sobre as complexidades do hinduísmo e começava a ensinar-lhes mantras, enquanto estendia uma gamela de mendigo, feita de noqueira. Retrato Singh estava cego a esse

inesquecível espetáculo e também surdo ao abracadabra das rodas. — Não adianta, capitão — confidenciou ele, lamentoso. — Esse sujeito de Bombaim decerto é jovem e forte, e de agora em diante estou condenado a ser apenas o segundo homem mais encantador do mundo. — Ao chegarmos à estação de Kotah, os odores de infelicidade exalados pelo leque de penas de pavão haviam dominado inteiramente Retratoji, haviam-no desgastado de modo tão alarmante que embora todos os passageiros estivessem desembarcando do lado oposto ao da plataforma, para urinar junto ao trem, ele não mostrou nenhuma necessidade de fazer isso. No entroncamento de Ratlam, enquanto minha agitação crescia, ele havia caído num transe que não era sono, e sim a paralisia do pessimismo. “Nesse ritmo”, pensei, “ele nem vai conseguir desafiar o rival.” Passou Baroda: nenhuma mudança. Em Surat, na antiga estação da John Company, percebi que teria de fazer alguma coisa depressa, pois a cada minuto o abracadabra nos levava para mais perto da Estação Central de Bombaim. Por isso, finalmente peguei a velha flauta de madeira de Retrato Singh e comecei a tocar com tamanha inépcia que todas as cobras puseram a contorcer-se, agoniadas, e o rapaz americano caiu num silêncio petrificado; produzi um ruído tão infernal que ninguém notou a passagem de Bassein Road, Kurla e Mahim, e com isso venci o miasma das penas de pavão; finalmente Retrato Singh foi arrancado de seu acabrunhamento, despertando com um leve sorriso, e disse: — É melhor parar, capitão. E me deixe tocar essa coisa, senão com certeza algumas pessoas vão morrer de tanto sofrer.

As serpentes voltaram a enroscar-se em suas cestas; e daí a pouco as rodas pararam de cantar e havíamos chegado.

Bombaim! Abracei Adam com força, e não pude resistir à tentação de lançar o grito de antigamente: — Boa Bom! — exclamei, para espanto do rapaz americano, que jamais escutara aquele mantra. E repeti, vezes sem conta: — Boa Bom! Boa Bom!

Percorrendo de ônibus a Bellasis Road, na direção da praça Tardeo, passávamos por parses de olhos fundos, por oficinas de consertos de bicicletas e por cafés iranianos; e então Hornby Vellard surgiu à nossa direita — onde transeuntes tinham visto Sherri, a cadela vira-latas, esvair-se em sangue! Onde efígies de lutadores, feitas de papelão, ainda se agigantavam sobre as entradas do Estádio Vallabhbai Patel! E sacolejávamos sempre em frente, passando por guardas de trânsito com guarda-sóis, pelo templo Mahalaxmi... E então a Warden Road! O Clube de Natação Breach Candy! E ali, veja, as lojas... Porém os nomes tinham mudado: onde estava o Paraíso do Leitor, com suas pilhas de revistas do Super-Homem? Onde estavam a Lavanderia Band Box e a Bombelli's, com seus Chocolate em Metro? E Deus, olhe, no alto de uma colina de dois andares, onde no passado se erguiam os palácios de William Methwold, envoltos em buganvílias e voltados orgulhosamente para o mar... Vejam, um enorme, monstruoso edifício cor-de-rosa, o róseo obelisco-arranha-céu das mulheres Narlikar, a obliterar o largo central da infância... Sim, aquela era a minha Bombaim, mas também uma Bombaim alheia, pois ao chegarmos a Kemp's Corner os cartazes do pequeno rajá da Air-India e do Kolynos Kid tinham desaparecido, sumido para sempre, e a própria Thomas Kemp and Co evaporara... Vias elevadas se entrecruzavam onde, antigamente, vendiam-se remédios e um élfico duende, com um gorro clorofílico, sorria para o tráfego. Elegiacamente, murmurei entre dentes: — Ah, que refrescante sensação de bem-estar! — No entanto, apesar dessa minha fórmula encantatória, o passado não reapareceu. Descemos com estrépito a Gibbs Road e desembarcamos perto da praia de Chowpatty.

Chowpatty, ao menos, pouco mudara: uma faixa suja de areia cheia de batedores de carteiras, transeuntes e vendedores de channa, kulfi, bhel-puri e chutter-mutter; no entanto, mais adiante, na Marine Drive, vi o que os tetrápodes tinham feito. Em terras arrancadas do mar pelo consórcio das mulheres Narlikar, monstros colossais lançavam-se céu acima, ostentando estranhos nomes estrangeiros: OBEROI-SHERATON era um dos que mais se

destacavam a distância. E onde estava o luminoso de jipes?... — Vamos, Retratoji — disse eu por fim, apertando Aadam ao peito. — Vamos logo para onde estamos indo e acabar logo com isso. A cidade mudou.

Que posso dizer sobre o Clube Fidúcia-Meia-Noite? Que sua localização é subterrânea, secreta (embora conhecida de contrabandistas oniscientes); que sua porta não tem sinalização; que sua clientela é a nata da sociedade de Bombaim. Que mais? Ah, sim; que é dirigido por um certo Anand “Andy” Shroff, empresário e playboy, que quase todos os dias pode ser encontrado queimando-se ao sol no Sun’n’Sand Hotel, em Juhu Beach, entre artistas de cinema e princesas que perderam seus direitos. Pergunto: um indiano a queimar-se ao sol? Aparentemente, porém, isso é muito normal, as regras internacionais do playboyísmo devem ser obedecidas ao pé da letra e incluem, imagino, a que estipula o culto diário ao sol.

Como sou inocente! (E antes eu pensava que Sonny, o das depressões causadas por fórceps, é que era o simplório!) Nunca suspeitei de que existissem lugares como o Clube Fidúcia-Meia-Noite! Mas é claro que existem, e carregando flautas e cestas de serpentes, batemos às suas portas.

Movimentos visíveis através de uma pequena grade de ferro, ao nível dos olhos: uma melíflua voz feminina perguntou o que desejávamos. Retrato Singh anunciou: — Sou o Homem Mais Encantador do Mundo. Vocês empregam aqui um outro encantador de serpentes; quero desafiá-lo e provar minha superioridade. Não peço pagamento por isso. É uma questão de honra, capitoa.

Caía a noite; por sorte, Anand “Andy” Shroff estava na casa. E, para resumir uma longa história, o desafio de Retrato Singh foi aceito, e entramos naquele lugar cujo nome já me deixara um tanto nervoso, por conter a palavra *meia-noite* e porque suas iniciais haviam, no passado, ocultado meu próprio mundo secreto; a sigla CFM, que significava Clube dos Fãs da Metro, também representou Conferência dos Filhos da Meia-

Noite e agora fora usurpada pela secreta boate. Numa palavra, senti-me invadido.

Problemas duplos da juventude sofisticada e cosmopolita da cidade: como consumir álcool num estado onde vigora a lei seca? Como namorar moças na melhor tradição ocidental, saindo com elas para pintar o sete, e ao mesmo tempo manter segredo absoluto, evitar a orientalíssima vergonha de um escândalo? O Fidúcia-Meia-Noite foi a solução de Shroff para as enlouquecedoras dificuldades da juventude dourada da cidade. Naquele subterrâneo de licenciosidade, ele criara um mundo de estigiano negrume, preto como o inferno; no segredo da escuridão de meia-noite, os amantes da cidade se encontravam, ingeriam bebidas importadas e namoravam; encasulados na noite isolada e artificial, bolinavam-se com impunidade. O inferno são as fantasias alheias; toda saga exige ao menos uma descida ao Jahannum, e acompanhei Retrato Singh ao caliginoso negror do Clube, segurando nos braços uma criança pequena.

Fomos levados por um espesso tapete preto — preto de meia-noite, preto como mentiras, preto como um corvo, preto tal como a cólera, o preto de “hai-yo, preto!”; em suma, um tapete escuro — por uma recepcionista de extasiantes encantos sexuais, que prendera o sári a uma altura eroticamente baixa e usava um jasmim no umbigo; mas, ao descermos para a escuridão, ela se virou para nós com um sorriso, e vi que seus olhos estavam fechados; olhos sobrenaturalmente luminosos tinham sido pintados em suas pálpebras. Não pude deixar de perguntar: — Por que... — E ela respondeu apenas: — Sou cega. E, além disso, ninguém que vem aqui quer ser visto. Aqui você está num mundo sem rostos ou nomes; aqui as pessoas não têm recordações, famílias ou passados. Este estabelecimento destina-se ao *agora* e unicamente para este exato momento.

E o negrume nos tragou; ela nos guiou por aquele abismo de pesadelo em que a luz era posta em grilhões e mantida em ergástulos, aquele lugar fora do tempo, a negação da História... — Sente-se aqui — disse ela. — O

outro encantador de serpentes chegará logo. Quando chegar a hora, cairá uma luz sobre você; então comece a disputa.

Ficamos sentados ali durante — o quê? minutos, horas, semanas? —, enquanto os olhos fulgurantes de mulheres cegas conduziam clientes invisíveis a seus lugares; e aos poucos, no escuro, percebi estar cercado por suaves sussurros amorosos, como cópulas de camundongos de veludo; ouvi o tilintar de taças levantadas por braços entrelaçados e o roçar macio de lábios; com um ouvido bom e outro ruim, escutei o som de ilícita sexualidade encher o ar da meia-noite... Mas não, eu não queria saber o que estava acontecendo; embora meu nariz percebesse, no silêncio murmurante do Clube, toda espécie de novas histórias e novos começos, de amores exóticos e proibidos, e ainda de pequeninos contratemplos invisíveis e de quem-estava-indo-longo-demais, toda sorte de succulentas novidades, preferi a tudo ignorar, pois aquele era um mundo novo no qual eu não tinha lugar. Meu filho Adam, porém, sentado a meu lado, apurava os ouvidos, fascinado; seus olhos luziam nas trevas, enquanto ele escutava, memorizava e aprendia... E então surgiu a luz.

Um raio de luz formou uma poça de claridade no chão do Clube Fidúcia-Meia-Noite. De meu lugar nas sombras, fora da área iluminada, Adam e eu vimos Retrato Singh sentado tesamente, de pernas cruzadas, ao lado de um jovem de cabelos empastados de Brylcreem; cada um deles estava cercado pelos instrumentos musicais e pelas cestas fechadas de sua arte. Um alto-falante anunciou o início daquele inolvidável desafio pelo título de O Homem Mais Encantador do Mundo. Mas quem prestava atenção? Estaria alguém assistindo, ou se achavam ocupados demais com lábios, línguas e mãos? E agora o nome do adversário de Retratoji: o marajá de Cuch Nahin.

(Não sei... é fácil assumir um título. Mas talvez, talvez... talvez ele fosse mesmo o neto da velha Rani, que, no passado, há muito tempo, fora amiga do dr. Aziz; é possível que o herdeiro da mecenas do Colibri estivesse, ironicamente, a enfrentar o homem que poderia ter sido o segundo Mian

Abdullah! Não é impossível; muitos marajás empobreceram depois que a Viúva revogou os salários que recebiam do erário.)

Por quanto tempo competiram, naquela caverna sem sol? Meses, anos, séculos? Não sei dizer: e assistira à peleja, hipnotizado, enquanto eles se esforçavam por superar-se um ao outro, encantando toda espécie de serpentes imagináveis, pedindo que espécies raras fossem trazidas do serpentário de Bombaim (onde, no passado, o dr. Schaapsteker...); e o marajá repetia as façanhas de Retrato Singh, cobra a cobra, conseguindo encantar até *boa constrictors*, o que antes só Retratoji conseguira fazer. Naquele Clube infernal, cuja escuridão era outro aspecto da obsessão do proprietário com o preto (uma obsessão que o levava a queimar-se cada dia mais no Sun'n'Sand), os dois virtuosos faziam serpentes realizarem proezas inacreditáveis, obrigavam-nas a formarem nós ou arcos com o corpo, persuadiam-nas a beberem água em taças de vinho ou a saltarem por dentro de arcos de fogo... Desafiando a fadiga, a fome e a idade, Retrato Singh apresentava o maior espetáculo de sua vida (mas havia alguém vendo? Uma pessoa ao menos?), por fim ficou claro que o competidor mais moço estava se cansando primeiro; suas serpentes deixaram de dançar ao ritmo da melodia; e finalmente, mediante uma manigância qualquer, tão rápida que não vi o que aconteceu, Retrato Singh conseguiu enroscar uma cobra em torno do pescoço do marajá.

O que Retrato disse: — Admita a derrota, capitão, ou mando a serpente picar.

E assim terminou a competição. O humilhado principelho saiu do Clube, e depois disseram que se suicidou num táxi. E, no terreno de sua última grande batalha, Retrato Singh desabou como uma grande árvore banyan... Recepcionistas cegas (a uma das quais confiei Aadam) ajudaram-me a retirá-lo da liça.

Mas o Fidúcia-Meia-Noite guardava um trunfo na manga. Uma vez a cada noite — só para acrescentar um pouco de tempero... — um holofote giratório escolhia um dos casais clandestinos e o revelava aos olhos ocultos

de seus companheiros: um toque de luminosa roleta-russa que, sem dúvida, tornava a vida mais emocionante para os jovens cosmopolitas da cidade... E quem foi a vítima eleita daquela noite? Quem foi afogado por um clarão escandaloso, com têmporas proeminentes, cara manchada e nariz de pepino? Quem, tornado tão cego quanto as recepcionistas pelo voyeurismo de lâmpadas incandescentes, quase deixou cair as pernas de seu amigo inconsciente?

Salim voltou à sua cidade natal para ser destacado por um facho luminoso num porão, enquanto bombainenses riam dele no escuro.

Rapidamente agora, pois temos de chegar ao fim dos incidentes, registro que, numa sala dos fundos, onde se admitia a luz, Retrato Singh recobrou-se de seu desfalecimento; e, enquanto Aadam dormia a sono solto, uma das recepcionistas cegas trouxe-nos um jantar congratulatório e restaurador. No thali da vitória: samosas, pakoras, arroz, dal, puris; e chutney verde. Sim, uma tigelinha de alumínio com chutney; verde, meu Deus, verde como gafanhotos... E logo havia em minha mão um puri; e chutney no puri; então eu o provei, e quase imitei o número de desmaio de Retrato Singh, pois o chutney transportou-me de volta a um dia em que saí, com nove dedos, de um hospital e viajei para o exílio no apartamento de Hanif Aziz, onde me deram o melhor chutney do mundo... O gosto do chutney era mais que apenas um eco daquele sabor de outrora — era o próprio sabor antigo, exatamente o mesmo, um chutney que teve o poder de trazer de volta o passado como se ele nunca tivesse se afastado... Num frenesi, agarrei a garçonete cega pelo braço. Quase incapaz de controlar-me, gritei: — Esse chutney! Quem o fez? — Meu grito deve ter sido assustador, pois Retrato interveio: — Calma, capitão, vai acordar o menino... O que houve? Parece que viu o fantasma de seu pior inimigo! — E a garçonete cega, um tanto friamente: — Não gostou do chutney? — Tive de reprimir um berro sonoro. — Gostei — respondi, com uma voz enjaulada em barras de aço. — *Gostei...* E agora me diga de onde ele veio. — E a moça

alarmada, ansiosa para sair dali: — É Picles Braganza. O melhor de Bombaim, todo mundo sabe disso.

Fiz com que ela me trouxesse o vidro; e no rótulo estava o endereço: um prédio com uma piscante deusa de neon, verde-e-açafrão, sobre o portão, uma fábrica vigiada por uma Mambadevi de neon, enquanto passavam trens suburbanos, amarelos-e-castanhos: a Picles Braganza, na vasta área norte da cidade.

Outra vez, um abracadabra, um abre-te-sésamo: palavras impressas num vidro de chutney, abrindo a última porta de minha vida... Fui possuído de uma irresistível determinação de localizar o fabricante daquele inacreditável chutney de memórias, e disse: — Retratoji, preciso ir...

Desconheço o fim da história de Retrato Singh; recusou-se a acompanhar-me em minha investigação, e vi em seus olhos que o esforço da competição quebrara alguma coisa dentro dele, que seu triunfo fora, na realidade, uma derrota; mas se ele ainda está em Bombaim (talvez trabalhando para Shroff) ou se voltou para sua lavadeira, se ainda vive ou não são coisas que ignoro... — Como posso deixá-lo? — perguntei, desesperado, mas ele respondeu: — Não seja bobo, capitão; se tem uma coisa para fazer, não há outro jeito senão fazê-la. Vá, vá, o que quero com você? É como a velha Resham lhe disse: vá, vá depressa, vá!

Levando Aadam comigo, saí.

Fim da jornada: saindo do Hades das garçonetes cegas, caminhei para o norte, norte, norte, levando meu filho nos braços; e cheguei por fim ao lugar onde lagartixas engolem moscas, tinas borbulham e mulheres de braços fortes contam piadas fesceninas; cheguei a este mundo de supervisoras de lábios finos e seios cônicos, do eterno tilintar de vidros na firma de embalagem... E quem, ao fim de meu caminho, plantou-se diante de mim, com as mãos nos quadris, os pêlos dos antebraços reluzindo de suor? Quem, direta como sempre, perguntou: — Ei, mister, o que deseja?

— Eu! — grita Padma, emocionada e um pouco constrangida pela lembrança. — Claro que fui eu, quem poderia ser? Eu, eu, eu!

— Boa tarde, begum — cumprimentei. (Padma aparteia: — Ah! Sempre tão educado, com essas coisas todas!) — Boa tarde. Posso falar com a gerente?

Ah, inflexível, ofensiva, obstinada Padma! — Não é possível, a gerente begum está ocupada. Deve marcar hora, voltar depois. Por favor, agora vá.

Escutem, eu teria ficado, persuadido, ameaçado, usado até de força para passar pelos braços de Padma. Mas ouvi um grito que vinha da passarela — dessa passarela, Padma, do lado de fora do escritório! Alguém cujo nome eu não quis mencionar até agora estava olhando para baixo, sobre gigantescas cubas de pickles e borbulhantes dornas de chutney... uma pessoa que desceu correndo de degraus metálicos, berrando com toda a força dos pulmões:

— Ah, meu Deus, ah, meu Deus, ah, Jesus, meu doce Jesus, baba, meu filho, vejam quem está aqui, arré baba, não está me vendo? Como ficou magrinho, venha, venha, me deixe beijar você, vou lhe dar bolos!

Tal como eu adivinhara, a gerente begum da Pickles Braganza, que agora se chamava sra. Braganza, era, naturalmente, minha antiga ama, a criminosa da meia-noite, miss Mary Pereira, a única mãe que me restava no mundo.

Meia-noite, ou mais ou menos isso. Um homem, com um guarda-chuva preto dobrado (e intacto), caminha na direção de minha janela, vindo das bandas da estrada de ferro; pára, acocora-se, defeca. Então me avista em silhueta contra a luz, e, em vez de se aborrecer com minha indiscrição, grita: — Veja isto! — E passa a expelir o maior excremento que já vi. — Trinta e oito centímetros! — exclama ele. — De que tamanho é o seu? — No passado, quando eu possuía mais energia, teria desejado contar-lhe a vida; a hora, e também o fato de ele estar com um guarda-chuva representariam todas as ligações de que eu necessitaria para iniciar o processo de incluí-lo na trama de minha vida, e não duvido de que acabaria provando ser ele indispensável a qualquer pessoa que desejar compreender minha vida e meu noturno tempo; mas agora estou

desligado, desconectado, e só me resta escrever epitáfios. Por isso, acenando para o campeão dos defecadores, respondo: — Dezoito, num dia bom — e esqueço-o.

Amanhã. Ou depois de amanhã. As rachaduras esperarão o 15 de agosto. Ainda resta algum tempo; terminarei amanhã.

Hoje, dei-me de presente um dia de folga e visitei Mary. Uma longa, calorenta e empoeirada viagem de ônibus por ruas que começam a borbulhar com a agitação do dia da Independência, embora eu sinta outros perfumes, menos nobres: desilusão, venalidade, cinismo... O velho mito de liberdade, de quase trinta e um anos, já não é o mesmo que foi. Novos mitos se fazem necessários; mas isso não é comigo.

Mary Pereira, que agora se dá o nome de sra. Braganza, mora com a irmã Alice, agora a sra. Fernandes, num apartamento no obelisco cor-de-rosa das mulheres Narlikar, sobre a colina de dois andares onde um dia, num palácio demolido, ela dormiu numa esteira de criada. Seu quarto ocupa, mais ou menos, o mesmo espaço de ar no qual o dedo de um pescador levou um par de olhos de criança a contemplar o horizonte; numa cadeira de balanço de teca, Mary embala meu filho, cantando *Velas rubras ao crepúsculo*. Velas vermelhas de dhows enfunam-se contra o céu distante.

Um dia bastante agradável, em que se relembram tempos passados. O dia em que percebi que um velho canteiro de cactos sobrevivera à resolução das mulheres Narlikar e, tomando emprestada uma pá ao mali, desencavei um mundo havia muito sepultado: um globo terrestre de lata que continha uma fotografia de um bebê, amarelada e comida por formigas, creditada a Kalidas Gupta, e a carta de um primeiro-ministro. E dias mais recentes: pela décima vez, falamos sobre a mudança na sorte de Mary Pereira. Como deve tudo à boa Alice, cujo pobre marido, o sr. Fernandes, morreu de daltonismo, ao se confundir, com seu velho Ford Prefect, num dos então raros sinais de trânsito da cidade. Como Alice a visitou em Goa, com a notícia de que suas patroas, as ativas e

empreendedoras mulheres Narlikar, desejavam investir parte do dinheiro dos tetrápodes numa firma de conservas. — Eu disse a elas que ninguém faz chutney como a nossa Mary — dissera Alice, com perfeita exatidão — porque ela coloca nele os seus sentimentos. — Assim, no fim Alice mostrou ser uma boa moça. É, baba, quem diria, quem poderia imaginar que o mundo inteiro haveria de querer comer meus pobres pickles, até na Inglaterra eles comem. E agora, veja só, estou sentada aqui onde ficava a sua linda casa, enquanto só Deus é que pode saber o que foi que aconteceu a você, coitadinho, vivendo como um mendigo durante tanto tempo, que mundo esse, baapu-ré!

E lamentações agrídoces: Ah, coitada de sua mãe, coitado de seu pai! Aquela madame tão boa, morta! E o sahib, coitado, que nunca sabia quem gostava dele e como devia gostar dos outros! E até a Macaca... Mas interrompo, não, não está morta; não, não é verdade, ela não morreu. Está num convento, em segredo, comendo pão.

Mary, que roubou o nome da pobre rainha Catarina que deu essas ilhas aos ingleses, ensinou-me os segredos do processo de fabricação de pickles. (Terminando uma educação que começou exatamente neste espaço condominial, quando eu ficava numa cozinha, a vê-la acrescentar culpa ao chutney verde.) Agora ela se senta em casa, aposentada em sua encanecida velhice, novamente feliz por ter uma criança para criar. — Agora que acabou de escrever sem parar, baba, deve dedicar mais tempo a seu filho. — Mas, Mary, escrevi tudo isso para ele. E ela, mudando de assunto, porque atualmente sua mente dá toda espécie de saltos de pulga: — Ah, baba, baba, olhe só para você, veja como já envelheceu!

A rica Mary, que jamais imaginou que poderia tornar-se rica, ainda não consegue dormir numa cama; mas bebe dezesseis Coca-Colas por dia, despreocupada com os dentes, mesmo porque já não tem nenhum. Um salto de pulga: — Por que vai se casar, assim tão depressa, de repente? — Porque Padma quer. Não, ela não está grávida, como poderia estar, já que eu...? — Certo, baba, eu só perguntei.

E o dia teria transcorrido pacificamente, um dia crepuscular próximo ao fim dos tempos, se não fosse o fato de que, nesse momento, finalmente, com três anos, um mês e duas semanas, Aadam Sinai emitiu um som.

— Ab... — Arré, ah, meu Deus, escute, baba, o menino está dizendo alguma coisa! E Aadam, com todo cuidado: — Abba... — Pai. Está me chamando de pai. Mas, não, ele ainda não terminou, seu rosto se contrai, e por fim meu filho, que terá de ser um mágico para lidar com o mundo que lhe estou deixando, completa sua terrível primeira palavra: — ... cadaba.

Abracadabra! Entretanto, nada acontece, não nos transformamos em sapos, anjos não entram, voando, pela janela; o garoto está apenas aquecendo os músculos. Não hei de ver-lhe os milagres... Entre as comemorações de Mary pela façanha de Aadam, volto para Padma e para a fábrica: a primeira incursão, enigmática, de meu filho no reino da linguagem deixou uma fragrância preocupante em minhas narinas.

Abracadabra: não é esta, absolutamente, uma palavra indiana; é uma fórmula cabalística derivada do nome do deus supremo dos gnósticos basilidianos, que contém o número trezentos e sessenta e cinco, o número dos dias do ano, dos céus e dos espíritos que emanam do deus Abraxas. — Quem — cismo não pela primeira vez — esse menino pensa que é?

Minhas misturas especiais: tenho estado a reservá-las. Valor simbólico do processo de conserva: todos os seiscentos milhões de óvulos que geraram a população da Índia caberiam num único vidro de pickles de tamanho normal; seiscentos milhões de espermatozóides caberiam numa só colher. Todo vidro de pickles (hão de me perdoar um momento de hipérbole) contém, por conseguinte, a mais grandiosa das possibilidades: a viabilidade da chutnificação da História; a maravilhosa esperança da salmouração do tempo! Eu, entretanto, fiz pickles de capítulos. Esta noite, ao enroscar a tampa, firmemente, num vidro que traz a inscrição *Fórmula especial número 30: “Abracadabra”*, chego ao fim de minha alentada autobiografia; em palavras e em pickles, immortalizei minhas memórias,

ainda que em ambos os métodos sejam inevitáveis as distorções. Temos de viver, creio, com as sombras da imperfeição.

Hoje em dia, administro a fábrica para Mary. Alice — a “sra. Fernandes” — controla as finanças; minha responsabilidade é pelos aspectos criativos do trabalho. (É claro que perdoei Mary por seu crime; preciso de mães tanto quanto de pais, e uma mãe está além de toda culpa.) Na força de trabalho da Pickles Braganza, toda ela constituída de mulheres, sob o verde e açafião piscar de olhos da Mumbadevi de neon, sou quem escolhe as mangas, os tomates e as limas das mulheres que chegam de madrugada com cestos na cabeça. Mary, com seu ódio imemorial às “pessoas homens”, não admite representantes do sexo masculino em seu novo e confortável universo, a não ser eu... Eu e, naturalmente, meu filho. Alice, suspeito, ainda tem seus romancezinhos; e Padma ficou caída por mim desde o início, vendo em mim uma válvula de escape para seu vasto reservatório de reprimida solicitude; não posso responder pelo restante das empregadas, mas a formidável competência das mulheres Narlikar refletese, nesta fábrica, na dedicação robusta das mulheres que mexem as tinas.

O que é necessário para a chutnificação? Matérias-primas, obviamente: frutas, legumes, peixe, vinagre, especiarias. Visitas diárias de mulheres cólis com os sáris arrebanhados entre as pernas. Pepinos, berinjelas, hortelã. Mas também olhos, azuis como gelo, que não se deixam enganar pelas lisonjas superficiais da fruta — que podem ver a corrupção sob a pele dos cítricos; dedos que, com o mais leve dos toques de pluma, sondam os secretos e inconstantes corações de tomates verdes; e, acima de tudo, um nariz capaz de discernir as ocultas linguagens do que vai ser transformado em pickles, seus humores, suas mensagens, suas emoções... Na Pickles Braganza, supervisiono a produção das lendárias receitas de Mary; mas crio também minhas fórmulas especiais, nas quais, graças aos poderes de meus desobstruídos condutos nasais, consigo os ingredientes de memórias, sonhos e idéias, de modo que quando entrarem em produção em massa, todos que as consumirem saberão o que pimenteiros realizaram no

Paquistão, o que se sente nos Sundarbans... Acreditem ou não, mas é verdade. Há numa prateleira trinta vidros, à espera de serem soltos sobre a nação amnésica.

(E, ao lado deles, há um vidro vazio.)

O processo de revisão deveria ser constante e interminável. Não pensem que estou satisfeito *com* o que produzi! Contam-se entre minhas consternações: um gosto exageradamente forte nos vidros que contêm lembranças de meu pai; uma certa ambigüidade no sabor de amor de “Jamila Cantora” (Fórmula Especial Número 22), que poderia levar os pouco perspicazes a concluir que inventei toda a história da troca de bebês para justificar um amor incestuoso; vagas implausibilidades no vidro que tem o rótulo “Acidente num baú de roupa suja”. Esse vidro suscita perguntas que ainda não foram respondidas a contento, como: Por que Salim precisou de um acidente para adquirir seus poderes? A maioria dos outros Filhos não precisou... Ou ainda, em “A Rádio Pan-Índia” e outros, uma nota discordante nos sabores orquestrados: constituiria a confissão de Mary um choque para um verdadeiro telepata? Às vezes, na versão pickles da narrativa, Salim parece ter sabido demasiado pouco; em outras ocasiões, demais... Sim, devo rever constantemente, melhorar cada vez mais; no entanto, não tenho tempo nem energia para isso. Sou forçado a reiterar essa frase obstinada: aconteceu assim porque foi assim que aconteceu.

Há ainda a questão das bases de especiarias. As complicações de cúrcuma e cominho, a sutileza do feno-grego, quando se deve usar cardamomos grandes (ou pequenos); os mil possíveis efeitos do alho, do garam marsala, da canela em pau, do coentro, do gengibre... isso sem falar das condimentadas contribuições de um ocasional grão de sujeira. (Salim já não tem a obsessão da pureza.) Nas bases de especiarias, reconcilio-me com as inevitáveis distorções do processo de conserva. Fazer pickles representa, afinal, conceder imortalidade: peixes, legumes, hortaliças e frutas são embalsamados com especiarias e vinagre. Uma certa alteração, uma ligeira intensificação do gosto é coisa de somenos, certo? A arte

consiste em modificar o sabor em grau, e não em espécie; e, acima de tudo (em meus trinta vidros mais um), dar ao sabor feitio e forma — vale dizer, significado. (Já aludi a meu medo do absurdo.)

Um dia, talvez, o mundo poderá provar os pickles da história. Poderão ser fortes demais para certos paladares, seu cheiro poderá ser excessivamente intenso, lágrimas talvez afluam em olhos; espero, contudo, que deles se possa dizer que possuem o autêntico sabor da verdade... que são, apesar de tudo, atos de amor.

Um vidro vazio... Como terminar? Um final feliz, com Mary em sua cadeira de balanço e um filho que começou a falar? Entre receitas e trinta vidros cujos rótulos ostentam títulos de capítulos? Ou, melancolicamente, afogando-me em recordações de Jamila, de Parvati e até de Evie Burns? Ou com os mágicos Filhos... Mas, se pensar neles, devo ficar alegre pelo fato de alguns terem escapado, ou acabar na tragédia dos efeitos desintegradores da drenagem? (Porque é na drenagem que residem as origens das rachaduras: meu corpo infeliz e pulverizado, drenado em cima e embaixo, começou a lascar porque foi ressecado. Ressequido, cedeu enfim aos efeitos das intempéries da vida. E agora ouvem-se rasgões, dilaceramentos e rachaduras, e um fedor exala das fissuras, um fedor que deve ser o cheiro da morte. Controle. Devo manter o controle pelo máximo tempo possível.)

Ou com perguntas: agora que posso (juro!) ver as rachaduras no dorso de minhas mãos, rachaduras na linha dos cabelos e entre os artelhos, por que não sangro? Estarei já tão esvaziado, ressecado, transformado em pickles? Serei já a múmia de mim mesmo?

Ou com sonhos: porque na noite passada o fantasma da Reverenda Mãe me apareceu, olhando pelo buraco de um lençol furado, à espera de minha morte, para que pudesse chorar uma monção durante quarenta dias... E eu, flutuando fora de meu corpo, olhei para minha própria imagem distorcida e vi um anão grisalho que certa vez, num espelho, pareceu aliviado.

Não, isso não serve, terei de descrever o futuro como descrevi o passado, registrá-lo com a certeza absoluta de um profeta. No entanto, o futuro não pode ser conservado num vidro; um vidro terá de permanecer vazio... O que não pode ser transformado em pickles, pois ainda não aconteceu, é que chegarei a meu dia natalício, trinta e um anos hoje, e sem dúvida haverá um casamento, pintarão com hena as palmas das mãos e as solas dos pés de Padma, e ela também ganhará um novo nome, talvez Nasim, em homenagem ao fantasma vigilante da Reverenda Mãe, e diante da janela haverá fogos de artifício e multidões, porque será o dia da Independência, as multidões multicéfalas sairão às ruas e Caxemira estará esperando. Terei bilhetes de trem no bolso, haverá um táxi guiado por um rapaz da roça que certa vez sonhou, no Café Pioneiro, tornar-se astro do cinema, seguiremos para o sul, sul, sul, rumo às turbas multitudinárias, que estarão a atirar balões de tinta uns nos outros e nas janelas levantadas do táxi, como se fosse o dia da festa da tinta em Holi; e em Hornby Vellard, onde uma cadela foi deixada para morrer, a multidão, sempre a densa multidão, a multidão sem limites, crescendo até encher o mundo inteiro, tornará impossível avançar, abandonaremos nosso táxi e os sonhos de seu condutor, acrescentando nossos pés aos da multidão sem fim, e eu me separarei de Padma, minha lótus de esterco, que me estende um braço do outro lado do mar turbulento até se afogar na multidão e eu ficar sozinho na vastidão dos números, os números marchando um-dois-três, levo esbarrões de um lado e de outro enquanto os rasgões, os estiramentos e as rachaduras atingem o clímax, e meu corpo grita não posso suportar mais esse tipo de tratamento, mas agora vejo rostos familiares na multidão, estão todos aqui, meu avô Aadam e sua mulher Nasim, e Alia, Mustafá, Hanif e Esmeralda, e também Amina que foi Mumtaz e Nadir que se tornou Qasim, e Pia e Zafar, que molhava a cama, e o general Zulfikar, todos se acotovelam à minha volta, empurrando, puxando, apertando, as rachaduras se ampliam, pedaços de meu corpo se soltam, ali está Jamila, que saiu de seu claustro para estar presente nesse último dia, a noite está caindo, caiu,

há uma contagem regressiva tiquetaqueando na direção da meia-noite, fogos de artifício e estrelas, as silhuetas recortadas de lutadores, e eu entendo que jamais chegarei a Caxemira, como o imperador mogol Jehangir eu morrerei com Caxemira em meus lábios, incapaz de contemplar o vale das delícias a que os homens vão para gozar a vida, para terminá-la ou ambas as coisas; porque agora vejo outros vultos na multidão, o vulto aterrorizante de um herói de guerra que possui joelhos letais, que descobriu que lhe roubei o direito hereditário, está a avançar em minha direção entre a multidão que agora se compõe unicamente de rostos conhecidos, lá está Rashid, o rapaz do jinriquixá, de braço dado com a Rani de Cuch Nahin, e Ayuba-Shahid-Faruq com Mutasim, o Belo, e de outra direção, a direção do túmulo de Haji Ali na ilha, vejo aproximar-se uma aparição mitológica, o Anjo Negro, só que quando ele chega perto seu rosto é verde seus olhos são pretos uma risca central em seus cabelos, na esquerda verde na direita preto, seus olhos são os olhos de Viúvas; Shiva e o Anjo estão a aproximar-se, escuto mentiras proferidas na noite, tudo o que você quiser ser será, a maior mentira de todas, estou rachando agora, Salim se despedaça, eu sou a bomba de Bombaim, vejam minha explosão, ossos fendidos, quebrados sob a pressão terrível da multidão, um saco de ossos a cair, cair, tal como um dia em Jallianwala, mas Dyer parece não estar presente hoje, nada de mercurocromo, apenas uma criatura estilhaçada a largar pedaços do corpo na rua, porque fui pessoas demais, demais, ao contrário da gramática a vida permite mais de três pessoas, e por fim em algum lugar um relógio bate doze vezes, libertação.

Sim, eles me pisotearão, com os números a marcharem um-dois-três, quatrocentos milhões quinhentos e seis, reduzindo-me a flocos, poeira sem voz, do mesmo modo que, cadenciadamente, pisotearão meu filho que não é meu filho, e o filho que não será dele, e o dele que não será dele, até a milésima primeira geração, até que mil e uma meia-noites tenham concedido seus terríveis dons e mil e um filhos tenham morrido, porque é privilégio e maldição dos filhos da meia-noite serem tanto senhores como

vítimas de sua época, renunciarem à vida privada e serem sugados para o vórtice aniquilador das multidões, serem incapazes de viver ou morrer em paz.

# Glossário

AAP. Senhor, senhora.

ABBA. Pai

AMMA. Mãe

ARRE. Interjeição equivalente a “Ah!”.

BABA. Menino; ou, literalmente, “papai”.

BABAJI. Segundo a tradição, Babaji foi um mestre yogue em sua primeira vida e conquistou a morte. Ele tem o poder de converter seu corpo em luz, viajar pelo universo e materializar seu corpo físico.

BAAP-RE-BAAP. Interjeição equivalente a “Ai, meu pai!”.

BAAPU-RÉ. *Baapu*: pai; palavra respeitosa para dirigir-se a um homem mais velho. *Ré*: interjeição. *Baapu-ré*: oh pai!. *Baap ré*: exclamação de surpresa ou espanto.

BABU. Pequeno funcionário. Usado com sentido depreciativo para indicar o estrangeiro que fala mal o inglês, misturando-o a sua própria língua.

BANYAN. Árvore do leste da Índia que emite raízes aéreas que descem até o solo e formam troncos adicionais.

BEGUM SAHIBA. Senhora da casa, esposa honrada.

BHAENCHUD. Literalmente, aquele que dorme com a própria irmã, usado como insulto.

BHAI. Literalmente, irmão.

BHANG. Preparado de raízes e folhas da maconha, muito utilizado na Índia.

BHANGI. Pessoa de casta baixa, varredor.

BHARATANATYAM. Estilo de dança clássica indiana.

BHEL PURI. Iguaria à base de arroz, muito consumida nas praias de Mumbai.

BHUDAN. *Doação de terra*.

BIBI. Literalmente, mulher.

BIRIANI. Iguaria típica da Índia, preparada com arroz condimentado, legumes e pedaços de frango ou cordeiro.

BIRIS. Cigarrilha indiana.

CHADAR. Pano usado pelas mulheres hindus e muçulmanas para cobrir a cabeça. Também utilizado como xale e véu.

CHAMBELI. Tipo de jasmim, considerado a flor nacional do Paquistão.

CHANNA. Palavra que designa uma porção de nozes e grãos torrados.

CHAPATI. Espécie de panqueca de pão ázimo, assada na chapa.

CHAPPAL. Chinelos típicos da Índia.

CHAPRASSI. Porteiro, mensageiro.

CHARAS. Maneira como o haxixe é preparado na Índia, utilizando apenas a resina da planta.

CHAVANNI. Moeda que corresponde a 25 paisa (unidade monetária usada na Índia e no Paquistão).

CHAWL. Construções ocupadas por famílias de classe média na Índia, normalmente compostas de quatro a cinco andares com dez a vinte apartamentos por andar; cortiço.

CHAYA. Sombra.

CHINAR. Árvore de grande porte, típica da Caxemira.

CHITAH. Leopardo de caça.

CHUGHHA. Casaco; sobretudo típico da vestimenta hindu.

DAHI. Iogurte.

DAL. Lentilhas.

DEODAR. Cedro do leste da Índia.

DHARMA-CHAKRA. Roda da vida: o símbolo internacional do budismo.

DHOTI. Vestimenta tradicional hindu constituída de uma longa peça de tecido enrolada em torno da cintura como um sarongue.

DHOW. Embarcação de velas triangulares usada pelos árabes.

DJELLABAH. Camisolão com capuz, usado no norte da África.

DJINN. Termo da mitologia árabe pré-islâmica para designar qualquer criatura que tenha características de reclusão e invisibilidade.

DUPATTA. Lenço muito longo usado para cobrir a cabeça em sinal de respeito.

FAUJ. Exército.

FERINGHI. Termo pejorativo para designar europeus, especialmente portugueses nascidos na Índia.

GANESH. Deus representado com o corpo de homem obeso, cabeça de elefante e quatro braços, geralmente de cor vermelha. Considerado “Senhor dos Obstáculos”, deus do saber, da inteligência, das artes e do comércio.

GARAM MASALA. Mistura de temperos muito comum na culinária indiana.

GHARRI. Carroça.

GOONDA. Rufião.

GRAMDAN. Propriedade da terra por comunidades autônomas

GULAB-JAMANS. Doce indiano clássico: bolinhos fritos servidos em calda de açúcar.

GURKHA. Membros de um povo indiano que vive no Nepal.

HADITH. Corpo de leis, lendas e histórias sobre a vida de Maomé e os próprios dizeres nos quais ele justificou suas escolhas ou ofereceu conselhos.

HADJI. Peregrino que faz a viagem a Meca.

HAKIMI. Medicina da tradição islâmica.

HALAL. Carne de animais sacrificados de acordo com os preceitos do Islã.

HAMAL. Servente.

HARTAL. Dia de luto, imobilidade, silêncio.

HOOKAH. Cachimbo de longo tubo flexível conectado a um recipiente em que a fumaça é resfriada ao passar através da água.

HURI. Nífa reservada àquele que morre em nome de Alá.

ISA. Jesus.

JINRIQUIXÁ. Veículo pequeno e leve, de duas rodas, para um só passageiro, eventualmente para carga, puxado por um homem a pé; originário do Japão, mas de uso em vários locais do Oriente.

JIVANDAN. Doação de vida, ou da força de trabalho de uma pessoa.

KABADDI. Brincadeira infantil tradicional

KALI. Deusa-mãe, consorte de Shiva, que representa a destruição e a morte.

KALI-YUGA. Era de Ferro; período que aparece nas escrituras hindus.

KAMIZ. Túnica longa de algodão.

KERALA. Ou Querala, estado da Índia meridional.

KHICHRI. Prato típico indiano feito de arroz, lentilha, pimenta preta e temperos.

KORMA. Tipo de curry que surgiu na Índia, feito com molho de iogurte, creme ou nozes.

KRISHNA. Uma das divindades mais populares na Índia, geralmente representada como um jovem belo e atraente que exerce sobre as mulheres um fascínio que simboliza a irresistível atração da alma para Deus.

KULFI-KULFI. Tipo de sorvete feito com leite de búfala.

KURTA. Túnica longa para homens e mulheres, sempre usada sobre calças.

KURU. Importante clã que manteve poder político na Índia entre os séculos 5 e 1 a.C.

LADDU. Doce redondo feito de farinha de lentilhas, manteiga clarificada, uva-passa, nozes e especiarias.

LASSI: *Lassi* : bebida típica indiana feita da mistura de iogurte, água, sal e temperos.

LUNGI. Longa peça de tecido (geralmente algodão) que é enrolada no corpo e amarrada na cintura.

LINGAM: Pênis.

MAHAGURU. Grande mestre, fundador.

MAHARAJ: Grande senhor ou príncipe, marajá.

MAHATMA. Termo respeitoso que designa sábio brâmane.

MAMU. Tio por parte de mãe.

MARATAS. Idioma falado principalmente em Maharashtra.

MAULVI. Termo religioso islâmico dado regularmente, mas não exclusivamente, a professores de religião.

MEHNDI. Henna, planta usada em muitas regiões da Índia para fazer desenhos decorativos nas mãos, em casamentos.

MEM-SAHIB. Senhora, ama, termo usado na Índia pelos que falam hindustani para designar as mulheres européias.

MUEZIM. Aquele que do alto dos minaretes conclama os muçulmanos para as orações; almuadem, almuédão.

MULÁ. no Islã xiita, título dado às personalidades religiosas, especialmente aos doutores da lei corânica.

MUMANI. Tia.

MUHALLA. Bairro.

NAKKU. Narigudo.

NARGISI KOFTA. Prato típico indiano feito de ovos cozidos e carne.

NASTALIQ. Variação do alfabeto árabe que inclui letras adicionais para a escrita de várias línguas como urdu, pashto, kasmiri e sindhi.

NIBU-PANI. Limonada.

PALLU. Parte do sári que passa sobre o ombro.

PAKORAS. Termo genérico para frituras.

PANDAVAS. Irmãos que na epopéia do Mahabharata, liderados por Krishna, entram em guerra com seus primos Kauravas pela posse de um reino no Norte da Índia.

PARAHAMSA. Pássaro mítico que simboliza a habilidade de viver em dois mundos.

PARATHA. Pão frito que se come puro ou recheado com, por exemplo, batatas (alu paratha) ou couve-flor (gobi paratha).

PARSES. Povo originário da Pérsia, que se estabeleceu na região de Bombaim no século VIII.

PASANDA: Escalopes cozidos em molho de iogurte, especialidade da cozinha mogol.

PATHAN. Grupo étnico localizado no Afeganistão e Paquistão.

PHAELWAN. Lutador

PUJA. Termo abrangente para atos de culto no hinduísmo como oferendas, sacrifícios e preces.

PUNJABI. Idioma hindu falado pela maioria dos habitantes do estado de Punjab, no noroeste da Índia; membros dessa população.

PURANA. Antigos escritos hindus de tradição oral, geralmente lendas de Shiva e Vishnu, originários dos vedas e do Mahabharata.

PURDAH. Cortina; situação de mulheres isoladas, tanto muçulmanas como hindus, que cobrem o rosto com véus e não têm contato com homens que não sejam da família; vestimenta dessas mulheres.

RAJPUT. Membro da casta militar, predominante no norte da Índia.

RAKSHASAS. Demônio.

RASGULLA. Sobremesa; bolinhos de ricota com calda de açúcar.

RISHI. Antigo sábio hindu.

SADHU. Asceta hindu.

SADHUJI. O termo *sadhu* (“asceta”) acrescido do sufixo híndi de polidez *-ji*, equivalente a “senhor”.

SAHIB. Senhor; forma de tratamento originalmente dirigida a europeus.

SAHIBZADA. Filho do senhor, senhorzinho.

SALANS. Carne e legumes acompanhados de molho picante.

SAMOSAS. Massa de pão recheada com carne ou legumes condimentados.

SARANGI: tradicional instrumento de corda da música clássica indiana.

SÁRI: traje tradicional das mulheres indianas, constituído por uma faixa de tecido de seis a nove metros enrolada em torno do corpo.

SAROD. Instrumento musical indiano similar ao alaúde.

SHAHI-KORMA. Cordeiro ao molho de açafrão e cardamomo.

SHATRANJ. Variante do jogo de xadrez.

SHEHNAI. Tipo de oboé encontrado no norte da Índia.

SHIKARA. Barco a remo que comporta até seis pessoas, usado para pescaria e como meio de transporte.

SHIVA. Deus da fecundidade e do sacrifício do bramanismo, representado como um homem com várias cabeças, ou como metade homem, metade mulher (Shakti).

SITAR. Cítara: instrumento de cordas originado na Índia, da família do alaúde, com forma de pêra e braço longo, usado para solo ou em conjuntos.

TABLA. Tambor de várias tonalidades usado para marcar o ritmo da música tradicional indiana.

TANDURI NAN. Pão assado em forno de argila, geralmente em forma de gota.

TAKHT. Trono.

VINA. Instrumento musical de quatro cordas.

ZAMINDAR. Proprietário de terras.

ZENANA. Ala feminina das residências muçulmanas.

Copyright © 1981 by Salman Rushdie

Copyright da introdução © 2006 by Salman Rushdie

*Tradução anteriormente publicada pela Editora Guanabara. Copyright © 1987*

*Título original*

Midnight's Children

*Capa*

Victor Burton

*Tradução da introdução*

José Rubens Siqueira

*Preparação*

Maria Cecília Caropreso

Ana Cristina Araújo de Oliveira

*Revisão*

Carmen S. da Costa

Arlete Sousa

ISBN 978-85-8086-535-6

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)